

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

MARIÂNGELA RECCHIA

DA *REMINGTON* À REDAÇÃO INTEGRADA:
A INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS NA PRÁTICA
JORNALÍSTICA E A TRANSFORMAÇÃO
DA VISUALIZAÇÃO DA NOTÍCIA
NO JORNAL *ZERO HORA*

Santa Maria
2010

MARIÂNGELA RECCHIA

DA *REMINGTON* À REDAÇÃO INTEGRADA:
A INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS
NA PRÁTICA JORNALÍSTICA E A TRANSFORMAÇÃO
DA VISUALIZAÇÃO DA NOTÍCIA
NO JORNAL *ZERO HORA*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**

Santa Maria
2010

MARIÂNGELA RECCHIA

DA *REMINGTON* À REDAÇÃO INTEGRADA:
A INCORPORAÇÃO DE TECNOLOGIAS
NA PRÁTICA JORNALÍSTICA E A TRANSFORMAÇÃO
DA VISUALIZAÇÃO DA NOTÍCIA
NO JORNAL *ZERO HORA*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**

Santa Maria, 5 de março de 2010

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana Mielniczuk
Orientadora

Profa. Dra. Virginia Pradelina Fonseca
Examinadora

Profa. Dra. Márcia Franz Amaral
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu amor e companheiro de 16 anos de caminhada, Luciano, por ter proporcionado todo apoio logístico e sentimental para que eu finalizasse o mestrado.

Aos meus filhos Lorenzo e Izabela que, mesmo sem entender porque a professora me dava “tanto trabalhinho para fazer no computador”, iluminaram meus dias com seus sorrisos e carinhos.

AGRADECIMENTO

*Agradeço à minha mãe, **Rosângela**, minha fonte inesgotável de inspiração, apoio e confiança. As minhas irmãs **Marília e Renata** por terem abdicado de momentos de lazer para cuidar dos meus pequenos, enquanto eu estudava.*

*Á minha vó **Avanir** que sempre incentivou meu crescimento pessoal e profissional e aos 80 anos nunca deixou de ler o jornal de domingo em busca de cursos de especialização e concursos para eu fazer. Á minha sogra **Ilda**, que sempre me estendeu a mão.*

*Á minha amiga, comadre e irmã do coração, **Carine Prevedello**, por estar sempre presente nos momentos marcantes da minha vida, seja enxugando lágrimas ou comemorando vitórias.*

*Á **Sione Gomes**, meu anjo da guarda de outras andanças, que sempre me acolheu e orientou. Á **Andréia Fontana**, minha mestra na profissão e uma mãe fora da redação. Á **Vivian Belocchio** pelo incentivo constante por meio de telefonemas, conversas intermináveis e indicações de leitura.*

*Á **Luciana Mielniczuk**, minha orientadora, por não ter desistido de mim. Meu reconhecimento e admiração a todas vocês, mulheres da minha vida, que me fazem acreditar em dias melhores.*

Aos meus queridos entrevistados de Zero Hora que me cederam horas de conversas explicativas e parte de suas memórias profissionais para que as antigas práticas jornalísticas não fossem esquecidas.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Autor: Mariângela Recchia
Orientador: Luciana Mielniczuk

RESUMO

Partindo da idéia de que as tecnologias empregadas nas rotinas produtivas contribuem para o resultado final da matéria jornalística, este trabalho propõe-se a identificar as mudanças que ocorreram na visualização da notícia no jornal impresso, ao longo de 20 anos, utilizando-se, para isso, do caso da editoria de Geral do jornal *Zero Hora*. Para avaliar como o uso de tecnologias digitais e de impressão alterou a apresentação dos elementos gráficos na página do jornal, a dissertação apresenta um estudo comparativo de elementos que compõem as notícias publicadas em 1989, 1999 e 2009. O trabalho recupera dados históricos do jornal e descreve as três diferentes fases pelas quais passou a redação de *Zero Hora*: analógica, informatizada e unificada. No capítulo teórico é problematizado o impacto da incorporação das tecnologias nas práticas jornalísticas. A terceira parte do trabalho identifica por meio da análise empírica das páginas impressas de que forma essas tecnologias modificam a visualização da notícia. Entre as conclusões aparece o fato de que a presença da fotografia diminuiu no jornal, mesmo após o uso da câmera fotográfica digital, que facilitou a produção e o envio da imagem jornalística; o tamanho das unidades informativas vem reduzindo nas últimas décadas para ceder espaço à entrada de elementos gráficos, como o box e as ilustrações, e de elementos paratextuais como a cartola; e atualmente ouve-se mais fontes para redigir as matérias principais do que há 20 anos.

PALAVRAS-CHAVE: informatização, tecnologias, rotinas produtivas, redação integrada,
Zero Hora

Federal University of Santa Maria
Center of Human and Social Sciences
Department of Communication Sciences
Post-graduation Program in Communication

Author: Mariângela Recchia
Advisor: Luciana Mielniczuk

ABSTRACT

Considering that technologies used in productives routines contribute to final outcome of journalistic product, this study proposes to identify changes that happened in news visual of newspaper along twenty years, taking the case of Geral section of *Zero Hora* newspaper. In order to evaluate how the using of digital and printing technologies changed the presentation of the newspaper graphic elements, this dissertation presents a comparative study of elements that constitute the news published in 1989, 1999 and 2009. The study recovers historical data of newspaper and describes the three different phases that editorial room of *Zero Hora* undergoes, which are analog, computerized and integrated. In theoretical chapter, the impact of technologies in journalistic practices was discussed. The third part of this study is the empirical analysis. It tries to identify how these technologies change the news visual. Among the conclusions appears the fact that the presence of photography decreased in the newspaper, even after the using of digital cameras which made easier to produce and mail a journalistic image. Besides, the size of informative units is decreasing in the last decades in order to give more space to graphic elements, like box and illustrations, and to paratextual elements like cartola. Another conclusion shows that currently more sources were consulted by journalists to write the central news than twenty years ago.

Keywords: computerization, technologies, productives routines, integrated editorial room, *Zero Hora*

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE TABELAS	xiv
LISTA DE QUADROS	xv
INTRODUÇÃO	24
1. A ZERO HORA ANTES E DEPOIS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	32
1.1 ZERO HORA, O JORNAL.....	33
1.2 A REDAÇÃO ANALÓGICA.....	42
1.2.1 <i>O ambiente da redação</i>	42
1.2.2 <i>A apuração da notícia</i>	43
1.2.3 <i>A fotografia revelada</i>	45
1.2.4 <i>O caminho percorrido pela notícia até a sua publicação</i>	49
1.3 A REDAÇÃO INFORMATIZADA.....	55
1.3.1 <i>O computador e as transformações nas rotinas produtivas</i>	56
1.3.1.1 <i>Pesquisa informatizada, busca agilizada</i>	61
1.3.2 <i>O negativo digitalizado</i>	63
1.3.3 <i>O computador reduz o percurso da notícia</i>	68
1.3.4 <i>O jornalista multitarefas</i>	71
1.3.5 <i>O jornal da internet</i>	72
1.4 A REDAÇÃO UNIFICADA.....	73
1.4.1 <i>A construção da notícia no jornal online</i>	77
1.4.2 <i>Uma integração em construção</i>	78
1.4.3 <i>O impacto da redação unificada na equipe de fotografia</i>	81
1.4.4 <i>O percurso da notícia fica ainda mais curto</i>	83

2. OS DIFERENTES USOS DO COMPUTADOR NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA.....	87
2.1 O COMPUTADOR: DE FERRAMENTA COADJUVANTE À PEÇA FUNDAMENTAL NA CONSTRUÇÃO DA MATÉRIA JORNALÍSTICA.....	88
2.1.1 <i>O computador e a convergência jornalística.....</i>	95
2.1.2 <i>Como definir a redação de Zero Hora.....</i>	101
2.2 A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DA MATÉRIA JORNALÍSTICA.....	106
2.2.1 <i>O uso das tecnologias móveis no jornalismo.....</i>	108
2.2.2 <i>O uso das tecnologias móveis na redação integrada de Zero Hora.....</i>	112
2.3 A NOTÍCIA TAMBÉM TEM FORMATO	117
3. ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS.....	120
3.1 AS CATEGORIAS.....	122
3.2 MODELOS DAS FICHAS DE ANÁLISE.....	124
3.3 O JORNAL COM O VISUAL ALTERADO.....	125
3.3.1 <i>Resultados específicos.....</i>	126
3.3.1.1 <i>A amostra em 1989: a transformação gráfica.....</i>	127
3.3.1.2 <i>Amostra em 1999: a influência de três homens.....</i>	137
3.3.1.3 <i>A amostra em 2009: a internet entre os motivos da mudança gráfica</i>	147
3.3.2 <i>Uma leitura da amostra.....</i>	156
3.3.3 <i>Matéria principal teve diferentes categorias de avaliação.....</i>	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICES	184
APÊNDICE A.....	185
APÊNDICE B.....	193
APÊNDICE C.....	200

APÊNDICE D.....	216
APÊNDICE E.....	239
APÊNDICE F.....	244
APÊNDICE G.....	254
APÊNDICE H.....	265
APÊNDICE I.....	272
APÊNDICE J.....	282
APÊNDICE K.....	288
APÊNDICE L.....	297
APÊNDICE M.....	301
ANEXOS.....	318
ANEXO A.....	319
ANEXO B.....	377
ANEXO C.....	440
ANEXO D.....	519
ANEXO E.....	596
ANEXO F.....	639
ANEXO G.....	687
ANEXO H.....	752
ANEXO I.....	812

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Reprodução da primeira capa de <i>Zero Hora</i>	34
FIGURAS 2 E 3 – Reprodução das capas de <i>Zero Hora</i> com o logotipo azul e da capa de <i>zero hora</i> com o novo logotipo preto.....	38
FIGURA 4 – Equipamento de telefoto/ Arquivo Pessoal de Ricardo Chaves.....	48
FIGURA 5 – Fotografia de Olívio Dantas/ Agência RBS. Montador usando mesa com iluminação especial para recortar as matérias impressas em tamanho natural	51
FIGURA 6 – Fotografia de Antônio Pacheco/ Agência RBS. Funcionários montando o jornal.....	52
FIGURA 7 – Arte: um resumo com o percurso da notícia na redação analógica. Roteiro da autora e execução de Paulo Chagas.....	54
FIGURA 8 – Fotografia do arquivo pessoal de Nilson Mariano. O jornalista, ao lado de um terminal de computador no início dos anos 1990.....	57
FIGURA 9 – Reprodução do primeiro <i>Boletim da Mudança</i> , que informava a respeito da introdução dos computadores na redação.....	58
FIGURA 10 – Reprodução da contracapa do segundo <i>Boletim da Mudança</i> , publicado em fevereiro de 1988.....	59
FIGURA 11 – Fotografia de uma máquina <i>Leafax 35</i> usada por <i>Zero Hora</i> para <i>scannear</i> o negativo/Arquivo pessoal do fotógrafo Ricardo Chaves.....	64
FIGURA 12 – Reprodução da contracapa com a publicação da primeira fotografia digital de <i>Zero Hora</i> , feita por Ricardo Chaves.....	65
FIGURA 13 – Reprodução da primeira máquina digital usada por <i>Zero Hora</i> , a NC 2000/ Arquivo pessoal de Ricardo Chaves.....	66
FIGURA 14 – Arte: resumo do percurso da notícia na redação informatizada. Roteiro da autora e execução de Paulo Chagas.....	70
FIGURA 15 – Reprodução das páginas 28 e 29 de 16 de setembro de 2007, quando <i>Zero Hora</i> apresenta para os seus leitores como será o jornal na versão <i>online</i>	73

FIGURA 16 – Fotografia da redação unificada, feita por Ricardo Chaves e cedida para o trabalho. A mesa que aparece na parte de baixo da fotografia é onde ficam os profissionais de <i>zerohora.com</i>	75
FIGURA 17 – Arte: o caminho da notícia na unificada. Roteiro da autora e execução Paulo Chagas.....	86
FIGURA 18 – modelo da visualização da notícia.....	119
FIGURA 19 – Exemplo de uma página onde as fotografias têm um tamanho reduzido comparado ao texto.....	128
FIGURA 20 – Reprodução da página com a cartola Estado.....	130
FIGURA 21 – Exemplo da coluna de notas <i>A Serviço da Cidade</i>	131
FIGURA 22 – A fotografia aumentou de tamanho em relação ao texto e começou a aparecer páginas com até três imagens junto à matéria jornalística.....	133
FIGURA 23 – Mudanças na linha de apoio (A), na assinatura (B) e no entretítulo (C) apresentadas a partir de 21 de agosto de 1989.....	135
FIGURA 24 – Exemplo da primeira ilustração que aparece na amostra delimitada para a pesquisa.....	136
FIGURA 25 – Exemplo dos novos recursos adotados: cartola (A) e box (B).....	140
FIGURA 26 – Box que mescla cronologia do caso com informações de serviço.....	141
FIGURA 27 – Abertura da editoria, com o nome dos editores e o telefone de contato com a redação.....	142
FIGURA 28 – Exemplo de uso da letra capitular na abertura da matéria jornalística.....	143
FIGURA 29 – Reprodução da primeira matéria da amostra com uso do <i>lead</i> destacado.....	144
FIGURA 30 – Exemplo de página com uso do quadro de correções.....	145
FIGURA 31 – No destaque, o primeiro mapa ilustrativo da amostra.....	146
FIGURA 32 – Reprodução da página com o primeiro infográfico.....	146
FIGURA 33 – Uso de fotografia de arquivo para mostrar como era a fachada do prédio antes da restauração (A) e uso de fotografia factual para mostrar como ficou (B).....	149
FIGURA 34 – O colorido da cartola (A), do título da nota (B) e da foto publicitária (C) tornou a página mais leve.....	151
FIGURA 35 – Exemplo de uma página de abertura com o telefone e o e-mail no destaque.....	152

FIGURA 36 – Exemplo de cartola ampliada, escrita em caixa alta e em letra azul claro.....153

FIGURA 37 – Exemplo de página com título em quatro linhas.....154

FIGURA 38 – Página que remete o leitor do impresso para o jornal *online*.....155

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Número de páginas de cada grupo da amostra	156
TABELA 2 – Unidades informativas de cada grupo da amostra	157
TABELA 3 – Dados referentes à incidência e ao visual das fotografias.....	158
TABELA 4 – Dados referentes à origem das fotografias e a quantidade de páginas sem fotografias.....	159

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Datas que compõem a amostragem da pesquisa.....	121
QUADRO 2 – Categorias de análise aplicadas à amostra.....	123
QUADRO 3 – Modelo da ficha aplicada na análise das páginas.....	124
QUADRO 4 – Dados referentes à primeira fase da amostra de 1989.....	127
QUADRO 5 – Dados referentes à segunda fase da amostra de 1989.....	132
QUADRO 6 – Dados referentes à amostra de 1999.....	138
QUADRO 7 – Dados referentes à amostra de 2009.....	148
QUADRO 8 – Modelo da ficha aplicada na análise da matéria principal de cada edição....	160
QUADRO 9 – As características das matérias principais.....	163
QUADRO 10 – As características dos diferentes tipos de redação.....	172 e 173

INTRODUÇÃO

Os computadores chegaram desprezíveis, em meados dos anos 1980, e transformaram para sempre o modo de fazer jornalismo. Desde a entrada dessas máquinas na redação até os dias de hoje, muita coisa mudou na forma de conceber a notícia. O silêncio na redação resultante da troca das barulhentas máquinas de escrever, assim como o fim da cortina de fumaça que envolvia os jornalistas enquanto degustavam seu café e datilografavam as laudas, foi só um princípio irrisório das transformações que estavam por vir. Em todas elas o computador sempre foi o equipamento-chave. O envio à distância de textos e de fotografias scaneadas só foi possível porque o computador estava nas duas pontas do processo – para emitir e para receber e armazenar os conteúdos. A utilização do e-mail para acessar fontes e trocar informações, da mesma forma. A pesquisa em rede para construir a reportagem assistida por computador só foi possível porque tinha o computador como ferramenta para acessar os dados. E, por fim, o nascimento do Jornalismo Online – a produção e distribuição de matérias na internet – só ocorreu porque, mais uma vez, havia o computador para viabilizar esse processo.

Se o computador desencadeou tantas transformações na rotina produtiva¹ dos jornalistas, por certo, imprimiu alterações na forma de apresentar aos leitores o produto final dessa atividade: a notícia. Paralelo às transformações desencadeadas pelo uso do computador dentro da redação, no parque gráfico as máquinas usadas na impressão do jornal – *Urbanite*, *Newsliner* e as rotativas suíças *Wifag* – também vinham se modernizando: agregando cor e velocidade na impressão das páginas.

Com o objetivo principal de responder à pergunta: o que mudou na “visualização da notícia²” com a incorporação das tecnologias digitais³ e de impressão, esta dissertação escolheu realizar o estudo de caso do jornal *Zero Hora*, sexto no ranking nacional do Instituto

¹ Neste trabalho, entende-se por rotinas produtivas ou rotina de produção o “conjunto de procedimentos adotados com regularidade ao longo do dia na produção do jornal – da concepção da pauta à edição final.” (FONSECA, 2006, p.54).

² Entendida aqui como a organização do texto, títulos, fotografia, box e demais elementos gráficos na página de jornal. O conceito será apresentado com mais detalhes no capítulo II.

³ O trabalho tem como foco três principais tecnologias digitais: a própria informatização da redação, a adoção do telefone celular pela redação e o uso das máquinas fotográficas digitais.

Verificador de Circulação (IVC) e primeiro em circulação no Estado. O trabalho traça um percurso que abrange desde a recuperação de aspectos históricos sobre o nascimento e a consolidação de *Zero Hora*, que completou 45 anos em maio de 2009, até a análise das páginas impressas publicadas em três anos: 1989, 1999 e 2009.

A escolha de *Zero Hora* para buscar entender de que forma as tecnologias digitais interferem no aspecto gráfico do jornal levou em consideração também a localização geográfica da empresa, uma vez que favorece o deslocamento da pesquisadora e viabiliza o trabalho junto ao jornal estudado.

A necessidade de entender de que forma os bastidores da construção da notícia influenciam no seu aspecto gráfico nasceu da experiência profissional dentro do Grupo RBS, no qual a pesquisadora atuou durante 10 anos – os sete últimos como repórter e editora no jornal *Diário de Santa Maria*, na cidade de Santa Maria, na região Centro do Rio Grande do Sul. Ciente de que o trabalho não irá esgotar as problemáticas que envolvem todas as áreas em questão, seria ousadia inferir que tal pesquisa poderia proporcionar um aprofundamento teórico em cada uma delas. A proposta aqui é reunir as diferentes áreas – reportagem, fotografia, diagramação, arte e pesquisa – que, de uma maneira ou de outra, interferem na visualização da notícia, ou seja, na distribuição dos elementos gráficos que compõem a página do jornal.

O objetivo geral, como já foi mencionado, é investigar as transformações pelas quais passou a apresentação da notícia veiculada pela editoria de Geral de *Zero Hora*, mostrando como ela era há duas décadas, como era em 1999 e como se apresentava em 2009. Os objetivos específicos consistem em:

- 1) Descrever como era o processo de produção da notícia e o uso das tecnologias digitais em 1989 e 1999;
- 2) Observar como era o processo de produção da notícia e a utilização das tecnologias digitais em 2009;
- 3) Realizar um estudo comparativo das notícias veiculadas no jornal impresso no período que compreende os últimos 20 anos, em três momentos diferenciados a saber: 1989, 1999 e 2009;

4) Identificar quais as modificações observadas no produto, com relação à visualização da notícia.

Para alcançar tais objetivos, o trabalho foi dividido em três partes, cada uma delas correspondendo a um capítulo desta dissertação. O capítulo I apresenta o jornal *Zero Hora*. Logo após trazer informações sobre o nascimento do periódico e a informatização do parque gráfico, bem como alguns momentos marcantes das primeiras décadas desse periódico, o capítulo faz um detalhamento das rotinas produtivas adotadas pela redação de *Zero Hora*. Redação esta que recebe denominações conforme o momento tecnológico ou método de trabalho que está vivenciando, ficando assim classificada: Redação Analógica, Redação Informatizada e Redação Unificada. Por redação analógica, entende-se aquela existente no período anterior à chegada do computador. A redação informatizada abrange desde a entrada do equipamento, como substituto da máquina de escrever, até o uso do mesmo na pesquisa para a redação da matéria jornalística. Por redação unificada, compreende-se o período em que o jornal impresso e a versão *online* de *Zero Hora* trabalham juntos para produção de conteúdos jornalísticos.

Os dados históricos são resgatados e apresentados com base em autores como Schirmer (2002), Rüdiger (2003) e Fonseca (2008), além de documentos obtidos no Centro de Documentação e Informação (CDI) de *Zero Hora*, como jornais de época, microfilmes e cadernos comemorativos referentes aos aniversários de 20 anos, 25 anos e 30 anos do periódico. Para recompor as rotinas produtivas das diferentes redações, foram entrevistados 13 profissionais de diversas áreas: fotografia, diagramação, reportagem, arte e pesquisa. A maioria deles com mais de 20 anos de casa e, portanto, protagonistas das transformações tecnológicas aqui estudadas. Também contribuíram para reconstituir as rotinas produtivas de *Zero Hora* pesquisas acadêmicas, como as de Demétrio (1989) e Corrêa (2001).

Com base em mudanças na rotina produtiva – pontuadas pelos entrevistados e apresentadas no Capítulo I –, o Capítulo II traz autores, como Lage (2001a), Machado (2003), Mielniczuk (2003), Munhoz (2007), Palacios (2003, 2007), Salaverria (2000, 2003, 2008), Silva (2007, 2008a, 2008b, 2009) e Sousa (2000) que estudam tais alterações e apontam as conseqüências dessa nova ambiência de trabalho. É esse capítulo que traz o referencial teórico da dissertação assim como um olhar crítico sobre o cenário apresentado. Também é aqui que se define o que é notícia para esta dissertação e o que significa o termo visualização da notícia.

O capítulo III apresenta a análise empírica das 210 páginas de jornal que compõem a amostra da dissertação. Explica de que forma foram feitas a observação e comparação das 28 edições de *Zero Hora* de 1989, 1999 e 2009, mostra que categorias foram criadas para dar conta do problema de pesquisa, e detalha ainda as fichas utilizadas para a análise comparativa das edições, bem como a interpretação dos dados resultantes dessa comparação.

Após esse breve relato sobre a estrutura da dissertação, parte-se para os procedimentos metodológicos que conduziram a construção de cada uma das fases de pesquisa. Para cumprir com os objetivos propostos, optou-se pelo Estudo de Caso, por este permitir obter conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso. Também são empregadas técnicas híbridas para a coleta de dados, como entrevistas semi-estruturadas e observação de campo.

Segundo Goldemberg (2000, p. 34-35), “o estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto.” Esse tipo de metodologia é aplicado em pesquisas em que ocorre a combinação de métodos e técnicas para investigar aprofundada e sistematicamente uma pessoa, um grupo, uma organização ou uma determinada ocorrência no seu contexto, dentro de um período determinado de tempo. Outro argumento que permite justificar a escolha de tal metodologia é o apresentado por Yin (2001).

O estudo de caso deve ter preferência quando se pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se podem manipular comportamentos relevantes e é possível empregar duas fontes de evidência, em geral não utilizadas pelo historiador, que são a observação direta e série sistemática de entrevistas. Embora apresente pontos em comum com o método histórico, o diferenciador do estudo de caso reside em sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 2001, p.27).

A escolha de *Zero Hora*, além da proximidade geográfica, como já foi mencionado, deve-se, também, ao fato de que o jornal é vinculado a uma empresa de referência e com tradição jornalística no Rio Grande do sul, o Grupo RBS. Grupo este que, ao mesmo tempo em que se mostra adepto às tecnologias digitais, sempre se mostrou receptivo aos pesquisadores da academia, abrindo as portas da empresa e disponibilizando profissionais para esclarecer dúvidas.

A reconstituição das rotinas de produção de 1989 e 1999 foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com repórteres, fotógrafos e diagramadores de *Zero Hora* que testemunharam as transformações decorrentes da introdução das já citadas tecnologias digitais delimitadas nesse trabalho. A coleta de dados ocorreu durante duas visitas, de três dias cada, feitas entre os dias 17 e 19 de junho e 7 e 9 de outubro de 2009.

Para a seleção das fontes de entrevista, partiu-se de três nomes indicados pelo jornal *Zero hora*, já que era preciso ter acesso aos jornalistas que atuaram na redação, nos diferentes períodos que abrange a pesquisa. Cada um desses profissionais – um repórter, um diagramador e um fotógrafo – indicou outros dois nomes dentro da sua área de atuação. Os demais profissionais da área de pesquisa, arte e produção foram agregados, devido às necessidades decorrentes desse trabalho de pesquisa.

Foram entrevistados na primeira visita à redação, entre os dias 17 e 19 de junho de 2009: a editora de produção de *Zero Hora*, Deca Soares (entrevista Apêndice A); o jornalista Nilson Mariano, hoje repórter especial de *Zero Hora*, que atua no jornal desde o fim da década de 1980 (entrevista Apêndice B); o editor de fotografia, Ricardo Chaves, por ter acompanhado desde o uso da fotografia analógica até a digital na rotina produtiva (entrevista Apêndice C); o diagramador Márcio Câmara, por ter participado desde o processo de informatização da redação de *Zero Hora* (entrevista Apêndice D); o ex-editor-chefe Lauro Schirmer, (entrevista Apêndice E) e a editora de *ZeroHora.com*, Marlise Brenol (entrevista Apêndice F).

Na segunda visita, realizada entre os dias 7 e 9 de outubro de 2009, foram ouvidos os jornalistas Gilberto Leal, do Caderno Sobre Rodas (ver entrevista no Apêndice G); Mauro Toralles (entrevista Apêndice H), da editoria de Esporte; os fotógrafos Fernando Gomes (entrevista Apêndice I) e Mauro Vieira (entrevista Apêndice J); a diagramadora Ana Maria Benedetti (entrevista Apêndice K); a supervisora do Centro de Documentação de Informação (CDI), Patrícia Oliveira (entrevista Apêndice L) e o diretor executivo de Arte de *Zero Hora*, Luiz Adolfo de Souza (entrevista Apêndice M).

Todo material foi gravado, gerando um total de 14 horas de entrevistas. O conteúdo foi transcrito e enviado por e-mail para os entrevistados a fim de que eles pudessem reler suas declarações e corrigir possíveis equívocos com datas, fontes e momentos citados durante a gravação. Alguns profissionais também foram contatados por e-mail, para detalhar

determinadas citações e esclarecer outras. As novas informações obtidas seguem complementadas no mesmo anexo das entrevistas

O critério de escolha dos entrevistados foi intencional e não por conveniência, ou seja, não foram ouvidos profissionais que estavam disponíveis, mas aqueles que, em algum momento, foram protagonistas da temática da pesquisa por serem testemunhas privilegiadas de uma rotina de produção que já não existe. Esse tipo de entrevistado Duarte; Barros (2006) definem como informante-chave: “Fontes de informação consideradas fundamentais por estarem profunda e diretamente envolvidas com os processos centrais da questão, o que faz com que não serem entrevistadas possa significar grande perda” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 70).

A decisão de adotar entrevistas semi-estruturadas, na investigação sobre as rotinas produtivas de 1989 e 1999, se deve ao fato de que: a) trata-se de um ambiente que não existe mais; b) o relato de diferentes profissionais permite a descrição do ambiente de trabalho, das rotinas e das tecnologias empregadas no passado; c) a técnica permite recuperar aspectos importantes daquela realidade; d) é possível complementar as informações a partir dos diferentes depoimentos obtidos. Conforme Duarte; Barros (2006), um dos pontos positivos desta técnica de apuração é que ela possibilita criar uma estrutura para a comparação de respostas. Dessa forma, articula resultados e ajuda na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes.

Optou-se por utilizar o gravador digital nas entrevistas pelos seguintes motivos: a) para dar mais segurança à fonte, que teve a transcrição da sua fala realizada de forma literal; b) para dar mais liberdade ao entrevistador, que não precisou ficar anotando dados e pôde se concentrar nas respostas do entrevistado. “O gravador possui a vantagem de evitar perdas de informação, minimizar distorções, facilitar a condução da entrevista, permitindo fazer anotações sobre aspectos não verbalizados” (DUARTE; BARROS, 2006, p. 77).

As entrevistas foram realizadas de modo presencial: entrevistador e entrevistado desenvolveram um diálogo face a face.

(...) consideramos el carácter positivo de la interacción cara a cara entre el entrevistador y el entrevistado. La relación interpersonal (rapport), con sus componentes emocionales y empáticos, facilita la fidelidad del registro y aumenta el grado de comprensión y interpretación de los datos. Por otra parte, la retroalimentación en el proceso conversacional supone el continuo ajuste de las preguntas del entrevistador y las respuestas del entrevistado, así como posibilita al

entrevistador la regulación del curso de la entrevista (apertura, mantenimiento e cierre). Al entrevistador, en virtud de esta posibilidad de ajuste, le cabe desarrollar diversas tácticas de control de la interacción: retroceder, avanzar, profundizar o detenerse para aclarar o verificar las manifestaciones del entrevistado, etc (MOYA e RAIGADA, 1998, p. 88).⁴

Para Triviños (1990, p.146), a entrevista semi-estruturada deve ter origem em uma matriz, um roteiro de questões-guias que dão cobertura ao interesse de pesquisa. “Parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.”

Outra técnica de apuração de dados utilizada no trabalho foi a da observação de campo. Essa técnica foi empregada para verificar as condições de produção da notícia na redação de *Zero Hora* em 2009. A aplicação da metodologia foi individual (feita por um pesquisador), não-participante (o pesquisador presenciou o fato, mas não participou) e sistemática (com planejamento, isto é, realizada em condições controladas para responder aos propósitos preestabelecidos). A observação de campo foi colocada em prática durante os três dias da segunda visita feita à redação de *Zero Hora*, entre os dias 7 e 9 de outubro, de modo que essa técnica foi aplicada no turno inverso à aplicação das entrevistas semi-estruturadas.

Ainda que seus resultados sejam de difícil generalização, a observação de campo permite obter informações muito ricas que facilitam a análise minuciosa das condutas humanas. Seguindo a Jankowski; Wester (1993), o método permite o estudo de grupos em seu contexto natural, através da participação do investigador na vida cotidiana das pessoas que estão sendo objeto de estudo, observando as coisas que ocorrem, escutando o que dizem e fazendo perguntas, durante um período determinado de tempo.

⁴ “(...) Consideramos o caráter positivo da interação face a face entre o entrevistador e o entrevistado. A relação interpessoal, com seus componentes emocionais e empáticos, facilita a fidelidade do registro e aumenta o grau de compreensão e interpretação dos dados. De outro lado, a retroalimentação no processo de conversação envolve o ajuste contínuo das perguntas do entrevistador às respostas do entrevistado, assim como possibilita ao entrevistador o controle do curso da entrevista (abertura, desenvolvimento e conclusão). Ao entrevistador, em razão dessa possibilidade de ajuste, cabe desenvolver diversas técnicas de controle da interação: recuar, avançar, aprofundar ou deter para esclarecer ou verificar as manifestações do entrevistado etc” (MOYA e RAIGADA, 1998. p.88). [Neste trecho e em todos os outros encontrados durante este trabalho, a tradução é do autor da dissertação]

Para verificar como era apresentada a notícia na editoria de Geral de *Zero Hora* no passado – em 1989, em 1999 – e como ela era apresentada em 2009, foi feita uma análise comparativa do material impresso.

A escolha pela editoria de Geral foi baseada em dois fatores: o primeiro se deve à constatação de que nessa editoria a maioria das matérias, por serem factuais, eram apuradas *in loco*, o que pressupõe o uso das tecnologias digitais – computadores, telefone celular e máquina fotográfica digital – com mais frequência. O segundo fato está atrelado à decisão de não se ater a uma editoria com coberturas temáticas, como por exemplo, Esportes, que poderia estar empenhada na cobertura de um campeonato específico – o que tornaria as matérias repetitivas.

A comparação entre as três décadas deve-se ao fato de que cada uma delas representa um marco na introdução de tecnologias na redação de *Zero Hora*. O ano de 1989 foi escolhido devido ao fato de que o processo de informatização, iniciado no final de 1988, estava consolidado nesse período. Em 1999, a redação vivenciou a popularização da internet e as transformações proporcionadas pelo uso da rede; por isso a data foi escolhida. E, por fim, o ano de 2009 foi estudado porque *Zero Hora* ganhou uma versão *online* e os profissionais que atuavam na versão impressa passaram a colaborar também para o novo suporte. A parceria imprimiu um novo ritmo de trabalho, principalmente para os fotógrafos.

CAPÍTULO 1

A ZERO HORA ANTES E DEPOIS DAS TECNOLOGIAS

O jornal *Zero Hora* completou 45 anos em maio de 2009. É o principal jornal dos oito mantidos pelo Grupo RBS⁵, além de ser maior em circulação no Rio Grande do Sul e o sexto no país, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC)⁶. Ao acompanhar a trajetória de *Zero Hora*, no que diz respeito às tecnologias adotadas para a produção do jornal, é possível constatar a passagem do fazer jornalismo no mundo analógico para a era digital. Durante as décadas analisadas nessa dissertação – 1989, 1999 e 2009 – foram identificados três momentos no ambiente de produção da notícia: redação analógica, redação informatizada e redação unificada.

Através de entrevistas com profissionais da redação⁷, esse capítulo reconstitui as rotinas jornalísticas numa redação analógica, pré-computador, nos anos 1980, e a passagem para a redação informatizada, a partir de 1988. A observação *in loco* somada às entrevistas permite a descrição do modelo atual de redação unificada adotado pela empresa no ZH, desde 2007.

⁵ A marca corporativa Grupo RBS começou a ser veiculada em agosto de 2007, ano da comemoração do cinquentenário da empresa cuja fundação tem como marco 31 de agosto de 1957. Essa data é considerada o início da Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS) – antiga denominação da empresa – porque nessa data o fundador, Maurício Sirotsky Sobrinho, foi registrado como diretor da Rádio Gaúcha – primeiro veículo de comunicação adquirido pelo grupo (RBS, 2007).

⁶ Segundo o IVC, no qual *Zero Hora* é filiada desde 1965, o jornal teve uma circulação de 183.534 exemplares no mês de dezembro de 2009. O número da circulação é a soma dos exemplares vendidos em banca com os exemplares vendidos por assinatura.

⁷ Foram ouvidos 13 profissionais que atuam na redação de *Zero Hora*. Doze deles terão seus depoimentos apresentados nesse primeiro capítulo do trabalho. São eles os repórteres Nilson Mariano, da Editoria de Geral, Gilberto Leal, do Caderno Sobre Rodas e Mauro Toralles, da editoria de Esporte; os fotógrafos Fernando Gomes, Mauro Vieira e o próprio editor da Fotografia, Ricardo Chaves; os diagramadores Márcio Câmara e Ana Maria Benedetti; a coordenadora de produção de *Zero Hora*, Deca Soares; o diretor de redação entre 1970 e 1991, Lauro Schirmer, a editora do zerohora.com, Marlise Brenol e a supervisora do Centro de Documentação de Informação (CDI), Patrícia Oliveira. As entrevistas foram realizadas em dois momentos. O primeiro foi uma visita de três dias e ocorreu entre os dias 17 e 19 de junho de 2009. O segundo, também durante uma visita de três dias no período de 7 a 9 de outubro. O décimo terceiro entrevistado é o diretor executivo de Arte de *Zero Hora*, Luiz Adolfo de Souza, cujos trechos da entrevista serão apresentados no terceiro capítulo, quando será abordada a transformação do projeto gráfico de *Zero Hora*.

1.1 *Zero Hora*, o jornal

*Zero Hora*⁸ nasceu no dia 4 maio de 1964 e passou a ocupar o espaço deixado pelo recém-fechado jornal *Última Hora*⁹, que deixou de circular em 25 de abril. Quatro sócios, investidores da indústria e do comércio de Porto Alegre, fundaram *Zero Hora* com igual número de cotas: Ricardo Eichler, Otto Hoffmeister, Dante de Laytano¹⁰ e Ary de Carvalho¹¹, ex-diretor de redação do *Última Hora* (SCHIRMER, 2002).

A primeira edição de *Zero Hora* circulou à tarde, com 24 páginas, e foi vendida a Cr\$ 35,00¹². Na capa (ver figura 1), o editorial de abertura – que ocupou uma coluna, de cima a baixo, à esquerda da página – anunciava a proposta do periódico: “Servir ao povo é o nosso lema”. O editorial trazia nos seus três primeiros parágrafos o seguinte texto:

Nasce hoje um nôvo jornal. Autênticamente gaúcho. Independente. Democrático. Sem vínculos ou compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades. O aparecimento de *ZERO HORA*, totalmente desligada da Rêde Nacional de jornais que anteriormente editava *Última Hora*, sòmente foi possível com a compra do controle acionário da Editora Flan S.A. por um grupo de gaúchos representantes das diversas classes sociais. A par de sua orientação popular, *ZERO HORA* se manterá numa linha de defesa dos princípios cristãos e de apoio a todos os que, sem medir esforços ou sacrifícios, lutam para impedir a implantação em nosso país de ideologias contrárias às nossas tradições democráticas.¹³

⁸ (...) o título nasceu num bar, e quem o sugeriu a Ary de Carvalho, diretor do jornal *Última Hora*, foi o compositor Lupicínio Rodrigues, com quem o jornalista costumava circular pela noite (DEMETRIO, 1990, p. 134).

⁹ O *Última Hora* era o jornal que fazia parte da rede de Samuel Wainer, cuja sede era no Rio de Janeiro. Circulou no Estado entre 1960 e 1964. Porém, “Com o Golpe Militar de 1964, tornou-se impossível a manutenção do jornal que trazia, na sua origem, expresso na sua política editorial, o indisfarçável comprometimento com o projeto nacional-populista a que já se fez referência, e que foi interrompido pelos militares. Por isso, contra a vontade de Ary de Carvalho, diretor de redação do diário em Porto Alegre, Samuel Wainer, proprietário da rede, determina o fechamento do jornal” (FONSECA, 2008, p.155-156).

¹⁰ O historiador, cronista, folclorista e ensaísta gaúcho morreu, aos 91 anos, em 18 de fevereiro de 2000. Dante de Laytano foi professor de história, filosofia e literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na época, o então presidente Fernando Henrique Cardoso lamentou a morte de Laytano, lembrando que ele exerceu forte influência em seus estudos sobre a escravidão no Rio Grande do Sul.

¹¹ O empresário e jornalista Ary de Carvalho morreu, aos 69 anos, em 4 de julho de 2003. O paulista foi o mais jovem diretor de redação do jornal *Última Hora*. Após vender *Zero Hora* na década de 1970, foi morar no Rio de Janeiro onde dirigiu *O Jornal* e anos depois comprou *O Dia*.

¹² O Salário mínimo brasileiro daquele ano era de Cr\$ 42.000,00.

¹³ <http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm#sileiro>. Último acesso em 22 de outubro de 2009.

¹³ ZH, 04 maio 1964, capa.



Figura 1 – Primeira capa de *Zero Hora*. No destaque, o editorial.

Os jornalistas que trabalhavam no *Última Hora* foram contratados por *Zero Hora*. O periódico, além dos profissionais, herdou também, nos seus primeiros três anos de atividade, o viés popular e sensacionalista do antigo periódico, além de seu formato tablóide¹⁴, mantido até hoje. Outra característica incorporada do *Última Hora* foi o uso da fotografia grande na capa, abaixo da manchete (CORRÊA, 2001).

Logo depois da criação de *Zero Hora*, o jornal passou a ter um único dono. Ary de Carvalho conquistou o controle acionário em meados da década de 1960. O dinheiro para a compra das ações dos demais sócios veio de um empréstimo feito pelo empresário junto ao *Banco Bradesco*.

¹⁴ Pelos padrões adotados pela imprensa americana e europeia e copiados no Brasil, somente poderiam transmitir e merecer seriedade os jornais em formato *Standard*. Os tablóides, com formato um pouco maior que metade de um *Standard*, eram associados, com raras exceções, à mídia sensacionalista mundial. Durante alguns anos, o *ZH* apresentou, na forma e no conteúdo, elementos que de fato o alinhavam às publicações seduzidas pelo sensacionalismo (RBS, 2007).

O início das atividades – na sede da Rua Sete de Setembro, Centro de Porto Alegre – foi marcado por dificuldades financeiras, resultantes de uma série de investimentos. O primeiro deles foi a criação de oficinas gráficas porque, assim como o *Última Hora*, *Zero Hora* não possuía oficinas próprias. Um ano depois da criação do jornal, as páginas ainda eram compostas e impressas nas oficinas dos *Diários Associados*, o que encarecia o processo de produção do jornal (ZERO HORA, 1984).

A solução para esse problema ocorreu durante o ano de 1965: em abril, o processo de composição das páginas passou a ser feito no próprio jornal e, em novembro, *Zero Hora* inaugurou uma rotativa *Marinoni*, comprada, já de segunda mão, do jornal *O Estado de São Paulo*, que imprimia 1,2 mil páginas por hora.

O segundo investimento, que contribuiu para aumentar o saldo devedor de *Zero Hora*, foi a compra do terreno na então Rua Ipiranga 1.075 (hoje avenida), no bairro Azenha, para a construção da nova sede do jornal¹⁵.

Para construir o prédio, o empresário (Ary de Carvalho) teria contraído um empréstimo junto ao BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul). Com dificuldades para sair da situação de endividamento, teria proposto a venda de 50% do jornal a Maurício Sirotsky Sobrinho, proprietário da Rádio Gaúcha e da então TV Gaúcha (FONSECA, 2008, p.156).

Os irmãos Maurício e Jayme Sirotsky aceitaram a proposta e, em 1967, adquiriram 50% das ações do jornal, passando a ser sócios de Ary de Carvalho.

Em 1968, o jornal já circulava em 110 municípios gaúchos e apresentava sinais de esgotamento devido à falta de infra-estrutura na produção gráfica. A antiga rotativa não dava conta de imprimir a quantidade de exemplares exigidos diariamente. Além disso, o número de páginas da edição diária havia passado de 24 para 64, o que exigia um envolvimento muito grande na fase de composição e rodagem do periódico. Foi em razão dessas novas exigências que, no ano seguinte, em 1969, *Zero Hora* investiu na melhoria do seu parque gráfico e comprou uma impressora *offset*¹⁶ (RBS, 2007). A *Goss Urbanite* fez com que *Zero Hora* se

¹⁵ A data exata da compra do terreno, assim como o tempo que durou a obra para a construção do novo prédio, não foram encontrados pela pesquisadora. Mas, segundo um anúncio no próprio jornal, no sábado, 31 de maio de 1969, a transferência para a nova sede se deu naquele final de semana: “A partir de amanhã, domingo, a Redação de *Zero Hora* será instalada no seu edifício sede, na Avenida Ipiranga...”

¹⁶ Por esse método, o papel não é mais impresso diretamente por uma matriz em relevo. A matriz, feita de chapa de alumínio, é plana. A impressão resulta do uso de rolos com tinta e água. A água cumpre a função de evitar a aderência de tinta em áreas que não devem ser impressas. Esse sistema permitiu vantagens, como maior rapidez e nitidez e a possibilidade de o papel receber imagens dos dois lados simultaneamente (COLLARO, 2000).

tornasse o primeiro jornal gaúcho e o segundo brasileiro a adotar esse tipo de tecnologia¹⁷. A máquina – importada dos Estados Unidos – acelerou o processo de impressão, até então feito através do sistema de linotipia¹⁸. O novo equipamento passou a funcionar em 31 de março e imprimia 15 mil exemplares por hora, promovendo um aumento significativo na capacidade de impressão. Além disso, imprimia páginas coloridas (capa, contracapa e algumas páginas internas), o que era novidade para a época.

A edição causou impacto, graças à nitidez da impressão, notadamente as fotografias. Nos meses seguintes, a publicação de *posters* e as publicações com uso de policromia contribuíram para aumentar em 20% a circulação do jornal (ZERO HORA, 1984, p.11).

Contudo, após esse período de crescimento, as tiragens sofreram uma queda e o jornal começou a operar com prejuízo. No ano seguinte à compra da rotativa, Ary de Carvalho vendeu o restante de suas ações para os irmãos Sirotsky. Em 30 de abril de 1970¹⁹, Maurício e Jayme obtiveram o controle do jornal, tendo como sócio um antigo companheiro de trabalho: Fernando Ernesto Corrêa²⁰ (RBS, 2007).

Um feriado tranquilo, sem nenhuma notícia local que justificasse manchete de jornal. Na nova sede de *Zero Hora*, porém, foi um dia marcado por uma negociação que se estendeu de manhã à tarde e que mudaria a história de *ZH* e da RBS. Maurício e Jayme Sirotsky estavam assumindo o controle do jornal, comprando os 50% de ações pertencentes a Ary de Carvalho. Sob o comando de Maurício Sirotsky Sobrinho, a RBS ingressava na mídia impressa (SCHIRMER, 2002, p.69).

Entretanto, a venda da totalidade das ações do jornal aos irmãos Sirotsky não teria ocorrido de maneira espontânea, segundo versão do próprio Ary de Carvalho. Maurício Sirotsky teria tentado comprar, por três vezes, mais 10% das ações do jornal para somar aos seus 50% e passar ao controle acionário. Diante das negativas de Ary de Carvalho, Sirotsky teria dito que não seria mais avalista do negócio. Seis meses depois, o atraso no pagamento de um título da Crefisul – empresa que tinha financiado a compra da *Goss Urbanite* – forçou a venda do restante das ações. O motivo, segundo explica Ary de Carvalho, foi porque, “ao contrair o empréstimo, o presidente da Crefisul teria sugerido que, além da máquina impressora, ele desse como garantia as suas ações na empresa, o que foi aceito”

¹⁷ O primeiro foi a *Folha de S. Paulo* (VIANNA, 1992).

¹⁸ O princípio da *Linotype* consiste em juntar, com a ajuda de um teclado, não letras mas matrizes de letras que formam um bloco em linha. Por isso estas máquinas se chamam "linhas bloco" em oposição às máquinas que compõem linhas letra por letra (ex: *Monotype*). A máquina de linotipia foi inventada pelo alemão Ottmar Mergenthaler em 1879 (RIBEIRO, 1987).

¹⁹ Lauro Schirmer (2002) e Francisco Rüdiger (2003) informam esta data como sendo 21 de abril.

²⁰ Fernando Ernesto Corrêa trabalhou com os irmãos Sirotsky na rádio e na TV Gaúcha desde 1963, como repórter e comentarista esportivo. Tornou-se sócio e um dos fundadores da RBS, em 1968 (SCHIRMER, 2002).

(CARVALHO apud FONSECA, 2008, p.157). Quando o atraso no pagamento ocorreu, a Crefisul deu 72 horas para que a dívida fosse quitada. Como isso não foi possível, as ações foram perdidas para a financiadora e, posteriormente, foram parar nas mãos dos irmãos Sirotsky.

De posse da *Zero Hora*, Jayme e Maurício não conseguiram quitar de forma rápida as contas contraídas durante a administração de Ary de Carvalho. Schirmer (2002) afirma que a crise enfrentada por *Zero Hora* não foi passageira. Por isso, em 1971, os irmãos chegaram a cogitar uma saída radical: a venda do jornal.

Entretanto, não houve interessados. A *Editora Abril* e, posteriormente, Breno Caldas, diretor do *Correio do Povo*²¹, recusaram a proposta. Breno alegou que não costumava comprar jornais que iriam desaparecer – certo de que o fechamento de *Zero Hora* estava próximo (SCHIRMER, 2002). Nessa época, o periódico gaúcho era o quarto jornal em circulação no Rio Grande do Sul. Estava atrás do *Correio do Povo*, da *Folha da Tarde*²² e do *Diário de Notícias*²³ (RBS, 2007).

Diante da recusa dos possíveis compradores, os irmãos Sirotsky decidiram investir de forma intensa em *Zero Hora* para torná-lo um jornal lucrativo e com credibilidade jornalística. A, então denominada, *Rede Brasil Sul* (RBS) – formada, na época, pelo jornal *Zero Hora* e pela rádio e TV Gaúcha²⁴ – passou a investir ainda mais recursos em renovação empresarial, tecnológica e na melhoria dos seus produtos.

A partir da década de 1970, a empresa adotou uma gestão empresarial, na qual a ordem era cortar custos e aumentar lucros. Para isso, executivos assumiram os cargos administrativos:

²¹ O jornal *Correio do Povo* foi fundado em 1º de outubro de 1895 por Francisco Antonio Viera Caldas Júnior. Breno Caldas foi diretor do jornal de 1935 a 1986.

²² Jornal do grupo Caldas Júnior que circulava à tarde atualizando as notícias do dia.

²³ O *Diário de Notícias* circulou em Porto Alegre entre 1925 e 1979. Foi o principal concorrente do *Correio do Povo*, até começar a entrar em crise nos anos 1950. O jornal ajudou a patrocinar a campanha difamatória contra o projeto desenvolvimentista de Getúlio Vargas. Logo após o suicídio de Vargas, em 24 de agosto de 1954, o jornal foi incendiado durante um protesto popular. Deixou de circular até 6 de março de 1955, quando voltou à atividade (FONSECA, 2008).

²⁴ Hoje, o Grupo RBS é dono de oito jornais no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina: *A Notícia* (SC), *Diário Gaúcho* (RS), *Diário de Santa Maria* (RS), *Hora de Santa Catarina* (SC), *Jornal de Santa Catarina* (SC), *Pioneiro* (RS) e *Zero Hora* (RS). Além de oito rádios, com dezenas de emissoras: Atlântida FM, CBN, Farrroupilha, Gaúcha FM, Cidade AM/FM, Itapema FM e Rural AM, e, três canais de televisão: RBS TV, TV Com e Canal Rural.

Até ao advento das indústrias culturais, emissoras de rádios e jornais eram dirigidos por profissionais do ramo da comunicação e da cultura – jornalistas, escritores – que acumulavam a dupla função de produzir os conteúdos e administrar a empresa responsável pela publicação. Nos conglomerados industriais, estes passaram a ser administrados profissionalmente, por executivos, ainda que membros da família proprietária. Aos produtores culturais e comunicadores cabia o trabalho criativo, assalariado e subordinado às metas e ao planejamento estratégico da direção do negócio (FONSECA, 2008, p. 134-135).

Quanto à mudança gráfica do jornal, *Zero Hora* providenciou a troca da cor no logotipo que até então, ora tinha letras brancas num fundo azul (figura 2), ora o contrário. Em 1º de março de 1974, o logotipo passou a ter um fundo preto, em que o nome *Zero Hora* aparecia em letras brancas (figura3).



Figuras 2 e 3 – Reprodução da capa de *Zero Hora* de fevereiro de 1974 (à esquerda) com o logotipo azul e da capa com o logotipo preto (à direita), que passou a circular em 1º de março de 1974.

Ainda na capa, uma segunda alteração foi providenciada. Dessa vez, a mudança foi de cunho editorial. As manchetes sensacionalistas foram abolidas²⁵. No corpo do jornal, “foi ampliado o noticiário político e criada a editoria de economia, que se apresentou com a proposta de substituir o ‘economês’ por uma linguagem simples e acessível. A reportagem passou a ser incentivada (...)” (ZERO HORA, 1984, p.16).

²⁵ Apesar de não manter qualquer vínculo com a política editorial do antecessor *Última Hora*, o jornal *Zero Hora* assemelhava-se a ele graficamente, devido ao trabalho de Aníbal Bendatti, ex-chefe do setor de diagramação do *Última Hora*, encarregado por Ary de Carvalho de fazer a logomarca do novo periódico (FONSECA, 2008, p.156).

Em 1972, *Zero Hora* fez novos investimentos em tecnologias de impressão. Foram compradas novas rotativas. Em maior número, as máquinas aceleraram ainda mais a impressão do jornal, permitindo, inclusive, a impressão de edições extras²⁶. “O aumento de capacidade de impressão olhava para o aumento de circulação. *Zero Hora* queria fazer frente ao *Correio do Povo*, que dominava a circulação na época (...)” (CÂMARA, 2009b).

Coroando essas alterações, *Zero Hora* passou a circular, a partir de outubro de 1972, também aos domingos, introduzindo no Estado a tendência dos grandes jornais nacionais, como *O Globo* e o *Jornal do Brasil*. Com uma edição acrescida dos cadernos *Revista ZH*, *ZH Feminina* e *ZH Infantil*, totalizando quase 100 páginas, o jornal reiniciava a disputa pelo domingo com o *Correio do Povo* (ZERO HORA, 1984, p. 18)²⁷.

Segundo explica Rüdiger (2003), enquanto a RBS investiu de forma profissional na renovação tecnológica do seu parque gráfico e em novos métodos de gestão empresarial, seus concorrentes ficaram presos aos padrões empresariais que garantiram o sucesso nas primeiras décadas do século XX. A consequência foi a estagnação, resultando no declínio dos concorrentes e na ascensão da RBS.

Contudo, a hegemonia de *Zero Hora* não foi imediata. Teve que ser conquistada aos poucos. Uma série de estratégias foi usada para cativar a simpatia dos gaúchos. Uma delas foi a linha editorial adotada, em alguns momentos, durante a ditadura militar, em que o jornal chegou a desafiar ordens vindas do governo federal e divulgou informações que haviam sido proibidas. O suicídio do presidente chileno Salvador Allende foi um exemplo. A notícia foi manchete em 12 de setembro de 1973: “Allende foi derrubado e se suicidou”, contrariando a ordem de uma publicação sem destaques (RBS, 2007). Como *Zero Hora* não tinha um Censor²⁸ fixo na redação – as determinações eram repassadas pelo telefone –, isso justificaria a publicação de notícias não permitidas, pois se alegava que o editor, que atendera a ligação, não entendera a ordem, devido à interferência na linha.

Outras duas situações, que teriam contribuído para o jornal conquistar a credibilidade junto ao povo gaúcho, devem-se a acidentes envolvendo o parque gráfico e a redação. O primeiro deles foi registrado em junho de 1972. Uma inundação, causada pelas fortes chuvas

²⁶ Toda informação nova que pudesse gerar uma demanda de venda avulsa de jornais era transformada em edição extra. Entre os exemplos de edições extras aparecem lista de aprovados no vestibular, catástrofes aéreas, finais de Copa do Mundo e jogos decisivos entre Grêmio e Internacional. Não havia um horário definido para a edição extra circular. Ela chegava às ruas, conforme era feito o fechamento na redação.

²⁷ Em 1969, durante alguns meses, circulou uma edição dominical de *Zero Hora* em formato *Standard*.

²⁸ Pessoa de confiança do governo federal que proibia a publicação de informações jornalísticas que pudessem prejudicar os interesses militares.

que atingiram a capital gaúcha, provocou o alagamento do parque gráfico. A água paralisou a rotativa e destruiu bobinas de papel. O jornal circulou mesmo assim. No ano seguinte, em 28 de março de 1973, um incêndio tomou conta da redação e do setor administrativo de *Zero Hora*. O setor de pesquisas foi totalmente destruído, e o acervo fotográfico – com negativos desde o tempo do *Última Hora* – foi parcialmente danificado. Os jornalistas abandonaram o local às pressas e foram para as dependências do *Jornal do Comércio*²⁹, onde reescreveram, durante a madrugada, boa parte das notícias que já tinham sido apuradas até então.

Foi ali, no *JC*, que *ZH* imprimiu a edição de 29 de março com esta manchete: “Incêndio não parou o jornal.” *Zero Hora* só circulava pela bravura da sua equipe e porque havia sido acolhida pela solidariedade de um concorrente. Perderam-se equipamentos e parte do arquivo fotográfico, mas no dia seguinte o jornal voltava a funcionar e ser impresso no prédio da Ipiranga (RBS, 2007, p.71).

Os investimentos feitos na área de tecnologia de impressão e de composição do jornal, somados à nova visão empresarial, que vinha sendo colocada em prática desde o início da década de 1970, apresentam resultados em 1975. Cinco anos depois de o jornal ser administrado exclusivamente pela família Sirotsky, “*Zero Hora* passou a circular nos 232 municípios gaúchos e, a partir de 1975, tornou-se, conforme pesquisa Marplan, o jornal de maior venda avulsa do Rio Grande do Sul, dominando 35% do mercado de jornais das terças aos sábados e 50% nas segundas-feiras” (ZERO HORA, 1984, p.23).

Em 1977, *Zero Hora* importou um sistema ótico de composição de páginas. O equipamento diminuiu o tempo de trabalho no setor. Graças a essa tecnologia, que permitiu maior velocidade na composição das páginas, o jornal pôde divulgar, em primeira mão, no País, notícias como a morte de João Paulo I, em setembro de 1978, por meio de novas rodagens de edição.

Ainda em 1978, a *Urbanite* foi substituída por outra rotativa da *Goss*, a *Metro*. A máquina imprimia 30 mil cópias por hora – o dobro da capacidade da antiga máquina, comprada nove anos antes e que já não atendia mais às necessidades de *Zero Hora*, que precisava imprimir um volume maior de jornais e com mais páginas coloridas³⁰.

A compra da nova rotativa fazia parte do projeto para o lançamento do caderno de *Classificados*, previsto para o ano seguinte. Com o aumento na capacidade de impressão, *Zero*

²⁹ Jornal voltado para economia e negócios, que circula desde 1933.

³⁰ Se em 1964, a tiragem do jornal era de 40 mil ao dia, em 1978, ultrapassava os 55,7 mil.

Hora começou a prestar serviço de impressão para outras empresas e ampliou a presença do conglomerado RBS no mercado.

O diretor comercial de *Zero Hora* na época, Madruga Duarte, contou em depoimento a Lauro Schirmer que, até o ano 1970, todas as tentativas de superar o concorrente *Correio do Povo* não tinham logrado êxito. Durante um mês, em 1978, Duarte acompanhou o trabalho do jornal *Miami Herald*, na Flórida, para onde foi enviado pela RBS. Foi da experiência no exterior que surgiu a estratégia para investir no caderno dos *Classificados*:

Partimos para a batalha, com o lançamento do primeiro caderno em março de 1979. O *Correio* não dava comissão para as agências, nós passamos a dar. O *Correio* só tinha a loja central, nós passamos a ter 40 pontos-de-venda e vendedores autônomos. Eles não tinham telefone para anúncios, *Zero Hora* conseguiu com a CRT um número de três dígitos – 139 – para receber anúncios. Começamos cobrando um terço dos preços do *Correio*, projetando conquistar 15% do mercado em um ano, 20% no segundo, 25% no terceiro e 40% no quarto. Pois nosso sucesso foi tão espetacular, que chegamos aos 15% em três meses, a mais de 50% no primeiro ano, no segundo alcançamos o concorrente, que superamos no terceiro (DUARTE apud SCHIRMER, 2002, p. 93-94).

Essa ação de *Zero Hora* causou impactos na imprensa local.³¹ Porém, a liderança do mercado atribuída ao jornal não estava atrelada apenas ao declínio do principal concorrente, *Correio do Povo*, que acabou fechando as portas temporariamente. Fonseca (2008) afirma que o êxito estava ligado à permanente inovação editorial, gráfica e de gestão adotada pela RBS, fazendo com que no final dos anos 1970, segundo Caparelli (1997), a empresa tivesse formado um conglomerado regional. Já era dona de dez estações de televisão, cinco emissoras de rádio, um jornal, uma editora e uma gráfica.

Em 24 de março de 1986, Maurício Sirotsky Sobrinho morreu. Mas, a ausência do fundador e empresário que sempre esteve à frente da RBS não chegou a desestruturar os negócios.

A mentalidade empresarial era dominante no conglomerado desde o início e sua gestão, profissional, mesmo em se tratando de propriedade familiar, de forma que a morte do fundador e principal dirigente não representou nenhuma crise adicional na empresa (FONSECA, 2008, p.167).

³¹ O grupo de comunicação *Caldas Júnior* entrou em crise, o que levou ao fechamento temporário do *Correio do Povo*, em 1984, e, mais tarde, à venda da empresa pertencente à família Alcaraz Caldas para a família Bastos Ribeiro, um dos maiores grupos ligados à comercialização da soja no Estado, que reabriu o periódico em 1986. “Quando começou a circular novamente, o periódico apresenta-se com um novo projeto gráfico: deixa de ser *Standard*, com mais de 48 páginas, e passa a ser o tablóide de 16 páginas com notícias mais curtas” (VIANNA, 1992, p.26).

Jayme Sirotsky assumiu a presidência, e Nelson Sirotsky, filho de Maurício, a vice-presidência ao lado de Fernando Ernesto Corrêa. Jayme e Nelson gerenciaram o processo de informatização das redações jornalísticas, planejado por Maurício. A pioneira do grupo foi a redação do *Diário Catarinense*³² – concluída ainda em 1986, menos de dois meses após a morte do fundador da RBS. Na seqüência, em 1988, *Zero Hora* começou a ser informatizada.

1.2 A redação analógica

Antes de as tecnologias digitais serem adotadas, o processo da construção da notícia em uma redação exigia mais tempo e persistência. Para registrar como era o trabalho do jornalista, do fotógrafo e do diagramador, profissionais que atuam em *Zero Hora* desde antes do período da informatização contam como se produzia um jornal no final da década de 1980.

1.2.1 O ambiente da redação

O barulho constante do teclado das máquinas de escrever, em meio à voz alta dos jornalistas que precisavam se fazer entender entre os colegas, tomava conta do primeiro andar do prédio da Avenida Ipiranga, onde *Zero Hora* passou a funcionar desde o incêndio de 1973. Sobre as grandes mesas revestidas de fórmica branca, as *Remington*³³ dividiam espaço com os telefones discados³⁴. Debruçados sobre elas, dezenas de jornalistas, entre um gole de café e outro, redigiam as notícias sobre os principais acontecimentos do dia, imersos em uma fumaça de cigarro que pairava no ar. Por volta das 20h, a televisão instalada no meio da redação era ligada e um silêncio forçado, estabelecido. Cid Moreira aparecia na tela e, muitas vezes, o que

³² O jornal começou a circular em 5 de maio de 1986 e foi o primeiro, na América Latina, a operar com redação informatizada (RBS, 2007, p.73).

³³ Era a máquina de escrever mais usada na redação da época. Ela foi uma criação do jornalista aposentado Christopher Latham Sholes, que vendeu seus direitos, em 1973, para o então fabricante de armas Philo Remington.

³⁴ No lugar das teclas, havia um grande disco com números de um a zero. Para completar a ligação, a pessoa precisava encaixar o dedo no número correspondente e discar.

ele anunciava mudava o rumo do jornal gaúcho: alterava-se a manchete, acrescentavam-se matérias em função das notícias. Assim era a redação de *Zero Hora* no final dos anos 1980.

Naquele tempo, ainda era possível visualizar os detalhes da cor do piso de madeira, lustrado ao ponto de refletir as luzes das lâmpadas fluorescentes, pois havia uma distância significativa entre as mesas que reuniam os profissionais envolvidos na cobertura das diferentes editorias. Mariano (2009a) recorda que, devido ao revestimento das mesas, a máquina de escrever, apesar de pesada, deslizava enquanto a matéria era datilografada. Se o jornalista errasse uma palavra, o trabalho precisava ser refeito.

(...) Muitas vezes, não acertava o lide e muitas laudas iam para o lixo. A gente não podia entregar uma matéria muito rabiscada, muito suja, neste sentido. Então, tinha que bater de novo. Às vezes, quando a gente errava uma palavra, a gente batia xxxx em cima da palavra ou a gente pegava uma caneta, abria uma seta sobre a palavra riscada e daí escrevia a mão mesmo. Quando tinha um parágrafo muito sujo, muito rasurado, a gente reescrevia em outra lauda, cortava com a tesoura e colava ali (MARIANO, 2009a).

1.2.2 A apuração da notícia

A apuração de informações a partir da redação era feita por meio do telefone discado, porém, não era possível fazer ligação direta para fora. Os pedidos tinham que passar pelas duas telefonistas, que atendiam em uma central interna. “No horário de pique, por volta das 18h, se formava uma fila. Elas iam atendendo aos poucos. Depois que elas conseguiam a ligação, transferiam para o ramal. Mas, para solicitar um telefonema, a gente precisava entrar na fila” (TORALLES, 2009).

Mesmo depois da chegada dos telefones com tecla, foi preciso dividir essa ferramenta de trabalho com os colegas, o que exigia organização e bom senso. Não era possível monopolizar as ligações, para não comprometer os demais repórteres que ficariam com menos tempo para averiguar os fatos. “Em determinados momentos, quando se tinha pressa, a gente ia num orelhão que tinha aqui na frente, e ligava” (LEAL, 2009).

Na era do telefone fixo, localizar um entrevistado exigia perseverança de parte do jornalista. Se a empresa ou repartição pública para qual a fonte trabalhava já havia encerrado o expediente, a saída era torcer para que essa pessoa tivesse telefone em casa.

Isso quando o repórter tinha acesso ao número do telefone pessoal dele (entrevistado). Naquele tempo, se ouvia menos pessoas para redigir uma matéria. Hoje, se tem um cuidado maior, por exemplo, de ouvir o outro lado, principalmente em uma matéria complicada. Naquele tempo, chegava-se ao ponto de, não encontrou, se deixava para ouvir a pessoa amanhã. E, saía a matéria. Hoje, não (MARIANO, 2009a).

O jornalista que estava *in loco*, apurando as informações, também tinha dificuldade para entrar em contato com a redação do jornal. Como não havia telefone móvel disponível, o repórter ligava de um telefone público. Se estivesse em um local com acesso a telefone fixo, pedia emprestado.

Fora da redação e longe das máquinas de escrever, as informações eram anotadas em blocos de papel. O uso do gravador era restrito, porque os aparelhos eram pesados e grandes – do tipo que se usava a tiracolo. Além disso, a capacidade de gravação era limitada: cada fita gravava cerca de uma hora. Em razão disso, muitas vezes, a fita acabava antes de a entrevista ser concluída.

Quando viajavam, os repórteres só tinham dois caminhos para enviar o material produzido ao jornal. O primeiro deles era via telefone. Depois da matéria estruturada – seja em um bloco de notas ou, em alguns casos, com a ajuda de uma máquina de escrever portátil – o jornalista ligava para o jornal e, literalmente, ditava o texto. Do outro lado da linha, uma pessoa reescrevia na *Remington*. O processo era arriscado e, não raras vezes, comprometia a qualidade da informação³⁵.

A segunda possibilidade era mandar a notícia via telex. Mas isso só era possível em cidades que possuíam agência dos Correios ou onde as prefeituras disponibilizavam o equipamento. Nesse caso, era preciso ficar atento ao horário de funcionamento das instituições. Os Correios, por exemplo, fechavam entre as 16h e 17h.

Demorava primeiro para eu fazer o texto. E o cara (dos Correios) por mais agilidade, por melhor datilógrafo que fosse, demorava. Olhava ali e ia batendo. Depois colocava a fitinha amarela, da largura de um dedo, toda picadinha, no telex para emitir. E aquilo não acabava nunca. Era um inferno. Para mandar uma matéria de duas páginas, demorava mais de 1h (TORALLES, 2009).

³⁵ “Por exemplo, uma vez eu fiz uma cavalgada de Porto Alegre a Bagé de oito dias, ainda no tempo da *Caldas Júnior*. Eu passei minha matéria por telefone. A pessoa que recebeu era urbana, não entendia da cultura campeira. Minha matéria saiu toda errada. Por exemplo, a peiteira do cavalo, ela colocou ‘feiteira’ (MARIANO, 2009a).

Para que a empresa jornalística pudesse receber a produção do repórter, ela precisava ter uma rede de telex instalada na sua base. No *Zero Hora*, o telex ficava em uma pequena sala, nos fundos da redação (DEMETRIO, 1990, p. 147). Porém, essa forma de enviar o conteúdo também apresentava deficiências.

Teve uma invasão de terras lá em São Nicolau, na fazenda do político Aldo Pinto. E eu fui entrevistá-lo. Eu disse: O que o senhor vai fazer? Ele respondeu: “Não vou ser eu o primeiro a tirar os colonos.” Só que esse ‘a tirar’ saiu no jornal ‘atirar’ nos colonos. Acontecia esse tipo de ruído, terrível. Hoje é mais difícil. A tecnologia está aí para ajudar a errar menos (MARIANO, 2009a).

O material que chegava via telex era distribuído em caixas de madeira onde estava escrito o nome da editoria correspondente. “Ali, eram apanhadas por alguém – contínuos ou os próprios editores ou redatores. Agora não. As notícias, cujo teor é identificado por uma espécie de título provisório, entram diretamente nos terminais e a eles têm acesso todos os editores” (DEMETRIO, 1990, p.147).

Se a notícia exigisse dados complementares de caráter histórico, por exemplo, os jornalistas recorriam ao banco de dados: um arquivo de papel mantido pela empresa, onde eram guardadas publicações de revistas e jornais, inclusive de periódicos concorrentes, sobre os mais variados assuntos.

Para conseguir localizar de forma mais rápida o que procuravam, alguns profissionais mantinham seus próprios arquivos temáticos. Se dependessem do jornal, informavam o tema do qual precisavam de informação adicional, aguardavam a pesquisa encontrar a pasta correspondente – normalmente elas ficavam guardadas no subsolo do prédio – para depois fazerem a leitura das páginas (muitas amareladas pelo tempo) e acrescentarem alguns dados ao fato a ser veiculado. Devido a esse contexto, os arquivos eram conhecidos no jargão jornalístico como *morgues*, palavra que significa necrotério, por se tratar de um arquivo morto, esquecido (MACHADO, 2000).

1.2.3 A fotografia revelada

Nas páginas do jornal, junto à publicação dos textos, era veiculada a fotografia. Antes de capturar uma imagem, no final dos anos 1980, o fotógrafo precisava dominar uma série de conhecimentos dispensáveis atualmente, como escolher o filme certo para cada tipo de

ambiente – cena externa ou interna. O profissional tinha de saber acertar o foco e medir a luz da cena. Além disso, a fotografia só era conhecida no momento da revelação. Em razão desse processo químico, pelo qual passava a imagem, o fotógrafo tinha de carregar material para montar um pequeno laboratório – normalmente nos banheiros de hotel – quando viajava, para cobrir um fato jornalístico.

Gomes (2009), quando viajou para cobrir a Copa da Itália, em 1990, teve que pagar por excesso de peso na bagagem. Foi preciso levar do Brasil 60 litros de químico para a revelação dos negativos.

Quando lá, a *Zero Hora* pegava um quarto de hotel, esvaziava tudo e fazia uma redação ali. A gente revelava (as fotografias) dentro do banheiro. Para isso, tapava todo o banheiro com pano preto, preso com fita crepe, que levávamos daqui. (...) Isso aqui é um tanque. Eu colocava água por aqui, jogava isso lá dentro e ligava na luz. Isso é um aquecedor de água. Com isso, eu regulava a temperatura que eu queria. Colocava o termômetro aqui dentro e colocava aqui 38°C – temperatura que esse processo da revelação exigia. Essa temperatura se mantinha o tempo inteiro. Eu saía do hotel de manhã, ligava isso aqui e o líquido passava o dia inteiro em 38°C. A qualquer momento que eu voltasse da rua, isso estava pronto. Nessas espirais, a gente enrolava o negativo e mergulhava no líquido. O tanque ficava fechado e tudo no escuro. Passava um tempo, eu dava uma agitada e colocava aqui dentro de novo (GOMES, 2009).

Se produzir uma fotografia fora da redação era uma aventura, enviar uma fotografia feita fora do Estado para a redação não era diferente, segundo recorda Chaves³⁶ (2009a). A solução para os correspondentes de jornais e revistas era correr para o aeroporto e mandar as fotografias pelo malote-cortesia que algumas empresas aéreas disponibilizam. Se, por qualquer motivo alheio à vontade do fotógrafo, ele perdesse o horário da saída do malote, era preciso convencer um passageiro para que transportasse o filme em um envelope onde se lia apenas: imprensa e o nome da empresa jornalística. Isso exigia do fotógrafo habilidade na arte da argumentação, além de sorte. Também era preciso escolher uma pessoa que inspirasse confiança, para que ela entregasse o pacote. Algumas vezes, os malotes não chegaram ao seu destino.

Hoje, diante de tantas coisas que assolam o mundo – terrorismo, tráfico de drogas – não conseguiria convencer ninguém. Assim que um passageiro concordava em levar o pacote, a gente corria para o orelhão e ligava para o jornal: olha, quem está levando é fulano de tal. Descrevia como era a pessoa, que roupa estava usando, qual o número do voo dela e a previsão de chegada. Era um absurdo. Isso era meu dia-a-dia, não só em cobertura internacional (CHAVES, 2009a).

³⁶ Ricardo Chaves começou a trabalhar na *Zero Hora* em 1969, cinco anos depois de o jornal ser criado. Porém, três anos mais tarde saiu do jornal, retornando apenas em 1992. Durante esses 21 anos, atuou como fotógrafo nas revistas *Veja* e *Isto É*, e no jornal *O Estado de São Paulo*, onde acompanhou as transformações sofridas no processo de produção e envio de fotografias digitais.

Quando o envio do material ocorria de uma cidade vizinha à da sede do jornal, o processo era parecido, porém, o meio de transporte, em vez de avião, era o ônibus. “Se eu fosse daqui para Passo Fundo fazer algum evento, como é que eu iria mandar esse filme para Porto Alegre? Iria ter que trabalhar de manhã, fazer a pauta até o meio-dia para dar tempo de colocar no ônibus. Tinha que controlar o horário do ônibus” (GOMES, 2009).

Nos casos em que o jornal precisava noticiar algo que ocorreu em outro país, o processo era ainda mais complicado, porque a redação ficava dependente das agências internacionais de notícias. O envio de fotografia por radiofoto, além de ter um custo elevado, não tinha muita qualidade.

Grosso modo, tinha uma máquina que transformava a imagem em som. O som vai como um sinal de rádio. Por exemplo, o preto seria um tom grave, o agudo seria o tom branco. Entre graves e agudos, a fotografia ia ser transmitida. E outra máquina recompunha a fotografia pelo som, transformando em imagem de novo, dentro de um quarto escuro. Aos poucos, ia queimando o papel, que depois era revelado como uma fotografia normal. E a fotografia aparecia. Todo ruído se transformava num risco na fotografia. Para se ter um aparelho de radiofoto, era preciso ter um contrato com uma dessas agências internacionais, que montavam o equipamento no jornal. Era alugado, não era vendido (CHAVES, 2009a).

Diante da limitação para o envio de fotografia, não era de se estranhar que muitas matérias factuais saíssem sem fotografias. Na metade dos anos 1980, o uso de outra tecnologia de envio – a telefoto (figura 4) – popularizou-se nas redações brasileiras. O som não era mais enviado através de rádio e, sim, de uma linha telefônica.

O equipamento de telefoto era uma maleta do tamanho de uma máquina de escrever, mas bastante pesada. Primeiro você era obrigado a revelar o filme, fazer uma cópia e colocava ali, e acoplava aquela máquina na linha telefônica. Usava dois jacarezinhos para *plugar*, e transmitia a fotografia também em preto e branco. Quando essas máquinas portáteis surgiram, a primeira que eu vi aqui em Porto Alegre foi em 1971, os jornais alugavam. Era um custo significativo porque cada jornal tinha uma ou duas. Essas máquinas eram usadas por fotógrafos que cobriam acontecimentos importantes (CHAVES, 2009a).

Mais tarde, as máquinas de telefoto se modernizam. Graças a um avanço da parte industrial, a imprensa já era capaz de publicar fotografia em cores e, com isso, os jornais começaram a usar filme colorido para capturar imagens. O equipamento de telefoto também se modernizou e passou a transmitir fotografias coloridas. O processo de envio era o mesmo do das fotografias preto e branco. A fotografia era colocada em um cilindro, tipo os de mimeógrafo, que era girado. Uma peça se deslocava lendo a fotografia. Contudo, o tempo de envio foi ampliado. Se para mandar uma fotografia preta e branca demorava cerca de 8 minutos, para enviar uma fotografia colorida podia durar até meia hora.

A cabeça que lia, agora, era dotada de três filtros, que decompunha a fotografia e fazia três leituras: uma filtrada por magenta, uma por cian e uma por amarelo. Então, transmitia-se a fotografia em uma dessas cores, mudava o filtro, e enviava em outra cor. Na máquina que recebia, chegavam três fotografias em preto e branco – cada uma filtrada em uma das três cores. Estas três fotografias, com pontos de fé muito precisos, depois de remontada através de fotolitos, a gráfica conseguia transformar em uma fotografia a cores. Era um trabalho (CHAVES, 2009a).

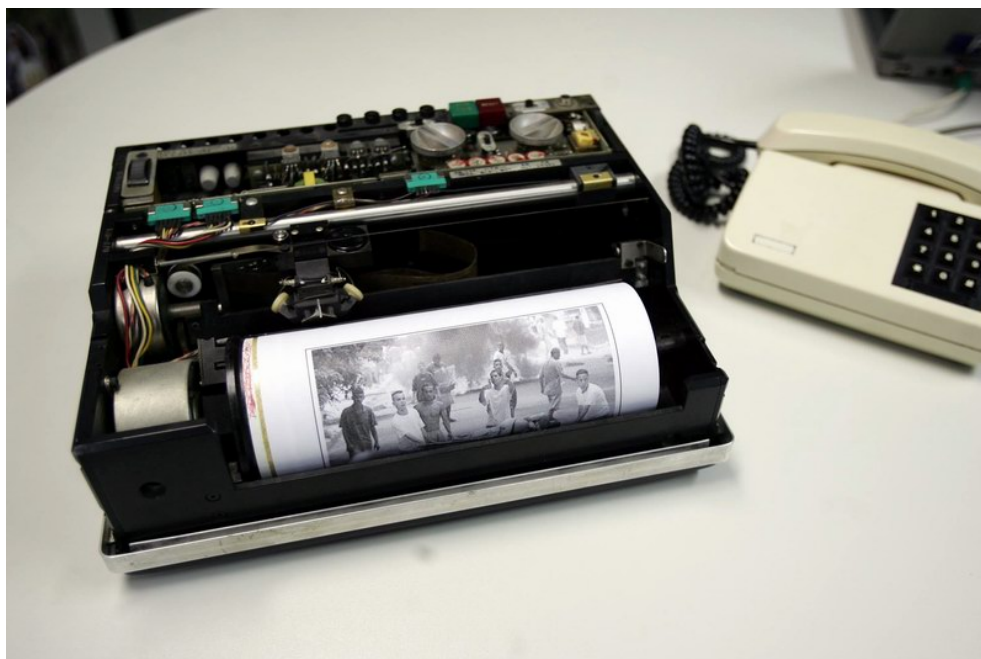


Figura 4 – Equipamento de telefoto/ Arquivo pessoal de Ricardo Chaves.

Para o fotógrafo, o trabalho para capturar e revelar uma fotografia colorida também era dobrado. Ele precisava levar para a viagem um kit químico bem maior do que o usado para a revelação dos filmes preto e branco. Revelar um filme cor exigia um processo de oito banhos. Outro detalhe é que a temperatura para fazer uma revelação em preto e branco era flexível. No processo a cores, tinha de ser 36°C. Para isso, o recipiente onde ficava o revelador precisava ficar em banho-maria.

Além da demora, que é uma coisa que contraria as nossas necessidades de jornalistas, ainda por cima era muito caro. Não só fazer a cópia, revelar o filme a cores, como era cara a própria transmissão. Imagine que cada lâmina de cor (são três) levava sete minutos. Para transmitir uma única fotografia a cores, era preciso entre 21 minutos a meia hora de ligação. Isso, se a linha não caísse (CHAVES, 2009a).

O arquivamento de fotografias, assim como o envio do material para a redação, era feito pelo negativo. Não era fornecida a fotografia impressa. Depois de revelado o filme, ele era cortado em tiras de seis. Esse material era colocado sobre uma folha de papel branco com um vidro por cima sobre o qual era projetada uma luz. O negativo era removido, e a folha, revelada. O resultado era o chamado copião.

1.2.4 O caminho percorrido pela notícia até a sua publicação

Como já mencionado, o esboço da notícia começava no bloco de anotações do repórter. Na redação, o jornalista redigia o chamado copião da matéria na máquina de escrever. O fotógrafo seguia para o laboratório fotográfico onde entregava o filme para o laboratorista revelar, fazer os contatos e ampliar as fotografias escolhidas.

Na seqüência, vinha o trabalho do *copydesk*, que melhorava o texto e o reescrevia também na máquina de escrever. Esse material seguia para o editor que organizava a página e assinalava nos contatos fotográficos a fotografia a ser publicada.

Nesse momento começava o trabalho do diagramador. Como não havia computador, era um trabalho artesanal em que o profissional trabalhava com lapiseira, borracha, régua e tabelas de cálculos para contar os toques.

Quando não existia a tabela de cálculo pronta, tinha como calcular essa tabela. A minha especialização, no início da minha carreira, era exatamente entender de onde surgia essa tabela. Eu criava toda a rotina e montava as tabelas. Mandava para a máquina componedora: corpo tal e aí saía uma tripa de texto. Eu pegava, colava e já media, tem tantos centímetros e eu fabricava a tabela (BENEDETTI, 2009).

Para diagramar uma única matéria, o profissional recebia várias laudas: uma com o texto da matéria, outra com o título, outra com legenda, e outra com a cartola. Se na página fossem veiculadas várias notas, era preciso uma lauda para cada nota.

Ficava uma pilha de papel. Teve uma vez que eu coloquei 34 notas em uma página. Depois que estava com os blocos de notas separados e contados: nota 1, três linhas, nota 2, cinco linhas, tinha que considerar o tamanho de cada linha em toques, porque as laudas eram padronizadas. A *Zero Hora*, no início, usava laudas de 65 toques. Depois, passou a usar uma lauda grande de 94 toques. E, para cada lauda tinha uma tabela de cálculo específico para aquela lauda. Cada toque correspondia a uma letra ou um espaço ou um sinal de pontuação (CÂMARA, 2009c).

Junto das laudas, era anexada a cópia da fotografia a ser publicada com a matéria. O diagramador usava um lápis dermatográfico azul para fazer as marcações. “No verso dessa fotografia ampliada, eu escrevia 24 cm de largura para saber o tamanho. E, se a fotografia, devido à proporção, iria ter um cortezinho, pegava o lápis dermatográfico e marcava a fotografia, indicando que essa área da fotografia eu não quero que apareça” (CÂMARA, 2009c). Só então o diagramador fazia o diagrama da página, baseado nos conceitos do projeto gráfico do jornal.

(...) nós pegávamos cada lauda e íamos escrevendo: título, corpo 48, bold, fonte *Times*. Na legenda, escrevia ao lado, corpo 7, *Helvética*. Na lauda do crédito e do texto, da mesma maneira. Junto ao texto ainda vinha se ele devia ser alinhado à esquerda, à direita ou centralizado (CÂMARA, 2009c).

Esse esboço da página seguia para o setor da composição, dando por encerrado o trabalho do diagramador. As matérias eram digitadas novamente em máquinas especiais, seguindo o tamanho predefinido. Os primeiros equipamentos perfuravam uma fita que era lida por um computador para, mais tarde, transformar a página em papel fotográfico. Essa prática comprova que o processo de composição foi informatizado antes de a redação receber seus computadores com programas de editores de texto.

As matérias reescritas e impressas em tamanho natural passavam para a revelação no computador. Todo conteúdo passava para a revisão. O revisor marcava correções em determinadas áreas do texto. Ele fazia um relatório informando qual matéria necessitava de correção e enviava para o setor de fotocomposição, onde era feita uma nova fita com as palavras corrigidas.

Elas eram recortadas uma a uma e coladas em cima das erradas. E aí palavras que havia mais letras ocupavam mais espaços. Se tivesse que corrigir palavras no meio do texto, era um problema sério. Então, o que o revisor fazia já prevendo essa possibilidade? Pedia para o digitador digitar todo o parágrafo. Porque ficava mais fácil cortar o bloco inteiro e colar em cima do errado (CÂMARA, 2009c).

O próximo passo era a montagem, onde *o past-up* entrava em ação. Os títulos, legendas e créditos das fotografias eram impressos em tamanho natural, em grandes tiras de papel branco, com letras pretas. O *past-up*, responsável pela composição do jornal, recortava com estilete cada uma das partes da página (figura 5).



Figura 5 – Fotografia de Olívio Dantas/ Agência RBS. Montador usando mesa com iluminação especial para recortar as matérias impressas em tamanho natural.

Com base no boneco³⁷ feito pelo diagramador, que servia como uma espécie de guia, o *past-up* montava a página. O quebra-cabeça era composto em mesas inclinadas, parecidas com as usadas para desenho (figura 6). Todo material era fixado em um papel, do tamanho original da página, com cola benzina. Cada página levava em média meia hora para ser montada (DEMETRIO, 1990, p.149).

³⁷ Esboço do jornal, feito em tamanho natural da página, onde as matérias, as fotografias e os anúncios publicitários eram distribuídos.



Figura 6 – Fotografia de Antônio Pacheco/ Agência RBS. Funcionários montando o jornal.

Cada montador fazia, em média, oito páginas por dia, exceto os que faziam a capa e as páginas centrais, porque essas exigiam mais dedicação. No lugar da fotografia, ou o montador colocava um papel preto ou simplesmente cortava com o estilete um buraco. Fotografia e texto só voltariam a se juntar no fotolito, onde a página ia ser fotografada em uma máquina, chamada calandra, e transformada em filme. Etapa cumprida, a página repleta de recortes colados seguia para a fotocomposição, que ficava no subsolo.

De duas em duas, elas são gravadas numa chapa de fotolito, um material de plástico muito semelhante aos que a gente recebe quando faz um exame de Raio X. Contudo, a gravação não é feita de forma aleatória (...) O processo deve ser feito de tal forma que haja uma perfeita seqüência depois do jornal impresso. Por exemplo, a página 3 deve estar ao lado da página 62, a 4 ao lado da 61, e por aí vai. (DEMETRIO, 1990, p.151-152).

Depois de pronto, o fotolito ainda passava por uma revisão. “Como o fotolito não era muito bom, às vezes, saíam pontos. Para esse ponto não ficar vazado, então se pegava um pincel com tinta vermelha e retocava. Usava-se o vermelho porque, assim como o preto, ele não deixava passar luz” (CÂMARA, 2009c).

O fotolito sofreu uma pequena evolução antes de o *past-up* desaparecer do jornal. Por meio de um processo chamado PMT, uma máquina fazia com que as fotografias, que vinham lá do laboratório, fossem ampliadas em papel fotográfico, com uma densidade maior do que o papel comum. Então, em vez de abrir o buraco para colocar a fotografia lá no fotolito, de posse do PMT, era possível liberar a página com a fotografia colocada no lugar. Evitava essa montagem.

No mecanismo de montagem de página também houve uma pequena evolução. No início, era usada a cola de sapateiro, a cola benzina. Pegávamos uma tira de matéria, pincelávamos no verso e colávamos no lugar. (...) Tinha que esperar secar para limpar o excesso de cola nos títulos, matérias, legendas. (...) A evolução que houve ali foi a substituição da cola por cera sintética. Havia máquinas com um recipiente para colocar a cera. Esse recipiente era aquecido, a cera derretia, a gente passava a matéria num rolo. Tinha que ter um cuidado especial para passar na posição correta. Senão colocava a cera no lado de cima da matéria. Era como esticar uma massa de pastel. O rolo puxa e tu pega na outra ponta. A vantagem disso é que não trabalhávamos mais com o cheiro de cola (CÂMARA 2009c).

Contudo, se a fotografia fosse colorida, era preciso retroceder ao processo antigo, do fotalito, porque o PMT não fazia fotografia colorida.

Fotalito pronto, essa fotografia em negativo do jornal era transformada em chapas de alumínio para só aí ser impressa no sistema *offset*. Segundo Caparelli (1997), outros jornais gaúchos tinham adotado o mesmo sistema de impressão. A disseminação da tecnologia deve-se ao fato de que houve uma grande reforma nos parques gráficos dos jornais norte-americanos, e o maquinário, já ultrapassado para eles, foi vendido aos jornais de países do terceiro mundo, como o Brasil.

Todo esse circuito percorrido pela notícia, da apuração das informações até a impressão do jornal, pode ser conferido no infográfico a seguir (figura 7).

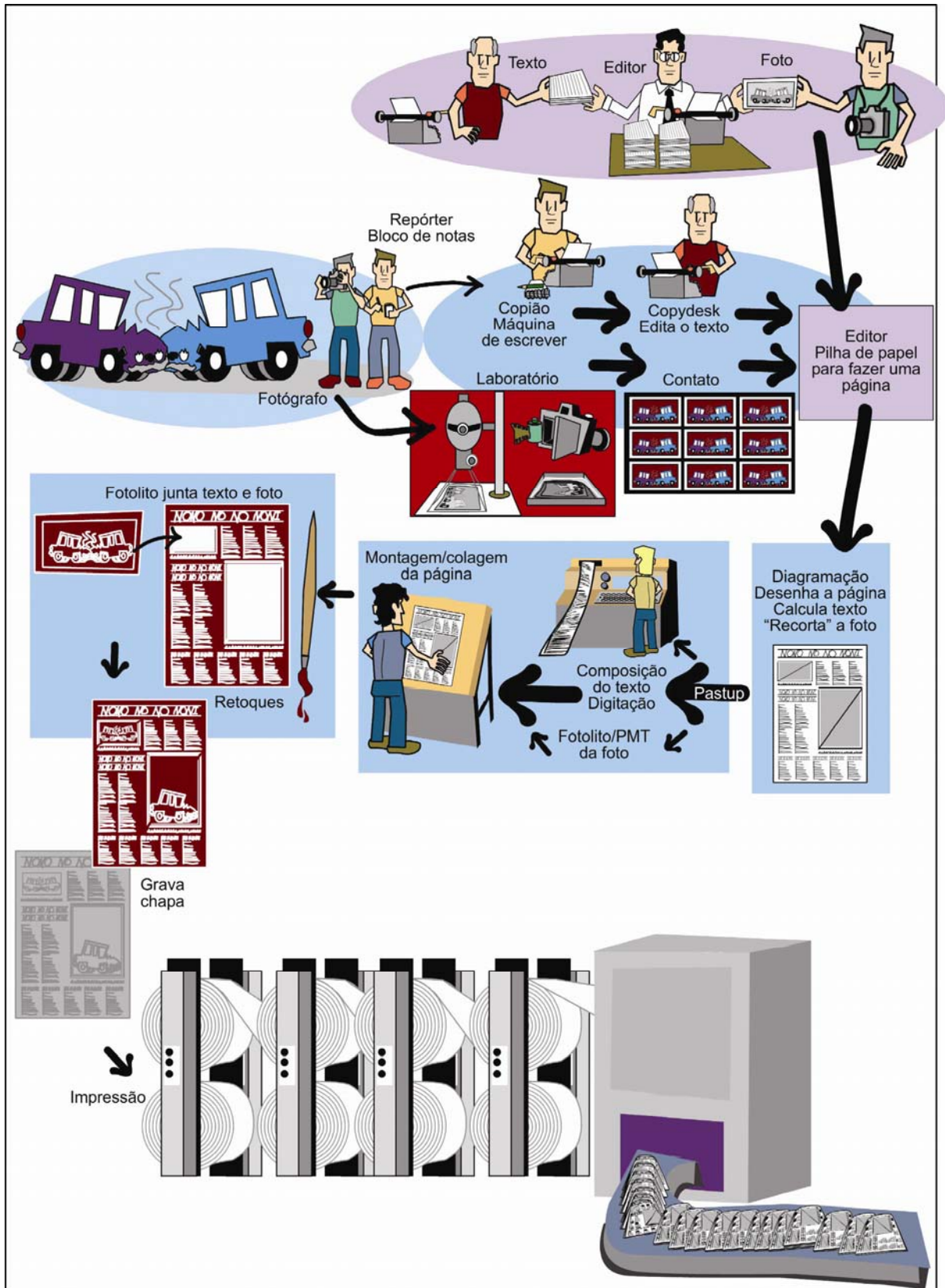


Figura 7 – Arte: um resumo com o percurso da notícia na redação analógica. Roteiro da autora e execução de Paulo Chagas.

1.3 A redação informatizada

Depois dos investimentos tecnológicos no parque de máquinas – a compra da primeira impressora *Goss Metro*, em 1978, e da aquisição de mais nove exemplares em 1984 –, o ano de 1988 foi marcado pela entrada dos computadores na redação.

Na época, a redação tinha 120 jornalistas. A empresa criou um grupo para planejar a implantação dessa nova tecnologia, formado por representantes das áreas de sistemas, área industrial, recursos humanos e redação. (...) Um desses planejadores conta que alguns profissionais resistiam em trocar seus equipamentos, com temores diante do novo sistema. (...) Buscou-se então uma estratégia engenhosa, fazendo coincidir uma modernização do espaço de trabalho com a introdução das novas tecnologias: paulatinamente, cada editoria passava do primeiro andar para o segundo, deixando para trás as barulhentas máquinas de escrever e o ar viciado dos cigarros para entrar no espaço asséptico e climatizado do andar superior (...) (CAPARELLI, 1997, p. 114-115).

As máquinas de escrever *Remington*, que dividiram espaço com os computadores no primeiro momento, foram totalmente extintas “(...) em agosto de 1988, em uma cerimônia, num rito de passagem, do qual participaram a diretoria da *RBS* e os funcionários, a máquina de escrever foi definitivamente abandonada” (CORRÊA, 2001, p. 48). Sem dominar direito a nova tecnologia, páginas inteiras de texto desapareciam horas antes do fechamento do jornal. Na maioria das vezes, era possível recuperá-las no sistema de informática. Em outras, não. Nesse caso, o jornal precisava improvisar: aumentar o tamanho da letra do texto que iria dividir espaço na página com a matéria que desapareceu era uma das alternativas.

Na redação informatizada, o ambiente de trabalho ficou mais silencioso. O teclado do terminal não produzia o barulho característico da máquina de escrever. “De fato, a atmosfera mudou tanto que uma pessoa gritar o nome de outra, como era freqüente, soa tão impróprio como falar aos berros em uma catedral” (DEMETRIO, 1990, p. 131-132).

A primeira coisa que aconteceu além da troca, foi a mudança de hábito. A gente lá embaixo trabalhava com telex, teletipo, máquina de escrever, telefone alto, a gente gritava. Quando chegou aqui em cima, houve uma reeducação. Se falasse no mesmo nível lá de baixo, a redação inteira ouvia. A própria campainha do telefone foi baixada, porque lá tinha que tocar alto. Aqui tocava bem mais baixo. (...) No primeiro momento, – como lá em baixo era tudo cinza e aqui em cima era tudo branco: os computadores eram creme, os teclados eram creme, tudo era *clean* –, a gente tinha a impressão de estar num banco, num laboratório, qualquer lugar menos numa redação (LEAL, 2009).

Além da aposentadoria das máquinas de escrever, parte da redação foi separada por divisórias de vidro, o que impossibilitou ouvir a voz do colega que trabalhava na editoria ao lado e contribuiu para diminuir o barulho. Contudo, o uso dos computadores trouxe danos à

saúde de alguns jornalistas. Toralles (2009) contou que um ano depois da informatização, apresentou problemas na visão. “Até ali eu lia catálogo telefônico, com a letra bem miúda, numa boa. Um ano depois, eu estava liquidado. Os primeiros computadores tinham aquela letra verde na tela, o que era muito agressivo para os olhos. Tive que usar óculos”.

1.3.1 O computador e as transformações nas rotinas produtivas

Apesar de *Zero Hora* ter assinado a *Carta de Intenção* para a compra do sistema de terminais de vídeo da empresa norte-americana *Communications Data Systems* (CSI), em 1983, junto dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, o jornal só conseguiu colocar o projeto de informatização em prática cinco anos mais tarde (VIANNA, 1992). Conforme mencionado, foi preciso aguardar a RBS criar, em Florianópolis (SC), o *Diário Catarinense* (DC). Depois de obter sucesso na informatização do DC, concluída em 1986, a empresa voltou-se para *Zero Hora*.

Segundo Vianna (1992), o engenheiro responsável pelo sistema de computadores de *Zero Hora* da época, Roberto Miranda, explicou que o equipamento era o mesmo utilizado no *Diário Catarinense* – o CSI. Em 1988, no *Zero Hora* estavam ligados 125 terminais. Os computadores usados nessa época tinham limitações, pois não passavam de terminais de vídeo, chamados pelos jornalistas de terminais burros, pois só trabalhavam ligados por cabos no computador central (figura 8). Não havia, junto às mesas, uma CPU³⁸.

(...) os computadores se assemelhavam às antigas máquinas de escrever. (...) Quando caía o sistema, todos os terminais caíam juntos. A principal mudança é que aboliu o papel (...). Facilitou o ato de escrever. Pelo que lembro, não havia corretor de texto e outros aplicativos, como dicionários acoplados ao computador. A grande novidade é que se podia trocar mensagens com os colegas (MARIANO, 2009b).

³⁸ Sigla de Unidade Central de Processamento. Dispositivo interno do computador responsável pelo processamento, controle, interpretação e execução das instruções provenientes de um programa.



Figura 8 – Fotografia do arquivo pessoal de Nilson Mariano. O jornalista, ao lado de um terminal de computador no início dos anos 1990.

Este sistema – CSI – permitia também a entrada de matérias, vindas de outros locais de fora da redação, através de terminais portáteis com linha discada. Bastava o repórter conectar o cabo do *laptop* a um telefone e enviar as informações para o sistema da redação. Porém, a transferência de dados nem sempre ocorria como o planejado:

Redigia a matéria e tinha que conectar o *laptop* no telefone. Tinha que conectar um monte de cabos. Para isso, tinha que ser uma linha direta. Se não fosse, tinha de reconfigurar o computador, coisa que a gente não sabia. Tinha que capturar o zero da linha. Às vezes, a matéria não chegava, caía a ligação e aquilo virava uma angústia. Era um horror. Eu tinha trauma daquilo. Chegava ao fim do dia, na hora em que tinha de mandar a matéria, eu já começava a suar (MARIANO, 2009a).

Para que os jornalistas estivessem familiarizados com o uso do computador, *Zero Hora* promoveu treinamentos. Antes deles, começou a circular internamente um jornal informativo chamado *Boletim da Mudança* (figura 9). Por meio dele, *Zero Hora* atualizava a equipe sobre as alterações tecnológicas que estavam por vir. O material circulou entre janeiro de 1988 e agosto de 1989.

BOLETIM DA MUDANÇA

ZERO HORA 1

Depois do Carnaval

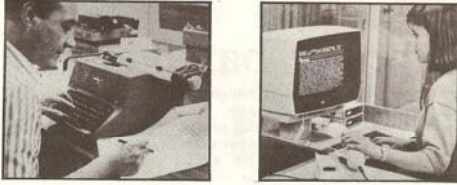
A redação de Zero Hora está às vésperas de duas importantes mudanças. A primeira é geográfica, passará do primeiro para o terceiro andar. Depois de mais de um ano de pó, ruído de serras, batidas de martelo, sujeira nos corredores e todos os transtornos que uma obra traz, depois disso tudo, estamos com uma redação novinha, praticamente pronta.

A segunda mudança, longamente prometida e aguardada, é a da aposentadoria de nossa querida máquina de escrever. Vamos deixar as Olivetti no primeiro andar e começar a trabalhar com uma ferramenta moderna, que colocará nossa atividade no rumo do século 21. Os terminais de vídeo que adotaremos e o software que os comandará são a última geração desses equipamentos, a mesma geração que está sendo instalada nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Suécia e Austrália. É, com pequenas variações de programação, o mesmo equipamento que usam o Diário Catarinense e O Globo, o mesmo também que foi adquirido pelo Estadão e pelo JB.



Figura 9 – Reprodução do primeiro *Boletim da Mudança*, que informava a respeito da introdução dos computadores na redação.

No segundo boletim, que circulou em fevereiro de 1988 (figura 10), o jornal informava que: “Com o treinamento, repórteres, redatores, editores e diagramadores terão o manual de uso do terminal (...). No próprio terminal, em gavetas próprias, serão armazenadas informações e um ‘pronto-socorro’ com as operações básicas e sua execução”. Na contracapa do informativo de quatro páginas, foram listadas as diferenças entre o antigo sistema de redação de texto – a máquina de escrever – e os terminais de vídeo:



Compare os dois sistemas e veja as diferenças:

MÁQUINA DE ESCREVER	TERMINAL
<ul style="list-style-type: none"> ■ Texto com rasuras, correções, acréscimos, etc ■ Texto é redatilografado na área industrial, correndo o risco de ser alterado ou adulterado ■ Teclado com uma única função, a de datilografar 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Texto sempre limpo na tela ■ Texto definitivo. O que é baixado pela redação é o que sai impresso ■ Teclado com funções múltiplas, além de datilografar o texto (programar, arquivar, dar comandos gráficos, etc)
<ul style="list-style-type: none"> ■ Só pode ser escrito um texto de cada vez 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Mediante a divisão da tela, podem ser trabalhados dois textos
<ul style="list-style-type: none"> ■ Todas as operações têm que ser datilografadas todas as vezes 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Operações repetidas podem ser armazenadas e trazidas à tela mediante um simples toque
<ul style="list-style-type: none"> ■ Necessidade de fazer o carro retornar a cada fim de linha. Necessidade de trocar de lauda a cada 20 linhas 	<ul style="list-style-type: none"> ■ O texto pode ser datilografado continuamente, sem preocupação com a divisão sílabica ou com o fim da linha. A passagem de uma linha para outra é feita automaticamente e quando a tela está cheia o texto rola para cima.

O que a máquina de escrever não tem:

<ul style="list-style-type: none"> ■ Possibilidade de, mediante um toque, obter o tamanho da matéria ■ Possibilidade de medir títulos (sabendo se faltam ou sobram toques) 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Texto pode ser feito em grifo, negrito, grifo/negrito e, claro, normal ■ Possibilidade de acesso a textos arquivados, a matérias publicadas no dia ou 	<ul style="list-style-type: none"> ainda não publicadas, etc. ■ Acesso ao material das agências de notícias ■ Possibilidade de enviar mensagens e recebê-las
--	--	---

Figura 10 – Reprodução da contracapa do segundo *Boletim da Mudança*, publicado em fevereiro de 1988.

Sete anos depois da chegada dos computadores à redação, em 1995, *Zero Hora* passou por um segundo processo de informatização. O programa de editor de texto teve que ser substituído, devido ao fechamento da empresa *CSI*, nos Estados Unidos, o que impossibilitou a reposição de peças pelas empresas brasileiras que haviam importado a tecnologia (CAPARELLI, 1997). O jornal passou a adotar o *C-Text*, programa criado por uma empresa norte-americana e comprado via o jornal *O Estado de Minas* – pioneiro no uso do *software* no país. A vantagem era que o novo programa permitia gerenciar, além de textos, fotografias e gráficos.

Em meio a essa troca de sistema, em meados da década de 1990, surgiu a internet e, com ela, o *e-mail* chegou às redações.

A vantagem é o acesso a muito material estrangeiro. Não só texto como também fotografias. Eu tenho praticamente *online* o material do que está ocorrendo do outro lado do mundo (...) se eu não conseguir ir a um evento, eu recebo todo o material das montadoras. Tem até reuniões *online*, quem quiser pode assistir. (...) Um exemplo: no salão de Frankfurt todas as entrevistas foram transmitidas pela internet. Então se eu não tivesse ido, poderia ter assistido com a maior facilidade (LEAL, 2009).

Mesmo diante da facilidade de acesso a um entrevistado – proporcionada pela ferramenta digital – Mariano (2009) é enfático:

Nada vai substituir a entrevista pessoal. Nada vai substituir o fato de o repórter estar no local, ver as coisas, falar com as pessoas. Claro, nem sempre dá. Muitas vezes, o repórter chega aqui (redação) e pega duas pautas, uma na zona norte outra na zona sul, e não tem como fazer tudo. Alguma coisa tem que fazer por telefone. Mas há diferença no texto de quem apura pelo telefone. O repórter perde o ambiente, perde o detalhe, perde se a pessoa está com a mão tremendo, perde a descrição de como era o escritório dele (MARIANO, 2009a).

Apesar das novas ferramentas à disposição do repórter – computador para redigir o texto e internet para se comunicar com os entrevistados –, a tecnologia, segundo alguns jornalistas, não significou menos trabalho dentro da redação. Ao contrário:

(...) a gente pensava que as mudanças na área industrial iriam nos beneficiar. E não, cada vez nós fomos tendo menos tempo. Não parece lógico, mas essa é a realidade. Parece até ironia. Antes da informatização, o processo era mais demorado, mas se tinha muito mais tempo. O jornal podia fechar entre 1h e 2h da madrugada. Podia entregar o texto lá pelas 22h. (...) A reunião de pauta ocorria por volta das 14h e só aí que a máquina começava. Não existia como tem hoje, as editorias trabalhando desde a manhã (TORALLES, 2009).

A pesquisa jornalística saiu ganhando com essas novas ferramentas de navegação *online*, uma vez que não era mais preciso recorrer aos livros e arquivos de papel para produzir uma entrevista ou uma matéria especial.

Hoje, com o computador, tu tens como trabalhar melhor. (...) O computador é uma coisa fantástica porque o próprio computador já tem dicionário, já tem o *Google*. Antes, tu tinhas que folhar o dicionário. Hoje, tu podes entrar nos sites. Tu estás fazendo uma matéria sobre a duplicação da BR-101? Já entra no site do DNIT. Já sabe, pelo menos, como escrever DNIT. Antes tinha que perguntar para o cara (o entrevistado). Nesse sentido, a tecnologia aperfeiçoou a precisão da informação. (...) a gente usa o computador para fazer pesquisa, para ter mais dados, para saber o que perguntar para a pessoa. Antes, tinha que pedir uma Balsa (MARIANO, 2009a).

Contudo, há também argumentos contrários ao uso que se faz da tecnologia.

A internet facilitou desde o uso da transmissão de mensagem fora, quando a gente viaja, como também no caso da redação. Ao mesmo tempo a tecnologia criou uma acomodação que eu condeno muito porque sou professor de faculdade. É o que nós chamamos da SBC (síndrome da bunda na cadeira). Fica mais fácil de as pessoas ou usarem o telefone ou passarem um e-mail. Com isso, o repórter perde algum detalhe, perde até a confiabilidade da informação, porque manda um e-mail para alguém e não sabe se é ele que está te respondendo ou se é outra pessoa (LEAL, 2009).

Ainda no que se refere à produção do texto jornalístico, a localização dos entrevistados contava com uma nova ferramenta nesse período. Além do telefone fixo e do e-mail, no final dos anos 1990, começam a despontar os telefones celulares. Porém, ainda com o uso limitado devido ao alto custo de aquisição³⁹. “Eu me lembro na copa de 90, na Itália. A grande novidade era o telefone celular. Pela primeira vez ia ser usado para uma transmissão de copa do mundo, então o pessoal estava completamente deslumbrado, eufórico” (LEAL, 2009). O celular, além de ser usado como ferramenta de trabalho para repassar informações para redação, também servia para o contrário: para a redação localizar o repórter com mais velocidade e repassar a pauta, até então enviada por telex (TORALLES, 2009).

1.3.1.1 Pesquisa informatizada, busca agilizada

Não só a redação de *Zero Hora*, mas também o departamento de pesquisa foi informatizado. O antigo Banco de Dados ganhou o nome de Centro de Documentação e Informação (CDI)⁴⁰. A pesquisa, que na redação analógica precisava ser solicitada via telefone e enviada ao jornalista por fax, nessa fase, podia ser feita diretamente no terminal de computador por meio de programas que permitiam recuperar informações já publicadas pelo jornal.

O antigo sistema *Fólio Views* – usado desde 1988, que armazenava apenas o texto das matérias – foi substituído pelo *NXT3*, no final de 2002. O novo programa permitiu uma reprodução fiel da página, com sua diagramação exata, da mesma forma que ela foi veiculada, inclusive com o uso ou não de cores, gráficos e fotografia. Além disso, “(...) permite a pesquisa tanto em todos os jornais (do grupo) ao mesmo tempo, quanto em jornais

³⁹ “Os mais jovens talvez não acreditem nessa história, mas ela é absolutamente verdadeira. Quando foi lançado o telefone celular no Rio de Janeiro, em fins de 1990, a procura foi tão elevada que a operadora local, a Telerj, resolveu exigir um depósito- caução no valor de US\$ 22 mil dos novos assinantes do telefone móvel. O dinheiro só era devolvido depois de dois anos, apenas com correção monetária, sem qualquer rendimento. O desequilíbrio entre a oferta e a demanda se tornou tão elevado que quase 2 mil cidadãos e empresas aceitaram essas condições e adquiriram uma assinatura de telefone celular analógico, sem incluir nesse preço o aparelho” (SIQUEIRA, 2008, p.62).

⁴⁰ *Zero Hora* dispõe de um Departamento de Banco de Dados desde 1988. A diferença, aqui, é que nesse momento o arquivo está com seu material digitalizado, agilizando a pesquisa tanto para o público interno como externo do jornal.

específicos. Permite a busca de matérias por nome de repórteres, por data, por palavra-chave, por editoria, por assunto” (OLIVEIRA, 2009).⁴¹

Dois anos antes do uso do *NXT3*, em 2000, o CDI começou a adotar outro programa, em conjunto com a fotografia: o *Telescope Pro*. Esse sistema, que era usado até dezembro de 2009, tem dupla função: armazenar fotografias digitais e permitir a pesquisa rápida do material por meio de palavras-chaves. Quando o fotógrafo chegava de uma pauta, ele fazia uma pré-seleção das fotografias e escolhia as que seriam arquivadas. Ele mesmo preenchia um formulário digital informando quem fez a fotografia, em que dia, para que matéria e quem eram as pessoas ou os locais que apareciam na imagem.

Se não me engano, são 4 milhões de fotografias digitais de todos os jornais do grupo. Diariamente são indexadas, entre 360 e 560 só na *Zero Hora*. Esse material fica armazenado no servidor. No começo, não tinha limitação para armazenamento, mas o espaço começou a saturar. Hoje tem um limite de cerca de 10 fotografias por pauta (OLIVEIRA, 2009).

Fora as fotografias digitais, o CDI mantém também os negativos de filme, desde a época do jornal *Última Hora*, exceto os que foram destruídos no incêndio de 1973. Quanto ao número de negativos armazenados, é difícil precisar porque há negativos com quatro fotografias, outros com 36. Porém, estima-se que seja em torno de 10 milhões de fotografias (ROZADOS, 1997).

O CDI disponibiliza ainda todas as edições de *Zero Hora*, desde 4 de maio de 1964. Dependendo do período, as informações estão armazenadas em microfilme, jornal impresso ou arquivo digital. São mantidas também parte das pastas do arquivo de papel do tempo do *morgue*.

As pastas suspensas contendo recortes de jornais, extraídos de diversos títulos de jornais brasileiros e do Mercosul, estão divididas em três grandes blocos: Geral, Bibliográfico e Geográfico. Em cada um dos blocos a ordenação é alfabética por assunto específico. O uso de cores nas projeções das pastas facilita o manuseio e inibe os erros de arquivamento. Cada recorte tem a indicação da fonte (jornal, caderno, data, página) e o assunto correspondente (ROZADOS, 1997, p.5).

Todos os serviços disponibilizados aos jornalistas também são oferecidos aos leitores, mediante agendamento de horário para pesquisa, no próprio CDI, e pagamento de taxas quando necessária a reprodução do material.

⁴¹ O programa, porém, apresenta limitações. Os jornais anteriores a década de 1990 têm apenas a reprodução da capa. Para acessar o conteúdo interno, é preciso solicitar a pesquisa no CDI, que irá buscar as páginas arquivadas em microfilmes.

1.3.2 O negativo digitalizado

O processo de envio de fotografia também foi aperfeiçoado nesse período. Em 1986, *Zero Hora* passou a usar um *scanner* para a digitalização do filme (figura 11). “Era uma transmissora desenvolvida pela *Associated Press*, pesava 17 quilos e eram necessários 21 minutos para transmitir uma fotografia em cores com uma diferença importante: o fotógrafo podia enviar fotografia a partir de negativos sem a necessidade de ampliá-los” (CORRÊA, 2001, p.51). Logo após o filme revelado secar, o fotógrafo escolhia o fotograma que seria enviado para o jornal, cortava e transmitia o material digitalmente.

O *scaneamento* não é outra coisa senão transformar a imagem no sistema binário, em bits. Isso já facilitou muito. Em vez de escrever com caneta, dessas de retro projetor, na borda da fotografia, que é o que se fazia antigamente no tempo da telefotografia, quando veio a máquina Leafax-35 – primeira máquina que *scaneava* filme P&B –, era possível também legendar a fotografia (data, autor, assunto) usando o teclado na própria máquina. Mas ainda era via telefônica. Nessa máquina já era possível transmitir filme cores (CHAVES, 2009a).⁴²

A principal vantagem do *scanner* era que, com o uso do aparelho, a fotografia não precisava mais ser reproduzida em suportes intermediários, como papel fotográfico. Ela era “memorizada em um suporte magnético, de onde é recuperada num terminal de vídeo para observação, podendo ser esquadrinhada, reticulada, ampliada ou reduzida” (VIANNA, 1992, p.18). Além disso, a fotografia digitalizada era usada quantas vezes fossem necessárias, sem precisar providenciar cópias em papel.

⁴² Em 1994, durante a cobertura da Copa do Mundo nos Estados Unidos, os fotógrafos de *Zero Hora* passaram a usar a *Leafax 3D*. O equipamento reduzia o tempo de envio da fotografia de 21 minutos para 3 minutos e meio (CORRÊA, 2001, p.53).



Figura 11 – Fotografia de uma máquina *Leafax 35* usada por *Zero Hora* para *scanear* o negativo/Arquivo pessoal do fotógrafo Ricardo Chaves.

As primeiras experiências com o uso da máquina fotográfica digital em *Zero Hora* ocorreram em meados de 1990. A estréia foi na contracapa do dia 20 de maio de 1996 com uma fotografia do jogo Inter e Ypiranga (figura 12).



Figura 12 – Reprodução da contracapa com a publicação da primeira fotografia digital de *Zero Hora*, feita por Ricardo Chaves.

Nesse mesmo ano, em 1996, foi registrado o uso da fotografia digital na cobertura de eventos internacionais, na Olimpíada de Atlanta. O equipamento usado nessa ocasião foi uma *NC 2000* – máquina feita em parceria pela *Nikon*, a *Kodak* e a *Associated Press* (figura 13).



Figura 13 – Reprodução da primeira máquina digital usada por *Zero Hora*, a NC 2000/ Arquivo pessoal de Ricardo Chaves.

A máquina ainda tinha limitações se comparadas com as usadas hoje. Por exemplo, enfrentava problemas com *flash*: a fotografia ficava quase sempre com aspecto esbranquiçado, com as cores menos definidas que o normal. O equipamento não dispunha de tela de cristal líquido para uma visualização prévia da fotografia, e o cartão de memória, além de ser um cartucho grande e com espaço de armazenamento limitado, se caísse no chão, danificava com facilidade. As fotografias só podiam ser visualizadas depois de prontas e, para isso, era preciso um periférico como um *laptop*. Logo em seguida, os equipamentos foram aperfeiçoados. Passaram a apresentar tela de cristal líquido e automatizaram o foco.

Mesmo com as melhorias, a câmera digital *NC 2000E* – modelo que substituiu a *NC 2000* – gerou ainda uma queixa entre os fotógrafos, segundo conta Ricardo Chaves em depoimento para Corrêa (2001):

Uma reclamação muito grande por parte dos fotógrafos era de que a câmera não fazia aquele barulho característico (o clique). Acostumados com esse índice, ficavam sem saber se haviam ou não feito a fotografia e precisavam verificar na tela de LCD se havia o registro (CHAVES apud CORRÊA, 2001, p.26).

A substituição das máquinas fotográficas analógicas pelas digitais, para a cobertura de notícias diárias, ocorreu em julho de 2000. A troca de equipamentos foi total, e o laboratório para revelação de filme do jornal foi desativado. As máquinas de filme deram lugar às digitais *Nikon* modelo D-1⁴³. Os leitores de *Zero Hora* ficaram sabendo da novidade em uma matéria veiculada no dia 16 de julho.

Porém, a passagem da fotografia analógica para a digital não ocorreu de forma muito tranqüila. O treinamento para ensinar o manuseio do novo equipamento durou cerca de duas horas. “O conhecimento foi construído a partir da troca de experiências entre os fotógrafos, através de descobertas no dia-a-dia, que aconteciam no momento do encontro, no início e no final do expediente” (CORRÊA, 2001, p.62).

Em 2006, os equipamentos foram substituídos por uma versão mais moderna, a *Nikon D-2*, uma máquina com maior capacidade de armazenamento de imagens e melhor definição. Se a *D-1* operava com 2.7 megapixel, a *D-2* passou a trabalhar com 4.1, quase o dobro de definição se comparada ao modelo antigo.

A introdução da máquina digital na redação resultou em duas grandes vantagens. Os fotógrafos ficam livres da pressão do departamento administrativo que pedia, insistentemente, que reduzissem o uso de filme nas pautas para diminuir os custos de produção. Outra melhoria foi a aproximação dos fotógrafos com os repórteres.

Sem falar de outros aspectos que envolvem a nossa profissão, entre eles: ficar em um quarto escuro fedido e voltar com as unhas todas sujas de amarelo cheirando a hipossulfito, pingando água pelo tapete para mostrar uma fotografia que recém foi revelada e está ótima. E ainda por cima, os fotógrafos não eram jornalistas. Vinham de outra formação. Eram considerados profissionais de segunda classe que tinham de ser suportados. Com a digital, ficou mais fácil de a gente ser absorvido e compreendido (CHAVES, 2009a).

Com a popularização da fotografia digital, os jornais ganharam em quantidade e qualidade de fotografias à disposição. Antes da máquina digital, o fotógrafo não dispunha de tanta agilidade na produção e disponibilização das imagens, o que fazia com que o jornal usasse muitas fotografias de arquivo (CHAVES, 2009a).

⁴³ A primeira experiência feita com a câmara *Nikon D-1* foi no evento *Planeta Atlântida*, realizado em fevereiro de 2000, quando quatro fotógrafos se revezavam na utilização da mesma máquina para capturar e enviar fotografia dos *shows* diretamente da cidade de Atlântida, no litoral norte gaúcho (CORRÊA, 2001, p.61).

1.3.3 O computador reduz o percurso da notícia

Como resultado do processo de informatização, a rotina de trabalho do diagramador também mudou. Ele passou a contar com programas de computador específicos para desenhar as páginas do jornal, até então traçadas a mão. Em razão dessa transformação, o trajeto percorrido desde a produção até a publicação da notícia ficou mais curto. Muitas tarefas que na redação analógica eram feitas por diferentes profissionais, na redação informatizada, começam a ser executadas por apenas um, que domina o *software* desenvolvido para o desenho e a montagem da página.

O pioneiro nessa história foi o *Diário Catarinense*, ele foi nossa cobaia para essa transição. Ela foi muito traumática para área da diagramação porque o diagramador, que enxergava sua página, conforme ele ia desenhando no papel, tinha que enxergar também em um sistema de informática completamente desconhecido, e com uma quantidade gigantesca de comandos. Comandos que enchiam duas, três linhas só para fazer a formatação de uma capitular (letra maiúscula, em corpo maior do que o do texto, usada no início de uma matéria) (CÂMARA, 2009a).

A equipe da diagramação contava com um material de apoio – um pequeno livro, que trazia impressa toda a lista de comandos –. Em 1989, o jornal adotou computadores *Macintosh* da *Apple*.

Ela entrou como sendo uma tecnologia revolucionária, trazendo programas gráficos e tornando possível a visualização da construção da página na tela. (...) Depois veio o primeiro programa gráfico pensado para a diagramação de páginas de livros, chamava-se *Ventura*. Mas ele ainda necessitava de uma quantidade grande de programação até chegar àquela forma gráfica. Considerando os recursos do *Ventura* e os do *Quark* da *Appel*, a *Microsoft* entrou no mercado e criou – entre tantos outros programas – o *Quark XPress for Windows*. Esse programa foi usado aqui durante 15 anos, até dois ou três anos atrás. Era como se o diagramador estivesse na frente do papel começando a diagramar uma página com seus passos subseqüentes. Ele fazia a nossa tarefa no vídeo e com a grande vantagem de abandonar a calculadora, abandonar o erro de cálculo, abandonar a letra ruim e ver a página construída (CÂMARA, 2009a).

O programa *Quark XPress*, da *Microsoft*, permitiu a importação de fotografias, textos, infográficos e ilustrações direto do material arquivado do repórter e editor para o computador do diagramador. Essa diagramação eletrônica fez com que os processos fossem executados de maneira mais rápida. O diagramador passou a fazer no computador o que antes ele tinha de fazer a mão.

Para o repórter e o editor a mudança não era tão grande, simplesmente mudava de uma máquina de escrever para um teclado. Para a diagramação mudou totalmente a forma de processar a informação, de decodificar a informação e de passar essa informação do papel. Tanto que, na época, nós tínhamos uma equipe muito

pequena, acho que eram seis ou sete, e tivemos que dobrar a equipe para poder fazer o mesmo número de página que fazíamos no processo antigo (BENEDETTI, 2009).

E o editor passou a corrigir o texto do repórter e a criar títulos e legendas diretamente na página diagramada. Etapas, como a de fotocomposição, de revisão e de montagem passaram a ser executadas por programas de computador e os profissionais dedicados a essa tarefa foram sendo extintos com o tempo. A função do *past-up* – o ajuste dos elementos do texto, da fotografia e da publicidade à página – foi automatizada, e esse profissional também desapareceu do jornal.

Com a ajuda desses novos programas de diagramação eletrônica, a página passou a sair da diagramação pronta para a chamada imposição, que nada mais é que a etapa, agora informatizada, que substituiu o processo manual de composição (figura 14). A imposição pode ser executada por meio de dois processos: ou a página passa pelo fotolito antes de ir para a chapa e ser impressa, ou sai direto do computador para ser impressa. A imposição em fotolito é mais rápida, porém, tem menor qualidade, se comparada com a segunda opção. “Usamos prioritariamente a imposição na chapa, mas mantemos a forma de fotolito como segunda opção, caso dê problema técnico nas máquinas de imposição na chapa” (CÂMARA, 2009b).

As rotativas usadas para a impressão do jornal foram substituídas após o processo de informatização da redação. Em 1997, *Zero Hora* investiu US\$ 18 milhões na ampliação do parque gráfico. Comprou a *Newsliner*, também da *Goss*, que dobrou mais uma vez a capacidade de impressão de páginas coloridas do jornal e passou a imprimir 60 mil exemplares por hora.

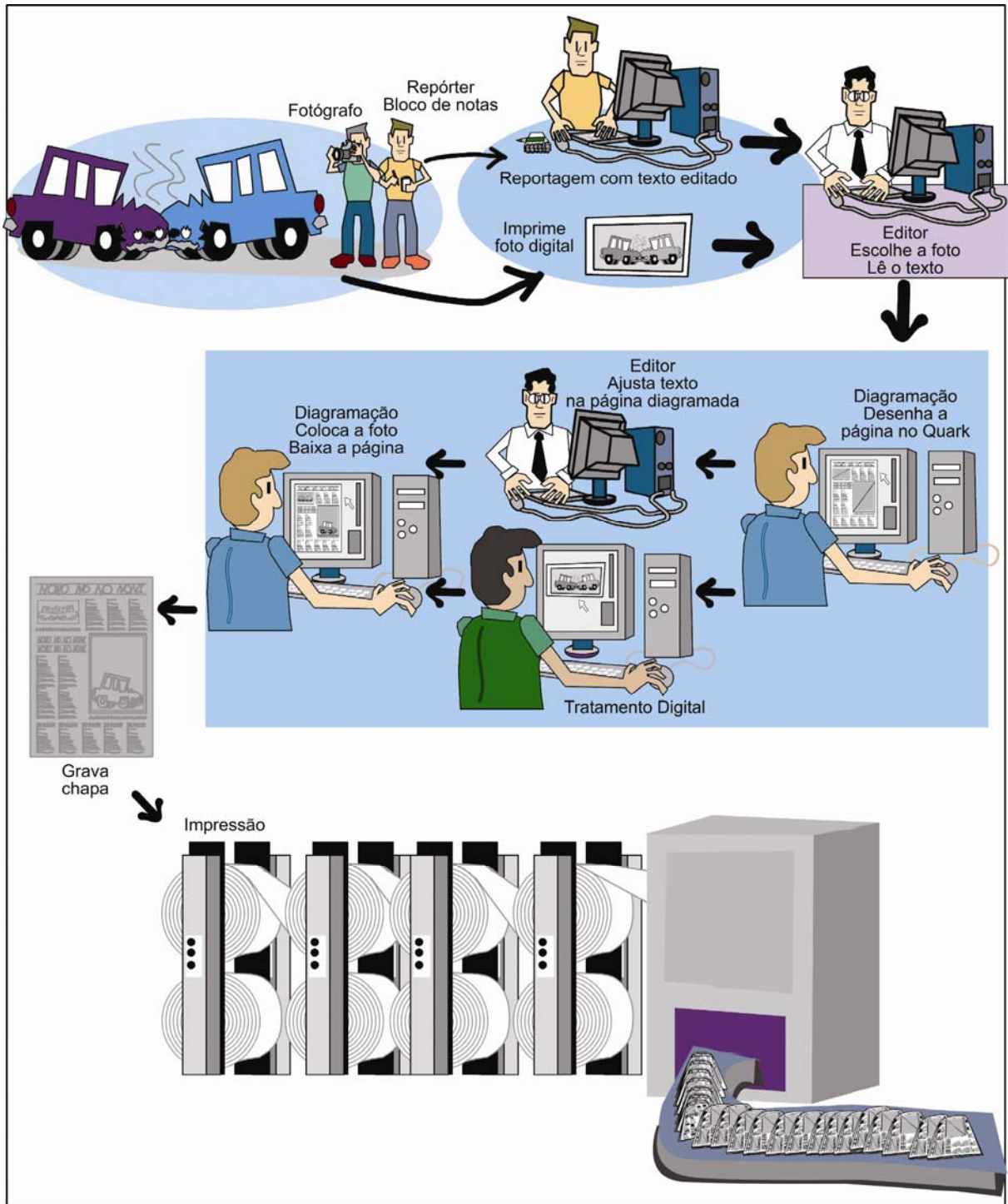


Figura 14 – Arte: resumo do percurso da notícia na redação informatizada. Roteiro da autora e execução de Paulo Chagas.

1.3.4 O jornalista multitarefa

Com o uso dos novos programas, a delimitação de funções começou a se dissolver. Passou a ser exigido do jornalista conhecimento de todas as etapas de produção, desde a redação do texto até a edição da página. Isso porque, nessa nova redação multitarefa, o jornalista poderia ser chamado a qualquer momento para cobrir funções que não as suas.

Um exemplo foi o aumento de atribuições do editor, que passou, inclusive, a escolher e enviar as fotografias, por meio de programas específicos de computador, direto para a página diagramada. Por outro lado, os programas de computador usados na redação deram mais autonomia aos profissionais, permitindo que uma só pessoa executasse tarefas que antes eram de responsabilidade de duas ou mais.

No início dos anos 2000, o jornal substituiu o editor de texto *C-Text*, usado desde 1995, e passou a adotar o *News2000* – programa desenvolvido por uma empresa gaúcha para atender às necessidades de *Zero Hora* –. O software permitia a edição do texto na própria tela do computador, antes de o repórter enviar para o editor, de forma que o repórter passou a fazer a revisão dos próprios textos. O *News2000* reduziu o tempo de trabalho, o custo de produção, mas também reduziu cargos, uma vez que profissionais como *copydesk* desaparecem das redações.

O programa permitiu compartilhar pautas e conteúdos com outros jornais impressos da empresa, de forma que a cada reunião de pauta, os editores disponibilizam na rede os assuntos que serão tratados na edição do dia seguinte. Se forem informações de interesse de outros periódicos, por exemplo, o aumento no preço da gasolina, uma única equipe apura os dados e as demais reproduzem o material. O mesmo programa permite a comunicação interna entre todos os jornais do grupo por meio do *note*, uma espécie de e-mail, que facilita a troca de informações ao mesmo tempo em que economiza ligações telefônicas.

“Todas essas tecnologias servem aos objetivos de flexibilização do trabalho, integração e convergência entre as mídias, compartilhamento de conteúdos e redução de tempo e custos” (FONSECA, 2006, p.52). Começa, então, a ser delineado o cenário que irá permitir a unificação das redações do impresso e do *online* anos mais tarde.

1.3.5 O jornal na internet

Em junho de 1995, *Zero Hora* foi o segundo jornal brasileiro, logo depois do *Jornal do Brasil*, a oferecer conteúdos na *web* (RBS, 2007). Nesse período, o microcomputador recém começava a se popularizar no país, e a internet ainda era restrita ao público universitário, aos jornalistas e aos executivos.

ZH apareceu na *net* com seu *Caderno de Informática*. Num aprendizado lento, outras informações do jornal impresso foram aos poucos sendo veiculadas na rede, com raras notícias atualizadas durante o dia, como as informações sobre meteorologia. O mundo ainda tateava para descobrir o que afinal deveria ser divulgado na mídia *online* (RBS, 2007, p.81).

Em um segundo momento, em 1º de dezembro de 1996, foi criado o *site Zero Hora Digital*⁴⁴. Nesse período, o jornalismo digital começou a acontecer no Brasil (BELOCHIO, 2009). Os meios jornalísticos tradicionais buscavam garantir sua inserção nesse ambiente digital, mesmo sem conhecer ainda as potencialidades desse novo espaço de visibilidade midiática. “Mas, mesmo sem retorno, ninguém poderia ficar de fora da rede, muito menos as empresas com tradição na área de comunicação” (RBS, 2007, p.82).

Em *Zero Hora Digital*, a maior preocupação era descobrir o que a *web* poderia oferecer à produção do jornal, mesmo porque a internet não havia demonstrado ainda todo o seu potencial (GROSSMANN, 2008). As empresas viviam a primeira fase do jornalismo digital, a fase de transposição, em que o material disponibilizado no *site* em nada diferia do material já publicado no jornal impresso (MIELNICZUK, 2003). A atualização se dava a cada 24h, assim que o jornal impresso começava a circular.

Em 3 de julho de 2000, foi lançado o *ClicRBS* – uma espécie de guarda-chuva dos *sites* do Grupo RBS. Por meio dele, é possível ter acesso a todos os *sites* do grupo. Como já é tradição entre os veículos RBS, o portal priorizou também o enfoque local na apuração das suas pautas. O que ficava explícito no seu slogan: “Na internet, você encontra de tudo, mas só no *clic* você encontra tudo o que é daqui”.

Nessa fase, as redações do jornal impresso e *online* ainda não dividiam o mesmo espaço físico, nem trabalhavam de forma integrada de modo que eram consideradas concorrentes na busca pelo “furo de reportagem” (GROSSMANN, 2008).

⁴⁴ *Site* em que as matéria eram as mesmas publicadas no jornal impresso, com poucos recursos visuais: as fotografias, quando presentes, eram pequenas e havia poucos gráficos para ilustrar as notícias.

1.4 A redação unificada

No dia 19 setembro de 2007 – ano das comemorações do cinquentenário do Grupo RBS –, foi lançado oficialmente o jornal *zerohora.com*. Neste momento, nessa linha do tempo imaginária que vem sendo traçada desde a redação analógica vivenciada por *Zero Hora*, ocorre uma importante transição que merece ser destacada. Até aqui, apesar das tentativas do jornal de veicular informação tendo a *web* como plataforma, esse conteúdo não passava de reprodução de matérias já divulgadas no suporte impresso, como relatado na experiência do site *Zero Hora Digital*. A partir de *zerohora.com*, o jornal começa a produzir matérias exclusivas para o site. Na véspera do lançamento do jornal *online*, *Zero Hora* impressa comunicou aos seus leitores a novidade (figura 15) e apresentou de que forma funcionaria cada uma das seções.



Figura 15 – Reprodução das páginas 28 e 29 de 16 de setembro de 2007, quando *Zero Hora* apresenta para os seus leitores como será o jornal na versão *online*.

A partir da criação do jornal *zerohora.com*, uma equipe de jornalistas passa a ser encarregada de não só disponibilizar o conteúdo do jornal impresso para a internet – o que continua acontecendo – mas de produzir notícias específicas para esse novo suporte. Começa,

então, a veiculação de informações pensadas, apuradas e redigidas especificamente para a *web*. Outro detalhe a ser destacado é que a tecnologia digital, que vinha sendo usada apenas no âmbito da produção das notícias, passa a ser utilizada para sua transmissão.

Zerohora.com contratou 34 jornalistas e *webdesigners* para trabalhar em conjunto com os repórteres, fotógrafos, editores e diagramadores do jornal impresso. Hoje, as duas versões do jornal empregam 233 profissionais⁴⁵. Investe-se em informação em tempo real 24 horas por dia, em interatividade com o internauta e na interação entre profissionais (RBS, 2007, p. 85). Segundo depoimento da diretora de jornais *online*, Marta Gleich, na matéria veiculada no dia 16 de setembro e reproduzida acima: “O leitor terá sua *Zero Hora* muito mais próxima, como se uma nova edição fosse entregue a ele várias vezes por dia, por meio da internet. É a mesma redação editando o mundo para os gaúchos em duas mídias diferentes.”

Com a incorporação dessa nova plataforma de divulgação do produto jornalístico, ocorreram alterações no ambiente de trabalho e na rotina produtiva do jornal impresso. A equipe do *zerohora.com* passou a dividir o mesmo espaço físico. Ganhou uma ‘ilha’⁴⁶ (figura 16), ao lado da mesa que reúne os editores-chefes das versões impressa e *online* e os editores executivos da fotografia, diagramação, arte etc.

⁴⁵ Se somados os profissionais que atuam nas sucursais de *Zero Hora*, espalhadas pelo interior do Estado.

⁴⁶ Jargão jornalístico usado para denominar uma grande mesa onde estão reunidos jornalistas que trabalham para uma mesma editoria (Geral, Polícia, Variedades...) ou com o mesmo propósito, no caso, produzir material para veicular no jornal *online*.



Figura 16 – Fotografia da redação unificada, feita por Ricardo Chaves e cedida para o trabalho. A mesa que aparece na parte de baixo da fotografia é onde ficam os profissionais de *zerohora.com*.

As duas equipes participam de reuniões de pauta conjunta para o planejamento de matérias jornalísticas. A cada reunião, toda a equipe decide onde cada matéria será publicada em primeiro lugar, e quais recursos multimídia serão usados para complementar as notícias do *site*:

(...) esse encadeamento ocorre de duas formas, até porque o objetivo do site e do jornal impresso é que um não seja uma repetição do outro, mas que um complemente o outro. Na reunião da manhã, a gente faz duas combinações: a primeira é quais as reportagens publicadas no jornal impresso convidarão o leitor para ver conteúdos complementares no site. A outra chamada é para despertar a curiosidade do *internauta* e fazê-lo ler o jornal impresso no dia seguinte (SOARES, 2009, *online*)⁴⁷.

Contudo, a unificação de redações não modificou o horário de fechamento do jornal impresso, em vigor desde a informatização da redação. A primeira edição, que circula no interior do Estado, fecha às 22h30min, e a segunda, que circula na região metropolitana, à 00h30min. Porém, o horário de entrada dos jornalistas do impresso na redação foi antecipado. Parte dos profissionais que começavam a trabalhar à tarde passaram a chegar pela manhã. Isso porque, quanto mais cedo ocorrer o planejamento do jornal impresso, melhor. “Serve para que possamos refletir em como dar um assunto 24h depois dos outros meios de forma interessante

⁴⁷ Entrevista em vídeo disponível na página de ZH, em comemoração aos 45 anos: http://www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/html_45Anos/index.html. Acesso em 29 de maio de 2009.

e, ainda, pensar em assuntos e temas que vão pautar o dia seguinte dos demais veículos” (SOARES, 2009b).

Diariamente, ocorrem três reuniões de pauta. A primeira é às 10h e conta com a presença do coordenador de produção de cada uma das editorias. O objetivo da reunião da manhã é planejar o jornal para que, se nenhum fato novo acontecer, o jornal do dia seguinte tenha material suficiente para rodar.

Nessa reunião, a gente sai com tudo definido: o que é a (página) 4 e 5, que é a nossa reportagem especial. A gente tenta ter uma, duas, três possibilidades. Sai com as apostas de fotografia para a capa e contracapa. Antigamente, a gente esperava o repórter chegar ao jornal para começar a apurar a matéria para daí, quando ele pudesse, ele passasse na fotografia para sair para fazer a fotografia. Agora, a gente não quer isso. Não precisa chegar o repórter para constatar que está frio, que está chovendo. O fotógrafo pode sair independente e fazer a fotografia. Tentamos ver as apostas de manchete, nem sempre se confirma. Tudo vai depender do longo do dia (SOARES, 2009a).

Após o término da reunião da manhã, a coordenadora de produção liga para o diretor de redação, Ricardo Stefanelli, que nesse momento ainda não está no jornal, e informa quais são as matérias apresentadas por cada editoria e quais delas são as candidatas a ocupar as páginas 4 e 5 – espaço nobre da edição. O diretor de redação é quem decide qual das matérias tem potencial para ocupar as páginas especiais. Se houver uma segunda concorrente forte, essa matéria não é desperdiçada. Ela será veiculada no corpo do jornal, mesmo que com um destaque menor.

Na reunião das 14h30min, participam o editor-chefe (Altair Nobre), o diretor de redação (Ricardo Stefanelli) e o editor executivo de cada área. É o momento em que os editores trazem informações mais precisas sobre as matérias apresentadas na reunião da manhã, uma vez que os repórteres já iniciaram a apuração dos fatos.

A última reunião é feita entre 19h30min e 20h, na sala do diretor de redação, ou na mesa do editor-chefe, que fica no centro da redação. É a ocasião para verificar se alguma editoria tem um assunto factual, que surgiu durante a tarde e mereça chamada de capa, ou para dizer que alguma das matérias previstas na chamada de capa foi derrubada. Ou seja, não se confirmou dentro da dimensão esperada.

1.4.1 A construção da notícia no jornal *online*

As notícias publicadas no *zerohora.com* têm três origens. Doze profissionais, chamados redatores, monitoram essas fontes. Com base nas informações obtidas por meio delas, os redatores redigem e disponibilizam as notícias na internet. A primeira fonte são as agências de notícias nacionais e internacionais. O jornal assina quatro agências que fornecem texto e fotografia.⁴⁸

A assinatura das agências prevê o uso na íntegra das matérias. Se tu estás pagando uma agência que tem repórter para fazer a apuração, e for apurar novamente será um ‘retrabalho’. Claro que se formos fazer uma reportagem mais profunda, algum assunto que mereça uma cobertura maior, vamos buscar fontes regionais para o mesmo assunto e vamos aprofundar mais (BRENOL, 2009b).

Os demais veículos de comunicação que integram o Grupo RBS também fornecem subsídios e servem de fonte na hora da publicação de informações no *site*. Um profissional do *online* fica encarregado, diariamente, pela chamada “escuta” dos veículos. Ou seja, fica monitorando o que está sendo divulgado pela *Rádio Gaúcha*, pela *RBS TV* e pelo *Diário Gaúcho (DG)* – jornal do grupo que atua na região metropolitana e, recentemente, também está com uma versão *online*. “A gente trabalha junto para evitar ‘retrabalho’, como por exemplo, o repórter do *DG* chegar junto do repórter da *Zero Hora* para cobrir uma pauta, sem necessidade” (BRENOL, 2009b).

A terceira fonte usada para a construção da notícia é a própria equipe do jornal impresso. “Se o repórter do *offline* está na rua, ele é o nosso contato. Ele vai passar informações, aspas de pessoas entrevistadas no local do fato, vai mandar fotografia, vai nos descrever o que ele está vendo” (BRENOL, 2009b).

A transmissão de informações do *offline* para o *online* ocorre de duas maneiras. Se o repórter do impresso está no local dos fatos, ele liga e passa as informações por telefone para a equipe do *online*, porque ainda não há acesso remoto ao sistema publicador, o *Vinas*. Se o repórter já tiver retornado à redação e souber usar o programa, ele faz o texto no *News2000* (editor de texto usado pelo impresso), passa para o *Vinas* e publica direto. Quem não domina a ferramenta, passa o texto por *note* (espécie de e-mail interno da redação) e a equipe do *online* providencia a publicação.

⁴⁸ Agência espanhola EFE, Agência Estado, Agência Brasil e Associated Press (AP).

Para evitar o temido furo de reportagem – quando um veículo concorrente dá uma informação que o jornal não está publicando –, *zerohora.com* conta ainda com um *feed online*. Trata-se de um programa de computador que envia informações resumidas sobre as matérias produzidas pelas agências de notícias para o sistema da redação. De forma que, assim que entrar um assunto novo, o programa irá acusar no monitor do computador, cabendo ao redator definir, em meio a tanta variedade de opções, quais informações se enquadram no perfil do jornal e que, por isso, merecem ser publicadas.

O nosso foco é a notícia local. Se o leitor quiser procurar uma notícia internacional, de forma mais detalhada, não vai acessar *Zero Hora*. Então, a gente tem que se colocar no nosso lugar, que é um jornal regional. Nosso objetivo é se tornar referência regional. Uma pessoa, onde quer que ela esteja, se ela quiser saber notícias sobre o Rio Grande do Sul, a idéia é que ela tenha possibilidade de encontrar no nosso site (BRENOL, 2009b).

A comprovação de que o local é prioridade também na versão *online* de *Zero Hora* está na porcentagem das notícias publicadas diariamente. Entre 70% e 80% das notícias é de produção local. O restante tem origem nas agências de notícias.

Outra prática da redação do *online* – que prioriza a instantaneidade da publicação das notícias – para evitar o furo jornalístico, é adotar rondas sistemáticas. A equipe liga três vezes por dia para as polícias civil, militar e rodoviária. Para diminuir ainda mais o risco do furo, a *Agência RBS* faz rondas a cada duas horas e informa os demais veículos, caso haja alguma alteração na rotina que mereça registro jornalístico.

1.4.2 Uma integração em construção

Em dois anos de atividade, o número de jornalistas do jornal *online* não aumentou, mas a adesão de repórteres do impresso à produção de notícias a ser veiculada no novo jornal da empresa, sim. O que, de certa forma, segundo BRENOL (2009a), fez com que a equipe fosse reforçada, já que os redatores do *online* não saem para apuração na rua⁴⁹. “Saiu da redação, a gente sempre vai tentar, de todas as formas, que seja um fotógrafo e um repórter do *offline*. É claro que a gente não vai obrigar o repórter a ser multimídia, mas se ele tem o perfil...” (SOARES, 2009a).

⁴⁹ Por isso levam esse nome. Justamente para diferenciar dos repórteres, que vão *in loco* averiguar as informações.

Apesar da colaboração da equipe do jornal impresso, que envia notícias e fotografias para o *site*, e da contribuição da equipe do jornal *online*, que informa acontecimentos factuais para a posterior apuração pelo impresso, a integração das redações ainda é considerada parcial (SOARES, 2009a).

Nos referimos à redação integrada na parte física da redação: o *site* funcionando dentro do jornal. Nosso objetivo é que possamos nos tornar uma redação totalmente integrada na questão do conteúdo também. Mas o *site* produz conteúdo próprio e também usa outros veículos do Grupo RBS, como a *Rádio Gaúcha*. Seu conteúdo não é 100% produzido por repórteres de *ZH* impressa. Embora a maioria seja. Por isso, não pode ser considerada uma redação completamente integrada, como outros jornais do mundo (SOARES, 2009b).

A integração maior é a tecnológica e ocorre entre outros jornais do Grupo RBS – no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina – que têm uma versão *online*. Nesse caso, a colaboração acontece por meio de um sistema de informática integrado, o que facilita a troca e o envio de informações. Os jornais usam o mesmo programa de computador para redigir (*Vinas*) e publicar as matérias (*Congenitt*).

Depois de apuradas, as notícias são classificadas em: de interesse local e de interesse estadual. Ao classificar como estadual, a informação, automaticamente, é publicada em todos os sites do Grupo RBS. Se a opção for local, o material só será veiculado no *site* do jornal que produziu a informação.

A parceria entre o jornal impresso e o *online*, de acordo com BRENOL (2009a), tem apresentado resultados positivos. A interação com os leitores é um deles. O mesmo leitor que envia fotografias, vídeos ou informações para publicação no jornal *online* acaba colaborando com o jornal impresso, na medida em que manda também críticas e sugestões para melhoria das matérias.

Os nossos leitores nos dão um retorno muito positivo, não só para o *online*, para o *offline* também. Porque hoje eles associam muito os dois. Aparecem muitos comentários, retornos, críticas, denúncias, erros e eles falam com a gente, mas estão falando com o impresso. Enfim, é um canal de comunicação que aproximou muito a redação dos seus leitores. Antes tinha de mandar carta, telefonar, mandar e-mail e algumas pessoas não respondiam (BRENOL, 2009a).

A equipe do jornal impresso também ganhou em agilidade, uma vez que o *online* tem plantão 24h e, assim que acontece um fato de relevância, aciona o impresso para que faça a cobertura *in loco*. O impresso ganhou ainda mais porque o repórter já sai para a rua com um

material de apoio apurado pelo *online*, que já sabe, pelo menos, o que, quando e onde aconteceu determinado fato.

O *online* informa. O impresso vai avançar. Ele vai adiante, aprofunda, ele analisa aquela informação, aquele fato. O *online* ganha toda essa bagagem que traz um jornal como a *Zero Hora*, toda a marca de muitos anos e a qualidade dos repórteres, qualidade das fontes. Toda essa infra-estrutura traz para o *online* uma grande credibilidade (BRENOL, 2009a).

Schirmer (2009)⁵⁰ pensa diferente sobre os reflexos da unificação das redações. Ele acredita que o jornalista do impresso está acomodado diante das ferramentas digitais e faz menos apurações *in loco*. E aponta um grande risco para o jornalismo de qualidade:

(...) entrando na *Zero Hora*, hoje, a grande diferença que eu vejo para o meu tempo é que se tu entrasses na redação das 14h às 15h, a sala estava vazia. Estava todo mundo na rua. Hoje em dia não tem ninguém na rua, está todo mundo lá dentro. O que, eu até te confesso, acho um defeito. Com essa história do repórter só receber telefonema, release e não sair para rua, ele começa a ficar sem fontes (...) a fonte é conquistada com a convivência longa. Ela precisa ser cultivada (SCHIRMER, 2009).

Outro exemplo citado pelo entrevistado, que demonstra a consequência da falta de contato físico do repórter com a fonte, ocorreu dentro da redação de *Zero Hora*. O Senador Pedro Simon (PMDB) caminhou até o final da redação, passando pela editoria de Política, e não foi cumprimentado por ninguém. Segundo Schirmer (2009), isso ocorreu porque o político não teria sido reconhecido.

Alguns repórteres que acompanharam a transição da redação informatizada para a redação unificada, em que o repórter do impresso sai para a rua carregado de equipamentos para produzir conteúdos também para o *online*, acreditam que o novo método de trabalho pode comprometer a qualidade da informação coletada.

Eu, algumas vezes, uso um método. Primeiro vou sozinho ao local, conversar com a pessoa e, depois, marco com o fotógrafo ou quem vai fazer as imagens, para não inibir o entrevistado. No momento que tu tens que carregar uma câmera, um gravador e uma máquina fotográfica então tu estás num circo. Eu não gosto disso. Pode atrapalhar até a coleta da informação (TORALLES, 2009).

Para Leal (2009), a tecnologia trouxe vários aspectos positivos, mas há um negativo que o incomoda: a tecnologia incentivou a cobertura dos fatos em tempo real, a busca

⁵⁰ Lauro Schirmer foi diretor de redação de *Zero Hora* entre 1970 e 1990, portanto, acompanhou a transição da redação analógica para a redação informatizada. Durante a criação da redação unificada era consultor do jornal e freqüentava a redação diariamente, por isso opinou sobre a mudança. Lauro Schirmer morreu em 27 de julho de 2009, cerca de um mês depois de conceder a entrevista para esta dissertação.

constante da instantaneidade. “Então, o que acontece? O profissional vive permanentemente pressionado. Isso é um problema que estressa muito”.

1.4.3 O impacto da redação unificada na equipe da fotografia

Especificamente para a equipe da fotografia, nessa fase da redação unificada, a inovação não ocorre pela tecnologia utilizada pela produção da fotografia – uma vez que os fotógrafos continuam trabalhando com as máquinas digitais – mas, sim, pelo novo método de trabalho que exigiu, devido às particularidades do novo suporte, o envio de material diretamente do local da pauta. Tal alteração na rotina de trabalho dos fotógrafos desencadeou aspectos negativos e positivos que passam a ser relatados.

Um dos primeiros estranhamentos foi o fato de que, pela falta de conhecimentos das exigências do jornal *online*, que busca a divulgação imediata da notícia, muitos fotógrafos não se deram conta de que deveriam priorizar o novo veículo quanto ao envio de fotografias. “No início, a gente escondia a fotografia. Essa fotografia aqui eu não vou dar para o *online*. Hoje, a gente tem outra visão. Não guardo mais uma fotografia para o impresso. Se ela está aqui, a gente manda direto para o *online*” (GOMES, 2009).

A produção conjunta para as duas plataformas – *online e offline* – sobrecarregou o fotógrafo e estaria provocando uma antecipação no “momento” da fotografia. “Antes eu ia para o jogo e esperava a bola rolar para mandar uma fotografia. Hoje não, a gente tem que estar uma hora antes no campo e mandar fotografias de torcida, de alguma coisa legal dentro do estádio” (GOMES, 2009).

(...) a ansiedade deles é tamanha que, às vezes, eles querem se antecipar e muito no acontecimento. Daqui a uns dias, vai chegar ao ponto do cara estar moribundo, prestes a morrer e de tanto o *online* encher o saco, a gente vai pedir para o cara deitar e colocar o algodão no nariz para adiantar a fotografia (VIEIRA, 2009).

Chaves (2009c) reclama dessa pressa que o jornal *online* tem para publicar fotografias no *site*, o que acaba prejudicando a captura da imagem ideal, mais real.

Chegou um tempo que para a fotografia qualquer coisa serve. Mas, eu acho que a fotografia não é qualquer coisa. A fotografia tem um momento certo para fazer. Para mim esse conceito de que a fotografia tem um momento decisivo nunca vai estar ultrapassado. Às vezes as coisas se configuram no sentido da forma, da harmonia das linhas, uma série de coisas que resultam na fotografia certa. O que

diferencia o mau fotógrafo do bom fotógrafo? É justamente isso, o controle sobre a situação para criar uma imagem harmoniosa, interessante pela forma, pela cor ou pelo conteúdo (CHAVES, 2009c).

Outra mudança é que o fotógrafo, na era da fotografia analógica, dava como cumprida sua missão no momento em que a fotografia era revelada – já que o trabalho de ampliação era feito pelo laboratorista. Na era da redação unificada, o fotógrafo ganhou a tarefa de, além de capturar a fotografia, armazená-la no programa específico (*Telescope*), se estiver na redação, ou mandá-la via e-mail, se estiver fora do local de trabalho.

Por outro lado, o uso do celular *N95* para o envio de fotografias contribuiu para que os fotógrafos ficassem mais tempo na rua, em pauta – o que é considerado um aspecto positivo da tecnologia, segundo os profissionais. Esse modelo de telefone móvel permitiu acoplar o cartão de memória da máquina digital e gerar fotografia do local dos fatos.

Durante um tempo aumentou o número de pautas por fotógrafos. No último ano, começou a ficar mais selecionado. No início, quem fazia duas pautas, passou a fazer quatro ou cinco pautas e era uma correria, uma loucura. Os carros do jornal são equipados com rádio. Então, tinha vezes que eu nem descia do carro e me ligavam: “Mauro, está chegando uma artista, vai ao aeroporto” (VIEIRA, 2009).

Outro elemento que aumentou a tensão nesse período foi a valorização da participação do leitor no envio de fotografias. Como a tecnologia digital está acessível ao público em geral, em termos de custo, esse leitor passou a ser um produtor de fotografias concorrendo com os profissionais que atuam na área.

Era legal essa coisa de chegar num lugar e montar o laboratório. Isso mostrava que o cara era bom, eficiente. Hoje eu acredito que é muito fácil fotografar. Se gostar de fotografia, entender um pouco de fotografia, vai lá e faz uma pauta. Quando a gente trabalhava com o analógico, chegava numa cidade às 19h, às 20h tinha que entrar correndo num lugar, misturar químico, revelar o filme, copiar e colocar na máquina (*scanner*) para mandar. Tinha que ser muito fera. Acho que hoje é muito fácil ser fotógrafo (GOMES, 2009).

Devido a essa dificuldade técnica para captura da imagem e sua posterior revelação, na era da fotografia analógica, as contribuições dos leitores eram raras. Hoje, para ganhar espaço no jornal ou na internet, o fotógrafo precisa contar não apenas com o talento, ser inovador na busca pelo melhor ângulo, mas, sim, com a sorte. Muitas vezes, o amador ganha espaço não pela qualidade do material enviado:

Um incêndio é um exemplo disso. Até nos ligarem, a gente se deslocar da redação, o incêndio já acabou. Estão só as cinzas. Mas vai ter alguém que fez a fotografia com celular e vai mandar para o jornal publicar. Não interessa se está desfocada, se o enquadramento não está muito bom. Vale pelo flagrante. E o profissional vai

lutando nesse meio, tentando se destacar a cada dia. A cada dia o descompromissado está mais atento à tecnologia, está com o olhar mais treinado de tanto olhar jornal, revistas, acessar sites (VIEIRA, 2009).

Os profissionais não se mostram contrários à participação do público, mas acreditam que será preciso definir critérios para que ela ocorra.

Acho a interatividade uma coisa genial, mas acho que os órgãos de imprensa em geral, estão vivendo uma euforia estúpida da interatividade que vai ter que ser revisada. Acho que continua sendo correto, justo, que as pessoas, participem. Mas, as pessoas devem abrir a boca quando tem o que dizer. (...) Hoje não. É eu e meu cachorro, eu e meu carro, eu e minha mulher, eu e minha namorada no elevador, eu e meus amigos. Tudo para satisfazer a 'neura' maluca dos 15 segundos de fama. Os órgãos de imprensa não podem ser patrocinadores desse tipo de maluquice (CHAVES, 2009c).

Por outro lado, o **aspecto positivo** da redação unificada mais salientado pelos profissionais foi o maior aproveitamento do material produzido, devido ao fato de que na internet não há limitação de espaço e o aproveitamento do material é maior do que no impresso. “Às vezes, tu fazes uma viagem de uma semana e, na hora de editar a página, usam uma fotografia aqui e outra lá. Na *zerohora.com*, tu consegues fazer com que um assunto qualquer renda uma galeria de fotografia” (VIEIRA, 2009).

1.4.4 O percurso da notícia fica ainda mais curto

A possibilidade de veicular a informação apurada, praticamente em tempo real, fez com que o caminho desde a redação até a publicação da notícia ficasse bem mais curto nessa fase de redação unificada. Se bem que, também é verdade que a publicação no jornal impresso segue a trajetória da etapa interior, da redação informatizada. Só que no caso da publicação na *web*, não é preciso fotolito, nem providenciar chapas para a impressão. A notícia sai do sistema produtor para o sistema publicador em segundos. Contudo, o diagramador do jornal impresso ganhou uma tarefa a mais: colocar no *site Zerohora.com*, o conteúdo *offline* que é publicado no jornal.

O diagramador também teve que se reciclar no seu processo. O que acontecia? O diagramador desenhava, paginava no *InDesign* e se desvinculava. Hoje ele não se desvincula até liberar para o *online*. Então, ele produz toda uma parte impressa e, depois, vai fazer toda a decodificação dessas páginas para encaminhar para o *online* (BENEDETTI, 2009).

Essa transferência de conteúdo é feita pelo mesmo programa de computador usado para a redação de matéria do impresso: o *News 2000*. Foi providenciado um *plugin*⁵¹ que faz a ligação entre o programa, o *InDesign* (programa usado atualmente para a diagramação das páginas) e o *site zerohora.com*.

Na sequência, um infográfico reproduz o percurso feito pela notícia na redação unificada, tanto para a publicação no jornal impresso quanto para a publicação no site (figura 17).

⁵¹ Na informática, um *plugin* ou *plug-in* é um programa de computador que é usado para adicionar funções a outros programas maiores.

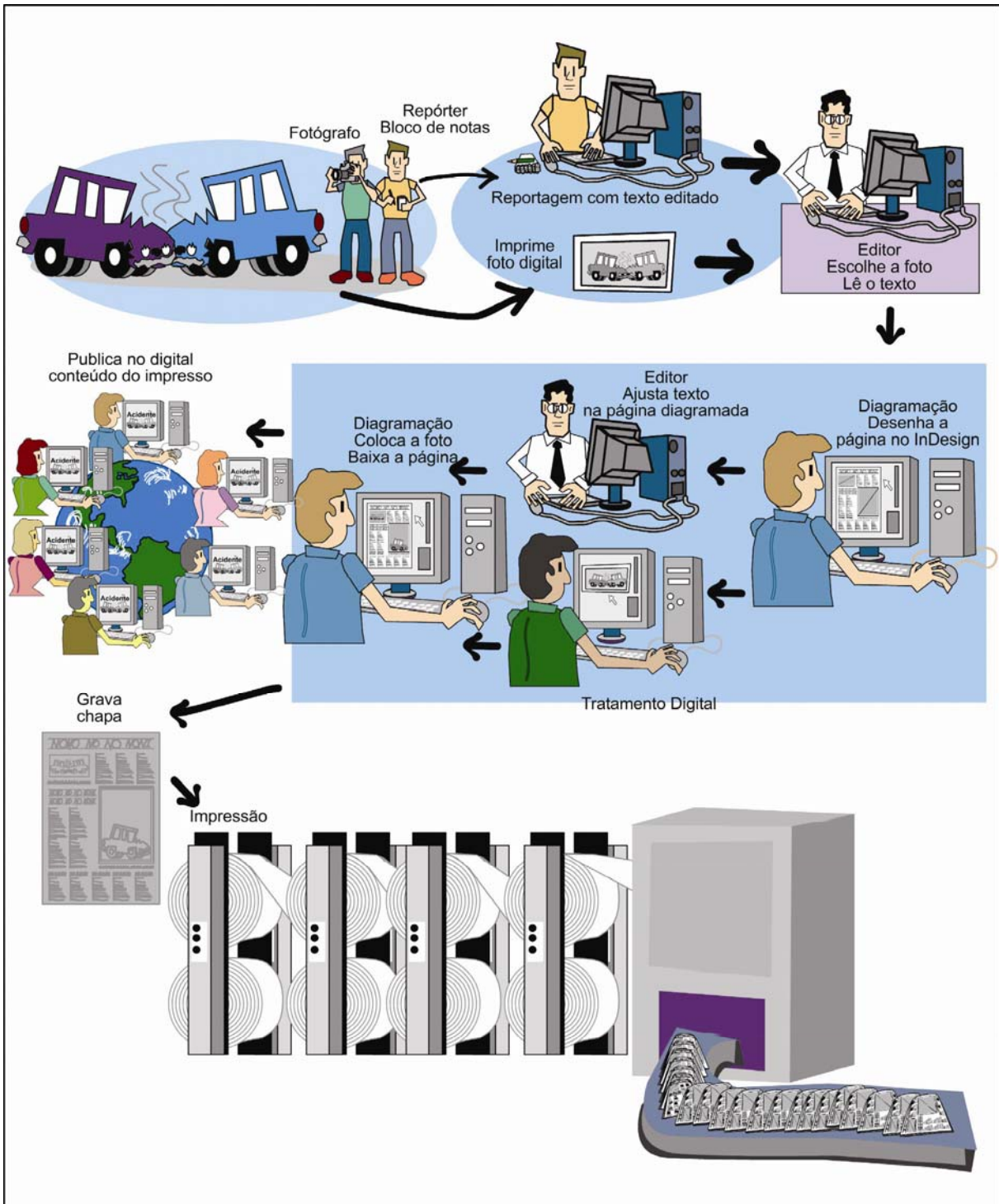


Figura 17 – Arte: resumo do caminho percorrido pela notícia na redação unificada. Roteiro da autora e execução de Paulo Chagas.

Não foi apenas a rotina produtiva dos profissionais que atuam no jornal impresso que sofreu modificações em razão da experiência da redação unificada. O projeto gráfico do jornal, também foi modificado⁵². Em 26 de junho de 2009, *Zero Hora* circulou com um novo visual. Foi a primeira reforma gráfica após a criação do *zerohora.com* em 2007.

Nesse mesmo dia, *Zero Hora* inaugurou oficialmente o Parque Gráfico Jayme Sirotsky⁵³, um novo complexo industrial para a impressão dos jornais, na zona norte de Porto Alegre. Com uma área de 12 mil metros quadrados – o equivalente a 17 quadras de futsal – o complexo demorou um ano e seis meses para ser construído.

O novo parque gráfico é resultado de um investimento de R\$ 70 milhões – 30 milhões só na compra das duas novas rotativas suíças *Wifag OF 370 S* capazes de imprimir até 75 mil exemplares por hora. O limite de páginas coloridas por caderno passou de 48 para 64, ou seja, a totalidade da edição de segunda a sexta-feira. Os equipamentos, segundo *Zero Hora*, trouxeram maior rapidez e melhor qualidade gráfica ao jornal.

Esse primeiro capítulo fez uma retrospectiva histórica descrevendo as práticas jornalísticas adotadas desde a redação analógica de *Zero Hora* até a redação unificada. A trajetória foi narrada com base nas entrevistas feitas com profissionais que atuam na empresa e, ao mesmo tempo, foram protagonistas de tais transformações. Informou também sobre as tecnologias analógicas ou digitais disponíveis em cada período. O próximo capítulo mostra as diferentes fases pelas quais passou o uso do computador nas redações jornalísticas, desde a entrada dele no setor de composição e impressão do jornal até a importância que o equipamento assume na redação unificada. Também aponta de que forma a tecnologia influencia na produção e na apresentação da matéria jornalística. Por último, define o que é 'visualização da notícia' e os elementos que a integram.

⁵² Os detalhes referentes à mudança gráfica serão abordados no capítulo III, quando serão apresentadas as diferentes visualizações da notícia adotadas pelo jornal em 1989, 1999 e 2009.

⁵³ O nome é uma homenagem ao presidente emérito do Grupo RBS.

CAPÍTULO 2

OS DIFERENTES USOS DO COMPUTADOR

NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA

Atualmente, é difícil imaginar a produção de um jornal sem a intervenção dos computadores. Eles estão presentes desde a redação da matéria jornalística, do armazenamento de textos e imagens, da edição das páginas, do envio do jornal editado para a impressão até o momento em que a tinta penetra no papel e o periódico é encartado para a venda nas bancas. Ou, quando for o caso, até a etapa de disponibilização da notícia na internet. Porém, há duas ou três décadas não era essa a realidade das redações brasileiras.

Este segundo capítulo tem três momentos, que foram divididos em subitens. O primeiro deles reconstrói a trajetória percorrida pelo computador desde a entrada das máquinas no subsolo das empresas jornalísticas para o processo de composição das páginas até a soberania dos equipamentos, indispensáveis para colocar em prática o método de trabalho da redação integrada (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008).

No segundo momento, apesar do reconhecimento de que seis forças interferem na construção da notícia (SOUSA, 2000), mostra-se como a força da tecnologia influencia nesse processo. No terceiro e último momento, define-se o que esta dissertação entende por matéria jornalística e o que compõe a visualização da notícia, termo chave deste trabalho.

2.1 Computador: de ferramenta coadjuvante à peça fundamental na construção e distribuição da matéria jornalística

Antes de os jornalistas serem obrigados a substituírem as máquinas de escrever por terminais de vídeo, o computador já estava presente nas empresas de comunicação. Contudo, esses profissionais ainda não tinham contato direto com esse tipo de máquina. Nesse início da informatização, os computadores ficavam restritos ao subsolo das empresas jornalísticas, nas chamadas oficinas de composição. No Brasil, no final dos anos 1960 até o final da década de 1970, as antigas máquinas linotipos de composição mecânica começaram a ceder espaço para as máquinas de fotocomposição computadorizada, de composição a frio⁵⁴.

(...) partimos da montagem manual de matrizes, onde os caracteres eram encaixados um a um na forma tipográfica (ou rama), passamos pelas máquinas monotipo e linotipo, que produziam a chamada composição “a quente” (palavras ou linhas fundidas em liga metálica composta por chumbo, estanho e antimônio. Depois veio a composição “a frio”, primeiro com a *IBM Composer*, que já podia ser acoplada a terminais de armazenamento de textos (...) No final da década de 50 surgiu a fotocomposição (VIANNA, 1992, p.23).

O sistema de impressão também se modificou nessa época. O processo tipográfico de impressão em que “a forma relevográfica recebe uma camada de tinta através de rolos entintadores que é depositada na parte em relevo e coloca-se sobre a mesma o suporte a ser impresso, que é pressionado contra a forma” (COLLARO, 2000 p.82) sai de cena e entram em ação as rotativas *offset* com uma impressão plana e indireta, em que a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir o papel.

Somente em meados da década de 1980 os computadores entram nas redações jornalísticas brasileiras⁵⁵. Segundo Baldessar (2001), a adoção dos computadores revelava a necessidade de as empresas se modernizarem para enfrentar as exigências do mercado, cada vez mais competitivo. O uso dos novos sistemas visava a reduzir custos, tornando mais direta

⁵⁴ “Classificamos como composição a frio todo processo de obtenção de textos que utiliza suporte plano, e não o alto-relevo, como na composição a quente” (COLLARO, 2000, p.26).

⁵⁵ Nos países desenvolvidos, como os Estados Unidos, a informatização dos jornais em nível de redação ocorreu no final dos anos 60 e início dos 70 (VIANNA, 1992). Nos países de terceiro mundo a informatização foi mais tardia até porque, parte dos equipamentos de impressão utilizados no Brasil, por exemplo, vieram dos Estados Unidos quando as empresas jornalísticas de lá já consideraram os equipamentos ultrapassados e ao renovar seus parques gráficos, venderam as máquinas para os países subdesenvolvidos (CAPARELLI, 1997).

a relação entre a redação e a gráfica, agilizando dessa forma a produção do jornal. O jornal que fosse produzido mais cedo seria impresso mais cedo e chegaria às ruas mais cedo para ser vendido pelo jornaleiro. Com isso, o periódico tinha mais chances de chegar às mãos do leitor antes dos concorrentes.

A contragosto, os jornalistas foram se afastando das máquinas de escrever, companheiras de décadas no momento da finalização do texto. “O jornal *Folha de São Paulo* foi o primeiro do Brasil a introduzir terminais de computadores na redação, projeto que vinha sendo elaborado desde 1968 e foi efetivado em 1983” (VIANNA, 1992, p.24).

Podemos considerar os anos 70-80 como um período fértil do avanço tecnológico dos jornais brasileiros, não só em São Paulo e Rio de Janeiro, mas especialmente no sul do país, onde a Rede Brasil Sul (RBS) criou o Diário Catarinense, totalmente informatizado (...) e, logo em seguida, informatizando totalmente o jornal Zero Hora, de Porto Alegre (...) (VIANNA, 1992, p. 24-25).

O processo, no país inteiro, apesar de lento, foi incentivado pela Associação Nacional dos Jornais (BALDESSAR, 2005) que via com bons olhos a modernização da infra-estrutura física e administrativa das empresas de comunicação. Com a informatização, o primeiro impacto ocorreu no local de trabalho, que ganhou novos ares: resultou mais limpo e organizado.

(...) desapareceram as centenas de laudas amassadas no chão, sumiram as caixas de papel carbono para as cópias necessárias para a linha de produção. Até mesmo o cafezinho e o cigarro se renderam à tecnologia, uma vez que os terminais ficam prejudicados com farelos e ambientes poluídos. Mudou também a iluminação e a temperatura do ar. Se antes do computador era inimaginável uma redação com ar condicionado e persiana nas janelas, hoje isso é rotina e já está incorporado ao dia-a-dia (BALDESSAR, 2005, p. 3).

O segundo impacto foi no ritmo de trabalho do jornalista. A notícia passou a ser escrita de forma mais rápida; “(...) a informática trouxe agilidade e qualidade no processo de informação ao facilitar o trabalho de rever, corrigir, alterar e atualizar textos” (BIANCO, 2008, p.1).

Não demorou muito para que o uso dos computadores permitisse também a criação de um arquivo digital. Não que os arquivos em papel – os *morgues* – tenham sido extintos (MACHADO, 2000). Algumas empresas, mesmo tendo digitalizado todos os seus antigos jornais, ainda mantêm as edições impressas guardadas como relíquias. Mas não há como negar que encontrar informações em um arquivo digital poupa tempo do repórter, que, por tradição, luta diariamente contra o relógio para a produção da matéria jornalística.

Assim, passa a ser possível pesquisar, através de um banco de dados, todos os textos que já foram publicados pelo periódico. Em questão de segundos, é possível saber se um tema já foi abordado em alguma matéria. O arquivo digital substitui as extensas pesquisas nos arquivos convencionais de papel (ROSA, 2005, p.36).

A democratização da pesquisa era apenas uma das potencialidades desencadeada pelo uso das máquinas – a ponta de um iceberg que ainda estava por ser descoberto. Mas já nessa fase do uso instrumental do computador, a incorporação da máquina na construção da notícia provocou críticas. O jornalista tornou público seu desgosto pelo fato de estar mais afastado fisicamente dos colegas – seja pela instalação de divisórias entre as diferentes editorias, seja pela introdução do *note* (sistema de comunicação interno da redação para troca de mensagens de texto em tempo real).

O desaparecimento do ambiente humano de redação em que se escreviam páginas de um jornal cria outra situação de trabalho, como características distintas, próprias, sem comparação com a anterior e com efeitos igualmente diferentes. Não que seja afetada a produção do texto, que de qualquer forma sempre foi um trabalho individual: jamais se produziu um texto em conjunto numa redação de jornal; o que é afetado é o ambiente de produção. Desaparecem os eventos marginais da atividade (a consulta ao colega, a conversa relaxante, os eventuais apoios ou críticas, em suma, o clima – inconscientemente – solidário da atividade). Diante da tela, jornalistas estão hoje mais entregues a si mesmos. Ela atua como um superpatrão, que lhes exaure muito mais, pois os tem inteiramente (MARCONDES FILHO, 2000, p. 50-51).

O medo maior na época, e que acabou se concretizando mais tarde, era o das demissões em massa. Os jornalistas vinham acompanhando o desaparecimento de funções como a do *past-up* ou artefinalistas – profissionais que trabalhavam na composição das páginas e, aos poucos, foram desaparecendo das oficinas devido à entrada dos equipamentos. Na redação não foi diferente. A troca da máquina de escrever pelo computador fez com que a função dos digitadores perdesse o valor. O próprio jornalista passou a incorporar essa responsabilidade. O uso de programas com corretores de texto eliminou a presença dos revisores – profissionais que comparavam as provas tipográficas com os originais datilografados rastreando possíveis erros – e, por fim, o fato de os computadores estarem ligados em rede e receberem informações diretamente das agências de notícias acabou com a necessidade do *copydesk* das redações. É verdade também que novos cargos foram criados, mas todos exigiam o domínio da tecnologia digital, o que não era tarefa fácil para uma geração analógica acostumada com outros métodos de produção.

Passada mais uma década, essa realidade sofre reconfigurações. A partir do surgimento da World Wide Web⁵⁶, em 1995, a internet começou a popularizar-se e a informação digitalizada, ou seja, transformada em *bits*, começou a transitar em maior velocidade pela rede. As vantagens do uso do e-mail ou correio eletrônico, aplicadas ao jornalismo, começam a ser exploradas. A rede se transforma na praça pública para procura de fontes especializadas em assuntos que seriam transformados em notícias.

Utilizar el correo electrónico para entrevistar a una fuente és una opción cada vez más viable, sobre todo se está en otro país. También puede ser útil para obtener un dato concreto en el cierre, pues le permite al periodista enviar una pregunta determinada a varias fuentes conocidas y fiables (y en cualquier parte del mundo) (PAVLIK, 2005, p.120).⁵⁷

Usava-se o equipamento para colocar em prática um método de construção da notícia chamado de Reportagem Assistida por Computador (RAC). A terminologia é a versão brasileira para a Computer-Assisted Reporting (CAR), que é a exploração de recursos oferecidos pela informática na busca por informação como bancos de dados, internet, planilhas eletrônicas, entre outros.

Contextualizar informação de última hora é possível com o uso de instrumentos e técnicas que surgem uma após outra, com velocidade de criação sem precedentes na História. Mas onde a RAC parece mais promissora é na produção de matérias mais analíticas e profundas – isto é, mais críticas e consistentes. Ela permite combinar o uso da internet com métodos de pesquisa até a pouco apenas conhecidos e disponíveis por pesquisadores acadêmicos e planejadores, no setor público e empresas privadas (LAGE, 2001, p.161, 162).

A internet também é vista por Pavlik (2005) como uma importante ferramenta para fazer reportagens jornalísticas, pois ajuda os jornalistas a localizar artigos já publicados e fontes, além de oferecer acesso instantâneo à imensa base de dados. Porém, o autor alerta que, apesar dessas vantagens, boa parte dos conteúdos disponíveis na rede é de origem duvidosa. Por isso, os jornalistas devem ter um olho clínico ao buscar informações na internet. O ideal é comparar a informação digital com outro tipo de fonte.

(...) debería evitarse depender de una sola fuente para cualquier noticia (por ejemplo, muchos medios informativos no publican generalmente una noticia hasta que no la han contrastado con una segunda fuente). Resulta útil elaborar una lista de

⁵⁶ Um sistema de informação e comunicação utilizado na internet, que permite a transmissão de dados em hipermídia e funciona de acordo com o modelo cliente/servidor.

⁵⁷ “Usar o e-mail para entrevistar uma fonte é uma opção cada vez mais viável, ainda mais quando se está em outro país. Também pode ser útil para obter um dado concreto no momento do fechamento do jornal, pois permite ao jornalista mandar uma pergunta determinada a várias fontes conhecidas e confiáveis (e em qualquer parte do mundo)” (PAVLIK, 2005, p.120).

sitios de confianza, a cargo de organizaciones o personas conocidas y con contenidos fiables y de calidad (PAVLIK, 2005, p.110).⁵⁸

Os três princípios básicos do jornalismo – objetividade, imparcialidade e exatidão – devem estar presentes independente do suporte. Por objetividade Pavlik (2005) entende a informação sem distorções e livre do sensacionalismo. Por imparcial, uma cobertura jornalística equilibrada que reflete todas as partes de uma questão. Exatidão, para ele, significa informar bem e de maneira completa. “Estas tres normas definen como una prensa ética, digital o no, debe actuar en la búsqueda de la verdad” (PAVLIK, 2005, p. 158).⁵⁹

Com isso, a presença dos computadores, que até então havia impactado apenas o ambiente de trabalho dos jornalistas e agilizado a pesquisa, desencadeia mudanças no modo de produção em busca de matérias mais aprofundadas.

No princípio, os recursos eram limitados e os jornalistas se perguntavam por que teriam que usar aquela máquina. Mas, ao longo dos anos, eles evoluíram. Tais recursos foram cada vez mais aprimorados, até o momento em que todo o processo de produção do jornal é realizado com o uso do computador. Desde a pesquisa de pauta até o fechamento da edição. Todas as informações são registradas e movimentadas em uma rede invisível (ROSA, 2005, p.8).

Por isso, Machado (2003) acredita que a tecnologia ampliou as formas de pesquisa de informações. Ele afirma que o processo de produção jornalística foi afetado, principalmente, a partir do momento em que os computadores foram ligados a redes internas e ao ciberespaço onde as redes telemáticas são uma espécie de “ferramenta para nutrir os jornalistas das organizações convencionais com conteúdos complementares aos coletados pelos métodos convencionais” (MACHADO, 2003, p.19). Essa nova prática libertou o repórter dos pontos de vistas limitados expressos por especialistas e fontes oficiais. Nas redes telemáticas, a quantidade de fontes ampliou-se.

Com a multiplicação das fontes provocadas pela facilidade de obtenção de dados armazenados nas páginas individuais, nos bancos de dados públicos e nas redes de circulação de notícias, aumenta a chance de ocorrer um deslocamento do lugar das fontes da esfera do oficial ou do oficioso para o domínio público (MACHADO, 2003, p. 28).

⁵⁸ “(...) Deve-se evitar depender de somente uma fonte para qualquer notícia (por exemplo, muitos meios informativos não publicam geralmente uma notícia até que não tenham checado com uma segunda fonte). É útil fazer uma lista de sites de confiança, de organizações ou pessoas conhecidas e com conteúdos confiáveis e de qualidade” (PAVLIK, 2005, p.110).

⁵⁹ “Estas três normas definen como una imprensa ética, digital ou não, deve atuar na busca da verdade” (PAVLIK, 2005, p. 158).

Nesse ambiente das redes digitais, a quantidade de fontes disponíveis não só sofre um aumento, como também muda de perfil. Se no jornalismo tradicional predominava o uso das fontes oficiais, no jornalismo *online* “a estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial” (MACHADO, 2003, p.4). O usuário e consumidor da notícia também passa a ser, em alguns momentos, fonte usada na construção deste produto jornalístico.

A partir do momento em que a “arquitetura descentralizada do ciberespaço” permite essa possibilidade de apuração jornalística, é preciso, segundo Machado (2003), definir critérios capazes de garantir confiabilidade ao sistema de apuração. Contudo, não foi descoberta ainda uma fórmula eficaz. O autor propõe a discussão e a inclusão de um artigo, no código de ética do jornalista, que responsabilize também as fontes *online* por publicação de informações incorretas.

A inclusão dos usuários como fontes coloca na agenda da pesquisa sobre o campo jornalístico um aspecto até agora negligenciado pelos códigos de ética do jornalismo convencional: as responsabilidades dos usuários das redes como fontes para os jornalistas. Uma omissão justificada no Jornalismo convencional porque a notícia que chega ao público depende de uma negociação direta entre jornalistas e fontes, cabendo ao leitor, ouvinte e telespectador a função de consumidor dos conteúdos (MACHADO, 2003, p.29).

A informação traduzida em *bits* proporcionou ainda um ambiente diferenciado com capacidade de fundar uma modalidade distinta de jornalismo, em que todas as etapas do sistema jornalístico de produção – desde a pesquisa e apuração até a circulação dos conteúdos – estão circunscritas às fronteiras do ciberespaço (MACHADO, 2003). Nascia nesse momento o jornalismo produzido e veiculado na web⁶⁰. O Grupo Estado foi o pioneiro no País. Em fevereiro de 1995, passou a operar serviços informativos na web. “Mas o jornal que de fato lançou primeiro a sua edição *online* foi o Jornal do Brasil (www.jb.com.br), em 28 de maio de 1995” (BARBOSA, 2001, p.7).

⁶⁰ Existe uma vasta nomenclatura para identificar o jornalismo praticado na internet: jornalismo eletrônico, digital, online, webjornalismo, jornalismo multimídia, ciberjornalismo. Cada uma delas tem uma particularidade (MIELNICZUK, 2003). Contudo, não há espaço e nem é o objetivo desse trabalho entrar nessa polêmica taxonômica. Para o momento, basta esclarecer que a dissertação vai adotar o uso do termo jornalismo online por este referir-se à produção de notícias em rede e em tempo real.

Menos de dois meses depois vários outros jornais têm suas *home-pages* registradas na WWW, como *Estado de S. Paulo*, a *Folha de S. Paulo* (julho), *O Globo* (setembro), *O Estado de Minas*, o *Zero Hora* (julho), o *Diário de Pernambuco* e o *Diário do Nordeste* (julho). Nenhum deles, com exceção do *JB On-Line*, que entra em acordo com a *Agência JB* em janeiro de 1996 para uma alimentação permanente de sua edição digital, atua com a noção de *tempo real*. Alguns sequer são atualizados diariamente, como o *Estado de Minas* e o *Zero Hora*, que tem caráter semanal (PALACIOS; MACHADO, 1997, p.5 e 6).

Mesmo que o jornalismo produzido para a internet tenha passado por três fases⁶¹ até incorporar as características que possui hoje, já no momento do nascimento de um jornalismo produzido e distribuído nas redes telemáticas alteram-se várias práticas já instituídas, como a relação jornalista/informação.

Essa nova forma de fazer jornalismo – em rede – além de dar voz a fontes que antes não tinham espaço para manifestar-se, ou seja, fazer do usuário fonte para uma matéria jornalística, também muda a relação entre produtores e consumidores da informação. Como nesse ambiente digital a interlocução entre consumidor e o fornecedor fica mais estreita, o usuário passa a intervir mais no processo de construção da notícia ao opinar sobre matérias já veiculadas e sugerir pautas. “O que era unidirecional passou a ser reticular” (SILVA, 1997, p. 254). Contudo, o monopólio da redação da matéria jornalística ainda era do repórter.

A essa característica do novo suporte, Palácios (2003) chama de interatividade⁶², porque permite a participação do leitor/usuário por meio de troca de e-mails com os jornalistas ou através de fóruns de discussão. A navegação pelo hipertexto também pode ser considerada como uma situação interativa (PALÁCIOS; MACHADO, 1997).

Outras cinco características elencadas por Palácios (2003) complementam a primeira: a multimídia, devido à convergência dos formatos das mídias tradicionais – como

⁶¹ Mielniczuk (2003) propõe uma classificação que contempla o webjornal a partir da esfera do produto. A autora divide a trajetória percorrida pelos produtos jornalísticos desenvolvidos para a *web* em três momentos: produtos de primeira geração ou fase da transposição, em que os produtos oferecidos eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar o espaço na Internet; produtos de segunda geração ou fase da metáfora, quando mesmo ‘atrelado’ ao modelo do jornal impresso, começam a ocorrer experiências na tentativa de explorar as características específicas oferecidas pela rede; e produtos de terceira geração ou fase da exploração das características do suporte *web*. Neste estágio, os produtos jornalísticos apresentam: recursos em multimídia, recursos de interatividade, opções para a configuração do produto de acordo com interesses pessoais de cada leitor/usuário, utilização do hipertexto não apenas como um recurso de organização das informações da edição, mas também como uma possibilidade na narrativa jornalística de fatos, e atualização contínua no webjornal e não apenas na seção ‘últimas notícias’.

⁶² Contudo, de acordo com Vittadini (1995) a interatividade só ocorre por meio do contato interpessoal porque pressupõe uma relação dialógica de dar e receber em que os interlocutores adaptam o diálogo as necessidades do outro. A essa característica identificada por Palácios (2003) ela denomina interação, ou seja, o contato interpessoal indireto, mediado por computador.

imagem, som e texto – para a construção do fato jornalístico na internet; a hipertextualidade, entendida como uma ferramenta que possibilita a interconexão de textos por meio de links⁶³; a customização de conteúdo ou personalização, que é uma opção oferecida ao usuário para configurar os produtos jornalísticos de acordo com seus interesses particulares; a memória, que é a acumulação de informações no ciberespaço; e a instantaneidade ou atualização contínua que se refere à agilidade de atualização dos conteúdos dos jornais da web, o que propicia o monitoramento contínuo de fatos ou assuntos de maior interesse.

2.1.1 O computador e a convergência jornalística

Até aqui o computador teve, pelo menos, três usos na produção da matéria jornalística: ferramenta para redação dos textos, ferramenta para pesquisa em rede e ferramenta para reportagem assistida por computador (**MAIS DO QUE PESQUISAR, ERA POSSÍVEL REUNIR DADOS EM PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA CONFRONTÁ-LOS**), incluindo aqui a possibilidade de o usuário servir também como fonte da empresa jornalística. A internet até esse momento é vista como uma nova mídia, com atuação independente das demais.

Num segundo momento, quando a internet transforma-se em “espaço” para publicação de matérias jornalísticas (jornalismo online), as audiências (**QUE TINHAM TV, JORNAL E RÁDIO COMO ÚNICA REFERÊNCIA**) começaram a fragmentar-se. A nova mídia atraía a atenção por características como a possibilidade de divulgação imediata de conteúdos e sem custo de distribuição, a quebra de barreiras de divulgação, uma vez que tem abrangência global, e por sua capacidade ilimitada de armazenamento, além da possibilidade de interação com o leitor (SALAVERRIA, 2000). Outra vantagem era que a mídia *online* não exigia licença para operar, o que a tornava mais barata em relação às demais. Em razão disso, podia oferecer espaços publicitários bem mais em conta se comparados ao rádio, à televisão e ao jornal que, além de pagarem concessões para funcionar, tinham gastos com a distribuição da notícia.

⁶³ Links são palavras destacadas no texto, geralmente em negrito ou itálico, por meio das quais se navega de um arquivo a outro (PALACIOS; MACHADO, 1997).

Em razão de todas essas transformações, começou a configurar-se a convergência jornalística. E de mídia autônoma, a internet passou a ser a articuladora das demais mídias ditas tradicionais – jornal, rádio e televisão.

La convergencia periodística es un proceso multidimensional que, facilitado por la implantación generalizada de las tecnologías digitales de telecomunicación, afecta el ámbito tecnológico, empresarial, profesional y editorial de los medios de comunicación, propiciando una integración de herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes anteriormente disgregados, de forma que los periodistas elaboran contenidos que se distribuyen a través de múltiples plataformas, mediante los lenguajes propios de cada una (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.45).⁶⁴

Para que essa convergência ocorresse, as empresas de comunicação começaram a providenciar mudanças em quatro dimensões: na organização interna das empresas, na tecnologia de produção, no perfil dos jornalistas e no conteúdo das informações veiculadas.

Empresas que detinham uma única mídia diversificaram suas plataformas de veiculação de conteúdos em busca de consumidores para seus produtos e de anunciantes.

Hasta finales de los años 1980, apenas se localizaban empresas periodísticas que desarrollaran una estrategia de diversificación y coordinación editorial entre los diferentes medios de su propiedad. En aquel escenario, cada medio, aun perteneciendo a una única empresa matriz, hacía la batalla periodística por su cuenta. (...) Sin embargo, durante los años 1990 esta estrategia empresarial cambió. Siguiendo el ejemplo de las empresas de comunicación sobre todo norteamericanas, que iban configurando cadenas de medios o *networks* cada vez más amplias, las empresas del resto de los países occidentales emprendieron el mismo camino. El objetivo ya no era poseer medios aislados sino conjuntos poderosos. No se buscaba la originalidad sino la hegemonía (SALAVERRIA, 2000, p.8).⁶⁵

A diferença é que antes da integração, os meios – rádio, televisão, jornal e internet – eram considerados concorrentes, ainda que pertencentes a um mesmo grupo empresarial. Hoje trabalham juntos, de forma coordenada, com o único propósito de informar o público na hora e onde ele desejar encontrar informação; “(...) solo tiene sentido reservar una información para el día siguiente se existe la total seguridad de que ningún outro medio la

⁶⁴ “A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta os âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.45).

⁶⁵ “Até o final dos anos 80, apenas se encontravam empresas jornalísticas que desenvolviam uma estratégia de diversificação e produção editorial entre os diferentes meios de sua propriedade. Naquele cenário, cada meio, mesmo pertencendo a uma única empresa matriz, fazia a batalha jornalística por sua conta. (...) Entretanto, durante os anos 90 esta estratégia empresarial mudou. Seguindo o exemplo das empresas de comunicação, sobretudo as norte-americanas, que estavam configurando cadeias de meios ou *networks* cada vez mais amplas, as empresas do resto dos países ocidentais empreenderam o mesmo caminho. O objetivo já não era possuir meios isolados, mas sim conjuntos poderosos. Não se buscava a originalidade, mas sim a hegemonia” (SALAVERRIA, 2000, p.8).

desvelará primero” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p. 174).⁶⁶ Hoje, as empresas estão apostando em uma coordenação editorial, colocando os meios a trabalhar de forma que um complemente o outro. Eis que se consolida a primeira das quatro esferas que levam a convergência jornalística: a convergência empresarial.

Após aumentar o leque de meios para a divulgação de conteúdos, as empresas passaram a uniformizar suas ferramentas e sistemas de edição, tornando possível a convergência tecnológica. De modo que programas de computador usados para editar imagens televisivas podiam ser adotados na edição de imagens para veicular na internet. Da mesma forma com o som digital.

En el pasado, los periodistas de prensa, radio y televisión se distinguían, entre otras cosas, por trabajar con herramientas muy diferentes. El redactor de un periódico se enfrentaba a diario a una máquina de escribir; el locutor de radio, a un micrófono y un magnetófono; y el presentador de televisión, a una cámara y a un dispositivo de edición de vídeo. Hoy día, el ordenador ha venido a integrar en un único aparato todas esas tecnologías para la redacción y la edición audiovisual (SALAVERRIA; GARCIA AVILES, 2008, p.36).⁶⁷

O uso de ferramentas de trabalho comuns a todas as plataformas desencadeia a convergência profissional. O jornalista é empurrado para uma “polivalência” cada vez maior, assumindo tarefas que no passado eram executadas por mais de uma pessoa. O “hombre orquesta” (SALAVERRIA, 2003) ou o “superperiodista” (GARCIA AVILES, 2006) é incentivado a assumir responsabilidades distintas, conforme seu perfil. Em determinados momentos, esse profissional poderá ser estimulado a desempenhar a chamada “polivalência funcional”, quando assume múltiplas tarefas como apurar, redigir e editar notícias para várias editorias (Política, Economia, Variedades etc) em um único meio de comunicação – rádio, jornal ou *web*. Ou poderá ainda desenvolver uma “polivalência mediática”, que é o perfil mais requisitado nas redações integradas. Nesse caso, o repórter torna-se especialista em um assunto e produz conteúdo para diferentes mídias, moldando a matéria às potencialidades de cada um dos suportes. O profissional que cumpre com essas funções também é denominado “periodista multiplataforma” (SALAVERRIA, 2003).

⁶⁶ “(...) Só tem sentido guardar uma informação para a publicação no dia seguinte se existe a total garantia de que nenhum outro meio irá divulgá-la primeiro” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p. 174).

⁶⁷ “No passado, os jornalistas da mídia impressa, do rádio e da televisão se distinguiam, entre outras coisas, por trabalhar com ferramentas muito diferentes. O redator de um jornal enfrentava dia-a-dia uma máquina de escrever, o locutor de rádio, um microfone e um magnetofone; e o apresentador de televisão, uma câmera e um dispositivo de edição de vídeo. Hoje em dia, o computador veio para integrar em um único aparelho todas as tecnologias para redação e a edição audiovisual” (SALAVERRIA ; GARCIA AVILES, 2008, p. 36).

En la nueva lógica multiplataforma, un reportero cubre un asunto, lanza una pieza breve para la edición digital, elabora la crónica completa para el papel, y posteriormente comenta la noticia en su blog del periódico, o puede ser entrevistado en audio o vídeo, con distintos formatos de salida (televisión, radio, podcast, vídeo online...). La fórmula esta clara: el periodista cubre un asunto y lo difunde a través de distintas plataformas (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p. 165).⁶⁸

Por meio dessa estratégia, os grupos de comunicação proporcionam ainda, além da economia com gastos de mão-de-obra, a promoção contínua de todos os seus veículos, de forma que os meios alimentam as audiências de seus companheiros de empresa, e a audiência capturada circula por canais diferentes dentro de um mesmo grupo de comunicação (SALAVERRIA, 2000).

Apesar de o mercado estar em busca das habilidades do “hombre orquestra”, Salaverria e Negredo (2008) orientam que o jornalista não deve se render a essa exigência, pois ela é prejudicial tanto para o profissional quanto para a notícia. Gradim (2002) alerta que ao estimular a polivalência jornalística, as empresas podem comprometer a qualidade da notícia, pois produzir notícias para diferentes suportes exige um tempo maior do jornalista; tempo esse que deveria ser usado na investigação e verificação dos dados da matéria. “É a própria noção de jornalismo de excelência (*top quality journalism*) que fica ameaçada com a emergência do profissional tudo-em-um, que produzirá, na maioria dos casos, jornalismo medíocre” (GRADIM, 2002, p. 9).

Mesmo sem acreditar na possibilidade da atuação diária do “periodista multimedia” – profissional capaz de desempenhar todo tipo de tarefa em todas as mídias –, Salaverria e Negredo (2008) não descartam essa prática em coberturas específicas e previamente planejadas. Por isso, não atuar de forma constante como multimídia não isenta o profissional de entender as diferentes narrativas jornalísticas e identificar qual delas – texto, imagem e som ou todas juntas – é a mais viável para apresentar determinada matéria. Não isenta o profissional de conhecer a potencialidade de tais recursos, para orientar o técnico responsável na hora de colocar as idéias em prática.

⁶⁸ “Na nova lógica multiplataforma, um repórter cobre um assunto, lança uma nota breve para a edição digital, elabora a reportagem completa para o papel, e, posteriormente, comenta a notícia em seu blog do periódico, ou pode ser entrevistado em áudio ou vídeo, com distintos formatos de saída (televisão, rádio, podcast, vídeo online). A fórmula está clara: o jornalista cobre um assunto e o difunde através de distintas plataformas” (SALAVERRIA ; NEGREDO, 2008, p.165).

A última esfera da convergência jornalística – a da convergência de conteúdo – é também seu maior desafio. Porque, ao mesmo tempo em que a empresa jornalística produz conteúdos para ser veiculado em mídias diversificadas, essa informação precisa ser adaptada, segundo as particularidades de cada um dos suportes. De modo que ao abordar o mesmo assunto, o rádio irá explorar recursos sonoros que o jornal impresso não tem como oferecer ao leitor. A televisão irá mostrar imagens que o rádio não tem condições técnicas de mostrar. Esse cuidado na construção da narrativa jornalística é fundamental para que não ocorra o chamado *shovelware*, um termo já usado por Pavlik (2001), que significa a publicação de informação a granel, sem seleção ou adaptabilidade ao suporte. O risco de oferecer uma mesma informação, da mesma forma, nos diferentes suportes de uma empresa jornalística é deixar o leitor/telespectador/ouvinte enfadado e “empurrá-lo” para empresas concorrentes em busca de narrativas mais atrativas.

A soma dessas quatro esferas de convergência gerou uma nova ambiência de trabalho, a redação integrada⁶⁹. Um novo método de trabalho “capaz de nutrir de contenidos a dos o más medios mediante una única unidad de producción” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.51)⁷⁰. Não há um modelo único de redação integrada uma vez que há empresas que unem jornal e web na cobertura jornalística, outras televisão e web, ou web e rádio, e outras ainda que mesclam todas as mídias. Mas, em todas elas, há sempre a internet como mídia agregadora porque ela é a única capaz de publicação imediata de conteúdos e de interação contínua com os usuários.

Contudo, além de todas as convergências já citadas – empresarial, tecnológica, profissional e de conteúdo –, para que a redação integrada tenha êxito, é preciso superar obstáculos internos do ambiente de trabalho. Trabalhar em equipe passa a ser um pré-requisito básico para atuar nessa nova ambiência, em que a notícia é produzida e gerada 24h por dia, sete dias por semana. A equipe do *online* tem pressa e sede de informações atualizadas.

Inmediatez. En la nueva lógica multiplataforma, cuando se produce una noticia de última hora o una novedad de alcance, el reportero que está sobre o terreno, cualquiera que sea el medio para el que trabaja primordialmente, está obligado a informar a sus colegas de la edición digital, para que estos puedan publicar de

⁶⁹ Antes de elaborar o conceito e a definição de redação integrada, o autor referia-se ao mesmo fenômeno como *integración multimedia* (SALAVERRIA, 2000).

⁷⁰ “capaz de nutrir de conteúdos dois ou mais meios mediante uma única unidade de produção” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.51).

inmediato en la web el flash informativo (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.157).⁷¹

Porém, essa colaboração tem de ser feita de forma contínua, permanente, não esporádica. “La simples cooperación entre medios no es convergência” (GARCIA AVILES, 2006, p.3)⁷². Olga Armas também divide esse pensamento. Para ela, a “convergência de redacciones” só será possível quando os jornalistas produzirem informações de forma permanente para os veículos que integram essa redação, ao invés de produzirem colaborações dispersas, características de redações comuns (ARMAS, 2003).

O jornalista que quiser trabalhar em um modelo de redação integrada, que conjugue jornal impresso e *online*, por exemplo, precisa ter consciência de que terá mais responsabilidades porque terá de atender dois tipos diferentes de leitores: o do jornal impresso, que quer uma matéria bem apurada, contextualizada e analítica, e o do *online*, que busca, em primeiro lugar, informações em primeira mão. Mas, apesar da rapidez exigida pelo jornal *online*, o “jornalista-integrado” não pode perder o foco na qualidade da informação. “La esencia de los medios de comunicación, del periodismo en definitiva, no reside en los soportes de distribución sino en la información” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p. 173).⁷³

A redação integrada (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008), quando bem executada, traz vantagens para a empresa de comunicação. Uma delas é mais agilidade na gestão de tempo, porque ao invés de cada uma das mídias fazer a apuração de todos os assuntos da pauta, os temas são distribuídos. Cada equipe apura uma informação e os dados apurados são socializados no grupo, que dá a destinação de acordo com a forma que seu canal exigir: som, imagem, texto e foto. A redação integrada possibilita também mais proximidade com a audiência. Mesmo em veículos unidirecionais como rádio, televisão e impresso, se há um jornal *online* integrado ao grupo, comentários, críticas e sugestões acabam chegando por meio da internet. Outro ponto positivo do novo método de trabalho é que a redação integrada possibilita uma “mayor coordinación editorial entre los distintos medios de un

⁷¹“Rapidez. Na nova lógica multiplataforma, quando se produz uma notícia de última hora ou uma novidade de alcance, o repórter que está sobre o terreno, qualquer que seja o meio para ele que trabalha primordialmente, está obrigado a informar a seu colega de edição digital, para que este possa publicar de imediato na web o flash informativo” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.157).

⁷² “A simples cooperación entre os meios não é convergência” (GARCIA AVILES, 2006, p.3).

⁷³ “A essência dos meios de comunicação, do jornalismo em particular, não reside nos suportes de distribuição e sim na informação” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p. 173).

mismo grupo. También una mayor capacidad de hacer apuestas informativas comunes (...)” (SALAVERRIA, 2009, *online*)⁷⁴.

Los medios integrados en un mismo grupo pueden beneficiarse de las colaboraciones en varios ámbitos: comparten fuentes informativas y documentales; consiguen aumentar la eficacia, por ejemplo, al gestionar publicidad para varios soportes; el prestigio de los medios más consolidados favorece la iniciativas más recientes; además, pueden utilizar los mismos inmuebles y sistemas de producción así como aprovechar los estudios de mercado del grupo (GARCIA AVILES, 2006).⁷⁵

Esse novo método de trabalho não tem um modelo fixo estabelecido. Cada empresa deve analisar o perfil e o comportamento das audiências de seus meios, as tecnologias disponíveis e os ciclos de produção de cada um dos veículos antes de definir de que forma irá trabalhar. Não há uma fórmula pronta a ser aplicada que garanta a eficácia do método (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008).

Os autores visitaram oito redações integradas⁷⁶, em diferentes países, para verificar de que forma funcionava a redação integrada e comprovaram que cada grupo de comunicação segue suas particularidades, ora integrando jornal e *web*, ora acrescentando a essa dupla a televisão, ora incorporando ainda o rádio a esse mesmo sistema produtivo.

2.1.2 Como definir a redação de *Zero Hora*

A redação de *Zero Hora* apresenta métodos híbridos de trabalho, uma vez que reúne ferramentas e posturas adotadas pelas diferentes redações integradas visitadas pelos pesquisadores espanhóis. Com base na observação de campo, esse trabalho pretende apontar, a partir de agora, quais os procedimentos incorporados pelo periódico.

Antes, porém, é necessário citar algumas particularidades apresentadas pelo jornal gaúcho. Ao contrário de todas as redações integradas analisadas por Salaverria e Negredo

⁷⁴ “maior coordenação editorial entre os distintos meios de um mesmo grupo. Também uma maior capacidade de fazer apostas informativas comuns (...)” (SALAVERRIA, 2009, *online*).

⁷⁵ Os meios integrados no mesmo grupo podem beneficiar-se das colaborações em vários âmbitos: compartilham fontes informativas e documentais; conseguem aumentar a eficácia, por exemplo, ao gerenciar publicidade para vários suportes; o prestígio dos meios mais consolidados favorece as iniciativas mais recentes; além disso, podem utilizar os mesmos imóveis e sistemas de produção assim como aproveitar os estudos de mercado do grupo (GARCIA AVILES, 2006).

⁷⁶ As redações visitadas são dos grupos: *Tampa News Center* (EUA), *The Daily Telegraph* (Austrália), *The New York Times* (EUA), *Financial Times* (Reino Unido), *Guardian Media Group* (Reino Unido), *O Estado de S. Paulo* (Brasil), *Schibsted* (Noruega) e *Clarín* (Argentina).

(2008), que demitiram profissionais por causa da integração, *Zero Hora* contratou 34 jornalistas com diferentes especialidades para atuar no *zerohora.com*.

Outra singularidade é que o jornal *zerohora.com*, com atualização constante e conteúdos exclusivos para a internet, apareceu junto com a redação integrada, e não antes como na maior parte dos casos apresentados. Houve tentativas anteriores de veicular conteúdo na web, porém, no primeiro momento, o jornal ficou na fase de transposição dos conteúdos do impresso para o jornal *online*. Num segundo momento, mesmo assinando agências e disponibilizando notícias atuais, a produção não era feita por equipe própria nem tinha como foco pautas regionais. As informações veiculadas eram as originadas das agências nacionais.

Zero Hora também não mudou de prédio para colocar em prática a redação integrada, como fez a maioria dos jornais. Incorporou a nova equipe ao já existente ambiente de trabalho do jornal impresso, que funciona no terceiro andar do prédio localizado na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre (RS).

Além dessas singularidades, *Zero Hora* adota rotinas produtivas que coincidem com as incorporadas por outros jornais de redação integrada. Em comum com a redação integrada do grupo norte-americano *Tampa News Center*, *Zero Hora* apresenta na sua rotina produtiva o **sistema de superdesk** – uma mesa multimídia onde ficam os chefes dos diferentes veículos envolvidos na redação integrada. No caso do jornal gaúcho, dividem esse espaço os editores-chefes do jornal impresso e do *online*, além dos editores executivos de fotografia, arte e diagramação.

A mesma mesa de trabalho, no jornal *Estado de S. Paulo*, recebe o nome de **mesa central**. É em volta dela que os responsáveis pelos diferentes suportes trocam informações e negociam decisões, como sobre quem enviar para cobrir um acontecimento cuja narrativa precisa ser adaptada para divulgação nos veículos que fazem parte da Redação Integrada. No conglomerado escandinavo *Schibsted*, a mesa que decide o que fazer com os conteúdos em cada momento – publicar imediatamente na internet, lançar um alerta SMS, guardá-lo para edição do papel, reter a informação durante algumas horas ou dividi-la entre os distintos suportes – é chamada **mesa H**.

Nos três casos, apesar das diferentes denominações, a mesa tem o mesmo propósito: reunir profissionais responsáveis pelas diferentes edições e facilitar a comunicação e, conseqüentemente, a tomada de decisão entre eles.

O periódico britânico *The Daily Telegraph* distribuiu as mesas onde ficam as diferentes editorias, no formato de uma estrela. De uma mesa redonda central, na qual estão posicionados os editores chefe, partem os chamados raios da estrela. Esses raios são, na verdade, as mesas compridas que reúnem uma dezena de jornalistas encarregados de cobrir assuntos variados. Todos trabalham, indistintamente, para os jornais impresso e *online*.

Zero Hora não adota o formato estrela, mas a distribuição das mesas tem o mesmo propósito. Há uma mesa central, para os editores-chefes e os editores executivos, e mesas paralelas onde estão distribuídas as editorias. Sentados na cabeceira mais próxima à mesa central, estão os editores de área (Política, Variedades, Geral, Esporte etc). A posição estratégica visa facilitar a comunicação dos editores com os editores-chefes. Os jornalistas têm como prioridade cobrir e redigir informações para seu veículo de origem; no entanto, em muitos casos, há colaboração, de modo que o jornalista do impresso também redige conteúdo para o jornal *online*. Outra diferença é que na redação de *Zero Hora* há uma mesa exclusiva para os redatores do jornal *online* – jornalistas contratados para monitorar as agências de notícias e redigir informações para alimentar o *site*.

Quanto à produção da notícia, ao mesmo tempo em que há um trabalho conjunto entre o jornal impresso e o *online*, em *The Telegraph* e *ZH*, os jornais têm **independência editorial** para apurar e propor matérias exclusivas. Quando o impresso está envolvido em uma matéria investigativa, o *online* evita fazer chamadas sobre o assunto para não alertar os concorrentes.

O *Tampa News Center* desenvolveu os chamados **Círculos Informativos**, que produzem as notícias. Cada grupo é formado por repórteres, editores, produtores televisivos (porque nesse jornal a TV faz parte da redação integrada), fotógrafos e cinegrafistas. Todos trabalham para criar peças informativas que serão veiculadas em todas as plataformas. Em *ZH*, este círculo informativo existe na esfera do planejamento, não da execução. Diferentes profissionais se encontram nas três reuniões de pauta diárias e planejam tanto o jornal impresso quanto o *online*, definindo de que forma será feita a cobertura em cada um dos veículos e que tipo de narrativa midiática (áudio, vídeo, *slideshow*, infografia) será usada.

Assim como o jornal britânico *The Daily Telegraph*, ZH abandonou a noção de que as notícias só saem pela manhã e de que a internet é um meio subordinado ao jornal. A informação factual é divulgada primeiro na internet. Ao impresso cabe aprofundar o assunto em matérias que tragam a análise dos fatos⁷⁷.

O jornal de papel está cada vez mais analítico e de contextualização dos fatos. Ou seja, o jornal explica porque as coisas aconteceram, como as coisas aconteceram e antecipa o que vem por aí (análise). Enquanto que no site os jornais são muito mais notícias rápidas, de atualização constante, dizendo o que aconteceu. E um complementa o outro (GLEICH, 2007, *online*)⁷⁸.

Esta estratégia parte do princípio de que é preciso dar às pessoas o que elas querem, na hora que procuram. O grande desafio das empresas de comunicação é continuar fazendo jornalismo de qualidade, prestação de serviço para os seus leitores. A plataforma em que o leitor vai receber a informação passa a ser irrelevante. Ele vai receber naquela que lhe for mais conveniente (SIROTSKY, 2009, *online*)⁷⁹.

Zero Hora adotou também uma versão parecida com o *News Now* desenvolvido pelo jornal britânico *The Daily Telegraph*. A diferença é que, enquanto no periódico estrangeiro um membro da direção da empresa faz o comentário em vídeo da principal notícia do dia, em ZH, quem aparece na bancada é um jornalista do impresso, que traz como complemento a análise sobre o fato e a opinião da empresa jornalística.

O grupo britânico *Guardian Media Group* aderiu à **convergência de conteúdo em escala regional**. ZH também desenvolveu uma espécie de integração de redações à distância, proporcionada por programas de informática capazes de permitir essa troca de informações. Redações de jornais regionais como o *Diário de Santa Maria*, em Santa Maria (RS), o *Pioneiro*, em Caxias do Sul (RS), e o *Diário Catarinense*, em Florianópolis (SC) contribuem diariamente com a versão *online* e impressa do jornal.

Para a versão *online*, o conteúdo não passa por qualquer tipo de edição prévia. Basta o jornalista responsável pelo *site* em questão dar o comando de publicar como interesse

⁷⁷ Salaverria acredita que o jornal impresso irá se transformar em um meio de nicho, orientado para as elites sociais, que buscam uma informação mais “destilada, reflexionada, con apuntes sobre lo que pasa y lo que puede pasar. En fin un periodismo de primera calidad. No digo que Internet no pueda ofrecer lo mismo, pero está mejor preparada para información de última hora (...)” (SALAVERRIA, 2009, *online*).

⁷⁸ Diretora de jornais online do Grupo RBS, Marta Gleich. Entrevista concedida em 22/9/2007 à equipe do site Cyberfam. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=ou2f42vp_pI. Acesso em: 10 de ago. de 2009.

⁷⁹ Entrevista dada por Nelson Sirotsky, presidente do Grupo RBS, sobre o futuro do jornal impresso. Disponível em http://www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/html_45Anos/index.html. Acesso em: 18 de ago. de 2009.

estadual, que a informação entra em todos os jornais interligados do grupo. Para a publicação no jornal impresso, as matérias já revisadas são disponibilizadas nas pastas de número cinco de cada editoria, em um programa chamado *News2000*. Quando a notícia está na pasta de número cinco, significa que ela está liberada para a publicação. Os editores de todos os oito jornais do *Grupo RBS* têm permissão de usá-las na íntegra, nas suas páginas impressas.

Já os redatores que atuam na versão *online* de *ZH* e do *The Guardian* têm autonomia para redigir e publicar informações, vindas de agências de notícia, sem que a matéria seja lida ou revisada dentro da redação. O que comprova que os jornalistas assumem mais responsabilidades na redação integrada. “Un redactor de última hora debe ser capaz de editar lo que ha escrito para mejorar la legibilidad y corregir los errores antes de publicar, si es que ha llegado a cometer alguno” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.115)⁸⁰.

ZH também tem em comum com o diário britânico *Financial Times* o fato de que as equipes de desenho, infografia e fotografia trabalham para ambas as plataformas, impressa e *online*.

Quanto à divulgação dos conteúdos, *Tampa News Center* e *Zero Hora* obedecem ao princípio de difundir a notícia por meio da primeira plataforma disponível. Na maioria dos casos, se o fato ocorrer no início da tarde, ele será divulgado na internet e complementado no jornal impresso do dia seguinte. Porém, cada informação é avaliada de forma individual. Se os profissionais da *superdesk*, *mesa H* ou *mesa central* chegarem à conclusão de que estão diante de uma notícia exclusiva e tiverem a certeza de que nenhum outro veículo – seja da mesma empresa ou concorrente – irá divulgá-la antes, a informação será veiculada somente no jornal impresso do dia seguinte.

Mesmo não tendo uma redação integrada com a TV, como ocorre no *Estado de S. Paulo* – onde inclusive um editor da TV acompanha as reuniões de pauta e sugere os temas que podem ser explorados em vídeo –, *ZH* usa a televisão como suporte para chamar a atenção do público sobre o que será divulgado no jornal impresso ou sobre o que já está disponível no site. De um pequeno estúdio, de dentro da redação, repórteres e editores do jornal impresso entram ao vivo na TV Com (uma das emissoras do Grupo RBS) falando sobre as principais matérias que serão publicadas no dia seguinte. Dependendo do assunto, algumas

⁸⁰ “Um redator de última hora deve ser capaz de editar o que está escrito para melhorar a legibilidade e corrigir erros antes de publicar, se é que se chegou a cometer algum” (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008, p.115).

vezes, são feitas pequenas entrevistas ou comentários sobre as notícias que estão sendo apuradas.

Quanto às exigências profissionais, a exploração do perfil multimídia do jornalista, presente na redação integrada do *Tampa News Center*, ocorre também em *Zero Hora*. Porém, no periódico gaúcho, assim como no *Estado de S. Paulo*, não há uma exigência e, sim, um incentivo⁸¹ para que profissionais do impresso produzam conteúdo – texto, fotos, vídeos – para a internet. Assim como no *The New York Times*, dos jornalistas do impresso não se espera que produzam vídeos, mas, sim, que colaborem com o cinegrafista como fariam com o fotógrafo. Fazer locução e gravar matérias para a TV são tarefas opcionais.

Diante do que foi exposto, pode-se afirmar que não há uma forma única de redação integrada. *Zero Hora*, por exemplo, adota métodos híbridos de trabalho, mesclando padrões incorporados nos diferentes jornais visitados por Salaverria e Negredo (2008).

2.2 A influência da tecnologia na construção da matéria jornalística

Independente do suporte em que serão veiculadas – seja internet, jornal impresso, televisão ou rádio –, as informações coletadas pelos jornalistas sofrem uma série de influências internas e externas até se transformarem em notícia. Sousa (2000) afirma que a notícia é resultante da ação de seis forças: pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico e tecnológico, que agem de forma simultânea sobre o produto em gestação:

a) A atuação da força *pessoal* faz com que a notícia seja também consequência da intervenção de pessoas, sejam elas fontes ou o próprio jornalista, dotados de intenção. “As notícias possuem sempre a marca pessoas de quem as produzem” (SOUSA, 2000, p.48);

b) A força *social* pode ter duas naturezas. A chamada sócio-organizacional diz respeito ao meio organizacional (a empresa) em que a notícia foi construída ou fabricada. A

⁸¹ O termo incentivo foi mantido no corpo do trabalho, mesmo após o questionamento levantado pela banca durante a qualificação, porque não foi possível concluir que há um constrangimento (agir mediante coação, força) por parte da empresa jornalística para que os profissionais exerçam funções multimídias. Durante a observação participante nenhum jornalista deixou de fazer cobertura por não saber operar dispositivos móveis de produção e envio de material para a redação ou por não querer atuar em mais de uma mídia na cobertura do fato jornalístico.

segunda, a força social extra-organizacional, refere-se às influências exercidas pelo sistema social.

c) Pela ação da força *ideológica*, “as notícias são originadas pelas forças de interesse que dão coesão aos grupos, seja esse interesse consciente e assumido ou não” (SOUSA, 2000, p.18);

d) A força *cultural* segue essa mesma linha: “as notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribuiu a esse mesmo mundo (mundividência)” (SOUSA, 2003, 2).

e) A força do *meio físico* e tecnológico onde os dispositivos móveis vão influenciar na construção da notícia na medida em que as notícias dependem do meio físico em que são fabricadas (suportes) assim como dos dispositivos tecnológicos usados no seu processo de fabricação e veiculação. Como exemplo, o autor cita que “os meios informáticos permitem-lhe rever e alterar facilmente o texto, coisa que não acontecia com as antigas e pesadas máquinas, pelo que é de colocar como hipótese que com o advento dos meios informáticos nas redações a qualidade dos textos poderá ter melhorado” (SOUSA, 2000, p.94);

f) E, por fim, o sexto e último fator a influenciar na construção da notícia é a força *histórica*. “As notícias são um produto da história (...). A história proporciona os formatos, as maneiras de narrar e descrever, os meios de produção e de difusão (...)” (SOUSA, 2003, p.3).

A escolha do modelo de Sousa (2000) pressupõe que esta dissertação compartilha da opinião do autor e acredita que a notícia é resultante de uma série de forças em constante movimento, inclusive forças de caráter econômico. Um exemplo foi a crise vivenciada pelos jornais brasileiros em 2001 quando, mediante a desvalorização do real, a redução dos anúncios publicitários e o conseqüente aumento do preço do papel, muitas empresas jornalísticas se viram obrigadas a reduzir o número de páginas das suas edições (DUARTE, 2001, *online*). Devido a esse cenário de crise, as notícias foram afetadas uma vez que começou a ocorrer uma seleção mais rigorosa de informações a serem publicadas e/ou a redução no tamanho das notícias para que uma quantidade maior de informações coubesse no espaço reduzido do jornal.

Dito isso, pretende-se tornar explícito que mesmo o estudo tendo como objetivo principal investigar as transformações pelas quais passou a visualização da notícia, pelo viés

da incorporação das tecnologias, não se acredita em um determinismo tecnológico. Neste trabalho não se compartilha da idéia de que as tecnologias, em especial as usadas na comunicação de massa, são vistas como a principal motivadora das mudanças na sociedade, ignorando ou deixando em segundo plano os fatores humanos e sociais. Não se acredita na idéia de que a tecnologia é uma força independente, fora do controle humano.

A tecnologia, como bem diz Sousa (2000), é apenas uma das forças que influenciam na gestação de uma notícia. Contudo, não há tempo nem espaço aqui para que todas as seis forças sejam exploradas de maneira satisfatória. Por isso, optou-se por debruçar-se sobre a força tecnológica.

Feitos esses esclarecimentos introdutórios, mas necessários, parte-se agora para o momento de pontuar como as tecnologias usadas em *Zero Hora* afetam o produto final.

2.2.1 O uso das tecnologias móveis no jornalismo

Para tentar dar conta da agilidade exigida pela plataforma *online*, as redações integradas adotam ainda tecnologias móveis de produção e envio de material. As novas ferramentas servem a jornalistas do impresso que viajam para coberturas fora da cidade de origem e precisam mandar material para redação a tempo de ser publicado no dia seguinte. Mas, o uso mais freqüente é feito por jornalistas do *online* que saem para rua e geram textos e fotos diretamente do local dos fatos, minutos depois do ocorrido. No caso de *Zero Hora*, como a versão *online* do jornal conta somente com redatores (jornalistas que não saem da redação), essa função é cumprida por jornalistas do impresso que ajudam a atualizar o *site*.

Segundo Silva (2008), o jornalismo sempre perseguiu a idéia de transmissão em tempo real. Exemplos disso são as transmissões ao vivo de emissoras de rádio e televisão e a utilização de recursos como satélites ou veículos equipados com microondas para entradas ao vivo de qualquer parte do mundo e, no impresso, as tentativas feitas com o uso do telégrafo sem fio. No entanto, foi somente com a digitalização da informação seguida do uso de tecnologias móveis⁸² com capacidade para substituir os computadores de mesa (*desktops*),

⁸² Tecnologias móveis é um conjunto de aparatos digitais e portáteis que oferecem aos repórteres em campo novas condições técnicas e operacionais para a produção jornalística de forma remota. Fazem parte do grupo das tecnologias móveis, equipamentos como *smartphones*, *palmtops*, *notebooks*, mini-laptops, celulares, *PDA* 's, gravadores e câmeras digitais, aplicativos portáteis como *pen drive* e similares; enquanto que as conexões sem

que, a partir da década de 1990, o repórter ganhou mobilidade pelo espaço urbano e surgiu o jornalismo móvel.⁸³ Antes disso, o uso de *notebooks* e telefones celulares na cobertura jornalística já era uma realidade. Mas, sem a tecnologia sem fio adotada hoje, os computadores portáteis exigiam uma fonte de energia elétrica para funcionar, deixando o jornalista sem mobilidade. Na era analógica, os celulares não dispunham da tecnologia 3G, não sendo considerados ainda dispositivos híbridos (LEMOS, 2007). Eram utilizados apenas no seu modo voz.

Atualmente, o telefone celular é usado como uma plataforma de produção móvel devido aos seus avanços na incorporação de múltiplas funções, como o tráfego de dados em banda larga 3G ou Wi-Fi. É, portanto, o segundo grande momento do emprego do celular nas redações. O primeiro ocorreu em meados nos anos 1990, quando o aparelho “revolucionou” as rotinas produtivas, provocando uma ruptura nas barreiras de espaço e tempo, porque permitiu um contato imediato com o entrevistado.

O uso dos dispositivos móveis permitiu a descentralização das práticas produtivas do interior da redação para o campo ou espaço urbano (SILVA, 2007). Isso proporcionou mais liberdade e velocidade para o repórter apurar e produzir notícias, assim como para disponibilizá-las na rede. Essa dinamicidade gerou o chamado ambiente móvel de produção, isto é, “uma estrutura composta por tecnologias móveis e conexões sem fio que permite a execução de variadas tarefas de produção, edição e postagem de praticamente qualquer lugar pela sua especificidade de poder ser encarada como uma ‘redação virtual’ conectada com outra estrutura física redacional” (SILVA, 2007, p.5).

Las herramientas digitales de recorrida de datos, producción, edición y comunicación, se han vuelto cada vez más portátiles, baratas y potentes, con lo que los periodistas son capaces de hacer sobre o terreno lo mismo que en la hiperconectada redacción central. Estas herramientas, sumadas, le brindan al periodista técnicas cada vez más eficaces de encontrar fuentes diversas y confiables, comprobar los hechos y llegar a tiempo ao cierre (PAVLIK, 2005, p.87)⁸⁴.

fio são formadas por *Wi-Fi*, *WiMax*, *Bluetooth* e tecnologia de terceira geração 3G (SILVA, 2008b). Contudo, nesse trabalho será abordado o uso apenas do telefone celular, do *notebook* e das câmeras fotográficas digitais.

⁸³ Existem dois significados correntes para o termo jornalismo móvel. Um refere-se à divulgação e recepção de conteúdo para celulares. O outro, adotado por SILVA (2008b), e incorporado nesse trabalho, diz respeito à produção de conteúdo por meio de dispositivos móveis.

⁸⁴ “As ferramentas digitais de coleta de dados, produção, edição e comunicação, estão cada vez mais portáteis, baratas e potentes, com isso os jornalistas são capazes de fazer na rua o mesmo que fazem na redação. Essas ferramentas, somadas, oferecem ao jornalista técnicas cada vez mais eficazes de encontrar fontes diversas e confiáveis, comprobar os fatos e chegar a tempo do fechamento” (PAVLIK, 2005, p.87).

A principal consequência é que a tecnologia digital ajudou a impulsionar o jornalismo em tempo real e o repórter, seja ele fotográfico ou não, acabou enfrentando um *deadline* constante. “Não se pode brigar com a realidade. Velocidade é uma das principais vantagens do jornalismo na internet. (...) Ao reinventar o jornal na internet, temos que dar prioridade aos fatos que estão acontecendo ou acabam de acontecer” (ALVES, 2001).

Essa pressão influenciou tanto a divulgação imediata de informações, que no decorrer do dia podem ser desmentidas pela entrada de novos dados, quanto a frustração dos fotógrafos que, muitas vezes, precisam antecipar fotografias para alimentar o *site*. Uma queixa unânime entre os profissionais entrevistados no primeiro capítulo foi a de que os redatores do *online*, ao perseguirem essa instantaneidade na publicação de informações, muitas vezes atropelam o “momento da fotografia” ao pedir para que se antecipe o envio de imagens para o *site*.

Há alguns anos, mais precisamente no final dos anos 90, criei alguns “inimigos” ao afirmar categoricamente que o fotojornalismo havia morrido. Continuo pensando da mesma maneira. Não sumiu a foto da imprensa, mas sumiu o conceito de informar por imagem. Temos uma imprensa baseada no personalismo, na foto posada, deixamos de ter a ação (PERSICHETTI, 2006, p.185).

Paralelo a todas essas preocupações, o fotógrafo ganhou uma nova função: a de transmitir o material direto do local dos fatos se assim a versão *online* do jornal exigir. Então, se por um lado não há mais o envolvimento e o tempo gasto com a revelação do filme, como era na redação analógica, por outro, há essas novas responsabilidades.

Por outro lado, essas tecnologias móveis de produção – telefone celular que fotografa e envia textos e imagens, *notebook* e câmera digital – não são mais exclusividade dos profissionais da comunicação. Devido ao baixo custo dos equipamentos e à facilidade de operá-los – gerada por manuais cada vez mais didáticos e máquinas cada vez mais funcionais –, pessoas sem vínculo empregatício com as empresas jornalísticas também estão aptas a captar e gerar informações por meio de textos e imagens.

A tecnologia fotográfica digital é um exemplo. Quando começou a ganhar espaço, no início dos anos 1990, o preço elevado do equipamento⁸⁵ limitava o seu uso apenas a profissionais. Aos poucos, essa realidade foi se transformando. Com o lançamento da *Apple*, em 1992, o preço da câmera digital caiu bruscamente. A *QuickTake* foi vendida por US\$ 700,

⁸⁵ Em 1991, foi lançada a Kodak *DCS100*, baseada em um corpo Nikon *F3*. Era a primeira máquina digital², com resolução de 1.3 megapixels, armazenando fotos em um disco rígido de 200 MB. O equipamento era caro (cerca de US\$ 30 mil) (PALÁCIOS; MUNHOZ, 2007).

permitindo a popularização da fotografia digital e a crescente participação do cidadão comum na cobertura jornalística. Sete anos depois, já era possível adquirir uma máquina digital por US\$ 300. Conforme diminuía o preço, crescia o acesso ao equipamento. Atualmente, a maioria dos celulares tem uma câmera acoplada.

Em razão disso, a participação de leitores que enviam fotografias aumentou, desencadeando uma concorrência com os profissionais por espaço nas páginas dos jornais. O fotógrafo se queixa dizendo que precisa se superar a cada dia para garantir seu espaço no mercado de trabalho, já que a maior parte das imagens de acontecimentos factuais – sem hora e locais marcados – é capturada por amadores que presenciaram o fato.

Primo e Träsel (2006, p.4) também concordam que “as tecnologias digitais têm servido como motivador para uma maior interferência popular no processo noticioso”. Esta participação se deve, em grande parte, à flexibilização do acesso às redes e à vulgarização das máquinas de fotografia digital e celulares que podem captar fotos ou vídeos, tornando simples o envio de mensagens multimídia.

Erbolato (1981) já admitia a intensa participação de amadores na produção fotográfica jornalística, desde a era analógica, uma vez que o fotógrafo não conta com a possibilidade de ser onipresente. “Pode ocorrer que um amador, – e muitos deles têm grande perícia – documente uma cena, poucos segundos ou minutos depois que ela ocorreu e, por ter sido o único a registrá-la, o seu trabalho assume valor jornalístico” (ERBOLATO, 1981, p. 120). Contudo, a digitalização da imagem potencializou a participação de terceiros.

Essa crescente oferta de informação fotográfica, gerada pela liberação do pólo de emissão, coloca em evidência aquilo que é considerado por alguns críticos como a principal debilidade do jornalismo participativo e cidadão: a credibilidade do material enviado (OLIVEIRA; VICENTINI, 2009). Para minimizar esse risco, em 2007, com a revisão do Código de Ética dos jornalistas, foi acrescentado um artigo regulando questões referentes à manipulação da fotografia: “O jornalista deve rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações” (Art. 12, V). Mas não há nada que garanta que os leitores obedecerão a esse princípio.

Já outros autores rebatem essa desconfiança a respeito da tecnologia digital e da participação dos leitores, afirmando que é prudente lembrar que há registros de manipulação fotográfica no jornalismo, desde o uso da tecnologia analógica.

A lista de truques, encenações e manipulações na história do fotojornalismo é tão grande e tão antiga que já em 1938 a National Press Photographers, dos Estados Unidos, lançou um manifesto exigindo compromisso ético de credibilidade de seus associados. Historicamente, a manipulação fotográfica é muito mais analógica que digital (OLIVEIRA; VICENTINI, 2009, p. 111).

Mesmo com todas essas fragilidades apresentadas – a maior interferência do leitor e a facilidade para manipulação da imagem –, o fotojornalismo praticado na internet desfruta de uma vantagem em relação ao jornalismo impresso: a quebra dos limites de espaço (PALACIOS, 2003). A possibilidade de contar com um espaço ilimitado para a publicação de galerias de foto, dando mais visibilidade ao trabalho dos fotógrafos, só é possível na versão *online* dos jornais. Essa é a maior ruptura provocada pelo advento da web como suporte de mediação para o jornalismo. E isso ocorre porque o jornalismo *online* trabalha com um espaço ilimitado de armazenamento no que diz respeito à quantidade de informações que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição do seu público. “É fundamental que se enfatize que se trata da primeira vez que isso ocorre na História do Jornalismo, uma vez que, em todos os suportes anteriores (impresso, rádio e TV), o jornalista era obrigado a conviver com rígidas limitações de espaço” (PALACIOS, 2003a, p.3).

2.2.2 O uso das tecnologias móveis na redação integrada de *Zero Hora*

Apesar da abertura do pólo de emissão gerado pela internet, na versão impressa do jornal *Zero Hora*, o que impera, ainda, é a imagem feita pelo fotógrafo profissional e o texto produzido pelo repórter. O maior espaço dado não é para a fotografia enviada pelos leitores, mas para a fotografia profissional mais bem feita, acabada e criativa. O que prova que o movimento Pro-AM⁸⁶, já disseminado na versão *online* do jornal em seções colaborativas como a do Leitor-Repórter, não conseguiu perpassar para as práticas do jornalismo impresso. Na versão impressa de *Zero Hora*, não ocorre a apropriação de fotografias colaborativas,

⁸⁶ Segundo Anderson (2006), o movimento Pro-Am surge na Cauda Longa da informação, que se forma a partir da publicação de conteúdos e produtos de amadores no ciberespaço, atendendo nichos de preferência do público. Para Belochio (2009), o Pro-Am significa ainda a execução de tarefas que antes eram restritas a pessoas reconhecidamente capacitadas, com o apoio do público leigo disposto a se engajar.

mantendo-se o monopólio de emissão tanto do conteúdo fotográfico quanto de texto jornalístico. O que, segundo Belochio e Mielniczuk (2009) seria uma perda para o jornalismo. Movimentos como o Pro-Am poderiam contribuir nas rotinas de produção porque, a partir da sua dinâmica ampliam-se as possibilidades de troca instantânea nos processos de comunicação. Träsel (2006) também defende a participação dos usuários não especializados na produção de conteúdos disponibilizados na internet.

A abertura de canais de publicação para virtualmente qualquer um no ciberespaço não implica na publicação de notícias sem qualquer controle sobre a precisão dos fatos relatados. Pelo contrário, acredita-se que a possibilidade de intervenção de centenas ou milhares de leitores contribui para a exatidão das informações publicadas e incentiva uma maior variedade de interpretações (TRASEL, 2006, p. 8).

Os repórteres e fotógrafos passariam a contar com mais uma opção para suas investigações. E, afinal, como afirma Vilches (2006, p. 163) “o que menos interessa ao destinatário é o autor, com a condição de que a foto seja imediata.” O mesmo valeria para o texto jornalístico.

Como se vem pontuando, a disseminação das tecnologias digitais aproximou as condições de produção entre profissionais e amadores, possibilitando uma interferência maior desse último no circuito de produção da notícia. Ao perceber essa paridade de produção e distribuição de conteúdo, as empresas jornalísticas se vêem forçadas a ceder e utilizar com mais frequência essas imagens e textos produzidos pelos usuários.

(...) reconhecendo o potencial ou a ameaça dessa produção independente, cria projetos de jornalismo participativo como o FotoReporter ou Eu-Reporter para absorver esse conteúdo digital que estava disperso por ambientes abertos de blogs, moblogs, fotologs e sites sem a intervenção da mídia e que alcança níveis consideráveis de audiência nos nichos de atuação (SILVA, 2007, p. 4).

Mas, em *Zero Hora*, essa participação fica restrita à seção Leitor-Repórter da versão *online* do jornal. Poucas são as vezes em que a página de abertura do *site* se apropria de fotos feitas pelos leitores. Para conquistar tal espaço é preciso que essa produção faça referência a uma matéria de cunho factual, não capturada pela equipe do jornal, como flagrantes de acidentes ou desastres ambientais. Não é possível aqui quantificar as situações em que ocorreu o aproveitamento das imagens enviadas por pessoas fora do quadro de funcionários da empresa, mas é possível afirmar que a participação desses leitores na publicação de fotos é restrita ao *site*, não perpassando para a publicação nas páginas impressas.

No caso de textos, a singularidade é ainda maior. A interferência do leitor fica limitada à seção Leitor-Repórter. Quando informações repassadas por leitores ganham espaço tanto no jornal impresso como no *online*, esse contribuinte, no máximo, será transformado em fonte da matéria, não cabendo a ele a redação final da notícia. Prova disso é que não aparecem matérias assinadas por leitores fora da seção colaborativa. E, mesmo na seção *Leitor-Repórter*, a publicação de conteúdos informativos de amadores só ocorre após o material passar pelo crivo dos profissionais, como fica claro na explicação do *Passo a passo para participar do Leitor-Repórter*: “Seu material será submetido à avaliação dos editores de *zerohora.com* e levará até 48 horas para ser aprovado”.

Com isso, constata-se que a abertura do pólo de emissão (LEMOS, 2007) em *Zero Hora* é parcial. O modelo disseminado pelos veículos tradicionais (rádio, televisão e jornal impresso) conhecidos como “UM X TODOS” não é de todo rompido em *Zero Hora* (Wolton, 1999). A abertura dos pólos de emissão no modelo “TODOS X TODOS”, onde emissor e receptor interagem e os fluxos comunicacionais se tornam mais híbridos, só ocorre em espaços pré-definidos com o consentimento da empresa. Nesses espaços

(...) os lugares de emissor e receptor, claramente separados e fixos nas formas comunicacionais tradicionais, dão lugar a uma situação em que o consumidor das imagens pode, num momento seguinte, tornar-se produtor, abrindo caminho para processos participativos até então inéditos na história do fotojornalismo (MUNHOZ, 2007, p.2).

Uma preocupação advinda nessa nova realidade, onde a interferência do público é maior do que na fase analógica, é de que os jornalistas, sejam eles repórteres ou fotógrafos, perderiam a razão de existir já que o público estaria disposto a assumir o trabalho feito por esses profissionais sem receber remuneração em troca. Entretanto, Wolton (1999) afirma que mesmo ocorrendo a potencialização da participação do público na produção e disponibilização de informações, ainda assim será indispensável a presença de um *gatekeeper* (guardiões do portão) para triagem e validação desse material. Quanto mais informação existir, maior será a necessidade de intermediários para filtrar, priorizar e organizar esse material. Pavlik (2005) também acredita que, agora, mais do que nunca a intervenção do jornalista será fundamental:

(...) la avalancha de información disponible en internet ha llevado a la sociedad moderna de un estado de escasez de información a otro de abundancia (...). El

impacto sobre o periodismo es una necesidad cada vez mayor de periodistas que puedan ordenar toda esta avalancha de información (...) (PAVLIK, 2005, p.337).⁸⁷

Por outro lado, apesar de todas as vantagens resultantes do uso dos computadores na redação apontadas até aqui – como uso de base de dados para construção da notícia, ampliação das fontes de informação, mais aproximação com o leitor, o uso de dispositivos móveis para apuração e envio da informação –, a tecnologia digital traz riscos para a redação integrada. Seu uso indiscriminado pode acabar acomodando o jornalista. E, apesar de o repórter do impresso também estar sujeito a trocar o contato direto com o entrevistado pelo e-mail e o telefonema, são os jornalistas da redação *online* os mais afetados por essa prática.

Prova disso é que *zerohora.com* funciona movida por redatores. Profissionais esses que mesmo sendo jornalistas formados não fazem jus à função do repórter, aquele que sai a campo em busca de informações ou para checar os dados. Pois, em *zerohora.com* os redatores constroem a notícia por meio de informações enviadas pelas agências e por meio de telefonemas, o que pode acarretar prejuízos para a qualidade das notícias.

A prensa é a culpada, nas redações, pelo aniquilamento de muitas verdades, pela quantidade vergonhosa de pequenos e grandes erros que borram as páginas dos jornais e pela superficialidade de textos que desestimulam a reflexão. Apurar bem exige tempo. Escrever bem exige tempo (NOBLAT, 2008, p.38).

A consequência imediata do erro é a perda da confiança dos leitores. “A credibilidade de um jornal se constrói penosamente ao longo de muitos anos. Mas bastam alguns poucos erros clamorosos para que comece a ruir” (NOBLAT, 2005, p.61). E como se sabe, em um jornal sem audiência não existe anunciante. E, sem audiência e anunciante não existe jornal, seja em que plataforma for.

Outra prática de *zerohora.com* é o uso do próprio funcionário da empresa jornalística, no caso o repórter do impresso, como fonte para construção da matéria no *online*. Esse costume torna-se ainda mais preocupante uma vez que, como relata Brenol (2009b), cerca de 70% da produção diária do *site* é local e usa o jornalista do impresso como mediador de informações.

⁸⁷“(…)a avalanche de informações disponíveis na internet tem levado a sociedade moderna de um estado de escassez de informação a outro de abundância (...). O impacto sobre o jornalismo é uma necessidade cada vez maior de jornalistas que possam ordenar toda esta avalanche de informação” (PAVLIK, 2005, p.337).

Adghirni (2002, p.157) questiona a elaboração da notícia a partir de informações obtidas de “segunda ou terceira mão”. Por isso, ela prefere usar o termo “produtores de conteúdo” para se referir aos profissionais responsáveis pela publicação de notícias nos *sites* jornalísticos. Para Piccinin (2009), a apuração é a base de todo o trabalho jornalístico e é neste quesito que o jornalismo *online* deixa a desejar. “Há nas redações online um trabalho muito mais comumente orientado para o que os editores de web chamam de agrupamento e sistematização das informações, do que propriamente equipes de reportagens em busca de notícias e produção de grandes reportagens” (PICCININ, 2009, p.2). A autora questiona, inclusive, se existe jornalismo na web, porque, segundo ela, a função de agrupar e sistematizar informações não condiz com a essência da profissão.

Esse profissional, que atua exclusivamente dentro dos limites físicos da redação, recebe a denominação de jornalista sentado. O conceito francês se contrapõe ao conceito norte-americano de “*legman*” ou jornalista de pé, que se dedica à coleta de informações por meio do contato direto com as fontes (PEREIRA, 2003, apud NEVEU, 2001).

O jornalista habituado a farejar a notícia, ir atrás das fontes, pesquisar e investigar, agora se vê diante de um computador, com sua caixa de e-mail repleta de release de assessorias de imprensa, tendo sempre ao seu alcance o telefone. Segundo Marcondes Filho (2000), ao adotar essa prática, o profissional deixa de lado sua função de produtor de informação e passa a ser um simples comunicador. A diferença entre as duas posturas é que enquanto na primeira o repórter faz uma investigação minuciosa dos fatos, na segunda apenas reescreve o release enviado pela assessoria de imprensa, sem checar os dados.

O risco de o jornalista ser um coletor de notícias é a homogeneização de conteúdo (GARCIA AVILES, 2006), gerada principalmente pelo uso das mesmas agências de notícias para cobrir acontecimentos ocorridos em outros Estados e países. “O problema é que os repórteres não saem mais da redação à procura de notícias. Elas saem atrás de notícias que nascem dentro da própria redação. Quase sempre as mesmas, em todas as redações” (NOBLAT, 2008, p.42).

Há ainda um segundo nível de homogeneização de informação, a homogeneização interna de conteúdos, que acontece quando a empresa até apura informações para redigir uma notícia, mas publica a mesma informação nos vários meios de comunicação que possui, sem levar em consideração as particularidades de cada um deles. É quando ocorre o *shovelware*

(PAVLIK, 2001), como já mencionado na primeira parte desse capítulo. Essa prática deve ser substituída pela *repurposing*, que é o reaproveitamento de um material já produzido levando em conta as particularidades do suporte que vai recebê-la (SALAVERRIA; NEGREDO, 2008).

Porém, segundo Pereira (2003), esta prática do jornalista sentado já existia nas redações analógicas. No jornalismo impresso, funções como a de editor e de *copydesk*, exercidas nas antigas redações, já obedeciam a essa lógica. Contudo, o jornalismo *online* fez com que essa prática fosse intensificada. “Essa foi a maneira que as empresas jornalísticas encontraram para resolver duas situações distintas: a alimentação dos *sites* em fluxo contínuo e a redução do quadro profissional das publicações on-line, com o fim da bolha especulativa nas empresas ‘ponto-com’” (PEREIRA, 2003, p. 78).

Os teóricos que desqualificam o jornalista sentado têm como principal argumento o de que a apuração junto às fontes é essencial na construção da notícia. Deixando claro que o jornalista não pode ser um mero operário empenhado apenas em alimentar as turbinas da informação⁸⁸ (ADGHIRNI, 2001).

A apuração é o mais importante para a notícia da mesma forma que a notícia é o mais importante para o jornalismo. Elemento essencial no processo de informação, a apuração em jornalismo quer dizer o completo levantamento de dados de um acontecimento para se escrever a notícia. É o processo que antecede a notícia e leva a formulação final do texto (BAHIA, 1990, p. 40).

Como pontuado nesse segundo momento do capítulo II, mesmo que a força tecnológica não seja a única a determinar o processo de construção da notícia, ela influencia nesse processo. E, a partir de agora, antes de entrar na análise prática proposta nesta dissertação, passa-se a detalhar o significado do uso do termo notícia neste trabalho.

2.3 A notícia também tem formato

A palavra notícia tem muitos sentidos, mesmo dentro do jornalismo. Notícia significa desde a informação publicada no jornal até um dos gêneros do texto jornalístico, ao lado da

⁸⁸ Modelo de gestão da empresa jornalística e de modernização das práticas produtivas, introduzido nas redações brasileiras pela consultoria Innovation, a partir do final da década de 80. Seguindo essa concepção, parte dos veículos de comunicação do país passaram a produzir notícias em fluxo contínuo, com o objetivo de abastecer o mercado financeiro de informações estratégicas cuja atualidade seria medida em segundos (ADGHIRNI, 2001).

reportagem, entrevista, crônica etc. Mas, neste trabalho entende-se por notícia todos os elementos gráficos que compõem a página do jornal, inclusive o texto. Com isso pretende-se destacar que nesta dissertação a notícia é analisada pelo seu formato. Não se tem a pretensão de debruçar-se sobre o conteúdo dos textos jornalísticos.

O termo *formato* foi escolhido porque nos manuais de jornalismo, a palavra é amplamente utilizada e refere-se à maneira como a notícia é apresentada ou organizada; encaixando-se perfeitamente no termo a ser apresentado de ‘visualização da notícia’, uma vez que formato faz menção à organização, à apresentação e à aparência da notícia. Rabaça e Barbosa (1998, p. 278) dão cinco possibilidades para a aplicação da palavra formato: “dimensão de um veículo impresso; tamanho e forma da uma publicação; altura e largura (indicados atualmente por suas medidas em centímetros); número de páginas e aparência geral do volume”.

A expressão “visualização da notícia” refere-se ao desenho da página do jornal gerado pela ordenação de quatro grupos gráficos: das unidades informativas, dos elementos paratextuais, das fotografias e dos recursos gráficos ou unidades mistas. O termo foi criado porque os conceitos de diagramação ou layout – que poderiam ser empregados como sinônimo – dizem respeito à parte operacional da distribuição dos elementos gráficos na página. Ou seja, ora estão limitados às regras internas que regem tal distribuição – como, contrastes, proporções, equilíbrio, ritmo e unidade (BAHIA, 1990) –, ora dizem respeito à atuação do profissional responsável por executar essa distribuição de elementos gráficos na página (SILVA, 1985), o que foge aos objetivos dessa dissertação.

As *unidades informativas* são os textos jornalísticos classificados conforme o tamanho da mancha gráfica ocupada na página. De modo que, por matéria principal entende-se a matéria que ocupa o maior espaço na página do jornal, devido ao seu grau de importância. Contudo, para denominar uma matéria como principal levou-se em conta outro critério: a presença da linha de apoio ou subtítulo, além do título. A matéria secundária foi definida como sendo um texto jornalístico de tamanho menor e sem a presença da linha de apoio, apenas com título. Como nota, considerou-se uma informação reduzida que ocupa, na maioria dos casos, apenas uma coluna de texto.

Na categoria dos *paratextos*, encontram-se o título, o subtítulo ou linha de apoio, a carlotá e o *lead* destacado. Seriam os textos menores que acompanham, envolvem, delimitam

o texto principal. “Trata-se de uma zona de transição, pois é a partir do paratexto que o leitor entra no texto, e de transação, pois é através do paratexto que o autor elege o texto” (MIELNICZUK, 2003, pg. 112). Em resumo, o paratexto faz uma apresentação do texto principal; estabelece a negociação entre leitor e texto; realiza a transição entre o mundo do leitor e o mundo do texto e está situado na fronteira do texto estabelecendo-lhe os limites.

A categoria *fotografia* dispensa muitas explicações. É a imagem jornalística, capturada *in loco* durante apuração de uma matéria, resultante da atuação do fotógrafo, usando câmera analógica ou digital, e veiculada no jornal.

Como *recursos gráficos* estão enquadrados o infográfico, o box, a ilustração. Por mesclarem imagens (fotografia, ilustração, tabelas) com texto, são consideradas ainda unidades mistas de notícia. O conjunto de todos os elementos gráficos que compõe a visualização da notícia pode ser conferido abaixo (figura 18).

56 Geral ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 2009

TEMPO CHUVOSO

Aguaceiro e ventania no fim de semana

Previsão é de que o volume de chuva que cairá em dois dias corresponda à média de todo o mês

Em apenas dois dias, no sábado e no domingo, o volume de chuva que cairá no Rio Grande do Sul deverá alcançar o correspondente à média histórica de todo o mês, em torno de 150 milímetros de água.

Conforme a Central de Meteorologia, o fim de semana molhado começa na tarde de hoje, quando a frente fria avança pelo noroeste gaúcho. Pela manhã, o sol aparece. Na Grande Porto Alegre, na região dos vales e na Serra, há possibilidade de forte neblina. No Sul, o frio dará as caras, com a mínima chegando a 4°C. O tempo bom não durará. A chuva tomará todo o Estado até a madrugada de sábado.

O aguaceiro previsto pelos meteorologistas virá acompanhado de vento forte, principalmente no domingo, quando a chuva aperta. As rajadas devem atingir cerca de 70 km/h, velocidade que poderá causar prejuízos por onde passar, como ocorreu na madrugada de ontem. Em Porto Alegre, o vento de 70 km/h derrubou árvores e chegou a levantar o telhado de um prédio sobre a Clínica Geriátrica Padre Reus, no bairro Rubem Berta. Apesar da destruição, ninguém ficou ferido.

A Marinha emitiu um alerta de mar agitado durante o fim de semana por causa do prognóstico de ventania. As ondas deverão alcançar dois metros de altura, dificultando a navegação.

Segundo o meteorologista Estael Sias, a chuva e o vento não estão associados a um ciclone extratropical, como ocorreu em outros temporais.

– É uma frente fria com a forte umidade amazônica, trazendo chuvas mais persistentes – explica.

A temperatura não irá variar muito no fim de semana, com previsão de mínimas em torno de 13°C a 15°C, e a máxima não ultrapassará os 18°C.



Vento de 70 km/h levantou o telhado de um prédio sobre uma clínica geriátrica em Porto Alegre

A previsão

Cidade	Hoje	Amanhã	Domingo
Bagé	5/18	10/13	8/12
Bom Jesus	9/16	13/19	13/18
Erechim	12/24	16/23	15/23
Passo Fundo	10/22	14/20	13/18
Pelotas	7/18	13/16	12/15
Porto Alegre	9/22	14/18	13/16
Santa Maria	10/20	13/17	12/16
Santa Rosa	14/21	15/19	13/17
Unguaiara	10/20	12/14	10/13
Caxias do Sul	9/18	16/20	12/18

Terra dos hermanos

Argentina – O dia foi de sol em Buenos Aires ontem, com temperatura entre 9°C e 15°C. Hoje, o sol deve se manter, com máxima perto dos 12°C.

Uruguai – Em Montevideo, a quinta-feira foi de sol, com temperatura entre 8°C e 12°C. Hoje, a previsão é que o tempo seco permaneça. A mínima chegará a 4°C.

Figura 18 – Na página acima as unidades gráficas que compõem a visualização da notícia: elementos paratextuais (A), unidade informativa (B), fotografia (C) e elementos gráficos (D).

No próximo e último capítulo, serão detalhados os procedimentos metodológicos que nortearam a análise empírica deste trabalho, assim como os resultados obtidos da comparação entre as diferentes amostras observadas. Após esta breve apresentação do que se entende por visualização da notícia, parte-se para a identificação das mudanças percebidas no desenho das 210 páginas analisadas e busca-se relacioná-las com a incorporação das tecnologias na rotina produtiva dos profissionais.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Após resgatar por meio de entrevistas as diferentes rotinas produtivas adotadas em *Zero Hora*, nas duas últimas décadas, e problematizar o impacto dos diferentes usos do computador no jornalismo – respectivamente nos capítulos I e II – o trabalho entra agora na esfera do produto. Aponta de que forma as mudanças nos processos de impressão do jornal e a introdução das tecnologias digitais influenciaram na visualização da notícia, nos últimos 20 anos, em *Zero Hora*. Contudo, como a análise de todas as páginas que compreendem o período da amostra seria uma tarefa impossível de se executar, definiu-se que a amostra seria composta somente pela editoria de Geral⁸⁹.

O *corpus* da amostra é constituído por uma semana artificial, ou seja, seleciona cada dia da semana de uma semana distinta (a primeira segunda-feira do mês, a segunda terça-feira do mês, a terceira quarta-feira, e assim sucessivamente). Essa estratégia serve para obter uma amostra variada, com distribuição eqüitativa de fatos noticiosos e contendo o mínimo possível de distorções.

A amostra, que foi dividida em três grupos distintos, totalizou 210 páginas de *Zero Hora*. Para a escolha dos grupos, foram levadas em consideração, ao mesmo tempo, as diferentes rotinas produtivas vivenciadas pela redação do jornal (analógica, informatizada e unificada) e as principais alterações no projeto gráfico ocorridas nesse período.

O primeiro grupo foi formado por 14 edições de 1989, período em que o uso do computador começava a fazer parte das redações jornalísticas, nesse momento, ainda como simples editor de texto. O grupo de 1989 tem uma particularidade em relação aos demais: apresenta o dobro de edições analisadas. Isso porque, durante entrevista com o editor de Arte

⁸⁹ Para delimitar ainda mais o que se compreende por editoria de Geral, definiu-se que fariam parte da observação empírica do trabalho as páginas que trouxessem no cabeçalho as palavras Geral e Estado. Em algumas fases da amostra em questão, faziam parte dessa mesma editoria páginas de Educação, Saúde, Transporte, Bairros etc. Entretanto, essas “seções” não eram comuns as três décadas analisadas, o que tornou a comparação do material impraticável. Por isso, não foram incorporadas à amostra.

de *Zero Hora*, Luiz Adolfo Lino do Souza⁹⁰, o profissional revelou que no dia 21 de agosto de 1989 – data que, primeiramente, não era contemplada na amostra – o jornal passou por uma transformação gráfica significativa. Como as páginas da amostra já haviam sido solicitadas à *Zero Hora*, acrescentaram-se as sete edições posteriores ao novo projeto gráfico, para não precisar alterar as demais datas já definidas. Contudo, a escolha das edições seguiu o mesmo critério das demais, ou seja, foi formada por uma semana artificial. O acréscimo se fez necessário para que a mudança gráfica resultante desse período não fosse percebida somente na década seguinte, em 1999, atribuindo a essa última transformações que já haviam ocorrido. Em razão disso, o grupo de 1989 apresenta uma primeira fase (ver Anexo A) e uma segunda fase (Anexo B).

O segundo grupo da amostra é formado por sete edições de 1999 (Anexo C), período em que o uso do computador e de programas de paginação eletrônica já estavam popularizados na redação. O terceiro e último grupo da amostra é composto por sete edições de 2009 (Anexo D) – fase em que o jornal impresso já trabalhava em parceria com a editoria *online* na chamada Redação Unificada. As datas selecionadas constam no quadro abaixo:

1989/ primeira fase	1989/segunda fase	1999	2009
Segunda-feira – 3/07	Segunda-feira – 21/08	Segunda-feira – 5/07	Segunda-feira – 6/07
Terça-feira – 11/07	Terça-feira – 29/08	Terça-feira – 13/07	Terça-feira – 14/07
Quarta-feira – 19/07	Quarta-feira – 6/09	Quarta-feira – 21/07	Quarta-feira – 22/07
Quinta-feira – 27/07	Quinta-feira – 14/09	Quinta-feira – 29/07	Quinta-feira – 30/07
Sexta-feira – 4/08	Sexta-feira – 22/09	Sexta-feira – 6/08	Sexta-feira – 07/08
Sábado – 12/08	Sábado – 30/09	Sábado – 21/08	Sábado – 15/08
Domingo – 20/08	Domingo – 8/10	Domingo – 29/08	Domingo – 23/08

Quadro 1 – Datas que compõem a amostragem.

As páginas que compõem o *corpus* da amostra tiveram diferentes origens. As reproduções referentes ao ano de 1989 foram fornecidas pelo Centro de Documentação e Informação (CDI) de *Zero Hora*. As páginas estavam armazenadas em microfilme e somente a empresa tinha autorização para manipular e fazer cópia desse material. A reprodução dessas páginas foi entregue à pesquisadora em forma de fotocópia e precisou ser scaneada para ser

⁹⁰ Luiz Adolfo Lino de Souza, além de editor de Arte de *Zero Hora*, é responsável pelo projeto gráfico dos outros sete jornais que fazem parte do Grupo RBS, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

anexada ao trabalho. Por isso, as páginas desse grupo da amostra ficaram com uma qualidade gráfica aquém dos demais. Porém, como o propósito da dissertação é apontar as alterações na visualização da notícia, e não a leitura do conteúdo das matérias veiculadas acredita-se que não houve prejuízo.

Os grupos de 1999 e 2009 foram compostos pela autora após pesquisa orientada no CDI. Por meio do *NXT3* – programa usado por *Zero Hora* que permite a recuperação de material já publicado no periódico –, as páginas foram gravadas em *PDF*. Porém, devido a falhas no sistema durante a digitalização das páginas de 1999, seu conteúdo não foi transposto na íntegra. A aplicação da ficha de análise foi feita com base nas informações visíveis. Com o grupo de 2009 não houve nenhum problema.

Partindo da observação estruturada das 210 páginas da editoria de Geral, o presente capítulo enumera as diferenças encontradas na visualização da notícia nas amostras de 1989, 1999 e 2009 de *Zero Hora*. Logo a seguir, com base nos relatos dos profissionais que atuaram na reportagem, fotografia e diagramação do jornal, apresentados no capítulo I, o trabalho relaciona as transformações no aspecto gráfico às tecnologias adotadas nos processos de rotinas produtivas.

3.1 As categorias

A partir das entrevistas feitas com os profissionais envolvidos na construção e veiculação da notícia em *Zero Hora* – repórteres, fotógrafos, diagramadores e editor de Arte – foram definidas as categorias de análise para verificar as alterações na visualização da notícia. As categorias foram eleitas a partir da especificidade dos profissionais nas rotinas produtivas do jornal, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir:

Profissional	Categoria de análise	Descrição
Repórter	Texto	Verificar o número de notícias com assuntos diferenciados veiculadas por página
	Fontes*	Averiguar no texto de cada notícia o número de fontes mencionadas
Fotógrafo	Presença fotografia	Enumerar a quantidade de fotografias
	Atualidade	Verificar se a fotografia é factual ou fotografia de arquivo
	Cor	Apontar se a fotografia é colorida ou em preto e branco
Ilustrador	Infográficos*	Examinar a presença ou não
Diagramador	Box*	Verificar se há box
	Elementos paratextuais*	Identificar se há a presença de elementos além do texto que exercem a função de fragmentar o texto principal

Quadro 2 – Categorias de análise aplicadas à amostra.

* As categorias assinaladas não serão aplicadas a toda a amostra que compõe o trabalho e, sim, apenas na análise das matérias principais, como será explicado no item 3.3.3.

3.2 Modelos das fichas de análise

Para detectar a presença de tais categorias nas páginas de *Zero Hora* que compõem a amostra, foram elaboradas fichas de observação. O trabalho propõe dois tipos de ficha: uma mais geral para análise de toda a edição da amostra (ver quadro 3), e outra mais específica que será apresentada mais tarde, no item 3.3.3, quando forem apresentados os dados referentes a observação das matérias principais.

<p>Universidade Federal de Santa Maria Centro de Ciências Sociais e Humanas Mestrado em Comunicação Midiática</p> <p>Ficha de avaliação das páginas da Editoria de Geral de <i>Zero Hora</i></p> <p>1) Data da página analisada: 2) Número da página analisada: 3) Quantidade de matérias publicadas e seus respectivos títulos: a) Principal: b) secundária: c) notas: </p> <p>Total de unidades informativas por página:</p> <p>4) Quantidade de fotografia: a) Colorida () b) Preto e branco () c) Nenhuma ()</p> <p>Total de fotografias:</p> <p>5) Origem da fotografia: a) Factual () b) Arquivo ()</p>
--

Quadro 3 – Modelo da ficha aplicada na análise das páginas.

Nesta ficha geral, o propósito era focar nas unidades informativas e na fotografia. De modo que foram identificadas e contabilizadas todas as matérias que compuseram as unidades informativas. Quanto à presença de fotografias, buscou-se saber o aspecto de apresentação – colorida ou preta e branca e sua origem.

Em relação aos critérios usados para definir a origem das fotografias, foram consideradas factuais as imagens feitas para a matéria veiculada naquele dia, no jornal. Não foi levado em consideração se a fotografia foi capturada pelos fotógrafos do próprio periódico, se foi comprada de agências de notícias ou se foi produzida e enviada por pessoas e órgãos envolvidos no fato que deu origem à matéria (divulgação). Como fotografias de arquivo, foram classificadas as feitas em data anterior ao fato e reaproveitadas no contexto da matéria. Normalmente, o crédito da imagem já definia a origem, ora com o acréscimo da palavra “arquivo”, ora com o uso da expressão “banco de dados” ao lado do nome do fotógrafo.

As fichas gerais referentes ao grupo de 1989 (1ª fase) estão no anexo E, as de 1989 (2ª fase) podem ser encontradas no anexo F. As fichas do grupo de 1999 podem ser conferidas no anexo G e, por fim, as de 2009 no anexo H.

3.3 O jornal com o visual alterado

As transformações identificadas no projeto gráfico de *Zero Hora*, referentes aos três grupos da amostra: 1989, 1999 e 2009, serão apresentadas em três momentos distintos: no primeiro, serão apontados os resultados específicos referentes à observação das páginas do jornal, com base na ficha de observação; no segundo, serão mostrados os resultados gerais, obtidos da comparação entre os diferentes grupos; e, por fim, o mesmo procedimento será aplicado para enumerar as mudanças constatadas nas matérias principais de cada edição que compõe a amostra.

3.3.1 Resultados específicos

Para facilitar a descrição das mudanças no aspecto gráfico de *Zero Hora*, as transformações serão apresentadas tendo por título o ano da amostra em questão.

A fim de fugir do estigma do determinismo tecnológico, além dos impactos provocados pela introdução das tecnologias, o trabalho irá apresentar algumas decisões editoriais que também impactaram na visualização da notícia, conforme entrevista feita com o editor de Arte e responsável pelo projeto gráfico do jornal, desde 1988, Luiz Adolfo Lino de Souza.

3.3.1.1 A amostra em 1989: a transformação gráfica

A amostra de 1989, como já foi mencionado, apresenta uma particularidade. Ao contrário das outras duas, de 1999 e 2009, que se ocupam de sete edições cada, aquela traz 14 edições porque teve que incorporar o período pós-reforma no projeto gráfico, ocorrido em 21 de agosto de 1989. O quadro, na página seguinte, se refere à primeira fase dessa amostra, bem como os dados obtidos (quadro 5). Num segundo momento, serão apresentadas as informações referentes à segunda fase dessa mesma amostra.

ANO DA AMOSTRA	1989/ 1ª FASE
Número de páginas da amostra	42
Número de páginas por edição	Segunda-feira, 3/7 – 4 páginas Terça-feira, 11/7 – 4 páginas Quarta-feira 19/7 – 2 páginas Quinta-feira 27/7 – 11 páginas Sexta-feira 4/8 – 3 páginas Sábado 12/8 – 3 páginas Domingo 20/8 – 15 páginas
Total de unidades informativas	Matérias principais: 31 Matérias secundárias: 63 Notas: 40 Total: 134
Número de fotografia	53 (todas as fotografias em preto e branco)
Origem das fotografias	15 fotografias de arquivo, o que representa 28% do total
Número de páginas sem fotografia	8 , o que representa 19% do total de páginas
Número de páginas com fotografia	34 , o que representa 81% do total de páginas

Quadro 4 – Dados referentes à primeira fase de 1989.

A editoria de Geral ocupava, nessa época, em média, de três a quatro páginas diárias do jornal. A exceção ficava para os jornais de domingo e quinta-feira, em que o número de páginas chegava a triplicar.

No primeiro grupo da amostra, o que mais chamou a atenção nas páginas impressas foi predomínio do texto em relação à imagem (figura 19). Mesmo assim, apesar do tamanho

reduzido das imagens – que ocupavam entre uma e duas colunas – a fotografia apareceu em 34 das 42 páginas que compõe esse grupo, ou seja, em 81% das páginas.



Figura 19 – Exemplo de uma página onde as fotografias têm um tamanho reduzido comparado ao texto.

A quantidade de fotografia por página de jornal variava. Em 45% dos casos, ou seja, em 19 das 42 páginas desse grupo da amostra, predominou o uso de uma fotografia por página. Em apenas três páginas foram encontradas mais de duas fotografias.

Outra informação detectada na amostra foi a totalidade das fotografias em preto e branco. O uso da cor ainda não havia chegado às páginas internas do jornal; inclusive os anúncios publicitários eram em preto e branco. Somente uma capa e uma contracapa desse período trouxeram fotografias coloridas.

Há duas justificativas para tal constatação. A primeira vem dos depoimentos dos fotógrafos que atuaram nessa fase da redação analógica, quando *Zero Hora* só trabalhava com filme em preto e branco. A segunda razão para se ter um jornal monocromático se deve ao

fato de que, mesmo a impressora *Goss Urbanite* já imprimindo algumas páginas coloridas, a prioridade não era a editoria de Geral.

Outro detalhe significativo quanto à origem das fotografias veiculadas nesse período é o uso freqüente de fotografia de arquivo. Neste grupo, 28% das 53 fotografias, ou seja, 15 imagens não eram factuais. Entre as fotografias de arquivo há ainda uma particularidade: o uso do chamado boneco, uma fotografia feita em primeiro plano onde aparece apenas o rosto de uma pessoa. Tal recurso teve presença constante em matérias onde foram ouvidas personalidades públicas, como prefeitos, secretários, vereadores e sindicalistas.

A quantidade de fotografias de arquivo, bem como a quantidade de páginas sem nenhuma fotografia (oito, ou seja, 19% do total de páginas), é explicada nesse caso pela dificuldade de produção para as pautas diárias. Como já mencionado no Capítulo I, o uso do filme para capturar a imagem reduzia a permanência do fotógrafo na pauta, porque era preciso retornar o quanto antes ao jornal para iniciar o processo de revelação e posterior ampliação para que a fotografia pudesse ser usada no dia seguinte. Em caso de viagem, como relataram os próprios profissionais, os empecilhos eram maiores porque a chegada do negativo, muitas vezes, era posterior à publicação da matéria. Outra situação que limitava o uso de fotografias do dia, em coberturas nacionais e internacionais, era o alto custo de uma fotografia comprada via agência de notícias.

O tamanho da letra que compunha o corpo das matérias era reduzido para acomodar mais informações por matéria. Essa estratégia dificultava a leitura, mas visualmente era evidente a grande quantidade de texto na página. “O corpo de letra usado nos textos era no máximo 8. Nós tínhamos o hábito de diagramar em corpo 8, mas se não dava, colocávamos corpo 7 em uma matéria” (SOUZA, 2009a). Além disso, a página era desenhada em quatro colunas, o que reforçava a impressão de um texto condensado, com pouco espaço em branco entre elas.

Cada página publicava, em média, duas matérias: uma principal que ocupava metade da página e apresentava uma fotografia como complemento ao texto; e outra secundária que ocupava a outra metade, porém, raras vezes apresentava fotografia e dividia o espaço com os anúncios publicitários. A exceção era a página dedicada às notícias do Estado (figura 20) cuja cartola principal levava esse nome. Nela apareciam várias matérias referentes às cidades gaúchas.



Figura 20 – Reprodução da página com a cartola Estado.

A assinatura das matérias limitava-se a reportagens e matérias paras as quais o repórter precisava deslocar-se da cidade sede do jornal. Na assinatura, constava o nome do repórter e a editoria para qual ele fez a reportagem.

Na véspera da mudança gráfica de *Zero Hora*, dia 20 de agosto de 1989, começaram a figurar no jornal reportagens que ocupavam duas páginas e com o uso de até três fotografias por matéria, valorizando mais a imagem.

A presença de notas limitava-se a espaços predefinidos, normalmente em colunas como a *Cursos & Notas*, publicada na terça-feira, e *A serviço da cidade* (figura 21), que era veiculada nas quintas, sextas e sextas-feiras. Não era comum encontrar notas nas páginas de Geral, salvo quando uma matéria ficava menor do que o tamanho previsto e era preciso inserir algo para fechar a página.



Figura 21 – Exemplo da coluna de notas A Serviço da Cidade.

A *Zero Hora* de 21 de agosto de 1989 apareceu com um novo visual, que pouco lembrava a versão da véspera. A transformação no projeto gráfico havia sido anunciada no *Boletim da Mudança*, distribuído aos funcionários em julho. Não fosse pelo tipo da letra, *English Time*, que já tinha sido alterado desde o dia 31 de julho, poderia se acreditar estar diante de outro periódico. A reforma gráfica planejada por Mário Garcia⁹¹ começou aumentando o tamanho da letra usada no texto – até então em corpo 7 ou 8 – para corpo 11.

Outro *Boletim da Mudança*, distribuído no dia 4 de agosto, explicava o que motivou tais transformações: fazer com que o jornal tivesse mais clareza e legibilidade. Para compensar o tamanho ampliado da letra, a alternativa encontrada para tentar veicular o mesmo número de unidades informativas por páginas foi diminuir o tamanho do texto. Com isso, os repórteres passaram a escrever menos e de forma mais objetiva.

⁹¹ Mario Garcia é um cubano que saiu de Cuba com 14 anos para morar nos Estados Unidos. Lá, formou-se em jornalismo e trabalhou em vários jornais. Mais tarde, tornou-se professor e consultor de publicações por todo o mundo. Garcia é um dos consultores mais importantes da década de 80 para cá (SOUZA, 2009). Também é responsável pelo Mario Garcia Media Group (<http://garciamedia.com>), do qual faz parte o *Poynter Institute*, uma empresa voltada ao design de jornais, revistas e publicações eletrônicas, com sede em Tampa, Flórida.

(...) houve um casamento entre tendências de jornal menos pesados, que colocavam muita matéria e usavam corpo pequeno de letra, para um jornal com corpo de letra maior, com mais espaços em branco, com fotografias maiores. (...) Aí, começou a morrer no texto o nariz de cera, a enrolação, a coisa supérflua, a opinião desnecessária. Se resolveu que um bom texto podia ser escrito em 100cm. Em todas as redações do mundo se começou a dizer que texto bom não é texto grande. Texto bom pode ser pequeno (SOUZA, 2009a).

As mudanças atingiram todos os setores, como demonstra o quadro abaixo:

ANO DA AMOSTRA	1989/ 2ª FASE
Número de páginas da amostra	45
Número de páginas por edição	Segunda-feira, 21/8 – 6 páginas Terça-feira, 29/8 – 6 páginas Quarta-feira, 6/9 – 6 páginas Quinta-feira, 14/9 – 7 páginas Sexta-feira, 22/9 – 7 páginas Sábado, 30/9 – 6 páginas Domingo, 8/10 – 7 páginas
Total de unidades informativas	Matérias principais: 43 Matérias secundárias: 58 Notas: 46 Total: 147
Número de fotografias	52 (todas as fotografias em preto e branco)
Origem das fotografias	12 fotografias de arquivo, o que representa 24% do total
Número de páginas sem fotografia	13 , o que representa 29% do total de páginas
Número de páginas com fotografia	32 , o que representa 71% do total de páginas

Quadro 5 – Dados referentes à segunda fase da amostra de 1989.

A média de páginas diárias destinada à editoria aumentou em relação à fase anterior, passando de 4 para 7. Contudo, não ocorreu como na primeira fase uma concentração maior de páginas na quinta-feira e domingo. Por isso, em números absolutos o total de páginas dedicado à Geral passou apenas de 42 para 45.

A fotografia permaneceu sendo veiculada somente em preto e branco na totalidade das páginas da editoria de Geral. Percebe-se, porém, um pequeno aumento no tamanho das imagens em relação ao texto, se comparado à fase anterior. Nesse momento a fotografia passou a ocupar de duas a três colunas na página. Mas, se por um lado a fotografia foi mais valorizada devido ao aumento de tamanho, por outro, cresceu o número de páginas sem a publicação de fotos. Treze das 45 aparecem sem imagem jornalística, ou seja, 29% do total. Apesar disso, quando as fotos eram veiculadas, pareciam em maior quantidade por página (figura 22). Paralelo a isso, contou-se também uma redução no uso de fotografias de arquivo, de 28%, antes da reforma gráfica, para 24%.

ZERO HORA

GERAL

Quinta-feira, 14 de setembro de 1989

Maior cheia do Taquari em 25 anos

□ Rio subiu 18 metros acima do seu nível normal, arrastando casas e desabitando a população pobre de vários municípios

ELIANE CRISTINA BRUM
Belo Horizonte

A maior cheia dos últimos 25 anos. Essa é a expressão usada pela população da região do Vale do Taquari para definir a tragédia que ali se vive em forma de cheia, o que chegou a rio Taquari a 18 metros acima do nível normal. Elevando a cidade sem ninguém, com um nível alarmante. 12 municípios e Roca Saltada pediram socorro para algumas horas, quando a maioria dos fazendeiros tentou a voltar para o cotidiano de suas casas. Em Lapacho, mais de 900 se deslocaram. Este é o Rio Rente do Sul decantam cidade de calamidade pública.

André Lator, 32 anos, pastor socorrista morador do bairro Nevequente da Encarnação, não desde então "sua casa", já que sua casa mergulhou nas águas do rio, representando um risco com o nome de refúgio de fazendeiros do Vale do Taquari. Ele perdeu quase tudo e a família de cinco pessoas "está estralada por aí". Segundo o filho do rio, em companhia de sua mãe e dos "três" que conseguiram sair da pressão da casa, ele não teria se salva das águas, mesmo a cada três metros em que o rio deixava "lá se assistem a casa...", como quem diz.

MAIOR CHEIA — Sorrisos, porque já "associa velho em questão de emergência", a operária Néli Cabral, 33 anos, assada no rio. Ela e sua filha chegaram a casa, mas a família obrigada no Grande Maracajá de Espirito do Encarnado. "Jo e o filho, o menino, é a terceira", como, enquanto vai embora do "14, 13 e 39" duas histórias para ela, quando se fizesse de vida não cessava depois de entre de "lá e de cá". E continua, revelando com naturalidade: "Quando acabou com aquele barulho, já foi grande para

Vamos lá, José! Vamos encoberto no primeiro e no segundo que ela vem aí de novo.

Em 3 horas da madrugada de terça-feira.

Em Lapacho, a situação não era mais animadora. "Primeira? Primeira deve ser", contou com uma ponta de arrogância Isidoro Moraes, morador de Vila São José, a mais privilegiada, onde mora com sua esposa e dois filhos e sua mãe "impedida", além da família que conseguiu salvar e se deu conta, ela conseguiu no meio de uma rua do bairro, do centro de já havia mudado. Além da sua residência forçada, ele estava

seu adormecer a tragédia, viajara para Santa Catarina. "Se a gente não se dá conta, quem é que vai?", sussurra com simplicidade o gesto de deixar o seu filho à frente e quando correu a nível das águas para auxiliar as casas de maior valor da cidade em viagem.

SEM ENGAÇO — Os corpos de José Manoel dos Santos, 26 anos, e Egídio Malheiros, 31 anos, desapareceram desapercebidos nas águas do Taquari desde a tarde de ontem, quando o rio chegou em que passaram com mais quatro amigos vivos com a violência da correnteza. Conforme o delegado Milton, do Corpo de Bombeiros de Encarnado, o rio chegou a um nível de 1,30

metros acima do nível normal. Sempre acompanhado pelo rio, as casas das populações assustadas. "E não é por isso mesmo", ressaltou os flagelados. Rostros não compartilhado pelo conteúdo do rio, que leva e traz os desabitados de suas casas alagadas para a margem, no preço médio de R\$250.000.

POLÍCIA REVELA PONTES PERIGOSAS

Um levantamento feito ontem pela Polícia Rodoviária Estadual indicava que as principais rodovias estaduais apresentavam condições normais de trânsito. Contudo, há problemas na RS-122, em Bento Gonçalves, com deslizamento na pista e problemas na RS-478, com variante seca fechada. O trânsito nem que air feito pelo trecho com deslizamento, já que no km 94, na RS-124, entre Passo Fundo e Caxito, o túnel também é perigoso. Outros problemas ocorrem ainda em estradas secundárias do Vale do Taquari, com lugares não sinalizados e curvas em estado precário.

SÓ CANNIBAIS PESADOS NA RR-306

O plantão da Polícia Rodoviária Federal (PRF) no município de Encarnado, em Bento Gonçalves, está interrompido para evitar novos deslizamentos no trecho de 18 quilômetros de estrada. Na noite de ontem, um tremor de terra deixou a estrada interditada.

Segundo a Polícia Rodoviária Estadual, há vários pontos interditados no interior do Estado. Entre eles, estão a RS-125, entre Encarnado e Bento Gonçalves, a RS-127, que liga o distrito de Caxito com Encarnado, e a RS-130, ligando Cruzado e Maracajá. O acesso a Roca Saltada pode ser feito pela RS-428 e 248.

NARIZ SUSPENSO ORNAS NAS PONTES

O trabalho de reconstrução das caboções de pontes no interior de Maracajá, que seria iniciado ontem, não pôde acontecer



Imprévisão — as chuvas como nunca de inundação




flagelados — no rio, o rio do rio

Figura 22 – A fotografia aumentou de tamanho em relação ao texto e começaram a aparecer páginas com até três imagens junto à matéria jornalística.

O aumento no tamanho da fotografia foi motivado por uma decisão editorial e partiu de uma sugestão do Mário Garcia. “Em vez de publicar três fotografias pequenas, publique uma grande e duas pequenas para não concorrer na página. E também, porque eles fizeram uma pesquisa e mostram que a fotografia chama atenção não só pelo conteúdo, mas também pelo tamanho” SOUZA (2009a).

A quantidade de unidades informativas por página também se manteve. Cada página publicava em médias duas unidades informativas: uma principal e uma secundária. Mas houve uma novidade. Pelo projeto gráfico de Mário Garcia, que seguia a idéia de um jornal mais organizado e de leitura facilitada, a matéria principal passou a ser assinada. De forma que o leitor ficava sabendo qual foi o repórter que apurou os dados e redigiu o texto. A linha de apoio ou subtítulo, que até então acompanhava a extensão do título, passou a figurar na largura de uma coluna. E o entretítulo, que até o mês de julho aparecia em uma linha separada do texto e em caixa baixa, apareceu em caixa alta, na mesma linha do texto, separado apenas por travessão (figura 23).

Foram decisões editoriais e técnicas ao mesmo tempo. A linha de apoio foi trocada por um olho ou sumário para explicar melhor a introdução do texto. O entretítulo passou a ser na mesma linha do texto para ganhar espaço, já que aumentamos o corpo de letra das matérias (SOUZA, 2009b).

ilustração foi usada em matérias que não dispunham de fotografias ou se, mesmo com fotografias disponíveis, foi usada porque as fotografias não apresentavam qualidade suficiente.



Figura 24 – Exemplo da primeira ilustração que aparece na amostra delimitada para a pesquisa.

O uso da ilustração como elemento gráfico no jornal impresso foi motivado pela concorrência com outros veículos, como a televisão, em que a valorização da imagem era o fator principal, deixando o jornal em desvantagem nesse sentido (SOUZA, 2009c). Além disso, a criação da editoria de Arte, que ocorreu em meados de 1989, foi um fator determinante para disseminar a cultura visual dentro da redação. Até esse momento, apesar de a fotografia ter aumentado de tamanho em relação ao texto, *Zero Hora* ainda priorizada as unidades informativas em detrimento da imagem jornalística. Com a criação da editoria de Arte, esse perfil começou a mudar. As ilustrações foram conquistando espaço nas páginas.

Porém, a incorporação de ilustrações não foi imediata. Foi um processo gradativo. Das 45 páginas publicadas dentro da Editoria de Geral, na segunda fase de 1989, 13, isto é, 29%, não apresentavam fotografia. Nessas 13 páginas sem fotografia, apenas três traziam

ilustrações (a página 49 de 21 de agosto, a página 39 de 14 de setembro e a página 46 do dia 22 de setembro).

3.3.1.2 Amostra em 1999: a influência de três homens

Nas transformações já relatadas na visualização da notícia de *Zero Hora* referentes ao ano de 1989, predominaram as mudanças gráficas incentivadas pelo modelo implantado por Mário Garcia. Contudo, o projeto gráfico do grupo de 1999 é o resultado do trabalho de três pessoas: o diretor de redação do jornal, Augusto Nunes, que ficou no comando de 1992 a 1996, Mário Garcia que, mesmo não estando presente fisicamente no jornal, tinha Luiz Adolfo Souza nomeado oficialmente como “zelador do seu projeto” (SOUZA, 2009a), e Marcelo Rech, diretor de redação que substituiu Augusto Nunes em 1996 e também imprimiu sua marca no periódico. Seguem os dados gerais desse grupo da amostra (quadro7).

ANO DA AMOSTRA	1999
Número de páginas da amostra	64
Número de páginas por edição	Segunda-feira, 5/7 – 10 páginas Terça-feira, 13/7 – 11 páginas Quarta-feira, 21/7 – 8 páginas Quinta-feira, 29/7 – 11 páginas Sexta-feira, 6/8 – 5 páginas Sábado, 21/8 – 6 páginas Domingo, 29/8 – 13 páginas
Total de unidades informativas	Matérias principais: 43 Matérias secundárias: 36 Notas: 119 Total: 198
Número de fotografias	67 (43 em preto e branco e 24 coloridas)
Origem das fotografias	7 fotografias de arquivo, o que representa 10% do total
Número de páginas sem fotografia	25 , o que representa 39% do total de páginas
Número de páginas com fotografia	39 , o que representa 61% do total de páginas

Quadro 6 – Dados referentes à amostra de 1999.

O número de páginas dedicadas à editoria de Geral continuou crescendo em comparação a 1989; contudo, a média diária de 1999 era bem variada. Terça, quinta e domingo foram os dias em que as matérias de Geral ocuparam mais espaço.

O uso da cor passou a estar presente também na fotografia. Se em 1989 eram publicadas apenas fotografias em preto e branco, em 1999, quando o jornal já operava com a

rotativa *Newsliner*⁹², o cenário era outro. Das 67 fotografias, 43 eram em preto e branco (64%) e 24 coloridas (36%).

Outra tecnologia empregada nessa época e que ajuda a explicar a valorização da fotografia no jornal é o uso da *Leafax 35*, equipamento que scaneava os negativos e permitia enviar imagens para a redação por e-mail. Os números apresentados no quadro acima comprovam que houve uma redução significativa no uso de fotografias de arquivo. Se comparado com as duas amostras anteriores – da primeira e segunda fase de 1989 – percebe-se que o percentual de fotografia de arquivo vem caindo gradativamente. No primeiro momento, 28% das fotografias tinham essa origem; depois, esse número caiu para 24% e, em 1999, a queda foi ainda maior: apenas 10% das fotografias veiculadas partiram de bancos de dados. O restante correspondia a imagens factuais.

E, às vezes, tinha uma fotografia de arquivo que era repetida várias vezes. Isso mudou a partir de 92, com o Augusto. Ele contratou uma série de agências de notícias e de fotografia. O jornal passou a gastar mais. Mas esse custo de agência é muito variável dentro do jornal. Chega um momento complicado, de redução de custos, a primeira coisa que se faz é cortar serviços de agência. Nós chegamos a ter assinatura de New York Times, de *Washington Post*, de revistas e tudo. Só que isso tinha um custo que variava de acordo com a fase econômica (SOUZA, 2009a).

A princípio, o fato de que 25 das 64 páginas não apresentavam fotografia – ou seja, 39% do total da edição – pode parecer uma contradição. Contudo, a ausência de fotografia não significa que a página esteja desguarnecida de imagens. Em um terço dessas páginas, foi detectada a presença desde pequenas ilustrações até infográficos que ocupavam páginas inteiras.

A quantidade de unidades informativas por página sofreu uma alteração. Começaram a ser valorizadas páginas com uma única matéria, de modo que 24 das 64 páginas de 1999 apresentaram somente uma matéria, isto é, 37% do total de páginas. Isso ocorreu porque as fotografias aumentaram mais uma vez de tamanho em relação ao texto ou porque recursos gráficos, como ilustrações, box e infográficos, e paratextuais, como a cartola, começaram a figurar nas páginas de forma mais intensificada (figura 25).

⁹² A rotativa *Newsliner* substituiu a *Urbanite*. Em funcionamento desde 1997, o equipamento passou a permitir a impressão de metade das páginas do jornal em cor, incluindo algumas páginas da editoria de Geral.

JUSTIÇA

Casais homossexuais conquistam direitos

Decisões de juízes do Rio Grande do Sul asseguraram a pares formados por pessoas do mesmo sexo o status de família

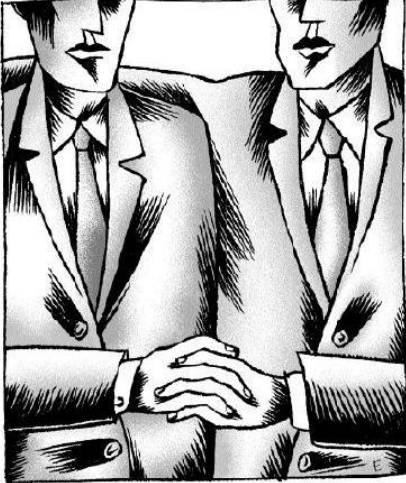
FRANCINI LEDUR

O propalado machismo gaúcho está sendo desmontado por decisões judiciais. A Justiça no Rio Grande do Sul está reconhecendo em relações homossexuais estáveis direitos antes reservados aos casais formados por pessoas de sexos diferentes. Quatro casos recentes indicam caminhos jurídicos capazes de igualar homens e mulheres independentemente de sua orientação sexual. Enquanto ativistas gays promovem ruidosos desfiles, o trabalho discreto dos tribunais começa a assegurar direitos exigidos por um grupo ainda discriminado.

Magistrados, advogados e representantes de entidades consideram o número de decisões pequeno, já que estados internacionais apontam 10% da população como homossexual. Mas todos acreditam que a igualdade e a concessão de benefícios decorrentes das relações estáveis são uma tendência irreversível. Segundo Maria Alves, do Nuanetses - Grupo pela Livre Orientação Sexual, a maioria dos interessados ainda se sente constrangida, com medo do preconceito, e acaba não buscando seus direitos.

A legislação não trata especificamente das uniões entre pessoas do mesmo sexo. O único projeto sobre o assunto, da ex-deputada federal Marta Suplicy (PT-SP), ainda tramita no Congresso. O artigo 226 da Constituição Federal considera união estável apenas a relação entre homem e mulher. A juíza da 3ª Turma do Tribunal Regional Federal (TRF) da 4ª Região, Marga Inge Barth Tessler defende que, ainda assim, os magistrados podem utilizar os princípios da igualdade dos sexos e da proibição da discriminação, garantidos pela Constituição, para decidir favoravelmente nas questões das homossexuais. Os casos gaúchos são exemplos disso.

A desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, Maria Benedita Dias prepara um livro sobre a homossexualidade e o Direito. No entender de Maria Benedita - que, vencendo precedentes, foi a primeira mulher a chegar ao TJ - o conservadorismo da Justiça é parcialmente responsável pela dificuldade de reconhecer os direitos das relações homossexuais. Ela acredita que as ações desse tipo só tendem a aumentar, com as pessoas assumindo seus relacionamentos e a partir da divulgação de decisões favoráveis.



AS DECISÕES DA JUSTIÇA

Há recursos nos casos 2, 3 e 4. Os julgamentos não têm data prevista:

<p>1) Direito de família - Junho de 1999 Entre 1994 e 1996, duas mulheres viveram juntas e adquiriram imóveis. Desfeita a relação, uma delas entrou com ação na 5ª Vara de Família de Porto Alegre para receber a divisão do patrimônio. O juiz decidiu ser questão civil. A autora recorreu ao TJ. A 8ª Câmara Civil entendeu que a partilha dos bens deveria ser decidida pela vara de família.</p>	<p>3) Herança - Março de 1999 Dois homens viveram juntos por nove anos na Capital. Um deles morreu em 1995. O outro buscou na Justiça o direito ao patrimônio, reivindicado pelo município porque a vítima não tinha parentes. A juíza Jazilith dos Santos Mottacy, da 6ª Vara Civil, reconheceu a união e concedeu ao parceiro o direito a totalidade dos bens do morto.</p>
<p>2) Pensão por morte - Maio de 1999 Dois funcionários públicos moraram juntos de 1987 a 1995, quando um deles morreu de Aids. Eles dividiam apartamento, móveis e conta no banco. Com a morte, o sobrevivente entrou na Justiça para receber pensão do INSS. A juíza Luciane Amaral Corrêa, da 9ª Vara Federal de Porto Alegre, concedeu liminar (decisão provisória), obrigando o INSS a pagar pensão ao parceiro vivo. O primeiro recurso contra a decisão foi negado pelo juiz José Germano da Silva, do TRF. Um outro recurso ainda não foi julgado.</p>	<p>4) Assistência médica - Julho de 1996 Dois homossexuais portadores do HIV viviam juntos havia sete anos. Um deles, aposentado, era titular de um plano de assistência médica da Caixa Econômica Federal. Como ambos precisavam de tratamento médico, o companheiro pediu para se tornar dependente do plano. O juiz federal Roger Raupp Rios, da 10ª Vara Civil da Justiça Federal, determinou a inclusão do requerente como dependente do plano. Houve recurso, mas a 3ª Turma do TRF manteve a decisão em agosto de 1998.</p>

O desembargador do TJ Bruno Mussi elevou uma união de dois mulheres ao status de família e compartilha o patrimônio. Mussi acredita que em 10 anos os homossexuais terão conquistado os mesmos direitos dos heterossexuais no âmbito das relações familiares.

Poucos Estados têm decisões que equiparam uniões homossexuais às heterossexuais. Há exemplos no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Santa Catarina, em Minas Gerais e na Bahia. Nos órgãos superiores (Supremo Tribunal Federal e Superior Tribunal de Justiça), existe apenas uma decisão, por enquanto. O STJ cruzou jurisprudência (espécie de modelo de decisão dos tribunais superiores orientadora de futuros julgamentos) ao conceder a um homossexual mineiro o direito à metade da herança do seu companheiro, vítima da Aids, com quem viveu durante sete anos. O pai do morto também disputava o patrimônio.

O antropólogo Luiz Mott, do Grupo Gay da Bahia, reconhece a posição de vanguarda dos tribunais gaúchos

O antropólogo baiano Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia (uma das entidades de defesa dos homossexuais mais atuantes do país), analisa o progresso das decisões gaúchas como resultado do alto grau de escolaridade, cidadania e modernidade do Estado.

Uma das primeiras decisões do Estado relativas a uma relação homossexual estável foi tomada em 1996 pelo juiz Roger Raupp Rios, da 10ª Vara Civil da Justiça Federal de Porto Alegre. Ele obrigou a Caixa Econômica Federal a incluir como dependente do plano de assistência médica o companheiro de um homossexual, titular do plano.

Rios fundamenta a sentença nos princípios constitucionais de igualdade e proibição de discriminação, valendo-se, de exemplos norte-americanos, canadenses e europeus e até da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nesse último documento, a orientação sexual é considerada direito fundamental. Desde então, apenas outras três decisões no mesmo sentido foram produzidas por tribunais estaduais e Federais do Estado.

Figura 25 – Novos recursos visuais adotados: cartola (vermelho) e box (azul)

Como no box também havia o predomínio do texto, para separá-lo do restante da matéria, normalmente, o jornal usava um fundo de cor cinza para provocar o contraste visual. O conteúdo do box era variável. Houve registros de box com uma espécie de cronologia do caso e outros com informações que prestavam serviço ao leitor. Há ainda os que juntavam as duas formas (figura 26).

SAÚDE

Confirmado quinto caso de hantavírus

Agricultor de 34 anos, de Cachoeira do Sul, teria contraído a doença em limpeza de galpão

FABIANA SPARENBERGER
 Casa Zero Hora/Santa Maria

Um agricultor de 34 anos residente na zona rural de Cachoeira do Sul é a quinta vítima contaminada pelo hantavírus no Estado. E o primeiro caso registrado neste ano em território gaúcho e a primeira incidência do vírus na Região Central. O diagnóstico foi confirmado pelo Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo, na quarta-feira, e divulgado ontem pela Secretaria Estadual da Saúde (SES).

O agricultor está internado no Hospital de Caridade de Cachoeira do Sul e segue tratamento clínico. O veterinário Edison Luiz Salomão, da 3ª Coordenadoria Regional da Saúde (CRS), diz que o paciente teria contraído o vírus durante a limpeza do galpão onde depositava a produção da pequena propriedade rural. O nome do agricultor foi mantido em sigilo. Hoje, técnicos visitam o paciente e o local onde teria ocorrido a contaminação. A investigação deverá identificar as condições ambientais e divulgar formas de evitar o contágio aos moradores da região. Segundo a família, o galpão tem a presença comum de roedores.

Dos quatro casos de hantavírus registrados no Estado desde novembro de 1995, dois foram fatais, na região de Erechim. Originário da Ásia, o hantavírus é

transmitido por resíduos de fezes, urina e urina de ratos silvestres. Contraída por inalação, a doença pode destruir os pulmões por hemorragia e renal pode levar à morte. Os sintomas são semelhantes aos de um resfriado.

O agricultor foi internado em 21 de julho com insuficiência respiratória grave e sintomas semelhantes a uma pneumonia. Segundo o diretor técnico do hospital, Carlos Eduardo Florença, o paciente de Novo Cabrais, ficou seis dias respirando com a ajuda de um aparelho até a regressão completa dos sintomas. No início do mês, ele recebeu alta e, no começo da semana, foi internado novamente com hemorragia digestiva decorrente da utilização dos medicamentos. Segundo Florença, a ulcera não tem ligação com a síndrome pulmonar por hantavírus. O agricultor deve receber alta na semana que vem.

O coordenador do programa de controle do hantavírus da SES, Eduardo Pacheco Caldas, afirma que o procedimento da equipe médica, aliado à juventude do paciente, evita a evolução da doença. Não há medicamento específico para a síndrome provocada pelo hantavírus. O tratamento é baseado na ventilação mecânica dos pulmões e nos cuidados intensivos com a hidratação e a pressão arterial do paciente. O quinto caso confirmado no Estado é o 51º investigado neste ano pela SES.

A DOENÇA NO ESTADO

1998

18 de novembro - O primeiro caso de contaminação e morte por hantavírus é confirmado no Estado. Um agricultor de 33 anos, do município de Três Arroios, na região de Erechim, morreu dois dias depois de ser internado com febre e problemas respiratórios.

27 de novembro - Confirmada a segunda vítima fatal do hantavírus. Um agricultor de 44 anos, morador de Viadutos, também na região de Erechim, morreu quatro dias depois de ter varrido o galpão onde guardava espigas de milho.

24 de dezembro - Confirmado o terceiro caso de contaminação. O paciente é um camioneiro de 37 anos, que mora na cidade de Gramado.

07 de dezembro - O quarto caso de contaminação pelo hantavírus foi registrado num morador de 56 anos, no município de Vacaria.

1999

04 de agosto - A Secretaria de Saúde confirma o quinto caso de contaminação num agricultor da região de Cachoeira do Sul.

COMO EVITAR A CONTAMINAÇÃO

Evitar ambientes fechados onde haja alimentos estocados e ventilação da presença de ratos silvestres. Quando for possível, arejar o ambiente durante 30 minutos antes de entrar e usar luvas, botas de borracha e máscaras.

A desinfecção dos ambientes com suspeitas de contaminação deve ser feita com água sanitária diluída em água.

OS SINTOMAS

Os sintomas são semelhantes aos de um resfriado:

- Febre, dores de cabeça e musculares, calafrios, náuseas, vômitos, diarreias, dores abdominais, suores, tosse e falta de ar.

Figura 26 – Box que mescla cronologia do caso com informações de serviço.

As informações contidas nos box tinham origem nos bancos de dados da empresa jornalística que, nesse período, já havia digitalizado boa parte dos jornais arquivados. No caso de box que exploravam cronologia dos acontecimentos, as matérias anteriores, já publicadas, serviam de fonte de informação.

Tais alterações gráficas foram incentivadas por Augusto Nunes, que havia passado 14 anos na revista *Veja* e estava determinado a ‘arrevistar’ *Zero Hora*. “O Augusto fez uma série de matérias, uma série de pautas que eram pautas de revista. Mostrava que ele tinha toda essa bagagem de *Veja*, de revista” (SOUZA, 2009a). Esse novo estilo não ficou limitado apenas ao conteúdo dos textos jornalísticos, que ganhavam forma de grandes reportagens. O aspecto gráfico também sofreu influência. O novo diretor de redação exigiu que os profissionais – jornalistas, fotógrafos e diagramadores – pensassem novas formas de apresentar a notícia, para que o leitor tivesse menos trabalho e mais vontade de ler o jornal. No texto, para introduzir a fala dos entrevistados, o uso das aspas foi substituído por travessões.

Uma decisão editorial do Augusto Nunes que acreditava que assim a frase ficava mais valorizada e, eventuais frases desnecessárias seriam evitadas pelo uso com esse destaque. As aspas no meio do texto favoreciam a um texto muito declaratório e quase era um vício do redator. Ao destacar com travessão a seleção ficou mais criteriosa pela visibilidade (SOUZA, 2009b).

Nesse período, apareceu ainda o chamado contraponto, recurso usado quando a maior parte da narrativa da matéria faz comentários e afirmações desfavoráveis a uma instituição ou serviço público. No contraponto, o órgão criticado ganha espaço para se defender.

GENTE

Corpo de cantor será exumado

O corpo do cantor João Paulo, da dupla João Paulo e Daniel, será exumado no dia 23 para exame de DNA. João Paulo está enterrado em Brotas, interior paulista. A exumação foi determinada pela Justiça, que analisa requerimento de paternidade de Renata Cristina Mendes do Nascimento, 27, de Goiânia (GO), que diz ter um filho de João Paulo. A criança, batizada como Daniel, nasceu em maio de 1998, oito meses após a morte de João Paulo. Ele morreu em acidente no dia 12 de setembro de 1997. O resultado deve ser concluído em quatro meses.

BOTÂNICA

Nova classificação para espécies

A classificação das espécies vivas em animais e vegetais perdeu sentido com a divulgação, ontem, do projeto Verde Profundo, um trabalho de 200 pesquisadores de 12 países, que concluiu a mais complexa árvore genealógica de qualquer grupo de seres vivos da Terra. Durante cinco anos, eles reconstruíram a evolução das plantas verdes.

— Já não podemos pensar sobre a vida apenas em termo animal ou vegetal. A Terra hospeda cinco reinos de organismos complexos — disse o biólogo Brent Mishler, da Universidade da Califórnia.

Outra iniciativa de Augusto Nunes foi acrescentar o nome do editor e do coordenador de produção da Geral, bem como seus respectivos telefones de contato, no cabeçalho à direita da página (figura 27).

O Augusto também propôs isso, porque já havia essa tendência de interatividade. A *Zero Hora* foi um dos primeiros jornais brasileiros a fazer isso, inspirado em um jornal Mexicano, o *Reforma*, que foi lançado em 1992. Nós fomos, eu e o Augusto, ao *Reforma*, no México. O *Reforma* tinha um conselho de leitores, que depois a gente veio implantar. O *Reforma* tinha o nome dos editores, os telefones e já era óbvio que quando chegasse a internet teria o e-mail. Isso era bem do projeto do Augusto (SOUZA, 2009a).



Figura 27 – Abertura da editoria, com o nome dos editores e o telefone de contato com a redação.

As notas começavam a aparecer fora das seções predefinidas, normalmente ocupando uma coluna de cima a baixo, não mais para fechar “buracos” da diagramação. A adoção dos chamados balaios de notas no jornal também foi uma herança da gestão Augusto Nunes (1992 a 1996). A frequência maior no uso de notas foi valorizada por dois motivos. Primeiro porque o jornal passou a ter apostas editoriais – matérias mais importantes que tinham disponíveis para sua execução o melhor repórter da área, o melhor fotógrafo e mais tempo para serem produzidas. “Tinha que ficar bem claro o que era a principal aposta do dia, o que eram notícias comuns e o que eram registros. (...) A notícia do dia era o factual menor e o registro era aquilo que não precisava mais do que 5cm, 6cm, 7cm” (SOUZA, 2009a).

Além disso, uma pesquisa feita pelo *Poynter Institute*, do Mário Garcia, comprovou que as notas eram mais lidas que as matérias.

Aliás, chamar de balaio uma nota curta é um assassinato da nota porque pesquisas do *Poynter Institute* aferiram que uma das maiores leituras são as notas curtas. Na seqüência, aparecem as legendas, depois os destaques e por último o texto. E só 25% das pessoas lêem até o final do texto. Então, se o texto é a última opção de leitura, porque chamar a nota curta de balaio. Tem de dar solenidade a ela (CÂMARA, 2009a).

Outra novidade gráfica incorporada à matéria por iniciativa de Mário Garcia foi a presença da capitular, letra maior que a usada no texto, normalmente utilizada para começar uma matéria (figura 28).

ZEHO HORA  39

GERAL

O CASO BAHAMAS

Cabo Verde decide o destino do navio

A Justiça do arquipélago define nesta semana se o Bahamas será afundado ou vendido como sucata

FEDRO HAASE FILHO

A partir de hoje, o navio Bahamas será considerado legalmente abandonado nas águas de Cabo Verde. A segunda-feira está comemorando um mês desde que a embarcação foi fundada à entrada do porto de São Vicente, uma das ilhas que formam o arquipélago africano. Como navios 30 dias ninguém assume a responsabilidade pelo navio, a legislação local prevê a condição de abandono. O capitão dos portos José Pedro Mariano informou ontem, por telefone, que ao decorrer da semana o Tribunal Regional da Comarca de São Vicente decidirá sobre o destino do Bahamas, que em Cabo Verde chegou sob o nome de *Cristus Filio*.

Confesso o capitão Mariano, duas alternativas deverão ser consideradas pelo tribunal: o afundamento do navio em alto-mar ou a venda como sucata. O comandante da Capitania dos Portos adiantou que a venda passou a ser considerada uma possibilidade diante dos gastos com as atividades portuárias em São Vicente.

Colocamos um rebocador a vigiar o barco durante as 24 horas do dia. Se com isso, depois um custo diário de, no máximo, US\$ 420. Além de outras despesas, também destacamos dois policiais marítimos para acompanhar os cinco tripulantes gregos que ainda se encontram no interior do navio – destaca o capitão.

Se a venda for a opção escolhida pela Justiça de Cabo Verde, será feita por meio de uma sessão pública. Segundo Mariano, o Bahamas, em condições atuais, estaria avaliando em cerca de US\$ 1 milhão.

A NOVELA CONTINUA

O navio que despovoado em Rio Grande também o polémico e cabo Verde:

AGOSTO 08
 O Bahamas atracou no porto de Rio Grande. Devido a problemas em seus tanques e ao risco de explosão, 3 mil toneladas de ácido sulfúrico são despejadas nas águas do canal.
 A Justiça Federal determina o fim do despejo. O Bahamas é considerado teoricamente encalhado e não pode deixar o porto.

SETEMBRO 08
 A Justiça Federal estabelece que o restante da carga do Bahamas seja levada por outro barco em alto-mar, onde será despejada. Entre outubro e dezembro, o navio Veres realiza várias viagens para levar a mistura ácida.

ABRIL 09
 Depois de oito meses encalhado, o Bahamas é levado para alto-mar, onde deveria ser afundado.
 No dia 23, já em águas internacionais, 400 quilômetros de costa grega, o navio é aborçado e resgatado pelo rebocador Salvage Giant, sob a alegação de ser levado para conserto na Grécia.

MARÇO 09
 No dia 21, a empresa grega Polisson Diving confirma que o Bahamas mantém sua rota em direção ao porto de Piraeus, na Grécia.

JUNHO 09
 A revista portuguesa *TradeWeek* publica reportagem, na internet, dizendo que o Bahamas estaria abandonado em meio ao Oceano Atlântico, na costa de Cabo Verde (foto acima).

Abandono: Bahamas está há um mês no Porto de São Vicente

Civis gregos que ainda permanecem no navio são funcionários da Posidon Diving, a empresa de salvatagem contratada pela proprietária do Bahamas – a suíça Chamell International – para impedir que o navio fosse afundado, em abril, a 400 quilômetros da costa do Rio Grande do Sul. Sua missão era levar o barco até o porto de Piraeus, na Grécia. Depois da abordagem, o Bahamas passou a ser puxado pelo rebocador Salvage Giant, da empresa Antea Marine, de Taiwan. Aliando e falta de pagamento das despesas – avaliadas em US\$ 400 mil – pela Chamell, a Antea Marine determinou que o Salvage Giant resgatasse o Bahamas no porto de São Vicente.

Este rebocador (*Salvage Giant*) pediu licença para entrar no porto no dia 21 de maio, para ser feito o teste de combustão e de alinhamento. Ficou por aqui durante cinco dias e na madrugada de 5 de maio fugiu, deixando o *Cristus Filio* (*Bahamas*) – recorda o capitão Mariano.

É a primeira vez na história recente de Cabo Verde, uma esquadra portuguesa tradicionalmente voltada para atividades marítimas e portuárias, que algo assim acontece. Segundo o comandante da Capitania dos Portos, o abandono do Bahamas motivou as conversas entre a população da ilha de São Vicente, cuja principal cidade é Mindelo, com cerca de 50 mil habitantes.

Todos aqui querem saber o que lá dentro deste barco – diz o capitão Mariano.

O navio é um gigante metálico de 110 metros, que ficou oito meses encalhado no Brasil, só duas gruas as boas indústrias instaladas nos seus tanques. Seu casco está seriamente danificado pela corrosão provocada pelo vazamento da carga de ácido.

Mapa do arquipélago de Cabo Verde: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, Branco, Buro, São Nicolau, Oceano Atlântico.

Mapa de localização: Cabo Verde, África, Oceano Atlântico.

Figura 28 - Exemplo de uso da letra capitular na abertura da matéria jornalística.

Na edição de 21 de agosto de 1999, por influência da gestão Marcelo Rech (1996 a 2008), apareceu pela primeira vez na amostra o recurso do *lead* destacado (figura 29). Em letras de tamanho um pouco maior do que o texto da matéria e em negrito, o recurso trazia uma espécie de resumo com informações básicas da notícia. O *lead* apareceu como um complemento de outros elementos paratextuais como o título, o subtítulo e a cartola.

O Marcelo achava que ele poderia de certa forma agilizar a leitura, dar um resuminho. E era uma inspiração do *lead* que se usava no *Jornal do Brasil*. E o Marcelo enquanto estudante viveu essa época do *Jornal do Brasil* como principal jornal do país e aí disse: “Vamos fazer um lidezinho em negrito” (SOUZA, 2009a).

ZERO HORA PORTO ALEGRE, SÁBADO, 31 DE AGOSTO DE 1993 39

GERAL

MILITARES

Acidente durante treinamento mata soldado em São Gabriel

Vilmar Paz era operador de rádio do 6º Batalhão de Engenharia

FABIANA SPARREMBERGER
Casa Zero Hora/Santa Maria

O toque da antena do rádio transmissor em fios de alta-tensão provocou, na quinta-feira, a morte instantânea do soldado do Exército Vilmar Marcelo Santos Paz, de 20 anos.

O acidente ocorreu no campo de instrução do 6º Batalhão de Engenharia de Combate de São Gabriel. O soldado era o operador de rádio do Pelotão de Operações Especiais.

O batalhão realizava um treinamento na localidade de Corredor da Rainha, a cinco quilômetros do centro da cidade, quando houve o acidente, por volta das 16h. Cerca de três horas depois, o fato foi comunicado à Polícia Civil. O comandante do 6º Batalhão, tenente-coronel Antônio Silva dos Santos, caracteriza como fatalidade a morte do soldado.

Segundo o oficial, a altura da antena utilizada para fazer a comunicação do pelotão com a unidade e carregada nas costas do operador e alcança uma altura de até cinco metros. No local onde ocorreu o acidente, os fios



Paz, entusiasmado com o correio estavam ligados a postes, que alimentavam as duas residências localizadas no interior do campo de instrução.

– Num momento de distração, o soldado não deve ter visto que os fios estavam rebatidos. Foi uma fatalidade incrível que deixou a unidade perplexa – afirma Santos.

Laudo técnico vai constatar condições de rede elétrica

O delegado de São Gabriel, Emerson Wenét, solicitou um laudo técnico à empresa AES Sul para constatar se a rede elétrica não estava colocada em uma altura abaixo da recomendada. Num levantamento preliminar, os técnicos da empresa afirmaram que os fios de alta-tensão estavam baixos e transmitiam 22 mil volts.

A AES Sul informou ao delegado que a manutenção da rede no campo de instrução seria responsabilidade do Exército. O comandante da unidade afirmou que desconhece a obrigação. O laudo da necropsia será entregue ao delegado na segunda-feira.

Paz era natural de Três Passos e morava com a família no município de Estrela. Há dois anos, atuava como operador de rádio no pelotão de elite da unidade. Iniciado na segunda-feira, o treinamento da chamada Sema Verde reuniu mais de 40 homens. As manobras envolvem exercícios de armaria, tiro e explosivos.

No treinamento, Paz utilizava uma bússola para delimitar e localizar pontos predeterminados na pista de orientação. Segundo o comandante, o soldado cumpriu o serviço militar obrigatório em 1998 e continuou na função pelo entusiasmo e dedicação que demonstrava durante o trabalho.

PORTO ALEGRE

Historiador gabiense homenageado

O historiador Osório Santana Figueiredo, 73 anos, de São Gabriel, recebe ao meio-dia deste sábado, na sede do Grupo Gaúcho de Narvizo (Rua Liberdade, 415, bairro Rio Branco), em Porto Alegre, a Comenda Duque de Laxtano. A homenagem será conferida pela Comissão Gaúcha de Faldiole.

Osório Figueiredo tem 21 obras publicadas sobre a história de São Gabriel e sobre o faldiole rio-grandense. Seu primeiro livro, *Manoeco Pereira, o Homem que Laxtano com o Pé*, foi publicado em 1988. O historiador pretende lançar ainda este ano a obra *A Terra dos Marechais*.

TRÂNSITO

Quatro mortos no interior do Estado

O caminhoneiro Irineu Sulzbach, 36 anos, morreu ontem em um acidente, às 10h30min, no km 412 da BR-386, em Montenegro. Ele perdeu o controle do caminhão, com placas de Esteio, e capotou esparramando parte dos 14 toneladas de apicaz que transportava. Em Rio Grande, Penlo Henrique Miran Valdez, 24 anos, morreu na manhã de ontem no km 4,5 da BR-392. Ele andava de bicicleta, quando foi colchoso pela Belina dirigida por Edir Alves.

Uma capotagem na noite de ontem provocou a morte de Aurino Valdeir Vieira, 27 anos, no km 135 da BR-386, em Sarandi. Ele viajara no Gol conduzido por Celso de Luz, 28 anos, que se freou frenamentos na cabeça e foi levado para o Hospital Comunitário. Em Soledade, uma colisão na madrugada de ontem matou o agricultor João Antônio Lucas de Moraes, 52 anos. Ele conduzia um trator na P-332 quando foi atingido na traseira pela Sarcito dirigida por Luis Fernando Coum, 38 anos. O trator foi jogado para fora da rodovia e acabou caindo em cima do agricultor, que morreu no local.

Fiéis ficam feridos em Santa Cruz

Um acidente com um ônibus deixou cerca de 30 pessoas feridas em Santa Cruz do Sul. As vítimas, fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus residentes no bairro Tormac, estavam sendo levadas em um ônibus de Páuer Tur para o templo, no centro da cidade. Por volta das 19h, o veículo, dirigido por Pedro Francisco da Silva, 36 anos, subia uma estreita rua da Vila Menino Deus, quando quebrou a caixa de câmbio.

Sem conseguir vencer a ladeira, o ônibus começou a descer de ré. Silva perdeu o controle da direção e o ônibus chocou-se com um poste derrubando-o. Em seguida, desceu um barranco e tombou de lado. Os feridos em estado de choque e com escoriações leves foram conduzidos para o Hospital Santa Cruz e para um posto de saúde.

Figura 29 – Reprodução da primeira matéria da amostra com uso do *lead* destacado.

No geral, a maioria das matérias jornalísticas apareceu assinada pelos repórteres que as redigiram, independente de a notícia ocupar espaço principal ou secundário na página. Porém, nesse período, a assinatura limitava-se apenas ao nome do repórter. Salvo se ele fosse representante das chamadas *Casas Zero Hora* – sucursais espalhadas pelo interior do Estado que produzem informações para serem veiculadas no jornal. Nesse caso, a cidade da sucursal de origem complementava a assinatura.

Também é da gestão Marcelo Rech a incorporação da chamada correção no jornal – pequena nota, normalmente cercada de fios, em que *Zero Hora* assume publicamente que houve erro na informação publicada anteriormente (figura 30). A nota trazia a informação correta, seguida da errada, a página e a editoria onde o equívoco foi veiculado.



Figura 30 – Exemplo de página com uso do quadro de correções

Outros dois recursos gráficos que apareceram pela primeira vez na amostra foram o infográfico e ou o infomapa⁹³. Na matéria *Um tesouro desfigurado pelo tempo*, do dia 29 de julho de 1999, entre as várias fotografias que mostravam os prédios históricos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o jornal trazia um mapa localizando os prédios a serem restaurados (figura 31).

No velho jornal, o importante era o texto, somente o texto, nada mais que o texto. Utilizavam-se fotografias – desde que não tomassem o espaço do texto (...). No novo jornal, o que importa é comunicar bem ao leitor o que se quer comunicar. Se um gráfico, em determinados casos, comunica melhor, publica-se o gráfico, subtrai-se o texto. Se uma infografia conta melhor uma história do que um texto corrido publica-se a infografia (NOBLAT, 2008, p.152).

⁹³ Também chamado de “mapa infográfico”. É o mapa com a função de localizar o leitor onde são inseridas informações jornalísticas e não somente informações geográficas (DE PABLOS, 1999).

PATRIMÔNIO

Um tesouro desfigurado pelo tempo

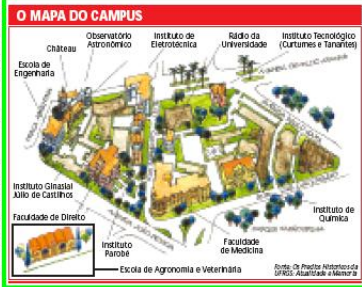
A Universidade Federal do Rio Grande do Sul lança campanha para restaurar 12 de seus prédios históricos

ITAMAR MELO

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) começa a registrar hoje os dados de esplenador de uma dos conjuntos arquitetônicos mais preciosos do país. As 15h30min, a reitoria lança uma campanha de captação de recursos para restaurar 12 de seus prédios históricos, construídos no princípio do século no campus central e no campus da Agronomia. A recuperação do patrimônio, orçada em R\$ 19 milhões, será possível graças à aprovação pelo Ministério da Cultura de um projeto elaborado pela universidade. A UFRGS se credenciou ao Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo qual empresas e pessoas físicas que colaborarem com as obras poderão abater as contribuições do Imposto de Renda. Durante três meses, uma comissão vai procurar as empresas e apresentar o projeto. Pessoas físicas interessadas poderão fazer contato com a reitoria.

— Esperamos que aquelas que se formaram aqui nos ajudem a recuperar um século de história em dois anos — pela o arquiteto Geraldo Costa, diretor da Divisão do Patrimônio Histórico Edificado da instituição.

O campus central tem 50 mil metros quadrados de área construída e 100 mil metros de área total. Ali se encontram 11 dos 12 prédios a serem restaurados. O 12º é a Faculdade de Agronomia, localizada na Avenida Bento Gonçalves. Marcadas pela ação do tempo, as edificações sofrem com infiltrações, cupins, má-conservação e problemas de reboco e pintura. Apesar disso, os prédios são um patrimônio incalculável, representando as principais tendências da arquitetura da virada do século.



ESCOLA DE ENGENHARIA
Construída em 1900, tem estilo neoclássico, com janelas enquadradadas por molduras e cornijas em arco plano. Mantém a cobertura original de telhas francesas.
História: foi o primeiro prédio construído no campus.
Curiosidade: conserva ainda alguns frades de pedra, pequenos portos utilizados para amarrar cavalos.
Situação: deteriorado pela ação do tempo, deve ser totalmente reformado.



OBSERVATÓRIO ASTRONÔMICO
Construído, equidistante entre 1907 e 1908, mistura tendências art-nouveaux influenciadas pela influência belga na prática das balaustradas.
História: criado para produção de estudos astronômicos e climáticos. Em 1972, atividades foram transferidas para o Morro Santana.
Curiosidade: impregnado, em 1912, serviço de hora certa situado com infiltração e ferrugem na cúpula. Necessita recuperar equipamentos.



Figura 31 – No destaque, o primeiro mapa ilustrativo da amostra.

No dia 29 de agosto de 1999, apareceu o primeiro infográfico (figura 32). A chamada reportagem visual trazia apenas um parágrafo de texto. O restante da narrativa foi feita por meio de desenhos e pequenas frases.

36 PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 1999 GERAL ZERO HORA

REPORTAGEM VISUAL

Porto Alegre desenterra sua história

Objetos do século 19 foram encontrados em um sítio arqueológico localizado nos fundos de um estacionamento no centro de Porto Alegre. O material, recolhido pela equipe da Secretaria Municipal de Cultura durante 15 dias, foi levado ao Museu Esquivel José Feliciano, onde será lavado, restaurado, inventariado e interpretado. Este é o primeiro sítio doméstico descoberto na área urbana mais antiga da Capital.

Objetos antigos localizados em Porto Alegre:

- Rua das Flores
- Solar Lopo Gonçalves
- Solar do Tanque-Parano
- Chácara do Morro Santana

Objetivo é, a partir de objetos como garrafas de vinho, vidros de remédios, restos alimentares (como caso de ovos e aves) e peças de porcelana, fazer uma reconstrução dos hábitos culturais, sociais e econômicos dos habitantes daquela região. O projeto conta com a participação de estudantes da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Na camada IV foram encontrados objetos como garrafas finas, pedras de fogão e ossos de aves e bovinos.

A partir da camada III foram encontrados objetos como vasos de barro e de vidro, pregos e cravos.

Figura 32 – Reprodução da página com o primeiro infográfico.

A partir desse grupo da amostra, o uso da cor passou a ser disseminado não só nas fotografias, mas também em outros detalhes da diagramação das páginas internas do jornal. O box, que vinha usando um fundo cinza, ganhou, nas páginas coloridas, um fundo creme, o que chamou mais atenção para esse elemento gráfico. O título do box incorporou um fundo colorido, que variava conforme a composição da página. Foram encontrados exemplos de fundo azul e verde.

3.3.1.3 A amostra em 2009: a internet entre os motivos da mudança gráfica

As páginas da amostra, referentes ao ano de 2009, apresentam alterações no projeto gráfico motivadas pela aquisição de novas rotativas para imprimir o jornal, por tendências gráficas mundiais e pelo fato de *Zero Hora* impressa ter ganhado uma versão *online* para o jornal. Seguem as informações gerais, referentes à aplicação das fichas de avaliação (quadro 7):

ANO DA AMOSTRA	2009
Número de páginas da amostra	59
Número de páginas por edição	Segunda-feira, 6/7 – 6 páginas Terça-feira, 14/7 – 10 páginas Quarta-feira, 22/7 – 8 páginas Quinta-feira, 30/7 – 10 páginas Sexta-feira, 7/8 – 11 páginas Sábado, 15/8 – 7 páginas Domingo, 23/8 – 7 páginas
Total de unidades informativas	Matérias principais: 37 Matérias secundárias: 46 Notas: 116 Total: 199
Número de fotografias	46 (42 fotografias coloridas e 4 em preto e branco).
Origem das fotografias	11 fotografias de arquivo, o que representa 24% do total
Número de páginas sem fotografia	30 , o que representa 51% do total de páginas
Número de páginas com fotografia	29 , o que representa 49% do total de páginas

Quadro 7 – Dados referentes à amostra de 2009.

Na quantidade de páginas destinadas à editoria, em 2009, foi registrada uma pequena queda, de 64 para 59 páginas. Os dias da semana com maior quantidade de páginas também mudaram. Nesse grupo da amostra, terça, quinta e sexta-feira foram os dias com maior espaço para a Geral.

As fotografias coloridas predominavam na edição. Das 46 fotografias, 42 eram coloridas (91%) e apenas quatro em preto e branco (9%), demonstrando um grande contraste com os resultados obtidos em 1989, quando todas eram em preto e branco e, em 1999, quando a maioria ainda era em preto e branco.

Para se ter uma idéia da importância da fotografia hoje no jornal, se eu tenho a fotografia e não tenho a matéria, a fotografia vai para o jornal e nós vamos dar um jeito de fazer uma matéria para aquela fotografia. Se eu tenho a matéria e não tenho a fotografia, a matéria vai ficar na gaveta. Mas isso não vale para qualquer fotografia, tem de ser fotografia de qualidade. O fotógrafo ganha uma capa ou uma contracapa conforme a qualidade. (...) Sabendo disso, o perfil das pessoas mudou e eles já estão trabalhando assim. Os fotógrafos são repórteres fotográficos, não são simplesmente fotógrafos acompanhantes (CÂMARA, 2009a).

Quanto à origem das fotografias publicadas, 35 delas eram factuais e 11 de arquivo (24%). Constatou-se um diferencial em relação às fotografias de arquivos usadas em 1989 e 1999. Nas fotografias de 2009, a fotografia não factual apareceu apenas em casos bem particulares: quando foi preciso fazer reprodução de fotografias de pessoas vítimas de acidente; para ilustrar box com citações de pessoas que ocupavam cargos públicos; para atualizar as investigações de um acidente de trânsito ou ainda em uma matéria que mostrou a restauração de um antigo presídio (figura 33). Os seja, nenhuma das fotografias de arquivo foi protagonista da página como chegou a ocorrer nos anos anteriores. Em 2009, as fotografias de arquivo eram complementares, acompanhavam fotografias factuais usadas nas matérias.

PRESÍDIO REVITALIZADO Celas viram salas de aula em Rio Grande

Imóvel que abrigava presos do município está desativado desde 1997

Rio Grande/Correspondente
FERNANDO HALAL

No lugar das celas, salas de aula. Depois de 12 anos fechado, o antigo presídio municipal de Rio Grande está se transformando em espaço para realização de oficinas de moda, teatro e reciclagem. O refeitório será um auditório, e a antiga solitária foi reformada para receber um laboratório de fotografia.

O Centro de Formação Municipal Escola Viva será inaugurado ainda este ano. As obras se iniciaram em agosto de 2008. Até então, o prédio em estilo neoclássico, de 1927, se deteriorava.

A revitalização deve custar R\$ 500 mil. O objetivo da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Smec) é atender a nova demanda do município por mão-de-obra, especialmente para trabalhar no polo naval e suprir as vagas abertas em outros segmentos.

A ideia é beneficiar alunos da re-

de municipal de ensino em horários extra-classe e os próprios servidores municipais, com a realização de cursos de formação e capacitação.

— Queremos transformar um espaço que foi de sofrimento em ponto de encontro da sociedade — afirma o secretário de Educação Claudio Omar Nunes.

Adaptações foram realizadas para o aproveitamento do espaço. A primeira mudança pode ser percebida já na calçada. A fachada, antes acinzentada, ganhou cores. As portas laterais cerradas, que davam um aspecto sombrio ao interior do prédio, foram abertas e passaram a iluminar os corredores.

Dois celas foram adaptadas para abrigar banheiros. Pesadas chapas de ferro que reforçavam as portas também foram retiradas. Nas paredes das celas, orações religiosas, declarações de amor e sinéris que contabilizavam os dias de reclusão foram apagados.

Ainda não há uma previsão para a inauguração da Escola Viva, mas a primeira atividade será um curso para as merendeiras da rede municipal,

História

O presídio municipal foi desativado em 1997, com a construção da atual Penitenciária Estadual do Rio Grande, na Vila da Quinta. Cerca de 285 presos superlotavam o prédio à época da desocupação. Depois de entregue ao município, o imóvel sediou ensaios de uma escola de samba. Nos últimos anos, virou sendo usado como esconderijo por sem-tetos e usuários de drogas.

adianta a supervisora pedagógica Marilice Lopes. As atividades do Núcleo de Tecnologia, que atualmente ocupa um prédio locado, também devem ser transferidas para o novo prédio. Biblioteca, sessões de cinema, peças teatrais e galerias com exposições de alunos e professores também estão entre os projetos da Smec.

fernando.halal@zerohora.com.br

ZERO HORA, TERÇA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2009

Geral 37



Mudanças no prédio que chegou a abrigar 285 presos em 1997 já podem ser percebidas na fachada, que ganhou novas cores



Figura 33 – Uso de fotografia de arquivo para mostrar como era a fachada do prédio antes da restauração (A) e uso de fotografia factual para mostrar como ficou (B).

A justificativa para essa maior valorização da fotografia factual teve relação com duas inovações tecnológicas. A primeira foi o uso das máquinas fotográficas digitais na cobertura da pauta diária, desde 2000. Tal equipamento conferiu mais agilidade tanto na produção da imagem quanto no seu envio à redação. A segunda justificativa foi a ampliação e modernização do parque gráfico do jornal. Em 26 de junho de 2009, no mesmo dia em que *Zero Hora* começou a circular com esse novo projeto gráfico, foi inaugurado oficialmente o *Parque Gráfico Jayme Sirotsky*. A aquisição das duas novas rotativas suíças permitiu a ampliação na capacidade de impressão do jornal de 60 mil para 75 mil exemplares por hora e o limite de páginas coloridas por caderno passou de 48 para 64, ou seja, a totalidade de páginas da edição em dias de semana (fullcolor).

Contudo, o percentual de páginas sem fotografia foi o mais significativo dos três grupos da amostra: 51% das 59 páginas, o que significa 30 páginas sem fotografia. E, nesse caso específico, as páginas nem sempre apresentavam ilustrações, box ou infografias como na década anterior. Porém, o uso da cor na cartola e no título – tanto do box como das notas –, assim como nos anúncios publicitários, tornou a página mais “leve”, independente da presença ou não de fotografia jornalística (figura 34).

PERIGO NA ESTRADA

Roubo de carga acaba em mortes

Caminhoneiro foi atado e morto a tiros quando transportava feijão

À sua morte

Um roubo de carga no norte de Goiás acabou de forma trágica no município de Goiás...

Em sua morte

Um roubo de carga no norte de Goiás acabou de forma trágica no município de Goiás...

Um roubo de carga no norte de Goiás acabou de forma trágica no município de Goiás...

Um roubo de carga no norte de Goiás acabou de forma trágica no município de Goiás...

Um roubo de carga no norte de Goiás acabou de forma trágica no município de Goiás...

praticamente totalitária. Quando se aproximava a guarda de trânsito e se aproximava - desta vez, preocupado com o roubo de carga, que também poderia ser fatal...

Na noite seguinte, o caminhoneiro foi abordado e morto a tiros...

O corpo do caminhoneiro foi encontrado às margens da estrada...

Uma perícia deve apurar se a morte do caminhoneiro foi resultado de um acidente ou de um assassinato...

NOTAS

Armas apreendidas na região da Missões

Dois homens foram presos pela Polícia Militar em duas horas depois, em São Luís do Maranhão...

Morte no noroeste

Osório Moura, 34 anos, foi encontrado morto no final da manhã de ontem, em Fátima do Maranhão...

Assaltante de ônibus

A Brigada Militar de Caxias prendeu um homem logo após ele assaltar um ônibus no bairro Fátima Nova, ontem...

Nova droga e morte

Após seis meses de investigação, a Polícia de São Luís do Maranhão descobriu uma nova substância...

Presos monitorados

O governo de Minas Gerais decidiu divulgar nomes reais e endereços de compra de terrenos...

QUANDO O PARTO É DE UM ANCIANO, O RESULTADO NÃO É UMA CERTIDÃO DE NASCIMENTO. É UM ATESTADO DE ÓBITO.

A anemialia, ou ausência de células, é uma má formação fetal incompatível com a vida. Não, os exames de ultrassonografia identificam a anemialia já no primeiro dia de gestação. Porém, o Diagnóstico Prenatal Genético, que foi realizado em 1980, acabou sendo útil na identificação da anemialia, ainda hoje não permitia que a gestante interrompesse a gravidez na fase de diagnóstico. Não comente isso, e nem mesmo admita que é da sua família. A anemialia é irreversível e incompatível com a vida. Mas se a vida remanescente a deixar por completo a vida da gestante humana.

Amplifique seus testes e decida pela interrupção de gravidez em caso de anemialia.

CEDEM - Centro Hospitalar de Vitória e Saúde

capio

Figura 34 – O colorido da cartola (vermelho), do título da nota (azul) e da foto publicitária (verde) tornou a página mais leve.

A abertura da editoria de Geral, que na amostra de 1999 trazia o nome do editor e do coordenador de produção com seus respectivos telefones, em 2009, trazia, além dos telefones de contato e do nome do editor executivo e do editor – indicando que houve uma alteração na nomenclatura dos cargos –, o e-mail da editoria (figura 35).

Geral

NOVA ISCA DO TRÁFICO

Mistura de drogas é uma armadilha para usuários

Atalho ao vício, o pitico, feito com crack e maconha, induz quem usa a se acostumar à pedra



Sem saber que estava experimentando crack, adolescente de 16 anos se viciou fumando maconha

O que é o pitico

• É um cigarro de maconha recheado com fragmentos da pedra do crack. O risco de fumar o pitico é similar ao do crack, pois ele carrega as mesmas substâncias nocivas da droga de origem, e o nível de dependência é alto. Depois de experimentá-lo, o usuário passa a necessitar o crack.

• Também conhecido pelo nome de *mahadinha*, a mistura de drogas é vendida nas bocas-de-forno ou preparada diretamente pelo usuário. Em alguns casos, traficantes dissolvem o crack dentro da maconha sem o conhecimento do usuário. Em busca de praticidade de fumo, os usuários nem percebem que estão ingressando na dependência da pedra. É uma armadilha para conquistar novos "clientes".

Editor executivo: Diego Araújo - 3218-4727
Editor: Alexandre Elmi - 3218-4732
geral@zerohora.com.br

Como obter um adesivo da campanha

A segunda etapa da distribuição dos adesivos doados pelo Banrisul à campanha Crack, Nem Pensar ocorre hoje, em todo o Estado e em Santa Catarina. No Rio Grande do Sul, a distribuição é feita por jornalistas em Porto Alegre, Caxias do Sul e Santa Maria, junto às edições de Zero Hora, Diário Gaúcho, O Pioneiro e Diário de Santa Maria. Não é necessário comprar o exemplar do jornal para receber a marca da campanha. Agências do Banrisul e instituições, como sindicatos de taxistas e motoboys, também estão distribuindo adesivos. Ao todo, 70 agências do banco em todo o Estado participam da campanha.

A primeira etapa da entrega dos adesivos ocorreu na tarde do sábado passado, na Capital. Além de comunicadores do Grupo RBS, esteve presente o prefeito de Porto Alegre, José Fogaça (foto abaixo).

Nos próximos meses, serão entregues às populações gaúcha e catarinense um milhão de adesivos. A terceira etapa da distribuição será no sábado, dia 11 de julho, também por jornalistas, junto à edição dominical de Zero Hora.

Figura 35 – Exemplo de uma página de abertura com o telefone e o e-mail no destaque.

Com a consolidação da internet, o e-mail passou a constar também no final das matérias, como uma espécie de extensão da assinatura do repórter que apurou e redigiu o texto. Assim como o telefone, o e-mail se tornou uma forma de contato com o jornal para que os leitores pudessem sugerir reportagens ou apontar correções em notícias já veiculadas.

O jornal de 2009 apareceu com um visual 100% colorido. Todas as páginas de *Zero Hora* traziam cor, inclusive nos anúncios publicitários, como já foi mencionado. A cor estava presente também na cartola das matérias, que ganhou uma versão ampliada. Se, em 1999, a cartola era representada por uma palavra, em 2009 ela era composta por uma frase. “Foi inspirado em títulos e chamadas mais diretos e convidativos para a leitura do texto. Independente de qualquer tipo de veículo, os títulos passaram a ser mais valorizados” (SOUZA, 2009b).

Um exemplo foi a matéria da página 24, do dia 6 de julho de 2009 (figura 36). A frase *Ao som do Jazz* – que é a cartola ampliada –, antecede o título *Letra e música na Estação Gramado*. Além do novo formato, ela vem sempre escrita em caixa alta e na cor azul claro, o que ganha destaque na página. A cor na amostra de 2009 esteve presente ainda em todos os títulos dos pontos.

Outra coisa que esse projeto tem agora é essa coisa dos títulos um pouquinho mais destacado para valorizar o título como entrada para a leitura. (...) A idéia era dar uma “arrevistada” no jornal e também olhando para o nosso concorrente, o *Correio*

do Povo e os outros. Porque o nosso concorrente faz títulos como se faz há muitos anos. E eu acho que a gente pode tentar o título com esse antetítulo, como nós temos chamado. Que de certa forma dá uma leveza a mais na página (SOUZA, 2009a).

24 Geral

ZERO HORA SEGUNDA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 2009

AO SOM DE JAZZ

Letra e música na Estação Gramado

Evento terá atrações diversificadas para entreter até o dia 2 de agosto



Gramado

PAULO GERMANO

Luis Fernando Veríssimo consegue fazer um show de jazz e atender dezenas de pessoas sem que ninguém escute sua voz a mais de dois metros.

No clima simpático e quietão de sempre, o escritor inaugurou ontem a programação musical da Estação Gramado – e, de quebra, promoveu uma concorrida sessão de autógrafos na 13ª Feira do Livro da cidade.

Com um embalo refinado, mas sempre acessível – como o texto de Veríssimo –, o jazz é lotou a Praça das Comunicações e serviu de trilha para um agradável cenário. Os primeiros dias da Estação Gramado reuniram milhares de pessoas que, patinando ou aprendendo a ser palhaço, se esbaldaram na gama de atrações

que o evento oferece.

E o saxofone de Veríssimo, empurrando acordes de Miles Davis, Tom Jobim e Gary Campbell, fez até o carrossel do espaço Arena Kids balançar no mesmo passo.

– Obrigado, obrigado – era o que se entendia do escritor, pela leitura líbida. Pouco antes, às 16h30min, Veríssimo autografou no Rua Coberta, onde ocorre a Feira do Livro de Gramado. Taniara de Salvador (BA), a administradora Rebeca Mattos soube da atração em cima da hora, e já havia lido nove livros do autor.

– Comprei o dicionário na qual banca aí. Preciso falar com ele, mas não tinha um livro comigo – disse ela, com Ortyas autografado em mãos.

A nuvem cinza que avançava ontem sobre a Região das Hortênsias antecedeia a chuva que deve cair hoje. Segundo a Central de Meteorologia do Grupo RBS, as pancadas se estendem até quinta-feira, em uma semana de temperaturas amenas. Gramado deve registrar entre 12°C e 16°C, antes do



Veríssimo distribuiu autógrafos e embalou os primeiros dias do evento, na Serra, com seu saxofone

fim de semana chegar e devolver o frio intenso à cidade e aos arredores.

O Sindicato dos Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares da Região das Hortênsias prevê que 70% dos quartos estarão ocupados durante a semana – bem menos do que os 85% no sábado e no domingo. Hoje, uma das principais atrações é o circuito de aventura, no espaço Esporte & Natureza – com ponte móvel, rapel, tirolesa e parede de escalada, às margens do Lago Negro. O evento segue até 2 de agosto.

paulo.germano@zerohora.com.br

Espectáculo de deixar boquiaberto



Figura 36 – Exemplo de cartola ampliada, escrita em caixa alta e em letra azul claro.

A fórmula do *lead* destacado, adotada desde 1999, foi mantida, bem como do uso da capitular e do entretítulo. Porém, este último passou a ser escrito em letras cinza, abandonando o negrito. Os títulos, até então limitados a duas linhas, ganharam versões de até quatro linhas (figura 37).

Fazer títulos com até quatro linhas foi uma facilidade para a titulação de matérias, especialmente em larguras menores para títulos. O entretítulo mudou para cinza porque acabou tendo um destaque excessivo e esse projeto suavizou o uso do preto nas páginas (SOUZA, 2009b).

AVANÇO DA GRIPE

RS se prepara para aumento de 40% nas internações

Governo estadual dobrou compensação para que postos estendam atendimento até as 22h

Com a perspectiva de que o Rio Grande do Sul ingresse na fase epidêmica da gripe A em uma semana, a Secretaria da Saúde se prepara para o aumento da procura pela rede ambulatorial, onde são realizadas as consultas clínicas.

O governo acredita que entre o número de atendimentos irá subir de 30% a 40% em relação aos últimos invernos.



Para dar conta dessa demanda adicional, a secretaria prevê a ampliação no horário de atendimento de 500 postos de saúde em todo o Estado – que manteriam as portas abertas até as 22h. Isso depende, porém, da decisão das prefeituras em adotar a nova escala de trabalho mediante uma recompensa de R\$ 6 mil mensais para cada unidade de saúde que aderir ao esforço. O valor é o dobro da oferta inicial com a intenção de ampliar a

adesão contra a gripe A. Além disso, Estado, prefeituras e União ainda pretendem reforçar a vigilância sanitária em pontos considerados mais frágeis da fronteira gaúcha. Uma reunião a ser realizada hoje em Porto Mauá deverá avaliar o deslocamento de homens do Exército para pelo menos oito municípios fronteiriços que ainda não contam com equipes da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Os militares teriam o trabalho de orientar os viajantes sobre a doença, verificar casos suspeitos e encaminhá-los para atendimento.

Apesar do reforço nas medidas, o secretário Omar Terra sustenta que o avanço do vírus em meio ao rigoroso Inverno sulista não é motivo para pânico ou medidas extremas no Estado. O principal argumento é justamente o baixo índice de letalidade – na casa de 0,45%.

– Cerca de 99% dos casos não precisam nem de internação. Podem ser tratados em casa mesmo – tranquiliza o secretário.



Argentinos, que já registram 56 mortes, redobram os cuidados

Proximidade com Argentina amplia risco de epidemia

A previsão é que a gripe A irá virar epidemia nos próximos dias no Estado se baseia no agravamento do quadro em países próximos, como Argentina, Uruguai e Paraguai, e no ritmo de avanço da doença em solo nacional. Ontem, o Estado contabilizou duas novas contaminações e chegou a 111 casos confirmados.

A situação de epidemia é configurada quando a transmissão do vírus não se limita ao contato com turistas que adoeeceram em outros países ou com pessoas que tenham contraído o vírus de um desses viajantes. A partir

dessa estágio, em que o contágio pode ocorrer entre qualquer pessoa, as autoridades devem de aplicar esforços para isolar e monitorar casos suspeitos, e se concentrar em prestar atendimento à grande quantidade de doentes argentinos.

– Estamos no olho do furacão. A proximidade com esses países onde a situação já é epidêmica, como Argentina e Uruguai, faz com que sejamos o Estado mais vulnerável à gripe.

No Argentina, a contabilidade oficial perdeu confiabilidade. As cifras estimadas vão de 2,4 mil a 100 mil – há registro de 56 mortes.

ZEROHORA.COM

Confira página especial com informações sobre a doença. Acesse www.zerohora.com

NOTAS

SP mantém liderança com 61 novos casos
São Paulo se mantém na liderança do ranking de novos casos da gripe A no Brasil. Ontem, foram registrados 61 novos doentes paulistas.

Boletim da doença

Confira o avanço da enfermidade e aos últimos dias, conforme balanços divulgados ontem:

BRASIL
73 novos casos, somando 886

RIO GRANDE DO SUL
2 novos casos, somando 111, com uma recida 232 casos suspeitos

Fonte: Ministério da Saúde e Fundação de Amparo à Saúde

Paraguai confirma segunda morte

O Paraguai, onde existiam 106 casos confirmados até ontem, anunciou a segunda morte devido à gripe A. A nova vítima é uma menina de oito anos. O governo paraguaio decretou estado de emergência sanitária, em 2 de maio, devido ao risco de epidemia.

Ministro brasileiro dá orientações pela TV

Em cadeia nacional de TV, o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, ressaltou ontem que qualquer pessoa com suspeita da doença deve recorrer a postos de saúde, a exemplo do que deve ser feito em caso de gripe comum.

Figura 37 – Exemplo de página com título em quatro linhas.

O tamanho do texto da matéria principal sofreu uma nova redução no tamanho.

Onde é que a gente está ganhando esse espaço que em tese a gente perde cedendo para a fotografia e para o antetítulo, o título e a linha de apoio? Perde entre aspas. Num texto bem enxuto, bem editado. Num texto bem amarrado. (...) O que sobra para o texto? Um texto fechadinho, enxuto, e bem editado. A gente tira algumas coisas do texto e coloca em quadros explicativos. O quadro de apoio é um complemento e não mais uma peça redundante. O jornal ficou muito mais elaborado em edição (SOUZA, 2009a).

As matérias secundárias, que no início de 2009 tinham *lead*, capitular e título em três linhas, ficaram isentas de adotar tais recursos gráficos para evitar a redundância da informação. Outra mudança foi o fato de que matérias menores foram transformadas em blocos de notas – os chamados balaios. Aliás, as notas que em 1989 apareciam em seções predefinidas, em 2009, estão presentes em mais da metade das 59 páginas, sempre que a diagramação permite.

O jornal de 2009 apresentou ainda as remissões ao jornal *online zerohora.com*, criado dois anos antes, em 2007. No final da matéria sobre a gripe A, publicada em 6 de julho de 2009, aparece uma caixinha cercada de fios azuis com o seguinte texto: confira página especial com informações sobre a doença. Acesse www.zerohora.com (figura 38).

ROTINA MUDADA

Onda de temor da gripe A altera cotidiano no Estado

Aulas, missas, shows e até formatura na faculdade estão sendo cancelados por causa da doença

Apesar de a Secretaria Estadual de Saúde insistir de que não há motivo para pânico, o medo da gripe A já criou uma onda de restrições à população gaúcha. Há quem se capa de uma tuta de tecido, outros, chaves de fôrca e até focinheiras já foram colocadas aos visitantes. Pelo menos cinco municípios do interior já cancelaram a realização de eventos para evitar o espalhamento da doença.



Felton sobre a gripe A. Corregaram a var. destruídas obtém saídas de acesso a Santa Maria

— São atos de esportividade está na sua profissão, isso apenas serve para evitar algum tipo de contaminação de pessoas, compra de equipamentos e medicamentos, não há risco — explica o coordenador estadual de Defesa Civil, comend. José Pinna Pedras.

Com dificuldades para atender à demanda nos hospitais e nos unidades de saúde, que não podem de contatar ao pronto atendimento por A/Brisa (H7N1) de São Paulo, pediram outros aos municípios vizinhos como a prefeitura de Santa Cruz. O objetivo é evitar a contaminação e a disseminação da doença.

— Enquanto as unidades de saúde ficam com a capacidade de atendimento, os centros de saúde programam visitas de dois meses. No dia 12 de julho, a Prefeitura de Santa Cruz cancelou o evento de aniversário de 100 anos da cidade.

Em Taperoana, o aniversário de 100 anos da cidade também foi cancelado. A Prefeitura de Santa Cruz também cancelou o evento de aniversário de 100 anos da cidade.

Em Taperoana, o aniversário de 100 anos da cidade também foi cancelado. A Prefeitura de Santa Cruz também cancelou o evento de aniversário de 100 anos da cidade.

Em Taperoana, o aniversário de 100 anos da cidade também foi cancelado. A Prefeitura de Santa Cruz também cancelou o evento de aniversário de 100 anos da cidade.

Municípios em emergência

Cidade	Deceitos	Situação
Chapão	2006	sem gripe
Chapão	2006	sem gripe
Chapão	2006	sem gripe
Chapão	2006	sem gripe
Chapão	2006	sem gripe

— Não são vacinas com efeito imediato. Não há vacina disponível para a gripe A. O risco é de contaminação por contato direto com o paciente infectado.

— Não são vacinas com efeito imediato. Não há vacina disponível para a gripe A. O risco é de contaminação por contato direto com o paciente infectado.

— Não são vacinas com efeito imediato. Não há vacina disponível para a gripe A. O risco é de contaminação por contato direto com o paciente infectado.

— Não são vacinas com efeito imediato. Não há vacina disponível para a gripe A. O risco é de contaminação por contato direto com o paciente infectado.

— Não são vacinas com efeito imediato. Não há vacina disponível para a gripe A. O risco é de contaminação por contato direto com o paciente infectado.

NOTAS

Mais de 700 mortes

A gripe A B provocou a morte de mais de 700 pessoas em todo o mundo desde o início da pandemia. As mortes de quatro meses, informou o Centro de Operações Mundial de Saúde (OMS). A taxa de mortalidade foi de 0,1% entre os infectados.

Outro contêiner

O Hospital Conceição, na Capital, está tratando um segundo contêiner de polio em frente à Emergência para atendimento de pacientes suspeitos de gripe A. No local, estão feitas as consultas médicas. O objetivo é diagnosticar o contêiner e evitar a contaminação de outros pacientes. O atendimento no hospital está sendo realizado de forma segura.

Novas mortes no país

A Secretaria de Saúde de São Paulo confirmou a morte de mais duas pessoas por gripe A. Com isso, foram 10 mortes no Estado. O risco de contaminação por contato direto com o paciente infectado continua alto.

Teste com vacina

A empresa australiana CSL, com sede em Melbourne, está a preparar e testar testes de vacina contra a gripe A em humanos. O teste deve ser realizado logo, segundo rede de TV norte-americana CNN. Ao todo, 240 voluntários receberão doses da nova vacina. O teste será conduzido em adultos saudáveis entre 18 e 64 anos. Os participantes receberão duas doses da nova vacina com uma período de dois meses de intervalo.

Militares treinam

O Comando Militar do Sul (CMS) vai agendar que os integrantes da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) sejam treinados nos quartéis militares em áreas de fronteira para lidar e evitar de contaminação e disseminação de vírus. O treinamento será realizado em Santa Cruz. O objetivo é evitar a contaminação e a disseminação da doença.

Suspeitos em Vacaria

O Centro de Referência de Gripe A em Vacaria aguarda o resultado de exames feitos em dois pacientes que receberam testes e no domingo foram admitidos em isolamento. O teste deve ser realizado logo, segundo rede de TV norte-americana CNN. Ao todo, 240 voluntários receberão doses da nova vacina. O teste será conduzido em adultos saudáveis entre 18 e 64 anos. Os participantes receberão duas doses da nova vacina com uma período de dois meses de intervalo.

Figura 38 – Página que remete o leitor do impresso para o jornal online.

O mesmo recurso é usado outras seis vezes dentro da mesma amostra de 2009. Se comparado ao período logo após o nascimento da versão *online* do jornal, mas que foge à amostra deste trabalho, a remissão ao novo suporte diminuiu. No novo projeto gráfico, as chamadas para o *zerohora.com* foram repensadas a partir de um pedido do próprio editor-chefe do *online*, Pedro Lopes. Porque, segundo Câmara (2009a), as informações que ficam sempre no mesmo lugar no jornal, “viram paisagem”, ou seja, deixam de chamar a atenção. No novo projeto, como *zerohora.com* já era considerado um jornal consolidado⁹⁴, foi dispensado tanta publicidade.

⁹⁴ Desde que *Zerohora.com* foi lançado, em 2007, o número de visitantes aumentou em 623,74%. No mês de lançamento do site, setembro de 2007, 1.146.234 pessoas acessaram o *zerohora.com*. Em julho de 2009, foram 8.295.719. Três são as justificativas apontadas pelo editor-chefe de *Zerohora.com*, Pedro Lopes, para o crescimento do jornal (BELOCHIO, 2009). A primeira é a ausência de concorrência na difusão de conteúdos regionais. O localismo, como principal valor-notícia do impresso e também presente no jornal *online*, é o segundo fator identificado por Lopes. E, por fim, a inclusão da participação do público na produção das informações.

O *site* hoje tem uma quantidade de acesso que já justifica a existência dele, sustenta e dá prestígio para ele. No início, quando precisávamos que o *site* fosse bastante acessado, quanto mais lugares o olho da pessoa passasse e tivesse uma chamada para a edição, fazia sentido. Agora já está consolidado, já tem o seu espaço (CÂMARA, 2009a).

E, para que o leitor não se sentisse enganado, ao ser remetido para outro veículo em que vai ler as mesmas informações, as chamadas passaram a ser usadas apenas quando o jornal *online* tinha dados complementares aos já divulgados pelo impresso. A periodicidade das remissões era proporcional à exclusividade das informações levantadas pelo outro veículo. Quanto mais informações exclusivas no *online*, mais remissão fez o jornal impresso.

Não só aqui, mas em outros jornais, já está se consolidando a idéia de que a internet tem conteúdos específicos e o jornal tem os seus. E o jornal até pode chamar para a internet o que é exclusivo e factual (...). Mas o papel não pode sonegar algumas coisas porque esse leitor talvez não vá até lá. É talvez a consolidação de um pensamento que, mesmo sobre a mesma marca: *Zero Hora*, seja papel ou pontocom, a gente tem leitores com tempo e prática próprias (SOUZA, 2009a).

Contudo, a presença dessas remissões no jornal impresso levantou um questionamento, por ora ainda sem resposta definitiva: poderiam essas remissões ao *zerohora.com* serem consideradas uma nova forma de paratexto? Uma vez que para Mielniczuk (2003) é por meio do paratexto que o autor elege o texto, a resposta é sim.

3.3.2 Uma leitura da amostra

Para facilitar a visualização dos resultados referentes à análise empírica dos diferentes grupos da amostra de *Zero Hora* serão usadas algumas tabelas, onde serão confrontados os dados. Após as tabelas, seguem os comentários sobre o que foi observado.

Tabela 1 – Número de páginas de cada grupo da amostra.

GRUPO DA AMOSTRA	NÚMERO DE PÁGINAS
1989 (1ª fase)	42
1989 (2ª fase)	45
1999	64
2009	59

O número de páginas dedicado à editoria de Geral apresentou um crescimento nas últimas duas décadas, proporcionado, em parte, pela tecnologia usada na impressão dos jornais uma vez que a cada troca de rotativa – como mostrado no Capítulo I – ampliou-se a capacidade de impressão.

Tabela 2 – Unidades informativas de cada grupo da amostra.

GRUPO DA AMOSTRA	TOTAL DE UNIDADES INFORMATIVAS	MATÉRIA PRINCIPAL	MATÉRIA SECUNDÁRIA	NOTAS
1989 (1ª fase)	134	31 (23%)	63 (47%)	40 (30%)
1989 (2ª fase)	147	43 (29%)	58 (39%)	46 (32%)
1999	198	43 (22%)	36 (18%)	119 (60%)
2009	199	37 (18%)	46 (23%)	116 (59%)

O total de unidades informativas disponibilizado ao público apresentou um crescimento em números absolutos – passando de 134 na primeira fase de 1989, para 147 na segunda fase de 1989, para 198 em 1999 e chegando a 199 unidades informativas em 2009. Porém, levando-se em conta que o número de páginas analisadas em cada uma das amostras também aumentou, como demonstrado no item anterior, não se pode afirmar que de fato ocorreu uma maior oferta de informações aos leitores. Apesar de ter quase dobrado sua equipe nesses últimos 20 anos – passando de 120 profissionais para 233 –, de todos os computadores da redação terem acesso a *sites* noticiosos do mundo inteiro por meio da internet, de o jornal assinar várias agências de notícias e de ter investido em tecnologias móveis para produção de conteúdo informativo, a quantidade de informações disponibilizada a seus leitores permanece, praticamente, a mesma.

Com o passar do tempo, o formato nota passou a ser mais valorizado no momento da divulgação da notícia. Se em 1989, as notas representavam 30% e 32% – respectivamente – das informações veiculadas, em 1999, elas representavam 60% das notícias divulgadas e, em 2009, 59%. Com o aumento no número de notas, pode-se pensar que houve uma redução significativa no número de matérias principais e secundárias. Porém, os números demonstram que essa redução foi mínima. Mas, se não houve uma queda brusca na quantidade dessas matérias, houve no tamanho do texto jornalístico. Tal redução teve relação direta com uma maior valorização visual das páginas, motivada pela criação do departamento de Arte, e com

o uso de computadores e programas adotados para criar ilustrações, mapas e infográficos. Foram esses recursos gráficos que passaram a ocupar espaço na página e desencadearam a redução no tamanho dos textos.

Tabela 3 – Dados referentes à incidência e ao visual das fotografias.

GRUPO DA AMOSTRA	QUANTIDADE DE FOTOS	VISUAL DA FOTOGRAFIA
1989 (1ª fase)	53	Todas P&B
1989 (2ª fase)	52	Todas P&B
1999	67	24 cor e 43 P&B
2009	46	42 cor e 4 P&B

A incidência de fotografias chamou a atenção. Se no início da amostra, em 1989, foram veiculadas 53 e 52 fotografias – na primeira e segunda fase respectivamente –, em 1999 ocorreu uma incidência maior, aumentando para 67 fotografias. No entanto, em 2009, quando se esperava uma presença massiva da imagem já que o jornal operava com câmeras digitais que agilizaram a produção e envio da imagem para a redação, o número de fotografias caiu para 46 – menos do que há 20 anos, quando os fotógrafos trabalhavam com filme e máquina analógica⁹⁵.

Quanto ao visual da fotografia, cabe, mais uma vez destacar que todas as fotografias divulgadas em 1989 – mesmo após a reforma no projeto gráfico – eram em preto e branco. Depois de passar por um período de transição em 1999, quando as fotografias coloridas começam a aparecer nas páginas do jornal, 2009 fecha a amostra com a maioria das imagens coloridas. A exceção ficou por conta das reproduções de vítimas de acidente ou fotografias antigas, em que o preto e branco foi usado, justamente, para ressaltar a idéia de passado.

⁹⁵ Também é verdade que boa parte do material produzido pelos fotógrafos de *Zero Hora* é aproveitado, ou seja, veiculado, na versão *online* do jornal.

Tabela 4 – Dados referentes à origem das fotografias e à quantidade de páginas sem fotografias.

GRUPO DA AMOSTRA	ORIGEM DA FOTOGRAFIA	PÁGINAS SEM FOTOGRAFIAS
1989 (1ª fase)	15 de arquivo (28%)	8 (19%)
1989 (2ª fase)	12 de arquivo (24%)	13 (29%)
1999	7 de arquivo (10%)	25 (39%)
2009	11 de arquivo (24%)	30 (51%)

Quanto à origem das fotografias, se em 1989, na fase da redação analógica, era representativo o uso de fotografia de arquivo (28%), com o tempo e a chegada de tecnologias, como o *scanner* de filme, em 1999, esse percentual sofreu uma redução (10%). Isso prova que a tecnologia empregada na produção e envio da imagem influenciou na visualização da notícia.

O dado mais surpreendente, e ao mesmo tempo contraditório, resultante da comparação entre as amostras foi o aumento na publicação de páginas sem fotografias, que atingiu seu ápice em 2009 com 51% das páginas sem fotografia. Contraditório na medida em que boa parte das transformações na visualização da notícia foi motivada pelo argumento de que o jornal precisava tornar-se mais atrativo ao leitor, com uma distribuição de elementos textuais e paratextuais atraentes e uma maior valorização da imagem.

3.3.3 Matéria principal teve diferentes categorias de avaliação

Além das fichas de observação de todas as 210 páginas da amostra, cujos resultados acabaram de ser mencionados, foi elaborada uma segunda ficha de observação para ser aplicada na matéria principal de cada edição (quadro 8). Como a amostra foi composta de 28 edições, a análise resultou em 28 fichas (ver Anexo I).

Os critérios para a escolha da matéria principal da edição foram assim definidos: a) Chamada na capa do jornal; b) Não encontrando chamada na capa, a chamada na contracapa serviu como critério de seleção; c) Não encontrando nenhuma remissão na capa ou contracapa, foi escolhida a matéria de maior destaque dentro da editoria.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Mestrado em Comunicação Midiática

Ficha de avaliação das matérias principais de *Zero Hora*

1) Data da página analisada:

2) Número da página analisada:

3) Tamanho da matéria

a) Largura em número de colunas:

b) Altura: página inteira meia página menor

4) Quantidade de fontes por matéria

a) uma b) duas c) três d) de quatro a seis e) mais de seis f) indefinida

5) Elementos paratextuais

a) Apresenta somente título

b) Traz título, linha de apoio ou subtítulo

c) Traz título, linha de apoio ou subtítulo e *lead* destacado

d) Apresenta cartola, título, subtítulo e *lead* destacado

6) Fotografia

a) preto e branco colorida

b) factual arquivo

c) não apresentou fotografia

7) Recursos gráficos

a) presença de infográfico b) presença de box c) ilustração d) nenhum

Quadro 8 – Modelo da ficha aplicada na análise da matéria principal de cada edição.

A aplicação da ficha de análise da matéria principal permitiu uma observação mais detalhada da matéria jornalística, uma vez que essa ficha incluiu categorias que permitiram observar o número de fontes, a presença ou não dos elementos paratextuais e dos recursos gráficos que acompanham a unidade informativa em questão.

Dentro da unidade informativa, buscou-se definir o tamanho da matéria tendo como critérios o número de colunas e a altura ocupada na página. A partir de depoimentos de repórteres de *Zero Hora* (MARIANO, 2009a; LEAL, 2009) foi identificada uma mudança nas rotinas produtivas a partir da incorporação do telefone celular e do e-mail como ferramentas de contato com as fontes: a maior facilidade para localizar e ouvir os entrevistados. Por esse

motivo, o trabalho considerou necessário avaliar a interferência dessas tecnologias na prática jornalística. Para identificar o número de fontes ouvidas para a elaboração da notícia foram usados três critérios: a) o uso de aspas nas citações feitas no decorrer dos textos das amostras de 1989; b) o uso de travessões, sinalizando a fala dos entrevistados, nas amostras de 1999 e 2009; c) expressões como: “segundo fulano”, “de acordo com beltrano”. Quando não foram localizadas citações entre aspas, iniciadas com travessões ou as expressões citadas acima, considerou-se que a matéria foi construída com base em fonte indefinida.

A identificação dos *elementos paratextuais* ficou dividida em cinco subcategorias: a) título – frase geralmente composta em corpo maior do que o utilizado no texto, e situada com destaque no alto da notícia para indicar resumidamente o assunto da matéria; b) subtítulo ou linha de apoio – título secundário colocado imediatamente após o título principal de uma matéria; c) *lead* – abertura da notícia onde se apresenta sucintamente o assunto ou onde se destaca o fato essencial, o clímax da história; d) cartola ou antetítulo – palavra ou frase em corpo menor do que o utilizado no título e colocada antes (geralmente acima) dele, para introduzi-lo, indicar o assunto ou a pessoa nele focalizada, ou localizar a posição geográfica e temporal (RABAÇA; BARBOSA, 1998).

Quanto à presença de *fotografias*, assim como na ficha geral, buscou-se saber sua origem e aspecto de apresentação – colorida ou preta e branca. Foram seguidos os mesmos critérios aplicados na ficha anterior para definir se uma foto era de arquivo ou factual.

Na categoria *recursos gráficos*, foram consideradas as presenças de infográfico⁹⁶, ilustração⁹⁷ ou box⁹⁸, por terem sido esses os elementos encontrados em *Zero Hora*. Cada uma das fichas aplicadas à amostra pode ser conferida nos anexos.

Contudo, os resultados gerais obtidos após a análise da matéria principal não destoou do conjunto da edição até porque foram usadas as mesmas tecnologias de produção e impressão adotadas no restante do jornal. Com isso, se as fotos de 1989 eram todas em preto e

⁹⁶ A infografia na mídia impressa “é uma contribuição informativa, realizada com elementos icônicos e tipográficos, que permite ou facilita a compreensão de acontecimentos, ações ou coisas atuais ou alguns de seus aspectos mais significativos, podendo acompanhar ou substituir o texto informativo” (VALERO SANCHO, 2001, p. 21).

⁹⁷ Imagem não fotográfica que serve para complementar a matéria jornalística.

⁹⁸ Ou ponto é o espaço, geralmente delimitado por fios, que traz uma informação adicional ao corpo de uma matéria jornalística. O corpo de letra usado no box é quase sempre diferente do restante da matéria (RABAÇA, BARBOSA, 1998).

branco, isso incluía também a usada na matéria principal. Se nesse ano usava-se ainda muita fotografia de arquivo, a matéria principal não fugia a regra.

O que se esperava, e que acabou não se confirmando, é que a matéria principal da edição fosse cercada de cuidados gráficos e a ela fosse dedicado o maior espaço na página e a melhor diagramação. Também havia expectativa de que tal matéria ocuparia mais colunas que as demais e que viesse sempre acompanhada de vários elementos gráficos, como ilustrações e infográficos. Ou que sempre estivesse acompanhada de fotografia, o que também não se confirmou.

A boa surpresa é que a tecnologia, conforme sugeriu Mariano (2009a) e Leal (2009), favoreceu o contato com os entrevistados aumentando o número de fontes ouvidas nas matérias. Porém, não se pode afirmar que as matérias principais veiculadas atualmente têm mais qualidade que as anteriores ou estão mais completas, porque não foi analisado o conteúdo das mesmas. Todas essas transformações podem ser conferidas a seguir (quadro 9).

Grupos da amostra	1989/ 1ª FASE	1989/ 2ª FASE	1999	2009
Tamanho das matérias	<p>Largura: Duas colunas: 4 matérias Três colunas: 3 matérias</p> <p>Altura: Página inteira: 3 matérias Meia página: 1 matéria Menos de meia página: 3 matérias</p>	<p>Largura: Cinco colunas: 2 matérias Quatro colunas: 2 matérias Três colunas: 3 matérias</p> <p>Altura: Página inteira: 1 matérias Meia página: 6 matérias</p>	<p>Largura: Quatro colunas: 1 matéria Três colunas: 1 matéria Duas colunas: 2 colunas Uma coluna: 3 matérias</p> <p>Altura: Página inteira: 5 matérias Meia página: 1 matéria Menos de meia página: 1 matéria</p>	<p>Largura: Cinco colunas: 1 matéria Quatro colunas: 2 matérias Três colunas: 3 matérias Duas colunas: 1 matéria</p> <p>Altura: Página inteira: 5 matérias Meia página: 2 matérias</p>
Número de fontes	<p>Uma pessoa: 2 matérias Duas pessoas: 2 matérias Três pessoas: 1 matéria Quatro a seis pessoas: 2 matérias</p>	<p>Uma pessoa: 1 matéria Duas pessoas: 1 matéria Três pessoas: 4 matérias Fonte não citada: 1 matéria</p>	<p>Duas pessoas: 4 matérias Quatro a seis pessoas: 2 matérias Fonte não citada: 1 matéria</p>	<p>Duas pessoas: 1 matéria Quatro a seis pessoas: 4 matérias Mais de seis pessoas: 1 matéria Fonte não citada: 1 matéria</p>
Elementos paratextuais	Todas apresentaram título e subtítulo ou linha de apoio.	Todas apresentaram título e subtítulo ou linha de apoio.	Título, subtítulo e cartola: 5 matérias Título, subtítulo, cartola e lead destacado: 2 matérias	Todas apresentaram título, subtítulo, cartola ampliada e <i>lead</i> destacado.
Fotografia	<p>Matérias com foto: 6 Matéria sem foto: 1</p> <p>Fotos em P&B: 6 Fotos coloridas: 0</p> <p>Fotos factuais: 5 Fotos de arquivo: 1</p>	<p>Matérias com foto: 7 Matéria sem foto: 0</p> <p>Fotos em P&B: 7 Fotos coloridas: 0</p> <p>Fotos factuais: 5 Fotos de arquivo: 2</p>	<p>Matérias com foto: 6 Matérias sem foto: 1</p> <p>Fotos em P&B: 4 Fotos coloridas: 2</p> <p>Fotos factuais: 5 Fotos de arquivo: 1</p>	<p>Matérias com foto: 6 Matérias sem foto: 1</p> <p>Fotos em P&B: 0 Fotos coloridas: 6</p> <p>Fotos factuais: 6 Fotos de arquivo: 0</p>
Recursos gráficos	Nenhuma delas apresentou.	Nenhuma delas apresentou.	Não apresentaram: 4 matérias. Usaram box: 3	Não apresentaram: 2 matérias. Usaram box: 4 matérias. Usou ilustração: 1 matéria

QUADRO 9 – As características das matérias principais.

Confrontando os dados apresentados no quadro acima é possível afirmar que:

a) A quantidade de colunas destinada às matérias principais, assim como a altura que ela ocupou na página – se uma página inteira, se meia ou menos – mostrou-se variável em todos os grupos da amostra. Com isso, é possível inferir que o tamanho da matéria foi limitado pelo anúncio veiculado na página e não pela importância da temática abordada;

b) A quantidade de pessoas entrevistadas para que o repórter redigisse a matéria apresentou variações em todos os grupos. Porém, se até 1999 ouvia-se, na maioria dos casos, de uma a três pessoas, em 2009, após a popularização do uso do e-mail e do telefone celular, a quantidade de fontes predominante passou para quatro a seis. Ainda quanto ao número de fontes, também é possível afirmar que em algumas ocasiões, o repórter redige a notícia sem informar a fonte usada. Não se sabe se a informação chegou por meio de release ou se ele esteve presente no local do fato e limitou-se a observar seu desdobramento, sem entrevistar pessoas;

c) Os elementos paratextuais – título, subtítulo ou linha de apoio, cartola e *lead* destacado –, que complementam o texto principal ao mesmo tempo em que servem de entrada para a leitura da matéria, foram se sofisticando no decorrer das décadas: aumentaram em quantidade e, alguns em tamanho, como é o caso da cartola ampliada. Em 1989, temos um jornal com um texto condensado em que o leitor só podia tomar conhecimento sobre o assunto da matéria, antes de lê-la, por meio do título e do subtítulo. Em 1999, as possibilidades de leitura *a priori* aumentaram, introduzindo na visualização da notícia o *lead* destacado que permitiu ao leitor saber, com antecedência, se o assunto ali tratado era ou não do seu interesse. Em 2009, a cartola ampliada foi a grande novidade, como já mencionado. Todos esses elementos paratextuais, contudo, foram ocupando mais espaços na página, diminuindo gradativamente o tamanho do texto que reduziu de 180cm, para 100cm e, por fim, para 80cm, na maioria das matérias principais (SOUZA, 2009a);

d) Assim como na análise geral das páginas feita no restante da edição, na matéria principal, também se percebe que o uso da cor na fotografia, assim como a origem do material (se factual ou de arquivo) segue as tecnologias adotadas na rotina produtiva dos fotógrafos. Em 1989, quando só se usava filme preto e branco e se tinha dificuldade para fazer o material

revelado chegar à redação, predomina o uso da fotografia de arquivo e em preto e branco. Em 1999, quando já se usava filme cor para matérias especiais e o fotógrafo tinha a possibilidade de scanear o negativo para enviar à redação, começa-se a disseminar o uso da fotografia colorida e factual. Mas o predomínio da fotografia colorida e factual só ocorreu após a implantação da máquina digital, em 2000, e refletiu-se de forma explícita na diagramação de 2009;

e) O uso dos recursos gráficos se deu de forma gradual, sendo que na primeira fase de 1989 não era comum usá-lo. Na segunda fase, após dia 21 de agosto de 1989, a ilustração passou a figurar nas páginas de *Zero Hora*, assim como o uso do infográfico (mesmo que na amostra ele só apareça em 1999). A justificativa para essa característica está ligada ao processo de diagramação eletrônica do jornal. Em 1989, quando o jornal começou a usar o programa *Quark XPress*, introduzir recursos gráficos além de possível era bem mais fácil e rápido. Somado a isso, foi nesse mesmo período que foi criado o departamento de Arte de *Zero Hora*. Foram contratados profissionais como ilustradores e chargistas que tinham como função valorizar o aspecto visual das informações. O que diferenciou a análise da matéria principal do restante das páginas foi que não se encontrou nenhum infográfico ou infomapa ilustrando a principal matéria da edição como ocorreu em outras matérias “menos importantes” já que não apresentavam chamadas na capa e contracapa.

Como percebe-se nas duas análises – tanto da edição como um todo quanto da observação das matérias principais – a tecnologia influenciou na visualização da notícia, porém não foi o único fator determinante. As decisões editoriais permearam, de forma constante, as mudanças gráficas nos três anos: 1989, 1999 e 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As últimas duas décadas trouxeram modificações na forma de produzir e também de visualizar a notícia. A entrada dos computadores na redação de *Zero Hora* impôs um novo ritmo de trabalho, alterou processos e ao introduzir programas de paginação eletrônica, possibilitou um estreitamento na relação diagramador/repórter, de modo que ambos puderam ver, antes da impressão, de que forma ficaria a página depois de pronta. Paralelo às transformações provocadas pela integração entre comunicação e informática, o parque gráfico também foi modernizado. Novas rotativas, cada vez mais potentes, foram dando lugar ao antigo sistema de impressão tipográfica.

Tecnologias móveis que permitiam a produção de textos e imagens à distância e o seu envio para a redação foram também se aperfeiçoando. Se em um primeiro momento era possível escrever o texto em um *laptop* com conexão discada, hoje o mesmo equipamento envia informações e fotografias por conexão sem fio. As tecnologias móveis ajudaram a acelerar a velocidade de produção que já vinha sendo ditada pelas máquinas dentro da redação. Mas de que forma a incorporação de todas essas tecnologias – de produção e de impressão da notícia – influenciou na visualização do produto final?

O trabalho associa as rotinas produtivas e a visualização da notícia em três períodos de *Zero Hora*. A pesquisa começa na redação em 1989, justamente por ser este o primeiro ano pós-informatização. Os jornalistas contaram que nesse período ainda estavam se adaptando ao uso dos equipamentos e não raras vezes chegavam a perder páginas inteiras de texto horas antes do fechamento. A apuração das informações, na maior parte dos casos, era feita *in loco*. Dados complementares, quando necessários, eram buscados no arquivo de papel, localizado no subsolo do prédio do jornal.

Nas redações, o repórter contava apenas com o telefone fixo para localizar as fontes a serem ouvidas para as matérias. E a ligação ainda precisava ser intermediada. Não bastava levantar o telefone do gancho e discar, como se faz com tanta naturalidade atualmente. As ligações eram solicitadas para a telefonista que, assim que conseguia completar a chamada, transferia para o ramal onde estava o repórter. Além dessa limitação técnica, era preciso cuidar o relógio, já que o contato com o entrevistado deveria ser feito

durante o horário comercial. Depois disso, a fonte voltava para casa e nem sempre contava com um telefone residencial.

Para a fotografia, o processo de captura da imagem seguia um longo ritual. Era preciso saber escolher o filme certo para cada ambiente, medir a luz e acertar o foco antes de apertar o botão. Trabalhava-se com filme preto e branco. Para que a imagem aparecesse de fato no papel fotográfico era preciso cumprir várias etapas: primeiro capturar a imagem; em seguida revelar o filme, e para isso o laboratorista tinha que manipular químicos e controlar a temperatura do líquido em que o negativo ficava imerso; depois, o negativo precisava ser secado e só mais tarde os fotogramas escolhidos eram ampliados em papel fotográfico. Além disso, a quantidade de filmes permitidos por pauta era racionada. A empresa só liberava mais de um rolo com 36 poses se a matéria fosse especial ou se fosse um jogo de futebol.

O envio da imagem para a redação ficava ainda mais complicado se a pauta fosse fora da cidade ou do Estado. Para que o negativo chegasse ao jornal, precisava ser transportado de ônibus ou de avião e nem sempre chegava a tempo de entrar na edição do dia seguinte. Mesmo com o uso do *scanner* já disseminado, transformar uma imagem em *bits* era um processo lento que podia levar até meia hora para gerar uma única fotografia. Portanto, esse recurso era usado apenas em casos especiais.

Na diagramação, mesmo com a entrada do computador, os primeiros programas de paginação eletrônica não permitiam a visualização exata de como ficaria a página ao ser impressa. O profissional, depois de fazer seu diagrama a lápis, passava comandos para a máquina e só ficava sabendo o resultado depois do fotolito pronto. Nem sempre era permitido mudar a diagramação, caso fossem detectados erros.

Nessa época, o equipamento destinado para a impressão do jornal eram as rotativas *Urbanite*, da *Goss*. As máquinas já tinham capacidade para imprimir algumas páginas coloridas, mas não era a editoria da Geral quem tinha esse privilégio. Todas as páginas de 1989 foram impressas em preto e branco.

Os profissionais que atuavam nesse período tinham funções bem delimitadas. Ao repórter cabia apurar as informações e redigir o texto, por exemplo. O revisor se encarregava de fazer título, legenda e todas as correções necessárias para finalizar o texto que seria publicado no dia seguinte.

O contato com o leitor ocorria, na maioria dos casos, por cartas enviadas para a redação. Em alguns casos, por meio de telefonemas.

A visualização da notícia resultava, em 1989, em um jornal com matérias longas, de letra pequena e poucas pessoas entrevistadas para a redação da matéria principal. Quanto aos elementos paratextuais, a notícia apresentava título e linha de apoio na matéria principal e somente título na secundária.

As fotografias ocupavam de uma a duas colunas de jornal, porque a prioridade no uso do espaço era para os textos. Só uma década mais tarde, a fotografia passou a ser mais valorizada. Usavam-se muitas fotos de arquivo porque não havia nem a agilidade da produção da imagem digital, como ocorre hoje, nem o hábito editorial de dar destaque à fotografia.

O uso de notas já era explorado no jornal, contudo, elas apareciam apenas em espaços pré-determinados ou para completar espaços em branco deixados por matérias que ficaram menores do que o previsto.

Quanto à presença de elementos gráficos, não era comum usá-los. Quando apareciam, eram pequenas ilustrações também com o propósito de preencher lacunas nas páginas.

Uma década depois, em 1999, as tecnologias disponíveis para a produção já tinham se aperfeiçoado. O computador já permitia outros usos que no passado não eram possíveis. A internet já havia entrado na redação e algumas facilidades proporcionadas pela rede, como o acesso à base de dados e a troca de e-mails, também. A tecnologia de impressão estava mais moderna. As impressoras *Newsliner*, que substituíram as *Urbanite* em 1997, permitiram mais páginas coloridas ao jornal. Com isso, a editoria de Geral passou a ser contemplada; ainda não na totalidade das páginas, mas os avanços já ajudaram a quebrar o aspecto monocromático da edição.

O repórter contava com o uso de base de dados interna da empresa para recuperar informações já publicadas e complementar a matéria que estava construindo. Num primeiro momento, o jornalista solicitava os dados para o Departamento de pesquisa e recebia cópia das matérias. Posteriormente, podia acessá-las, sem sair do lugar, pela tela do computador. Um programa especial permitia ao repórter encontrar todas as notícias publicadas sobre o assunto digitado como palavra-chave.

Em razão da internet, e com ela o e-mail, ter chegado à redação, o leitor ganhou mais um canal de comunicação com a empresa jornalística.

A fotografia continuava trabalhando com filme, mas já fazia pequenos experimentos com a câmera digital em coberturas do Esporte local e de campeonatos internacionais. O envio de fotos digitalizadas estava mais rápido devido à internet.

A diagramação já trabalhava com programas mais modernos como o *QuarkXpress*, que permitia ao diagramador e ao jornalista, conforme “desenhavam”, terem a visão exata de como ficaria a página pronta. De forma que também o repórter o editor passaram a opinar na distribuição de elementos gráficos na página.

A editoria de Arte, que havia sido criada no final dos anos 1980, agora já estava estruturada e produzia ilustrações, infográficos e box, que começam a circular junto às matérias.

A divisão de trabalho, em 1999, já aparecida diluída. Não havia mais funções pontuais. As máquinas substituíram a função de alguns profissionais e muitos cargos foram extintos. Um exemplo foi o *copydesk* – responsável entre outras coisas por reescrever as informações enviadas pelas agências de notícia via telex. Com a informatização, as notícias chegavam via rede, direto no computador, e o próprio repórter acabou acumulando essa função, bem como a do antigo revisor.

A visualização da notícia também muda. Em razão do uso da cor na impressão e de outras decisões editoriais, no jornal de 1999, as fotografias aumentam de tamanho na página (ocupavam de duas a três colunas). Nesse período, a origem das fotografias ainda misturava material de arquivo com factual. Porém, o factual já predomina porque o envio de fotos digitalizadas possibilitou o uso mais freqüente desse tipo de material.

Como as fotos aumentaram de tamanho e a página do jornal permaneceu igual, foi o texto que teve que ceder parte do seu espaço. Outro fator que implicou na redução do tamanho do texto foi o aumento do corpo da letra usada, antes em corpo 7 ou 8 e agora em corpo 11.

Os elementos paratextuais começaram a ganhar mais destaque. A notícia passou a apresentar além do título e da linha de apoio, a cartola, o entretítulo e o *lead* destacado no texto de abre. Na matéria secundária, permaneceu somente o título.

O uso de notas na edição tornou-se mais freqüente. As informações curtas apareciam em quase todas as páginas.

Já o jornal de 2009, período em que a equipe da versão impressa trabalhava em parceria com a equipe da versão *online*, contava com as tecnologias móveis de produção: telefone celular, que além do modo voz era usado para fotografar e enviar imagem ou texto; *notebook* sem fio, que facilitou a chegada de matéria pronta para a publicação na redação; e câmera fotográfica digital. Não era mais preciso revelar o filme e, sim, apenas descarregar o cartão de memória onde estavam as imagens.

Essa agilidade na produção e envio de imagens fez com que a fotografia de arquivo, apesar de ainda presente, tivesse outro uso no jornal. Ela não era mais utilizada para ilustrar uma página que ficaria sem imagem e, sim, para complementar páginas que tinham fotografias factuais, como, por exemplo, matérias com vítimas fatais de acidente de trânsito em que, junto à foto do carro batido ou capotado, aparece também a reprodução da foto da vítima.

A modernização do parque gráfico, com a compra das rotativas suíças *Wifag OF 370 S*, capazes de imprimir até 75 mil exemplares por hora, permitiu mais velocidade na impressão. Além disso, o limite de páginas coloridas por caderno passou de 48 para 64, ou seja, o jornal ficou *fullcolor* da capa a contracapa. Esperava-se com isso que a quantidade de fotografias no jornal fosse intensificada, o que não aconteceu. Pelo contrário, dos três grupos de amostra, o que mais apresentou páginas sem fotografia – mais da metade – foi o de 2009. Esse dado é contraditório na medida em que boa parte das transformações na visualização da notícia foi motivada pelo argumento de que o jornal precisava tornar-se mais atrativo ao leitor, com uma distribuição de elementos textuais e paratextuais atraentes e uma maior valorização da imagem.

Nessa época, o contato com o leitor se estreitou. Pelo fato de *Zero Hora* ter também uma versão *online*, o leitor passou a enviar críticas, comentários e sugestões de matérias pelo site. *Zerohora.com* foi também o canal para entrada e divulgação de fotos e textos enviados pelos leitores.

O perfil do repórter, devido a essa nova forma de produção da notícia que envolvia dois suportes – impresso e internet –, foi alterado. Se na redação de 1999 ele se tornou “multitarefa” porque passou a exercer funções de outros profissionais do meio impresso, na redação de 2009, o jornalista passou a ser “multimídia” ou “multiplataforma”. Pois, além do impresso, precisava produzir informações para o online.

Quanto à visualização da notícia, em 2009, o uso de recursos gráficos já estava popularizado. As páginas, além de ilustrações e box, ganharam infográficos. Em relação aos elementos paratextuais, mantiveram-se todos os elementos da fase anterior (título, linha de apoio ou subtítulo, entretítulo, *lead* destacado), mas modificou-se o uso da cartola, que passou a ser ampliada.

Comparando as três versões impressas do jornal, o que chamou mais atenção foi:

a) o fato de que a presença de fotografias, ao contrário do que se esperava, diminuiu no jornal. Mesmo com todas as dificuldades de produção e envio de fotos dos anos de 1989 e 1999, nesses grupos de amostra, encontrou-se mais fotografias do que no grupo de 2009

quando a câmera fotográfica digital já estava popularizada na redação, e as tecnologias móveis – telefone celular e a própria máquina digital “doméstica” – facilitavam o envio de imagens diretamente do local dos fatos tanto por profissionais ligados à empresa jornalística quanto por amadores;

b) por outro lado, as tecnologias digitais ampliaram o acesso às fontes e permitiram ao repórter ouvir mais entrevistados para a produção de uma matéria jornalística, o que foi demonstrado na análise das matérias principais. Em 1989 e 1999, antes do celular e do e-mail ser uma ferramenta usada com esse propósito pela redação, ouvia-se menos pessoas devido às dificuldades para encontrar uma fonte que se enquadrasse no perfil da matéria ou até mesmo para localizá-la. Nesses períodos, contava-se apenas com o telefone fixo para conversar com o entrevistado;

c) apesar da tecnologia permitir acesso a uma maior variedade de fontes de informação, o total de unidades informativas veiculadas no jornal não aumentou. Uma constatação difícil de entender uma vez que nos últimos 20 anos *Zero Hora* praticamente dobrou sua equipe – passando de 120 profissionais para 233 – o que significa mais jornalistas para apurar e redigir notícias. Além disso, todos os computadores da redação têm acesso a *sites* noticiosos do mundo inteiro por meio da internet, o jornal assina várias agências de notícias e investiu em tecnologias móveis para produção de conteúdo informativo. Entretanto, a quantidade de informações veiculadas na editoria de Geral permanece, praticamente, a mesma;

d) uma constatação que não foi surpresa, mas que merece ser destacada, foi a de que em muitos momentos as mudanças no projeto gráfico de *Zero Hora* não foram motivadas pela tecnologia e, sim, por decisões editoriais. Exemplos disso foram as intervenções feitas por Mário Garcia, Augusto Nunes e Marcelo Rech nos jornais de 1989 e 1999: a maior valorização da imagem fotográfica; a criação do *lead* destacado que, ao mesmo tempo, serviu de “isca” para o leitor entrar na matéria principal e também facilitou a leitura rápida para aqueles que têm pressa ou não têm o interesse de conhecer o caso em detalhes; o uso da correção – quadro cercado de fios onde o jornal assume que também comete equívocos e esclarece ao leitor a informação correta. Todos esses exemplos comprovam o que foi frisado no capítulo II: a tecnologia é apenas uma das forças que influenciam na construção da notícia.

O quadro a seguir representa um resumo das práticas jornalísticas e ferramentas disponíveis para a construção da notícia nos diferentes modelos de redações jornalísticas pelas quais passou *Zero Hora* nos últimos 20 anos.

TIPO DE REDAÇÃO/ ATIVIDADE	ANALÓGICA ATÉ 1989	INFORMATIZADA ENTRE 1989 E 2009	UNIFICADA APÓS 2009
Apuração	A maior parte das informações era apurada <i>in loco</i> . O jornalista começou redigindo o texto com a máquina de escrever e terminou com o computador. Contava com um arquivo analógico onde as informações, retiradas de recortes de jornal e armazenadas em pastas de papel, eram usadas para complementar as matérias	Boa parte das informações era apurada da própria redação. A notícia começou a ser redigida nos chamados terminais burros de computador (sem sistema de armazenamento de dados próprios) e terminou sendo redigida em computadores em rede e com acesso a internet. O jornal dispunha de um arquivo digitalizado com busca de informações por palavras-chave.	Uma mesma equipe apura e publica informações tanto no jornal impresso quanto na web. Mas, apenas os profissionais do impresso saem para rua em busca de informações. A maior parte das informações publicadas na web é apurada da própria redação. Impera o perfil do jornalista sentado que redige notícias baseado nos conteúdos disponibilizados pelas agências de notícia e entrevistas feitas por telefone. O jornal dispõe de um arquivo digitalizado com busca por palavras-chave, além de base de dados de órgãos públicos e outras empresas de comunicação
Contato com o entrevistado	Feito de forma presencial ou por telefone fixo	Presencial, telefone fixo, e-mail e telefone celular	Presencial, telefone fixo, e-mail e celular (equipe do impresso) e celular (equipe do <i>online</i>)
Divulgação da notícia	A notícia era apurada em um dia e divulgada no dia seguinte, somente no jornal impresso	Apurada em um dia e divulgada no dia seguinte, somente no jornal impresso	Se factual, a notícia era apurada e divulgada no mesmo dia no jornal <i>online</i> . A notícia mais aprofundada era apurada em um dia e divulgado no outro, na versão impressa
Relação com o leitor	Contato era feito por meio de cartas que chegavam à redação	Por meio de cartas, Conselho do Leitor e por e-mail	Principalmente por meio do envio de comentários ao <i>site</i> do jornal. Também era feita a publicação de fotografias e textos enviados pelos leitores
Perfil do repórter	Tinha funções bem definidas e pontuais, como por exemplo, redigir a notícia	Com o uso de programas de computador, além de redator, o repórter passa a acumular funções e fica responsável, muitas	Não basta dominar os <i>softwares</i> de produção e edição da notícia no jornal impresso, é preciso dominar as diferentes narrativas

		vezes, desde a apuração da matéria até a edição da página. “Jornalista multitarefas”	mediáticas e ter, pelo menos, uma noção de como executá-las. “Jornalista multimídia”
Apresentação da notícia	<p>O texto tinha cerca de 180cm e corpo tamanho 7 ou 8</p> <p>Quanto aos elementos paratextuais, a notícia apresentava apenas título e linha de apoio na matéria principal. A secundária trazia apenas título.</p> <p>Era explorado o uso de notas em espaço predeterminado (colunas) ou para fechar “furos” da diagramação</p> <p>As fotografias tinham tamanho reduzido (até duas colunas) e eram preta e branca. As fotografias de arquivo eram a maioria.</p> <p>As páginas não apresentavam box, infográficos ou mapas. Apenas pequenas ilustrações</p>	<p>O texto tinha 100cm e corpo de letra 11</p> <p>A notícia passou a apresentar além do título e da linha de apoio, a cartola, o entretítulo e o <i>lead</i> destacado na matéria principal. Na matéria secundária, somente o título.</p> <p>As notas ganharam importância no jornal. Aumentou sua incidência e começaram a figurar em várias páginas.</p> <p>As fotografias aumentam de tamanho na página e mesmo que em pouca escala, aparece o uso da cor.</p> <p>Nesse período a origem das fotografias mistura material de arquivo com factual. Porém, o factual já predomina.</p> <p>As páginas passaram a usar ilustrações</p>	<p>O texto tinha 80cm. O corpo da letra permanece 11</p> <p>Mantiveram-se todos os elementos paratextuais da fase anterior, mas modificou-se o uso da cartola, que passou a ser ampliada.</p> <p>As notas seguiram sendo valorizadas.</p> <p>Aumentou a quantidade de notas em relação à matéria principal e secundária.</p> <p>As fotografias, que já tinham aumentado de tamanho, passaram a ser todas coloridas. A fotografia factual predominava, sendo a de arquivo usada apenas em caso de reconstituição.</p> <p>As páginas, além das ilustrações, ganharam box, infográficos e mapas.</p>

QUADRO 10 – As características dos diferentes tipos de redação.

O quadro apresentado com os modelos dos diferentes tipos de redação demonstra que se conseguiu alcançar os objetivos propostos na Introdução deste trabalho. Mas, vale recuperar que objetivos eram esses e em que momentos desta dissertação eles foram cumpridos: o primeiro objetivo específico era **descrever como era o processo de produção da notícia e o uso das tecnologias em 1989 e 1999**. Esse objetivo foi desenvolvido no primeiro capítulo quando foi reconstituído, por meio das entrevistas com os profissionais que atuam na redação de *Zero Hora*, de que forma eles produziam a notícia e com que ferramentas de trabalho contavam para isso.

O segundo era **observar como era o processo de produção da notícia e a utilização das tecnologias digitais em 2009**. Este objetivo foi buscado também no primeiro capítulo, mais especificamente no item 1.4 onde são narradas as rotinas produtivas da redação unificada.

O terceiro e o quarto objetivos – **realizar um estudo comparativo entre as notícias veiculadas no jornal impresso no período que compreende os últimos 20 anos, em três momentos diferenciados a saber: 1989, 1999 e 2009 e identificar as modificações observadas no produto, com relação à visualização da notícia** – foram contemplados no terceiro capítulo onde foi apresentada a análise e sistematização de dados.

Com os quatro objetivos específicos alcançados, acredita-se que o objetivo geral – **investigar as transformações pelas quais passou a visualização da notícia veiculada pela editoria de Geral de Zero Hora, mostrando como ela era há duas décadas, como ela era em 1999 e como era em 2009** – também foi cumprido.

Após essa trajetória de pesquisa focada na visualização da notícia de *Zero Hora*, ficou o interesse em investigar se as tecnologias digitais usadas na produção da informação trouxeram mais qualidade editorial ao material jornalístico. Mesmo sem analisar o conteúdo das notícias, somente pelo depoimento dos entrevistados e pelos resultados obtidos da análise empírica das páginas, ficou a impressão de que a tecnologia contribuiu também para aumentar a precisão da informação. Três são os argumentos que levam a essa constatação:

- a) Antes da informatização, para enviar um texto para a redação, a notícia era ditada por telefone, o que provocava ruídos na mensagem;
- b) Sem computadores não havia base de dados e nem sempre os jornalistas dispunham de tempo para procurar nos arquivos de papel informações que pudessem contextualizar melhor a matéria jornalística;
- c) Sem o uso do telefone celular e do e-mail, o repórter nem sempre ouvia todas as pessoas envolvidas no fato, fornecendo, por vezes, apenas uma versão sobre o assunto.

Por tudo isso, para um estudo posterior, há o interesse de percorrer o mesmo percurso – 1989, 1999 e 2009 –, mas avaliando o conteúdo das notícias e não mais seu aspecto gráfico.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia, Leal. Informação On-Line: jornalista ou produtor de conteúdo? Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Compôs) Brasília, 2001.
- ADGHIRNI, Zélia, Leal. Jornalismo on-line e identidade profissional do jornalista. In: MOTA, Luiz Gonzaga (org.) **Imprensa e poder**. Brasília, Editora UNB, 2002.
- ALVES, Rosental Calmon. **Reinventando o Jornal na Internet**, 2001. Disponível em: <http://www.Saladeprensa.org/art236.html>. Acesso em 11 abr. 2009.
- ARMAÑANZAS, Emy; DIAZ NOCI, Javier; MESO, Koldo. **El periodismo electrónico: información y servicios multimedia en la era del ciberespacio**. Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1996.
- ARMAS, Olga Alvarez de. **Periodismo digital, periodistas digitales y empresas multimedia**, 2003. Disponível em: <http://www.hipertext.net/web/pag215.htm>. Acesso em 29 de jul. 2009.
- BACKES, Vanessa. **Recursos narrativos utilizados nos infográficos do jornal zerohora.com**. Santa Maria. Monografia - Universidade Federal de Santa Maria, 2008.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica – as técnicas do jornalismo**. São Paulo, 1990.
- BALDESSAR, Maria José. **Jornalismo e Tecnologia: pioneirismo e contradições. Um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses**. Curitiba, UFSC, 2001. Disponível em: http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/Jornalismo_tecnologia_pioneirismo_e_contradicoes.pdf. Acesso em 20 de dez. 2009.
- BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas com o computador na redação**. Florianópolis: Insular, 2003.
- BARBOSA, Suzana. Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Campo Grande (MS), setembro de 2001.
- BENEDETTI, Ana Maria. Depoimento. [9 de outubro de 2009] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.
- BIANCO, Nelía R. Del. **Radiojornalismo em mutação – A influência cultural e tecnológica da Internet na transformação da noticiabilidade no rádio**. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2004.
- BIANCO, Nelía R. Del. **A internet como fator de mudança no jornalismo**, 2008. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/9637118/A-Internet-como-fator-de-mudanca-no-jornalismo-Nelia-R-Del-Bianco>. Acesso em 12 jun. 2009.
- BOCZKOWSKI, Pablo J. **Digitalizar las noticias: innovación en los diarios online**. Buenos Aires: Manantial, 2006.

BELOCHIO, Vivian. **Jornalismo colaborativo em redes digitais: estratégia comunicacional no ciberespaço. O caso de zerohora.com.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática na Universidade Federal de Santa Maria) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2009.

BELOCHIO, Vivian; MIELNICZUK, Luciana. Tecnologias digitais e movimento Pro-Am no campo do jornalismo. In: **ECO-Pós**, v.12, n.2, maio-agosto 2009.

BRENOL, Marlise. Depoimento. [19 de junho de 2009a] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

BRENOL, Marlise. Depoimento. [7 de outubro de 2009b] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

BRIGGS, M. **Jornalismo 2.0. Como sobreviver e prosperar. Um guia de cultura digital na era da informação.** Jan Schaffer, Editor, Maryland, 2007.

CÂMARA, Márcio. Depoimento. [18 de junho de 2009a] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

CÂMARA, Márcio. Depoimento. [11 de agosto 2009b]. Entrevista concedida por e-mail a Mariângela Recchia.

CÂMARA, Márcio. Depoimento. [8 de outubro de 2009c] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

CAPPARELLI, Sérgio. Zanzibar de novas tecnologias: imprensa regional e *Zero Hora*. In: **Temas contemporâneo em comunicação.** São Paulo: Edicom/Intercom, 1997. p.109 -126.

CICILLINI, Fernanda Maria. Novas Tecnologias e Jornalismo Impresso: apontamentos sobre a informatização na imprensa paulista. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos.

CHAVES, Ricardo. Depoimento. [18 de junho de 2009a] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

CHAVES, Ricardo. Depoimento. [9 de agosto de 2009b] Entrevista concedida por e-mail a Mariângela Recchia.

CHAVES, Ricardo. Depoimento. [8 de outubro de 2009c] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto Gráfico – Teoria e Prática da Diagramação.** São Paulo: Summus Editorial, 2000.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Sotaques d'aquém e d'além mar – Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CORRÊA, Edson Luiz Scain. **O impacto das Novas Tecnologias no fotojornalismo: do Darkroom ao lightroom o caso Zero Hora.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul (RS), 2001.

COSTELLA, Antônio. **Comunicação – do grito ao satélite**. São Paulo: Editora Mantiqueira, 1984.

DEMETRIO, Darci. “**Não quebre a cara!**”: **Introdução à prática do jornalismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1989.

DE PABLOS, José Manuel. **Infoperiodismo: El Periodista como Creador de Infografía**. Madrid, Editorial Síntesis, 1999.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

DUARTE, Leneide. A crise econômica e os jornais. In: Observatório da imprensa, 2001. Disponível em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/mo120920011.htm>>. Acesso em 8 de jan. de 2010.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo gráfico – Técnicas de produção**. São Paulo. Edições Loyola, 1981.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo no conglomerado da mídia: a reestruturação produtiva sobre o capitalismo global**. Porto Alegre. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. Capitalismo e novas tecnologias na indústria da notícia. In **Revista Líbero**, Ano IX, nº 18 – Dez 2006.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias – Capitalismo e Novas Tecnologias no Jornalismo Contemporâneo**. Porto Alegre: UFRGS editora, 2008.

GARCIA AVILÉS, José Alberto. Periodismo polivalente y convergente - Riesgos y oportunidades para el periodismo audiovisual. In: **Chasqui**, Revista Latino Americana de Comunicación, 2007. Disponível em: <<http://chasqui.comunica.org/content/view/218/84>>. Acesso em 10 de abr. 2009.

GARCIA AVILÉS, José Alberto. Desmitificando la convergencia periodística. In: **Chasqui**, Revista Latinoamericana de Comunicación, 2006. Disponível em: <<http://148.215.1.166:89/redalyc/pdf/160/16009407.pdf>> Acesso em 13 de ago. 2009.

GRADIM, Anabela. **Os géneros e a convergencia: O periodista multimédia do século XXI**, 2002. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>. Acesso em 12 de ago. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDEMBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa me Ciências Sociais**. São Paulo: Record, 2000.

GOMES, Fernando. Depoimento. [8 de outubro de 2009] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

GROSSMANN, Fabiana Volkmer. **Estratégias comunicacionais de interfaces gráficas de webjornais: estudo de caso de Zerohora.com**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática na Universidade Federal de Santa Maria) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2008.

GRUPO RBS. **Comunicação é a nossa vida: 1957-2007**. Porto Alegre, 2007.

HOLFELDT, Antônio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: Holfeldt, A; Martino, L. e França, V. **Teorias da Comunicação**. Petrópolis, Vozes, 2001.

IMBROISI, Françoise. Interações socioculturais do webfotojornalismo colaborativo na ciberesfera. In: I Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação em Minas Gerais. PUC-Minas, Belo Horizonte, 2008.

JANKOWSKI, N.W. e WESTER, Fred (1993): La tradición cualitativa en la investigación sobre las ciencias sociales: contribuciones a la investigación sobre la comunicación de masas. In Jensen, K.B. e Jankowski, N.W. (eds.): **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**, pp. 57-91, Barcelona, Bosch, 1993.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: editora Ática, 1988.

LAGE, Nilson. Reportagem assistida por computador. In: **A reportagem – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001a.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2001b.

LEAL, Gilberto. Depoimento. [8 de outubro de 2009] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

LEMO, A. Mídia Locativa e Territórios Informacionais. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - **XVI COMPÓS**: Curitiba/PR, 2007

MACHADO, Elias. **La Estructura de la Noticia en las Redes Digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2000.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Ed., 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia - jornalismo como produção social da segunda natureza**. S. Paulo, Ática, 1986.

MARIANO, Nilson. Depoimento. [18 de junho de 2009a] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

MARIANO, Nilson. Depoimento. [7 de agosto de 2009b] Entrevista concedida por e-mail a Mariângela Recchia.

MASIP, Pere. **Internet A Les Redaccions. Informació Diària I Rutines Periodístiques**. Barcelona, Espanha: Trípod, 2008. 208p.

MIELNIZUCK, Luciana; PALACIOS, Marcos. Considerações para um estudo sobre o formato de notícia na web: o link como elemento paratextual. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - **Compós**. Brasília, 2001.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web: Uma Contribuição para o Estudo do Formato da Notícia na Escrita Hipertextual**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MOYA, Juan A. Gaitán e RAIGADA, José L. Piñuel. **Técnicas de investigación en Comunicación social**. Madri: Editorial Síntesis, 1998.

MUNHOZ, Paulo; PALACIOS, Marcos. Os Usos da Fotografia no Jornalismo On-line: Primeiros Lineamentos para um Estudo de Situação. In: Seminário de Pesquisa da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MUNHOZ, Paulo. Estágios de desenvolvimento do fotojornalismo na Internet. In: **Diálogos & Ciência** – Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n. 11, set. 2007.

NETO, Edmundo Mendes Benigno. Por uma história da linguagem visual do jornalismo impresso. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo, Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Erivam Moraes; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo – Uma viagem entre o analógico e o digital**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias. **Manual de jornalismo na internet**. 1997. Disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm Acesso em 12 nov.2009.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs.) **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003a.

PALÁCIOS, Marcos. **Fazendo jornalismo em redes híbridas**, 2003b. Disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_redeshibridas.pdf. Acesso em 16 de dez. de 2009.

PALACIOS, Marcos e MUNHOZ, Paulo. Fotografia, blogs e jornalismo na Internet: oposições, apropriações e simbioses. In: BARBOSA, Suzana. (Org). **O jornalismo digital de terceira geração**, LABCOM BOOKS. Universidade da Beira Interior, Civilhã, 2007. http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/fichas/ficha_barbosa_jornalismo_online.html. Acesso em 10 de out. de 2009.

PAVLIK, John. **El periodismo y los nuevos medios de comunicación**. Paidós Comunicación, Barcelona, 2005.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O jornalista on-line: Um novo status profissional? Uma análise sobre a produção da notícia na Internet a partir da aplicação do conceito de jornalista sentado**. Dissertação – Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/9610358/pereirafabiojornalistaonlinenovostatus> Acesso em 15 de dez. de 2009.

PERSICHETTI, Simonetta. A encruzilhada do fotojornalismo. In: **Discursos fotográficos**, Londrina, v.2, n.2, p.179-190, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotografiograficos/article/view/1484/1230>> Acesso em 28 de nov. de 2009.

PICCININ, Fabiana. **Jornalismo online e prática profissional: Questionamentos sobre a apuração e edição de notícias para web**. In: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=puccinin-fabiana-jornalismo-online-pratica-profissional.html>. Acesso em 20 de nov. 2009.

PRIMO, A.; TRÄSEL, M. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. Contracampo (UFF)**, v.14, p.37-56, 2006. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>>. Acesso em 21 de Out. de 2009.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual Gráfico**. Brasília: Linha, 1987.

ROSA, Virgílio Gruppi. **O Impacto das tecnologias nas redações: como a informatização modificou a rotina profissional dos jornalistas**. Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2005.

ROZADOS, Helen Beatriz Frota. **O jornal e seu banco de dados: uma simbiose obrigatória**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000100014>. Acesso em 2 ago. 2009.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: editora Universidade/UFRGS, 2003.

SÁBADA, Charo, et al. Métodos de investigación sobre convergencia periodística. In: NOCI, Javier Díaz, PALACIOS, Marcos (org.) **Metodologia para o Estudo dos Cibermeios**. Salvador, EDUFBA, 2008.

SALAVERRIA, Ramón. **Aproximación al concepto de multimedia desde los plans comunicativo e instrumental**. In: Estudios sobre el mensaje periodístico, 2000. Disponível em: http://www.ucm.es/info/period/Period_I/EMP/Numer_07/7-5-Inve/7-5-13.htm. Acesso em 2 de ago. 2009

SALAVERRIA, Ramón. **Convergência de médios**. In: Chasqui, Revista Latino Americana de Comunicación, 2003. Disponível em: <http://www.comunica.org/chasqui/81/salaverria81.htm>. Acesso em 31 de mar. 2009.

SALAVERRIA, Ramón e NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado: convergencia de medios e reconfiguración de redacciones**. Barcelona: Sol90Media, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto (2008). **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo**. *Trípodos*, n° 23, pp. 31-47. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Tripodos/article/view/118910/154114>. Acesso em 05 mai. 2009.

SALAVERRIA, Ramón. [Entrevista disponibilizada, em 7 de março de 2009, ao jornal **La Voz de Galicia**]. 2009. Disponível em: <<http://www.lavozdeg Galicia.es/sociedad/2009/03/08/003-7576373.htm>>. Acesso em 07 mai. 2009.

SCHIRMER, Lauro. **RBS: Da voz do poste à multimídia**. Porto Alegre: LP&M, 2002.

SCHIRMER, Lauro. Depoimento. [19 de junho de 2009] Porto Alegre: Museu Hipólito da Costa. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: O Planejamento Visual Gráfico na Comunicação Impressa**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SILVA, Luis Martins da. Imprensa, discurso e interatividade. In: MOUILLAUD, Maurice; **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UNB, 1997.

SILVA, Edna L. da e MENEZES, Estera M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, Fernando Firmino da. **Tecnologias móveis na produção jornalística: do circuito alternativo ao mainstream**. In: V SBPJor (CD-ROM). Aracaju-SE/Brasil, novembro, 2007

SILVA, Fernando Firmino da. Moblogs e microblogs: jornalismo e mobilidade. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação**, 2008a

SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro, 2008b

SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo e tecnologias de mobilidade: conceitos e configurações**. In: II Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber realizado entre os dias 10 e 13 de novembro de 2008 na PUC-SP, 2008c Disponível em <http://cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Fernando%20Firmino%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 16 de dez. de 2009.

SOARES, Deca. Depoimento. [17 de junho de 2009a] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

SOARES, Deca. Depoimento. [11 de agosto de 2009b] Entrevista por e-mail concedida a Mariângela Recchia.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. Construindo uma teoria do jornalismo. In: I Encontro Nacional de pesquisadores em jornalismo. Brasília, 2003.

SOUZA, Luiz Adolfo Lino. Depoimento. [8 de outubro de 2009a] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

SOUZA, Luiz Adolfo Lino. Depoimento. [21 de novembro de 2009b] Entrevista concedida por e-mail a Mariângela Recchia.

TORALLES, Mauro. Depoimento. [8 de outubro de 2009] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

TRÄSEL, Marcelo. O papel do webjornalismo participativo. In: 4º Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2006, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/3184741/Opapeldowebjornalismoparticipativo>> Acesso em Out. de 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

VALERO SANCHO, José Luis. **La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos**. Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 2001.

VIANNA, Ruth Penha Alves. **Informatização da imprensa brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

VIEIRA, Mauro. Depoimento. [8 de outubro de 2009] Porto Alegre: *Zero Hora*. Entrevista concedida a Mariângela Recchia.

VILCHES, Lorenzo. Migrações midiáticas e criação de valor. In: MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**, Lisboa, DifeL, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 03 jul. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 11 jul. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 19 jul. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 04 ago. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 12 ago. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 20 ago. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 21 ago. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 29 ago. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 06 set. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 14 set. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 22 set. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 30 set. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 08 out. 1989.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 05 jul. 1999.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 13 jul. 1999.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 21 jul. 1999.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 29 jul. 1999.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 06 ago. 1999.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 21 ago. 1999.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 29 ago. 1999.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 06 jul. 2009.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 14 jul. 2009.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 22 jul. 2009.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 30 jul. 2009.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 07 ago. 2009.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 15 ago. 2009.

Zero Hora, Porto Alegre (RS), 23 ago. 2009.

APÊNDICE

ENTREVISTAS

APÊNDICE A

Deca Soares, 30 anos, coordenadora de produção da *Zero Hora*

Entrevista **A** feita em 17 de junho, na sala de reuniões de *Zero Hora*, em Porto Alegre.

Trajetória profissional

Eu estou na empresa há 12 anos. Comecei aqui trabalhando no segundo semestre da faculdade. Formei-me na PUC – Pontifícia Universidade Católica. Passei por todas as áreas de apoio à redação. Como não tem estágio, propriamente dito, a *Zero* faz uma coisa bem legal, que é contratar estudantes para as áreas de apoio: para trabalhar no arquivo fotográfico, para atuar no *copy* – que faz as escutas dos programas de rádios e Tvs – e, para auxiliar de redação mesmo, que é simplesmente carregar papel de um lado para outro. Essa função dá a noção de como é a rotina da redação.

Depois, eu trabalhei oito anos como repórter de Esporte. A seguir, fui coordenadora de produção da Geral até setembro/outubro do ano passado (2008). Esse foi o marco, o antes e o depois da minha carreira jornalística, porque lá no Esporte a gente mesma faz as pautas e até edita. Chega na Geral, é uma editoria que funciona muito por produção, porque é uma editoria onde a demanda é muito grande. É o coração do jornal.

Quando houve todas aquelas mudanças no jornal, o Marcelo Rech, que era o diretor de redação, passou a diretor de produto e o Ricardo Stefanelli, então editor-chefe, foi ser o diretor de redação; eu vim para a coordenação do jornal. Antes, havia dois editores-chefe e um diretor de redação. E a parte da manhã, que a gente estava querendo desenvolver bastante, tinha ficado meio desguarnecida. Como eu já fazia a pauta da Geral, que é a principal de produção, acabei ficando responsável pela pauta do jornal.

A fotografia também é uma editoria que passou por uma mudança bem grande no jornal. Antes, a gente fazia muita coisa que acabava não aproveitando: pautas “descarga de consciência”, como eu digo. Não tem repórter para mandar fazer uma pauta, que garanta a foto. Nessa da gente garantir a foto, faltava profissional para garantir a foto de capa, a foto de contra (capa).

Como é a rotina de produção do jornal?

O jornal começa a trabalhar cedo da manhã. São três reuniões de pauta, a primeira dela é às 10h com o coordenador de produção de cada uma das editorias, os pauteiros. Nos últimos anos, sempre foi uma tendência de o jornal fechar muito tarde, porque muitas vezes ia virando durante o dia, de acordo com os fatos do dia. A gente tinha o hábito de começar a produzir o jornal à tarde. Mas, como hoje o papel do jornal está mudando um pouco, tem um viés mais de análise, de aprofundamento, de edição. Como a gente convive hoje com uma concorrência da internet e da TV muito forte, o papel do jornal é muito mais de planejamento. Essa reunião da manhã sempre existiu, mas agora ela tem um compromisso maior de ser realmente efetiva, para que haja tempo de o jornal ser bem pensado e bem planejado.

Bom, a maioria são os coordenadores de produção, algumas editorias trazem os seus editores mesmo. O que só vem a contribuir para a reunião. Nessa reunião, a gente sai com tudo definido: o que é para as páginas 4 e 5, que é a nossa reportagem especial. A gente tenta ter uma, duas, três possibilidades. Sai com as apostas de foto para a capa e contracapa. Antigamente, a gente esperava o repórter chegar ao jornal, para começar a apurar a matéria para daí, quando ele pudesse, passasse na fotografia para sair e fazer a foto. Agora, a gente não quer isso. Não precisa chegar o repórter para constatar que está frio, que está chovendo. O fotógrafo pode sair independente e fazer a foto.

Tentamos ver as apostas de manchete, nem sempre se confirmam. Tudo vai depender ao longo do dia. Mas, qual é o objetivo dessa reunião da manhã? É planejar o jornal para que, se nenhum fato acontecer, o jornal do dia seguinte tem que sair igual. Se acontecer alguma coisa, ótimo. Se o jornal estiver totalmente planejado, é até mais fácil de virar e colocar mais uma coisa nova.

Quando termina a reunião da manhã, eu faço um contato por telefone com o diretor de redação (Ricardo Stefanelli) e digo para ele quais são as nossas principais matérias e quais as principais apostas de 4 e 5. Por exemplo, hoje a gente tinha três apostas. Ele disse que a matéria dos presídios era a melhor. Investimos nessa.

Claro, quando a gente tem dois assuntos ótimos, a gente centra forças para ter duas matérias com duas páginas; uma nas páginas 4 e 5 e outra no corpo do jornal.

Depois, às 14h30min, a reunião já tem a presença do editor-chefe, do diretor de redação e o editor executivo de cada área. O número um da editoria. E, então, as matérias já começaram a ser apuradas, tem informações mais precisas, que às vezes pode derrubar ou confirmar a matéria. E fatos novos, como foi o caso do aeroporto fechado. Aeroporto fechado às 10 horas para nós é rotina, não é notícia. Mas, agora, o aeroporto fechado às 16 horas, é indício de preocupação.

A última e derradeira reunião é feita entre 19h30min e 20h. É a reunião do caos, como a gente diz. Todo mundo se reúne ou na sala do Ricardo (Stefanelli, diretor de redação), ou ali ao redor do Altair (Altair Nobre, editor-chefe), no meio da redação mesmo. É para saber se alguém tem um assunto que veio no fim da tarde e que mereça chamada de capa, para dizer que alguma das matérias que era chamada de capa foi derrubada, para consolidar a manchete. Essa reunião é para acerto de ponteiros.

Quem faz a capa é o editor-chefe, o Altair Nobre, que vai mostrando para o diretor de redação, que, por sua vez também vai mostrando para o editor da área o que ele está fazendo. A gente fecha às 22h30min a primeira edição, que vai para o interior e à meia-noite e meia, a área da grande Porto Alegre.

Depois do fechamento, a redação se esvazia?

A gente tem um representante de cada editoria, que é o plantão mesmo. Normalmente eles são editores e ficam aqui. A gente tem, mais ou menos, o *Jornal da Globo* como *deadline* (prazo final) porque o *Jornal da Globo* é um jornal muito bom. Ele, às vezes, traz conteúdo exclusivo que a gente não viu. Outras vezes, ele traz uma maneira nova de abordar uma notícia. Isso é a nossa principal preocupação hoje. Para nós, a notícia não pode ser somente, por exemplo: “o reajuste beneficiará os servidores do judiciário”. Nossa preocupação, desde o início da tarde, é como dar isso.

Os plantões vão embora entre 1h e 1h30min. Mesmo depois que esses editores forem embora, o editor de Geral, que é de Polícia também, fica até 2h, 2h30min, porque é quando acontecem as coisas trágicas. A gente tem ainda um editor de contracapa, que chega aqui entre 19h e 20h e fica até o jornal rodar o último exemplar. Até não poder trocar mais nada.

E pela manhã, tem um horário para iniciar o trabalho?

Os produtores, normalmente, chegam entre 8h e 9h, bem como os primeiros repórteres. O repórter da Geral é sempre o primeiro a chegar, entre 7h30min e 8h. Eu (coordenadora de produção) chego às 8h. Como a reunião é às 10h, a coordenadora já tem que ter visto todos os concorrentes (jornais), já tem que ter visto todos os recados da noite, já tem que ter tomado várias providências. Chegar à reunião sem muita informação é ruim, não flui. O ideal é chegar à reunião já tendo conversado com os editores.

Quantas pessoas compõem a redação de *Zero Hora*?

São 233 pessoas, incluindo o *zerohora.com* e os correspondentes do interior.

E como é a relação do impresso com a *ZeroHora.com*?

Fisicamente o *online* é uma editoria. A gente diz que a Geral chega mais cedo, mas na verdade a *zerohora.com* está aí 24h. Mas, na prática, a gente quer que a Rosane Oliveira (editora executiva de Política do impresso) seja a responsável pela Política do *site*; que o Diego Araújo (editor executivo de Geral) seja responsável pela editoria de Geral do *site*. O redator *online*, como redige para todas as áreas, ele tem o editor da área como referência. Por exemplo, o dólar caiu para baixo de R\$ 2. O redator pergunta: Tu achas que isso é importante a ponto de ser manchete? A editora vai dizer: claro. O *online* é tratado como editoria, mas na verdade ele é de todo mundo.

E quem redige para o *online*?

Se, por exemplo, a gente acabou de escutar no rádio que teve um acidente aqui na frente, o repórter da *Zero* sai. Até o repórter chegar, apurar e tal, já tem no ar (*site*) que houve um acidente na Érico com a Ipiranga, que vai congestionar o trânsito. Então, o redator lança essas informações. Mas ele não vai apurar o resto da notícia, porque tem um repórter lá. Esse repórter do impresso vai passando as informações factuais para o *online*.

A equipe do *online* é formada por cerca de 30 pessoas, só redatores. Saiu da redação, a gente sempre vai tentar, de todas as formas, que seja um fotógrafo e um repórter do *offline*. É claro que a gente não vai obrigar o repórter a ser multimídia, mas se ele tem o perfil...

Para falar a verdade, as pessoas que a gente mais imaginava que fossem ser resistentes, os mais velhos, são os que mais colaboram. Não é à toa que eles são referência no jornal hoje, porque eles já passaram por muitas tendências. Só passaram por mais uma. O repórter Carlos Wagner (repórter especial) foi o primeiro a passar uma notícia para o *online*. Viram no *online* uma forma de dar furo, que é uma coisa que cada vez menos o jornal faz, porque existe muito meio de comunicação. E existem repórteres que têm o dom e/ou interesse em fazer vídeo, de fazer reportagens mais visuais.

São os repórteres mesmos que editam?

A gente tem assistentes que editam. Tem algumas exceções. Tem o Marengo (Daniel) que foi fazer a seca no interior. A gente fez uma experiência ótima. Ele levou o computador, o *laptop* com o programa de editar vídeo e já editou. Nós temos outro repórter especial, que é o Marcelo Fleury, que ele mesmo faz e edita. Mas esses são exceções. A maioria usa os assistentes para editar.

A gente tem também a seção *Pelas Ruas* (seção do *site*), que surgiu depois da *zerohora.com*, depois do *online*. Tem um fotógrafo do *offline*, o Ronaldo Bernardi, com o perfil multimídia. Ele faz vídeo também. O Ronaldo não fica sentado no computador, se não tem pauta para fazer. Ele sai, vai atrás. O Ricardo (Stefanelli) viu essa iniciativa num congresso da Associação Mundial de Jornais.

O material que ele produz entra no *online* e no *offline*. Por exemplo, se foi um acidente sem mortes, ele não vai entrar no *offline*, porque tem a limitação de espaço. Mas, dependendo do local onde foi, do horário, do estrago que causou, esse acidente é muito importante para o *online*. Então o Ronaldo virou esse cara. A gente divulga o telefone dele no jornal, as pessoas ligam e ele vai lá faz as fotos, faz o vídeo, pega o contato com as pessoas e traz para um redator. O redator entra em contato e coloca a matéria no ar. Hoje, a *Pelas Ruas* trouxe a matéria do *pitbull* que matou o *poodle*.

O que mudou no impresso depois da adoção da redação integrada?

O que mudou? Para nós (*Zero Hora*) é muito difícil a gente não saber de alguma coisa. Aumentaram nossas responsabilidades, porque a gente acredita que o *online* não é uma repetição do *offline*. Tem que colocar a cabeça para funcionar para encontrar conteúdos complementares. A gente tem que ir além. Melhorou também nossa qualidade visual, de conteúdo, com o uso de *Mac* e infográficos, porque a equipe de arte do *online* é extremamente qualificada. Produz material em 3D, animação.

O leitor, com certeza, saiu ganhando. Uma pesquisa do *Call Center* diz que 0,02% dos assinantes usam o argumento de que vão deixar de assinar *Zero Hora* por causa do *online*. O que é uma coisa incrível, porque todo o jornal impresso está disponível também na internet. Não sei se isso vai continuar.

A gente tem duas ferramentas poderosíssimas de um “vender” o outro veículo. Por exemplo, a contracapa de hoje é um flagra de uma execução dentro de um banco. Na matéria da página 43, o que a gente fez? Fez uma mega chamada para a *zerohora.com* para o cara ver o vídeo. Por mais que a gente tente reproduzir no impresso, não fica a mesma coisa.

E a gente faz o contrário também. Uma matéria que é nossa exclusiva, lá pelas 17h, a gente publica no *online*: leia amanhã em ZH que a UFRGS vai construir novos prédios e irá aumentar 1,5 mil vagas. Porque, então, a pessoa é obrigada a ler no jornal do dia seguinte.

Uma coisa que facilitou enormemente o nosso trabalho, por exemplo, quando a seleção veio jogar aqui, publicamos no dia do jogo uma “fotona” de um guri, porque o Beira Rio lotou para ver o treino. Estava um guri com a bandeira, faceiro. A gente colocou no *online*: Você conhece esse gurizinho? Em 20 minutos, achamos o guri. Então, a nossa interação com o público aumentou incrivelmente. Ligamos para ele (guri), marcamos um encontro e fizemos a suíte.

Coisas que a gente quer repercutir: “O que você acha sobre a disciplina na sala de aula?” Os leitores opinaram tanto que a gente fez uma 4 e 5 com muitas opiniões de leitores. Os colunistas que têm *blogs* e, no início até acharam que era aumento de trabalho, todos estão encantados e até meio viciados na interação, porque é imediata. Escrevem uma coisa e já tem gente comentando.

O que eu acho o mais legal de tudo, é que colocar, em um jornal que já tem 45 anos, uma redação nova, uma equipe com muito gás, que pensa coisas diferentes, pensa mil coisas, tem mil idéias, sacode a redação também.

Como o jornal trabalha a questão do “furo” jornalístico?

É tudo muito negociável. Um vídeo do Ronaldo, que talvez tenha dado a maior repercussão do ano, foi o vídeo do cágado comendo as pombas. O Ronaldo fez o vídeo para o *online*. Mas, quando a gente viu aquele vídeo, que todo mundo achava que era uma lenda urbana, mesmo sendo material do *online*, a gente segurou até outro dia para publicar. Normalmente, o factual, o *online* pode dar e o não-factual a gente guarda, por exemplo, descobrimos que o livro da estátua do Mário Quintana, na Praça da Alfândega, tinha sido roubado. Isso é factual ou não é? A gente achou que era. O *online* deu e o *Correio do Povo* fez uma pauta noturna e publicou no outro dia. Então, é tudo muito negociado. Cada caso é um caso.

Como funciona a Central do Interior?

É uma equipe muito reduzida, é uma editoria que tem quatro pessoas. Como é que funciona? Ela faz todo meio de campo com os repórteres correspondentes do interior e com os jornais do interior também. E agora a gente está fazendo um trabalho que funciona assim: tu és o correspondente de Erechim. Eu acertei contigo uma matéria. Se for um assalto lá, que resultou na morte de uma pessoa bem importante da cidade, a partir do momento em que tu ligaste para o jornal, avisaste que teve o assalto, tu passas a tratar direto com o editor de Polícia, que é quem vai editar a matéria. Até mesmo para ter uma orientação melhor, não haver muito ruído. Por isso, a Central do Interior funciona muito mais na produção, que é pela manhã e pela tarde.

Entrevista B

Questões complementares à primeira entrevista. Enviadas por e-mail em agosto de 2009

Quando conversamos sobre as mudanças na rotina produtiva depois da parceria *online* e *offline*, a senhora falou que ocorreu uma antecipação do turno de trabalho no impresso. Por que isso ocorreu?

Porque quase não existe mais espaço para notícias cruas no jornal impresso. Este tipo de conteúdo está restrito aos *sites*. O planejamento, cada vez mais cedo, do jornal serve para que possamos refletir em como dar um assunto 24 horas depois dos outros meios de forma interessante e, ainda, pensar em assuntos e temas que vão pautar o dia seguinte dos demais veículos.

Com a criação do *zerohora.com* e o trabalho em parceria com o impresso, o horário de fechamento do jornal foi antecipado?

Não houve mudança de horário.

***Zero Hora* usa o termo *redação integrada* para se referir a *integração online/offline*? O que significa *redação integrada* para vocês?**

Nos referimos à *redação integrada* na parte física da *redação* (o *site* dentro do jornal). Nosso objetivo é que possamos nos tornar uma *redação* totalmente integrada na questão do conteúdo também. Mas o *site* produz conteúdo próprio e também usa outros meios do Grupo RBS, como a *Rádio Gaúcha*. Seu conteúdo não é 100% produzido por repórteres de *ZH* impressa (embora a maioria seja) e, por isso, não pode ser considerada uma *redação* completamente integrada, como outros jornais do mundo.

APÊNDICE B

Nilson Mariano, 51 anos, repórter especial da Geral de *Zero Hora*.

Entrevista A feita em 18 de junho, na Redação de ZH, em Porto Alegre.

Trajetória profissional

Eu sempre trabalhei como repórter, mas eu não comecei na *Zero Hora*. Eu comecei em 1980, na *Folha da Tarde*, da Caldas Júnior. Lá eram três jornais: *Correio do Povo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Tarde*. Eu já entrei quando a *Folha da Manhã* fundiu-se com a *Folha da Tarde*.

Neste período tanto lá como aqui na *Zero Hora* existia o sistema de linotipia. Depois que a gente entregava a matéria, o linotipista digitava ela em uma grande máquina de chumbo. Ia saindo aquelas barras de chumbo, que depois eram montadas para a matéria ser impressa.

Naquela época era tudo diferente. Por exemplo, na Redação da *Folha da Tarde*, tinha aqueles telefones de discar, aqueles grandões, pesados. Quando a gente discava o 9 e o 0, tinha de esperar ele voltar um pouco. Não era como a gente tem hoje, de apertar.

Cada repórter tinha um telefone para uso pessoal?

Não era uma coisa muito fácil. Lá (*Folha da Tarde*), cada repórter tinha uma mesa. Aqui, eu me lembro que era um mesão comprido, sentavam três de cada lado.

Era um telefone por mesa?

Não. Era mais de um e, aqui na *Zero Hora*, já tinha o telefone de tecla. Mas, se compartilhava entre dois, três ou quatro.

Quanto o senhor chegou à redação de *Zero Hora* já tinha iniciado o processo de digitalização?

Não, mas deixa eu te explicar como a gente trabalhava. Era máquina de escrever, uma *Remington* verde muito pesada. Mas era uma máquina muito resistente. E aquilo, ao dedilhar, causava muito ruído na redação. Tinha que bater. Colocava a lauda ali. Muitas vezes, não acertava o lide e muitas laudas iam para o lixo. A gente não podia entregar uma matéria muito rabiscada, muito suja. Então, tinha que bater de novo. Às vezes, quando a gente errava uma palavra, a gente batia xxxx encima da palavra ou a gente pegava uma caneta, abria uma seta sobre a palavra riscada e daí escrevia à mão mesmo. Quando tinha um parágrafo muito sujo, muito rasurado, a gente reescrevia em outra lauda, cortava com a tesoura e colava ali.

E depois, essas laudas iam assim para a diagramação?

Não. O repórter entregava a lauda para o editor, que entregava para a figura do *copydesk*. O *copydesk* lia o texto, via se tinha problemas, o que faltava, se tinha erro de português. A figura do *copydesk* foi abolida depois. Aí sim, ia para o diagramador. Ele media o tamanho da matéria. As laudas tinham uma quantidade definida de toques horizontais. A lauda da *Folha da Tarde* era de 60 toques laterais e 20 linhas. Aqui já eram 90 toques.

E como era feita a apuração dos dados para a matéria?

Como repórter, eu fazia a entrevista e anotava no bloquinho, à caneta. Se não era uma entrevista pessoal, fazia por telefone fixo. Não havia celular.

E como vocês mantinham contato com a redação?

Como não tinha telefone móvel, ligava de um orelhão ou, se estava em algum lugar que tivesse telefone fixo, pedia emprestado. Naquela época, o telefone era muito raro, difícil de conseguir uma linha, até para uma pessoa. Para casa, não tinha telefone disponível. Mas, em compensação, o telefone era super barato. As pessoas se “penduravam” no telefone. Era assim que se fazia matéria.

E para transmitir a matéria?

A gente está fora da base, está viajando, cobrindo um acontecimento externo, por exemplo. Você vai para Santa Maria, porque o Presidente da República está lá. Como é que você vai mandar essa matéria? Aí tinha dois caminhos: o primeiro por telefone. Eu, às vezes, levava a minha máquina de escrever portátil. Pequeninha, cabia numa maleta, mas super pesada. Hoje, seria um desconforto.

Havia repórteres que já de cabeça passavam a matéria para o editor. Mas, eu gostava antes de redigir. Então, eu redigia na minha maquininha, no hotel. Depois, eu pegava o telefone e ligava para o jornal e alguém recebia. Tinha lá o que se chama de Central do Interior. Era a pessoa que ficava recebendo. Essa pessoa que recebia o telefonema, já ia escrevendo.

Dava muita sorte quando a gente ia a cidades mais organizadas como Santa Maria, Pelotas, e tinha telex. Mas quem tinha telex? Eram agências de Correios e algumas prefeituras. Mas daí havia também o problema de horário. O Correio fechava às 16h, 17h. O jornal tinha uma rede de telex instalada na sua base, então a gente mandava para o número daqui. E o que era o telex? Nada mais que uma máquina de escrever com telefone.

E aí como é que a gente gravava? Tinha os gravadores, tipo tijolo, grande, que se usava a tiracolo. Só bem depois é que surgiram uns menores que até hoje a rádio usa.

Como o repórter conseguia localizar uma fonte para entrevista depois do horário de experiente convencional?

Aí, o que acontecia? Esperava o cara chegar em casa e ligava para a casa dele. Isso, quando o repórter tinha acesso ao número do telefone pessoal dele. Naquele tempo, se ouvia menos pessoas para redigir uma matéria. Hoje, se tem um cuidado maior, por exemplo, de ouvir o outro lado, principalmente em uma matéria complicada. Naquele tempo, se chegava ao ponto de, se não encontrasse, deixava-se para ouvir a pessoa amanhã. E, saía a matéria. Hoje, não.

Comparando as notícias dos dois períodos, pode-se dizer que as de hoje ganharam em qualidade?

Eu acho que ficou mais agradável de ler. Se, teve uma coisa que evoluiu foi a diagramação, foi o desenho, foi a edição. O jornal hoje está mais bonito, mais desenhado, tem infográfico.

Em termos de conteúdo eu não sei te dizer. É incrível, eu não sei se a tecnologia melhorou o texto. O que a tecnologia facilitou é o acesso às pessoas. Hoje, terminou o expediente do secretário de Estado, mas tu falas com ele por celular ou tu falas com o assessor dele. Antigamente, se tivesse uma dúvida na hora de escrever, ficava com dúvida ou deixava a dúvida para fora do texto. Agora tem como esclarecer melhor aquele ponto.

No que mais o senhor acha que a tecnologia contribuiu para o trabalho do repórter?

O computador, em comparação à máquina de escrever, deixou o texto mais limpo. Com a máquina de escrever a lauda saía meio riscada. Hoje, com o computador, tu tens como trabalhar melhor. Tu apagas, tu *deletas*. O computador é uma coisa fantástica, porque o próprio computador já tem dicionário, já tem o *google*. Antes, tu tinhas que folhear o dicionário. Hoje, tu podes entrar nos *sites*. Tu estás fazendo uma matéria sobre a duplicação da BR-101? Já entra no *site* do DNIT. Já sabe, pelo menos, como escrever DNIT. Antes tinha que perguntar para o cara (o entrevistado). Nesse sentido, a tecnologia aperfeiçoou a precisão da informação.

Outra coisa: a gente usa o computador para fazer pesquisa, para ter mais dados, mais elementos, para saber o que perguntar para a pessoa. Antes, tinha que pedir uma *Barsa* lá em baixo (o entrevistado referiu-se ao local, no prédio, onde consultar uma enciclopédia). O jornalista não sabe nada de nada e precisa fazer uma matéria sobre células-tronco. Tu digitas, no computador, e vai vir ali matérias de especialistas, matérias especiais, então tu vais te instruindo.

Hoje, o bom jornalista é o que domina a tecnologia?

A ferramenta ajuda, claro que sim. Mas nada vai substituir a vocação, o gosto, a persistência. Nada vai substituir a entrevista pessoal. Nada vai substituir o fato de o repórter estar no local, ver as coisas, falar com as pessoas. Claro, nem sempre dá. Muitas vezes, o repórter chega aqui e pega duas pautas, uma na zona norte outra na zona sul, e não tem como fazer tudo. Alguma coisa tem que fazer por telefone.

Mas há diferença no texto de quem apura pelo telefone. O repórter perde o ambiente, perde o detalhe, perde se a pessoa está com a mão tremendo, perde a descrição de como era o escritório dele.

E tem algum momento em que a tecnologia atrapalha o trabalho do repórter?

Eu acho que só vai atrapalhar se as pessoas deixarem de ir à rua. Se a tecnologia agilizar o trabalho e começarem a te dar mais pautas, aumentarem a carga de trabalho. Aí, com essa carga de trabalho tu pensas: ah, eu não vou falar com ele. Vou falar por telefone, vou mandar um e-mail. Aí, tu recebes um e-mail dele, dá um control C. Não sou contra o e-mail, até porque tem pessoas que se expressam muito melhor escrevendo que falando, mas o repórter não pode ficar focado só no e-mail. Depois, ele pode complementar, pode ligar para o entrevistado.

E quando precisava redigir matérias que envolviam aspectos históricos, onde o repórter buscava material de apoio?

Os jornais sempre tiveram bons arquivos. Se fazia essa busca no papel. A gente trabalha de acordo com aquilo que tem. Naquela época, nem se sonhava com essa tecnologia. Alguns colegas tinham arquivos pessoais. Eles recortavam jornais e montavam pastinhas. Pegavam matéria de outros jornais e revistas e iam fazendo seu banco de dados.

Antes da internet veio o fax. Em 1993, por exemplo, eu fui fazer uma cobertura das eleições no Paraguai. Não tinha a internet, como é que eu ia mandar a minha matéria? Por fax. O hotel tinha fax. O que acontecia? Eu redigia na minha maquininha, mas não passava mais por telefone, que era uma coisa extenuante tanto para mim quanto para quem recebe, além de uma fonte de erros terríveis. Então eu redigia, ia até o fax do hotel e chegava aqui (na redação de *Zero Hora*). Claro que quem recebia aqui tinha que digitar tudo de novo, mas aí com mais segurança.

Outra vez, eu fiz uma cavalgada de Porto Alegre a Bagé de oito dias, ainda no tempo da Caldas Júnior. Eu passei minha matéria por telefone. A pessoa que recebeu era urbana, não entendia da cultura campeira. Minha matéria saiu toda errada. Por exemplo, a peiteira do cavalo, ela colocou “feiteira”.

Outra vez ainda, saiu um ruído com telex. Teve uma invasão de terras lá em São Nicolau, na fazenda do político Aldo Pinto (candidato a governador). E eu fui entrevistá-lo. Eu disse: O que o senhor vai fazer? Ele respondeu: “Não vou ser eu o primeiro a tirar os colonos.” Só que esse “a tirar” saiu no jornal atirar nos colonos. Acontecia esse tipo de ruído, terrível. Hoje é mais difícil. A tecnologia está aí para ajudar a errar menos.

Tinha outra coisa antes da internet que quando funcionava era uma maravilha. Tu redigias a matéria no *laptop*, eram *laptops* pesadões. Redigia a matéria e tinha que conectar o *laptop* no telefone. Tinha que conectar um monte de cabos. Para isso, tinha que ser uma linha direta. Se não fosse, tinha de reconfigurar, coisas que a gente não sabia. Tinha que capturar o zero da linha. Às vezes, a matéria não chegava, caía a ligação e aquilo virava uma angústia. Era um horror. Eu tinha trauma daquilo. Chegava no fim do dia, na hora em que tinha de mandar a matéria, eu já começava a suar.

Hoje, tu abres teu e-mail, digita e manda. Eu não tenho saudade do telex, de forma alguma. Com os computadores, acabou o cigarro, a redação ficou mais silenciosa, o que permite o repórter se concentrar melhor.

Havia mais tempo, antigamente, para o repórter apurar uma matéria?

Não sei dizer se havia mais ou menos tempo. Essa questão do tempo sempre foi um problema. Sempre foi uma briga do repórter para ter mais tempo para escrever, investigar. Ao mesmo tempo a gente tem de entender que o jornal tem suas pressas, suas urgências.

E como era o ambiente da redação? Já funcionava nesse andar?

Eu cheguei aqui em 1984. A redação era ainda no andar de baixo. Ali é que tinha a base do telex. Ao lado da fotografia, tinham uns mesões compridos, super desconfortáveis. Aquilo era uma fórmica branca que refletia nos olhos. E ela não era totalmente plana. As pessoas fumavam. Algo que eu nunca gostei.

O espaço físico era totalmente aberto, com divisões nucleares por editorias. Quem tinha sala era o diretor de redação.

Qual a diferença do texto jornalístico daquela época para o de agora?

O que houve nesse tempo todo é que reduziram o tamanho do texto e aumentaram o tamanho da letra para facilitar a leitura das pessoas. Antigamente tinha muito texto, era um “tijoloço” de texto. Isso tem que perguntar mais para o pessoal da diagramação porque eles perceberam que as pessoas não gostam disso. A página tem de ter um desenho agradável, porque entre os leitores de jornal tem muita pessoa de idade. Então forçar alguém, para a vista ler um “tijoloço” é ruim.

O senhor tem saudade daquela época?

Tenho saudade dos colegas, como teria hoje também. Mas das tecnologias não. Que bom que evoluiu. Hoje tu pegas um gravador digital, tu gravas ilimitadamente. Ele organiza por faixas. Tu já sabes o entrevistado tal está na faixa tal. Antes tinha que virar a fita, quando não terminava fita antes de acabar a entrevista.

A gente não sentia falta de coisa melhor, se virava com o que tinha, porque simplesmente desconhecia.

Entrevista B

Questão complementar à primeira entrevista. Enviada por e-mail em agosto de 2009

Como eram os primeiros computadores usados na redação?

No início, quando a Redação de *ZH* se informatizou, os computadores se assemelhavam às antigas máquinas de escrever. Na verdade, eram terminais (e não PCs), ligados a um sistema central. Quando caía o sistema, todos os terminais caíam juntos. A principal mudança é que aboliu o papel, tornou o texto mais limpo. Não digo melhor, mas limpo. Facilitou o ato de escrever.

Pelo que lembro, não havia corretor de texto e outros aplicativos (como dicionários acoplados ao computador). A grande novidade é que se podiam trocar mensagens com os colegas. Cada um tinha um código. O meu, por exemplo, era NMA, de Nilson Mariano. Muitos namoros surgiram assim, na Redação, nessa troca de mensagens. Facilitava a abordagem!

O grande salto ocorreu com a internet, que chegou ao jornal (se lembro bem) no início dos anos 1990. Mas ter um e-mail não era bem assim, podia demorar um pouco. Havia que se fazer um pedido e esperar. Quando recebi o meu, o nilson.mariano@zerohora.com.br, foi uma alegria. Depois, com os navegadores *Netscape* e *Internet Explorer*, mais os buscadores (*Yahoo!*, depois o *Google*), houve o grande salto.

APÊNDICE C

Ricardo Chaves, 58 anos, editor de fotografia de *Zero Hora*

Entrevista A feita em 17 de junho, no estúdio fotográfico de *Zero Hora*, em Porto Alegre.

Trajetória profissional

Eu voltei para a *Zero Hora* em 1992 e estou, desde então, como editor de fotografia. A *Zero Hora* foi meu primeiro emprego, em 1969, quando ela não era sequer nesse prédio. Era lá na Sete de Setembro.

Na verdade, eu nem estava preocupado com o jornalismo. Estava mais preocupado com a fotografia pela fotografia. Eu gostava muito mais era de carro. Queria era fotografar corrida. Gosto ainda hoje. Tenho até um carro 66 em casa, que eu restaurei. Esse é meu *hobby*.

Mas depois que eu entrei em uma redação, minha vida mudou completamente. Não só descobri tudo que a fotografia pode ser, pode representar, como a fotografia a serviço do jornalismo. Era uma coisa que eu não tinha muita idéia. Sou filho de um jornalista. Meu pai, que já morreu, chamava-se Amilton Chaves e ele foi assessor de imprensa do governador Leonel Brizola. Meu pai teve um papel importante no Movimento da Legalidade, em 1961. Ele acabou sendo um dos organizadores dessa rede radiofônica que acabou garantindo a posse do Jango – o movimento liderado pelo Brizola aqui no Rio Grande do Sul, que acabou tomando o país todo. Mas, quando eu tinha 18 anos, ele já não atuava mais como jornalista. Então, eu fui procurar alguns fotógrafos que eram amigos dele. Fui parar na *Zero Hora* em 1969, e o Assis Hoffmann foi quem me abriu as portas, dizendo: “emprego não tem, mas se tu quiseres praticar fotografia, pode frequentar aqui que tu vais aprender alguma coisa”.

Eu vibrei muito e sentia orgulho até mesmo com as tarefas singelas que me davam, como secar, carimbar e legendar uma foto. Quando eu via as fotos publicadas, de forma talvez infantil, eu sentia entusiasmo pelo fato de elas terem passado pelas minhas mãos. Isso me fascinou de forma definitiva. Eu virei fotógrafo em seguida. Fiquei na *Zero Hora* muito pouco tempo. Em 1969/1970/1971 já estava fora. O Assis saiu para trabalhar em uma

agência com outros sócios, e, essa agência atendia as sucursais do Rio de Janeiro e São Paulo, em Porto Alegre. Eu fui trabalhar com ele, para exatamente trabalhar com as sucursais, que eram grandes. Ao contrário de hoje, elas eram muito bem estruturadas, com muitos repórteres, fotógrafos. Havia redações montadas do *Estadão*, *Globo*, *JB* (Jornal do Brasil) e *Editora Abril*.

Acabei sendo contratado na sucursal do *Jornal do Brasil*, onde eu trabalhei em 1972 e 1973. Saí de lá para ser *free lancer* da *Editora Abril*, pois queria trabalhar com cor (fazer foto colorida). Eles tinham dois fotógrafos contratados – um na *Veja* e um na *Placar*. Eu fazia o que sobrava. Em 1976, o Leonide saiu da *Veja* e o Luiz Cláudio Cunha, que era chefe da sucursal, me convidou para ser o fotógrafo da *Veja* em Porto Alegre. Fiquei na *Veja* de 1976 a 1981.

Em 1981, recebi o convite para ser o fotógrafo da *Veja* no Rio de Janeiro, onde fiquei até 1984. Troquei então o Rio de Janeiro por São Paulo para ser subeditor da *IstoÉ*, em São Paulo. Fiquei até 1988 lá – dois anos como subeditor e, com a saída do João Vargas, que era o editor, eu ascendi à função de editor de fotografia da *IstoÉ*. Nesse período a revista foi vendida e nós todos – 90 funcionários – fomos demitidos.

Em 1988, recebi um convite do *Estadão*, através do Luiz Cláudio Cunha, que nesse momento tinha assumido a chefia da sucursal de Brasília. Ele me convidou para ir pra lá trabalhar com ele. O próprio *Estadão*, em 1991, – que estava prestes a sair a cores – me convidou para voltar a São Paulo. Fiquei até o ano seguinte até que o Augusto Nunes, que era diretor do *Estado de São Paulo*, foi dirigir a *Zero Hora*. E, político que era – não por acaso na *Veja* gozava do apelido de senador –, achou por bem chegar aqui escolado por alguns gaúchos, já que era paulista. Cheguei a Porto Alegre em maio de 1992.

O que mudou na redação da *Zero Hora* fazendo uma comparação entre 1969, quando o senhor começou a trabalhar, e a *Zero Hora* de 1992, quando o senhor voltou?

Em 1969, era um pequeno jornal. Os jornais fortes em Porto Alegre eram os da Caldas Júnior: *Correio do Povo*, *Folha da Tarde*. E a *Zero Hora* carregava ainda o estigma de ser ainda um jornal que espremia e saía sangue, um jornal mais popular. Hoje, ela é o nosso *Estadão* local. Hoje, a RBS representa o que a *Caldas Júnior* representou no passado. Eu

acompanhei a mudança da velha sede, na década de 70, na Rua Sete de Setembro, para esse prédio onde a *Zero Hora* está até hoje.

Na redação, era uma mesa de aço aqui e outra lá adiante. Parecia que aquela redação enorme jamais seria povoada. Hoje nos falta espaço.

Hoje, a *Zero Hora* é uma empresa muito atenta às novas tecnologias, as tendências todas. E por estar na profissão há 40 anos, eu acompanhei as mudanças pelas quais passou a fotografia. Presenciei uma época em que não tinha como transmitir uma foto à distância. A solução era correr para o aeroporto e pedir que alguém levasse um filme. Os filmes eram transportados em mãos de passageiro. Tinha, no máximo, um envelope identificado com o nome da empresa, escrito IMPRENSA. Tinha que confiar que a pessoa ia entregar. Não poucas vezes, alguns malotes se perderam. Tem até experiências traumáticas nesse sentido. Eu, por exemplo, tive extraviada uma final de Copa do Mundo.

Eu estava na *IstoÉ*, em 1986, cobri a copa do México toda. A gente usava malote da Varig, cortesia, e o último malote que eu mandei, justamente com as fotos da Argentina comemorando a vitória, não chegou. Houve uma pequena briga da Varig e a *IstoÉ* na época: um malote anterior, a *IstoÉ* não resgatou a tempo. Quando foi atrás do malote, o escritório já estava fechado. O motorista era um cara esperto, convenceu o segurança a abrir a sala, os dois não acharam os envelopes sobre as mesas onde deveriam estar. Acabaram arrombando uma gaveta, pegaram o malote e fecharam a revista daquela semana. Então, eles (aeroporto) acabaram retendo o material e até hoje eu não consegui, pelo menos para ter no arquivo, já que na época a revista acabou fechando com fotos de agência internacional.

Quando acontecia de o fotógrafo perder a saída do malote cortesia, ele era obrigado a catar um passageiro para levar o pacote, que já não era um pacote muito pequeno. Tinha, às vezes, 20 filmes dentro. Hoje, diante de tantas coisas que assolam o mundo – terrorismo, tráfico de drogas – não conseguiria convencer ninguém.

E assim que um passageiro concordava em levar o pacote, a gente corria para o orelhão e ligava para o jornal: olha, quem está levando é fulano de tal. Descrevia como era a pessoa, que roupa usava, qual era o número do voo dela e a previsão de chegada.

Se o passageiro fosse legal, a gente já orientava: “vai ter um motorista lá te esperando. Se você não encontrar ninguém, pega o pacote e leva para tua casa. Aí então, vou precisar que

você me dê seu telefone”. Era um absurdo. Isso era meu dia a dia, não só em cobertura internacional. Era o meu dia a dia como fotógrafo da *Veja* no Rio de Janeiro, na medida em que a sede da revista era em São Paulo. Eu tinha de ir ao aeroporto de duas a três vezes por dia convencer uma pessoa a levar um filme. Era uma loucura e não tinha telefone celular. Tinha que ir para o orelhão avisar que estava embarcando.

Ah! A gente usava um bip na cintura – nossa primeira ferramenta de mobilidade. Era um aparelhinho, que os médicos e os jornalistas usavam, ligado a uma central que expedia um sinal sonoro. Estava entrevistando alguém, aquele troço tocava: bip, bip, bip. Você desligava, ia até um telefone e ligava para a *Central Bip* que dizia: o recado aqui é da tua casa. Ou é da *Editora Abril*. Eles pediram para além de tirar a foto do fulano, fazer também a do beltrano.

Em 1992, quando o senhor retornou para a Zero Hora, já tinha telefone celular para uso dos fotógrafos?

Não. O único que tinha ficava com o editor que fechava a capa do jornal e era um tijolo. Um equipamento grande e pesado. Ele exibia com muito orgulho em cima da mesa e tinha até o direito de levar para casa e acionar, caso fosse preciso.

Usar fotos de agência tinha um custo elevado?

Usar agência sempre foi caro. Mesmo das agências, o fornecimento de fotografia sempre foi precário. Por exemplo, na cobertura da Guerra do Vietnã (1975), as fotos vinham por radiofoto, eram em preto e branco, todas arranhadas.

Como funcionava o radiofoto?

Á grosso modo, tinha uma máquina que transformava a imagem em som. O som vai como um sinal de rádio. Por exemplo, o preto seria um tom grave, o agudo seria o tom branco. Entre graves e agudos, a foto ia ser transmitida. E outra máquina recompunha a foto pelo som, transformando em imagem de novo, dentro de um quarto escuro. Aos poucos, ia queimando o papel, que depois era revelado como uma foto normal e, a foto aparecia. Todo ruído se transformava num risco na foto.

Para se ter um aparelho de radiofoto, era preciso ter um contrato como uma dessas agências internacionais, que montavam o equipamento no jornal. Era alugado, não era vendido. E os jornais, claro, usavam esse recurso quando era inevitável. As fotos de Variedades – festival de moda, eventos tipo festival de cinema, fotos de artista – vinham por malote. Chegavam três, quatro dias depois. Vinham de avião.

O jornal esperava a chegada da foto para publicar a notícia?

Não. Dava sem fotos e, depois, recuperava as fotos em uma matéria posterior. Era bem complicado. Vou citar um exemplo. Logo após o Movimento da Legalidade, quando meu pai era secretário de Estado, uma comitiva do governo gaúcho embargou rumo a Brasília e, na chegada, esse avião bateu no chão e incendiou. Ficou reduzido a cinzas, mas ninguém morreu. Estava a bordo além do governador Brizola, o meu pai. Eu me lembro até da notícia. Um cara chegou lá em casa e disse: vocês vão ouvir no rádio e na televisão sobre um acidente, mas fiquem tranquilos porque está tudo mundo bem. Só para se ter uma idéia, naquela época não se tinha nem telefone.

É claro que essa notícia saiu em todos os jornais. Foi manchete aqui, porque tinha o governador a bordo. Mas, se procurar, não tem fotos. Hoje, uma coisa como essa, entraria com imagens ao vivo do aeroporto de Brasília para o mundo todo.

Depois do radiofoto, os jornais começaram a alugar aparelhos portáteis de transmissão de foto – já tinham se modernizado um pouco. O som já não era mais enviado através de rádio e, sim, através de uma linha telefônica. O equipamento de telefoto era uma maleta do tamanho de uma máquina de escrever, mas bastante pesada. Primeiro era-se obrigado a revelar o filme, fazer uma cópia, colocava ali, e acoplava aquela máquina na linha telefônica. Usava dois jacarezinhos para *plugar* e transmitia a foto também em preto e branco. Quando essas máquinas portáteis surgiram, a primeira que eu vi aqui em Porto Alegre, foi em 1971, os jornais alugavam. Era um custo significativo porque cada jornal tinha uma ou duas. Essas máquinas eram usadas por fotógrafos que cobriam acontecimentos importantes: uma decisão de campeonato em outra cidade, por exemplo.

Depois, essas máquinas se modernizaram ainda mais e, com a possibilidade da imprensa publicar a foto a cores – graças a um avanço da parte industrial. Esse mesmo tipo de máquina já podia transmitir uma foto colorida. O processo era fundamentalmente o mesmo.

A foto era colocada em uma espécie de cilindro, que era girado e uma cabeça se deslocava lendo a foto. Uma foto em preto e branco levava de sete a oito minutos para ser gerada.

Quando começou a fazer a cores, houve uma mudança. Em primeiro lugar, não era mais possível levar aquele laboratório simples que o fotógrafo montava no banheiro do hotel, para revelar o filme e fazer uma cópia em papel em preto e branco. Complicou um pouco. Era preciso fazer uma cópia em cores para colocar na máquina. E essa cabeça que lia, agora era dotada de três filtros, que decompunha a foto e fazia três leituras: uma filtrada por magenta, uma por cian e uma por amarelo. Então, transmitia-se a foto em uma dessas cores, mudava o filtro, e enviava em outra cor. Na máquina que recebia, chegavam três fotos em preto e branco – cada uma filtrada em uma das três cores. Estas três fotos, com pontos de fé muito precisos, depois de remontada através de fotolitos, a gráfica conseguia transformar em uma foto a cores. Era um trabalhão.

Para o fotógrafo também era um trabalhão. Ao invés de levar somente um revelador e um fixador para as coberturas à distância, revelar um filme cor era complicadíssimo. Também não tinha forma de fazer cópia através de negativo-cor. Usava no primeiro momento o filme positivo – *slide*. E, revelar um filme de *slide* envolve um processo de oito banhos. Então, tinha que levar um kit químico enorme, sem contar que a temperatura para fazer uma revelação em preto e branco é flexível. E no processo a cores, a temperatura tem que ser muito precisa, cerca de 36°C. Então esses oito banhos, com lavagens intermitentes, têm que estar dentro de um recipiente com água, em banho-maria. Isso complicava o processo largamente. Mas, mesmo assim se fazia isso: revelava-se o filme cor, depois escolhia qual o *slide* que ia ser transmitido, aquele *slide* era projetado no ampliador, projetava em cima do papel especial, como se fosse um papel de *polaroide*, depois passava em uma maquininha com a manivela e tirava uma laminazinha de papel. Estava ali a cópia a cores feita para poder colocar no rolo e começar a transmissão. Além da demora, que é uma coisa que contraria as nossas necessidades de jornalistas, ainda por cima era muito caro. Não só fazer a cópia, revelar o filme a cores, como era caro a própria transmissão. Imagine que cada lâmina de cor (são três) levava sete minutos. Para transmitir uma única foto a cores, era preciso entre 21 minutos a meia hora de ligação internacional. Isso, se a linha não caísse.

Quando esse processo se popularizou?

Na época eu trabalhava em revista. Mas a primeira vez que a *Veja* publicou uma telefoto a cores, foi uma foto transmitida da Espanha, na Copa do Mundo de 1982. Eu e o Pedro Martineli, que era editor de fotografia, fomos escalados e levamos um aparelho de telefoto que transmitia foto a cores. Para não levar o laboratório inteiro, a *Veja* fez um acordo operacional com o *Globo*, que a essa altura também já usava telefoto a cores. O *Globo* se dispunha a revelar, a cada jogo do Brasil, dois filmes meus e dois filmes do Pedrão. A gente fazia, por exemplo, seis rolos de filme de 36 fotos cada um e tinha que colocar só dois a revelar. Então tinha que identificar exatamente, sem ver a fotos, qual o filme que tinha a foto do gol. Era tudo muito vago, muito difícil. Eu usava uma estratégia: fazia umas etiquetas numeradas e, na hora que saía o gol, colava na bobina. Apostando que ali naquele filme estariam as fotos melhores, as fotos que precisava.

Depois melhorou um pouco, porque se descobriu que dava, em vez de fazer o filme positivo, de *slide*, dava para fazer pelo processo chamado C41 – que é o filme comum a cores que todos amadores usam para fazer suas fotos familiares. Era quase como o preto e branco. Em três banhos estava revelado o filme. A partir de revelado, o filme tinha o problema da cópia. Tinha que fazer uma cópia a cores: colocava no ampliador, tinha que ter os filtros, tinha que ter papel especial, aquela exigência da temperatura alta – 36° C.

Ali veio um dos maiores processos de redenção do fotógrafo que foi quando não só se podia usar o Kodak color – negativo-cor – como também já se podia *scanear* esse negativo. Isso foi no início dos anos 80.

Tinha outro detalhe. Mesmo quando os jornais começaram a usar foto a cores, o fotógrafo nunca sabia se aquele assunto ia ganhar a primeira página ou não ia. Então, tinha que trabalhar com duas máquinas, uma com filme preto e branco e outra cor. Isso era um problema horrível, embora sempre fosse possível transformar uma foto a cores em preto e branco. Às vezes com prejuízo de qualidade, mas conseguia.

Num primeiro momento, voltando à digitalização, a gente começou a ter a “barbada” de digitalizar as fotos em preto e branco. A gente fazia a foto e P&B, revelava o filme em P&B e não precisava mais levar o ampliador. Revelava o filme, secava, cortava o fotograma onde queria, *scaneava* aquele fotograma e transmitia digitalmente. O *scaneamento* não é outra

coisa senão transformar a imagem no sistema binário, em bits. Isso já facilitou muito. Em vez de escrever com caneta, dessas de retrojetor na borda da foto – que é o que se fazia antigamente no tempo da telefoto –, quando veio a máquina Leafax-35 – primeira máquina que *scaneava* filme P&B, era possível também legendar a foto (data, autor, assunto) usando o teclado na própria máquina. Mas ainda era via telefônica. Nessa máquina já era possível transmitir filme cores. Pelo mesmo processo: revelava, recortava o fotograma e *scaneava*.

Até que finalmente vem a invenção máxima que é a foto digital e a transmissão digital. Na *Zero Hora*, depois dos usos locais, a primeira vez que a gente usou as máquinas digitais para cobrir um evento grande – fotografar e transmitir – foi na Olimpíada de Atlanta. O fotógrafo escalado para cobrir foi o Sílvio Ávila e ele usou uma MC 2000 – feita em uma parceria entre a Nikon, a Kodak e a Associated Press. Ela era uma porcaria de máquina. Tinha problemas graves – com *flash* a foto ficava quase sempre lavada, ela ainda não tinha a tela de cristal líquido atrás para você vê o que fez. O cartão de memória era um cartucho grande, quadrado e não passava de um *hard disk*, ou seja, se caísse no chão, se quebrava e acabava. A quantidade de memória era restrita.

Para ver a fotos, tinha que levar um periférico, tirar aquele cartuchão da máquina, colocar ali para ver as fotos. Logo em seguida, elas melhoraram bastante. Começou a vir com tela de cristal líquido, melhorou a luz de flash. E tem outras coisas que foram se automatizando. Antigamente o foco era feito pelo fotógrafo. Hoje as máquinas melhores fazem sozinhas. A própria exposição à luz, antigamente, se calculava, fotometrava. Hoje, é automático.

Depois que o Sílvio fez Atlanta, em 2000, por exemplo, eu fui para a Olimpíada de Sidney, na Austrália, e eu mandava 20, 30 fotos a cores por dia com qualidade perfeita – porque não tinha mais aquela interferência do ruído. A partir do momento que se transforma em *pixel*, você reconstrói ela (fotografia) com a mesma qualidade. Se ela foi batida aqui na esquina, em Tóquio ou em Moscou, a foto chega com a mesma qualidade.

Dez anos depois da minha chegada, mais ou menos em 2002, de um dia para o outro, a gente trocou todo equipamento que estava muito sucateado. Não foi preciso treinamento de ninguém, porque para operar a câmara digital é muito parecido. A gente foi aprendendo uns com os outros, a *la brasileiro*. Claro que teve uma consultoria uns dias com o pessoal da *Nikon*. Aí, o laboratório já foi se terminando, já não se usava mais nada de líquido. Hoje é

tudo digital. Se chegar um filme aqui hoje não tem como revelar. De tarde ainda dá para mandar para algum laboratório fora. Mas se chegar à noite, não tem como.

Outra mudança brutal. Antigamente, ocorria um acidente ou um fenômeno natural, ligavam para redação e a equipe deslocava. Se acontece hoje, por exemplo, uma chuva de granizo em Ipanema, que leva uns 15 minutos, e o granizo estiver sido pouco e o fotógrafo não consegue fazer mais nada, tem como recuperar porque três ou quatro leitores mandam fotos do granizo via e-mail. Não dá tempo de a gente chegar aos lugares.

Quais são as vantagens e desvantagens do uso dessa tecnologia digital?

Eu não sou muito saudosista do analógico. Eu acho que o jornalismo só tem vantagens. Claro, que tem uma questão negativa, mas que tem relação com a ética do ser humano, que é o fato de a tecnologia digital facilitar a montagem, a manipulação da foto. Mas a questão do caráter sempre existiu e vai continuar existindo, independente da plataforma.

O que mudou na rotina produtiva do fotógrafo com a chegada da máquina digital?

Nos livramos de duas pressões fortes que a gente sofria: uma era do pessoal da grana, do administrativo, que vivia nos pedindo para gastar menos filme porque o filme estava muito caro. Isso era um inferno. Eles não tinham noção do que era a nossa atividade e ficavam tentando estabelecer normas do tipo: para uma entrevista cinco fotos bastam. Depende, se eu tiver diante do Fidel Castro, talvez eu deva rodar cinco filmes.

Outra pressão é que nós, devido à morosidade do processo, sempre fomos vistos dentro das redações como uma espécie de estranho no ninho. Os fotógrafos precisam ter em mente que, por mais que estejam fotografando um factual no presente ou resgatando algo do passado, estão sempre lidando com o futuro. Então, muitas vezes estamos mais próximos dos historiadores do que dos jornalistas. Sem falar de outros aspectos que envolvem a nossa profissão, entre eles: ficar em um quarto escuro fedido e voltar com as unhas todas sujas de amarelo cheirando a hipossulfito, pingando água pelo tapete para mostrar uma foto que recém foi revelada e está ótima. E ainda por cima, os fotógrafos não eram jornalistas. Vinham de outra formação. Eram considerados profissionais de segunda classe que tinham de ser suportados. Com a digital, ficou mais fácil de a gente ser absorvido e compreendido.

Eu acho que os fotógrafos devem ter um cuidado, uma humildade em relação à história, ao desenvolver dos fatos. O que hoje não parece importante em função de coisas que vão acontecer, e nós não sabemos ainda, passa a ter importância logo adiante. O que é um negócio maluco. Por exemplo, você faz uma foto do Ronaldinho gaúcho, quando ele era apenas o irmão do Assis, e hoje o Ronaldinho é 200 vezes mais importante que o Assis. Então, as fotos do garotinho de seis anos batendo bola com o irmão, passam a ter valor. Se o fotógrafo *deletou* a foto com o gurizinho chato e não guardou, ele perdeu uma raridade.

Isso é uma coisa que o sistema anterior (analógico) preservava mais. O fotógrafo revelava um filme de 36 poses. Ele não pegava só a foto que interessava, porque lidar com apenas um fotograma é muito ruim. Ele cortava o filme de seis em seis e fazia contato de tudo.

O que é um contato?

Revelava o filme, cortava em tiras de seis em seis. Pegava uma folha de papel, colocava as seis tiras em cima do papel, colocava um vidro em cima e dava luz. Tirava o negativo, revelava aquele papel e estavam ali os 36 contatos. A foto ficava exatamente do tamanho de cada fotograma. Essa cópia contato era enviada para a redação, onde o editor escolhia e marcava: eu quero essa aqui. E as outras todas iam para o arquivo junto. A *Zero Hora* mantém todos antigos contatos arquivados.

Hoje em dia dá para arquivar tudo que é feito, mas como não custa nada, o fotógrafo bate muito mais do que batia. Isso desgasta as câmaras muito mais do que desgastava antes. Por outro lado, o fotógrafo *deleta* com muito mais facilidade e esse *deletar*, se ele não tiver um pouco de cuidado, pode estar colocando coisas valiosas fora e guardando o que não interessa.

Outra coisa a favor do digital: sob o ponto de vista ecológico é um processo limpo. A revelação do processo analógico produzia um monte de porcaria que ia esgoto abaixo. Hoje não tem lixo nenhum.

No analógico, o sistema de arquivamento dos negativos passou a ser um problema também. Tivemos de transferir aqui do prédio da *Zero Hora* para outro prédio climatizado, perto do aeroporto, porque o peso dos armários de aço era tanto que ameaçou ceder o piso.

Mas o digital tem uma coisa que me preocupa. Temos um arquivo todo digitalizado, que ocupa menos espaço físico, e hoje guardamos em CD. Vai chegar uma hora em que o CD

não é mais, vamos gravar em DVD. Teve um tempo que o *zip drive* era uma maravilha e hoje é obsoleto. E, daqui a pouco, a tecnologia vai inventando outras formas de armazenamento e vai chegar um ponto que a gente pode não encontrar mais um leitor de CD para rodar os arquivos. Como hoje é difícil de encontrar um projetor para rodar um filme Super8.

Com a popularização da fotografia digital, aumentou a frequência da foto no jornal impresso?

Acho que sim. Hoje, as fotos feitas à distância não se restringem mais a editoria de Mundo. Hoje, as agências internacionais disponibilizam centenas de fotos de moda, esporte, todas as editorias. E tudo isso é publicado no dia seguinte.

Outra coisa que também mudou. Antigamente não se tinha tanta mobilidade, tanta agilidade para fazer e publicar a foto, o que fazia com que o jornal usasse muitas fotos de arquivo: fotos de fachada de prédio em vez do factual sobre o assunto. Isso a tecnologia influenciou, mas a mudança partiu também da conscientização dos próprios jornalistas. Hoje não se aceita mais fotos com a legenda do tipo: num avião igual a esse o presidente Médici deverá estar. Não existe. Ou o fotógrafo tem a foto do avião que o cara vem ou tem a foto dele chegando.

Hoje existe um empenho muito grande, embora tenha algumas derrapagens ainda, de nunca usar uma foto fora do contexto para o qual ela foi feita. Isso pode gerar processo. Já aconteceu de uma modelo que foi fotografada uma vez para o Caderno Vida para uma matéria sobre plástica de seio. Passado um tempo, surgiu uma matéria sobre câncer de mama. Usaram uma foto dela com a mão no peito, nem aparecia o rosto direito. Ela entrou na Justiça, disse que aquilo acabou com a carreira dela, que ela não tem câncer de mama. Então, a gente por razões éticas, e para se preservar, não usa foto fora do contexto.

Tem uma frase muito boa de um cara chamado Robert Doisneau (1912-1994), um fotógrafo francês. Ele diz que as fotos que ele fazia nos anos 30 e 40 não são possíveis nenhum fotógrafo fazer hoje. Por quê? Porque as pessoas não reagem diante de uma câmara da mesma maneira que reagiam na época.

Hoje em dia a situação está tão grave, que tem que pegar autorização por escrito das pessoas, para usar fotos em livros que serão comercializados. As revistas já estão pedindo isso.

Essa coisa do terrorismo que eu falei sobre o pacote de filme, vale também para o uso da imagem. As pessoas se escondem. Não sabem direito o que será feito com aquilo. Tem casos de manipulações, de chantagens. Se o fotógrafo for fazer uma matéria de gente correndo para o Caderno Vida, tem que levar uma autorização, parar a pessoa. Acaba com a espontaneidade, derruba a foto. Acaba que algumas matérias têm de usar fotos produzidas. Contratar a modelo, colocar uma roupa nela. Não é jornalismo, mas é um jeito de se proteger.

Entrevista B

Questões complementares à primeira entrevista, enviadas por e-mail em agosto de 2009.

Qual é a câmara digital usada por *Zero Hora* atualmente e qual é a vantagem dela em relação à primeira adotada pela redação?

A cada geração as câmeras vão se aprimorando. Por exemplo, as D-1 (compradas em 2000) tinham um arquivo de 2.7 Megapixel. Nas D-2, que ocuparam o lugar das D-1 em 2006, esse arquivo subiu para 4.1 Megapixel. Já as D-3 (usadas atualmente) têm um arquivo de 12.1 Megapixel. Isso permite uma ampliação cada vez maior, e com mais qualidade, da imagem obtida.

Outra evolução importante é a velocidade/ freqüência de fotos em um segundo, o que é super importante para quem fotografa esportes. Se a D-2 fazia 8 frames (fotogramas) num segundo, a D-3 faz 9. E tem mais coisas bastantes técnicas, como o fato de D-3 ser *full-frame*, ou seja, uma objetiva de 17mm (grande angular) vale como uma 17mm mesmo o que não acontecia nas anteriores onde uma 17mm se comportava como uma 24mm (+ ou -) (um pouco menos grande angular). Ou seja, num lugar pequeno, apertado, ficava mais difícil de fotografar, entende?

Agora a D-3 também incorporou um segundo cartão de memória (*compact flash*) que permite um numero maior de fotos ou funciona como *back-up* do primeiro. Ou ainda faz fotos, simultaneamente, em resolução diferente. O que permite aproveitar uma mais leve na internet (pouca qualidade) e outra melhor para imprimir grande (papel). E por aí vai... A tela de cristal líquido – onde se vê na hora a foto feita – também está em tamanho maior facilitando a visualização de foto obtida etc.

Os cartões também melhoraram muito. Sem mudança de formato e tamanho eles eram no início de 64, 128 ou 256 Megapixel agora tem de 1GB, 4 GB e até de 8 GB. Cabe um numero maior de fotos, e fotos grandes em maior quantidade.

Entrevista C

Entrevista feita em 8 de outubro, na Redação de *Zero Hora*, em Porto Alegre.

Quando o impresso começou a trabalhar em parceria com o *online*, o que mudou na rotina de trabalho do fotógrafo?

Sou um pouco crítico quanto ao aproveitamento das fotos pelo *online*. Primeiro, que eles têm pressa. Às vezes, a coisa ainda não aconteceu e eles já estão querendo alguma coisa. Depois, em seguida, a coisa fica velha e eles não aproveitam porque já ficou velha.

Como é feita a escolha das fotos para a publicação no *online*? O fotógrafo envia algumas pré-selecionadas?

Não. Normalmente, o *online* entra e pega. Minha incumbência passou a ser a de alertar que tal foto já está disponível. Nós descarregamos no sistema *Telescope* e eles entram e pegam direto no *Telescope*.

Eu tenho uma impressão que, claro, pode ser um tanto deslocada. Eu acho que as coisas no *online* não repercutem muito. Para repercutir tem que ser poderosa, tipo quando o Ronaldo (fotógrafo de *Zero Hora*) filmou as tartarugas comendo as pombas no Parcão. Pode ser que as pessoas entrem em uma galeria, que seja uma forma de compartilhar imagens... Mas, nunca ninguém veio me dizer: “Vi uma galeria e estava sensacional”. Do jornal falam. Tem inclusive e-mail comentando a foto.

As fotos vistas na tela perdem um pouco(...) é como ver cinema na televisão. Não dá para dizer que não viu o filme. Tu viste. Mas, seguramente, tem um impacto diferente do que se tu fores para uma sala escura. Sei lá, o fato de ter comercial... Tudo isso quebra um pouco a mágica do cinema. Nas fotos também acontece isso. O fato de ficar puxando as imagens na tela, o tempo todo, todas elas ficam meio parecidas.

E o fato de o repórter do impresso sair para a pauta levando equipamento de fotografia?

No *online*, por exemplo, todo o dia tem que ter uma foto de clima. Mas não é uma foto boa de clima. É uma foto na obrigação. Se for na calçada e bater uma foto, já resolve.

Acho que fotografia é mais uma pescaria, uma coisa mais lenta. Não é como você ir ao supermercado e se servir na gôndola. São coisas completamente diferentes: ir ao supermercado comprar o peixe e ir pescar. Os dois vão resultar em peixe, mas tem sabores diferentes.

Chegou um tempo que para a fotografia qualquer coisa serve. Mas, eu acho que a fotografia não é qualquer coisa. A foto tem um momento certo para fazer. Para mim esse conceito de que a foto tem um momento decisivo nunca vai estar ultrapassado. Eu continuo achando que a fotografia tem um momento para ser feita. Às vezes, as coisas se configuram no sentido da forma, da harmonia das linhas, uma série de coisas que resultam na foto certa. O que diferencia o mau fotógrafo do bom fotógrafo? É justamente isso, o controle sobre a situação para criar uma imagem harmoniosa, interessante pela forma, pela cor ou pelo conteúdo.

O que o senhor mudaria nessa relação impresso/*online* para que o trabalho do fotógrafo seja mais valorizado?

Primeiro que a fotografia, como eu sempre achei, é hoje também muito cara. É mais barato a mesma pessoa fazer tudo. Eu não acredito muito que uma pessoa possa fazer tudo muito bem, pelo menos não de forma rápida. Isso é a pior coisa que está acontecendo. Tem que fazer tudo, tudo ao mesmo tempo, tudo rápido, como se o resultado disso fosse bom. E não é bom. Por isso que a fotografia ficou banalizada: não repercute. Para ela fazer tudo bem, ela vai gastar muito tempo.

Isso vale também para esse momento que a imprensa está vivendo, de que tudo é passível de interatividade. Acho a interatividade uma coisa genial, mas acho que o que as pessoas e os órgãos de imprensa em geral estão vivendo atualmente é uma euforia estúpida da interatividade, que vai ter que ser revisado. Acho que continua sendo correto, justo, que as pessoas participem. Mas as pessoas devem abrir a boca quando tem o que dizer. Antigamente, a pessoa, para merecer uma página de jornal, tinha que ter feito uma coisa incrível: matar alguém, patrocinar um evento incrível, compor uma música, pintar um quadro... Hoje não. É eu e meu cachorro, eu e meu carro, eu e minha mulher, eu e minha namorada no elevador, eu e meus amigos. Tudo para satisfazer a 'neura' maluca dos 15 segundos de fama que nem são

mais 15 segundos. Os órgãos de imprensa não podem ser patrocinadores desse tipo de maluquice. Continuo apostando que o jornalista seja a figura encarregada de decidir o que interessa e o que não interessa. Não sozinhos, mas baseado na opinião do outro, baseado na pesquisa, baseado num monte de coisa. Porque a impressão que eu tenho hoje é que tudo interessa, e não é assim.

Também tem outra coisa: não dá para ir apenas atrás das pesquisas. É preciso mostrar também o que os leitores não querem, mas que eu acho que eles precisam saber, ver. Um jornal, eu acho que é bom, justamente, porque se tu detestas balé, fica sabendo que o balé mais importante do mundo se apresentou essa semana em Porto Alegre. O cidadão tem que ter uma cultura geral. Por que existe escola? Para você ter uma noção geral. Depois você define: odeio as exatas e gosto mais das humanas. Bom, depois você segue seu caminho. Mas é importante que você saiba somar e que você saiba o que é uma música, uma obra de arte.

Eu li um texto, uma semana atrás, do Charles Baudelaire reclamando da fotografia quando ela surgiu, dizendo que agora todo mundo pensa que é fotógrafo, faz qualquer coisa. Parece que quanto mais aparecer as verrugas e as marcas do tempo das pessoas, mais eles acham que a foto está parecida com o real, mais ficam satisfeitas na sua sanha estúpida de tentar reproduzir a realidade. Ao mesmo tempo em que ele está criticando a fotografia, está criticando a vaidade das pessoas em se deixar fotografar o tempo todo, a banalidade da fotografia. Antes, para aparecer, a pessoa precisava contratar um pintor que ficava lá horas e horas fazendo o quadro de alguém.

Mas é o que nós estamos fazendo hoje com a interatividade. Está tão à disposição da gente, que a gente começa a usar mal. Eu acho que é típico da sociedade de consumo. Por que, às vezes, diante da escassez de recursos a gente valoriza mais. Uma vez li um livro chamado *Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas - Uma Investigação sobre valores*. O nome é idiota, mas o livro é bem bacana. É a história de dois caras que saem para viajar pelos Estados Unidos de Motocicleta. Um em uma moto bem novinha e outro em uma moto velha, que precisou fazer manutenção. E viajar de moto é aquela coisa: no mesmo tempo que vocês está acompanhado, está sozinho porque está vendo o cara pelo retrovisor, mas não dá para conversar. É uma coisa curiosa. Então, ele aproveita para ir refletindo a respeito da vida dele. Em determinado momento, a moto bem novinha quebra. E o sujeito que investiu um dinheirão para comprar a moto fica irritadíssimo. O outro disse para ele ficar calmo, que iriam consertar. Com um pedaço de uma lata de cerveja ele conserta a moto do cara e ela volta a

funcionar. E o amigo fica mais agoniado ainda. Fica sem entender como o outro pode ser tão cabeça dura que não enxerga que uma lata de cerveja é também uma lâmina, um metal, pode ser um copo. A moral da história é que as coisas são elas, mas ao mesmo tempo são muito mais que elas.

APÊNDICE D

Márcio Câmara, 49 anos, editor de diagramação de *Zero Hora*

Entrevista A feita em 18 de junho, na redação de *Zero Hora*, em Porto Alegre

Trajetória profissional

Não andei muito. Andei pouco, porque eu comecei muito cedo a trabalhar. Meu pai trabalhou aqui. Ele se aposentou na área industrial e foi onde eu comecei a trabalhar. Comecei como aprendiz. Naquela época, as empresas ainda tinham esse método: o pai traz o filho, ensina. Então, a *Zero Hora* era uma empresa familiar. Eu trabalhei com o Maurício (Sirotsky). Tenho orgulho em dizer isso, porque ele era uma pessoa muito legal. Trabalhei de 1976 a 1978, aprendi esse processo de fotolito, montagem, que era a base para minha segunda etapa, a diagramação.

Saí daqui em 1978, trabalhei em agências de propaganda e editoras até 1979, quando o Carlos Fehlberg me telefonou e convidou para vir trabalhar na redação, na diagramação. Daqui eu não saí mais. Trabalhei 15 anos no Esporte. Em 1992, o Augusto Nunes convidou o Daniel Dias para assumir a chefia da diagramação e ele me convidou para assumir junto com ele.

Hoje, a diagramação é uma editoria, como Política, Economia. Tem toda estrutura de uma editoria. Os cargos de carreira são classificados na mesma linha de repórter A, B e C. Diagramador A, B e C. Nós temos cargo de editor, tanto eu como o Daniel. Então, o Augusto Nunes nos deu uma autonomia e um “oxigênio” muito grande. Nos deu um poder de decisão e participação dentro da redação, que o diagramador não tinha até então. Antes, nós éramos um setor auxiliar da redação – prestávamos serviço à redação. Hoje, a gente está integrado, trabalha junto do editor e do repórter na produção dos conteúdos. Nossa profissão teve uma alavanca a partir desse período, e está sendo mantida pelos diretores de redação.

Como era o trabalho de diagramação no final dos anos 1980?

Era um trabalho artesanal. Não havia computadores. A forma como a gente diagramava as páginas era manual. Nós usávamos uma régua, uma lapiseira com grafite 6b, mole, borracha, usávamos tabelas de cálculos, catálogos para contar toques de letras. Porém, era bom para o diagramador, porque ele detinha a visão futura da página. O repórter e o editor tinham uma angústia em saber como seria essa página no final, porque eles não enxergavam isso antes. Eles só podiam enxergar através do trabalho do diagramador.

Havia uma linha de montagem onde existia uma centena de pessoas trabalhando. Começava na redação com a produção do texto nas Olivetti, com laudas de 65 toques, laudas de 70 toques.

O tamanho das matérias já era pré-definido?

O jornal era grande demais. No jornal, os textos eram muito grandes, as fotos eram muito pequenas. Se a gente comparar a tecnologia atual com a da época, claro que a gente vai enxergar precariedades. Mas as modernidades sempre chegaram primeiro na *Zero Hora* e depois em outros lugares. Então para nós, o que tínhamos de transmissão – principalmente de transmissão de foto: as radiofotos, as telefotos, os telex que recebiam as notícias das agências de notícias – era tecnologia de ponta. E a gente fazia o jornal com essas ferramentas e, obviamente, ele tinha a cara que essas ferramentas proporcionavam. Aí você, analisando o jornal atual e o anterior, diz: esse jornal era feio. Mas era o jornal do momento e ele competia com o mercado e ele era de ponta.

No final da década de 1980, houve a grande transição da informática que chegou em dois momentos na redação de *Zero Hora*. Ela chegou no primeiro momento com um sistema chamado CSI. O que era? Eram terminais de vídeo colocados na redação, ligados por cabos no computador central. Não tinha, junto da sua mesa, uma CPU de computador. Só tinha cabos daquele monitor ligados no computador central lá embaixo na área de sistemas.

Você continuava desenhando as páginas em diagrama de papel. Porém, a formatação dos textos já era feita nesse terminal, que dentro do sistema, depois, se traduzia na revelação das matérias. Continuava ainda a montagem manual. Isso foi em 1992 que começou. O pioneiro

nessa história foi o *Diário Catarinense*, que foi nossa cobaia para essa transição. Ela foi muito traumática para área da diagramação, porque o diagramador que enxergava sua página, conforme ele ia desenhando no papel, tinha que enxergar também em um sistema de informática completamente desconhecido, e com uma quantidade gigantesca de comandos. Comandos que enchiam duas, três linhas só para fazer a formatação de uma capitular (letra maiúscula, em corpo maior do que o do texto, usada no início de uma matéria).

Havia algum tipo de tabelas com todos os comandos para que o diagramador pudesse se guiar?

A gente tinha um livrinho, com toda lista de comandos e, ao mesmo tempo, um teclado onde a gente podia programar, em uma tecla, duas linhas de comando. Para eu formatar um título em 24, eu apertava a tecla 1, por exemplo.

Como era um sistema de computador de texto, ele não era gráfico, você não enxergava desenho nenhum da página. Só formatava a matéria. Sabia que essa matéria tinha 20cm de largura, porque os comandos a mediam e, você traduzia no papel o que os comandos davam de resposta.

Para fazer texto recortado, tinha de contar linha por linha para saber onde iria colocar o início e o fim do comando de recorte. Aquilo era matemática. Era uma matemática um pouco burra porque “deu muita mão”. O pessoal de informática diz que quando “deu muita mão” é porque não foi bem pensado. Se programar direitinho vai dar menos trabalho e um resultado mais rápido.

A etapa seguinte desse trabalho foi a transição para o sistema de informática que começou dentro da *Zero Hora*, no Departamento de Arte, que foi a tecnologia *Macintosh* da *Apple*. Ela entrou como sendo uma tecnologia revolucionária, trazendo programas gráficos e tornando possível a visualização da construção da página na tela. Trouxe um programa chamado *Quark Xpress* que fazia o desenho das páginas.

Um pouco antes dessa tecnologia surgiram alguns computadores PC, que era linha TXT, por exemplo, só para texto. Você deixava de lado a máquina de escrever e só escrevia no editor de texto. Depois vieram os computadores da linha AP. Esses já comportavam uma quantidade maior de operações. Eles trabalhavam com um programa, por exemplo, *Carta Certa*. Todo material de gráfica – formulários, malotes – você conseguia fazer com ele.

Depois veio o primeiro programa gráfico pensado para a diagramação de páginas de livros – chamava-se *Ventura*. Mas ele ainda necessitava de uma quantidade grande de programação até chegar àquela forma gráfica. Considerando os recursos do *Ventura* e os do *Quark* da *Appel*, a *Microsoft* entrou no mercado e criou – entre tantos outros programas – o *Quark XPress for Windows*. Esse programa foi usado aqui durante 15 anos até dois ou três anos atrás. Era como se o diagramador estivesse na frente do papel, começando a diagramar uma página com seus passos subseqüentes. Ele fazia a nossa tarefa no vídeo e com a grande vantagem de abandonar a calculadora, abandonar o erro de cálculo, abandonar a letra ruim e ver a página construída.

Isso foi um atrativo muito grande para repórter, editor. Muita gente que era da área de texto se interessou mais pela área gráfica. Hoje, para fazer uma página, não é só uma pessoa que a está pensando graficamente. Há um conjunto de pessoas para chegar à conclusão de um desenho diferenciado.

Essa tecnologia permitiu uma aproximação maior entre o diagramador e o repórter?

Sim. A reunião dos editores, por exemplo, hoje de manhã tem uma característica bastante variada de pessoas de áreas diferentes. Ela tem gente da fotografia, da diagramação, da reportagem, da edição, da produção. Essas pessoas se reúnem e, cada um com suas habilidades e conhecimento, contribuem para as pautas. O diagramador faz isso com muita frequência quando sabe, por exemplo, que um repórter x e um fotógrafo y estão envolvidos em uma pauta. Eu vou lá, converso com eles e digo para que tragam elementos acessórios para a produção gráfica. Não simplesmente a foto e o texto: detalhes, texturas, ângulos diferenciados, tudo que possa ser usado graficamente como recurso. Caso contrário, tem que recorrer a arquivos para ilustrar matérias. Então, essa tecnologia aproximou demais as duas áreas. As discussões são feitas a todo o momento.

Quanto tempo levava para o diagramador desenhar páginas no papel e quanto tempo demora hoje?

As páginas no papel a gente tinha uma tarefa um tanto restrita. Nosso trabalho terminava depois que o diagramador terminava o desenho da página e passava para a área seguinte. No diagrama, se escrevia na lauda o tipo de letra, a medida e o corpo que você queria. Esse material descia para outro sistema, onde as laudas seriam digitadas, o diagrama seria

interpretado pelo pessoal chamado montadores de página ou *past-up*. Minha parte terminava na entrega do diagrama, mas aquela página seguia vários caminhos até que ela fosse para o fotolito. Hoje não, a diagramação absorveu esse segundo momento de acabamento da página. A reportagem também absorveu esse segundo momento, porque a reportagem edita direto no editor de texto. A parte de saída do fotolito, a diagramação também absorveu – que seria hoje o fechamento de arquivo e envio para a impressão.

Então, se o diagramador perdia mais tempo calculando e medindo a página, hoje tem outras tarefas acumuladas, mas se tem a velocidade da informática que não se tinha antes. Aquelas pessoas que trabalharam nestas etapas posteriores, cerca de 60% foram aproveitadas nas novas tarefas que apareceram. Por exemplo, a CTI (Centro de Tratamento de Imagem) não existia. O pessoal do *past-up* foi aproveitado nessa área. Na verdade, a profissão transformou-se, modernizou-se. As pessoas ganharam uma profissão mais valorizada, porque elas têm conhecimentos técnicos mais apurados, e racionalizou-se o tempo.

E a fotografia, quando começa a ganhar espaço na diagramação?

A fotografia começou a ter uma importância fundamental junto com essa mudança da informática. O acesso a arquivos digitais de qualidade, por meio de agências de notícias, e não arquivos enviados por meio de radifoto com interferências na ligação e falhas. A fotografia, tecnicamente, já se torna mais atrativa.

O outro lado é a questão editorial. O jornal que era muito mais texto, até mesmo por cultura e devido à própria tecnologia, reduzia o tamanho das fotos. Usava fotos pequenas, porque elas não tinham a importância que têm hoje. A imagem hoje tem muita importância. O que aconteceu? Em 1992, com a chegada do Augusto Nunes, ele meio que revolucionou. Disse: “eu quero uma foto por página, quero uma matéria, duas, quero textos que se aprofundem no assunto e traduzam para o leitor o que está sendo discutido, tratado.” Com isso, a foto de arquivo se tornou foto “calhau” – a foto colocada só para preencher um espaço.

O jornal nosso de cada dia, como eu costumo dizer, tem uma centena de páginas. O leitor tem alguns minutos para passar por elas. Ele vai escolher, pelo seu interesse profissional, ou da vida particular dele. E ele é fígado pelo visual. Páginas bem desenhadas atraem os olhos do leitor. O jornal não pode ser o mesmo todo dia, tem de surpreender. E o dia que a gente mais surpreende o leitor é no domingo, porque se gasta um tempo enorme em cima das

especiais. Temos a preocupação de garantir uma linha de projeto gráfico só na casca, digamos assim: na área de cabeça de página, em algum uso de tipologia como tipologia de texto. Mas mexemos em alguns títulos, arrojamos no uso de fundos e grafismos para vestir bem aquela matéria e atrair o leitor.

Foi a tecnologia que permitiu a inserção de novos recursos gráficos? No final da década de 1980 as matérias traziam título e subtítulo. Hoje, somou-se a isso, o olho, a cartola, a linha de apoio.

É mais um contexto de modernidade do que de tecnologia. Hoje, a regra é que a redação tenha mais trabalho, para que o leitor tenha menos trabalho. Criamos para o leitor várias entradas e várias formas de ler a mesma matéria. O *lead* deve ser diferenciado graficamente (em negrito) e na forma de escrever porque ele tem de trazer o resumo da matéria. Se o leitor se interessar mais por aquela matéria, ele pode ler o texto se tiver tempo. Caso contrário, ele pode ler várias páginas apenas pelos seus *leads* e está bem informado. Ele tem a notícia.

A infografia cresceu de mais. A infografia traduz o complexo de forma gráfica, coordenada e de fácil leitura. Então, o leitor também pode ler aquela matéria, entender aquela matéria, lendo a infografia.

A forma de fazer título, linhas de apoio, legendas são maneiras de leituras rápidas no jornal. Há pessoas que olham as fotos, lêem as legendas e vão adiante. Tem pessoas que preferem mais informações visuais. Há nomes consagrados em que a pessoa já é fiel ao que ele escreve e o leitor vai ler independente do tamanho do texto. Mas não temos 200 David Coimbra e 200 Paulo Sant'Ana, então tentamos fazer com que o jornal tenha uma unidade.

Outra meta é prestar serviço para o leitor, para que ele possa se orientar na sua vida. Serviço em box, em infográfico no próprio texto. Na época de 1989, havia muito mais repórteres na rua, garimpando a notícia na rua, do que dentro das redações. A tecnologia traz isso para cá, para dentro da redação, com muita facilidade. A notícia factual dá no rádio, na internet. No jornal, se tu olhares numa segunda-feira – depois de um acidente aéreo como aconteceu – todos os veículos de comunicação estão com a mesma notícia de manchete.

O que diferencia a *Zero Hora* dos outros meios de comunicação é, justamente, a forma como apresentamos para o leitor. É a mesma notícia, só que a roupa que colocamos nela é diferenciada. Trabalha a notícia lapidando-a de várias formas, para que o leitor escolha a sua

forma. Ele vai ter a informação de alguma forma naquela página. Novas tecnologias na produção agregaram qualidade na forma de apresentação da notícia.

Quanto ao projeto gráfico, o que motiva as mudanças?

A redação da *Zero Hora* é inquieta. Tanto na sua dança das cadeiras, o que possibilita que cada editor que entra em um determinado setor tenha uma visão gráfica e procura colocá-la em operação. Essa é uma questão: eu quero dar a minha cara para o jornal que eu gosto de fazer. Basicamente foi o que aconteceu nos últimos anos. Eu comecei a trabalhar com Carlos Fehlberg, em 1979, e ele tinha um padrão de jornal que era o que a gente conhecia. O Fehlberg gostava muito de escrever, então, o jornal da época tinha a cara do Fehlberg (editor chefe) e do Lauro Schirmer (Diretor de redação).

Na etapa seguinte, que foi do Augusto Nunes (1992 - 1996), ele não ia usar o mesmo padrão do Fehlberg. Impôs o padrão dele, fez um jornal diferente. Teve um ganho, mas não deixou para trás aquele alicerce que já havia sido construído.

Quando o Marcelo Rech (1996- 2008) assumiu, da mesma forma e, assim, a evolução vai se dando meio que pela troca das pessoas. Agora a gente está trocando de novo, porque assumiu o novo diretor (Ricardo Stefanelli) e estamos trabalhando no novo projeto gráfico que estréia dia 26 de junho.

Se você pegar um estudo, que tem no nosso arquivo, sobre evolução do logotipo da *Zero Hora*, desde 1964, verá já tivemos uns 10 logos diferentes. Essa evolução é de mercado, é da necessidade de fazer com que um jornal que está vendendo bem, venda mais ainda. Se está atrativo, seja mais atrativo ainda. Além da troca de pessoas, essa evolução ocorre por necessidade de mercado. A gente acompanha constantemente os mercados europeus, os de jornais americanos e observa a evolução. Recentemente, no congresso da ANJ (Associação Nacional de Jornais), percebemos que, por questões econômicas, os jornais do centro do país e de fora, que esbanjam papel nos seus *standar*, não querem o tablóide. Então, eles inventaram um intermediário que é o *berliner* - um tamanho intermediário que fica bem maior do que o tablóide e menor do que o *standar*. O *Jornal do Brasil* adotou o *berliner*.

Todos os anos têm uma mudança gráfica em um jornal e numa revista e, estamos sempre de olho. E, óbvio que o que há de bom nos usos, inspira. E obviamente, também esperamos inspirar os que estejam nos olhando e adotando práticas que adotamos no jornal.

A chegada de outras mídias também influenciou no projeto gráfico?

Houve mais, que eu lembro, na questão da revista. Se ouvia falar: eu quero um título “arevistado”. Mas a revista não é superior ao jornal. Ela só é diferente, porque tem uma forma de impressão diferenciada, mas o jornal parece que tem ciúme da revista. O tempo é diferente: o jornal do dia você tem cinco horas para fazê-lo, da produção gráfica até o final. Tu não tens chance de trabalhar muito tempo. É preciso velocidade para criar em cima de soluções pré-determinadas e você vai as aplicando, conforme vão aparecendo.

A revista tem matérias que são feitas de três meses para frente. O pessoal que trabalha nas agências para as revistas, por exemplo, tem usos de tecnologia diferenciados. Enquanto a gente usava máquinas que faziam fotografias de 33mm, eles já faziam os cromão de 7x7, que possibilitavam até uma impressão de *outdoor*. A relação de mercado/revista/patrocinador era bem diferente também. Um anúncio de revista na *Veja* chegava a custar R\$ 1 milhão. No jornal, 10% disso e olhe lá. Então, essa relação de mercado fazia com que os produtos tivessem caras diferentes.

A televisão e o computador têm o movimento. Então, nos nossos desenhos, a gente procura movimentar de forma que passa a ilusão de que a página está movimentada. A gente acaba espichando o olho para o moderno e tentando trazê-lo para nós também. Embora o papel seja estático, você pode movimentar os elementos daquela página dando a sensação de movimento para o seu leitor. E a frase “o jornal deve se mover” surgiu em 1984, quando um cubano naturalizado americano, Mário Garcia, do *Poynter Institute*, veio aqui a convite do Luiz Adolfo, que é nosso Gerente executivo da área gráfica de todos os jornais da rede RBS, (oito ao todo), para fazer a primeira reformulação forte da *Zero Hora*, desde o Lauro Schirmer e do Fehlberg. Ele é que fez o jornal novo: criou colunas com notas curtas, com espaços de branco que o jornal não tinha.

E o uso da cor e do infográfico, em que momento é incorporado?

Já na época do Augusto Nunes, a parte industrial, tecnicamente, teve de possibilitar o uso da cor com qualidade. Caso contrário, ficava no preto e branco. Já nessa época, a empresa comprou a chamada *Newsliner* – uma máquina computadorizada que possibilita um maior número de posição de cores. Mas a realidade mostrou que devido à quantidade de páginas da *Zero Hora* e seus cadernos, não conseguimos ter um jornal *fullcolor* todos os dias. Então

temos, por exemplo, 80% de páginas com uso de cor e 20% em preto e branco. Mesmo com essa limitação, nos foi oportunizado o uso de cor bem maior do que antigamente. Começamos a nos lambuzar com o uso de cores, a errar até que achamos o equilíbrio. Ainda hoje cometemos exageros. Antes, nós trabalhávamos com uma máquina também de origem alemã chamada *Metro*.

Um projeto gráfico envolve quanto tempo de preparo?

Um projeto gráfico pode levar mais de um ano de discussão, de aprimoramento e amadurecimento das idéias, até que se tenha o primeiro piloto rodado. Esse de agora, está a seis meses sendo pincelado. A gente conversa com algumas pessoas na redação e vai colhendo informações. Ele tem uma característica de ser um redesenho, na verdade.

O projeto gráfico nasce de um projeto editorial novo. A partir da informação editorial, a diagramação vai colocar uma nova roupa para o jornal. Nós já temos nosso projeto editorial e ele não será mudado. Todas as técnicas que utilizávamos, em termos de edição, continuaram sendo usadas.

O projeto gráfico que não diz o porquê das coisas é superficial. A mudança tem uma lógica e essa lógica se sobrepõe à subjetividade e à hierarquia.

Então, esse projeto está a seis meses sendo trabalhado. No dia 8 de junho, rodamos o primeiro piloto, que foi o que chamamos de piloto gráfico. Simplesmente pegamos elementos – títulos, cartolas – falsos, e acabamos por preencher graficamente a forma que queríamos. Essa forma foi sendo colocada para análise de diretores e pessoas importantes de cada área. Cada um fez suas observações e, ontem (17 de junho), rodamos um piloto editorial. Pegamos a edição de terça-feira e a reeditamos novamente. Esse projeto gráfico força a reedição, porque ao invés de usar cartolas usa títulos “acartolados”, ou seja, bem maiores. Os títulos devem ser pensados, mais trabalhados ainda.

As fotos continuam com o seu valor. Para se ter uma idéia da importância da foto, hoje no jornal, se eu tenho a foto e não tenho a matéria, a foto vai para o jornal e nós vamos dar um jeito de fazer uma matéria para aquela foto. Se eu tenho a matéria e não tenho a foto, a matéria vai ficar na gaveta. Mas isso não vale para qualquer foto, tem de ser foto de qualidade. O fotógrafo ganha uma capa ou uma contracapa, conforme a qualidade.

Às vezes, na reunião das 14h há um leque de fotografias, mas a matéria não está legal. Vai ter que ficar, porque aquela foto vai para o jornal. Mas ela não vai só por ir. O fotógrafo que for acompanhar um repórter, para fazer foto estilo retrato, não vai ganhar a foto. Se há tempo, ele volta para fazer da forma que deveria ter sido feita. Se não, a matéria sai sem a foto, se for um factual. Sabendo disso, o perfil das pessoas mudou e eles já estão trabalhando assim. Os fotógrafos são repórteres fotográficos, não são simplesmente fotógrafos acompanhantes.

Hoje, há no jornal impresso chamadas para a página do *online* e vice-versa. Isso permanece no novo projeto gráfico?

No novo projeto, há até um pedido do editor do *online*, Pedro Lopes. As coisas que sempre ficam no mesmo lugar no jornal, sempre da mesma forma, elas deixam de ser vistas. Viram paisagem. Hoje as matérias trazem num canto um quadrinho: veja a matéria lá no *online*. Mas é uma coisa pequena. Por quê? Ainda há uma concorrência. O leitor do jornal não quer perder seu leitor para a internet. Então, aquele quadrinho é um intruso na sua página que está tirando cinco linhas do seu texto e, ao mesmo tempo, está levando seu leitor para o computador. Embora digam que há uma integração maravilhosa, que o *online* está dentro da redação da *Zero Hora*, é óbvio que essa concorrência existe. Dentro das pessoas ela existe.

Nesse novo projeto, as remissões para o *online* funcionam assim: quando o *online* não vai chamar a mesma matéria, por exemplo, veja as fotos no *blog* do Lerina (Roger Lerina, colunista do Segundo Caderno) na internet, mas na página do Lerina já estão as fotos. Não tem sentido você tirar o seu leitor do impresso sem agregar um valor. Agora, veja toda a lista dos aprovados do curso tal na internet, isso é um serviço. Você está ajudando o leitor do teu jornal a complementar uma informação na internet. Ou um gráfico que o jornal dá estático e pode ser visto com animação na internet.

Pode ser que de 100 páginas, a gente tenha apenas uma remissão em um formato um pouco maior, com mais informação, com cara de internet, que agregue alguma coisa. O *site* hoje já tem uma quantidade de acesso que já justifica a existência dele, sustenta e dá prestígio para ele. No início, quando precisávamos que o *site* fosse bastante acessado, quanto mais lugares o olho da pessoa passasse e tivesse uma chamada para a edição, fazia sentido. Agora já está consolidado, já tem o seu espaço.

E o tamanho do texto, no novo projeto gráfico, deve ser reduzido para priorizar ainda mais informação por página?

Os pilotos já nos mostraram que durante a semana a quantidade de texto é a mesma. O projeto mudou a roupa, ele não mudou editorialmente. Matérias, por exemplo, que eram matérias pequenas, de 10 ou 12cm de extensão, ganhavam *lead*, capitular, título em três linhas. Então o espaço de início e a própria matéria não eram coerentes. Redundavam a informação. No novo projeto, essas matérias menores vão se transformar em blocos de notas menores, em balaios. Aliás, chamar de balaio uma nota curta é um assassinato da nota porque pesquisas do *Poynter Institute* aferiu que uma das maiores leituras são as notas curtas. Na seqüência, aparecem as legendas, depois os destaques e por último o texto. E só 25% das pessoas lêem até o final. Então, se o texto é a última opção de leitura, porque chamar a nota curta de balaio. Tem de dar solenidade a ela. Usar mais a nota curta de forma a não transformar teu jornal num *Correio do Povo*, com notas muito curtas. Mas tu vais ter informação ali no lado, vai poder ter espaço para trabalhar melhor o que precisa ser trabalhado.

Entrevista B

Questões complementares à primeira entrevista, enviadas por e-mail em agosto de 2009

Quais eram as etapas que a notícia percorria desde a redação até a publicação, antes da informatização da redação?

A notícia era redigida pelos repórteres, passada para o editor, que fazia título, legendas etc. O editor acompanhava a diagramação, passando as laudas para o diagramador desenhar e calcular o tamanho das matérias, baseando-se em tabelas de cálculos de linhas e toques.

Diagramada, a página era encaminhada para a *Composição*, que datilografava os textos em máquinas especiais. Num primeiro momento, eram máquinas que perfuravam uma fita, que seria lida em computador, posteriormente, para transformar a matéria em filme. Esse filme era revelado em papel fotográfico.

Num segundo momento, mais moderno, as matérias eram datilografadas em máquinas IBM com esferas e, ao invés de fita perfurada, era uma lauda especial que era enviada como códigos para uma leitora que fazia a seqüência do reconhecimento e, por fim, a revelação das matérias.

Estas matérias reveladas passavam pelo setor de revisão e depois eram encaminhadas para a montagem de páginas (*past-up*). O montador fazia a página baseando-se no diagrama que o diagramador havia feito (espelho da página) e colando manualmente as matérias reveladas na etapa anterior.

Uma vez montada, a página era enviada ao fotolito onde uma máquina fotografava a montagem e em filme negativo, aparecia o trabalho final. Este filme ainda passava por retoques manuais, para corrigir imperfeições. Este fotolito era enviado para a gravação de chapas, processo de transformar fotolito em chapa de alumínio, que seriam colocadas na máquina para imprimir o jornal. Se considerarmos da reportagem até a saída, é difícil aferir exatamente a quantidade de pessoas envolvidas. Mas era uma linha de montagem bem maior do que a atual.

O *copydesk* entrava em ação apenas em matérias de agências que entravam por telex, dizíamos que o editor ia copidescar a matéria, mas na verdade ele a corrigia, quem reescrevia e copidescava mesmo era os profissionais que lidavam com as agências, daí o termo *Copy*.

Qual é o sistema de composição empregado hoje?

O sistema com o qual comecei a trabalhar era e é até hoje o *offset*. Descrito acima. Hoje muitas tarefas são automáticas e outras foram suprimidas, trabalhamos muito *online*, em rede com saídas remotas. A página sai da diagramação pronta para a *Imposição* – nome dado ao processo de fotocompor a página.

Podemos fazer de duas maneiras: pelo fotolito e depois a chapa ou diretamente do computador para a chapa sem ter fotolito.

Entrevista C

Entrevista presencial feita dia 8 de outubro de 2009, na Redação de *Zero Hora*, em Porto Alegre.

O senhor poderia detalhar qual era o caminho que a notícia percorria desde o momento em que era escrita até a impressão, nos diferentes modelos de redação?

Antes da informatização da redação, tudo começava no velho e querido bloco de anotações do repórter. Depois, ele redigia o chamado copião, na máquina de escrever. Na seqüência vinha o trabalho do *copydesk*, que reescrevia o texto melhor também na máquina de escrever. A matéria (página datilografada) ia para o editor. Não existia cópia e, não raras vezes, acontecia de a matéria ir parar no lixo. O repórter buscava a folha amassada e entregava para o editor.

Muitas vezes, o editor pegava aquela mesma folha, recolocava na máquina de escrever e datilografava acima o título, a cartola e a legenda. Ou ele pegava uma nova lauda, datilografava o título, a cartola e a legenda e entregava o conjuntinho para o diagramador fazer. Então, ele ia reunindo na mesa dele uma pilha de matérias que compunham aquela página.

O esporte amador daquela época fazia notinhas pequenas. Muitas vezes, cada notinha daquela tinha uma lauda da cartola e uma lauda com três ou quatro linhas. Ficava uma pilha de papel. Teve uma vez que eu coloquei 34 notas em uma página. Depois que estava com os blocos de notas separados e contado: nota 1, três linhas, nota 2, cinco linhas, tinha que considerar nesse momento o tamanho de cada linha em toques, porque as laudas eram padronizadas.

A *Zero Hora*, no início, usava laudas de 65 toques. Depois, passou a usar uma lauda grande de 94 toques. E para cada lauda tinha uma tabela de cálculo específico para aquela lauda. Cada toque correspondia a uma letra ou um espaço ou um sinal de pontuação.

O editor organizava a edição daquela página, as imagens que vieram da fotografia. Na verdade, o contato fotográfico já vinha com a foto a ser publicada assinalada. Lá no início, quando chegava à redação, o repórter pegava seu bloquinho e ia para a máquina de escrever. O fotógrafo ia para o laboratório fotográfico e entregava o filme para o laboratorista revelar, fazer os contatos e ampliar as fotos escolhidas.

O editor pegava o contato fotográfico e levava para o diagramador e já assinalava a foto que ia ilustrar a matéria. A gente usava o lápis dermatográfico azul para fazer marcações. Então, o próprio editor marcava a foto 1, a foto 2 e a foto 3 da página. Com esse material em mãos, era

possível diagramar a página (5). Então o diagramador via a pilha de laudas na frente, cada uma com a sua foto. Então ele fazia a diagramação da página baseado nos conceitos de projeto gráfico do jornal.

Como é que a gente calculava, por exemplo, quantos toques cabiam em um título de corpo 72? Era uma tabela diferente da tabela do cálculo de texto. Da mesma forma, a legenda. Então, nós tínhamos um livretinho de tabelas com informação como, por exemplo, em uma linha de título corpo tamanho 48 cabem tantos toques. Então, se eu pegava a régua e media o título e dava 26 toques, eu sabia que um título desse tamanho cabia num corpo 44 em cinco colunas. Se eu usasse corpo 22 ficaria muito pequenino. Então a gente já tinha algumas convenções do tipo: o diagramador abria em 3 e 13 ou em 2 e 17. O próprio editor, ao fazer os títulos das matérias, já imaginava o tamanho que ele queria e já fazia.

As fotografias, eu pegava o desenho da página, desenhava a página e marcava; foto 1 eu vou colocar aqui, foto 2 aqui e foto 3 aqui. No verso dessa fotografia ampliada, eu escrevia 24cm de largura para saber o tamanho. E, se a minha foto, devido à proporção, iria ter um cortezinho, pegava o lápis dermatográfico e marcava a foto. Indicando que essa área da foto eu não quero que apareça.

Depois, nos pegávamos cada lauda e íamos escrevendo: título, corpo 48, *bold*, fonte *Times*. Na legenda, escrevia ao lado, na lauda, corpo 7, *Helvética*. Na lauda do crédito e do texto, da mesma maneira. Junto ao texto ainda vinha se ele devia ser alinhado à esquerda, à direita ou centralizado.

Era devido a essa dificuldade que antigamente predominavam textos grandes no jornal?

Não. Era a cultura do jornal. Era o projeto editorial dos jornais terem mais texto do que fotos. Essa cultura veio evoluindo, conforme a necessidade dos leitores e da própria empresa de informação e decidiu-se segmentar mais a informação. Porque, cada vez mais, os leitores têm mais veículos à disposição e podem migrar para um meio de comunicação ou outro. Então os jornais também têm que ter uma leitura mais dinâmica. Isso, sim, gerou essa evolução.

Naquela época, nós pensávamos diferentes. Tínhamos o jornal e o rádio. A televisão não era tudo que é hoje. Também não havia internet. Então o jornal tinha, na cabeça dos leitores, que colocar tudo ali na página. Achava-se que tudo era importante, tudo era relevante.

No momento em que eu pegava as minhas laudas, que já estavam retrancadas (...) Retrancar era colocar os códigos na frente da matéria. Era colocar a primeira palavra do título, do texto, da legenda, o nome do fotógrafo e fazer a finalização do desenho indicando onde eram os blocos da matéria. Depois disso, as páginas e o espelho do jornal seguiam para cada setor subsequente fazer a sua parte.

Hoje, a gente não escreve no jornal, mas a gente faz todas as partes que vinham posteriores ao nosso diagrama. Então, houve uma troca. A gente não precisa retrancar porque os estilos são eletrônicos, mas a gente tem outras funções muito mais complexas do que, simplesmente, escrever um código. Feita a parte do diagrama, passa para o próximo passo.

Esse conteúdo de dentro do diagrama é desmembrado. O espelho, que é o desenho da página, vai para o departamento de montagem, o *past-up*. As matérias vão para digitação onde eram digitadas, primeiro, em máquinas IBM. Eram digitadas novamente do tamanho exato definido pela diagramação. Para fazer a matéria ficar do tamanho desejado, o digitador escrevia um código antes de começar a escrever o texto.

As fotografias, num primeiro momento, iam direto para o fotolito. Essa página era montada com as matérias e os títulos coladinhos e, no lugar da foto, ou nós colocávamos um papel preto ou simplesmente cortávamos com o estilete um buraco, uma janela.

Esses elementos (texto e foto) iriam se juntar no fotolito. E iriam se juntar de que forma? A página ia ser fotografada em uma máquina, chamada calandra, e transformada toda ela em filme, fotolito. A foto que havia sido baixada, onde está especificada a largura, já tinha sido separada para lá. Então era a foto 1 da página 22, por exemplo.

E no fotolito, quando se chegava lá tinha uma pilha de fotos separadas: foto 10 da página 30, foto 2 da página x. Era tudo misturado. O que identificava a foto certa eram o número da página e o número que foi escrito no diagrama. Então ele pega o fotolito grande e vai colar o fotolito daquela foto no buraco do fotolito, com fita vermelha.

Era usado um recipiente cheio de tinta vermelha para retocar frestas. Como o fotolito não era muito bom, às vezes, saíam pontos. Para esse ponto não ficar vazado, então se pegava um pincel com tinta vermelha e retocava. Usava-se o vermelho porque, assim como o preto, ele não deixava passar luz.

Outra questão técnica dessa área ocorria na hora da ampliação do filme. O laboratorista tinha que cuidar a gelatina do filme, o que era uma coisa sutil. Então, com frequência, saiam fotos invertidas e a gente só ia perceber se o olho fosse bem treinado. Havia algumas pistas, como por exemplo, um relógio na mão errada da pessoa. O lado certo tinha um brilho a mais e isso orientava para colar certinho. Essa foi uma etapa do fotolito.

O fotolito teve uma pequena evolução antes do *past-up* sair, que foi um processo chamado de PMT. O PMT era uma máquina, que fazia com que as nossas fotografias ampliadas, que vinham lá do laboratório, fossem fotografadas e ampliadas em papel fotográfico, com uma densidade maior do que o papel comum. Então, em vez de abrir o buraco para colocar a foto lá no fotolito, de posse do PMT, nós já poderíamos largar a página com a foto colocada no lugar. Evitava essa montagem. Isso foi uma evoluçõzinha aonde a página já ia mais com cara de pronta para o fotolito.

No mecanismo de montagem de página também houve uma pequena evolução. No início, era usada a cola de sapateiro, a cola benzina. Pegávamos uma tira de matéria, pincelávamos no verso e colávamos no lugar. E a cola vazava para os lados. Então a página ficava toda suja. Tinha que esperar secar para limpar o excesso de cola nos títulos, matérias, legendas. Colar um crédito de foto que tinha a largura de 2mm ou 3mm era complicado. Precisava da ajuda de uma pinça.

A evolução que houve ali foi a substituição da cola por cera sintética. Ela era comprada em blocos de 25cm de largura por uma espessura de 4cm. Havia máquinas com um recipiente para colocar a cera. Esse recipiente era aquecido, a cera derretia, a gente passava a matéria num rolo. Tinha que ter um cuidado especial para passar na posição correta. Senão colocava a cera no lado de cima da matéria. Era como esticar uma massa de pastel. O rolo puxa e tu pega na outra ponta. A vantagem disso é que não trabalhávamos mais com o cheiro de cola.

Da fotocomposição as matérias seguiam para a revelação. Essa revelação consiste, num primeiro momento, em passar a fita no computador. O computador perfurava uma fitinha, tipo um braile furadinho. Cada letra tinha um código e furava. Num segundo momento, eram as laudas com os comandos em cima. Esses comandos da diagramação também apareciam nas fitas. E, depois, nas IBMs o cara colocava uma lauda e digitava, e o comando aparecia na lauda.

No primeiro momento, ele ia para o computador grande com uma entrada lateral onde se colocava a fita. A fita passava dentro, era lida e caía no chão. Esse computador tinha, do lado de cá, uma abertura onde tinha um cassete com filme virgem. Ele acionava, o filme desenrolava e passava por banhos de revelação e saía do outro lado a matéria revelada.

Tanto o processo de fita, quanto o processo de lauda, saía pelo computador. A diferença é que as laudas tinham uma leitora ótica, que era uma maquininha quadrada, com a tampa como se fosse uma máquina de xérox. A fita ia para essa casinha, a lauda ia para essa leitora, que lia por linha. Essa máquina já tinha uma conexão com o computador e gravava dentro do cassete as informações que seriam reveladas para pegar as matérias depois. Esse computador aqui era um bloco do tamanho de uma geladeira *frost free*.

Nesse momento aqui, tanto na fita quanto na lauda, se eu errei o tamanho do título ou da matéria, havia a possibilidade de recolocar essa fita de volta e digitar por cima um código. Não se perdia tudo. De qualquer forma, o que já havia sido revelado, perdeu-se.

Uma coisa que eu esqueci: na revelação das matérias, os títulos eram feitos em uma máquina chamada tituleira. Ela só tinha visor para uma linha. Ela tinha uma área de cassete embutida na lateral. O operador digitava os títulos e revelava aqui. Então, os títulos eram revelados e encaminhados para a montagem separado da matéria. Quando vieram as leitoras óticas, em alguns casos, até corpo 24 podia sair junto com a matéria. Acima disso ia para a tituleira.

No caminho da matéria, uma vez que se pegou essa matéria revelada ela vai para dois caminhos: primeiro para uma sala onde havia os revisores. Todo conteúdo que saía desses cassetes e eram revelados passavam para a revisão. O revisor marcava correções em determinadas áreas do texto. Ele riscava nessas páginas.

Tudo isso era feito na página papel, na matéria revelada no papel fotográfico. Duas possibilidades aconteciam aí. O revisor fazia um relatório: na matéria da página 24, sobre o assunto tal, tem que compor de novo a palavra que está escrita com x e colocar com s.

Ela fazia uma lista com as correções da matéria que ia para a foto composição. Lá era feita uma nova fita, uma lauda de correção com essas palavras. Elas eram recortadas uma a uma e coladas em cima das erradas. E aí palavras que havia mais letras ocupavam mais espaços. Se tivesse que corrigir palavras no meio do texto, era um problema sério. Então, o que o revisor

fazia já prevendo essa possibilidade? Pedia para o digitador digitar todo o parágrafo. Porque ficava mais fácil cortar o bloco inteiro e colar em cima do errado.

Feito essa revisão, antes de ir para a montagem, já vinham anexados com cliques ou com grampo, o texto e a correção junto. O montador de página já sabia que aquele bloquinho era o bloquinho da correção. Encaixava esse bloquinho e montava a página.

O montador tinha uma prancheta e pendurava o espelho vindo da diagramação. Ele lia a primeira palavra do título, que o diagramador havia escrito no espelho lá atrás, e procurava naquelas matérias que vieram da foto composição, cortava o texto e colocava no lugar.

Era demorado, mas havia muitas pessoas trabalhando. Cada montador montava, digamos, oito páginas por dia. O montador que fazia a capa e o que fazia as páginas centrais montava menos páginas porque a capa e a central dava mais trabalho.

Por que a montagem da capa era mais complicada?

A montagem da capa era bem complexa porque os títulos, as manchetes vinham em uma linha só. Cabia ao montador cortar e colar as partes quantas vezes fosse necessário. Por exemplo, um título em quatro linhas significava quatro cortes e quatro colagens.

Ocorria também que as distâncias entre as linhas eram diferentes em cada título porque essa montagem era totalmente manual. E, outra coisa, o montador recebia o título impresso em um papel largo. Na hora de cortar, tinha dificuldade de saber se estava reto ou não. Então, se trabalhava em cima de uma folha azul quadriculada. Um azul bem fraquinho que não aparecia na hora de fazer o fotolito. Em uma mesa de luz, de baixo para cima, se enxergava os quadriculados e podia colar retinho.

A montagem de página pegou todo conteúdo que havia sido espalhado no industrial e reuniu novamente já com as matérias e as fotos. A partir daqui, ia para o fotolito.

O fotolito teve também dois momentos. O momento de colocar as fotos nos buraquinhos que vinham abertos e, o segundo momento, em que o pessoal do fotolito pegava a página quase pronta, com a foto e só tinha que fazer os retoques com tinta na página.

Isso nós falamos tudo no sistema preto e branco. Quando começou a chegar a cor para fazer a foto, nós usávamos quatro fotolitos da mesma foto, sobrepostos exatamente um sobre o outro. Recebíamos o ciano, o magenta, o *yellow* e o preto.

Esse processo de cor, o PMT não fazia. Ele só fazia preto e branco. Era preciso retroceder uma etapa no fotolito onde tinha que mandar o espaço e quatro fotolitos daquela foto. Daí tinha que montar uma em cima da outra, havia uma ordem certa de colagem. Outra coisa é o sincronismo. Precisava ficar exatamente no sincronismo correto para a foto não sair tremida, com fantasmas.

Da mesma forma os títulos coloridos. Se eu quisesse um título azul, eu tinha que pegar ele, colar em um papel separado, fazer uma janela na página como se fosse uma fotografia e, lá no fotolito, eles iam fotografar isso aqui, montar o fotolito e colar na janela que eu deixei.

Até hoje a gravação é feita na chapa de alumínio. O que evoluiu foi a forma de gravar a chapa. Essa chapa é a que ia para a máquina de impressão. Antes de ser colocada na máquina, ela passava por um processo de dobra para encaixar nos rolos da máquina. Depois de chegar a chapa na máquina era só rodar.

O que mudou nesse processo todo quando a redação foi informatizada?

No piso inferior, havia o primeiro bloco do industrial dividido em fotocomposição, na seqüência, ficava a área dos computadores onde eram reveladas as matérias. Aqui começou, quando revelava, a sair o título e a matéria no mesmo papelzinho.

Então da foto composição, dos computadores, passava para cá, para a revisão. Da revisão era liberada para a próxima etapa ou voltava para fazer a emenda. E, depois da emenda, fazia todo o processo de novo. Uma matéria que tivesse uma emenda para ser feita, ficava de lado. O revisor mandava fazer a emenda, quando a emenda chegava, ele anexava a correção e passava para a montagem.

Quando chega a diagramação eletrônica, no final da década de 1990, a fotocomposição, a revisão, e a montagem começam a desaparecer. E tinha uma figura que ficava circulando no meio da montagem, que era uma figura importantíssima, que era o secretário gráfico. Tinha uma equipe de secretários gráficos que eram os emissários da redação dentro da montagem: eles cortavam texto e revisavam páginas.

Antes do CSI (primeiro sistema de edição de texto da redação), nós tínhamos que pegar aquele monte de laudas para desenhar as páginas. Agora, no CSI, não temos mais aquelas laudas. Temos uma estrutura eletrônica de organização de editorias. Só que era um computador basicamente de texto, ele não aceitava desenho de página. Ele aceitava a inserção de comandos, que eram colocados nas laudas, corpo 48 e tal, que eram colocados aqui. Tinham teclas programadas para a formatação.

Todos esses terminais que estão na redação são ligados por cabos a um único computador, grande ainda, que vai processar cada comando que eu estou mandando lá para baixo. Cada comando revela no cassete a página. Reduz, consideravelmente, a área da fotocomposição e as pessoas envolvidas nesse processo.

E o que aconteceu com essas pessoas?

Parte das pessoas foi incorporada em outras funções. O fotolito aproveitou muita gente; ele aumentou bastante a partir daí porque os produtos começaram a ser mais variados. As que eram mais antigas se aposentam, porque são mais resistentes à mudança. A tecnologia, ao longo do tempo, elimina funções drasticamente e leva acúmulo de funções para outros profissionais. Como a demanda de novos postos de trabalho é menor, porque as máquinas tomam mais lugares, se diz que as pessoas são aproveitadas. Mas os números são bem reduzidos.

A sala de montagem, onde trabalhavam 30 pessoas por turno, não existe mais hoje. A CTI hoje, que é o Centro de Tratamento de Imagem, tem 10 pessoas trabalhando. Essas pessoas vieram da montagem, vieram da fotocomposição? Sim, vieram. Mas e as outras?

Num segundo momento, cada mesa tinha a sua CPU. A fase anterior nós chamávamos terminais burros. Nesse momento, as interfaces gráficas aparecem, no final da década de 90. Aparecendo as interfaces gráficas, se tem um controle maior sobre a página. Abre-se o leque de pessoas que podem também enxergar a página pronta: o repórter e o editor. Antes, o desenho não era compreensível pelas outras pessoas. Nesse momento clareia a visão de muita gente para a área gráfica. O repórter e o editor começam a mudar a sua percepção sobre o jornal, o texto vai diminuir de tamanho e o jornal começa a ficar mais agradável de ler.

No final da década de 1990, a montagem desapareceu, mas mantém-se ainda a revisão. E o que aconteceu de lá até hoje foi uma evolução natural dos programas gráficos. Os primeiros

que chegaram, chegaram com os recursos limitados. Os primeiros usados se preocupavam apenas com a formatação de texto – *Ventura, Carta Certa*. Eram programas, que ainda que gráficos, necessitavam de uma etapa de programação para que algumas coisas funcionassem.

Nossa primeira interface gráfica para o uso da diagramação foi o *Quark* e ele ficou até recentemente quando a gente trocou para o *InDesign*. Foi uma transição dolorosa. Tivemos que abandonar a lapiseira, a calculadora, o diagrama onde enxergávamos nosso trabalho. Foi a mesma coisa que tirar a roupa e ficar nu diante de uma coisa estranha e não saber o que fazer.

Para a diagramação, essa transformação foi mais traumática do que a informatização da redação com o uso do CSI. Porque o CSI ainda trabalhava com o papel, enxergávamos a página no papel.

Nessa época, os computadores já trabalhavam com programas de editor de texto que toda redação tem acesso, como se fosse um *word*. No editor de texto, há a possibilidade de formatação do título da matéria toda ser feita no editor de texto e, quando esse conteúdo for importado para dentro da interface gráfica, ele já vem com essas formatações.

Primeiro surgiram os computadores XT, com programas específicos para texto, depois vieram os AP, onde tinha o *Carta Certa* e o *Ventura*, e depois vieram os PCs já com interfaces mais modernas.

Então, nós enviamos a nossa página e o comercial envia seu conteúdo. A *Imposição* faz a junção desses conteúdos. O *Architect* organiza todo fluxo das páginas que é enviado para o chamado CTP, que é uma máquina de revelação desse conteúdo; só que em vez de sair o filme, sai direto na página. O fotolito também é mantido. Funciona como reserva por questões de segurança para determinadas emergências.

O CTP nasceu na meia idade do *Quark*. Existiu paralelamente. O CTP tem algumas vantagens como uma qualidade melhor, mas é mais caro. O CTP é uma máquina grande que tem todos os processos de banho necessários para a revelação de uma lâmina de alumínio. Depois, vai para a máquina de dobra e depois vai para o rolo da impressora.

O que muda na diagramação quando troca do *Quark* para o *InDesign*?

É uma ferramenta mais moderna, que conversa com o mundo digital com uma facilidade muito grande. A *Adobe*, que desenvolveu esse programa, já havia desenvolvido o *PageMaker*. O custo da licença de *Quark* era muito alto. Só para se ter uma comparação, meio que chutada, era como se uma licença de *Quark* custasse R\$ 2 mil e a da *PageMaker* custasse R\$ 100. O que fez com que ele fosse muito mais popular.

O sistema de fechamento de arquivo ficou melhor. Vamos supor que terminado o trabalho, tu não queres imprimir a página aqui. Quer imprimir no Japão, China, Argentina, em qualquer lugar. Só precisam fechar esse material de uma forma que ele não perca informações de fontes, fotos. Então o *InDesign* fecha com uma facilidade muito grande. Pode fechar em forma de JPEG, PDF, HTML; uma série de plataformas reconhece esse arquivo sem perda de qualidade, sem perda de informação. Já o *Quark* só conversava com a plataforma EPS, que era salvar o arquivo encapsulado, como eles chamam. Mas, para que isso acontecesse, ele gerava um arquivo muito grande e não tinha o controle sobre a qualidade da geração deste EPS. Hoje, no *InDesign* tu consegues gerar o arquivo com a qualidade que tu quiseres.

É uma plataforma muito mais dinâmica para nós. Sem considerar que ela incorporou dentro da ferramenta recursos do *Photoshop* e alguns recursos de desenhos que vieram de outras plataformas e que nós não tínhamos no *Quark*.

Quando a diagramação começou a usar esse programa?

Não sou muito bom em datas, mas foi entre 2006 e 2007. Faz três anos, no máximo, que a gente está trabalhando com esse programa.

As etapas pós-diagramação, até a impressão, são as mesmas adotadas na época do *Quark*?

Não. Agora, estamos falando de uma redação integrada e é preciso mencionar uma etapa importante que é a participação do diagramador que é contribuir com conteúdo na internet. Todos os repórteres e editores já fazem naturalmente esse trabalho diante das suas funções.

O que sobrou para a diagramação? Colocar uma área no nosso *site zerohora.com*, na área de edição impressa, o conteúdo *offline* que é publicado no jornal, na sua íntegra, dentro do *site*.

Essa transferência é feita por um programa desenvolvido aqui na *Zero Hora*, pelo mesmo programa que nós usamos para fazer nossos textos, o *News 2000*.

Foi providenciado um *plugin*⁹⁹ que faz a ligação *InDesign* com o envio do material para a internet. Tem quatro formas de exposição desse conteúdo na internet: uma forma é a exposição pura e simplesmente da matéria, sem vinheta, sem foto, sem nada. A outra é a forma de exposição de colunas e a área multimídia onde a gente coloca em forma de *PDFs* ou em forma de imagens. O programa varre a página e identifica cada um desses elementos e coloca na posição no *site*. Eu só preciso dizer para ele que determinada matéria eu vou expor em forma de matéria ou de coluna. Então, é uma tarefa a mais que o diagramador tem que fazer depois da página pronta.

E aí, essa evolução tecnológica volta a mexer com as pessoas. Antes havia, trabalhando na área *offline*, várias pessoas que selecionavam as matérias e colavam nas casinhas determinadas no *site*: matéria por matéria, página por página, faziam a geração do PDF. E o programa faz isso agora. Redução de pessoas? Hoje trabalham, no máximo, quatro pessoas onde trabalhavam 10. Foi um setor que se extinguiu. Sabe-se que houve aproveitamento de pessoal em outros setores, mas não dá para afirmar quantos.

⁹⁹ Na informática, um *plugin* ou *plug-in* é um programa de computador que é usado para adicionar funções a outros programas maiores.

APÊNDICE E

Lauro Schirmer, 81 anos, editor-chefe do Jornal *Zero Hora* de 1970 a 1990.

Entrevista feita em 19 de junho, no Museu Hipólito da Costa, em Porto Alegre.

Como era fazer jornalismo no final dos anos 1980?

(Silêncio).

Como era a rotina da redação e que ferramentas os jornalistas tinham à disposição para apurar a notícia?

Eu acho assim: as mudanças não foram de uma hora para outra. As mudanças começaram devagarinho. (Silêncio)

Mas, em 1989 começam a desaparecer as máquinas de datilografia e começam a surgir os computadores?

Mas eu penso assim, que houve muitas modificações até mais importantes 10 ou 20 anos antes em tudo quanto é área, até na diagramação. (...) Estou tentando lembrar da informatização, no meu fim de carreira como diretor de redação de 1970 a 1990 (...) Que engraçado, mas isso não parece importante. O importante é o que mudou antes.

O senhor pode relatar que fatos foram esses?

A televisão, quando entrou na Embratel. O *Jornal Nacional* passou a ser noticiável ao vivo aqui de Porto Alegre. (silêncio). Eu vou te contar, entrando na *Zero Hora*, hoje, a grande diferença que eu vejo para o meu tempo é que se tu entrasses na redação das 14h às 15h, a sala estava vazia. Estava todo mundo na rua. Hoje em dia não tem ninguém na rua, está todo mundo lá dentro. Que eu até te confesso, que eu acho um defeito.

Com essa história do repórter só receber telefonema, *release* e não sair para rua, para começar, ele começa a ficar sem fontes. Outro exemplo, muito expressivo, foi um caso que aconteceu na *Zero Hora*. O Senador Pedro Simon entrou até o fim da redação da *Zero Hora*, percorreu toda redação, passou por toda editoria de Política do jornal, onde não foi cumprimentado por ninguém, porque ninguém o conhecia. A fonte é conquistada com a convivência longa. Ela precisa ser cultivada.

O novo sistema trouxe alguma outra desvantagem?

O repórter só vai *in loco* quando é uma notícia muito palpitante, por exemplo, CPI da Assembléia. Depois disso, ele não pisa lá. Na prefeitura, por exemplo, não vai nenhum repórter no gabinete do Fogaça querer saber notícias. Assim é a entrevista feita por e-mail. Tem prós e contras. Tem muitas queixas.

Muitos anos atrás, nós fizemos na *Zero Hora* um levantamento muito interessante. Toda pessoa que saía em notícia na *Zero Hora*, a gente mandava uma cartinha para a pessoa, perguntando o que tinha achado, se a notícia tinha dito realmente o que ela informou ou se não. Foi realmente, assim, um negócio meio ruim porque o número de pessoas que contestava, que se diziam mal interpretadas, era muito grande. Ao passo que, na entrevista por e-mail, o próprio cara está escrevendo e respondendo. Dá essa segurança para o entrevistador.

Agora, se tu considerar o e-mail com um questionário fixo de perguntas, é óbvio que se eles estivessem conversando, mesmo com aquele roteiro, eventualmente alguma resposta provocaria outra pergunta, surgida durante a entrevista.

O senhor lembra qual era o horário de fechamento do jornal no final dos anos 1980?

A *Zero Hora* foi um jornal que sempre teve a preocupação de rodar muito tarde. E tem casos, vários, de furos dados, como a morte do Papa, morte de astronautas russos, que nos chegavam ao conhecimento às 2h, 3h da madrugada e sempre tinha maneira de, pelo menos, em parte da edição, poder registrar aquilo. O problema do crescimento da circulação e da extensão da distribuição vem mudando o fechamento. Ontem mesmo, eu peguei os jornais do Rio e São Paulo, claro que nenhum deles tinha a notícia do jogo do Inter ou do Grêmio.

Até sob esse aspecto, o Augusto Nunes chegou aqui com grandes planos de conseguir transformar a *Zero Hora* num *Los Angeles Times* brasileiro. Premissas: tem que fechar o jornal mais cedo para poder ir para Brasília, que era indispensável que o jornal estivesse nas mãos dos senadores, ministros e deputados. Em função disso começou a acontecer o quê? O Grêmio e o Inter jogavam aqui de noite e o jornal chegava à Brasília e no interior do Estado sem o resultado dos jogos da dupla Gre-Nal. Teve uma queda nas vendas do jornal e houve um período em que o *Correio do Povo*, naquele momento, conseguiu vender mais do que a *Zero Hora*. A recuperação da *Zero Hora* se dá a partir do *Diário Gaúcho*, quando passou a fazer um jornal barato e competir o preço com o *Correio do Povo*.

O senhor lembra como era o espaço físico da redação no passado?

A redação, a rigor, não mudou muito. A mudança maior foi a ampliação. E o ruído, que diminuiu.

Quanto ao número de páginas do jornal de hoje. Em relação ao jornal do final dos anos 1980, aumentou ou diminuiu?

Se tu considerares a quantidade de cadernos que são feitos hoje, e que antes não existia, isso aí representa um aumento muito expressivo. Mas em termos de pessoal, trabalhavam muito menos gente. O *Segundo Caderno* eu não sei se era menor. Eu acho que era, mas tinha um detalhe. O Augusto Nunes chegou aqui com o seguinte ponto de vista: jornalista tem que escrever sobre tudo. O cara do *Segundo Caderno* deve escrever sobre balé, música erudita, artes plásticas. Aí houve um negócio que eu acho que foi um negócio ruim para a *Zero Hora*. Nós tínhamos aqui no jornal uma série de colunistas especializados em teatro, em cinema, em balé. Isso, de certa forma, desapareceu e, eu acho, que trouxe prejuízo para a qualidade do jornal.

E a notícia dada por outras editorias, como Geral e Política, comparada àquela época o senhor acha que melhorou ou piorou?

Não dá para generalizar, porque tem coisas que são feitas melhor hoje, e outras não.

Por exemplo?

Essa coisa que é relativamente nova, a reportagem investigativa. É uma coisa que vem sendo estimulada e que, antigamente, acontecia assim por acaso. Antigamente cobria mais o factual.

E quanto ao uso das tecnologias digitais para apurar a notícia como telefone celular, computador e máquina fotográfica digital. Tem pontos positivos?

Na maior parte são pontos positivos. Na fotografia (...) em todas as áreas (...) na diagramação. Me lembro que a *Zero Hora* deu um passo muito importante, quando trouxe para cá um diagramador cubano, que veio fazer uma revolução no jornal e que foi quem planejou todo o projeto do *Diário Catarinense*. Em várias faixas, eu acho que houve progressos importantes.

Em agilidade na apuração a gente ganhou, sem dúvida alguma. Houve época em que para conseguir uma ligação telefônica para o Rio de Janeiro se perdia um dia.

Quando o repórter saía em viagem para fazer uma cobertura jornalística, como ele enviava matéria?

Depende da época. Podia usar um telex ou por telefone, oralmente.

Tem mais algum detalhe desse período que o senhor queira ressaltar?

(silêncio). Uma impressão final aqui, então. Uma coisa que eu sinto, porque eu continuo convivendo diariamente com a redação da *Zero Hora*, e uma coisa que eu tenho certeza absoluta, e que me preocupa, é que o jornalista hoje lê muito menos do que antigamente. O que eu acho que é uma coisa ruim para a formação, para o texto... (silêncio)

E o senhor tem um palpite do por que isso acontece?

É por essas facilidades todas. Tu pegas o computador e abre ali jornal *O Globo*, faz uma leitura do jornal, mas não entra em nenhuma coisa de conteúdo, que faça pensar. Até porque não tem tempo, né.

Alguns anos atrás, a gente fez uma pesquisa com todos os repórteres. E não era nada muito complicado: colocar o nome de três livros e autores americanos, três de latino-americanos e três da Europa. Nem todo mundo conseguiu responder.

A tecnologia é um instrumento importante, mas isso que eu estou te falando, saber ler e saber escrever é muito mais.

APÊNDICE F

Marlise Brenol, 31 anos, editora do *Zerohora.com*

Entrevista **A**, feita em 19 de junho de 2009, na redação de *Zero Hora*, em Porto Alegre.

Trajetória profissional

Me formei em jornalismo em 2000. Comecei minha carreira na TV. Comecei na *Band*, ainda como estagiária, no quarto semestre. Me formei e continuei lá. Fazia de tudo: produção, reportagem.

Depois de formada, fiquei um ano e meio e, depois, fui para *TV Com*, entrando no Grupo RBS. Entre idas e vindas, na *TV Com*, fiquei cinco anos. Entrei no Mestrado e durante este período fiquei um ano fora nos EUA.

Depois dessa experiência, saí por motivo pessoal. Casei e fui para Brasília. Tive uma experiência breve, cerca de um ano, em assessoria de imprensa. Trabalhei na Embaixada da Coreia do Sul.

Quando voltei para Porto Alegre, final de 2006, tive minha primeira experiência no mundo *online*. Trabalhei durante nove meses no *site Terra*. Depois, vim para o *zerohora.com*. Foi muito bom, porque esse trabalho me deu uma experiência para chegar aqui e ajudar no projeto de estréia do *Zerohora.com*, no embrião do *site*.

Quando foi a sua estréia no zerohora.com?

Eu cheguei em 7 de agosto no *zh.com* e o *site* entrou no ar dia 19 de setembro. Eu participei dos últimos retoques, últimos momentos. Foi durante a fase de treinamento, de testes, de montagem do *site*, de pilotos. A gente simulou como se o *site* estivesse no ar para ver como seria. Foi uma experiência bem construtiva. Podemos perceber quais as dificuldades, onde a gente deveria se esforçar mais, onde deveria puxar mais.

O começo foi uma adrenalina, uma emoção muito grande. A gente tinha que matar um leão por dia. Eram vários desafios. Hoje, claro, a gente tem um pouco mais de domínio. No início, a gente tinha, além da dificuldade da correria, da cobertura intensa, ainda tinha os empecilhos da ferramenta, da tecnologia.

No início, foram contratados cerca de 30 profissionais para o *zerohora.com*. Essa equipe aumentou?

Essa equipe não aumentou, mas, acontece que a gente tinha, no começo do *site*, pouca participação dos repórteres do impresso. Hoje tem muita. Então, de certa forma, a equipe foi reforçada em termo de colaboração. Sem falar que entraram *online* alguns outros jornais, por exemplo, o *DC* (diário Catarinense), o *Pioneiro* e o *DSM* (Diário de Santa Maria), que entrou hoje (19 de junho). Então, isso alivia muito o trabalho das equipes daqui.

O *Pioneiro* é responsável por toda região da Serra. Se acontecer alguma coisa naquela área, eles correm atrás. Santa Maria é responsável por toda região central do Estado. Se acontecer lá, a gente passa para eles.

Antes dos jornais *online*, como a apuração para o *zh.com* era feita?

Era relativo. Por exemplo, com o *Diário de Santa Maria*, acontecia de ter um factual muito forte de madrugada ou início da manhã. Aí a gente ligava para redação de lá e não tinha ninguém ou tinha só a chefe de pauta e ela dizia: “Olha eu não tenho ninguém para apurar isso para vocês.”. Daí, eles nos passavam telefone e a gente fazia a apuração aqui da redação. Isso aconteceu algumas vezes. Só que quando o factual é muito forte, a gente aqui não pode esperar pelo repórter do impresso que só chega à tarde, porque o jornal de lá só sai no dia seguinte. O *online* é 24h, sete dias por semana. Uma característica forte do *online* é a instantaneidade.

E quando tem uma equipe local cobrindo. Como é feito o contato?

Daí, o contato é feito com essa equipe. Por exemplo, houve um grande acidente e a chefe de reportagem nos liga e diz que tem um repórter lá. Daí, a gente liga direto para ele, porque já temos uma pessoa que é de confiança no local do fato. Então, não faz sentido apurar por telefone com pessoas que tu não sabes nem quem são, que não têm a mesma credibilidade. É

muito melhor a pessoa que conhece mais e está no local fazer essa apuração. É assim que funciona.

Aqui em Porto Alegre é a mesma coisa. Se tem um repórter no local, a gente entra em contato direto com o repórter e ele nos passa a informação. Se não tem, a gente faz a apuração da redação, liga para algumas fontes. Ou, às vezes, vai só um fotógrafo e não vai o repórter. Ele chega ao local, passa os telefones e a gente faz apuração via redação.

O *online* tem uma equipe de externa ou quando sai para rua quem cobre é o *offline* (jornal impresso)?

Não tem uma coisa bem definida. Na verdade, o que ocorre é que a produção é integrada. Não existe isso de que esse é do impresso e esse outro é do *online*. O que existe é um repórter fotográfico que tem uma seção no *online* que é a *Pelas Ruas*. A prioridade do fotógrafo é produzir fotos do dia para o *site*. Mas as fotos que ele produz também entram no jornal do dia seguinte.

Mesma coisa é o repórter do impresso. Aconteceu um fato, apesar de ele ser o repórter da Geral, ele está indo para cobrir para o *online*, porque a editoria *online* da Geral também é responsabilidade dele. Chegando lá, ele vai passar o flash para o *online*.

A exceção são as pautas especiais, ou para cadernos, por exemplo. Ele sai e faz só para o caderno. Aqui entra a questão do repórter multimídia. Uma pauta especial, que ele sai para fazer com calma, a gente busca pensar uma coisa que traga uma reportagem multiforme, que tenha características *offline* e *online*. Daqui a pouco, “ah! esse tipo de pauta vale um vídeo, vale um *audioslide* ou vale um infográfico!”. Então, a gente procura trabalhar mais nesse sentido de integração. Ou até mesmo de fragmentações da história: começa a contar no texto, passa para o vídeo, do vídeo passa para o áudio, e aí tu tens uma reportagem que tem uma seqüência multimídia.

Como é a relação do *online* com o *offline*? Há quem diga que o *online* é uma editoria da *Zero Hora* impressa, mas ao mesmo tempo ele parece ter autonomia para propor suas próprias pautas.

Existe uma negociação. O *online* participa das três reuniões de pauta com o *offline*, principalmente pelo alinhamento editorial. Por exemplo, tem um fato tal e na reunião é

decidido como vamos cobrir, independente de ser no papel ou na internet. Esse alinhamento é muito importante, porque vai ditar o rumo do dia. Essa reunião da manhã é fundamental.

Nesse sentido existe uma participação de como se fosse uma editoria, em termos de divisão de trabalho. Vamos supor, em um acidente: o *online* já está fazendo o perfil das vítimas, então, fica com a editoria *online* essa responsabilidade. Ou, o *online* já fez, pelo *Pelas Ruas*, uma reportagem. Então, não tem porque a Geral mandar um repórter cobrir a mesma coisa que já foi coberta.

O *online* é uma editoria que não, necessariamente, tem relação com o assunto ou tema, porque o *online* aborda todos os temas. Então, ele de certa forma permeia todas as editorias. Ele participa um pouquinho de cada uma. Mas como, fisicamente, ele se localiza em uma ilha como as demais editorias, ele acabou sendo considerado uma editoria.

As matérias especiais do *online*, que tem um editor chefe, não precisam ter o aval do editor chefe do *offline*?

Não precisa ter, mas dificilmente se vai fazer uma reportagem especial que não tenha nenhuma relação com o impresso porque é integrado. Teve a *Expedição Jacuí*, que foi uma viagem que fez o repórter Humberto Trezzi. Ele fez uma cobertura *online*, porque chegou à conclusão que cabiam infográficos, imagens, áudios. No final, ele construiu uma grande reportagem para o impresso sobre a expedição que ele fez como cobertura *online* fragmentada. Então, é muito conjunto. Dificilmente tu vais dissociar um veículo do outro, porque não existem dois veículos. É um só. Por mais que tenham dois editores chefes, o trabalho é conjunto.

E como é a rotina produtiva do *online*? Tem um redator aqui 24h?

Sim. O *site* funciona 24h e sete dias por semana. Então, começa na madrugada e às 6h, chega mais gente. Às 7h, às 10h chega mais gente. Ao meio-dia chega mais gente, às 14h chega mais, porque aqueles que vieram às 6h já foram embora às 14h. Às 16h, chegam os últimos que ficam até meia-noite. A gente cobre todo ciclo 24h, entre editores, repórteres e a produção, que são aqueles que editam vídeos, áudios e *audioslide*. O plantão vai ser sempre atualizado.

A cobertura de fatos nacionais e internacionais é feita somente por agências de notícias?

A nossa orientação é priorizar conteúdos locais. Tudo que é notícia do Estado produzida pela nossa equipe, pelos nossos repórteres ou destacada pela nossa ronda, é priorizada. No entanto, a gente dá notícias nacionais e internacionais através das agências de notícias contratadas, que é a EFE, AP, AE e *Agência Brasil*. São as quatro agências com que a gente trabalha tanto foto quanto texto.

Obviamente, a gente não pode dissociar o Rio Grande do Sul do resto do país nem do resto do mundo. Até porque, muitas vezes, a notícia nacional tem uma repercussão aqui no Estado. Tudo que a gente busca fazer é regionalizar. Vamos supor que hoje teve uma pesquisa sobre a sexualidade do brasileiro. Primeiro, a gente deu a notícia nacional, depois decidimos: vamos pegar essa pesquisa, vamos dissecá-la e ver o que se aplica ao nosso Estado. Foi o que a gente fez. No primeiro momento, demos a notícia nacional com menos destaque, quando a gente teve a informação de que o Rio Grande do Sul era a região mais ativa sexualmente, aí a gente subiu para manchete. Ganhou uma relevância maior para os nossos valores-notícia.

No que o impresso ganhou com a parceria com o *online* e no que o *online* saiu ganhando?

O impresso ganha em agilidade, no sentido de receber a notícia com muito mais velocidade do que antes. Às vezes, os jornalistas do impresso perguntam: “O que, isso aconteceu?”. Quando eles nos perguntam a notícia já está no ar. Eles vão lá, lêem e começam a pensar em como eles vão publicar aquele assunto no dia seguinte. Porque os jornais têm características diferentes. O *online* informa. O impresso vai avançar. Ele vai adiante, aprofunda, ele analisa aquela informação, aquele fato.

O *online* ganha toda essa bagagem que traz um jornal como a *Zero Hora*, toda a marca de muitos anos e a qualidade dos repórteres, qualidade das fontes. Toda essa infra-estrutura traz para o *online* uma grande credibilidade. Os nossos leitores nos dão um retorno muito positivo, que não só para o *online*, para o *offline* também, porque hoje eles associam muito os dois. Aparecem muitos comentários, retornos, críticas, denúncias, erros e aí eles falam com a gente, mas estão falando com o impresso. Enfim, é um canal de comunicação que

aproximou muito a redação dos seus leitores. Porque é um canal direto que antes não existia. Antes tinha de mandar carta, telefonar, mandar e-mail e algumas pessoas não respondiam.

O *offline*, antes, tinha que partir do nada, quando ia apurar uma informação. Hoje ele já tem uma informação checada a sua disposição. Serve para ele saber por onde vai caminhar. Até é importante, porque se foi o repórter do *online* que apurou, preliminarmente, daqui a pouco o repórter do *offline* assume e diz “Olha, isso aqui está comigo agora.”. Daí, ele vai alimentando o *site* durante o dia.

Como funciona, na prática, esse “alimentar o site”?

Os jornais que já estão *online* têm a mesma ferramenta que a gente usa que são o *Vinas* e o *Congenitt*, editor de capa e de texto. Então eles publicam, classificam as que são locais, só para o jornal local. E as que são de abrangência regional para todos os demais *sites*. Vamos supor, o *Pioneiro*. Teve um buraco lá na esquina de uma rua em Caxias do Sul. Eles não vão duplicar para nós. Vão classificar somente para o *Pioneiro*. Daqui a pouco tem o Festival de Bonecos de Canela, que é uma notícia que interessa a todo Estado. Eles classificam para eles e também para o *site* de *Zero Hora*.

A informação entra de forma automática no site ou precisa ser copiada e republicada?

Automático. No momento que classificar, já entra na lista do plantão. O sistema é unificado.

Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Nessa questão com os leitores. É importante destacar que o *site* tem um canal que é o *Leitor-repórter*, que é de jornalismo colaborativo para as pessoas mandarem suas notícias. A gente tem uma política que é de valorizar a interatividade entre os leitores. A gente promove murais, provoca os leitores para eles trocarem impressões entre si. Estimula essa troca, esse compartilhamento via internet.

As matérias enviadas pelos leitores passam pelo mesmo processo de checagem das matérias apuradas pela redação?

Sim, porque, às vezes, o leitor passa informação incompleta ou, não tem muita noção do tempo da notícia. Manda uma notícia da semana passada, que a gente já deu. Sempre passa

pelo filtro da edição. Mesmo sem ter o parágrafo em negrito, complemento da matéria, todas as informações são checadas.

O projeto do *site* começou a ser planejado um ano antes. Foi feita uma série de estudos para ver como seria o *site*, como seria essa integração. Se pensou, no início, em fazer redações separadas, em colocar o *online* lá no prédio do *Clic*.

Se optou por fazer no centro da redação do impresso, justamente por apostar nessa integração, que iria dar certo. E, hoje, a gente comprova que ela funcionou.

Por que se dá o nome de redator ao repórter do *online*?

O *online* começou muito *copydesk*, ou seja, copiar e colar. Aí, quem faz o *copydesk* é o redator, não é o repórter. Veio meio que de um vício do começo da internet. Os jornais, lá no começo, no início da década de 90, não tinham conteúdo interativo nem de atualização contínua. Eles, simplesmente, reproduziam aquilo que o impresso produzia. Então, o que fazia o redator? Copiava, colava e publicava. Isso é um pouco da herança daquela época. Não sei te dizer exatamente, mas eu imagino que seja por isso. Hoje, aqui na *Zero Hora*, não existe a figura do *copydesk*, mas tem jornais que possuem até hoje, que é aquela pessoa que só pega a notícia da agência e formata dentro do padrão da empresa ou do jornal.

Entrevista B

Feita no dia 7 de outubro, na Redação de *Zero Hora*, em Porto Alegre

De que forma as informações chegam ao jornal antes de serem transformadas em notícia?

A gente tem diferentes tipos de fontes. Uma das fontes são as agências terceirizadas, contratadas para cobrir notícias nacionais e internacionais. Usamos a EFE, Agência Estado e a Agência Brasil e a AP tanto para foto quanto para texto. A cobertura regional e local é feita por nós.

A outra fonte é a escuta dos demais veículos da RBS. Acompanhamos a rádio, a TV e a pauta geral dos outros jornais para ficar monitorando o que cada um está fazendo. Principalmente, o *Diário Gaúcho*, que agora também está *online*. A gente trabalha junto para evitar 'retrabalho',

como por exemplo, o repórter do *DG* chegar junto do repórter da *Zero Hora* para cobrir uma pauta, sem necessidade.

E a outra é a produção da nossa redação local. Essa é feita pelos repórteres do impresso. Por exemplo, o Zé (Repórter de Polícia) acabou de pegar o celular para levar e nos mandar uma foto.

Quem faz a cobertura diária de cada uma dessas fontes?

Temos 12 repórteres redatores. A gente faz uma divisão que é três redatores por turno (manhã, tarde e noite). Pela manhã, um fica com as agências, controla o fluxo que tem muito volume. Temos um *feed online* por onde a gente recebe direto no nosso sistema todas as matérias dessas agências. Os assuntos vêm ao mesmo tempo: economia, política, polícia, esporte.

Então, esse redator fica controlando a chegada das notícias e vai fazendo a avaliação do que vale e do que não vale. Ele fica em contato com os editores, no caso comigo, com quem está na capa e pergunta: “Tu achas que vale tal coisa?” E assim a gente vai fazendo a divisão porque nem tudo que entra de notícia em agência vale para nós.

O nosso foco é a notícia local. Se o leitor quiser procurar uma notícia internacional, de forma mais detalhada, não vai acessar *Zero Hora*. Então, a gente tem que se colocar no nosso lugar, que é um jornal regional, local. Nosso objetivo é se tornar referência regional. Uma pessoa, onde quer que ela esteja, se ela quiser saber notícias sobre o Rio Grande do Sul, a idéia é que ela acredite e tenha possibilidade de encontrar no nosso *site*.

E aí, um dos nossos repórteres fica controlando as agências, o outro as rádios, principalmente a Gaúcha. A gente também tem uma pessoa que faz a apuração. Tanto em conjunto com o repórter que está na rua, quanto a ronda aqui da redação. Muitas vezes alertada pela *Agência RBS*, que avisa que aconteceu tal coisa. Ou, o contrário: a gente tem uma informação e alerta a agência.

Quantas rondas são feitas, diariamente, pelo online?

Estamos fazendo três rondas por dia. Mas não é nossa equipe que é responsável pelas rondas. É a *Agência RBS*, que faz a cada duas horas as rondas.

A gente tem também a Central do Interior. Ela concentra as matérias que vem de todas as sucursais da *Zero Hora*, pelo Estado. Tem um redator que fica em contato com esses repórteres. Mas, se acontece de o repórter da rádio (Gaúcha) já estar com a informação e o (repórter) do interior, onde ocorreu o fato, ainda não, nós vamos soltar nem que seja um *flash*. Se tiver pouca informação, depois vamos ampliar com informações repassadas pelo repórter local.

Esse trabalho da rádioscuta é feito com rádios só do Grupo RBS ou de concorrentes?

Só do grupo. Mas, na verdade, temos a *Agência RBS* que monitora todas as rádios e nos comunica qualquer alteração. É o nosso primeiro filtro de informações.

E as informações que chegam por meio de agências nacionais, o redator está autorizado a reproduzi-las ou elas servem apenas como fonte e ele ainda vai apurar mais detalhes antes de divulgá-las no site?

A assinatura das agências prevê o uso na íntegra das matérias. Se tu estás pagando uma agência que tem repórter para fazer a apuração, e for fazer isso novamente, será um 'retrabalho'. Claro que se for para fazer uma reportagem mais profunda, algum assunto que a gente vai dar uma cobertura maior, aí sim a gente vai buscar fontes regionais para o mesmo assunto e vai aprofundar. Mas, *via de regra*, não fazemos 'reapuração' porque seria um trabalho impraticável contatar fontes internacionais ou nacionais para checar cada dado.

Da mesma forma é a relação com o jornal impresso. Se o repórter do *offline* está na rua, ele é o nosso contato. Ele vai passar informações, aspas de pessoas entrevistadas no local do fato, vai mandar foto, vai nos descrever o que ele está vendo.

Quanto ao envio de fotografias, o repórter ou o fotógrafo dispõem de tecnologia para enviar material direto do local do fato ou precisa vir na redação para descarregar?

Eles enviam direto do local. A gente usa celular 3G, que faz a geração de imagens ou por e-mail, via celular ou a transmissão por *laptop*.

Hoje, no site, qual é a porcentagem de notícias de produção local e de informações vindas de agências?

A proporção exata nós não temos, mas tranquilamente entre 70% e 80% é de produção local.

Como é feita a publicação da notícia local? O repórter que apurou os fatos tem autonomia de publicar diretamente no *site*?

Quando o repórter está no local dos fatos, ele liga e nos passa as informações por telefone. Ele não tem acesso remoto ao nosso publicador. A gente redige e publica.

E quando ele escreve a matéria aqui na redação, os sistemas são interligados?

Ele tem acesso ao nosso publicador, que é o *Vinas*. A publicação direta depende do repórter. Tem repórter que já conhece o programa, já sabe mexer. Ele faz o texto no *News2000*, passa para o *Vinas* e publica direto. Há outros que não têm esse conhecimento técnico ainda. Eles nos passam por *note* e a gente publica por aqui.

O que o público ganha com essa parceria entre impresso e *online*?

O principal que o público ganha é a convergência de mídias. É uma oportunidade de ter um produto muito mais completo e de múltiplas formas. Claro que ganha agilidade porque, durante o dia, as notícias são atualizadas. Mas a principal característica da *Zero Hora online* é oferecer para o leitor uma reportagem multiforme, ou seja, o leitor pode ler o texto que ele está acostumado na versão impressa, mas ele pode assistir a um vídeo sobre o assunto ou ouvir um boletim de áudio, ou acompanhar uma locução minuto a minuto. Então, são diferentes formas de levar a informação ao leitor. Isso, sem sombra de dúvida, qualifica essa informação.

APÊNDICE G

Gilberto Leal, 65 anos, repórter do caderno *Sobre Roda*.

Entrevista feita dia 8 de outubro de 2009, na Redação de *Zero Hora*.

Trajetória profissional

São 40 anos de trajetória. Eu comecei fazendo os cursos de jornalismo e de economia. Sempre gostei de escrever no colégio, eu fazia jornalzinho. Quando eu estava na faculdade, a gente fez uma gincana, na época, com os diários e emissoras associados – *TV Piratini*, *Diário de Notícias* e *Rádio Farroupilha*. E eu cuidei da parte de divulgação, porque eu gostava e já estava estudando jornalismo. Conheci o pessoal da *TV Piratini* e fui trabalhar lá. Mas fui como estagiário, fiquei uns quatro ou cinco meses e, depois, entrei na RBS, na época na *TV Gaúcha*. Isso foi em 1969, e eu continuo até hoje na empresa. Eu trabalhava na *TV Gaúcha*, em 1970, quando o pessoal da RBS comprou a *Zero Hora*, eu fui trabalhar na televisão, no jornal e eventualmente na *Rádio Gaúcha* e na *TV Gaúcha* onde produzia programas. Desde o começo fui multimídia. Quando foi feito o primeiro transplante de rim no Rio Grande do Sul, foi o segundo nacional, a gente estava tentando fazer a cobertura. Tinha pessoal do Rio de Janeiro e São Paulo; a gente já estava há duas semanas tentando e não conseguia falar com a família. A gente ficava de plantão no hospital e, em determinado momento, os nossos chefes aqui de reportagem descobriram de onde era a família e conseguimos entrar no hospital. Hoje, certamente, por questão ética, eu não faria isso. Mas naquela época, eu fiz. Nós nos apresentamos como parentes da família, entramos no hospital, falamos com a mãe, que havia doado o rim para a filha. Ela nos contou toda a história. O marido dela era tipógrafo de um jornal no interior do estado. Depois de tudo que ela nos contou, dissemos que éramos da *Zero Hora*. Ela disse que tudo bem, que poderíamos fotografar. Quando nós íamos sair, chegou uns dos médicos que havia feito o transplante. Ela, muito mais viva que a gente, disse: “esses aqui são meus parentes de Tapejara.” Aí o doutor contou toda a cirurgia e, obviamente, no outro dia fomos capa da *Zero Hora*. Foi manchete, o jornal vendeu fotos para o Brasil inteiro. A gente tinha foto da guriuzinha dela, antes, durante a cirurgia. O doutor nos levou para ver a guria, ela estava na UTI. Lá a gente não pôde fotografar, era proibido entrar. Daí deu um rolo

tremendo, quase deu processo. Mas para mim, que estava apenas há três ou quatro meses aqui no jornal, foi um negócio bem marcante.

Outro momento que me marcou, mas daí eu ainda era estudante, foi à ida a transamazônica, para acompanhar a construção num evento. Talvez tenha sido uma das minhas primeiras grandes decepções profissionais. Eu gostava de fotografia, de fotografar. Naquela época, todo mundo falava na história do Brasil Grande. Os jornais todos, capas de revistas, fotos maravilhosas de índios coloridos e, quando cheguei à Amazônia, os índios usavam calça jeans, tênis e falavam inglês. Não tinha nada a ver. O cocar colorido tudo bem, mas tinha que pagar, preferencialmente em dólares. Decepção profissional porque o que os jornais e revistas vendiam era uma realidade montada.

Revolução de 1964, como repórter especial, quando altas autoridades vinham ao Estado, eu acompanhava. Em Santa Maria, eu fui fazer a inauguração da Base Aérea. Na época era o Médici, presidente da república. E teve uma senhora, esposa de um militar, que entregou uma carta para ele. Eu fui conversar com ela e fui preso. Não era a prisão que assustava, eram as armas que eles usavam que eram da época da *Guerra do Paraguai*. Tinha medo que disparassem sozinhas. O aparato militar era grande, muito semelhante ao das visitas do presidente Lula.

Em 1978, fiz o primeiro curso de pós-graduação da Famecos, na PUC. Terminei o curso em junho e em agosto comecei a dar aula. Eu fui coordenador do curso de jornalismo entre 1997 e 1999. Na *Zero Hora*, eu passei por todas as editorias. Em 1985, surgiu o caderno Carros e Motos, nos anos 1990 o Sobre Rodas. Desde então, só faço automóveis.

O que o senhor lembra sobre o processo de informatização de *Zero Hora*?

No primeiro momento, o que ocorreu na redação foi uma troca de meio. Trocou a máquina de escrever pelo computador. O computador era praticamente uma máquina de escrever um pouco melhorada com alguns recursos.

O primeiro computador já tinha corretor ortográfico?

Não, não tinha. Nesse primeiro momento tinha o terminal escreva a um computador central que, na verdade, era uma máquina gigantesca. Nossos três computadores aqui dentro da *Zero Hora* ocupavam quase todo o segundo andar. Nossos terminais eram escravos. Eles

necessitavam do computador para fazer as operações. Eram os terminais burros, aqui nós chamávamos de escravos. Porque tu fazias a operação, tinha que dar o comando. O computador lá embaixo, no segundo andar, interpretava o comando e te mandava de volta.

Como também tinha o risco de perda, nós trabalhávamos sempre com *backup*. Por isso, os três computadores: ficavam dois trabalhando e um parado. Às vezes, ocorria de ficarem dois parados e um só trabalhando. Inclusive nós tivemos situações em que os três ficaram parados.

Então nesse primeiro momento tinha uma facilidade, que era o *note*. Já tinha mensagem interna, uma *intranet*. Isso facilitava. O que ocorreu no primeiro momento? Foi um momento de dúvida quando se falou “vamos implantar os computadores nas salas”. As pessoas mais antigas, de mais idade, ficaram com receio de não se adaptar à novidade. Houve esse problema. Mas quanto ao método que foi utilizado aqui, foi muito legal. Começou com os cadernos. A redação ficava lá no primeiro andar, a nova redação era no terceiro andar. Então, aos poucos, começou tendo os cadernos e depois por editorias. Deu tempo das pessoas verem que tinha fundamento. As pessoas passavam por um treinamento para ver como funcionava. Terminou aquele medo, aquele receio. A primeira coisa que aconteceu além da troca, foi a mudança de hábito. A gente lá embaixo trabalhava com telex, teletipo, máquina de escrever, telefone alto, a gente gritava. Quando chegou aqui em cima, houve uma reeducação. Se falasse no mesmo nível lá de baixo, a redação inteira ouvia. A própria campanha do telefone foi baixada, porque lá tinha que tocar alto. Aqui tocava bem mais baixo.

A gente trabalhava com as mesas cheias de papéis e aqui em cima a decisão foi: não vamos usar papel. Se tu tinhas que escrever uma coisa, tinha que sair correndo atrás de papel. No primeiro momento - como lá embaixo era tudo cinza e aqui em cima era tudo branco: os computadores eram creme, os teclados eram creme, tudo era *clean* - a gente tinha a impressão de estar num banco, num laboratório, qualquer lugar, menos numa redação.

Tudo isso foi rápido. A gente já tinha algumas vantagens, como por exemplo, a diagramação já era feita por códigos. E o caso do *note*. O que aconteceu? Em vez de tu falares com o teu companheiro do lado, mandava um note para ele. De outro lado havia a brincadeira: quando uma pessoa levantava e ia ao bar, alguém sentava no terminal e mandava uma mensagem. Houve problemas de mensagem aqui dentro da redação. Interceptaram algumas mensagens que não deveriam e, daí, veio a ter problemas de demissões. Problema de mau uso da tecnologia ou por terem entrado em mensagens de outras pessoas.

E como era o espaço físico da redação? Já existiam essas divisões internas?

Já era mais ou menos assim, inclusive as mesas eram maiores. Na época, eram 150 pessoas. Hoje tem mais gente, tem 200.

Quando é que a redação começou a usar o e-mail, a internet?

A gente teve uma vantagem. Por exemplo, quando eu saía para fazer cobertura fora, não precisa mais usar fax. O material era enviado por uma central, como se fosse a internet de hoje. A gente levava um computador portátil, que pesava uns 4kg ou 5kg. Já facilitava porque tu mandavas o teu texto para uma central e essa central redistribuía. No final dos anos 90, quando a gente passou a usar esse novo sistema, aí andou. Hoje é bem mais prático. A internet facilitou desde o uso da transmissão de mensagem de fora, quando a gente viaja, como também no caso da redação. Ao mesmo tempo, a tecnologia criou uma acomodação que eu condeno muito porque sou professor de faculdade (da disciplina de Jornalismo Especializado). É o que nós chamamos da SBC (síndrome da bunda na cadeira). Fica mais fácil das pessoas ou usarem o telefone ou passarem um e-mail. Com isso, o repórter perde algum detalhe, perde até a confiabilidade da informação, porque manda um e-mail para alguém e não sabe se é ele que está te respondendo ou se é outra pessoa.

Mas do contrário também acontece, do jornalista sair para rua, baixar a cabeça e só anotar no bloco e não observar nada ao redor?

Também acontece, mas é mais difícil, porque no momento que tu estás conversando com uma pessoa, tu vês as reações da pessoa, observa como a pessoa está vestida. De repente isso quer dizer muito, conforme a situação. Então, isso trouxe essa facilidade. Mas, no ponto local, eu considero negativo. A facilidade é tanta que tu não usa nem o telefone, tu passa um e-mail, que a pessoa responde a hora que quiser. É mais fácil o recorta e cola. Em compensação, as vantagens são o acesso a muito material estrangeiro. Não só texto, como foto e vídeos. Eu tenho praticamente *online* o material do que está ocorrendo do outro lado do mundo.

E como é a sua relação com esse material. Ele é o ponto de partida para sua reportagem?

Aqui na *Zero Hora* a gente usa o *release*, mas ele é totalmente checado e ampliado. O material passa por uma peneira antes de decidirmos o que publicar. A desvantagem é a

quantidade de e-mail que chega diariamente. Não consigo ficar sem olhar. Por exemplo, agora eu estou com 700 no sistema. Eu recebo mais de 300 por dia. Se eu não chegar de manhã e der uma olhada, ou no trajeto de casa, quando chegar aqui não consigo trabalhar.

A vantagem: se eu não conseguir ir a um evento, eu recebo todo o material das montadoras. Tem até reuniões *online*, quem quiser pode assistir. É como uma videoconferência. Isso se usa muito, principalmente nos grandes centros. Um exemplo: no salão de Frankfurt todas as entrevistas foram transmitidas pela internet. Então se eu não tivesse ido, poderia ter assistido com a maior facilidade. Se tu estivesse aqui na redação, poderia ter assistido sentado, sem sair de casa. A tecnologia tem essa vantagem, que facilita, é de fácil acesso e também te possibilita utilizar vídeos. Isso enriquece e facilita a compreensão. No jornal (impresso) tu não tens esse controle. Tem que usar várias fotos, uma chamada para um vídeo ou um *slide*, que tu coloques no jornal e depois remete para o *online*.

O *online* te permite enriquecer muito mais o material. Quem está satisfeito com o superficial, que é o mínimo que tu podes dar para essas pessoas, mas é o suficiente, tem o jornal. Já quem quiser aprofundar vai para o *online*. Exemplo: lista de equipamentos. Como é que tu vais publicar uma página, duas, três páginas no jornal? Não tem espaço. Isso tudo aqui tem gente que se interessa. Colocar isso no jornal é impossível. O que acontece? No *online* a gente coloca. A limitação do espaço que se tem no impresso não existe no *online*.

Acontece, por exemplo, de o senhor estar cobrindo um evento e o *online* já está telefonando para saber informações?

Depende do assunto. Por exemplo, agora em Frankfurt, todos os dias eu passava uma matéria diferente para o *online*, apesar de só publicar uma vez por semana no impresso (olhando o *site*). Já vou entrar direto para o caderno: lançamentos, assista ao vídeo, veja fotos.

Todo dia, dentro do *zerohora.com*, entrava com fotos e textos o *Diário de Frankfurt*. As fotos, às vezes, eu mesmo passo ou então eu faço o texto e pego a foto disponível no *site* da montadora. No *Tokyo Motor Show* fiz o mesmo. Ainda gravei mais de uma hora de vídeo que depois foram para o *online*.

O *online*, apesar de exigir mais rapidez para a publicação, dá mais visibilidade para o seu trabalho?

Dá. Pra ti ter uma idéia, há um tempo a *Fiat*, antes de lançar o *Linea* ano passado, lançou um *teaser* de 30 segundos sobre o carro. A gente colocou no *site* às 21h e até a meia noite teve, mais ou menos, 1.800 acessos. Mais do que no futebol naquele dia. Para carro isso é muito grande, porque a média para carro é 600, 700 acessos. Quando as pessoas viajam, dá uma maior visibilidade pela instantaneidade.

Houve alguma exigência nessa rotina de trabalho pós-online que chegou a atrapalhar teu trabalho com o impresso?

Não é que possa incomodar, é mais uma atividade, mais uma função. No meu caso, eventualmente, eu faço a programação do *Sobre Rodas online*, eu faço a capa e o resto do material é feito pelo pessoal de apoio da produção. Eu só passo para eles os *links* dos vídeos ou os *DVDs* com vídeos. Então, é mais uma preocupação de passar o material. Muitas vezes tem que levar o *notebook* para passar, porque tu não sabes se vai ter computador ou não.

O senhor chega a ter que ficar encarregado de fazer a foto?

Eu faço. No salão, por exemplo, lá em Frankfurt, eu fiz 400 fotos. Quando dá, a gente manda, quando não dá usa fotos das agências internacionais ou fotos da própria divulgação. No de Tokyo, fiz mais de 400.

No geral, o pessoal diz que se viaja menos hoje com a tecnologia, justamente por essa facilidade do envio de fotos. Para o senhor, como foi?

Não. Por exemplo, no salão de Frankfurt, se eu entrar aqui na sala de imprensa, se eu entrar com a minha senha, eu tenho acesso a todos os lançamentos, às fotos 2009. Se eu quiser, tem as entrevistas todas arquivadas. Tem tudo, com todos os detalhes possíveis, que facilita sim. E tem a outra vantagem: quando eu chego no salão, eu já sei o que tem e o que não tem. Isso facilita muito o meu serviço. Por exemplo, o de Frankfurt, que é o maior salão do mundo, são 220.000 m² de área coberta, são 11 salões com na média de 20.000m², ou até mais porque tem uns que tem dois ou três andares. Se tu ficares rodando sem saber o que tem, tu perdes muito tempo. Então quando eu saio daqui, eu já sei quais são os principais lançamentos.

Pra ti ter uma idéia: por que a gente vai ao Salão de Frankfurt? Antigamente, houve uma época em que a *Zero Hora* pagou (para enviar um repórter). Hoje não pagaria, mas existe um pessoal que tem interesse. Normalmente, a Associação dos Fabricantes (ANFAVE) faz um

pool com as montadoras e leva de 25 a 30 jornalistas para cada evento internacional. São 15 a 20 de jornais, 5 de revistas e os outros 5 de televisão.

O diferencial é que o senhor, além de ter esse material de apoio, tem a experiência *in loco*, no local do acontecimento?

A vantagem é que tu conversas com o presidente, com o cara que projetou o carro, com o engenheiro, com o cara que vai vender. Tem outra visão e isso é muito importante. O problema é que são 60 e poucas marcas, então, mesmo que se vá lá, não dá tempo de ver tudo porque a gente fica poucos dias. Então já vai direto onde você quer. Algumas marcas tu nem vai, porque isso aqui nunca viu para o Brasil. Tu filtra, porque é impossível de ver tudo em dois dias.

Isso tudo que a gente conversou se refere às vantagens tecnológicas da informática; e a chegada do telefone celular o que impactou na vida da redação?

Eu vou contar uma história. Eu trabalho há 40 anos aqui. Quando a RBS comprou a *Zero Hora*, em 1970, cada editoria tinha um telefone fixo. Depois foi aumentando. Mas, uma editoria com dez pessoas tinha um telefone. Daí tu tinhas que entrar na fila para ligar.

Num segundo momento, eles já discavam para fora. Mas eram daqueles telefones que você tinha que discar um zero, esperar linha. Em determinados momentos, quando se tinha pressa, a gente ia num orelhão que tinha aqui na frente e ligava.

Com o tempo, foi melhorando. Hoje, cada um tem seu telefone, além do celular que a gente tem disponível. Mas também o celular facilitou muito mais para o jornal, porque você pode ser localizado onde estiver. Deu uma grande mobilidade. Só que acontece o seguinte: com a facilidade de entrar em contato, aumentou muito o teu trabalho. A cada cinco minutos eles podem falar contigo.

E acontece de nem ter terminado uma pauta e já pedirem outra?

Exatamente. No meio de uma pauta se diz "para isso" e vai fazer aquilo. Tem uma mobilidade muito grande, ela é positiva. Mas antes, o pessoal ia muito mais ao centro fazer uma entrevista. Era mais rápido do que ficar esperando liberar o telefone fixo para ligar. Hoje, mesmo com o telefone fixo, usam mais o celular. Essa tecnologia acomodou a redação. Eu me

lembro na copa de 90, na Itália. A grande novidade era o telefone celular. Pela primeira vez, ele seria usado para uma transmissão de copa do mundo, então o pessoal estava completamente deslumbrado, eufórico. Porque até então a comunicação era muito difícil. Precisava ter um ponto fixo para usar uma linha telefônica.

E com isso aconteceu mais uma vez o acúmulo de funções, no sentido de que o repórter do impresso estava cobrindo um evento e, de repente, ligavam da rádio pedindo para ele entrar ao vivo?

Também. Agora, por exemplo, quando o Rodrigo Lopes foi para Honduras, ele fazia jornal, rádio e televisão.

E o senhor acredita que esse método funcionou porque era uma cobertura especial? Acha que funcionaria da mesma forma na cobertura diária?

Eu acho muito complicado, a não ser que seja um setorista exclusivo. Por exemplo, quem faz política, especialista no assunto, aí não tem tanto problema. Em algumas áreas isso é possível; agora, ser for um repórter de Geral... Talvez seja mais fácil para pessoas bem específicas, tipo comentaristas, repórter de política, que é uma área só, pessoas que cobrem assembleias, secretarias, palácio etc...

E a foto digital altera alguma coisa na rotina do repórter, ou só do fotógrafo? Na questão da agilidade.

Da agilidade eu imagino que isso vale em alguns casos. Eu nunca fui com fotógrafo para os salões internacionais, até porque seria um custo em dobro. Então, no começo, era filme, eu saía daqui e levava 10, 11 filmes. Eu tinha que cuidar as fotos que eu ia fazendo, porque se chegasse ao final e eu utilizasse todos os filmes, ficava sem material.

Bem no começo, a gente levava seis filmes em preto e branco e quatro coloridos, porque tinha um custo muito alto. Lá, eu tinha que escolher quando fotografar colorido ou preto e branco. O colorido eram as fotos com maior destaque que poderiam ir para a capa, o resto era preto e branco. Depois passou a ser tudo colorido, mas tinha que ter uma limitação. Hoje eu pego e faço 400, 500 fotos no salão e levo uma maquininha dessas Sony. Não precisa nem ser profissional, então, isso facilitou muito. Para ti ter uma idéia, eu faço essas fotos e guardo com o nome Frankfurt 2009. A hora que precisar a foto, eu tenho. Recentemente, a gente

ainda gravava em CD ou DVD e deixava guardado, agora deixo direto no sistema. Efetivamente essa digitalização ajudou muito. Se eu não quiser colocar no DVD, achar muito grande, eu ainda posso colocar no *pendrive*. Agora, também posso levar uma pequena câmara de vídeo e gravar imagens.

Tem algum aspecto negativo que o senhor acha que a tecnologia trouxe para o dia-a-dia do repórter?

A tecnologia incentivou o tempo real, a instantaneidade. Então, o que acontece? O profissional vive permanentemente pressionado. Isso é um problema que estressa muito. Em determinado evento tu não sabes o que está acontecendo, de repente, de outro lado, a sede está te cobrando. O que acontece? Tu estás num evento sozinho e as agências de notícias têm três repórteres cada. Eu estava entrando aqui e a cada momento, coisas que eu não sabia estavam acontecendo lá. Então o pessoal (da redação) começa a receber informação e começa a te cobrar: está entrando isso, como tu não viste isso? Mas eu não sei, eu estou aqui, eles estão lá, eles têm 10 pessoas. Aqui na RBS eu foco o local, eu vou para determinado fato olhando na perspectiva dos gaúchos. Para um repórter específico de automóveis, por exemplo, a preocupação era com alguma coisa que ocorresse lá que pudesse vir pra cá.

Talvez isso seja um tipo de problema que sobrecarregou e cria essa ansiedade, que provoca todo esse estresse. O pessoal está recebendo informação, a carga é violenta, ele tem 10% daquela informação, talvez até menos. Outra coisa, em função do volume de trabalho, por esse celular aqui eu recebo e-mail. O que acontece? A gente vive prisioneiro, escravo. Eu recebo 300 e-mails por dia. O sistema aqui não agüenta. De manhã, quando eu estou na faculdade, dou um jeito de entrar no e-mail. Eu trabalho 24h. De noite, quando vou para a televisão, dou uma revisada, daí eu chego em casa e antes de dormir dou uma olhada. Tu passas a ser escravo, permanentemente acompanhando para ver se não tem alguma coisa. Tu és refém da tecnologia.

Outro problema é que tu ficas muito preso. A tecnologia é fantástica, mas daí dá um probleminha e tu ficas sem telefone celular. Tu te desesperas porque fica sem telefone celular ou então sem e-mail. Deu pane no *notebook*, daí tu vais num *cyber* café ou no próprio hotel, às vezes tu consegues, mas até tu conseguir... É uma facilidade que tu tens, de estar com ele na mão, e, de repente, tu ficas sem. Eu levo sempre duas máquinas fotográficas, porque eu já tive casos de estar com uma e de repente ter problema. A tecnologia é perfeita até falhar.

Ela é tua melhor aliada, tua melhor amiga, até por ali. Às vezes, a gente não está acostumado e sai daqui e vai para um país onde a temperatura é fria. O que acontece? No frio, a bateria gasta mais rápido. Foi um caso que ocorreu na primeira vez que fomos à copa nos Estados Unidos. Os repórteres da *Zero Hora* iam usar *notebook* para transmitir o texto diretamente do estádio para redação. O que aconteceu? O pessoal foi para o estádio, e os equipamentos dos repórteres não estavam na cabine, estavam no campo, daí pegou sol e chegou na hora de passar, o computador não respondeu. Eu me lembro, na Finlândia, estava num lugar que era 35°C abaixo de zero, eu levei uma câmara para fazer imagens para a TV COM e tinha um pessoal da televisão. A bateria, que era para durar meia hora, durava 5 ou 10 minutos e não tinha nem como recarregar. Depende das condições (climáticas). Às vezes, tu vais para um lugar muito frio ou muito quente, também compromete o desempenho da bateria. Ela exige todo aquele cuidado que tu precisavas ter antigamente antes de fazer uma entrevista. Hoje tem o gravador digital. Antes tinha que pegar as pilhas, revisar as pilhas, ver se a fita não estava amassada, cuidar para virar de lado a fita, o tempo. Aquele mesmo cuidado, de uma forma mais avançada, tu tens que ter hoje.

O telefone, por exemplo, funciona com 3G e com linha normal. Ele tem um comando que pode passar automático do 3G para linha normal, mas também se tiver baixo o sinal tu podes colocar o sinal específico que ele vai captar com mais facilidade. Mas se tu não souberes como funcionam as coisas, de repente, tu ficas sem linha. Da mesma forma com o *notebook*. Tu tens que saber como funciona. O próprio problema de tomada, para isso tem um tipo de tomada diferente. Daí ou tu tens que conseguir um transformador ou um adaptador, porque senão não consegue carregar. A tecnologia tem os dois lados.

Eu sou a favor da tecnologia, mas acho que ela tem que ser usada com responsabilidade, com todos os cuidados. O mau uso não é culpa da tecnologia e, sim, de quem está por trás. Eu tenho um computador aqui e eu, ao invés de eu ir à esquina fazer uma entrevista, prefiro fazer por e-mail, a culpa é minha. A tecnologia é uma ferramenta e depende de como tu vais usá-la. Um exemplo é a manipulação de foto, quem manipula não é a tecnologia. A manipulação já se fazia antes da foto digital surgir.

O senhor lembra mais alguma tecnologia desse período que impactou na rotina de vocês? De 89 para 2009.

Correr o risco de ficar sem sistema, isso aconteceu. Teve um vírus e o jornal correu o risco de não sair.

APÊNDICE H

Mauro Toralles, 59 anos, repórter da editoria de Esportes.

Entrevista feita em 8 de outubro de 2009, na Redação de *Zero Hora*.

Trajetória profissional

Eu comecei na *Zero* em 1973. Completei esse ano 36 anos de jornal, na editoria de Esportes. Um caso raro de permanência na mesma editoria.

O que o senhor lembra sobre o processo de informatização da redação?

Um ano depois da informatização, ela tinha me custado problemas na visão. Até ali eu lia catálogo telefônico, com a letra bem miúda, numa boa. Um ano depois, eu estava liquidado. Os primeiros computadores tinham aquela letra verde na tela, o que era muito agressivo para os olhos. Tive que usar óculos.

Como era a redação até a chegada dos computadores?

Ela era uma redação barulhenta, a começar pela máquina de escrever. As pessoas falavam alto, gritavam. Hoje, existe o note (ferramenta usada internamente para troca de mensagem). A gente manda o note para o colega que fica do lado. Conversa-se bem menos. Com isso, se instalou uma espécie de frieza nas relações internas. As pessoas têm menos tempo para conversar.

Hoje, tem até áreas específicas para fumantes. Antigamente, nos anos 80, não precisava sair da redação. O cigarro ficava numa ponta da mesa e na outra o cafezinho. Essa data foi o final da era romântica do jornalismo, por aqui, em Porto Alegre.

O senhor acredita que a partir da informatização começou a se produzir jornalismo em escala industrial? A notícia virou mercadoria?

Já era assim desde a década de 70. Só que a partir daí, da chegada da nova tecnologia, isso se acelera. O jornalismo ficou mais profissional, mais regrado, mais metódico.

Quanto ao número de pautas e ao tempo para apuração das matérias. Pode-se afirmar que antes da informatização havia mais tempo para se produzir uma matéria?

Isso é uma questão engraçada porque a gente pensava que as mudanças na área industrial iriam nos beneficiar. E não, cada vez nós fomos tendo menos tempo. Não parece lógico, mas essa é a realidade. Parece até ironia.

Antes da informatização, o processo era mais demorado, mas se tinha muito mais tempo. O jornal podia fechar entre 1h e 2h da madrugada. Podia entregar o texto lá pelas 22h. Daí, ele iria passar por todo aquele processo até chegar ao fotolito.

A reunião de pauta ocorria por volta das 14h e só aí que a máquina começava. Não existia como tem hoje, as editorias trabalhando desde a manhã. Não existia a produção antecipada para cobertura de matérias, do tipo 15 dias, 30 dias. Tudo era mais imediatista, mais improvisado.

O que mais o senhor lembra sobre o aspecto físico da redação?

Havia mais espaço entre as mesas. A editoria de Esportes, por exemplo, ficava separada do resto da redação porque nós éramos mais barulhentos do que o resto da redação. Existiam duas TVs na redação: uma do Esporte e outra que ficava no centro da redação. Na hora do Jornal Nacional, ligava-se a TV para ver o Cid Moreira. O jornal servia como balizamento. Balizava o que *Zero Hora* ia dar no dia seguinte. Alterava-se a manchete, acrescentava-se matéria em função das notícias (do Jornal Nacional).

Como foi a adaptação do profissional com o computador?

Toda equipe fez treinamentos graduais e escalonados. Primeiro foi a chefia, que eram os agentes que iam multiplicando as informações. O treinamento sempre foi algo constante. Cada vez que mudavam os equipamentos e os programas, passávamos por cursos.

O computador proporcionou mais agilidade na escrita. Foi melhor até porque o computador acompanhava o nosso raciocínio com essa agilidade para construir e desconstruir uma frase. Mas, no momento da transição, foi pior, porque o raciocínio estava adaptado à máquina de escrever, à velocidade da máquina de escrever, aos inconvenientes da máquina de escrever.

Houve demissões nesse período?

Na área da diagramação houve mais saídas do que na da reportagem. Houve profissionais que encontraram dificuldades e outros que não quiseram se adaptar à nova tecnologia, mais avançada, e foram para outros lugares onde isso não tinha chegado ainda. Mais tarde, empresas pequenas começaram a implantar a informatização. Primeiro na área técnica, principalmente a montagem.

O computador agilizou a redação do texto, mas e a apuração da notícia, como era feita?

Sempre se foi para a rua e sempre se usou o telefone, o que continua acontecendo. Mudou a velocidade de todo esse processo. Por exemplo, antigamente, tinha uma pequena central no meio da redação, que era operada por duas telefonistas. Havia ramais internos, mas que não ligavam para fora. E, no horário de pique, por volta das 18h, se formava uma fila e elas iam atendendo aos poucos. Depois que elas conseguiam a ligação, elas transferiam para o ramal. Mas para solicitar um telefonema a gente precisava entrar na fila.

Em função dessa limitação, o senhor acredita que se ouviam menos fontes na hora de escrever a matéria?

Não. Porque se tinha mais tempo para fazer isso. Tinha toda tarde, um bom pedaço da noite.

E quando o repórter saía para uma cobertura fora da cidade, como enviava material para a redação?

Era complicado. Usávamos o telex. O grande problema não era fazer a matéria, era mandar a matéria. Eu tinha o hábito, se tinha mais tempo, de fazer a fita. Depois, dava para o funcionário dos Correios, e ele digitava.

Naquela época, se escrevia mais. Para se ter uma idéia, para Grêmio e Inter, cada repórter escrevia duas páginas. Era um processo muito demorado: primeiro tinha que bater a matéria na lauda, no hotel. A gente levava uma máquina de escrever portátil. Depois da lauda pronta,

levava nos Correios. O cara fazia a fita e mandava por telex. E aqui (*Zero Hora*) tinha que ter um telex, caso contrário não recebia a matéria. Com a fita na mão, o *copydesk* reescrevia. Cada editoria tinha seu *copydesk*, o Esporte chegou a ter dois.

O telex ficava no mesmo andar da redação, no mesmo setor que recebia as radio fotos. Eu tinha um hábito que era, mesmo depois de passar a fita, segurar a fita. Porque eu tinha medo que não chegasse o material. E uma vez aconteceu isso mesmo. Eu liguei do hotel, para ver se tinha chegado, e não tinha chegado. Provavelmente, o operador mandou para outro endereço. Como eu tinha a fita, voltei lá e reenviei.

E esse processo todo era muito demorado?

Demorava primeiro para eu fazer o texto. E o cara (dos Correios) por mais agilidade, por melhor datilógrafo que fosse, demorava. Olhava ali e ia batendo. Depois colocava a fitinha amarela, da largura de um dedo, toda picadinha, no telex para emitir. E aquilo não acabava nunca. Era um inferno. Para mandar uma matéria de duas páginas, demorava mais de 1h.

E o repórter ainda estava sujeito a certos transtornos. Por exemplo, eu estava em um 7 de Setembro em Salvador, fiz meu material e fui para os Correios. Cadê os Correios? Estava fechado porque era feriado. A única coisa que estava funcionando naquele feriado em Salvador era a sucursal da *Veja* porque a *Veja* é de Paulista. Paulistas e gaúchos trabalham em feriados.

A gente que tinha que enviar do exterior, com fuso horário diferente, acompanhando a seleção brasileira. Lembro de um jogo da seleção brasileira em Londres. Quando terminou o jogo, era perto da meia-noite, e a Central dos Correios mais próxima fechava a meia-noite. Imagina o que era aquele monte de repórter brasileiro querendo passar as suas matérias. Enlouqueceram os ingleses.

Tudo isso eram atropelos que a gente tinha. Era uma mão-de-obra muito grande porque o repórter tinha que se deslocar para muitos lugares. Saía do jogo, ia para o hotel, do hotel tinha que achar uma agência dos Correios. Depois que chegou o computador (para coberturas *in loco*) era o paraíso. A gente ia para o quarto do hotel e digitava ali a matéria. O problema é que no início, tinha que fazer a ligação (conexão discada), acoplar o celular para enviar a matéria e a linha caía muito. Era um drama.

Voltando um pouco ao telex. Quando chegava o material, como ele era distribuído?

Do lado de fora da sala do telex, havia umas gavetinhas com umas divisórias por editoria. Então, tinha o pessoal que ia pegando o material que entrava por telex das agências e iam colocando ali. O nosso material, quando tinha gente viajando, era entregue na mesa.

Quando chega o telefone celular na redação?

O grandão, "aquele", na década de 90, já tinha. O símbolo do poder na redação era ele. Em viagem, na *Copa América* de 1995, no Uruguai, eu já usei um que era um pouco menor. Mas tinha que ficar naqueles carregadores de 8h ou 12h. Eu levei dois carregadores e deixava um sempre carregando para ter garantia de que não ia ficar sem bateria. Mas funcionava bem. O celular servia também para corrigir a rota da pauta. Antes, a pauta ia por telex. A gente pegava no hotel.

Só outro parêntese. Nesse tempo se viajava mais e mais pessoas viajavam para fazer uma cobertura. Havia até um coordenador de grupo. Hoje, por uma questão econômica, se viaja menos. E também porque se passou a fazer mais coisas em menos tempo a partir da própria redação. Digamos que eu precisasse saber a biografia do capitão da seleção brasileira e que ele não fosse gaúcho. Há 20 anos, eu teria que ligar para algum jornal, pedir para alguém o favor de indicar fontes que eu poderia recorrer para ter essas informações. Hoje, com a informatização eu posso fazer uma busca daqui mesmo. Isso também é um fator que inibe viagens.

E o próprio arquivo do jornal também foi se transformando?

Sim. Hoje ele é digitalizado. O próprio jornalista faz a pesquisa por programas instalados no computador.

Em julho, teve o centenário do Grenal e *Zero Hora* preparou um álbum com imagens de cem gols. Aí tinha que localizar essas pastas. Isso foi um trabalho que levou mais de um mês procurando os contatos fotográficos em pastas.

E quanto o senhor sai para rua, apurar a matéria, de que forma anota as informações?

Eu até levo o bloco de notas, mas não gosto muito de usar. O bloco inibe as pessoas. Se ficar anotando, o repórter não fica olhando o que está na volta. Se não, tem repórter capaz de sair dali sem saber como era o rosto da entrevistada. O que eu faço é anotar algumas palavras.

Os detalhes são fundamentais, se o repórter quer que a matéria passe alguma coisa mais, além do factual. Para isso precisa usar os sentidos, a percepção.

Nesse sentido, o senhor acha que a tecnologia traz um aspecto positivo ou negativo?

Ela tem aspectos negativos porque o repórter começa a relaxar. Apóia-se mais nas informações complementares que vai ter pela internet. Ela (internet) é boa porque facilita o acesso às coisas. Mas, esse acesso deveria ser apenas o acessório. Nada substitui o repórter, embora se tenha uma tendência a pensar que ele pode ser substituído. Que se eu sentar aqui (na frente do computador) e tiver informações sobre o terremoto na Índia, eu consigo fazer uma grande matéria sobre o terremoto na Índia. Na verdade, eu vou fazer uma grande matéria sobre o terremoto na Índia se eu for um repórter e estiver lá na Índia. Para se ter uma visão mais fiel, precisa ter repórter e precisa estar no local. Isso é o que dá o diferencial.

E o que mudou na rotina de trabalho do repórter, a partir de 2007, com a união da redação do impresso com o *online*, a Redação Integrada?

Às vezes atrapalha porque o repórter da redação, o *offline*, acaba fazendo uma matéria só para o *online*. A integração ainda não é como nos jornais americanos, que o repórter faz o trabalho 100%. Às vezes vai alguém do *online* com a gente para a rua, para fazer áudio e vídeo.

Poucas vezes temos que redigir o texto para as duas mídias. É mais de passar informação.

Esse novo método de trabalho resultou em mais acúmulo de funções para o repórter?

É. Eu, algumas vezes, uso um método. Primeiro vou sozinho ao local, conversar com a pessoa e, depois, marco com o fotógrafo ou quem vai fazer as imagens, para não inibir o entrevistado. No momento que tu tens que carregar uma câmara, um gravador e uma máquina fotográfica então tu estás num circo. Eu não gosto disso. Pode atrapalhar até a coleta da informação.

Acho que isso, por enquanto, é uma tendência. Não sei se isso vai chegar a 100% da redação. Vai depender das necessidades dos meios de comunicação.

O senhor tem saudade de alguma coisa da época anterior à incorporação das tecnologias?

Tenho saudade da bagunça na redação. Ela era mais divertida, mais leve. Acho que se tinha mais prazer e menos pressão no trabalho.

E qual é o ponto positivo da tecnologia?

A facilidade que ela te dá para trabalhar. Hoje seria uma tortura voltar à máquina de escrever e enfiar meu dedo entre as teclas. Às vezes, a fita trancava, e tinha que puxar. Sujava todos os dedos e tinha que limpar na lauda. E essa questão do raciocínio porque o raciocínio ganha agilidade, além dessa possibilidade de remontar tudo, voltar, apagar.

APÊNDICE I

Fernando Gomes, 52 anos, fotógrafo de *Zero Hora*.

Entrevista feita dia 8 de outubro, no estúdio de fotografia de *Zero Hora*.

Trajatória profissional

Comecei minha vida profissional dentro de agência de publicidade, em 1973. Comecei como *office boy* e, toda vez que eu tinha tempo, dava uma fugida e ia para o laboratório. Eu gostava de fotografia, de ver as fotos brotando ali. Aquilo me fascinava. Toda vez que eu podia escapar, eu me mandava para a fotografia. A partir dali, comecei a pensar em ser fotógrafo. Quando sai dessa agência, fui servir (na Aeronáutica). Quando saí do quartel, voltei na agência e pedi novamente emprego. Como eu já não era mais guri, já tinha 18 anos, me disseram: “Vamos ter que arrumar um negócio legal pra ti. Onde é que tu queres trabalhar?” Daí eu disse que queria a fotografia. Me deram a chance e eu comecei a aprender a fotografar, a mexer na máquina. Certos trabalhos eu mesmo já começava a fazer: revelava, fazia os anúncios. Na época eram aqueles anúncios de lojas de varejo. Então, tinha que fotografar os “deseinhos”. Fiquei na agência até 1977.

De lá o senhor veio direto para *Zero Hora*?

Depois da agência, fui trabalhar na Coojornal, na Cooperativa dos jornalistas, como laboratorista. Eu revelava e copiava as fotos e, logo a seguir, comprei minha primeira máquina. Então, comecei a fazer foto. Saía, nos finais de semana, para a rua e começava a fotografar pessoas, coisas, tudo que eu via pela frente. Em 1978, saí do jornal e bati aqui na *Zero Hora* em busca de um emprego. Eu tinha um portfólio com umas fotos, vim aqui e apresentei para o editor de fotografia, que naquela época era o Telmo Cúrsio. Na verdade, eu tinha vindo pedir trabalho de laboratorista. Eu não me achava um fotógrafo. Não tinha segurança para dizer: sou um repórter fotográfico. Eu fazia algumas coisas assim na rua, mas não tinha essa pretensão de chegar aqui e pleitear uma vaga de fotógrafo. Ele olhou meu

trabalho, mas disse para eu aparecer outra hora que, naquele momento, não havia vaga. Voltei naquele mesmo ano e ele me contratou. Comecei a trabalhar na *Zero Hora* no início de 79. Em 1983 saí novamente e trabalhei três anos no Globo-RJ. Depois, voltei para cá.

Que tipo de equipamento o fotógrafo de *Zero Hora* usava para trabalhar nessa época?

Bom, na verdade, quando eu entrei aqui na *Zero Hora*, o jornal não tinha equipamento. O editor na época perguntou: “tu não te importas de trabalhar por um tempo com a tua máquina?”. Eu disse que tudo bem, precisava trabalhar. Depois de uns dois ou três meses, me deram uma máquina. Era uma *NIKON F1*. O jornal trabalhava com dois tipos de máquina a *Nikon F1* e *F2*. Naquela época só se trabalhava com filme preto e branco. Nos anos seguintes, começamos a trabalhar com cor.

O senhor lembra quando começou a ser usado o filme cor?

Acho que em 79, 82, 83, por aí.

O filme cor já era popularizado no jornal ou só era usado em matérias especiais?

Exatamente, fazíamos matérias especiais. Na verdade, a gente carregava os dois tipos de filme. Primeiro, quando chegávamos num determinado local, fotografávamos preto e branco. Depois, se sentíamos que a matéria era legal, que poderia render uma capa, a gente colocava o filme de cor e fotografava. A gente fazia assim, porque só tinha uma máquina e ainda era Cromo. Não era nem o negativo.

Qual é a diferença?

O cromo é o *slide*; aquela foto 85mm é o cromo. Era o positivo, era mais difícil de trabalhar. Para revelar também era complicado. Eram vários banhos. Primeiro veio o E3 que eram 6 banhos e, depois, veio o E6 que eram 4 banhos. Tive que aprender a usar filtro, porque o cromo é diferente. Tu chegas agora aqui, tu faz uma foto, tu estás vendo que o olho dele ficou meio azulado, que o sol está muito quente. Tu tinhas que usar filtro. É um negocio que eu aprendi, então era mais complicado fazer foto com cor.

E no filme também tinha que trocar o filtro?

No filme tu não precisavas te preocupar. O negativo colorido, que o pessoal começou a trabalhar depois, por volta de 90, dispensava essa história de ter dois tipos de filme. Então tu usavas o filme colorido e dele tu fazias tanto o preto e branco quanto o cor. Era mais fácil. Eram três banhos: o revelador, depois o fixador/branqueador e uma lavagem. Era bem mais rápido e mais fácil de fazer.

Já o cromo, quando a gente ia viajar, tinha que pedir ajuda aos jornais locais usando a estrutura deles. Quando vinham para a nossa sede dávamos a mesma guarida.

O laboratório era montado no hotel?

Não, o cromo não. A gente não levava porque era um troço que o banho era muito complicado de fazer. O que eu fazia? Se eu vou fazer um jogo agora em São Paulo, eu ia para a *Folha*, eu ia para o *Estadão*, a gente fazia um contato com eles: “oh, tá indo um cara nosso aí. Vocês podem revelar um cromo pra gente, essa coisa toda.”

Quando começou o negativo, a gente já não dependia mais do jornal (para a revelação) porque foi desenvolvido um kit. Carregávamos químico que a gente tinha que colocar para aquecer. Ainda tem guardado aqui um kit desses que eu posso te mostrar.

O cromo era muito complicado pra gente trabalhar. Fazer as fotos era rápido, era que nem hoje, mas copiar, revelar era muito complicado. Até parece quando a gente usava ainda o analógico. A transmissão também era caótica. Cada foto preto e branco levava sete minutos para ser enviada por telefoto. Como era feito? A foto era colocava no equipamento. Antes disso, tinha que revelar o filme. Revelado o filme, era feita uma cópia, em papel fotográfico. Essa cópia é que era transmitida. Para fazer a leitura de uma cópia em preto e branco, levava sete minutos. Se a foto fosse colorida, levaria 21 minutos. Teria que passar o ciano, o magenta e o amarelo. Hoje, tu mandas uma foto colorida para qualquer parte do mundo em dois minutos, mais ou menos.

A quantidade de fotos a serem batidas por matéria era controlada?

Essa coisa de controlar: faz isso, faz aquilo, sempre foi guiada pelo bom senso. Eu não poderia chegar aqui com uma pauta e trazer 10 filmes para revelar. Teve uma época em que a

gente teve de racionar, por questão de custo. Se fosse para fazer boneco eram três chapas. Se fosse para fazer uma pauta, eram 10 chapas. Nessa época a gente passou uma recessão, uma contensão muito grande, onde existia um limite. Às vezes tinha gente que exagerava. Até eu mesmo. Empolgava-se com a pauta e gastava rolos de filme. Na volta, o editor me olhava meio atravessado.

Hoje tem alguma limitação para o número de fotos?

Hoje até está mais fácil, porque tem a possibilidade de *deletar*. O que a gente faz hoje? Eu posso sair para fazer um jogo de futebol e fazer 300 fotos. Vou chegar aqui e vou indexar 20 ou 30.

No final dos anos 80, o jornal usava muita foto de arquivo. Por quê?

Hoje, para a gente usar uma foto de arquivo só se não tem como fazer. O jornal está com essa coisa de mostrar agilidade. Usamos uma foto de arquivo quando não tem como mostrar uma foto da governadora hoje, porque ela não está aqui. Então, vamos usar uma foto de arquivo. Eu não consigo me recordar porque saía tanta foto de arquivo.

O uso da telefoto era freqüente até mesmos em coberturas próximas?

Há um bom tempo, a gente não tinha – ninguém tinha – como mandar uma foto para o jornal. Imagina uma foto agora em Uruguaiana. Para mandar para cá, tinha de vir de ônibus. Mas, e se fosse uma cidade que não tinha ônibus para a capital? Era isso que a gente passava na época. Se eu fosse daqui para Passo Fundo fazer algum evento, como é que eu iria mandar esse filme para Porto Alegre? Iria ter que trabalhar de manhã, fazer a pauta até o meio-dia para dar tempo de colocar no ônibus. Tinha que controlar o horário do ônibus. Usávamos um envelope que tinha lá escrito imprensa/ urgente. Era um baita envelopão, que a gente jogava todos os negativos ali dentro. Tu ias ao ônibus e largava na mão de um passageiro. Era um terror danado.

Quando chegou a internet, tudo ficou bem mais fácil. Com a foto digital, hoje, a gente não vai mais a Uruguaiana para fazer uma pauta. A não ser que esteja acontecendo alguma coisa prevista pelo jornal. Geralmente, quem vai mandar as fotos é alguém lá da cidade, que faz e envia para cá. Outra coisa: o jornal hoje tem praticamente sucursais em todo o interior. Se vai acontecer alguma coisa naquela cidade ou nas proximidades, eles deslocam alguém. Hoje,

recebemos também bastantes fotos, que se chama foto divulgação (feita por pessoas ou instituições ligadas ao evento).

E a máquina digital chega quando à redação?

Em 1994. Todo ano de Copa, vinha uma grande revolução na fotografia. Em 90, eu fiz a Copa na Itália. Naquela época, já levei um equipamento para a transmissão de fotos. Era a telefoto ainda, que era por telefone. Era preciso fazer uma ligação internacional para enviar a foto. E, como já disse, cada foto colorida levava, em média, 21 minutos. Então imagina o custo que era isso. Em 90, já não precisava mais fazer a cópia. Tínhamos o aparelho *Leafax*, que digitalizava o negativo. Isso facilitou a nossa vida. Imagina não precisar mais levar o ampliador. Para fazer o ampliador funcionar, tinha que montar dentro do quarto escuro do hotel. O problema é que, às vezes, pegava uma janela enorme e tinha que se virar para fechar tudo às 15h, 17h, quando ainda tinha luz. Em 94, na Copa dos EUA, já apareceu uma máquina transmissora de foto: *Leafax 2*. Essa já enviava a foto digital. Era com negativo ainda. Bastava colocar o negativo dentro na máquina e, uns 5 minutos depois, ela já tinha enviado. Era muito mais rápido. Era uma maquininha preta que levávamos para lá e para cá. Ela era bem pesada.

Mesmo assim, era mais leve do que o sistema antigo. Quando eu fui para a Copa da Itália eu levei 60 litros de químico – usado na revelação dos negativos. Não sei como é que nós colocamos aquilo dentro do avião. Chegando lá, a *Zero Hora* pegava um quarto de hotel, esvaziava tudo e fazia uma redação ali. Então, a gente revelava dentro do banheiro. Para isso, tapava todo o banheiro com pano preto, preso com fita crepe, que levávamos daqui. Ainda há uns guardados no antigo laboratório. Vou te mostrar: Isso aqui é um tanque. Eu colocava água por aqui, jogava isso lá dentro e ligava na luz. Isso é um aquecedor de água. Com isso, eu regulava a temperatura que eu queria. Colocava o termômetro aqui dentro e colocava aqui 38°C – temperatura que esse processo da revelação exigia. Essa temperatura se mantinha o tempo inteiro. Eu saía do hotel de manhã, ligava isso aqui e o líquido passava o dia inteiro em 38°C. A qualquer momento que eu voltasse da rua, isso estava pronto aqui. Nessas aspirais, a gente enrolava o negativo e mergulhava no líquido. O tanque ficava fechado e tudo no escuro. Passava um tempo, eu dava uma agitada e colocava aqui dentro de novo. Todo esse procedimento era feito no banheiro do hotel, em cima da pia.

Vocês levavam todo esse material aqui do jornal?

Exatamente. Tudo isso. Era uma mala grande e alta. Levávamos ainda os relógios para marcar o tempo, tipo esses usados em culinária. Outra coisa: as toalhas do hotel ficavam um caos. O líquido do fixador era meio avermelhado e deixava tudo encardido. Era uma cor meio ferrugem, sabe.

Quando a redação de *Zero Hora* começou a usar a máquina fotográfica digital?

A máquina fotográfica digital foi usada, eu acho, em 96. Era o corpo da *N90* da *Nikon*, com o back da *Kodak*. O fabricante pegou uma máquina analógica, tirou a parte de trás da máquina e fizeram uma máquina digital com adaptação. Era uma máquina enorme, a NC2000. Essa foi a primeira máquina. Ela não tinha uma tela atrás para a gente ver as fotos. Ela tinha um cartão grande e grosso, do tamanho de uma carteira de cigarros (um pouco menor). Mas, até 98, quando eu fiz a copa, a gente não confiava muito na máquina digital. Então, a gente levava filme também.

A memória do cartão era boa, armazenava bastante coisa?

No cartão cabia bastante foto, não lembro o número exato agora. Não tínhamos uma noção do tamanho de foto. Só sei que dava para publicar.

E para visualizar esse material, já que não tinha tela de cristal líquido, como o senhor fazia?

Tinha um equipamento que a gente carregava também que era um leitor desse cartão. Colocávamos o cartão ali e ele abria a foto no computador. Carregávamos sempre um *notebook* que era onde ligávamos esse aparelhinho, o leitor.

Daí ligava esse aparelho no *notebook* e ligava mais um *scanner* de negativo no *notebook*. Tudo isso ia numa mala. O cara tinha que ter braço. Depois tinha mais a lente, mais o químico. Nessa época de 98 apareceu um químico seco, que são uns pacotinhos. Era importado da Alemanha. Abríamos o pacotinho e misturávamos o pó na água. Essa novidade fez diminuir boa parte do peso que carregávamos.

E com a máquina digital, o fotógrafo se liberta do peso do restante do equipamento?

Exatamente. Quando chegou a máquina digital, aí sim a coisa funcionou. Em 2000, veio a máquina digital que já tinha um visor. Só precisava de um *laptop* e daí tu jogavas as fotos ali dentro. Daí acabou esse negócio. Eu lembro que eu fui fazer uma final da Copa América na Bolívia, em La Paz. Tivemos que sair na rua para comprarmos balde. Deixamos os baldes dentro de uma sala. Era nossa arma para poder fazer o químico. Sofri muito porque eu trabalhei com o analógico totalmente: fazendo cópia, revelando filme inteiro, limpando químico. Era um transtorno. Tinha que fazer força, carregar equipamento de montão.

Ao mesmo tempo em que a digital proporcionou toda essa liberdade, tem algum aspecto negativo no uso da digital?

Olha, a gente falava há um tempo que os filmes eram os filmes. Hoje eu não sinto mais necessidade. Acho legal tu trabalhares com filmes, essa coisa toda da nostalgia. É muito bacana, mas se tu pegares uma máquina digital ela não perde em nada para o filme. Hoje tu pegas uma máquina digital e vê cor, coisas que o teu olho não enxerga.

A partir de 2007 teve outra transformação, não tecnológica, mas de método de trabalho, que foi essa parceria entre o impresso e o digital. O que mudou?

Essa coisa do *online* está mais tranqüila, mas antes a gente escondia uma foto. Essa foto aqui eu não vou dar para o *online*. Hoje, mudou. A gente tem outra visão. Eu não guardo mais uma foto para o impresso. Se ela está aqui, praticamente a gente já manda direto também para o *online*. Acho que ainda precisa melhorar essa coisa do *online* pra gente atender melhor o *online*. A gente precisa de uma série de coisinhas de tecnologia ainda, que é pra gente fotografar com a nossa máquina. Hoje, na pressa, eu saí para fazer uma foto na casa da Yeda e acabei fotografando com o celular. Não é a mesma coisa do que a gente usar o nosso equipamento. Ainda faltam uns ajustes para a gente melhorar a parte de qualidade.

E da máquina digital dá para enviar direto do local? Pluga no celular e envia por e-mail?

Tem um sistema que a gente tava usando, o celular N95, da *Nokia*, que a gente fotografa na *Nikon D3*, tira o cartão e colocamos no telefone e enviamos do telefone. Na verdade, fica com as minhas lentes, com a rapidez que eu tenho na minha máquina. A foto que eu fotografei na minha máquina, eu só envio ela. Não é como tu fotografar com celular que perde qualidade.

O senhor acredita que trabalhar para o *online* sobrecarregou vocês?

Tem um estresse de ficar mandando foto antes de chegar. Antes de acontecer, eles já estão pedindo fotos para a gente. É uma coisa que a gente está se acostumando. Antes eu ia para o jogo e esperava a bola rolar para mim mandar uma foto. Hoje não, a gente vai uma hora antes, no campo, e daí já mandamos fotos de torcida, ou de alguma coisa que a gente achar legal dentro do estádio.

E quando sai o gol, já tem que mandar a foto para cá?

É o que a gente faz hoje; se eu estou fotografando agora e aconteceu um lance legal, deu um "baita" de um lance, ou saiu um gol agora, acabou o gol, a comemoração, eu já estou enviando. Viro e vou enviar.

E não corre o risco desse meio tempo acontecer outro gol?

Pode acontecer. Mas o que se faz nesse momento? Eu estou com o radinho no ouvido. Se começa a dar aquela coisa, eu paro a transmissão e vou cuidar da foto.

Eu fui à casa do meu cunhado esses dias, depois de um jogo. Ele perguntou: "Estavas no jogo e aí como que foi?" Disse que estava cansado, ele convidou para jantar e seguiu dizendo: "Tu só fez o jogo e está cansado." Respondi para ele dizendo: se tu soubesses como é um jogo, a gente sai daqui (redação de *Zero Hora*), eu carrego laptop etc. A gente continua carregando muito peso. Carrego as lentes, carrego laptop, carrego minha bolsa, carrego um banquinho, carrego um guarda-chuva. Mais a tensão que tu tens hoje. Se acontecer qualquer coisa, tu já estás fotografando e enviando o material para a redação. Fica, praticamente, noventa minutos totalmente ocupado. Quando a bola sai do teu alcance, tu viras para o laptop. Acabou o laptop, tu estás fotografando.

O fotógrafo acabou ganhando mais funções hoje em dia?

É verdade. Na hora que tu tens que enviar o teu trabalho, tu passas a anexar, tu passas a transmitir, tu te envolves em todo esse processo, de revelar, copiar, enviar... Hoje, a situação é um pouco diferente, mais cômoda até, mas a gente continua fazendo isso: mais uma função. Não só fotografar.

O senhor tem saudade da era analógica?

Era legal essa coisa de tu chegares num lugar e montar o laboratório. Isso mostrava que tu eras bom, eficiente. Hoje eu acredito que é muito fácil fotografar. Se gostar de fotografia, entender um pouco de fotografia, vai lá e faz uma pauta. Quando a gente trabalhava com o analógico, chegava numa cidade às 19h; 20h tinha que entrar correndo num lugar, misturar químico, revelar o filme, copiar, colocar na máquina para mandar, tinha que ser muito fera. Tinha que ser bom mesmo, saber fazer isso com muita certeza, ter talento. Acho que hoje é muito fácil ser fotógrafo.

Como o profissional pode se destacar do amador, já que a mesma tecnologia está acessível aos dois?

O que acontece hoje? Hoje a gente está fazendo uma foto lá no centro. E agora eu peguei o carro e vim aqui, já tem gente colocando foto aqui dentro do jornal. Eu nem desembarquei. Às vezes eu nem cheguei ao local onde está acontecendo alguma coisa, e já tem foto aqui dentro.

O que vai diferenciar o amador do profissional é a tua maneira de ver, o enquadramento. O que eu faço? Procuo fazer minha melhor foto, procuro um ângulo legal. Vou entrar num lugar, vou me arriscar se tiver que me arriscar. Às vezes, tu podes fazer uma foto aqui dentro do jornal e eu estou lá embaixo e não faço. Também ocorre isso. Às vezes chega aqui um amador com uma foto melhor que a tua. Bom, tu és profissional, és um cara do jornal, tem 30 anos de trabalho. Mas ele te ganha pelo flagrante, porque ele estava lá.

O senhor tem algo a acrescentar?

Quando a gente enviava cromo não tinha nenhuma máquina que lesse transparência. Elas liam a cópia. Quando a gente fazia a cor, não havia nenhuma máquina que lesse transparência, tipo negativo, nem o cromo, nem o slide. Então nessa época era feita uma prova, como se fosse uma impressão. Eles faziam uma impressão e tiravam uma cópia. Era uma cópia, granulada, com retícula e a gente enviava aquilo ali. Essa coisa assim dá um pouco de saudade. Fazer um cromo era um negócio bacana. Era emocionante ver brotar as fotos ali. Era coisa mágica da fotografia. Isso a gente perdeu.

Mas hoje tu fazes muito mais foto. Faz mais fotos, mas também a gente coloca muita coisa fora. A foto digital é uma coisa que a gente meio que descarta. Vai lá, faz 300 fotos e coloca

250 fora. Um cromo não, tu jamais vai colocar um cromo fora. Tenho noção de quando se ia trabalhar, quando eu saía pra rua com a maquininha, fazia uma foto ali na esquina. Estão até hoje comigo, eu não me desfago nunca. Fico com pena da digital porque é muito fácil colocar uma foto fora. Essa coisa que eu acho diferente do cromo... Essa coisa que eu acho que a gente perdeu. Vai lá embaixo tem um arquivo da *Zero Hora*. Teve uma época que tiveram que tirar todo o arquivo de negativos porque estava entortando o piso e poderia dar desabamento. A gente não confia até hoje, onde é que tu vai guardar tuas fotos digitais? Em CD, em DVD... Tenho lá em casa CDs que não abrem mais, daí o material fica perdido. Tem essa complicação. A gente ainda não tem uma coisa confiável.

APÊNDICE J

Mauro Vieira, 48 anos, fotógrafo de *Zero Hora*.

Entrevista feita em 8 de outubro de 2009, no estúdio fotográfico de *Zero Hora*.

Trajetória profissional

Desde pequeno meu pai todo dia comprava jornal, *Zero Hora*, e eu era fascinado pelas fotos, principalmente de esporte. Eu olhava as fotos e ficava deslumbrado com isso. Em 1980, eu servi o quartel e conheci um pessoal de esquerda que gostava muito de fotografia. E o pessoal mostrava fotos da Revolução Cubana, da Sierra Maestra, e eu comecei a tomar gosto pela fotojornalismo. Em seguida, passei no vestibular para Administração de Empresas. Era uma coisa que eu não queria fazer, mas fui influenciado pelo meu irmão que já estava se formando. Cursei uns três semestres, conheci um pessoal, comecei a andar com esse pessoal e esse pessoal todo estava fazendo jornalismo. Na outra semana, troquei de curso. Foi uma paixão arrebatadora, mas eu comecei a ver que para fazer as fotos que eu realmente queria, eu ia perder muito tempo com aula. Acabou que eu comecei colaborar com os jornais pequenos, comecei a tomar gosto por isso e me atirei de cabeça. Montei um laboratório em casa. Dali um tempo, a gente montou um jornal. Eu sou de Viamão.

A primeira vez que eu fui à Câmara de Vereadores – e isso foi um marco na minha carreira – deu uma briga. Um vereador estava discursando, o outro veio por baixo, deu um soco e eu consegui bater a foto. E essa foto foi publicada não só nos jornais de Viamão, mas saiu na *Zero Hora*, saiu depois no *Globo* e no *Estadão*. Isso foi em 1985. E eu fiquei deslumbrado com a força que tinha o fotojornalismo. Era uma foto desprezível, que eu revelei em casa mesmo e, de repente, estava no País todo. Aí eu não larguei mais.

E para *Zero Hora* o senhor veio quando? Foi consequência dessa foto?

Um pouco. Eu comecei a fazer *freela* em 87 e em 88 fui contratado. Saí no fim de 89 e voltei no fim de 90. Antigamente, as sucursais do *Globo*, do *Estadão* e da *Folha* eram fortes aqui porque o Rio Grande do Sul tinha outro peso no cenário nacional. E nesse meio tempo eu fiz isso.

No final de 90, quando o senhor retornou, que tipo de equipamento fotográfico era usado pelo jornal?

Ainda era analogia e demorou um bom tempo para sair disso. Sempre foi *Nikon*. Usávamos um modelo que era todo manual: não tinha foco automático. Era complicado e restritivo. Quem sabia e dominava aquelas técnicas ali estava salvaguardado na profissão. Hoje o fotógrafo é aquele que está com a máquina na mão, não interessa a trajetória anterior. Segurou a máquina, é fotógrafo.

Como o profissional reagiu ao perceber que com a popularização da máquina digital todo mundo pode bater foto?

Tem gente que joga a toalha. Até o pessoal que tem uma idade mais avançada. Dizem que não tem como competir com a gurizada nova, e que já estão na idade de se aposentar. Tem outro grupo que diz que assim como o amador está dominando essa novidade, eu como profissional – que estou todo dia fazendo isso – tenho que mostrar uma coisa diferenciada. Uma coisa que só tu enxergues. E isso não é só a bagagem e a experiência que dão. Tem uma coisa que é o talento. Tem uma gurizada nova no jornal que é extremamente talentosa - não tem toda essa bagagem - e nem por isso deixam de surpreender todo dia com imagens diferenciadas.

E como foi a chegada das máquinas digitais, em 2000? O que muda na rotina dos fotógrafos?

No início foi uma confusão porque a informática ainda era uma novidade para nós. Antes o fotógrafo tinha que saber aquela relação de tempo, temperatura, bota no químico, marca os minutos... Aquela coisa que hoje soa bastante arcaica.

Quando veio a digital, a gente teve que *deletar* tudo isso aí. Toda essa relação que a gente tinha guardada na cabeça: revelação, tempo de exposição, o químico que tu usaste, a revelação do químico... esquece tudo. Isso foi um obstáculo. Tem gente que ultrapassou esse

obstáculo rápido, tem gente que achou que não ia dar certo. As primeiras digitais não eram de qualidade boa.

Os que se atiraram de cabeça, ganharam espaço e só eles faziam as grandes coberturas porque eram mais ágeis. Por que era mais rápido? Porque ele tinha condições de acompanhar por mais tempo o assunto que ele estava cobrindo. Vou dar um exemplo: Em 95, eu fui fazer a final da Libertadores da América, na Colômbia, com o Grêmio, e o leitor nunca ia imaginar que eu ia ficar 15 dias lá, o jornal ia pagar estadia e tudo para mim; eu iria ficar 10 minutos em campo – que o jogo começava quase 22h –, ia ter que sair em um táxi, ir para o hotel revelar para pegar a rodagem do jornal. Tanto é que no dia do jogo, eles mandaram outro fotógrafo para garantir a foto da entrega da taça, se tivesse. Minha função era essa: faz 10 minutos de jogo, se conseguir três fotos boas, revela, transmite e manda por telefoto. Telefoto é o aparelho que traduzia a imagem em sinais sonoros, aqui decodificava e imprimia. Era um processo caro.

Para o fotógrafo era frustrante pelo fato de não poder acompanhar todo o jogo, por outro lado, como era uma coisa difícilíssima de fazer, despendia uma energia enorme, tinha que pegar todo equipamento, se tu conseguisses colocar uma foto na edição já era ouro. Não interessa se a foto era meio desfocada. O jornal se fez presente e mostrou que a cobertura da *Zero Hora* estava lá porque tinha a foto.

Por outro lado, a chegada do digital te dá mais segurança. As primeiras não, porque tinha que bater a foto e não tinha visor. Então, tu só fazias, tinha que correr lá na sala de imprensa para ver se tinha batido a foto. Outra vantagem é que despendia menos tempo de transmissão, não tinha revelação. Então, podia ficar um pouquinho mais na pauta. Mas, junto com isso começou a vir a parte ruim, que é a cobrança mais forte.

Então, começaram a vir as digitais com o visor. Aumentou mais a segurança, aumentou a responsabilidade. Porque no filme era assim: se desse um tumulto e tu não fez a foto, tu tinhas a desculpa que tinha saído para revelar a foto. Com a digital não tinha desculpa, porque não tinha revelação. E, hoje, é possível transmitir a foto direta do local. Fizemos isso direto, principalmente depois da *zerohora.com*. Principalmente nas pautas factuais. Tu levas o *notebook* e está transmitindo para não perder tempo. A foto chega, é descarregada no sistema e vai direto para a página. Acabou aquele processo de revelar, ampliar. Às vezes é questão de três ou quatro minutos que tu mandaste uma foto tua, e já está na capa do *zerohora.com*.

Outra coisa que essa tecnologia gerou: tu trabalhas mais.

Aumentou o número de pautas diárias por fotógrafo?

Durante um tempo aumentou. No último ano, começou a ficar mais selecionado e aí deu uma queda de novo. No início, quem fazia duas pautas, passou a fazer quatro ou cinco pautas e era uma correria, uma loucura. Os carros do jornal são equipados com rádio. Então, tinha vezes que nem descia do carro: “Mauro, está chegando uma artista, vai ao aeroporto”.

Ao contrário dos repórteres que, com a tecnologia, ficaram mais tempo na redação, os fotógrafos ficaram mais na rua?

Para nós isso foi positivo. É uma coisa que a gente acha bom. Para o fotógrafo, o bom é estar na rua.

E o que mais mudou na rotina do fotógrafo após a parceria do impresso com o *online*?

Com essa coisa da interatividade, o fotógrafo começa a avaliar. Esses tempos eu fiz uma véspera de decisão do jogo do Inter e, no último treino, o goleiro do Internacional se machucou, aí eu fiz a foto e pensei: “essa é uma foto para o *zerohora.com*”. Também pode ser uma foto para amanhã, mas o jornal eu tenho até às 22h para chegar com a foto lá. Aí tu tens que correr para transmitir a foto.

Para a visibilidade do trabalho do fotógrafo, o *zh.com* foi bom ou ruim?

É bom. O aproveitamento é muito maior do que do impresso. Às vezes tu fazes uma viagem de uma semana, e na hora de editar a página usam uma foto aqui, uma ali e outra lá. E no *zerohora.com* tu consegues fazer com que um assunto qualquer renda uma galeria de foto, *slideshow*. Isso é uma coisa legal. O que não é legal no *zerohora.com*? Aí é um embate violento aqui dentro. Ao contrário do que faz a editoria de fotografia, que só pega gente experiente, a *zerohora.com* só pega estudante.

São eles que escolhem as fotos que vão ser publicadas no *site*?

São. Claro que a gente entrega umas pré-selecionadas. Mas quero dizer assim, que a ansiedade deles é tamanha que, às vezes, eles querem se antecipar e muito no acontecimento. Daqui a uns dias, vai chegar ao ponto do cara estar moribundo, prestes a morrer e o *online*, de

tanto encher o saco para adiantar a foto, vai fazer a gente pedir para o cara deitar e colocar o algodão no nariz para adiantar a foto...

Uma semana depois, morreu o Adão Preto, eu fui fazer o velório na Assembléia e acontece essa coisa que a gente tinha feito a caricatura aqui. O caixão está dentro da Assembléia, alguém fala: Agora sai todo mundo que a família vai dar o último adeus para o cara e depois a gente vai encaminhar o caixão para cima do caminhão dos Bombeiros. O que eu fiz? Corri e subi no caminhão, esperando. Daqui a pouco me liga a garota do *online*: “Me manda a foto do caixão em cima do caminhão. Sim, eu estou aqui para isso. Me manda agora. A rádio já deu que está em cima o caixão. Aí foi a mesma coisa do algodão no nariz. A briga é essa; a gente tentar colocar uma coisa o mais atual possível, dentro dos limites.

A mudança da tecnologia analógica para digital provocou um acúmulo de funções?

Eu sou um pouco saudosista porque a foto era uma coisa mais desafiadora. Chegar de uma viagem, revelar, ampliar ...

Piorou porque como tem toda essa facilidade de transmissão hoje, é claro que te cobram mais material. Em uma viagem que eu mandaria cinco fotos, hoje eu estou mandando 15, 20. Dessas, normalmente sai a que tu não gostaste. Ou seja, acabou o momento que tu tinhas certo controle do teu material. Agora não tem mais isso, eles publicam o que bem entendem.

O senhor acha que, por exemplo, com essa nova tecnologia o repórter ficou mais próximo do fotógrafo e respeita mais esse profissional?

Essa parte de respeito está pior justamente por isso: como a tecnologia está acessível ele acha que também pode fazer. O pessoal do *online* vai dando linha porque publica tudo. Às vezes a qualidade é superada pela informação da foto. Um incêndio é um exemplo disso. Até nos ligarem, a gente se deslocar da redação, o incêndio já acabou. Estão só as cinzas. Mas vai ter alguém que fez a foto com celular e vai mandar para o jornal publicar. Não interessa se está desfocada, se o enquadramento não está muito bom. Vale pelo flagrante. E o profissional vai lutando nesse meio, tentando se destacar a cada dia. A cada dia o descompromissado está mais atento à tecnologia, está com o olhar mais treinado de tanto olhar jornal, revistas, acessar *sites*. É diretamente proporcional; quanto mais se consome fotografia - e hoje o consumo de imagem é fantástico, todo mundo tem uma maquininha, seja de celular ou máquina mesmo - mais todo mundo quer fazer foto. Ao contrário disso, o profissional vale cada vez menos.

Uma coisa que te fisgava para o fotojornalismo, além da foto em si, era a vida do jornalista que viajava muito. Se não toda hora, pelo menos estava na fila para ir.

O senhor quer acrescentar mais alguma informação?

Eu me lembro de uma cena. Não vou esquecer essa cena porque foi uma das últimas que eu vi de filme. Em 1999, nós já usávamos uma máquina digital, aquela que não tinha visor na tela. Eu levei uma dessas máquinas, mas levei mais duas da outra para fazer uma Copa América, no Paraguai. Devido à facilidade, pois de manhã tinha que acompanhar a seleção, de tarde tinha que acompanhar a seleção, para de noite revelar filme e transmitir, eu comecei a trabalhar mais com a digital. Mas, claro, havia outros fotógrafos que não tinham digitais e eu lembro a última cena: o Orlando Kissner, que é um excelente fotojornalista de Esporte lá de Curitiba, estava fazendo essa cobertura. E, nos jogos do Brasil, a última cena que eu lembro foi que havia muitos aparelhos ligados em uma tomada só, na sala de imprensa, e ele estava revelando o filme. Ele foi ligar o secador de cabelo para secar o filme, para depois *scannear*, para depois transmitir. Deu um estouro, apagou todas as luzes da sala de imprensa. Quando deu o gol do Brasil, que eu corri para transmitir, a sala de imprensa da metade para cima era só fumaça e o Orlando corria de um lado para outro com o filme para tentar secar ele com o vento. Foi uma gargalhada só porque a cena era cômica.

APÊNDICE K

Ana Maria Benedetti, 54 anos, diagramadora de *Zero Hora*.

Entrevista feita dia 9 de outubro de 2009, na sala de reuniões da *Zero Hora*.

Trajetória profissional

Eu vim para a redação do jornal por indicação. Agora perdi meu paraninfo, meu professor do coração, que é o professor Aníbal Bendati. Guru na área de jornalismo gráfico. Ele foi meu professor no tempo em que a aula era formada por só seis alunos e eu era a única moça. Ele me disse: “Ana, estão abrindo uma vaga lá na redação da *Zero Hora*.” Ele tinha treinado a equipe que trabalhava aqui. Meu primeiro chefe, o Heraldo Bueno, tinha sido aluno dele. Ele me deu um cartãozinho muito bonito, que eu guardo em casa até hoje, dizendo “aqui vai a minha aluna, se você conseguir aproveitar para um teste”.

Quando eu entrei na redação, me apontaram: lá no fundo está seu Heraldo. Ele estava de cabecinha baixa desenhando. Eu achei o máximo porque tudo que eu queria era desenhar no jornal. Cheguei perto dele, esperei que ele terminasse e me apresentei dizendo que era aluna da PUC, do terceiro ano de Jornalismo, e que queria trabalhar ali. Ele, meio em dúvida, perguntou o que eu queria ser. Eu não dei o papel, tentei sem a apresentação. Ele mandou que eu voltasse no outro dia.

A partir dali, eu vinha todos os dias e fazia uma página de serviço. Depois, ele me mandava seguir para o setor da montagem para ver o que eu tinha errado. Fiquei uns seis meses fazendo isso. Mais tarde, passei a trabalhar junto com ele. A gente treinava muito, exercitava muito. Era uma escola.

Quando eu fui efetivada e passei a ser profissional da casa, quando a gente recebia os novatos eu pensava: vou fazer a mesma coisa que ele fazia comigo. Isso acaba sendo um norte para gente. Eu aprendi muito ouvindo mais.

Fiz 30 anos de casa no dia 22 de setembro, sempre fazendo diagramação. É uma área boa para trabalhar e excelente para lecionar. Os alunos gostam, procuram. Achem estranho em um determinado momento, depois fica simples.

No Jornalismo, eu fiquei 19 anos lecionando nessa área de diagramação e projeto gráfico, com muito gosto. Adorava fazer isso. Eu lecionei na PUC. Estou fazendo meu mestrado, quero ver se faço o doutorado também em áreas um pouquinho diferentes para não sofrer tanto. Mas a minha idéia é pegar, justamente, como os profissionais de edição e diagramação conseguem trabalhar juntos com funções tão diferenciadas.

Também fiz curso de Direito e uma especialização na área de Ensino Superior.

Para que serviam os chamados boletins de mudança?

Eram informativos internos para os funcionários. Foram vários. A cada semana eles iam mandando para nós o que iria mudar no projeto gráfico. Inclusive, mudou, para nós, não só os processos, mas a parte física do jornal. Nós ocupávamos o primeiro andar, lá na entrada, e passamos a ocupar esse andar, que era usado pela direção e foi reformado para nos receber. A diagramação foi a primeira turma a subir para a redação nova.

O primeiro sistema da informática usado pela redação foi o CSI. Como a diagramação trabalhava nesse sistema?

Nós pegávamos os textos já digitados, e às vezes pré-editados pelo editor, que ficavam em uma pastinha virtual para desenhar as páginas. Para o diagramador, ele tinha que ter pela primeira vez o contato com o teclado. O diagramador jamais digitou. Para o repórter e o editor, a mudança não era tão grande, simplesmente mudava de uma máquina de escrever para um teclado. Para a diagramação, mudou totalmente a forma de processar a informação, de conhecer a informação, de decodificar a informação e de passar essa informação do papel. Tanto que, na época, nós tínhamos uma equipe muito pequena, acho que eram seis ou sete, e tivemos que dobrar a equipe para poder fazer o mesmo número de página que fazíamos no processo antigo.

As imagens ainda não estavam nesse processo. O texto e as imagens seguiam caminhos diferentes até chegar ao fotolito.

A informatização tornou o processo de diagramação mais demorado?

Não. É que a empresa se modernizou nesse período, criou novos produtos e era uma demanda imensa. Aquela história de que a informatização vinha para reduzir o número de profissionais, para nós foi contrário: dobrou. Como até hoje, nossa área é a que mais contrata na redação.

Cada vez que muda o projeto gráfico ou a empresa adquire novos equipamentos, é feita a reciclagem do pessoal, com treinamento longo.

Naquele tempo tinha outra coisa: o pessoal da redação usava PC e a nossa Arte usava Mac, sistemas que não tinham ligação. Tinha que ser exportado para outro ambiente para juntar as duas partes.

O que eram os diagramas e para que eram usados?

Eram esses papéis. A gente desenhava todo milimetrado porque a gente tinha que pegar as laudas, contar o número de linhas, para depois chegar aqui, com régua de paica, com calculadora...

Qual era a relação do diagramador com o pessoal da fotocomposição?

A fotocomposição era o pessoal que montava o jornal, um setor fora da redação. O diagramador usava códigos para definir o tipo e o tamanho do corpo a ser usado nos títulos, textos e legendas. Esse material ia sair dentro de uma máquina componedora, saía os pedacinhos de papel e, com base no diagrama do diagramador, o pessoal da composição ia colando para formar a página. Quando eu vim trabalhar no jornal, em setembro de 1979, era esse processo manual.

Mesmo com o sistema do CSI, a diagramação tinha que, a cada identificação – pé de página, pé de texto – digitar isso na tela para que saísse os papéis na fotocomponedora. Esses comandos a gente armazenava em teclas de atalho dentro do computador. Mas, se esquecesse de digitar um ponto ou uma vírgula, ele já não lia, tinha que voltar e digitar desde o início. Toda a informação gráfica era dada por códigos que variavam conforme o caderno. Até o início dos anos 90 foi usado esse processo híbrido.

Nessa época, antes de aprender as noções básicas de diagramação tinha que ter domínio da parte de cálculo. Hoje, toda essa parte instrumental está dentro do equipamento. Tu apertas

uma tecla e já entra no tamanho certo. O computador faz para ti. Então tu tinhas que dominar totalmente isso e ainda a parte visual. Não tem como comparar com um trabalho que era totalmente manual, que tu não tinhas nenhuma segurança sobre o resultado.

Quando não existia a tabela de cálculo pronta, tinha como calcular essa tabela. A minha especialização, no início da minha carreira, era exatamente entender de onde surgia essa tabela. Eu criava toda a rotina e montava as tabelas. Mandava para a máquina componedora: corpo tal e aí saía uma tripa de texto. Eu pegava, colava e já media, tem tantos centímetros e eu fabricava a tabela. Eu fiquei uns dois anos fazendo as tabelas, trabalhando em diagramação, então eu acabei sabendo muito dessa área. E é uma área que faz com que a gente valorize muito essa passagem entre o sistema analógico e o digital. O que eu senti mais da mudança do papel para aquela tela... quando nós realmente tiramos o papel, foi uma drama muito sério. Não tinha mais o papel para ter certeza do teu cálculo. Isso foi o mais difícil. Entender que 20cm representavam x na tela. Nossa rotina mudou. O impacto maior foi na área visual porque o pessoal do texto só deixou de datilografar na máquina de escrever e passou a digital no computador.

O que a gente fez? A empresa forneceu no início, uns dois anos, um curso de treinamento básico para os colegas que ficaram. Muitos foram ocupar novas funções na empresa. Acharam que, no momento, não era mais compatível com o que eles gostariam de fazer. Assumiram outras funções.

A diagramação eletrônica trouxe uma proximidade maior entre o diagramador, o repórter e o editor pelo fato deles conseguirem visualizar a página antes de ela ficar pronta?

Facilitou muito. Eu acredito que hoje não se vê muitos repórteres editando suas páginas pelo fator tempo e vice-versa. Alguns diagramadores nossos escrevem bem, gostam de escrever, mas escrevem pouco porque dedicam a maior parte da sua carga horária para produzir projetos, desenhar páginas.

Todo dia sempre tem alguma coisa nova para fazer. Isso requer centralização: ficar dedicado a fazer pesquisa de tipologia, cor.

Como ou quando se define que está na hora de mudar o projeto gráfico do jornal?

Eu acho que, ultimamente, é muito modismo. Por exemplo, hoje, como nós somos muito bombardeados pela TV, pela internet, o pessoal fica receoso que vai perder espaço da área editorial gráfica, impressa para que uma mídia eletrônica exerça em parte essa função. Mas, como o nosso leitor é cada vez mais próximo da mídia eletrônica, a gente precisaria mudar o visual para também estar a serviço desse novo leitor. Então a gente precisa fazer produtos para esse novo cliente para que o jornal permaneça sendo lido daqui a 5 anos, 10, 15 anos. Essa é nossa grande meta.

E o que é lido hoje? Há uns 10 anos se achava que o grande filão estaria em produzir textos mais curtos, deixaria os textos mais longos para cadernos específicos e não no corpo interno do jornal porque o nosso leitor estaria tentando se acostumar com a TV e a mídia eletrônica, tipo internet. Estaria acostumado a receber mais imagens e menos conteúdo de texto.

É nesse período que o jornal aposta na criação de outros elementos paratextuais além do título, como cartola, olho etc, para facilitar a leitura?

O que acontece? As empresas não querem ter prejuízos. Elas montam um plano de um jornal específico, para um dia da semana que, por exemplo, tenha como meta produzir 48 páginas. Essas 48 páginas tem x% de conteúdo e de publicidade. Tem um limite. Então o dono do jornal não pode querer fazer 20 páginas, se ele tem um volume tal de anunciantes que excede a isso.

Teve um ano em que a crise do papel, em razão da suba do dólar fez o jornal reduzir o número de páginas?

Sim. O que os projetistas fizeram? Tentaram criar um tipo de letra que ocupasse o mesmo lugar com mais conteúdo de texto. Como fazer essa mágica? Reduzindo o tamanho da letra. Nós tivemos alguns leitores que ligaram dizendo que não conseguiam mais ler o jornal, que o jornal tinha reduzido o seu corpo de letra, a fonte, o entrelinhamento.

E a colunagem também é alterada?

Cada vez mais por causa da venda de anúncios. Como o anúncio é vendido por centímetro na altura e coluna na largura. Os jornais foram ficando mais estreitos para tentar manter o

número de anunciantes porque subir muito o preço poderia perder. Então, reduzia um pouco o tamanho do anúncio na largura e na altura, mas o valor permanecia o mesmo por um bom tempo.

Com o tempo as colunas do jornal foram estreitando e os espaços em branco foram desaparecendo. O jornal hoje luta muito para ocupar todas as suas áreas porque qualquer área, qualquer centímetro quadrado é importante, deve ser ocupado com uma informação pertinente. Isso obrigou os projetistas a criar projetos que mantivessem uma boa leitura e que mantivessem um nível visual.

E foi essa preocupação pelo uso do espaço inteligente que fez, por exemplo, com que o projeto gráfico de 2009 diminuísse a remissão ao *zerohora.com*?

Eu acho que o leitor já está acostumado com o pontocom. No início, como a gente queria chamar a atenção que nós também estávamos na mídia eletrônica, se pensou que não seria um tiro no pé. Isso no primeiro momento foi estranho porque como nós iríamos chamar para outra mídia que não a nossa. Por isso, a empresa está fazendo um trabalho que cada vez mais é multimídia. O leitor vai ter esse mesmo conteúdo, esse contato, de forma indireta. Se ele quiser pegar na rádio, a rádio vai remeter para o jornal e o *online*, o *online* vai remeter para a rádio e às mídias impressas. Na academia, o estudante já sabe que ele vai ter que se diversificar no início até para ver em que tipo de tarefa ele vai poder se dividir em um determinado momento. Se bem que tem colegas que têm talentos natos em determinadas áreas.

Com a união do *online* com o jornal impresso, em termos de tecnologias, o que mais impactou na diagramação?

O diagramador também teve que se reciclar no seu processo. O que acontecia? O diagramador desenhava, paginava no *InDesign* e se desvinculava. Hoje ele não se desvincula até liberar para o *online*. Então, ele produz toda uma parte impressa e, depois, vai fazer toda a decodificação dessas páginas para encaminhar para o *online*.

Mas a diagramação no *site* não é responsabilidade de vocês?

O *online* não faz diagramação. Ele tem um programa chamado *Viñas* e eles pegam o conteúdo que a gente decompõe, e fica em uma pasta para eles utilizarem, eles arrastam para o *Viñas* que coloca em ordem.

É que essa parte de decompor a informação e mandar para o sistema do *online* não deveria ter ficado com a diagramação. Mas o jornal tentou colocar estudantes de jornalismo, pessoal da área de processamento, mas não deu certo.

Quanto tempo levava para diagramar uma página em papel e quanto leva hoje?

Eu diria que a tecnologia do papel não era muito fácil de ser entendida. Ela era lenta, mas um diagramador rápido faria a mesma quantidade de páginas no papel, na tela hoje. Dominando as tecnologias, elas ficam acessíveis.

O que nós não podemos comprar é a quantidade de páginas do tempo do papel e a quantidade hoje. Hoje, talvez seja 10 vezes mais. Na realidade houve uma mudança enorme de processos, de estrutura, de formas de produção. Atualmente, a cada dois anos há uma mudança na diagramação para acompanhar as outras formas de conteúdo visual que estavam nos batendo na porta.

De quem parte a iniciativa para determinar a mudança?

Geralmente, o editor de arte fica pensando, pergunta quem quer ajudar. Então se formam equipes de área, de parcerias. Aí se faz um piloto do jornal, se passa para estudo; “esse aqui não ficou muito bom, vamos mexer.” Verificamos o que trocar: mais a tipologia, mais a colunagem, os desenhos. O que não tem mudado muito é o espaço dos anúncios. Já faz uns 10 anos que não muda o tamanho do cm/coluna dos anúncios. Isso facilita por um lado porque o formato do jornal tem sido tablóide há um bom tempo. Sempre foi um tablóide.

E a fotografia. Quando chega a máquina digital em 2000, aumentou a presença da foto no jornal?

Eu acho que era, realmente, por causa da mídia visual: *TV* e *online*. Era muito apelo visual. Por opção, adotamos a escola espanhola que sempre utilizou uma foto por página, predominante, bem maior que as demais, para direcionar o olho e a leitura para uma foto

dominante. Diferente da escola americana que trabalhava com mac, com desenhos, com vinhetas, com mais de uma imagem por página. Mas o Rio Grande do Sul sempre teve tradição com foto. Se a gente fizer uma análise nos nossos impressos, a gente vai ver que as fotos sempre tiveram importância, que os jornais sempre contrataram ótimos profissionais da fotografia. Dentro da área da fotografia há uma base boa de jornalismo visual, que sempre foi muito valorizado. Existe essa cultura da foto nos nossos impressos. Uma boa matéria com uma boa foto só pode ter um bom resultado. Houve um período em que não se publicava matéria sem foto.

Como está a integração entre *online* e impresso?

As duas mídias combinadas, trabalhando juntas, se completam. Agora, até os profissionais ligados a essas mídias, às vezes, são os mesmos ou estão mais interligados. Os equipamentos que eles usam já são os mesmos. A tecnologia entrou para facilitar esse intercâmbio entre mídias. Facilita muito na hora em que o profissional de texto sair para produzir para o *online*; ele, ao mesmo tempo, pode passar aquela matéria via celular para o *offline*, então ela já está produzindo as fotos, via celular ou não, direto para o setor de fotografia que já faz a triagem e já separam o que vai para o *online* e *offline*.

Na realidade, o que o *offline* perde? O tempo porque ele não está 24h no ar como está o *online*. O *online* sempre vai furar, sempre vai dar na frente, como a rádio, e que nós (impresso) vamos tratar essa informação de forma diferenciada. Amanhã o jornal sai com essa mesma informação, mas, por outro ângulo, de outra forma, outra maneira.

O leitor que acessou o *online* compra a *Zero Hora* porque vai querer ver os detalhes.

Então o *online* provocou uma mudança no impresso?

Mexeu. Aqueles impressos que estão sabendo dominar as novas tecnologias, estão tendo consciência de que não há volta e tentam pelo menos se manter no mercado.

A senhora tem mais alguma informação para acrescentar?

Aqui tem um esquema de como funcionava a nossa rotativa antiga. Não mudou muito. Os processos são os mesmos, só a forma do equipamento mudou um pouquinho.

Isso aqui é do sistema antes da editoração eletrônica. Como não tinha tela, a gente bolava caderno para as consultas. Tinha as aberturas 4 e 5, página com anúncio, sem anúncio, modelos de capas, contracapas. Tudo era montado no papel, a gente tirava xerox e cada colega recebia um desses. Isso era a essência do que a gente fazia no dia-a-dia.

Isso aqui é um catálogo antigo, de 80. Foi o meu primeiro catálogo logo que eu vim para cá, com as nossas antigas fontes. Era por aqui que a gente sabia os rendimentos por números de toque. Porque além de calcular o texto, tinha que saber o tamanho do título. Nós tínhamos duas máquinas para compor títulos, as tituleiras, e máquinas para compor os textos.

A cada mudança de projeto muda as fontes, o desenho e aí o que acontece? Mudam as tabelas. Tinha que sair atrás pesquisando, montando as tabelinhas.

APÊNDICE L

Patrícia Oliveira, 30 anos, supervisora do Centro de Documentação e Informação (CDI) de *Zero Hora*.

Entrevista feita dia 8 de outubro, no CDI

Trajetória profissional

Eu entrei na *Zero Hora* em junho de 1999 como auxiliar de pesquisa, quando estava no meio da faculdade de Biblioteconomia. Nessa época, o nome do setor era *Banco de Dados*. Ele era separado em arquivo fotográfico, pesquisa e indexação.

O que era a indexação?

A indexação pegava as matérias do *Quark* (programa de editoração eletrônica usado na época pelo jornal) colocava no sistema de indexação e, depois, no *Fólio*, que era o programa onde a gente fazia a pesquisa das matérias. O arquivo fotográfico ficava responsável pelo controle e arquivo dos negativos, e pesquisa de fotos também. A pesquisa fazia pesquisa de textos, em jornal, revistas e na própria *Zero Hora*.

Como era feita a pesquisa de texto?

Antigamente essa pesquisa era feita no *Fólio* e hoje no *NXT3*, que é o substituto do *Fólio*. Aposentamos o *Fólio* porque ele armazenava só texto, HTML. O novo programa arquiva PDF das páginas e viabilizou a visualização da página inteira com as fotos e os infográficos.

Como ocorreu a transição do chamado Banco de Dados para o que é hoje, o Centro de Documentação e Informação?

Na verdade, ocorreu apenas uma troca no nome. Microfilme tem desde sempre, os recortes existiam desde sempre. Foi em 2003 que nós paramos de fazer.

Em 2000, começou o *TelescopePro* que é a base digital de fotos. Apesar disso, não foi feito o descarte de nenhum material. Nós mantemos os chamados contatos das fotos em pastas. A idéia é ir digitalizando aos poucos.

Como é feita a digitalização?

É um processo demorado, difícil, caro, trabalhoso. O jornal é passado em um *scanner*, obedecendo a certas especificações. Tem um percentual definido de contraste e uma configuração padrão.

Isso vira uma foto. Não adianta fazer buscas por palavras que ele não vai reconhecer. O segundo passo é passar um *software* chamado OCR - Reconhecimento Ótico de Caracteres. Ele converte a imagem para textos e permite a pesquisa. Mas, então, o que acontece? Ele não reconhece tudo. Se tiver um caracter diferente, uma letra com acento, ele não reconhece. Não é 100% preciso.

A digitalização respeita a diagramação da página do jornal, inclusive o uso ou não de cores na impressão.

O material armazenado é de todos os jornais do Grupo RBS?

Temos microfilme aqui da *Zero Hora* e do *Diário Gaúcho*. A *Zero Hora*, desde 1964, e o *Diário Gaúcho* desde 2000. Dos outros jornais, a gente tem armazenado desde o uso do *NXT3* em cada um deles. E cada jornal é responsável por guardar/arquivar os jornais impressos e microfilmes.

Ainda são mantidas as pastinhas de papel com recortes de jornal?

Sim. Isso é a minha menina dos olhos. Eu fiz durante muito tempo. As pastas têm três divisões: uma que é o geral, por exemplo, Esporte/Natação. Outra que é o geográfico, por exemplo, Brasil/Rio Grande do Sul/ Porto Alegre. E outra que é o biográfico, que é pelo nome das pessoas.

Os funcionários do Grupo RBS têm acesso aos jornais por meio do uso do *NXT3* instalado nos computadores. E o público em geral?

Usa o mesmo programa, só que precisa vir aqui pesquisar para a gente não perder o controle do uso que é feito do material. E não está disponível na internet.

Como funciona o acesso a pesquisa para quem não é da empresa?

Quando é para fins acadêmicos, trazendo um ofício da instituição, não tem custo nenhum para fazer a pesquisa. A gente só cobra as cópias e, dependendo do assunto, precisa de autorização ou não. Um exemplo são os assuntos relacionados à política e violência. A gente tem uma ficha que a pessoa preenche com o assunto e diz qual é a finalidade.

Quem orienta essa busca pelas informações?

As pessoas nunca ficam sozinhas ali. A gente sempre orienta, mostra como funciona e aí a pessoa faz. Quando as pessoas têm mais idade ou não estão habituadas a usar computador, a gente fica junto o tempo todo.

O uso do NEX3 proporcionou mais autonomia ao trabalho de pesquisa do jornalista?

No começo, muitos pedidos eram para conferir a grafia correta de um nome. Sim, deu autonomia para os jornalistas. O programa permite a pesquisa tanto em todos os jornais ao mesmo tempo, quanto em jornais específicos. Permite a busca de matérias por nome de repórteres, por data, por palavra-chave, por editoria, por assunto. Tem várias opções.

Antes do uso do NEX3, se um jornal do interior precisasse de uma informação específica, como era feito?

Tinha que solicitar por telefone, a gente fazia o xerox e enviava por fax.

Qual é a quantidade de fotos arquivadas mantidas pelo CDI?

Se não me engano, são quatro milhões de fotos digitais de todos os jornais do grupo. Diariamente são indexadas, entre 360 e 560 só na *Zero Hora*. Esse material fica armazenado no servidor. No começo, não tinha limitação para armazenamento, mas o espaço começou a saturar. Hoje tem um limite de cerca de 10 fotos por pauta.

A quantidade de fotos em negativos armazenada é difícil precisar porque tem negativos com quatro fotos, outros com 36.

Como é feita a indexação de fotos?

Depois da pauta, o fotógrafo seleciona as fotos e cadastra informações como assunto, palavra-chave, data, local que permitam localizar as imagens depois.

Como definir a importância da CDI?

O CDI dá suporte a vários setores do Grupo RBS (como Marketing, Direção, Comercial) além de atender todas as redações dos jornais. Além de preservar a memória dos jornais.

Quanto ao novo programa de pesquisa, que será implantado em breve, que vantagens ele vai oferecer?

O que muda é que, hoje em dia, a gente usa um programa para pesquisar texto (*NXT3*) e um para pesquisar foto (*Telescope*) e, com o novo sistema, vai ter tudo no mesmo lugar. Ele estará disponível em todos os computadores dos jornais do grupo.

O novo sistema permitirá ainda armazenamento de infográficos do impresso, do *online* ainda não, porque o sistema não suporta *flash* e companhia porque é muito pesado. Muito mais por falta de espaço do que por incompatibilidade do sistema.

APÊNDICE M

Luiz Adolfo Lino de Souza, 49 anos, editor de Arte de *Zero Hora*.

Entrevista feita dia 8 de outubro de 2009, na sala de reuniões de 2009.

Trajetória profissional

Eu não sou apenas um diagramador. Eu sou um jornalista que trabalha com design gráfico em jornal diário. E agora me preocupo bastante com a questão da internet, e o impacto dos nossos concorrentes. Eu saí do *Correio do Povo* para vir para a *Zero Hora*, em 1988, depois de ter feito o relançamento do jornal em 1986, quando ele deixou de circular por dois anos. Eu tinha realizado o projeto do *Correio do Povo* com a idéia das notícias curtas, após passar o jornal do formato *standard* para tablóide. Depois de trabalhar dois anos lá, fui contratado para trabalhar com o consultor gráfico de vários jornais pelo mundo, Mário Garcia, na reforma de *ZH* em 1989. Fui contratado pelo Lauro Schirmer e Carlos Fehlberg, respectivamente, diretor e editor-chefe de *ZH* desde os primeiros anos.

Eu sempre gostei muito de pensar os jornais não só do ponto de vista gráfico como do ponto de vista editorial: inventar seções e melhorar a compreensão das páginas com elementos gráficos. Eu trabalhei com cinco diretores de redação com essa preocupação em *Zero Hora*.

Também sou professor da PUC nas disciplinas de projeto gráfico I e II, produção de revista e jornal desde 1989.

Gostaria de saber de que forma essas tecnologias digitais impactam no projeto gráfico de *Zero Hora* em 1989, 1999 e 2009?

Eu acho que esse período que tu escolheste é bem representativo, embora a gente tenha algumas fases intermediárias. *Zero Hora*, dirigida por Lauro e Fehlberg, teve uma trajetória de muita concorrência com os jornais da então Caldas Júnior. Em 1989, 1999 e 2009 realmente aconteceram mudanças importantes nessa competição, resultado de mudanças de mercado e nova linha editorial.

Essa capa teve problema com reprodução das letras (olhando uma capa de *Zero Hora* de 1989). Ela não saiu assim. De todas as letras dessa época, a correta é essa da capa do Collor.

Aqui tem o seguinte. Tua última amostra é de 20 de agosto de 89 e, no dia 21 de agosto de 1989, nós mudamos o jornal. A gente terminou com esse modelo aqui, fizemos outro. Então, são quatro modelos de 1989 para cá.

Essa capa de *Zero Hora* (de 1989) dá para dizer que, com alterações de equipamentos para pré-impressão e impressão, esse modelo durou entre 70 e 88. Em 1970, era ainda inspirado nos primeiros jornais de 64. A partir de 21 de agosto de 1989, estreou um novo modelo de desenho de jornal que tinha alterações tecnológicas, mas fundamentalmente tinha uma nova proposta editorial com o projeto criado pelo Mário Garcia.

Depois, ocorreram mudanças de tecnologia de 1995 para 1996. Esse jornal aqui de 1999 já é feito em paginação eletrônica.

Agora, no jornal de 2009, estamos mudando muito mais pela nova impressão do que qualquer outra alteração de método de pré-impressão. Esse jornal aqui (2009) assinala essa tendência da *Zero Hora* com impressão colorida total, feita no novo parque gráfico, localizado próximo ao aeroporto de Porto Alegre.

O jornal de 1988, 1989 era todo feito com fotocomposição, com títulos e textos, compostos eletronicamente, só que colados a mão na página. A gente tinha evoluído na oficina lentamente, passando por todas as fases que a maior parte dos jornais do Rio Grande do Sul e do Brasil passou. Depois da composição tipográfica, com o sistema de pré-impressão para o *offset*.

A *Zero Hora* entrou no *offset* bem no final dos anos 70. A gente trabalhava com sistema de fotocomposição e *past-up* manual. Nesse momento de 88 para 89, mudou o desenho do jornal, mudou o visual do jornal, com a contratação do Mário Garcia em 88, para sair um novo projeto em agosto de 89, pelo fato de que ele havia trabalhado com a RBS, em 86, na criação do *Diário Catarinense*. Depois de ter feito o projeto em Florianópolis, ele foi convidado para redesenhar a *Zero Hora* em 88/89. E eu fui indicado, por estar aqui dentro do jornal, para trabalhar no projeto e cuidar da filosofia gráfica do jornal depois do lançamento.

Isso tudo era feito em *past-up* manual e, na impressão, *Zero Hora* foi, aos poucos, agregando mais cor no jornal, até passar a ser diariamente impressa em cor. Mas não com a capacidade de cor que a gente tem hoje em dia. Tínhamos uma limitação de cor; para imprimir 64 páginas a gente fazia metade com cor e mesclava páginas em preto e branco com as páginas coloridas.

Nesse modelo de 99, a gente fez um desenho que já era mais fruto de mudanças editoriais. O desenho do jornal já era feito por meio de paginação eletrônica com o *Quark-Xpress*. A *Zero Hora* aqui já estava com outro logotipo, já usava outras tipografias e procurava o modelo que já tinha inspiração em jornais que eu pesquisei e a empresa autorizou, como os espanhóis *El Pais*, *La Vanguardia*. Então, esse é o projeto de 99 que marca os 35 anos do jornal.

Na tua pesquisa observa-se uma transformação bem marcante em 92, quando o jornalista Augusto Nunes foi contratado para dirigir a redação do jornal. Esse jornal de 99 já vinha sendo remodelado em 92. O ano de 94 foi uma data importante para *Zero Hora* porque foram os 30 anos do jornal. ZH mudou o logotipo, abandonou esse formato que tinha nas versões anteriores, o “quadrado”, que havia sido criado com a inspiração da *Última Hora*. O autor do primeiro logotipo da ZH foi o jornalista argentino Anibal Carlos Bendati. Depois teve esse logotipo aqui, que foi o logotipo criado pelo designer Hans Donner; e aí, em 94, para marcar os 30 anos do jornal e uma nova posição da *Zero Hora* no mercado do Rio Grande do Sul, adotamos esse logotipo horizontal. Minha inspiração ao desenhá-lo foi a dos grandes jornais com tipografias clássicas.

Então essa mudança de 99 consolida esse processo que vinha acontecendo ao longo dos anos 90, com o Augusto Nunes assumindo ZH, depois o Marcelo Rech sucedendo-o. E era um jornal já com esse sistema de produção baseado na paginação eletrônica, com um cuidado editorial e uma percepção mais completa da página porque o antigo *past-up* manual e o desenho era mais difícil de entender e, com a paginação eletrônica, você enxerga na tela o que iria sair na impressão. Havia mais segurança, diminuía o número de erros e a questão gráfica era mais democratizada entre os profissionais da redação. O repórter, o redator e o editor podiam ver a página e ver como ela ia ficar impressa no papel, sem intermediários.

Isso foi em 95 e 96, com a introdução da editoração eletrônica dentro da *Zero Hora*. Também se aprimorou o esquema de pré-impressão, com um ganho de tempo para a redação de vários minutos. Dentro do processo também, porque com a paginação eletrônica, depois a área de

pré-impressão começou a trabalhar com gravação direta da chapa para o computador e, após, veio o CTP.

Acaba o fotolito?

Não totalmente, nessa fase de transição. Mas passaram a existir as duas fórmulas. Além disso, possibilitou a importação de arquivos de anúncios diretos para a página. Então, funções que eram muito separadas passaram a existir de forma integrada nesse sistema de texto, página, foto e anúncio no mesmo arquivo. Para, agora em 2005, a gente adotar o *InDesign*. Nós continuamos trabalhando de uma maneira similar com o *Quark*, fazendo alguns ajustes de rotina e até nem aproveitando tanto o *InDesign* como ele poderia ser aproveitado. Mas aqui a rotina do jornal acaba sendo mais forte que os recursos e as facilidades que o programa propicia.

Com o *InDesign* houve uma qualificação do trabalho porque é um *software* que tem algumas vantagens bem claras em relação ao *Quark*. Também existiu o fato de que o jornal estava adquirindo uma nova rotativa, o que possibilitaria a impressão com 64 páginas totalmente coloridas. Trabalhávamos com *InDesign* e, quando se anunciou que em junho de 2009 teríamos uma nova rotativa, sugeri uma atualização visual do jornal. Dessa atualização partimos para uma proposta editorial que ainda está começando e que coincide não só com o momento dos jornais impressos no mundo. Mas, coincide também com o momento da própria *Zero Hora* e seu atual time de redação e, também, uma nova postura da empresa em relação aos seus produtos. Essa é a nova função do Marcelo Rech, como Diretor de Produto, e a nova função do Ricardo Stefanelli, como Diretor de Redação. Fiz essa proposta de renovação gráfica, de a gente preparar o jornal para essas novas tendências que estamos vivendo em relação à internet, em relação aos hábitos dos leitores e, ao mesmo tempo, às novas idéias dentro do jornal.

Às vezes, o projeto gráfico é importante para ser um motor que impulsiona ajustes editoriais, de adequação visual, de renovação das equipes e funções. Nessa linha de pensamento o jornal foi lançado em 26 de junho de 2009. E a gente vem trabalhando há três meses com uma idéia que ainda tem que evoluir, mas do ponto de vista de proposta gráfica, a gente já fez o que tinha que fazer. O que a gente fez? Tratou o jornal de uma forma gráfica mais leve, mais próxima da revista e aproveitando o potencial da cor.

Isso tem relação, nesse período, com a consolidação da *zerohora.com*?

Sim, porque de certa forma a gente já está trabalhando com *zerohora.com* há dois anos dentro da redação de *Zero Hora*. E a gente já tem bem claro esse trabalho paralelo das duas plataformas. A gente embasou o projeto nessa idéia de que o jornal do dia seguinte pode ser um jornal com uma proposta que não seja o factual, que é a proposta básica da internet. Ainda não estamos executando em 100%, mas a gente está fazendo um jornal, tanto do ponto de vista gráfico como editorial, muito mais complementar com a internet. Há dois anos, acompanhando o noticiário *online*, com uma equipe voltada para o *zerohora.com* e imaginando como se faz um jornal que vai chegar à casa do leitor de manhã. Hoje, temos muito mais clara essa idéia de que são dois produtos diferentes.

Então, juntando esse marco de nova rotativa, às mudanças estruturais e também esse momento novo da empresa, a gente fez um produto novo em 2009.

É impressão minha ou as remissões a *zerohora.com* diminuíram nesse projeto de 2009?

É possível porque a gente já tem a *zerohora.com* mais ou menos consolidada. Também tinha aquela coisa de estar sempre remetendo para o *online*, não que fosse uma coisa inexecutável, mas não é muito prático o leitor largar o jornal e procurar mais informações na internet. Isso é uma falha que, de certa forma, foi do princípio dessa convivência.

No projeto gráfico anterior o impresso tinha mais a função de divulgar o *site*?

Divulgar e mostrar que o jornal estava posicionado na nova mídia também, mas, de certa forma, acabou esquecendo o leitor do próprio jornal e se voltou muito para o outro leitor (*online*). Não só aqui, mas em outros jornais, já está se consolidando a idéia de que a internet tem seus conteúdos específicos e o jornal tem os seus. E o jornal até pode chamar para a internet o que é exclusivo da internet. Por não ter limitação de espaços, por dispor de outros recursos, essa notícia pode ser muito bem dada na internet. Mas o papel (jornal) não pode sonegar algumas coisas porque esse leitor talvez não vá até lá (internet). É a consolidação de um pensamento pois, sobre a mesma marca: *Zero Hora*, seja papel ou pontocom, a gente tem leitores com tempo e hábito próprios.

E o que vai acontecendo com o texto em *Zero Hora* de 1989 para cá?

Aqui, por uma grande coincidência, tu vais ter que olhar o jornal depois do dia 21 de agosto. Como era o jornal dessa fase. E são quatro fases, não três. Esse jornal aqui (antes de 21 de agosto de 1989) era orientado exclusivamente pelo texto. O corpo de letra usado nos textos era no máximo corpo 8. Nós tínhamos o hábito de diagramar em corpo 8, mas se não dava, colocávamos corpo 7 em uma matéria.

Estou pegando outros modelos de página para ver como a gente vem diminuindo o volume de texto, como a gente abandonou também essa coisa de larguras maiores de matérias para preparar o leitor para o novo visual.

Antes da mudança maior, definitiva, por recomendação do projetista Mário Garcia, a gente vinha fazendo algumas alterações graduais. Uma delas era a troca da letra que a gente ia trabalhar no futuro. Nós já tínhamos mudado o modo de assinar as matérias. A gente já vinha mudando porque diagnosticava que isso era a coisa mais perceptível quando se mexia no texto em uma reforma. Então, dá para ver pela letra do texto e pelos intertítulos que aqui, na véspera, o jornal já estava mudado. O que aconteceu no outro dia? Mudamos os títulos e o desenho das páginas. Daí é importante que tu tenhas a abertura da editoria. Porque ela tinha o modelo de uma cultura de tópicos em duas colunas e depois a gente sempre diagramava três matérias, uma em cima da outra nas outras três colunas e abrimos mais as fotos. Isso foi uma mudança muito grande no texto.

Por que acontecia do texto ficar com viúvas na página?

Isso aí sempre vai acontecer. A gente pode até programar que com quatro ou cinco letras se ajuste tudo, mas isso é muito difícil de resolver na pressa de um fechamento sempre em cima da hora.

Junto ao crédito da fotografia dessa época (1989) se usava muito a palavra arquivo. Isso de deve à dificuldade de cobrir matérias factuais?

O jornal usava muito arquivo porque muitas fotos vinham de telefoto que, além da qualidade não ser muito boa, tinha alto custo. Tinha que se assinar agência. E, às vezes, acontecia que uma foto de arquivo era repetida várias vezes.

Isso mudou a partir de 1992, com o Augusto Nunes. Ele contratou várias agências de notícias e de fotografias. O jornal passou a gastar mais com imagens. Mas esse custo de agência é muito variável dentro do jornal. Chega um momento complicado, de redução de custos e a primeira coisa que se faz é cortar serviços de agência. Nós chegamos a ter assinatura de *New York Times*, de *Washington Post*, de revistas e tudo. Só que isso tinha um custo que pesava mais ou menos, de acordo com a fase econômica.

O que eu posso te falar de 1988 para 1989 é que houve uma transição entre tendências de jornal pesados, que colocavam muita matéria por página, e usavam corpo pequeno de letra, para um jornal com corpo de letra maior, com mais espaços em branco, com fotos maiores, que era a principal crítica que o consultor Mário Garcia fazia ao projeto gráfico da *Zero Hora*. Era um projeto pesado, muito cinza, sem cor nas páginas internas e os jornais dessa época já trabalhavam com mais branco e tipografias leves e maiores. O que ele fez? Ele trocou para a capa uma tipografia que mescla caixa alta e caixa baixa. Antes era só caixa alta. Saiu desse título (apontando para a manchete) que era um título sensacionalista para um título mais clássico de jornal e abriu as fotos dentro do jornal, reduziu o tamanho das matérias. O jornal foi redesenhado bem nesse padrão que está inserido no boom dos *design* de jornal feitos com paginação eletrônica.

Em 1989, é já a fase dos computadores dentro da redação. Não só os PCs, mas os Macintoshes. A *Zero Hora* criou também uma Editoria de Arte, com uso rotineiro da infografia, de recursos de mapas, tabelas, gráficos. Isso tudo está dentro dessa filosofia do jornal mais visual, com a preocupação de formar repórter e os editores nessa idéia central: qual é a melhor maneira de eu apresentar graficamente a minha matéria?

Foi feito um treinamento?

Sempre. E fotógrafos e artistas passaram a ter um novo papel dentro da redação. E profissionais que não trabalhavam dentro da redação, como os ilustradores, aumentaram de número. Eles faziam gráficos, discutiam com os editores, com os redatores de como resumir

informação. Foi nessa época que tudo era explicado: como funciona isso? Como se dá o processo daquilo?

De que escola é o Mário Garcia?

Ele é um cubano que saiu de Cuba com 14 anos, foi para os Estados Unidos, se formou em jornalismo, trabalhou em várias redações de jornais e, depois, virou professor e consultor de publicações por todo o mundo. Ele é um dos consultores mais importantes da década de 80 para cá. Antes, quem eram consultores nos jornais, no aspecto gráfico, eram os caras que vendiam os equipamentos, como em qualquer setor. Ele tem um *site*: www.garcia media.com. Ele já remodelou cerca de 400 jornais e a RBS foi um dos primeiros clientes dele. Tanto é que, quando ele chegou aqui em 1986, ele já tinha redesenhado vários jornais, mas o *Diário Catarinense* ele criou do zero. Ele comenta que esse projeto foi marcante para a carreira dele.

Em 89, os jornais estavam competindo com as revista e com a televisão. O *USA Today*, que só tinha 7 anos, foi lançado em setembro de 82 como o jornal que ia combater a televisão. Foi o *USA Today* que criou a página do tempo, que criou este formato de veicular uma notícia de cada Estado americano. Foi ele que apostou nos gráficos para o jornal diário: qual é o percurso que faz uma mala dentro do aeroporto Kennedy? Como é um computador por dentro?

Então, em 89, depois do investimento em computadores Mac, contratou-se infografistas, editor de arte; chamamos um consultor e decidimos: agora nós vamos fazer um jornal mais visual. Nem pensar em fazer uma página inteira sem foto como é esse jornal de 88, nem pensar em fazer uma página com 180 cm de coluna. E a gente baixou para 100cm e, hoje, a gente não faz uma página com mais de 80cm. Isso em 20 anos. Então, isso é muito significativo como tendência, apesar da crítica ao conteúdo das publicações com essa priorização para o visual.

Essa mudança fez com que a página, ao reduzir o tamanho do texto, ganhasse mais informações?

Aí começou a morrer o nariz de cera, a coisa supérflua do texto, a opinião desnecessária. Decidiu-se que um bom texto podia ser escrito em 100cm. Em todas as redações do mundo começou-se a reconhecer que texto bom não é texto grande. Texto bom pode ser pequeno

também. O Augusto Nunes chegou aqui em 1992 para mudar a *Zero Hora* e ele mudou. Não sei quanto tempo depois que ele chegou, renovou a equipe e estabeleceu essa filosofia.

Na verdade, já que tu estás fazendo esse trabalho, é bom que tu entendas. A mudança começou pela parte gráfica com o Mário Garcia, em 88/89, mas o projeto editorial se consolidou mesmo em 92, com o Augusto Nunes que mudou a fotografia do time. Muitas pessoas deixaram o jornal. O Augusto, que era diretor da *Veja* durante 14 anos, chegou aqui dizendo que nenhum texto é incortável.

O senhor acha que ele trouxe essa mudança já baseado nesse modelo revista?

Sem dúvida. Porque uma das primeiras coisas que ele falou e trabalhou como conceito é que a *Zero Hora* tinha que se "arrevistar". Ele pensava nisso pelo formato pequeno do jornal – ele não estava acostumado com o formato tablóide –, mas achava que era um jornal perfeito para fazer esse estilo revista. Ele não conseguiu implantar totalmente o modelo, porque a *Zero Hora* já tinha toda uma história própria. Mas o Augusto fez uma série de matérias, uma série de pautas que eram pautas de revista. Mostrava que ele tinha toda essa bagagem de *Veja*, de revista semanal que podia ser utilizada em um jornal diário.

É com o Augusto Nunes que é implantado o uso da cartola, do olho etc?

Não. Isso é do projeto do Mário Garcia. De certa forma, o Augusto, quando chegou em 92, quis alterar o projeto do Mário Garcia. Como é natural com qualquer editor que assume um jornal e pretende implantar seu estilo. Quem não colaborou muito fui eu. Poderia ter deixado e o projeto do Mário Garcia desaparecer, mas eu achei que tinha uma responsabilidade de ser o zelador e tentei adaptar o que o Mário Garcia pensava ao modelo do Augusto. Porque as primeiras coisas que o Augusto fez, três anos depois de ter lançado o projeto, era alterar a proposta gráfica do jornal e, de certa forma, a gente foi resistindo. Eu considerava que podia ser feito um novo projeto editorial conservando o projeto gráfico.

Eu consegui salvar algumas coisas, mas em 94 o jornal já mudou o logotipo. Por que eu concordei que mudasse o logotipo? Porque o próprio Mário já tinha sugerido uma mudança em 1989.

A mudança de projeto gráfico é complicada. Ele precisa se renovar, mas ao mesmo tempo, tem que conservar algo do projeto original para manter a identidade preferida pelo público

leitor. Eu fiz esse meio campo o tempo todo. Em 94, quando mudou, aí não teve mais o Mário Garcia. Fizemos todo projeto, mas conservando algumas coisas do Mário Garcia e brigando com o Augusto. Ele dizia: “esquece o Mário Garcia”. E eu dizia: não vou esquecer, Augusto, porque algumas coisas que ele fez ainda estão sendo utilizadas. São tendências dos jornais. E foram grandes brigas... E, desde 94, eu venho cuidando do jornal.

E esse projeto de 99, ele tem algumas coisas misturadas do Mário com o Augusto. Por exemplo: o Augusto achava que a principal matéria de cada editoria tinha que estar na abertura e que um jornal tinha que ter três ou quatro grandes matérias em política, economia, geral e esportes. E o Marcelo Rech também seguiu essa filosofia de edição.

Foi nesse momento que se ganhou o contato com o leitor por meio do acesso aos telefones da redação?

O Augusto também propôs isso, porque já havia essa tendência de interatividade com o leitor. A *Zero Hora* foi um dos primeiros jornais brasileiros a fazer isso, inspirada no jornal mexicano, *Reforma*, que foi lançado em 1992. Visitamos, eu e o Marcelo, o *Reforma*. O jornal tinha um conselho de leitores, que depois implantamos em ZH, e o *Reforma* trazia o nome dos editores e os telefones no alto das páginas e já era óbvio que quando chegasse a internet teríamos espaço para o e-mail.

Outra tendência do projeto editorial era o jornal surpreender o leitor. O Augusto não gostava de editoriais iguais todos os dias. Ele tinha muito essa coisa de textos interpretativos que ele chamava de “pensatas” para estimular a leitura de coisas fora da agenda diária. Ele mandava alguém escrever sobre a chegada da primavera e colocava na contracapa do jornal com uma boa fotografia. Ele valorizava muito o texto, mas ele considerava que o texto tinha que ter o tamanho necessário. Para ele, uma matéria, para ser boa, não precisava ter 10 páginas do jornal. De certa forma, essa foi uma grande diferença para ZH dos anos 1980 que disputava a liderança com um jornal de tamanho grande como o *Correio do Povo*.

Nesse período, o ponto (box) e o infográfico ganham força?

Aí é uma evolução nossa. Também tinha muita ilustração. Há ilustradores nossos que estão com a gente há muito tempo.

Só que nesse jornal de 1999 o Augusto não estava mais na direção de ZH. Ele é uma extensão do que o Augusto pensava, mas já com o Marcelo Rech no comando. Novos conceitos e seções foram criados pelo Marcelo. Mas foi um jornal muito apertado em termos de paginação. Teve uma crise de papel em razão da desvalorização do Real frente ao dólar.

Em 1999 já aparece o *lead* destacado?

Esse *lead* destacado foi uma criação do Marcelo. O Marcelo achava que ele poderia agilizar a leitura, dar um resuminho do conteúdo e informar mais na leitura rápida. E era uma inspiração do *lead* que se usava nos anos 70 e 80 no *Jornal do Brasil*. Ano de 2009 (com um exemplar do jornal nas mãos). Esse aqui é um jornal que tem três meses de circulação. Outra característica desse projeto é o recurso dos títulos um pouquinho mais destacados para valorizar o título principal como entrada para a leitura. A principal modificação é a introdução da cartola maior em azul que, aí, eu criei como recurso que está igualmente nos telejornais, ou como a gente está vendo nas páginas da própria internet e revistas. Um antetítulo ou cartola antes dos títulos acrescenta certa interpretação, um toque de humor, que deixa a edição mais descontraída porque a notícia factual mesmo, já está na internet. A gente pode, no jornal do dia seguinte, fazer esse antetítulo aqui numa tentativa de jogar para frente o tema, de projetar ou olhar para trás. Não só no título factual. É um recurso novo que, às vezes, a gente acerta, às vezes, a gente erra. Causou muita polêmica aqui na redação esse novo recurso entre editores. A idéia era dar uma “arrevistada” na fórmula. Também comparar com o nosso concorrente, o *Correio do Povo* e os outros jornais da cidade. Porque o nosso concorrente faz títulos em um modelo tradicional e um pouco antigo. E eu acho que a gente pode tentar uma edição mais trabalhada com esse antetítulo azul em destaque, como nós temos chamado. De certa forma dá uma leveza para a página.

Os anos de 1989, 1999 e 2009 são marcos, mas a gente foi ajustando as coisas aos poucos. Essa fase de 99 foi a fase da cartola. Mas tem uma fase anterior a essa aqui que essa linha de apoio subiu para antes da cartola, porque tínhamos o problema do espaço em branco com um jornal mais apertado pela referida crise do real e do dólar.

Agora, em 2009, eu disse: não vamos mais apertar o jornal. O jornal vai ser mais colorido e temos que valorizar as fotografias e a impressão em cor, já que ZH vai ter uma máquina rotativa com muito mais qualidade de impressão. Depois, eu não penso apertar o jornal com títulos pequenos porque nós vamos fazer algo semelhante ao *Correio do Povo*. Onde é que a

gente está ganhando esse espaço que em tese a gente perde cedendo espaço para a fotografia, para o antetítulo, título e linha de apoio na página? Perde-se, entre aspas. Ganhamos em um texto bem enxuto, bem editado e mais objetivo. Num texto bem editado. Então, texto bom, hoje em dia, é quase que obrigatório nesse formato de jornal moderno porque a *Zero Hora* é um jornal que continua tendo várias páginas de publicidade, apesar de qualquer crise.

Queremos aumentar as fotos porque as nossas fotos são boas, nossos fotógrafos são bons e as fotos são impressas com maior qualidade. O jornal hoje é percebido pelos leitores e anunciantes quase como uma revista diária. Fora isso, a gente tem uma série de peças de apoio de edição: contraponto, frases, leia mais, saiba mais... O que sobra para o texto? Um texto fechadinho, enxuto e bem editado. A gente tira algumas coisas do texto e coloca em quadros explicativos. O quadro de apoio é um complemento e não mais uma peça redundante. O jornal ficou muito mais elaborado em edição.

E quando se começa a valorizar mais o uso de notas no jornal?

É em 1999. Do projeto editorial de 1999 para 2009 a gente mudou muito pouco. Agora, a gente mudou muito o projeto gráfico porque já se passaram 10 anos nessa filosofia. Adotamos, de certa forma, uma escola de design. Hoje dá para resumir em cinco profissionais, no mundo, que fazem jornais assim: é o nosso consultor Mário Garcia, um espanhol de Barcelona, o Toni Cases, outro espanhol de Navarra, o Javier Errea, o escocês que é o Ally Palmer e uma designer canadense chamada Lucie Lacava. São cinco consultores que atualizam os jornais de maior sucesso no mundo. Um desembarca em 2000 num jornal, o projeto gráfico vai mudar em 2005, é o outro que vai. Eles fazem quase um rodízio em busca de atualização constante.

O surgimento da internet e com ela o acesso a várias agências de notícias, de forma mais ágil, gerou algum impacto no projeto gráfico do jornal?

A fotografia digital assumiu outro papel na edição. Antigamente, existia a telefoto, tinha que cortar a foto com lápis especial, tinha o negativo cor, as fotos não eram da mesma qualidade. Ao mesmo tempo houve esse boom da Editoria de Arte no jornal, uso de infografia e ilustração. Isso prova que também não se imaginava o jornal somente com matérias ilustradas pela fotografia. Então a gente contratou caricaturistas, ilustradores e deu mais poder aos fotógrafos.

De 1989 para 1999 diminuiu a quantidade de fotos por página porque o Mário Garcia trouxe outra idéia: em vez de publicar três fotos pequenas, publique uma grande e duas pequenas para não concorrer na página e, também, porque eles fizeram uma pesquisa e mostram que a foto chama atenção não só pelo conteúdo mas também pelo tamanho. O que parece uma obviedade, mas foi isso que constataram. Isso fez com que diminuísse em quantidade o número de fotos. Hoje em dia o jornal só usa quatro fotos na mesma página se for uma seqüência. O resto da cobertura é uma foto só.

Essa história de notas (ou na gíria de ZH, balaíos) foi o Augusto que trouxe para as nossas páginas. Tinha que ficar bem claro o que era a principal aposta do dia, o que eram notícias comuns e o que eram registros factuais. A principal aposta do dia tinha um investimento: horas de produção e apuração, o melhor repórter, o melhor fotógrafo, o melhor diagramador. A notícia do dia era o factual menor e o registro era aquilo que não precisava mais do que 5cm, 6cm, 7cm de textos.

E também existe uma pesquisa que apontava que os leitores liam mais notas curtas?

É uma pesquisa do *Poynter Institute*, feita pelo Mário Garcia e Peggie Stark, nos anos 90. Eles selecionaram leitores de três regiões norte-americanas, colocaram óculos que ficavam conectados ao computador e seguiam o movimento dos olhos das pessoas em função de tamanho e posição de títulos, fotos e textos. E os 25% apurados eram referentes às pessoas que liam o texto do início ao fim. Aí apareceram as coisas mais lidas: títulos, linha de apoio, sumários e fotos.

Depois, a internet colaborou bastante porque os jornais começaram a copiar algumas coisas da web. Começaram a copiar em cores, em efeitos, em *software*. O *photoshop* tornou-se um programa mais popular nas redações. Esse nossos selinhos no jornal é uma influência da internet. Transparência nas cores, uma série de efeitos visuais que estão presentes nas novas mídias.

A mesma coisa que aconteceu entre jornal e revista. Jornal copiando a revista, acontece com revista copiando um jornal. A gente está copiando a internet e vice-versa.

Será que não se corre o risco de afunilar numa homogeneização na diagramação? Daqui a pouco está tudo muito igual só mudando a plataforma?

Pode ser, mas tem gente que acha que não pode ser tudo igual. Que um *site* de notícias trabalha com outro tipo de público, já quase que nativo de internet, e não pode repetir a fórmula de outro veículo ou do jornal. O *New York Times*, por exemplo, acha que o negócio deles é *news*, não é *paper*.

O projeto da *Folha de São Paulo*, nos anos 80, foi muito importante para essa tendência no Brasil. A *Folha* foi um jornal que teve toda essa história de quadros “entenda o caso”, e de ouvir o outro lado. A *Folha de São Paulo* é um jornal para ser analisado com o *projeto Folha*, que eles lançaram nos anos 80.

ENTREVISTA B

Questões enviadas por e-mail em novembro de 2009, após uma nova avaliação dos jornais da análise.

Quanto ao projeto gráfico de 1989, após o dia 21 de agosto

Por que o novo projeto muda o tipo e o tamanho da letra usada no texto?

O projeto mudou a família e o tamanho da letra porque usávamos corpo 8 como o básico em uma família mais escura. Decidimos usar corpo 10 ou 11 em uma família mais clara, a *English Times*. Era um projeto que buscava mais clareza e legibilidade para as páginas.

A divisão do texto em cinco colunas segue que propósito: Dar mais leveza a página? Aumentar espaço em branco?

Zero Hora usava muitas medidas falsas em larguras de textos. Era uma característica de o projeto anterior ter matérias em 20 paicas ou cerca de 8cm de largura. Muitas páginas misturavam 4 colunas com 3 colunas para matérias diferentes. A proposta de usar cinco colunas foi para organizar a página. Havíamos, também, modulado os anúncios comerciais, vendendo publicidade em cinco colunas verticais com módulos horizontais de 4cm. Isso colaborava para a organização geral e combinava com as tendências dos jornais tablóides que trabalhavam em cinco colunas em substituição a 6 colunas.

Até 21 de agosto a assinatura das matérias limitava-se às reportagens e matérias para as quais o repórter. Depois, todas as matérias principais de página passam a ser assinados. Por quê?

Os abres das páginas eram assinados APENAS pelos editores de área e coordenadores de produção. As matérias continuavam a ser assinadas pela sua relevância e outros critérios próprios para decidir colocar o nome do repórter. São dois critérios diferentes. A assinatura das páginas procurava mais interatividade com os leitores que podiam contatar a editoria por telefone e, depois, por e-mail.

A linha de apoio ou subtítulo, que antes acompanhava a extensão do título, agora, aparece na largura de uma coluna. O que motivou tais transformações?

Foram decisões editoriais e técnicas ao mesmo tempo. A linha de apoio foi trocada por um olho ou sumário para explicar melhor a introdução do texto. O entretítulo passou a ser na mesma linha do texto para ganhar espaço, já que aumentamos o corpo de letra das matérias.

Por que a ilustração passa a figurar no jornal? Por uma decisão editorial, motivada pela concorrência com a televisão, ou por questões técnicas já que nesse período foi criado a departamento de Arte e o jornal passou a trabalhar com computadores Mac?

Todas as respostas estão certas. Foi uma decisão editorial do novo projeto, determinada pela concorrência com outros veículos e pela força que a imagem conquistou nos impressos. A criação da editoria de Arte foi um importante passo para disseminar a cultura visual dentro da Redação. O jornal priorizava o texto, e as imagens ficavam em segundo plano.

Quanto ao projeto gráfico de 1999

No que a paginação eletrônica alterou o projeto gráfico do jornal de 1999?

Facilitou a visualização da página pelo editor e repórter. Apenas o diagramador tinha a habilidade e a técnica que foi democratizada pelas outras funções.

Foi a composição eletrônica que permitiu o surgimento de um jornal mais ‘arrevistado’?

Em parte sim porque ficou mais fácil usar recursos de diagramação nos jornais que eram mais comuns nas revistas, pois eram feitos com mais disponibilidade de tempo.

O uso da letra capitular a partir de 1999 tem qual origem? Inspirado em quem? Também foi iniciativa do Marcelo Rech?

Foi uma idéia do Mario Garcia baseado nas tendências da época.

O que motivou a troca do uso das aspas por travessão, em 1999, na fala das fontes das matérias?

Uma decisão editorial do Augusto Nunes que acreditava que assim a frase ficava mais valorizada e, eventuais frases desnecessárias seriam evitadas pelo uso com esse destaque. As aspas no meio do texto favoreciam um texto muito declaratório e quase era um vício do redator. Ao destacar com travessão, a seleção ficou mais criteriosa pela visibilidade.

O uso do box e do contraponto é uma iniciativa do Augusto, inspirado nos usados nas revistas?

Uma decisão editorial baseada em tendências de edição, tanto de revistas quanto de outros jornais, que dava mais visibilidade a opiniões controversas. Elas mereciam serem destacadas com mais eficiência. Estava integrada, também, a uma campanha institucional do jornal que tinha como slogan “Zero Hora - A vida por todos os lados”.

Por que os mapas e infográficos só aparecem em 1999 se já existia um departamento de Arte desde 1989?

Isso não é fato. Os infográficos estão no jornal desde 89. A frequência depende muito da pauta de cada dia do jornal.

Quem teve a iniciativa de usar a caixa com a correção no jornal – texto em que ZH apresenta a informação correta e diz em que página e matéria saiu a errada?

Essa foi outra decisão editorial que acrescentava mais transparência ao trabalho do jornal e corrigia erros de informação veiculados pelo jornal.

Quanto ao projeto gráfico de 2009**Por que há títulos com até quatro linhas e o entretítulo muda do negrito para o cinza?**

Fazer títulos com até quatro linhas foi uma facilidade para a titulação de matérias, especialmente em larguras menores para títulos. O entretítulo mudou para cinza porque acabou tendo um destaque excessivo e esse projeto suavizou o uso do preto nas páginas.

A cartola ampliada, como já disseste, deu mais leveza e dinamicidade à página. Mas o uso de tal recurso gráfico foi inspirado em que? Na internet?

Foi inspirado em títulos e chamadas mais diretos e convidativos para a leitura do texto. Independente de qualquer tipo de veículo, os títulos passaram a ser mais valorizados.

O corpo da letra do texto de 2009 aumenta novamente de tamanho? Qual é o tamanho usado hoje?

Esse projeto de 2009 não alterou nada no corpo, entrelinha, famílias ou fontes do texto. Mantivemos porque não havia razão para ampliar ou reduzir, como ocorreu em projetos anteriores.

ANEXOS

PÁGINAS QUE INTEGRARAM O *CORPUS* DA PESQUISA

ANEXO A

1989
(1ª fase)

ZERO HORA

PORTO ALEGRE, 2ª FEIRA - 03.07.89
ANO XXVI — N° 8700 — NCz\$ 0,70

Estado divulga os índices de aumento:
funcionalismo ... 37,23%
magistério.....52,23%

Secretaria da Fazenda divulgou os percentuais de aumento que vigoram desde o dia 1º, com base na inflação do mês e no cálculo do IPC de maio e junho. PÁGINA 35

Combustível está 10,6% mais caro desde hoje

Gasolina passa a custar NCz\$ 0,73 e o álcool NCz\$ 0,55. Incluída a alíquota de 3% do I.W.C. O óleo diesel sobe para NCz\$ 0,36 e o gás de cozinha vai a NCz\$ 3,30 o botijão de 13 quilos. PÁGINA 20

INFLAÇÃO LEVA MÍNIMO DE JULHO A NCz\$ 149,80

E pode ser arredondado para NCz\$ 150,00. Com índice de 24,83%, poupança rendeu 25,45%



Mauro Galvão observa o esforço de Geovani para superar o marcador na vitória sobre a Venezuela

Índices foram divulgados sábado à noite, depois de muita indecisão do Governo. BTN do mês é de NCz\$ 1,6185 e os aluguéis residenciais com reajuste em julho terão correção de 61,85%. Inflação do ano já alcança um índice acumulado de 175,62%. PÁGINA 30

SUCCESSÃO

PFL homologa Aureliano e Lembo. Com o apoio de Jânio
PÁGINA 8

RITA CADILAC

Hoje em Porto Alegre
Veja pág. 14 Cad. de Esportes



«Kffr.4»

Brasil muda time para o jogo com o Peru

Técnico Lazaroni confirmou que Renato e Alemão entram em lugar de Bebeto e Titã (lesionados). E Dunga deverá substituir Geovani esta noite. **CADERNO DE ESPORTES**

FÓRMULA-1NDY

Émerson ganha pela terceira vez seguida

—APEDIDO—

COMUNICADO

O SINDICATO MÉDICO DO RIO GRANDE DO SUL vem a público declarar que:

Não aceita mais a campanha do Sindicato das Óticas do Rio Grande do Sul contra os Médicos Oftalmologistas Gaúchos.

Os ópticos não podem examinar pacientes, nem vender lentes de grau sem receita médica específica. **ISTO É CRIME.**

O SIMERS e os médicos confiam na lisura e imparcialidade das autoridades e do poder Judiciário e esperam a punição dos infratores da Lei, baseados nas liminares da 15ª Vara Estadual e da 57ª Vara da Justiça Federal.

Dr. FLÁVIO MOURA DE AGOSTO
Presidente do SIMERS

(A firma do responsável está reconhecida na forma da Lei)

Missas para todos os gostos. E em diferentes idiomas

Os católicos da cidade podem optar entre o culto em alemão, polonês, italiano, grego arcaico e até em eslavo

JOSE FRANCISCO SCHUSTER
Fotos: Luiz D.

Um nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Apesar do persistente provincialismo, Porto Alegre já guarda há décadas ares de diversidade e um dos sinais disto é que a frase pode ser ouvida em diferentes línguas, desde o português — ou a capacidade de compreensão — do fiel católico. Criadas e mantidas por imigrantes e seus descendentes, hoje são encontradas em Porto Alegre em línguas tão diversas, que vão do grego antigo ao eslavo (predecessor do russo).

As raízes culturais e a religiosidade se misturam com o tempo. Jovens são raridades em missas que normalmente contam com membros de apenas diminutos grupos de pessoas. A mais frequentada dentre elas, curiosamente, é a missa em polonês, rezada todo o domingo às 9 horas na Igreja Nossa Senhora do Carmo, do bairro Navigantes. Os cultos variam normalmente de 40 a 80 pessoas nas missas festivas (como da Páscoa e do Natal) e chega a faltar lugar (embora neste momento da festa rezada em Português), conta o padre Leon Piotr Lisiewicz — naturalizado polonês.

Poloneses

Segundo ele, os imigrantes poloneses chegaram a Porto Alegre por volta de 1902, vindo de basicamente na avenida Assis Brasil, quando o Concílio Vaticano II chegou a mudar o nome da igreja para Nossa Senhora do Carmo. É importante para manter os valores religiosos e culturais", argumenta o padre. Contudo, ele admite que a frequência, anos atrás, era muito maior. "Muitos dos poloneses acabaram se mudando para outros Estados", conta a igreja, entretanto, se tornou um ponto de encontro para a comunidade: mesmo os descendentes de poloneses que não entendem mais a língua fazem questão de batizar seus filhos e netos em polonês.

As missas em língua estrangeira rezada há muito tempo em Porto Alegre, entretanto, é a alemã, desde 1871. "A comunidade alemã conseguiu neste ano a licença de celebrar a missa em alemão com o argumento de que

todo o homem tem direito de praticar a religião em sua língua nativa", lembra o padre Oscar Nedel. Em Porto Alegre, a missa começou a ser rezada na antiga Igreja de São José, localizada onde hoje é a Embratel, na rua Marechal Floriano. Em 1925, a igreja passou para a Alberto Eins, com a missa em alemão — com exceção do período da II Guerra — sendo rezada todo o domingo às 10 horas. "Ela é frequentada por alemães, seus descendentes e viajantes de passagem por Porto Alegre", afirma o padre.

Frequência

Ontem, porém, o número de fiéis quase poderia ser contado nos dedos: 23. "Ultimamente a frequência vem caindo porque os filhos de alemães não falam mais o alemão", lamenta Nedel, recordando o tempo em que a comunidade germânica de Porto Alegre — que ainda hoje conta com 740 famílias associadas — mantinha corais, orquestras, bandas e até duas escolas, ambas ao redor da igreja: a São José, para meninos, onde hoje fica o cursinho Unificado, e a de Maria, que deu lugar ao Centro de Convenções do Hotel Plaza São Rafael. "O que sobrou foram dois cemitérios alemães, ao lado do São Miguel e Almas", afirma o padre. Ele acredita, no entanto, que a frequência às missas deve justificar sua existência ainda por algum tempo, lembrando que em Buenos Aires cinco igrejas fazem missas em alemão.

"Quando morrer, vou para o céu alemão", brinca Helga Dreher, que ontem assistia à missa. Descendente de alemães e tendo cursado "desde o jardim de infância" na escola ao lado da igreja, ela habitou-se a assistir à missa em alemão e não quis mudar. Já Gertudes Greiner, apesar de estar há 20 anos no Brasil, praticamente não fala português, e por isso assistir à missa em alemão é vital para que possa entendê-la, enquanto acompanha pelos amarelados livretos fornecidos pela igreja — impressos em 1936 e onde as letras ainda são em estilo gótico.

Já na Igreja Nossa Senhora da Pompéia, também no Centro, todo o primeiro domingo de cada mês há missa em italiano. O mesmo motivo para cancelar a missa, entretanto, foi usado pelo padre Paulo Dal Grande para se negar a dar entrevista ontem: estava sozinho para cuidar de tudo.



A frequência às missas vem diminuindo, mas os imigrantes conservam hábitos da sua pátria

Ortodoxos usam línguas já mortas

Nas igrejas católicas ortodoxas, por sua vez, são usadas línguas já mortas. Na ortodoxa russa, "por tradição, a missa é em eslavo", explica Igor Weiss, tesoureiro da Igreja São Sérgio de Rodonei, no IAPI — o próprio padre, ucraniano, pouco fala português. Para fazer os sermões, entretanto, é preciso lançar mão de uma língua viva, e aí entra o russo. Rezada semanalmente há 40 anos e frequentada por imigrantes russos e seus filhos, a missa costuma contar com menos de 30 participantes — que a assistem apenas em pé ou de joelhos, afirma Weiss, observando que em Buenos Aires os padres ortodoxos russos já usam o espanhol em seus sermões.

Já a igreja ortodoxa grega desistiu de continuar com os cultos em grego arcaico (que não chega a ser muito diferente do grego moderno) e, a partir da próxima semana, o português começa ser introduzido até a total substituição. "Atualmente, 70% dos fiéis não entendem o que o padre fala", afirma Nicola Tolios, do conselho deliberativo da Igreja Santos Apóstolos, no Partenon. Com isso, o português vai entrar em folhetos que já vêm em três versões: no alfabeto grego, em grego mas no alfabeto latino e, curiosamente, em inglês. "Muitos dos gregos, que emigraram para o

Brasil por volta de 1963, casaram com brasileiras, e tanto as mulheres como os filhos quase não entendem o idioma, que é difícil de aprender", argumenta Tolios, acrescentando que este é seu próprio caso. Na sua opinião, mudar o idioma da missa, entretanto, não deve provocar uma alteração significativa da frequência, devido a problemas paralelos pelos quais passam os fiéis ortodoxos gregos: um deles é a falta de padres, fazendo com que a missa seja rezada apenas às 10 horas do segundo domingo de cada mês. "O mesmo padre atende Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre", conta Tolios.

Além disso, os fiéis se dividiram em dois grupos — "um que abrange os mais favorecidos e outro, os menos" — a partir da criação de um novo estatuto para a igreja, há cerca de dois anos. Criando uma celexa que foi parar até na justiça, os pobres se revoltaram contra as novas normas, "que transformaram o salão paroquial, por exemplo, praticamente em um clube desvinculado da igreja". Quando este problema for superado, porém — "até então o comparecimento às missas era bem maior" — Tolios acredita que a adoção do português favorecerá aos fiéis. "Final, hoje as crianças não entendem nada", concluiu.

Moradores não saem do Jardim Botânico

Os moradores da Vila Dou- Juliano Moreira, como é chamada a área junto ao Jardim Botânico, sentem-se marginalizados e até agredidos quando pessoas se referem a eles como invasores, ou como dependentes da natureza. "É exatamente o contrário", explica Sil- Araújo Fernandes, presidente da Associação dos moradores. Naquela local, foi a entrada pela Avenida Cristiano Flacher, moram atualmente 96 famílias, algumas há quase 50 anos. "Eu não sou neto de um dos primeiros moradores e meu sobrinho também nasceu aqui", complementa Fernandes.

Na verdade, essas famílias são oriundas da antiga Colônia Agrícola do Hospital São Pedro, local onde os pacientes viviam com a terra como terapia. Naquela época, por volta de 1907 ou 08, os responsáveis pelo hospital acharam que seria uma boa idéia os funcionários morarem junto

ao serviço, o que foi imediatamente feito. Cada servidor, ergueu sua casinha e se mudou com a família.

Com o passar dos anos e de governos, porém, os moradores começaram a ser pressionados para sair e, a partir de 1985, as pressões aumentaram, principalmente por parte da Fundação Zoobotânica, para quem o Estado havia doado a área, de acordo com Fernandes. Diante disso, os moradores foram tachados como invasores, marginais, dependentes e até desmatadores, para tristeza geral.

O presidente da Associação, no entanto, alerta que são todos praticamente de uma família só, sem problemas de marginalidade, a maioria composta de funcionários do próprio Estado: gente de bem. O pessoal até estranha a colocação de dois

soldados da Brigada no local, quando há tantas vilas pobres necessitando de proteção.

Os moradores da Vila Dou- Juliano Moreira prometem lutar até o fim para permanecer no local, mas sempre de forma pacífica. Um grupo de famílias já entrou na Justiça pedindo usucapio da área, mas o processo está rolando de um lado para outro. Outro grupo, porém, teve que esperar para ingressar com a ação, pois, agora, o Estado retomou a área da Fundação Zoobotânica, dificultando ações dessa natureza, segundo Fernandes.

Todos dançando
É o quarto maior festival do mundo em número de participantes e o maior da América Latina. Participarão cerca de quatro mil bailarinos, coreógrafos e diretores, do país e do exterior. É neste mês, no Brasil. Saiba mais detalhes amanhã em Zero Hora, no Segundo Caderno.

BANCO FINANCIL FOMENTO COMERCIAL

Av. João Pessoa, 931 - Fone: (0512) 28-7844



Conjunto 2 e 3 lugares, em couro sintético, diversas cores. De: 860,00 por **590,00** à vista

SPAZZO. PURO DESCONTO.

Roupeiro laqueado, branco, 8 portas, com colchão, gavetas e prateleiras. De: 935,00 por **699,00** à vista

SOLICITE CRÉDITO
Diariamente das 9h às 19:30h
Não fecha ao meio-dia

SPAZZO
móveis & decorações
Oswaldo Aranha, 1026 Fone: 27-4588
Ao lado do cine Baltimore

PT tenta acertar os rumos da administração popular

Dirigentes do partido discutem o que já foi feito e definem próximas metas

Trancados durante todo o domingo a Casa de Retiros Divina Providência, em Viamão, mais de 50 dirigentes da Prefeitura de Porto Alegre, vereadores e deputados estaduais do PT passaram o dia empenhados em acertar os pontos dos diversos setores e segmentos da administração. Foi a quinta reunião deste gênero promovida desde o início da gestão da Frente Popular e teve o objetivo, segundo o prefeito Olívio Dutra, de "aperfeiçoar a ação de governo municipal".

Desta vez, estavam em discussão a avaliação dos primeiros cinco meses de administração e os planos para o segundo semestre. Na contabilidade da fase inicial de governo, há várias correntes distintas: alguns dirigentes consideram que o desempenho dos organismos que administram tem sido exemplar, outros lamentam que não receberam a divulgação de seu trabalho como, ao seu ver, mereciam, enquanto há os que observam que, sem recursos, dificilmente poderão colocar em prática os planos da Frente Popular.

O prefeito Olívio Dutra se encaixa num meio termo. Ele disse ontem que "nenhum de nós está contente" com os resultados até agora. "Algumas questões vão muito bem: são aquelas em que não se precisa de recursos. Naquelas que precisam não podemos avançar ainda com a celeridade que gostaríamos". Apesar da situação de estrangulamento financeiro — mais de 80% do orçamento estão comprometidos com o funcionalismo até o fim do ano — o prefeito ainda considera possível materializar os sete pontos prioritários programados para o segundo semestre: melhoria da iluminação, recuperação do parque de máquinas da Secretaria de Obras e Viação, recuperação do Fundo Socorro e de creches, realização de pequenas obras do Departamento de Esgotos Pluviais, limpeza pública e reformulação do Centro.

Cada um paga o seu

Cada dirigente da prefeitura ou parlamentar teve de pagar R\$24,00 do próprio bolso para participar da reunião. Era pelo aluguêl da Casa de Retiros e pelo almoço, com castefinho à



O encontro do PT: avaliações positivas, apesar dos problemas

vontade para espantar o frio. Por este preço, eles puderam também ter a chance de apresentar seus lamentos pela falta de recursos. Mas aí não foi um dinheiro bem aplicado. "Nossa maior dificuldade é a questão orçamentária. Há demandas sérias que precisam ser atendidas de modo urgente e os recursos estão comprometidos até o fim do ano. Temos que reconhecer que eles são escassos", avisou Olívio Dutra. A Prefeitura tem apenas R\$4,3 milhões em caixa para pôr em ação suas prioridades para o segundo semestre, que comportam poucas variações. "É pouquíssimo dinheiro", admite o prefeito.

Em sua opinião, apesar destes percalços, a imagem da administração não está desgastada junto à população. "Ela é positiva. Não tem mordomia no governo, não há nenhum clientelismo, nem eleitoralismo ou promoção individual. E não se joga dinheiro à toa. É a imagem da austeridade", afirmou Olívio Dutra.

Secretarias se unem para melhorar o centro

Equipes de várias secretarias começaram nesta terça-feira um trabalho integrado em pontos do centro da cidade para evitar dispersão de atividades. O objetivo é impedir os transtornos frequentes quando uma obra é realizada apenas parcialmente — exemplo de um conserto — e o restante fica à espera de uma equipe de outra secretaria. Na sexta-feira, equipes de diversas secretarias estiveram percorrendo o centro estabelecendo essas pequenas tarefas.

Conforme o coordenador do grupo de trabalho da área central, arquiteto José Carlos Rosa, essas obras independentes do projeto global do centro e por isso podem ser atacadas imediatamente. Assim, serão iniciados vários rebalçamentos solicitados pelo Corpo de Bombeiros por impedirem a entrada de seus veículos. Entre eles estão os da Borges e Medeiros, Salgado Filho, Doutor Flores e Vigário José Inácio. Na Uruguaí esquina com a Andradinhas o degrau existente será transformado em rampa não só para acesso dos bombeiros como de deficientes. Outra obra será a remoção de pos-

tes e placas existentes na Andradinhas com a Caldas Júnior e que impedem igualmente um livre e rápido acesso em caso de emergência. Serão mudados, igualmente, os passeios interrompidos existentes na Capitão Montanha, Sepúlveda e Coronel Nascimento, que obrigam o pedestre a ir até o meio da rua para depois retornar à calçada. O trabalho conjunto das secretarias e departamentos inclui ainda a retirada do contêiner de lixo da Praça XV que vai para baixo do Viaduto da Conselheiro e outro que irá para um refúgio existente na Coronel Nascimento.

A Empresa Porto-alegrense de Turismo (Eptatur) iniciou já a regularização das fileiras — outro obstáculo encontrado pelos bombeiros — e que nos últimos tempos haviam se expandido com guarda-sóis plásticos. Esses equipamentos a mais já começaram a ser retirados. Ainda segundo o arquiteto José Carlos Rosa, também será iniciada, pela Secretaria Municipal dos Transportes, a reposição dos abrigos e terminais da Praça XV e da Salgado Filho e que terão reparos prioritários.

Comissão debate a segurança da cidade

A autodefesa das comunidades contra a insegurança deverá ser um dos pontos mais polêmicos que a recém-criada Comissão de Estudos de Direitos Humanos e Defesa do Cidadão começa a discutir a partir de amanhã. Nomeada pelo prefeito Olívio Dutra, a comissão vai definir nesta terça-feira um calendário de reuniões com a comunidade para, no prazo de um mês, ter o diagnóstico da realidade da segurança em Porto Alegre.

Sem querer falar em milícias populares, a presidente da comissão, a ex-vereadora do PC do B, Jussara Cony, afirmou ontem que a organização da comunidade para se defender, como acontece em muitas vilas e favelas, merecerá pelo menos uma discussão profunda "para colher a experiência". Mas o fator primordial que deverá desembocar de todos os estudos, ao seu ver, é a materialização desta organização em "exigências do direito à segurança e à cidadania".

"A própria questão ideológica da segurança vai estar em jogo", previu Jussara Cony, observando também que uma das idéias preliminares é a criação de "escritórios distritais" para atender casos relacionados à segurança nas vilas e bairros. Como a Constituição atribui aos Estados a responsabilidade pela segurança, a presidente da comissão acha que a Prefeitura caberia "implantar mecanismos, não como ação repressiva, mas preventiva, que permitam o acesso à questão dos direitos humanos e à segurança pública". O caráter destes mecanismos será definido nas reuniões, que deverão ter também a participação da Brigada Militar e Polícia Civil. Em etapas sucessivas, as sugestões podem ser aproveitadas para elaboração de um projeto que defina a atuação da Prefeitura neste campo.

A serviço da cidade

Fim do susto

A Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) substituiu sexta-feira, o transformador que entrava frequentemente em curto assustando os moradores da rua Paulino Azurenha (Serviço da Cidade do dia 30). Ao conferirem os cadastros, os técnicos confirmaram que houve três quedas, dias 8, 31 de maio e 22 de junho, como relatou a moradora Norma de Souza. E que os condutores também precisavam de substituição, trabalho que igualmente está sendo providenciado.



Mais quatro táxis especiais no Aeroporto

Táxis

Mais conforto para quem chega a Porto Alegre de avião: o Aeroporto Salgado Filho conta com quatro novos táxis especiais, equipados com ar condicionado, conforme determina a legislação. Todos os carros são brancos, com friso azul nas laterais e a inscrição "Aeroporto-Cooltaero".

Ônibus

Desde o início da semana passada, a linha 84, Juca Batista (operada pela Empresa Trevo, sob intervenção), está com mais 11 horários nos dias úteis (completando 142), oito aos sábados (86) e 21 aos domingos e feriados (81). O primeiro horário para o Centro é às 5h e o último, às 0h30min nos dias úteis e 0h10min aos sábados, domingos e feriados (Centro-bairro).

Lixo

Leitor Antônio Carlos da Silva está pedindo uma vitória do Departamento Municipal de Limpeza Urbana em dois terrenos baldios, em frente ao número 708 da rua Teixeira de Freitas. A área pede de 40 a 50 metros de frente por 120 de fundo, e está inteiramente tomada por todo tipo de sujeira, que começa a invadir a calçada.

Demora

Às 18h da última quinta-feira, a tensão na rua Bernardino Cadeano Fraga, na Vila dos Comerciantes, ficou tão baixa que as lâmpadas apagaram e as das residências ficaram com uma luminosidade mínima. Moradores que ligaram em seguida, receberam a informação de que o conserto seria providenciado em duas horas. Passado este tempo, previsto de mais duas horas. No fim, a previsão foi substituída pela irritação: o funcionário se negou a dar alguma informação, e mandou o morador se queixar para quem quisesse. Sem luz e ainda mal atendidos, os moradores tiveram que ir para a cama com a paciência de que só os pobres contribuintes brasileiros são capazes.

Iluminação

Morador do Jardim das Palmeiras, na Cavalhada, está pedindo a substituição de duas luminárias queimadas entre os números 358 e 378 da rua Ângelo Barbosa. Ele lembra que aquele trecho é passagem de muitas pessoas que trabalham ou estudam à noite, e que nos últimos tempos têm sido obrigadas a viver a insegurança de circular em uma rua em completa escuridão.

Tristeza

Moradoras da travessa Major Cupertino, altura do número 64, no Bairro Tristeza, apelam à SMOV para que reponha lâmpada queimada naquela área. Segundo elas, a escuridão é total na rua há mais de dois meses. Eles informam que a secretaria está se fazendo de desentendida quando os moradores fazem reclamações diretas.

FÉRIAS DE JULHO

URUGUAI

Passeios, compras, cassino e diversão.
Nas férias de julho venha ao Uruguaí,
estamos esperando por você.

Consulte seu agente de viagens ou a UNESUL - Rua Vigário José Inácio, 629 - Tel. 28.8111



Esplanada do Ministério do Turismo do Uruguai

234567

tele-anúncio

234567

tele-anúncio

Vila Floresta ensina a viver em comunidade

A "união também fez a força" na Vila Floresta, na Zona Norte de Porto Alegre, onde 64 famílias cultivam uma produtiva horta comunitária há seis anos. Na tarde de sábado, para comemorar o sexto aniversário do empreendimento, os moradores fizeram uma animada Festa de São João no Grêmio Esportivo Itapeva. Apesar do tempo caracuzado, com chuvas esparsas, eles se divertiram e até acenderam uma enorme fogueira.

A horta comunitária foi idealizada pelo comerciante e assistente social Ênio Klymus, 40 anos. Na primeira reunião, apenas 23 moradores apareceram para discutir o assunto. Hoje, se houvesse mais área disponível no Grêmio Itapeva, várias famílias também gostariam de estar plantando alface,

repolho, cenoura, beterraba, milho, batata, couve e outras hortaliças. Klymus disse que os 64 horticultores conseguem, em cada um de seus canteiros, colher o suficiente para alimentar dez pessoas.

O cooperativismo brotou forte na horta comunitária da Vila Floresta. Os plantadores estão colhendo cada vez mais, porque trocam experiências sobre adubação e cultivo. Dona Leonida Melitz, 72 anos, é uma das mais entusiasmadas. Tudo o que ela planta, nasce com vigor. Nos fins de semana, Leonida vende os excedentes do seu canteiro, apurando, em média, R\$25 25,00.

O Grêmio Esportivo Itapeva, fundado a 4 de abril de 1946, é um dos mais tradicionais da cidade. Nos últimos anos, forneceu vários jogadores aos clubes de futebol do Estado. O meia-esquerda lúria, por exemplo, jogou com garra e brilho no Grêmio, na década de 70. O atual presidente do Itapeva, o ex-centroavante Evêrton Martins (jogou no Juventude e Novo Hamburgo), disse que o clube também pode se tornar uma sede campestre. No sábado, na Festa de São João, os moradores inauguraram o sistema de iluminação do recém-construído galpão criolo.

O Itapeva (localizado à Avenida Sertório 4.400) também possui uma sementeira, forno de pão e plantações de ervas medicinais, para a comunidade. Klymus ainda cria 19 cabras leiteiras, que já encheram as mamadeiras de muitas crianças. Na Vila Floresta, tudo é feito comunitariamente.



Festa de São João para festejar seis anos da horta comunitária

Publicações Legais

DATAMEC S.A.
Sistemas e Processamento de Dados

EDITAL Nº 001/89
CADASTRAMENTO
DE FORNECEDORES

A DATAMEC S.A. SISTEMAS E PROCESSAMENTO DE DADOS convide firmas legalmente constituídas do ramo de comércio, indústria e prestação de serviços para se cadastrarem junto à Divisão de Compras (REGIONAL/FOA), visando à participação em futuras licitações para fornecimento de:

- Equipamentos para processamento de dados;
- Suprimento para microfilmagem;
- Equipamentos de processamento e microfilmagem;
- Equipamentos elétricos e eletrônicos;
- Uniformes profissionais;
- Material de escritório;
- Mobiliário de escritório e outros materiais;
- Prestação de serviços de: Manutenção elétrica, hidráulica, ar condicionado, conservação e limpeza, vigilância e segurança, serviços gráficos, transporte e trabalhos técnicos e profissionais;
- Obras civis de construção, reforma ou ampliação de edificações comerciais (Escritórios e Centros de Processamento de Dados).

Fornecedores já cadastrados devem apenas atualizar sua documentação, apresentando CRJ/F, Balanços, Conhecimentos Respostas - CREA, CRA, CRE.

Fornecedores não cadastrados deverão obter formulários próprios para cadastramento com a Divisão de Compras (Regional FOA) na Av. Berlim, nº 627, Bairro São Geraldo, no horário de 08:30 às 12:00 e das 14:00 às 17:30 horas.

PORTO ALEGRE, 03 de julho de 1989
COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO

ABANDONO DE EMPREGO

Solicito o comparecimento da Sra. Maria Benedita Silva Machado, portadora da CTPS nº 50794, série 646, na rua Mali, 166, apto. 203, Jardim Itaipá, no prazo de 48 horas, sob pena de ficar caracterizado "ABANDONO DE EMPREGO", de acordo com o artigo 482 "II" da CLT.

EDISA
Eletônica Digital SA

IOCHPE

CCDM nº 85 411 771/0001-85
Comunicação Aberta

ATA DE REUNIÃO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DE 23.05.89

DATA E LOCAL: 23 de maio de 1989, às 17:00 horas, na sede social, sita em Porto Alegre-RS, na rua Pinto Bandeira nº 348.

COMPOSIÇÃO DA MESA: IVONCY BROCKMANN IOCHPE - Presidente; TELMO RAUL BLAUTI - Secretário.

DELIBERAÇÃO: deliberado, unanimemente, autorizar a instalação de filiais da Sociedade, destacando-se para cada uma delas o capital de R\$1.000,00 (um mil cruzeiros novos), a saber:

- a - no Campinas - SP, na 128/129 da Rodovia Dom Pedro II - CEP 13.100-00;
- b - em Baurerri - SP, Alphaville, na Alameda Rio Negro nº 181 - CEP 06.000.

ENCERRAMENTO DA REUNIÃO: ata lida e aprovada, unanimemente.

ASSINATURAS: IVONCY BROCKMANN IOCHPE - Presidente do Conselho de Administração; TELMO RAUL BLAUTI - Secretário; MAURO KRZJANIK; FLAVIO SEHN - Conselheiros.

Na qualidade de Presidente e Secretário da reunião, declaramos que a presente é cópia fiel da ata lavrada no livro próprio.

Porto Alegre, 23 de maio de 1989.

IVONCY BROCKMANN IOCHPE TELMO RAUL BLAUTI
Presidente Secretário

SECRETARIA DA JUSTIÇA - JUNTA COMERCIAL DO RIO GRANDE DO SUL - CERSJUR - Certifico que este documento foi arquivado sob número e data estampados mecanicamente. CERSJUR ARQUIVADO SOB Nº 972.084 - 15/06/1989. JOSÉ FÁBIO BOCHA SILVEIRA - Secretário Geral.

mabrasca
MABRASCA S.A. - SERVIÇOS DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

OFERTA PÚBLICA DE AQUISIÇÃO DE AÇÕES DE TITAN COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A. - POR ORDEM E CONTA DE LUIZ CARLOS MANDELLI

ZALUSKI CORRETORA DE TÍTULOS E CÂMBIO S.A., por ordem e conta de Luiz Carlos Mandelli, ofertante, vem a público dirigir aos titulares de ações ordinárias de emissão de TITAN - Comércio e Indústria S. A., a presente oferta pública de compra de ações, em atendimento às obrigações decorrentes de alienação de controle e cancelamento de registro, conforme disposição do artigo 254 da Lei nº 6048/78 e do art. 21 da Lei nº 6386/78, nos termos da Resolução nº 401 do Conselho Monetário Nacional, e Instrução CVM Nº 03, observadas as seguintes condições:

I - DE OFERTA PÚBLICA

1. Dispõe-se a Zaluski, por conta do ofertante, a adquirir até 226.140 ações ordinárias, correspondentes à totalidade das ações da emissora em circulação no mercado.

1.1. O preço de compra das ações ordinárias é de R\$25 500,00 por lote de mil ações. Esse valor é superior em 42,43% ao preço pago aos acionistas controladores em 11.04.89, que foi de R\$25 250,00 por lote de mil ações, os quais corrigidos por juros médios de mercado até a data do presente edital, montaram a R\$25 391,06. O valor de R\$25 500,00 será corrigido monetariamente a partir de 01 de agosto de 1989, através dos juros médios de mercado, sendo que o preço final será fornecido no dia de operação. Para lotes inferiores a 1.000 ações, será pago preço proporcionalmente equivalente.

1.2. A presente oferta é válida pelo prazo de 45 dias, a contar desta data, sendo início em 03/07/89 e encerrando-se em 17/08/89. O registro da compra e venda em Bolsa será efetuado no sessão de negociação da Bolsa do Extremo Sul, do dia 18/08/89, às 13 horas.

1.3. O registro e a liquidação da operação serão realizados de acordo com o prazo e procedimentos previstos nas normas da Bolsa de Valores do Extremo Sul.

2. Os acionistas que aceitarem vender suas ações, nos termos da presente oferta, deverão efetuar ordem de venda, através de sociedades corretoras de sua livre escolha da Zaluski Corretora de Títulos e Câmbio S. A., com sede em Porto Alegre - RS, à Rua General Vitorino, nº 64.

3. A presente oferta pública tem caráter irrevogável e irrenunciável, ainda que não se tenham empenhados requisitos exigidos para cancelamento de registro de companhia aberta, expressos nas letras "b" e "c" do item I, da Instrução CVM nº 03.

4. A corretagem de venda ocorrerá por conta dos vendedores e de compra por conta do ofertante. A taxa de corretagem será a corretagem legal, observada a tabela em vigor.

5. A sociedade corretora encarregada de realizar a compra, por ordem do ofertante, será a Zaluski Corretora de Títulos e Câmbio S. A., membro da Bolsa de Valores do Extremo Sul.

6. Será permitida a interferência na operação desde que pela totalidade do lote por se tratar de oferta pública para cancelamento de registro.

II - DO CANCELAMENTO DO REGISTRO

Após feita a análise de viabilidade econômico-financeira prevista na assembleia geral extraordinária de 27.04.88, a administração constatou a inviabilidade da continuidade dos negócios sociais. Assim sendo, optou a administração pelo cancelamento das atividades operacionais com a consequente alienação de seus ativos. Desta forma, tornou-se imperativo o pedido de cancelamento do registro da companhia aberta de acionistas à CVM.

III - DA COMPRA DE AÇÕES

8. O objetivo do presente edital é adquirir as ações dos acionistas minoritários, visando ao cancelamento do registro como companhia aberta, a preço superior àquele pago aos ex-acionistas controladores, que tiveram suas ações adquiridas em 11 de abril de 1989, no montante de 673.800 (seiscentos e setenta e três mil, oitocentos e sessenta e sete) ações ordinárias.

IV - INFORMAÇÕES SOBRE O OFERTANTE

9. Luiz Carlos Mandelli, brasileiro, casado, industrial, residente e domiciliado nesta cidade, Diretor Presidente e acionista controlador das empresas: DHS Indústria e Comércio S. A. e DHB-Componentes Automotivos S. A.

10. O ofertante declara que, em função da inviabilidade econômico-financeira da companhia, aludida no item 7, a administração optou pelo cancelamento das atividades operacionais, com a consequente alienação dos bens do ativo imobilizado. Conforme mencionado também nos itens 7 e 8 é intenção da administração promover o fechamento do capital da companhia. O preço a ser pago aos acionistas minoritários é o valor patrimonial da ação em 30.04.89, já contemplada a perspectiva de lucro a ser auferido na venda das mobilizações da companhia.

V - DAS INFORMAÇÕES SOBRE A EMPRESA

11. Titan Comércio e Indústria S. A., com sede social na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, na Rua Voluntários da Pátria, nº 1323, tendo por objeto social o comércio, importação e exportação de feragens em geral, material elétrico, comércio de louças, vidros, utilidades domésticas e industrialização de artefatos de alumínio, cobre, latão, zinco, chumbo e ferro, bem como a importação de matérias-primas destinadas à sua fabricação.

11.1. - Em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 27.04.89 foi aprovado o levantamento do estado de liquidação extrajudicial em que a empresa se encontra.

11.2 - Informa, ainda, que na mesma Assembleia Geral Extraordinária foi determinado o estudo da viabilidade econômica, visando à injeção na continuidade da empresa.

11.3 - Na Assembleia Geral Extraordinária de 15.06.89 foi decidida a solicitação do cancelamento de registro de capital aberto à CVM, de que trata o artigo 21, da Lei 6386, na forma de Instrução CVM nº 3 de 17.08.78.

11.4 - Composição Acionária da Titan Comércio e Indústria S. A. em 30.06.89.

ACIONISTAS	Nº DE AÇÕES ORDINÁRIAS	% SOBRE CAPITAL SOCIAL
Luiz Carlos Mandelli	673.800	74,87
Cunha - Minoritários	226.140	25,13
Total	900.000	100,00

11.5 - Indicadores Econômico-Financeiros Exercícios encerrados em: (Valores em cruzados)

Indicadores Econômico-Financeiros	31.12.88	31.12.87	31.12.86
RENDIMENTO OPERACIONAL	196.443.627	42.038.880	15.978.247
LÍQUIDO (PREJUÍZO)			
LÍQUIDO	(90.218.338)	(9.611.656)	991.232
CAPITAL SOCIAL	32.785.000	7.714.800	2.990.000
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	98.093.300	16.222.646	5.931.071
VALOR PATRIMONIAL DA AÇÃO			
LÍQUIDO (PREJUÍZO)	65,22	18,06	6,57
LÍQUIDO/RENDIMENTO OPERACIONAL LÍQUIDO (%)	46,53	22,88	6,30
LÍQUIDO (PREJUÍZO) LÍQUIDO/PATRIMÔNIO LÍQUIDO (%)	(53,91)	(59,12)	16,77
CAPITAL SOCIAL (%)	(286,96)	(134,98)	25,09

11.6 - Negociação em Bolsa
Nos últimos 12 meses não houve negociação, em Bolsa de Valores, com as ações da emissora, ressalvada a operação mencionada no item 8.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

11.7 Os documentos relativos à presente operação encontram-se à disposição dos interessados nos seguintes endereços:
TITAN - Comércio e Indústria S. A., Porto Alegre-RS, à Rua Voluntários da Pátria nº 1323, Zaluski Corretora de Títulos e Câmbio S. A., à Rua General Vitorino nº 64, Porto Alegre-RS, à Bolsa de Valores do Extremo Sul, à Rua dos Andaraes, nº 1234, 8º e 9º andar, Porto Alegre-RS e, ainda, na Comissão de Valores Mobiliários-CVM, à Rua Sete de Setembro, nº 111, 27º andar, Rua de Jarmelo-RJ.

11.8 Evolução do Capital Social de Titan Comércio e Indústria S. A.

Data	Evento	NC#
31.12.86	Capital Social nesta data	2.150,00
30.05.86	Subscrição em Espécie	1.900,00
24.03.87	Incorporação de Reserva (1)	3.764,23
24.03.87	Incorporação de Reserva (2)	0,47
19.04.88	Incorporação de Reserva (1)	26.051,72
19.04.88	Incorporação de Reserva (2)	26,47
27.04.89	Incorporação de Reserva (1)	272.235,00
Capital Atual		306.000,00

Obs.: (1) Reserva de correção de expressão monetária do capital.
(2) Reserva para manutenção do capital de giro.

11.9. Zaluski Corretora de Títulos e Câmbio S. A. declara que não possui, nem administra valores mobiliários da emissora.

14. O registro de que trata o art. 21 da Lei nº 6386/78 encontra-se atualizado.

15. Zaluski Corretora de Títulos e Câmbio S. A. não possui informações relevantes sobre os negócios da Empresa que não sejam do conhecimento do público.

16. Ficam os senhores acionistas minoritários, que não aceitarem vender suas ações, convocados a comparecer na sede da Titan Comércio e Indústria S. A., ou na Zaluski Corretora de Títulos e Câmbio S. A., onde deverão firmar documento concordando, ou não, com o cancelamento do registro.

17. O presente edital foi aprovado pela Comissão de Valores Mobiliários, tendo a Bolsa de Valores do Extremo Sul autorizado sua realização em público praça.

Porto Alegre, 03 de julho de 1989.

ARGENTINA CONFIRMA E URUGUAI DECEPCIONA

COPA AMERICA



BRASIL-89

A Argentina superou o Chile por 1 a 0, mas o Uruguai foi derrotado pelo Equador, também por 1 a 0, em Goiânia. **CADERNO DE ESPORTES**



O Santa Cruz (camisa listrada) superou o Novo Hamburgo (de azul) nos pênaltis, por 4 a 2

WIMBLEDON

Uma semana de decisões

Ivan Lendl volta à quadra contra o sueco Lundgren

Octogonal

Juventude mantém a liderança

ZERO HORN

São Paulo garante o título

LEIA HOJE

TRIGO
Redução do plantio pode chegar a 30%
Página 21

TRÂNSITO
Cinco mortos em acidentes no Interior
Página 47

HOJE E DIA
2.300 OFERTAS
EM **ZH**

LOCAL

Falência ameaça a Beneficência Portuguesa

Instituição fundada em 1854 vive a maior crise. Páginas 30 e 31

INPS começa o pagamento dos aposentados a partir de hoje
Página 34

LOTERIA ESPORTIVA

1	Brasil	X	Venezuela	2	DT
2	Argentina		Chile	3	1 x 1
3	Uruguai		Equador	4	0 x 1
4	Paraguai		Peru	5	1 x 2
5	America/MS		America/MS	6	1 x 2
6	Cruzeiro/MG		Tuquimá	7	1 x 0
7	Náutico/PE		Sta. Cruz/PE	8	0 x 0
8	Taquatinga/DF		Brasília/DF	9	1 x 0
9	Auto Esporte/PB		Treze/PB	10	1 x 2
10	Campo Grande/RJ		Goytacaz/RJ	11	sorteio
11	Rio Preto/SP		Taquatinga/SP	12	1 x 3
12	Comercial/SP		Mirassol/SP	13	1 x 1
13	Colorado/PR		Cascavel/PR	14	1 x 0
14	Londrina/PR		Coritiba/PR	15	1 x 1
15	Venezuela		Colômbia	16	hoje
16	Brasil		Peru	17	hoje

Os jogos 15 e 16 serão realizados hoje. Caderno de Esportes

Loto 626: oito acertadores

67	75	88	96	97
----	----	----	----	----

Cada um vai receber o prêmio de R\$12 mil. Página 15

Morte de Sérgio Gil pode ter sido criminosa

Polícia fará nova pericia após denúncia de que donos de carros-guinchos colocaram óleo naquele local da rodovia para provocar acidentes. PÁGINA 53



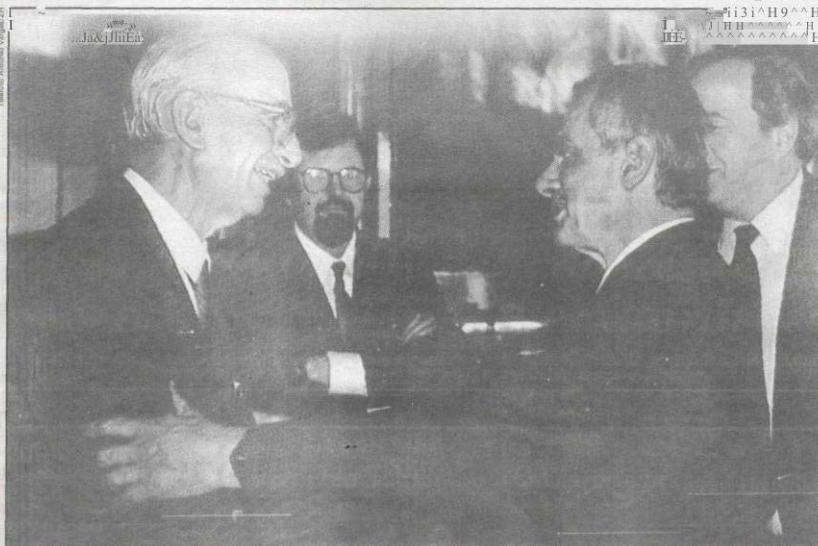
O corpo de Sérgio Gil foi sepultado ontem em Florianópolis

TRÁFICO DE DROGAS Fidel mantém pena e oficiais serão fuzilados

Conselho de Estado de Cuba, presidido por Fidel Castro, era a última instância para evitar a punição. Os quatro condenados já podem ter sido executados. PÁGINA 18

ARGENTINA CONFIRMA O GASODUTO E A PONTE

Novo ministro da Economia revelou a Simon entusiasmo pelos dois projetos



No encontro com o ministro da Economia da Argentina, Miguel Roig, o governador Pedro Simon convidou-o para uma visita ao Estado

Miguel Roig confirmou à Simon o interesse do Governo Menem na construção do gasoduto que permitirá a passagem do gás natural da Argentina para o Estado, e da ponte entre São Borja e Santo Tomé. PÁGINA 17

Medidas de Menem provocam disparada de preços

Congelamento de preços vigora a partir de hoje, depois do austral ter sido desvalorizado em 114% e a gasolina reajustada em 600%. PÁGINAS 16 e 17

Táxis com bandeira 2 até sair aumento

Autorização de Olivio Dutra vigora até aprovação do novo reajuste. PÁGINA 32

Fraudes contra o lapas chegam a NCz\$ 150 milhões

Pelo menos 80 empresas de todo o Estado estão envolvidas no recolhimento fraudulento de Documentos* de Arrecadação de Receitas Previdenciárias. Alguns empresários começaram a quitar suas dívidas. PÁGINA 7



PORTO ALEGRE, 3ª FEIRA - 11.07.89
ANO XXVI — N° 8708 — NCz\$ 0,70

GUIA DE NEGÓCIOS

NESTA EDIÇÃO
ETODAS AS
TERÇAS-FEIRAS
Págs. 35 à 38

GERAL

ZERO HORA — Terça-feira, 11.07.89 — PÁGINA 41

CURSOS & NOTAS



Administração

Estão abertas na Universidade Luterana do Brasil as inscrições para o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Administração e Estratégia Empresarial. O objetivo desta especialização é qualificar o profissional no exercício de funções executivas sejam elas de qualquer complexidade. A carga horária dessa especialização será de 360 horas/aula e as atividades acadêmicas acontecerão sábados alternados no horário das 8h30min às 12 horas e das 13 às 17 horas.



Tricô

O Senac, através do Centro de Formação Profissional Cidade Baixa, está oferecendo cursos de Tricô, Macramê e Pintura em Tecido, inscrições e maiores informações na Rua Coronel Genuino, 130.

Advogados

A Comissão de Integração Profissional da seccional gaúcha da Ordem dos Advogados do Brasil está organizando o I Fórum de Debates, cujo objetivo principal é desmistificar a imagem de que a OAB/RS é uma entidade fechada e elitizada. O encontro acontecerá no dia 28 de agosto, às 19 horas, no auditório da OAB/RS e visa a atingir desde estagiários de Direito a profissionais com até cinco de formado. Os temas a serem debatidos durante o I Fórum de Debates serão escolhidos pelos próprios estagiários e/o recém formados, que poderão encaminhar sugestões para a Comissão de Integração Profissional da OAB/RS.

Soja

De 24 a 27 deste mês, será realizada a 17ª Reunião de Pesquisa de Soja da Região Sul, promovida pelo Setor de Plantas da Lavra da Faculdade de Agronomia da UFRRS. O encontro visa a apresentação e avaliação de resultados de pesquisa da safra 88/89 e a elaboração de recomendações técnicas para a sustentação e expansão rural. A atividade é dirigida a profissionais e estudantes da área agrônoma. As inscrições estão abertas na Pró-Reitoria de Extensão. A abertura da reunião será no Cinema Universitário da Universidade às 8 horas e as sessões das comissões técnicas serão desenvolvidas nas salas de aula do Campus Central da UFRRS.

Estágio

A Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos está recrutando estudantes matriculados nos seguintes cursos: Supletivo de 2º Grau, profissionalizante de 2º Grau de Secretariado Técnico em Contabilidade, Técnico Administrativo e Auxiliar de Escritório superior de Administração de Empresas e Ciências Contábeis para estágios remunerados em órgãos públicos de 30 a 40 horas. Maiores informações no setor de estágio da Fundação, das 9 às 11h30min e das 14h30min às 18 horas.



Chega hoje a alfabetizadora argentina

A psicóloga Emilia Ferreiro, que vai falar aos educadores gaúchos amanhã, a partir das 14 horas, no Gigantinho antecipa sua chegada à cidade. As inscrições para a palestra da especialista argentina, que foi colaboradora direta de Piaget, estão sendo realizadas em diversas entidades, secretarias de Educação, Universidades e Núcleos do Cpergs, no interior do Estado, no Geempa e na Associação dos Professores Municipais de Porto Alegre. São no ponto central da SMEID, instalado no prédio da Silveira Campos, já estão inscritos quase 4 mil professores. Amanhã, desde às 8h30min, uma equipe da SMEID estará atendendo os interessados em participar da palestra sobre "Alfabetização: Uma questão Popular", realizando inscrições no próprio Gigantinho.

Muitas opções para o Comércio Exterior

Habilitação de Administração tem grande número de inscritos

Os cursos de Direito (noturno e diurno) e de Administração de Empresas são os mais procurados na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O vestibular de Inverno oferece 200 vagas para o de Administração, que é ministrado somente à noite. Várias atividades práticas são desenvolvidas dentro da própria sala de aula, ligadas à contabilidade e à política indispensável ao trabalho do administrador.

Outro curso, de Administração com habilitação em Comércio Exterior, começa a desmontar com grande procura. A parte básica do curso é semelhante, mas algumas disciplinas são específicas, conforme Sérgio Gomes, pró-reitor de Graduação da Unisinos. A partir da metade do curso, os acadêmicos recebem informações sobre matérias como Transporte e Seguros, Legislação Aduaneira, Língua (francês ou alemão), Teoria e Prática Cambial e Economia Internacional.

O curso de Psicologia, que atrai muitos vestibulandos - mas que às vezes assusta pela exigência de currículo - não impõe aplicação de pré-teste para admissão, ao contrário de outras universidades. Reconhecido em 1977, o curso oferece 80 vagas, sendo ministrado exclusivamente no turno diurno. A partir do sexto semestre iniciam os estágios em clínicas, escolas, hospitais e empresas, através de convênios.

PUC

Na PUC, o curso de Engenharia - distribuída nos ramos de Mecânica, Química, Civil e Elétrica - continua atraindo um bom número de vestibulandos. As modalidades Mecânica, Civil e Elétrica oferecem 120 vagas, enquanto para a Química há 60 vagas, com aulas durante o dia e à noite. Cada turma inicia o semestre com 66 alunos, com matérias básicas



Está próximo o início da batalha por uma vaga

identicas. A partir do quinto semestre começam os conteúdos específicos, inclusive com prática de oficina no curso de Engenharia Mecânica.

A FUCadotou, para a Engenharia, o novo currículo, com disciplinas práticas já a partir do primeiro semestre. O objetivo, segundo Renato Molina de Silva, vice-reitor da Faculdade de Engenharia, é antecipar atividades práticas como forma de motivação dos alunos, "evitando desistências ainda no período inicial do curso", acrescenta.

Prática também é a norma do curso de Turismo, que existe há mais de dez anos na PUC. O curso, de três anos, inicia com informações básicas sobre História do Brasil e História da Cultura. As atividades práticas são desenvolvidas dentro da própria universidade, através da realização de diversos eventos turísticos. A PUC oferece 80 vagas para bacharel em Turismo, em curso exclusivamente noturno.

INGRESSOS PARA O FUTEBOL?
LIG 433911
BOY
faz, você confia.

Le Club
Apresenta
Dias 14 e 15
ANTÔNIO CARLOS e JOCAF
Vigilantes da Oa
Patrocínio:
PHILCO - HITACHI
Informações:
fone: 25.8222
João Telles, 54

Os bastidores do esporte

As escorregadas, as gafes, o lado engraçado e pitoresco do dia a dia nos diversos tipos de esporte. Leia amanhã em Zero Hora, na coluna Bola Dividida.

ZERO HORA CERTA

Assinante Zero Hora recebe seu jornal no café da manhã, e uma coisa é certa: mesmo que chova ou que a edição esgote, seu exemplar está garantido.
Para fazer sua assinatura basta ligar pra 234-500 em PCA e em Novo Hamburgo 93-6400, ou procure o representante de sua cidade.





INAUGURAÇÃO DO TBV REPERCUTE NA ESPANHA

"O magnífico ideal que inspira a construção do Templo do Ecumenismo Irrestrito em Brasília/DF tem empolgado corações no mundo inteiro. E como se a humanidade bradasse em uníssono: "É chegada a hora da união, no Templo da Boa Vontade". Uma nova época se anuncia no entardecer de uma civilização afastada do Novo Mandamento do Cristo: "Amai-vos como Eu vos amei. Nisto conhecerão todos que sois realmente meus discípulos" (João, XIII: 34 e 35), a lei da solidariedade universal. O ser humano, farto de discórdia, almeja conhecer "a paz que o mundo não pode dar", prometida por Jesus", são palavras do advogado e jornalista, do Rio de Janeiro, Dr. José da Silva Lourenço Netto.

Impossível? Quo, antes de ser realizado por alguém, não foi visto como impossível... gargalhante mesmo?...

A correspondência que nos chega de Valencia, Espanha, atestada por Pascual Pont, é comprovação da realidade do que temos afirmado:

"A notícia da inauguração solene do Templo da Boa Vontade deu-me grande alegria e fortemente levou-me a lembrar da pergunta que um dia o muçulmano Mohamed Taibi fez no jornal do Vaticano, L'Osservatore Romano: "Será que o diálogo nos conduzirá a um estágio em que todas as religiões teriam rituais de uma mesma religião?" Agora tenho a resposta: sim.

O Templo da Boa Vontade, muito lindo, também chamado Templo do Ecumenismo Irrestrito e monumento da solidariedade universal, da fraternidade humana, certamente concretizará o sonho segundo o qual "até as pedras clamarão que Deus é Espírito", porque suas linhas arquitetônicas muito predisõem o homem para o alto.

Tal Templo é o sinal antecipado e a preparação da mais madura religião. Conforme a advertência de Jesus: "Chegará a época na qual nem neste monte nem em Jerusalém se adorará a Deus... É chegada a hora quando estivermos vivendo plenamente essa era, toda a Terra será o Templo em que ressoará o coral da humanidade que, a uma só voz e um só coração, elevará para o céu a alegria da fraternidade, o poder da solidariedade. Com tal desejo e esperança, anoto em minha agenda o momento da inauguração do TBV, não por meio de esboço, mas para atestar que no dia 21 de outubro de 1989, às 14h de Brasília (e 18 aqui em Valencia), juntares intencional e fervorosamente a minha prece à sua prece, tornando-as uma só, pela união de toda a humanidade.

Receba minhas congratulações e meu desejo de que seu trabalho continue e cresça até atingir a verdadeira união de todos os povos do mundo.

Eu, me esforçarei, trabalhando com o Esperanto, também nessa extraordinária direção".

Meu caro Pascual Pont, certamente virá a época em que todas as crianças, e aqui relaciono também as desdancadas, terão a mesma ritualística: o amor. Mesmo que empurradas pelo humano instinto de sobrevivência, capazes de livrar o mundo do caos.

TBV: "REUNIÃO DA COMUNIDADE INTERNACIONAL"

Agência do Templo da Boa Vontade, que a LVB Mundial inaugurará no dia 21 de outubro de 1989, na capital federal brasileira, já declarou o 1º Secretário e Cônsul canadense no Brasil, Robert Benoit:

"Nesta minha primeira visita ao Templo da Boa Vontade sinto-me bem-impresionado por vários motivos. Primeiramente, não sabia que existia um Templo nestas dimensões e que se presta a um bem, a uma reunião espiritual das comunidades não somente do Brasil, mas também do exterior. Acho a idéia muito boa, sobretudo sendo Brasília a capital do País. O TBV tem esse objetivo de reunir fisicamente a comunidade internacional. Não somente pelo aspecto material, com essa estrutura impressionante, mas pelo espiritual. E bom sabermos que a Legião da Boa Vontade está fazendo também obras como creches, em todo o País. Tomarei que essa idéia seja sempre um sucesso".

José de Paiva Netto
Jornalista, radialista, escritor e
Diretor-Presidente da Legião da
Boa Vontade

Secretaria Regional da LVB,
Av. França, 2841 - Santana
CEP: 10.430 - Telefone: (61) 311-2111 - Porto Alegre.

GERAL

ZÉRO HORA - Terça-feira, 11.07.89 - PÁGINA 42



Corsan: assembleia dos funcionários letos e ginásio do Colégio Protásio Alves

Servidores aceitam a proposta da Corsan

Fica afastada, assim, ameaça de racionamento

Os funcionários da Companhia Riograndense de Saneamento (Corsan), numa assembleia geral que reuniu mais de 3 mil servidores na tarde de ontem, no Ginásio do Colégio Protásio Alves, resolveram suspender a greve iniciada no setor administrativo da empresa na última sexta-feira. Os grevistas aceitaram a proposta apresentada pela direção da Corsan, que oferece às primeiras faixas salariais um reajuste imediato de 105% a 120%, já incluindo o abono de NCs 50,00, que será concedido de forma escalonada para quem ganha até NCs 500,00, e um aumento no vale-refeição, que passa de 22 vales a NCs 1,77 para 24 vales de NCs 4,50, totalizando NCs 108,00. Nas faixas contempladas com o abono se encontram mais de 4 mil servidores. Para as demais faixas o aumento será de 65% sobre os salários de junho. Além disso, os aumentos acima da lei salarial serão os seguintes: 10% em agosto, 6,25% em setembro, 6% em outubro e 5,25% em novembro. A licença-prêmio passa a ser de dois meses a cada 10 anos de serviço, atualmente ela é de um mês a cada 15 anos de trabalho. E ainda

será formada uma comissão paritária para rever o Plano de Cargos e Salários da categoria num prazo de seis meses.

Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Purificação e Distribuição de Água e em Serviços de Esgotos do Rio Grande do Sul, Celso Alberici, a proposta não contempla as necessidades dos trabalhadores da Corsan, no entanto, significa um avanço na luta da categoria em busca de melhores condições de vida, "se analisarmos a conjuntura nacional do País".

Diante da decisão tomada na tarde de ontem, está afastada a possibilidade de racionamento de água no Estado, que deveria se iniciar a partir das 17h do dia de ontem. A assembleia geral que decidiu pelo retorno ao trabalho por quase maioria absoluta, segundo os dirigentes sindicais, reuniu um contingente bastante expressivo dos cerca de 5 mil trabalhadores que a empresa possui atualmente, com delegações da maioria das cidades do Interior.

Agricultura

Os médicos veterinários e auxiliares de inspeção da Delegacia Federal do Ministério da Agricultura no Rio Grande do Sul não pretendem paralisar suas atividades. A decisão foi tomada nas diversas reuniões setoriais realizadas no final de semana no Interior.

Segundo o presidente do Sindicato dos Servidores do Ministério da Agricultura, Mauro Vargas, este segmento da categoria resolveu não aderir ao movimento, após analisar a evolução das negociações junto ao governo federal, que na avaliação do comando de greve estão num estágio bem avançado. Os servidores do Ministério da Agricultura realizam nova assembleia geral amanhã.

Os previdenciários, que chegam hoje ao 41º dia de greve, realizam uma assembleia hoje à tarde para avaliar o movimento. No Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o movimento continua estabilizado e a decisão é de não retornar ao trabalho até o Governo atender as reivindicações básicas da categoria. O mesmo acontece na Delegacia Regional do Ministério da Educação, que deve realizar nova assembleia na quarta-feira para avaliar os resultados da audiência com a ministra do Trabalho.

Ferrovários mantêm a operação padrão

Os ferroviários gaúchos mantêm a operação-tartaruga iniciada há oito dias, exigindo o cumprimento, pela FFPESA, das cláusulas do acordo coletivo feito por ocasião do dissídio em maio último. Eles estão observando rigorosamente o RGO (Regulamento Geral de Operações), resultando no atraso das viagens. Hoje está prevista uma reunião do sindicato dos ferroviários com a direção da Rede.

O vice-presidente do sindicato dos ferroviários, Hélio dos Santos, observa que a categoria realizou uma greve há menos de 60 dias, quando obteve as conquistas que até agora não estão sendo concedidas. Entre elas está a jornada de seis horas, adiantamento de 35% do salário no décimo dia útil do mês e padronização dos horários nas estações. Os ferroviários reivindicam ainda melhores condições para os alojamentos existentes ao longo das linhas.

Existem no Estado 6 mil ferroviários, entre maquinistas, agentes de estação, oficiais de manutenção e pessoal de via (conservação permanente). O sindicato denuncia que muitas locomotivas não têm condições de operar, podendo representar riscos de acidentes, e que iniciam as perseguições contra colegas com casos inclusive de demissões.

A operação padrão dos ferroviários está provocando atraso em praticamente todos os horários de saídas dos trens, principalmente do parque industrial, em Esteio. Em Porto Alegre, na Estação Diretor Festiana, o funcionário do guichê informou que a operação não está afetando o noturno. O trem tem capacidade para 400 lugares e ontem, no início da tarde, tinham sido vendidos apenas 40. O funcionário explicou que a maioria das pessoas deixa para a última hora para comprar a passagem. O noturno sai às 22h30min com destino a Uruguaiana e Livramento, passando por cidades como Santa Maria e Cáceres.

Quem compareceu no guichê da estação, ontem, não sabia que havia uma operação-tartaruga. Gilmar Silva da Cunha mora em Cáceres e pretendia viajar para Alegrete, no primeiro dia de férias, mas ficou surpreso com a possibilidade de enfrentar um atraso. Nilda Mariano de Monte também se preocupou, mas de qualquer forma pretendia seguir para Cáceres, onde visitará parentes.

Jornalistas escolhem os nomes para a Federação

Começa amanhã a eleição para a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Em todo o País, jornalistas sindicalizados escolherão a nova direção da Fenaj para os próximos três anos. Concorrem duas chapas.

A chapa 1, "Em Linha Direta", é encabeçada pelo atual presidente, Armando Poltemberger, e integrada por três jornalistas gaúchos: Guaraci Cunha (concorrerá a vice-presidente regional), José Roberto Garcia (delegado na Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicação - Contop) e Rami Baldasso (a diretor de base).

A chapa 2, "Por uma Fenaj de Todos", é encabeçada pelo jornalista Freitas Neto, de Alagoas, e integrada por dois gaúchos: João Batista Avelino (concorrerá a vice-presidente regional) e Wisney Carlet (diretor de base).

Os jornalistas deverão assinar com um x no local demarcado para a chapa 1 ou 2, escrever o nome do diretor de base do Rio Grande do Sul (Rami Baldasso ou Wisney Carlet) e assinalar até cinco nomes para diretor da Contop (a chapa não apresenta candidato).

As eleições serão realizadas na quarta, quinta e sexta-feira, em Porto Alegre e nas regionais do sindicato no Interior. Haverá uma urna fixa na sede, das 8h às 20h, e uma volante que percorrerá delegações e assessorias. Poderão votar jornalistas sindicalizados em dia com a mensalidade, ou quem saldar sua dívida no momento da votação.

A Fenaj está promovendo uma pesquisa prévia para presidente da República. Assim, os jornalistas, ao votarem para a Federação, receberão também uma cédula especial com o nome dos 12 candidatos à Presidência.

Vigilantes

Os vigilantes da empresa 15 de Novembro, que emprega cerca de 800 funcionários, realizam uma assembleia geral hoje, às 8h, no sindicato da categoria (rua Vigário José Inácio, 30, conjunto 82). Eles prestam basicamente serviços a bancos e irão denunciar à diretoria da entidade irregularidades praticadas pela empresa contra seus funcionários. Segundo Ivo Prado, presidente do sindicato, é comum na empresa atraso de pagamento, não pagamento de horas extras e falta de curso para vigilantes.

Durante o dia, a direção do sindicato pretende levar à direção da 15 de Novembro as reivindicações da categoria e às 20h, no Sindicato dos Vigilantes, haverá uma nova assembleia para avaliar os resultados da reunião de negociação. De acordo com Ivo Prado, não está descartada a possibilidade de greve, caso a empresa não leve em consideração as reivindicações dos trabalhadores.

GERAL

Colonos ganham mais 918 hectares

O secretário Estadual da Agricultura, Marcos Palombini, anunciou ontem a concretização da compra de mais 918 hectares para assentar colonos sem terras. Ao preço total de R\$ 1.021.290,00, são 108 hectares em Bagé, adquiridos de Fiorentino Rosa, e 810 em Cangucu, comprados de Victor Leonel de Matos. A compra foi revelada após reunião realizada de manhã pelo Fundo de Terras do Estado (Funterra) e se tornou a primeira depois de duas semanas em que houve um hiato nos anúncios de novas aquisições pelo governo estadual.

Na reunião foi admitida também a compra de mais cinco áreas em Bagé, equivalentes a 6.479 hectares, que já tiveram suas condições técnicas aprovadas pela Emater. No entanto, de acordo com o secretário, a conclusão do negócio está dependente de um acordo sobre preços. Outros 3.453 hectares, localizados em Butiá, Cangucu e Piratini, estão aguardando ainda o laudo de vistoria dos técnicos da Emater.

O Funterra analisou a possibilidade de compra de 14.022 hectares, mas 8.252 foram desistidos por não apresentarem boas condições para a agricultura e outros 1.012 também foram deixados de lado porque são áreas em que a Companhia Programadora de Mineração (CRAM) tem interesse em explorar cálcio no futuro. Dos 6.479 hectares que estão sendo negociados desde ontem, o secretário Palombini acredita que pelo menos um poderão ser revertidos para o assentamento dos sem terras. "Se os negócios forem concretizados, estamos com quase todas as áreas necessárias compradas", disse ele. Atualmente, há 245 de famílias de sem terras acampadas no

Rincão do Ivaí e 317 na Fazenda Annoni, que receberão, em média, 20 hectares cada uma.

Palombini explicou que a compra havia sido suspensa por alguns dias porque foi necessária uma avaliação mais detalhada por parte da CRAM e porque, com a liberação do preço da carne, os proprietários elevaram os preços de suas fazendas ou voltaram atrás na decisão de vendê-las. Agora, com a queda no preço do boi vivo, voltaram a ofertá-las ao governo. Com a compra dos 918 hectares, o governo do Estado já adquiriu 12.852 hectares, dos quais 8.660 dados que Palombini tomou posse, no dia 20 de março.

O secretário se mostrou indignado com as informações de que haveria colonos recusando-se a se transferirem para terras em Bagé por não considerá-las como o ideal. "Isso não tem cabimento. Antes, a luta era pela terra e agora querem escolher?" Mas compromissos era o de comprar terras no Rio Grande do Sul", desabafou Palombini. Ele informou também que, vencida a etapa das aquisições, o governo começará a trabalhar na formulação dos projetos de assentamento e na assistência técnica e social às famílias. O Movimento de Sem Terra divulgou hoje uma posição oficial sobre o encaminhamento que está sendo dado à compra de terras, mas o nome Nelson Portela, da direção da entidade, disse que há dúvida quanto à decisão de desistirem de assentarem as aquisições. "Estamos desconfiados de que estas áreas (os 6.479 hectares em negociação) foram colocadas como válvula de escape", afirmou ele.

ZERO HORA — Terça-feira, 11.07.89 — PÁGINA 43

COMUNICADO À PRAÇA:
 COMUNICAMOS À PRAÇA QUE O SR. RICARDO AUGUSTO TELLES NÃO É MAIS NENHUM FUNCIONÁRIO DESDE 31 DE ABRIL DE 1989. NÃO ESTANDO, PORTANTO, DESDE ESTA DATA, AUTORIZADO A UTILIZAR O NOME DESTA EMPRESA OU DE NOSSAS REPRESENTAÇÕES.
 WACKER REPRESENTAÇÕES LTDA.

ASFADES ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS E SERVIDORES DA FUNDAÇÃO DE BEM-ESTAR DO SERVIDOR E DO SUPERINTENDE DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA EDITAL DE CONVOCAÇÃO
 O Presidente da ASFADES no uso de suas atribuições convoca todos os Empregados da Fundação de Atendimento ao Deficiente e ao Superdotado no Rio Grande do Sul, para a Assembleia Geral Extraordinária, a realizar-se dia 19 de julho de 1989 às 16 horas e 30 minutos em 1º convocação e às 17 horas em 2ª convocação, na Rua Santa Tereza, 711, com a seguinte ordem do dia:
 1 — compromisso da maioria dos Empregados e acompanharem a maioria nas decisões tomadas em assembleia.
 2 — decisão sobre destituição do SENALBA, SINPRO e SINDICATO DOS MOTORISTAS.
 3 — em caso de destituição do SENALBA, SINPRO e SINDICATO DOS MOTORISTAS, decisão de filiação ao SEMAPI.
 4 — em caso de não decisão pela filiação ao SEMAPI, criação de um novo sindicato.
 Porto Alegre, 10 de julho de 1989.
 João Lucas Nunez Neto
 PRESIDENTE

Publicações Legais

EDITAL DE CITAÇÃO
 (Prazo — 10 dias)
 O Exmo. Sr. Dr. José Elgio Mata Caporlingua, MM. Juiz de Direito da 2ª Vara Cível desta comarca do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, República Federativa do Brasil
 FAZ SABER aos que o presente Edital vierem ou dele tiverem conhecimento que pelo presente cita LUIZ SIDNEY BRILLO, brasileiro, casado, e sua mulher ELISABETH BARBOSA BRILLO, brasileira, casada, do lar, os quais encontram-se atualmente em lugar incerto e não sabido, para que os mesmos paguem, no prazo de vinte e quatro (24) horas, após o término do prazo deste edital, a importância de R\$ 114,17 (cento e quarenta e quatro reais e dezesseis centavos), acrescida de juros e correção monetária, honorários do advogado e custas processuais ou ofereçam bens à penhora, digo, honorários do advogado e custas processuais, sob pena de ser procedida a penhora do imóvel hipotecado a esta comarca na fl. 01, do livro nº 02, matrícula nº 17.867, em nome dos devedores. O presente foi extraído dos autos da carta precatória nº 202-88, oriunda dos autos de ação de execução hipotecária requerida por FIN-BAI Crédito Imobiliário S/A contra Luiz Sidney Brillo e Elisabeth Barbosa Brillo. Ficam ainda, por este, advertidos os devedores de que terão o prazo de dez (10) dias para opor embargos à execução, no juízo competente, depois de garantido o Juízo. Dado e passado nesta comarca do Rio Grande, aos quinze dias do mês de junho do ano de mil novecentos e oitenta e nove. Eu (Assina da Costa Mendes), escrivão, substituívo.
 José Elgio Mata Caporlingua
 Juiz de Direito da 2ª Vara Cível

ASSOCIAÇÃO DOS SUPERVISORES DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
 A Presidente da Associação dos Supervisores de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições, convoca os assistentes para a assembleia geral extraordinária a realizar-se no dia 19 de julho de 1989, às 13h30min, em primeira chamada, na sede da ASSERS, à Av. Borges de Medeiros, 328 conjunto 142 — 14º andar, nesta capital, com a seguinte ordem do dia:
 — Preenchimento dos cargos vagos existentes em sua diretoria;
 — Invenção e criação de nomes ou chapas para tal fim;
 — Pesse dos estatutos;
 — Demissão de estatutos;
 — Contribuição para FENASE;
 — Critérios para provimento dos cargos de especialista de educação.
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989
 Sonia Pereira Figueiredo
 Presidente da ASSERS

ASSOCIAÇÃO MÉDICA DO RIO GRANDE DO SUL
CONSELHO DE REPRESENTANTES
EDITAL
 O Presidente do CONSELHO DE REPRESENTANTES DA AMRIGS, de acordo com o artigo 29, § 3º e artigo 62 do Estatuto da AMRIGS, convoca para a ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA, no dia 12 de agosto de 1989, às 09 horas, em primeira convocação, às 09h30min, em segunda convocação, na sede da Associação Médica do Rio Grande do Sul, à Avenida Senador Salgado Filho, 135 — 6º andar, Porto Alegre, para tratar da seguinte Ordem do Dia:
REFORMA DO ESTATUTO DA AMRIGS
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989.
 DR. BRUNO WAYHS
 Presidente do Conselho de Representantes da AMRIGS.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ENERGIA, MINAS E COMUNICAÇÕES - CRT
CRT
AVISO DE LICITAÇÕES
 MODALIDADE: TOMADA DE PREÇOS CRT-3º CCPLT/DA-096/89
 OBJETIVO: 2.500 pares 9 horas FERRAMENTAS
 MODALIDADE: TOMADA DE PREÇOS CRT-3º CCPLT/DA-087/89
 OBJETIVO: 1.818 par 9 horas DÍODO, FUSÍVEL, CAPACITOR, RESISTOR e CIRCUITO INTEGRADO
 MODALIDADE: TOMADA DE PREÇOS CRT-3º CCPLT/DA-097/89
 OBJETIVO: 13.859 m 14 horas SOLDA EM BARRA e SOLDA PLO
 MODALIDADE: TOMADA DE PREÇOS CRT-3º CCPLT/DA-089/89
 OBJETIVO: 4.859 m 9 horas TAMP, CAIXA TERMINAL e BLOCO TERMINAL
 MODALIDADE: TOMADA DE PREÇOS CRT-3º CCPLT/DA-095/89
 OBJETIVO: 18.459 m 9 horas 117A SEMELHANA DE CHUMBO e CABEÇOTE DE DERIVAÇÃO
 A Companhia Programadora de Telecomunicações - CRT, torna público que recebeu as propostas de documentação e propostas referentes às licitações em epígrafe na 2ª Comissão Permanente de Licitações, sita à Rua Washington Luís, 1100, 4º and., nesta capital, onde poderão ser obtidas cópias dos Editais, com as informações e especificações necessárias.
 Porto Alegre, 6 de julho de 1989.
COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÕES
COMPANHIA PROGRAMADORA DE TELECOMUNICAÇÕES
GOVERNO DO ESTADO / 89

EDITAL DE INTIMAÇÃO
 A EXMA. SRA. DRA. LIZETE BROD LOKSCHIN, JUÍZA DE DIREITO SUBSTITUTA DA 2ª VARA CÍVEL DESTA COMARCA DO RIO GRANDE, ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.
 FAZ SABER que se processa na 2ª Vara Cível desta Comarca a Carta Precatória de Citação e Penhora nº 272/86, extraída dos autos da Execução Hipotecária nº 65769, que FIN-HAB CRÉDITO IMOBILIÁRIO S/A move contra ROBERTO CAMPELO TEIXEIRA, oriunda da Comarca de Porto Alegre, ficando INTIMADO pelo presente edital o requerido ROBERTO CAMPELO TEIXEIRA, que se encontra em lugar incerto e não sabido, da penhora efetuada no bem a seguir descrito: "Um apartamento nº 203, lotado pelo nº 513-A da Avenida Santos Dumont, nesta cidade, situado no segundo pavimento, à direita de quem entra no sub-bloco C-5, de fundos, com a área real privativa de 36,81m², área real de uso comum de 5,10m², perfazendo a área real total de 41,91m², correspondendo-lhe ainda, uma fração ideal de 0,002711 no terreno e no condomínio. Construído sobre um terreno de forma irregular, com a área superficial de 13.030,00m², parte próprio e parte de marinha, com frente à Avenida Santos Dumont, confrontando-se ao norte com o terreno de Armando Simões, Neli Simões Rodrigues e Neli Simões e com a Estada de Rodagem Rio Grande-Casas; ao sul com o Saco da Mangueira, Patrimônio da União; a leste, com o terreno de Alcides Simões e a oeste com o terreno de Helder Pereira Simões, cuja área assim se descreve: 30,00m (trinta e três metros) de frente ao norte, a partir da divisa do prédio nº 513, daí, no direção leste-oeste, daí na direção norte-sul com 40,00m (quarenta e nove metros), daí na mesma direção com uma pequena inclinação 171,00m (cento e setenta e um metros), daí na direção oeste-leste, 30,50m (trinta e cinco metros), onde encontra o ponto de partida e fecha o perímetro, que se encontra em poder de Roberto Campello Teixeira, na Av. Santos Dumont nº 513-A, apto. 203, Bloco C-5. Dado e passado nesta cidade do Rio Grande, aos oito (08) dias do mês de junho do ano de mil e novecentos e oitenta e nove (1989). Eu, (Teresa Domingues), Escrivã substituívo.
 RIO GRANDE, 08 de junho de 1989.
 LIZETE BROD LOKSCHIN
 Juíza de Direito Substituta da 2ª

ipe
INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DO RS
AVISO
VENDA DE IMÓVEIS
COM FINANCIAMENTO
Procedimento Especial para Alienação de Imóveis Retomados nº 03/89
 1. O INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, comunica que no dia 26 de julho de 1989, às 9h00min, no Teatro do IPE, sito na Av. Borges de Medeiros, 1945, N/C, estará recebendo propostas para venda de imóveis de sua propriedade localizados no Município de Viamão, neste Estado, relacionados no Edital integrante deste procedimento.
 2. O Edital com instruções e condições básicas estará afixado no saguão do 2º andar do Edifício-Sede a partir do dia 11 de julho de 1989 e na Agência do IPE em Viamão.
 3. As propostas, conforme modelo constante do Edital, deverão ser entregues no dia e horário acima indicados, em envelope fechado.
 4. Os interessados, desde que, sendo segurados obrigatórios do Instituto, preencham os requisitos do Edital, poderão contar com o financiamento, de acordo com as normas do Sistema Financeiro de Habitação-SFH.
 5. Os imóveis serão vendidos no estado de ocupação e conservação em que se encontram.
 6. Esclarecimentos complementares poderão ser obtidos na Divisão Habitacional do Instituto, Seção de Atendimento ao Público, 5º andar, sala sul do Edifício-Sede do Instituto, nos dias úteis, no horário das 10 às 17 horas.
 Porto Alegre, 10 de julho de 1989.
Diretoria Financeira

Estado

Canela poderá ter seu Cassino em pouco tempo

O prefeito de Canela, José Vellinho Pinto (PDT), revelou ontem que Canela poderá ter um cassino funcionando em breve. Para tanto, explicou que já se encontra na Comissão de Justiça da Câmara Federal, em Brasília, projeto de lei visando a criação de cassinos em regiões turísticas. Os jogos em cassinos, no Brasil, funcionam até 1944, quando o então presidente Eurico Gaspar Dutra proibiu sua atividade em todo o território Nacional.

Vellinho Pinto disse que há vários projetos nesse sentido sendo analisados. No entanto, o que está despertando maior simpatia entre os parlamentares, é aquele que estabelece os cassinos apenas nas regiões turísticas, com uma infra-estrutura hoteleira de cinco estrelas. Dessa forma, tanto Canela como Gramado, no Rio Grande do Sul, poderão ter o jogo liberado, caso o projeto venha a ser aprovado.

O prefeito pediatista salientou que a Comissão está estudando igualmente a constitucionalidade da lei. "Até agora, quem mais ofereceu resistência ao projeto foi a Igreja, mais precisamente a ala conservadora do clero", ressaltou o prefeito. O que está sendo discutido agora é a forma de como as casas de jogos poderiam operar e também se serão estatizadas, a exemplo do que ocorre no Uruguai, ou se será entregue à iniciativa privada. Sobre essas questões, segundo Vellinho Pinto, ainda não há definição.

Deputado defende a duplicação da RS-392

Uma ampla mobilização, envolvendo desde o governador, secretários de Estado, entidades representativas dos setores da indústria e do comércio, está sendo defendida pelo coordenador da bancada federal do PMDB, deputado Lélcio Sousa, com o objetivo de conseguir a duplicação da RS-392, trecho entre Pelotas e Rio Grande. O movimento, segundo o parlamentar, buscaria sensibilizar o ministro dos Transportes, José Rinaldo Faria, com vistas a incluir na proposta orçamentária do próximo ano os recursos necessários para execução da obra, que vai beneficiar igualmente o terceiro maior porto do País, o de Rio Grande.



Lélcio quer melhoria da RS-392

Lélcio Sousa lembra que, no dia 14 de junho, acompanhado de uma comissão de empresários e políticos, manteve uma audiência com o ministro dos Transportes, quando foi ressaltada a necessidade da imediata restauração da RS-392, para onde é canalizado o tráfego de quatro rodovias federais com destino final ao superporto de Rio Grande. O presidente regional do PMDB, inclusive, já apresentou emenda ao projeto do Governo, que dispõe sobre a utilização dos recursos arrecadados com o selo-pedágio, visando a recuperação da respectiva trecho rodoviário.

A existência de pedras semipreciosas no subsolo de Quaraí poderá mudar o perfil do município. Pelo menos é o que espera o prefeito e autoridades locais. Eles querem vencer alguns obstáculos existentes e alcançar sua plena exploração

A exploração das riquezas do solo mudará feição econômica de Quaraí

Uma mudança total do perfil econômico de Quaraí é o que prevê o prefeito Juarez Custódio Gomes (PDS), diante da perspectiva do município vir a ter as riquezas de seu sub-solo exploradas de maneira sistemática, pois está comprovada a existência de jazidas de ametista e ágata de considerável potencial. O prefeito explica que, recentemente, o diretor regional do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Leopoldo Maugnon, junto com técnicos do órgão, visitaram o município e confirmaram a existência de pedras semipreciosas com potencial para exploração.

"Com isso, tem havido uma verdadeira corrida de garimpeiros a Quaraí. Interessados em fazer a lavra mineral. Já existem em torno de 18 pedreiros de pesquisa de solo, mas alguns entraves estão surgindo", explicou o prefeito. Como o município está localizado em área de fronteira, o alvará tem de ser concedido pelo Conselho de Segurança Nacional e, além disso, há uma resistência dos fazendeiros locais, que não aceitam a idéia de verem seus campos de pastagem ou mesmo lavouras transformados em áreas de mineração.

Riqueza

Embora as ametistas e ágatas tenham passado despercebidas até agora pelos quaraíenses, elas chegam a ser encontradas a flor da terra em alguns locais. No entanto, a cidade vizinha de Artigas, em território uruguaio, explora suas jazidas há 30 anos, segundo revela Juarez Custódio Gomes. A identidade geológica entre as duas cidades é que está levando agora as autoridades locais a dar uma maior atenção ao potencial mineral de Quaraí.

O diretor da Rádio Quaraí, Jorge Jaques, comenta que, até bem pouco tempo, os blocos de pedra, em que as gemas de ametista e ágata estão incrustadas, eram utilizadas para fazer amuradas e cercas, porque as pessoas comuns ignoram o seu valor. Embora não seja comprovado, há informações de que algumas pessoas vinham fazendo escavações irregulares em alguns locais e as pedras seriam desviadas para outros lugares, onde eram lapidadas e comercializadas. "Isso deveria ocorrer em Quaraí, gerando tributos para o município", acrescenta o radialista.



Prefeito Juarez Gomes

Médico usa radiologia em cachorro e perde emprego

Serviço de radiologia de hospital decididamente não é lugar para cachorro. Mesmo que o animal esteja com um osso de galinha atravessado na garganta e precisando de um raio-x. Foi o que aprendeu o médico Felipe do Canto, responsável pelo setor de radiologia do Hospital dos Passos, de Rio Fardo (144 quilômetros da capital), que acabou demitido porque usou o equipamento hospitalar para tirar radiografia de um cachorro.

Conforme o provedor do estabelecimento, Cedeal Schwarz, o médico quis prestar um-favor a um amigo, dono do cachorro. Mas a direção do hospital entendeu que usar um serviço destinado a pessoas, para atender a

um animal, é falta grave e resolveu rescindir o contrato que o estabelecimento tinha com a firma prestadora de serviços de radiologia do médico.

O hospital, inclusive, está contratando um novo radiologista, já que o equipamento é propriedade do hospital. "Aqui não é nenhuma clínica veterinária", justificou o provedor. A denúncia do mau uso do equipamento foi feita pelo vereador Teimo Berger (PDT), alegando que a própria comunidade, que recentemente havia feito uma campanha para adquirir uma peça para o aparelho, no valor de R\$4.200,00 foi atingida pelo comportamento do médico.

Centro de Saúde quer dados sobre os bancos de sangue

O Centro de Saúde de Rio Grande está exigindo dos dois bancos de sangue, vinculados aos hospitais da cidade, o fornecimento de informações sobre os procedimentos e técnicas de coleta de sangue dos doadores. O médico-chefe do órgão, Raymundo Cruz, informa que o objetivo principal é avaliar a obediência às normas padrões, como forma de evitar o aumento de doenças transmissíveis.

O Centro de Saúde quer saber, ainda, como é feita a seleção de doadores, sobretudo para o caso das doenças que podem ser transmitidas através do sangue. Oficialmente, oito casos de aids foram registrados em Rio Grande, a partir de 1987. Este número, no entanto, não corresponde à realidade, conforme explica Raymundo Cruz. O médico lembra que, além da cidade ter uma população flutuante pela atividade portuária, muitas pessoas, ao contrair os sintomas da doença, acabam procurando centros maiores para tratamento.

Além deste trabalho, que será desenvolvido junto aos bancos de sangue da cidade, o Centro pretende ainda intensificar a atividade junto ao comércio, indústria, hotéis e escolas. O médico-chefe disse que, apesar dos poucos recursos, o órgão se mantém vigilante no combate à aids no município.

Resina estocada no Cassino não oferece nenhum perigo

Os 100 toneladas contendo resina, depositadas na praia do Cassino, a seis quilômetros do farol de Sarita, e denunciadas pelos oceanólogos do Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (Nema), não apresentam toxicidade. A informação é do coordenador do Departamento do Meio Ambiente (DMA) em Rio Grande, engenheiro Diniz Maciel da Silva, que, no final de semana, esteve no local, acompanhado do agente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Sidelmo Aquino.

Mesmo em contato com a

Água do mar, já que alguns sacos contendo a resina estavam abertos, o produto não oferece perigo ao ecossistema da região. Maciel explicou que, através do exame da fórmula do composto, foi possível avaliar que a resina serve para a fabricação de produtos não tóxicos, principalmente para limpeza doméstica. Os órgãos que visitaram o local buscaram identificar os proprietários do produto. Moradores do local atribuem a propriedade da carga à empresa resinista, Minuano Limitada, com matriz em Porto Alegre.

O interior de Cambará pede melhores condições

As principais reivindicações das localidades de Costa, Morro Agudo e Morro Grande, no interior do município de Cambará do Sul foram apresentadas ao prefeito Luiz Carlos Alves Fogaça (PMDB), bem como a vereadores e lideranças comunitárias, em reunião realizada no distrito de Povoação Crespo. A iniciativa foi da Associação dos Moradores de Costa, Morro Agudo e Morro Grande, que assim espera sensibilizar as autoridades para suas reivindicações.

Os moradores pediram a construção de uma ponte sobre o arroio Perdizes, visando ligar a estrada interestadual a Faxinal e Itambézinho, através de convênio com a Secretaria Especial de Habitação e Assistência Comunitária (Sehac). Eles querem também a ampliação dos projetos de eletrificação rural, bem como assistência da Emater para o cultivo de frutas e hortigranjeiros na região. Da mesma forma, querem apoio da Legião Brasileira de Assistência (LBA) para o artesanato produzido na região, incluindo palas e ponchos.

ZERO HORA **RBS**
 Porto Alegre - Rio Grande do Sul

Resposta
 No domingo, 12h, hora (051) 234.300, até 19h, 20h, 40h, 22h e 26h.
 No sábado, 7h, 24h, 40h, 20h e 26h.
 Comércio
 No domingo, 12h, hora (051) 234.400 e 24h, 30h, 40h e 26h.
 Classificados
 No domingo, 12h, hora (051) 234.700, até 19h, 20h, 40h e 26h.
 Classificados Foneados
 Hora (051) 234.300

Preços de Venda

RS e SC	General	Dominical
Caribé/FR	NC\$ 1,30	NC\$ 1,30
Inter/FR	NC\$ 1,30	NC\$ 2,20
São Paulo/SP	NC\$ 1,30	NC\$ 2,20
Caribé/SP	NC\$ 1,30	NC\$ 2,20
Ilhéus/RS	NC\$ 1,30	NC\$ 2,20
Brasília/DF	NC\$ 1,40	NC\$ 2,20
8 (Inter)MG	NC\$ 1,40	NC\$ 2,20
Galvão/GO	NC\$ 1,40	NC\$ 2,20
Campo Grande/MS	NC\$ 1,40	NC\$ 2,20
Salvador/BA	NC\$ 1,30	NC\$ 2,20
CAB/MT	NC\$ 1,30	NC\$ 2,10
Recife/PE	NC\$ 1,30	NC\$ 2,10
Faxinal/CE	NC\$ 2,10	NC\$ 3,30
Mossoró/RN	NC\$ 2,10	NC\$ 3,30
Maceió/AL	NC\$ 1,30	NC\$ 1,50

PETROBRAS
 PETRÓLEO BRASILEIRO S.A.

Torna público que requereu ao DEPARTAMENTO DO MEIO AMBIENTE DA SECRETARIA DA SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE e licença para implantação de um Terminal para Recebimento e Armazenagem de Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) no município de RIO GRANDE - RS.

Foi determinado estudo de impacto ambiental.

Canoas, 11/07/89
 Edson Tadeu de Albernaz Almeida
 Chefe da Obra de Construção na REFAP



domínio das massas de ar de altas pressões, tropicais ou polares, justifica o céu claro do continente sul-americano, com ausência quase completa de nuvens. Algumas nuvens das baixas pressões tropicais foram localizadas no extremo norte, já na América Central, e no extremo sul uma densa formação nebulosa nos faz reconhecer uma frente fria, que tomará a direção indicada pela seta na foto do satélite Goes-7, e logo chegará ao Brasil. A massa de ar polar se torna cada dia menos forte permitindo a elevação gradual da temperatura no Sul e no Sudeste.

O tempo no mundo

Temperaturas e condições do tempo no mundo, nas últimas 24 horas:

Cidade	Min.	Máx.	Condições
Amsterdã	24	16	nublado
Berlim	24	24	claro
Bombaim	25	30	claro
Buenos Aires	24	32	claro
Caracas	22	34	claro
Cairo	13	24	nublado
Caracas	23	30	nublado
Caracas	06	17	nublado
Caracas	14	24	nublado
Caracas	20	29	chuvoso
Caracas	08	15	nublado
Caracas	22	35	claro
Caracas	19	26	nublado
Caracas	21	28	nublado
Caracas	13	28	nublado
Caracas	20	23	chuvoso
Caracas	18	28	chuvoso
Caracas	19	26	nublado
Caracas	25	30	nublado
Caracas	15	22	nublado
Caracas	19	30	claro
Caracas	04	19	claro
Caracas	18	26	claro
Caracas	15	26	claro
Caracas	15	22	nublado
Caracas	19	27	nublado
Caracas	19	32	claro
Caracas	10	25	nublado
Caracas	27	30	claro
Caracas	06	16	claro
Caracas	13	27	nublado
Caracas	17	29	claro
Caracas	04	33	claro
Caracas	17	31	claro
Caracas	14	26	nublado
Caracas	16	25	nublado
Caracas	18	33	claro
Caracas	11	21	nublado
Caracas	25	30	nublado
Caracas	05	12	nublado
Caracas	22	30	claro
Caracas	23	28	nublado
Caracas	17	33	claro
Caracas	21	27	chuvoso

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO
 Carlos Renato, Tânia e Lillian; Liane, Gerson e Pedro; Diogo, Martina, Rosana, Manoel, Lourenço e Filipe - Filhos, Nora, Genros e Netos comunicam, com grande tristeza, o falecimento de sua por demais querida Mãe e Amiga
MERCILDA SCHNEIDER DREYER
 ocorrido na manhã de sábado no Hospital de Langueru - Município Teutônia.
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989.

Avisos Fúnebres e Religiosos

CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA
 Marino, Nelci, Cristina, Geraldo, Mirela, Caroline, Adriana, Carlos, Josiane, Tiago e Marcos, filhos, nora, netos e bisneta da sempre lembrada
NEVIA MARINAZ KLAUSBERGER
 Outrosim, agradecem a todos que de uma forma ou de outra demonstraram seu apoio nesta hora tão difícil e convidam para a missa de 7º dia que será celebrada dia 12 de julho, às 18h30min, na Igreja São João Batista, Rua Benjamin Constant, 17.
 Antecipam agradecimentos.
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO
 Ney Machado, Ruth e Claralucia Prates Machado cumprim o doloroso dever de comunicar o falecimento de
Dnº: INOCÊNCIA PRATES DE ARAUJO
 ocorrido dia 07 de julho em Rosário do Sul.
 Rosário do Sul, 11 de julho de 1989

ANÚNCIOS FÚNEBRES
 Para anunciar disque 234.567 (de 2ª a 6ª das 8 às 22h) ou Lojas e Postos ZH, horário comercial, ou através de um contato comercial, fone 234.700. Fora destes horários, procure diretamente o Tráfego de Operações Comerciais, com plantões aos domingos e feriados, das 17 às 24h. Custo deste formato para qualquer dia da semana:
NCz\$ 227,84

AGRADECIMENTO E CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA
 Benigna Maria Chiminazzo Wagner e Lucio Chiminazzo Wagner, esposa e filho, juntamente com os demais familiares do inesquecível e querido
LEONARDO ABREU WAGNER
 falecido no dia 5 do corrente, vêm por este meio expressar seu profundo agradecimento a todos os que, pessoalmente ou por outros meios, manifestaram sua solidariedade nesse transe doloroso. Ao mesmo tempo convidam para a missa a ser celebrada amanhã, dia 12, às 18 horas na Igreja São Manoel à Rua Lucas de Oliveira, 711.
 Antecipam agradecimentos.
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989

ANÚNCIOS FÚNEBRES
 Para anunciar disque 234.567 (de 2ª a 6ª das 8 às 22h) ou Lojas e Postos ZH, horário comercial, ou através de um contato comercial, fone 234.700. Fora destes horários, procure diretamente o Tráfego de Operações Comerciais, com plantões aos domingos e feriados, das 17 às 24h. Custo deste formato para qualquer dia da semana:
NCz\$ 71,20

CONVITE PARA MISSA DE 1º ANO DE FALECIMENTO
 Capitão José Teófilo de Costa e família convidam as pessoas amigas para assistirem à missa em intenção à alma de seu irmão
CONTABILISTA NICOLAU TIBURCIO MONTEIRO DA COSTA
 hoje, dia 11 de julho, às 18:30h, na Igreja da Sagrada Família, sítio à Rua José do Patrocínio nº 954.
 Antecipam agradecimentos.
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989

ANÚNCIOS FÚNEBRES
 Para anunciar disque 234.567 (de 2ª a 6ª das 8 às 22h) ou Lojas e Postos ZH, horário comercial, ou através de um contato comercial, fone 234.700. Fora destes horários, procure diretamente o Tráfego de Operações Comerciais, com plantões aos domingos e feriados, das 17 às 24h. Custo deste formato para qualquer dia da semana:
NCz\$ 85,44

AGRADECIMENTO E CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA
 ESPOSO, IRMÃ E DEMAIS PARENTES E AMIGOS da querida e sempre lembrada
EDITH CAVEL DE CAMILLIS VANZELOTTI
 agradecem a todos quantos de uma ou outra maneira foram dedicados em horas tão difíceis e convidam para a missa de 7º dia a ser celebrada no dia 11 de julho (hoje), às 19 horas, na Paróquia do Divino Espírito Santo, à rua Padre Henrique Lenz, 185.
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989

CONVITE PARA MISSA DE 30º DIA
 Alberto Staub, Eridio Staub e família, Walter Reckziegel e família, Alfredo Brondani e família, Günther Staub e família, Antônio Gilberto Lehnen e família, esposo, filhos, genros, noras, netos e bisnetos da inesquecível
WANDA ANTÔNIA GRESSLER STAUB
 convidam parentes e amigos para a missa de 30º dia a realizar-se hoje, 11 de julho, às 18 horas, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, à rua 24 de Outubro, 1751.
 Antecipam agradecimentos.
 Porto Alegre, 11 de julho de 1989

LAZARONI FAZ CORTES E CONVOCA MAIS DOIS



Na chegada ao Rio, o técnico Sebastião Lazaroni recebeu o carinho do filho e dos torcedores

Zé Teodoro até já foi liberado. Hoje, Tita e Cristóvão farão teste e um deles deve sair para dar lugar a outro dos que sobram na primeira fase. Agora, cada país pode inscrever mais dois. PÁGINA 51



Alemão pede marcação especial em Maradona

PÁGINA 51

Grêmio joga hoje à noite em Igrejinha

PÁGINA 54



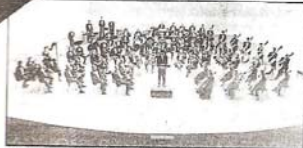
Chile classifica Uruguai e Brasil pega Argentina

Chile 2 x 1 Equador: Uruguai classificado e Argentina em primeiro

LEIA HOJE

SEGUNDO CADERNO

Prefeitura cobra imposto sobre concertos



Cobrança inédita de ISSQN começou com apresentações da Orquestra de Câmara de Moscou

SENA/CONCURSO 69

Ninguém acertou e prêmio acumula

08 17 34 39 49 50

Mais de 200 mil milhões acumulados na Sena Principal. Página 14

TRANSPORTES

Passagem intermunicipal vai ficar 24% mais cara

Página 22

POLÍCIA

Pai de quadrilheiro assassinado a tiros

Página 49

*** Acidentes de trânsito provocam sete mortes**

Página 46

POLÍTICA SALARIAL

Gov. desiste de regular a nova lei

Página 20

ECONOMIA

A força do frio nos negócios da Serra



Venda de chocolate caseiro de Gramado cresce 50% ao ano e coloca no mercado 20 toneladas do produto por mês. Pág. 28

LOCAL

Motéis serão obrigados a distribuir camisinhas

Página 27

ZERO HORA

PORTO ALEGRE, 4ª FEIRA - 19.07.89
ANO XXVI — Nº 8716 — NCz\$ 0,70



Mandelli, da Fiergs, e Pedro Simon: unindo esforços para implantar o gasoduto

Indiferença da Petrobrás pelo projeto do gasoduto foi desafiada ontem por Simon e Fiergs, que divulgaram o primeiro estudo comprovando a viabilidade de sua construção. PÁGINA 27

ESTADO PODE FAZER GASODUTO SOZINHO

Estado e empresários assumem esse compromisso se Governo Federal não apoiar obra

Paulo Freire/21

**Cerração
esconde
a capital**



Nevoeiro em Porto Alegre durou toda a manhã e retardou os voos no Aeroporto Salgado Filho. PÁGINA 36



COPA DO BRASIL

**Começa a briga
por uma vaga
na Libertadores**

Grêmio e Inter estão entre os 32 clubes de 22 estados que disputam, de hoje até 2 de setembro, o título desta nova competição do futebol brasileiro. PÁGINAS 48 e 49

**Mandado de prisão
contra ministro da
economia argentina**

Nestor Rapanelli é acusado na Venezuela por delitos de aproveitamento fraudulento de fundos públicos e de contrabando. PÁGINA 16

**Previdenciários
encerram greve
depois de 48 dias**

PÁGINA 36

Inflação de julho não chega a 30%

INPC do mês passado foi de 29,4% mas IBGE divulgou levantamento da inflação de julho com índices de 22% em São Paulo e 29% no Rio. PÁGINA 20

GERAL

ZERO HORA — Quarta-feira, 19.07.87 — PÁGINA 30

O sangue é um remédio muito importante. Quando falta, quem precisa dele pode morrer. Quando é oferecido sem qualidade, a salvação que ele trazia se transforma em morte. Por essa dramática questão passamos, hoje, todas as pessoas que precisam de uma transfusão de sangue em locais sem o controle dos órgãos de saúde pública. Se a transfusão não é feita, elas podem morrer. Se a transfusão é feita e o sangue estiver contaminado, elas podem morrer também.

Em todo o Brasil, sempre que se fala em controle da qualidade do sangue nas transfusões, um dos estados apontados é o Rio Grande do Sul. Entretanto, mesmo em um Estado citado como modelo, o controle não é o ideal.

Embora existam bancos de sangue que fazem parte do sistema de fiscalização da Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente (SSEMA), proliferaram em pequenos hospitais do Interior os bancos de sangue improvisados.

Nelas, não há controle ou fiscalização. Não são feitos testes para saber se o sangue é de boa qualidade e há histórias que relatam a ausência até de um simples exame de tipagem sanguínea entre doador e receptor.

São locais onde receber uma transfusão de sangue pode se transformar num risco semelhante ao de atravessar o corredor de ônibus da avenida Assis Brasil, na hora do pique, de olhos fechados.

A morte continua presente nos bancos de sangue

Em muitos locais, a AIDS foge ao controle

Por MÔNICA GUGLIANO
Edição Local/2H

No Brasil, 5,5% dos 6.421 casos de AIDS, acumulados desde 1980, foram contaminados em transfusões sanguíneas. O percentual não é nada alentador, se comparado ao de alguns países desenvolvidos, como os Estados Unidos, onde nunca chega a 1% e se for lembrado que, para prevenir a AIDS por transfusão, basta apenas a determinação dos órgãos oficiais de saúde. Apesar de a AIDS permanecer sendo uma doença incurável e que provoca a morte de 100% de suas vítimas, suas formas de transmissão são perfeitamente conhecidas.

De todas elas, a transfusão é a única que não depende da mudança de comportamento, como a diminuição de troca de parceiros sexuais (uma recomendação fundamental para os homossexuais, que são o maior grupo de risco), ou o uso de seringas e agulhas descartáveis (para os viciados em drogas, o grupo de risco que mais cresce em número de casos no Brasil e no resto do mundo), e cujo risco pode ser verificado com apenas um teste que detecta a presença de anticorpos ao vírus da imunodeficiência humana (HIV).

No Rio Grande do Sul, de um total acumulado de 332 casos de AIDS desde 1983, 18 também foram infectados em transfusões. O primeiro caso foi diagnosticado em 1987 e até o final do ano passado haviam aumentado para 12. Mas somente de janeiro a fim de maio deste ano já houve seis novos registros de pacientes que apontam como forma de transmissão a transfusão sanguínea, a maioria deles mulheres.

"Como a AIDS é uma doença que pode ter um longo período de incubação (depois de contaminado com o vírus, o paciente pode ficar muitos anos sem desenvolver nenhum sintoma da doença), muitos desses casos podem ser o resultado de infecções antigas e de épocas em que o teste nem era conhecido, mas o número preocupa. "É fundamental que se faça o controle de qualidade do sangue", defende Jair Ferreira, chefe do Serviço de Dermatologia Sanitária da Secretaria da Saúde e do Meio Ambiente (SSEMA), que agrupa o Programa de Controle de AIDS do Estado.

Muito boa

A qualidade do sangue transfundido no Estado, de acordo com o diretor da Divisão de Fiscalização do Exercício Profissional (Difep), Carlos Timponi, é muito boa. "Aqui, por exemplo, não enfrentamos aqueles trágicos problemas de comercialização do sangue", constata ele. A Difep garante que controla 85% de todo o sangue transfundido no Estado, mas Timponi reconhece que há falhas. "Se se tivesse um exército poderia fiscalizar todos os locais e todos os pequenos estabelecimentos que, em algum momento, fazem transfusões de sangue", argumenta.

No Rio Grande do Sul, são feitas cerca de 150 mil transfusões de sangue por ano. Nos primeiros cinco meses de 1989, houve 48.561 doações. Dessas, 1.310 foram rejeitadas por algum problema de contaminação. Entre as rejeitadas foram encontrados 34 portadores do vírus da AIDS, 605 pessoas com sorologia positiva para sífilis, 446 com sorologia positiva para Doença de Chagas e 178 com sorologia positiva para hepatite. "Nos bancos de san-

que que estão fora do nosso controle não sabemos o que acontece", observa Timponi.

É fácil imaginar que muita coisa pode acontecer nas transfusões feitas fora desse controle. Isto porque, apesar da Difep garantir que controla 85% de todo o sangue transfundido, apenas 54 bancos de sangue integram o sistema, que mantém uma lista computadorizada de doadores rejeitados. A cada 15 dias essa lista é refeita e redistribuída entre todos os membros com a relação de todos os doadores rejeitados e os motivos, geralmente o fato de ser portador de alguma doença infecto-contagiosa transmissível pelo sangue. Contando com os bancos de sangue que fazem parte do sistema e os demais que não são fiscalizados, a Difep supervisiona 29 na Grande Porto Alegre e 58 no interior.

Considerando que existem 430 estabelecimentos hospitalares no Estado e que, no Interior, a maior parte deles em algum momento faz transfusões de sangue, é possível constatar que existe uma grande diferença entre ambos os números. "A situação não é tão grave porque se estima que seja pequeno número de transfusões fora do sistema", acredita Timponi.

Hemocentros regionais

O diretor do Hemocentro do Estado, Silvio Gonçalves, concorda, também, com a hipótese de que é a muito pequeno o número de transfusões fora de controle. Assim, porém, que do ponto de vista da lei e ético, não deveriam ser transfundidos nem dez milímetros de sangue cuja qualidade não fosse devidamente comprovada. "É um absurdo que isso ocorra", afirma. O desconhecimento porque muitos hospitais não têm banco de sangue formalmente constituído, já que, como fazem poucas transfusões, ponderam que é muito alto o custo de montar um laboratório para testar todo o sangue. "É uma argumentação a ser considerada, mas que em nada justifica a possibilidade de pessoas contraírem doenças incuráveis e até fatais numa transfusão", diz.

Essas ocorrências preocupam Silvio Gonçalves, que coordena a subcomissão de Hemoterapia do Estado. Para tentar controlá-las, a subcomissão sugere, num documento enviado à Comissão Interinstitucional de Saúde (CIS), presidida pelo secretário da Saúde e do Meio Ambiente, Antenor Ferrari, que os pequenos hospitais, sem recursos, sejam proibidos de realizar cirurgias eletivas e que, se as fizerem, elas não sejam pagas pelo Inamps. "Ficariam, então, apenas com o risco das transfusões necessárias em caso de acidente", pressupõe.

A mesma recomendação é feita à CIS pela Difep. "Quem não tem condições de garantir a qualidade do sangue transfundido não pode realizar esse procedimento", prega Timponi. A solução definitiva, no entanto, parece que acontecerá somente a longo prazo, com a construção dos seis hemocentros regionais previstos pelo Estado e, depois, de laboratórios nos principais municípios que testem todo o sangue doado. "Com esse sistema, poderemos garantir praticamente todas as doações", acredita Gonçalves.



Palmeira das Missões: 77 doações, 97 transfusões. Estranhamento, nenhuma rejeição

O alerta que vem do Interior

No Hospital de Caridade de Palmeira das Missões, um município distante cerca de 400 quilômetros de Porto Alegre, um cartaz pregado numa porta de um dos corredores anuncia: Banco de Sangue. Entretanto, ali, como no pequeno município de São Sepé, e em muitas outras cidades do Interior do Rio Grande do Sul, as transfusões de sangue não são feitas dentro dos padrões necessários que garantam a ausência total de riscos de contaminação. "Fazemos o teste para saber se o sangue é do mesmo tipo", informa a funcionária que trabalha no setor da Farmácia, responsável pelas transfusões.

Em São Sepé, no hospital municipal, o funcionário é mais explícito. "Se a senhora tem algum parente que precisa de transfusão, a senhora vem doar o sangue, ou traz alguém que doa. A gente vê se o sangue é o mesmo e faz a transfusão", afirma. Pelo menos, o hospital de São Sepé não faz parte da lista de cadastrados pela Divisão de Fiscalização do Exercício Profissional (Difep), como o Hospital de Caridade de Palmeira.

No relatório da Difep consta que o Hospital fez, nos cinco primeiros meses deste ano, 97 transfusões de sangue e recebeu 97 doações. Nenhum doador, portanto, foi rejeitado. Seria difícil, entretanto, que algum doador fosse recusado, já que, conforme o administrador do estabelecimento, Cido Chaves Vargas, o médico prescreve sempre o sangue adequado e, com a atual crise e baixa remuneração prestada pelo Inamps, se torna impossível fazer grandes investimentos.

Pânico em Guaporé

A população de Palmeira das Missões, portanto, tem motivos para se preocupar quando precisa de transfusão de sangue, inclusive porque dos dois casos de AIDS registrados na cidade, um foi por transfusão sanguínea. "Nesse hospital, além de cobrar o preço por fora, ainda prejudicam a saúde das

pessoas. Quanto mais longe dele a gente passar, melhor", sugere o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade, Osmar Walmann.

Durante muitos anos, o município de Guaporé passou por uma situação semelhante à de Palmeira das Missões. No último mês, foi inaugurado um sistema que garante a qualidade do sangue transfundido na cidade, graças ao pânico que gerou na cidade o diagnóstico de AIDS em uma mulher que recebeu uma transfusão no Hospital Municipal Manoel Francisco Guerreiro. Sobre o caso ainda paira uma série de suspeitas, a maioria delas levantadas em um relatório do Departamento de Dermatologia Sanitária da SSEMA.

Em outubro do ano passado, um médico do Departamento foi até Guaporé para investigar como a mulher, que recebera uma transfusão de sangue no parto, e o bebê, estavam infectados com o vírus da AIDS. Na época, chegou até a ser cogitada a hipótese de que o bebê tivesse sido contaminado pelo leite materno. Uma hipótese remota, sobre a qual a ciência possui diversas interpretações e nada foi concluído em definitivo.

O mais grave, porém, é que o mesmo médico que fez o relatório apontou que, independente da mulher ter sido contaminada ou não no hospital, todas as transfusões que ali eram feitas não recebiam nenhum controle. "Torna-se evidente o problema. A população está alarmada com os boatos. Aquelas que sofreram transfusões ainda mais. Entre as informações obtidas está a de que nem a reação para identificação da Doença de Chagas é realizada", assinala o médico.

"Isso não mais acontece aqui", garante o ex-secretário de Saúde do município, Emílio Carlos Zanon. Ele assegura que foi montado um banco de sangue no hospital com todas as condições e apto a realizar todos os exames. "O teste de AIDS é o único feito fora daqui. Enviamos o material para Porto Alegre para que o hemocentro realize o exame, portanto o sangue é de boa qualidade", afirma.

GERAL

ZERO HORA - Quarta-feira, 19.07.89 - PÁGINA 31

Agora, um plano de regulamentar controle

Agora, depois da inclusão no parágrafo 4º da nova Constituição, o artigo 199 que proíbe a comercialização das atividades de coleta, processamento e transfusão do sangue e seus derivados, profissionais da hemoterapia ligados ao setor público concluem um texto para apresentar ao Congresso para a regulamentação do tema. No texto se propõe a criação do Sistema Nacional de Sangue, Componentes e Derivados (SNSCD), no âmbito do Sistema Único de Saúde, para garantir a auto-suficiência do País no setor, que assegure a preservação da saúde do doador e do receptor do sangue e acabe com o descontrole.

O problema do controle do sangue sempre foi um assunto muito grave no Brasil. Transfusões que resultavam em hepatite, doença de Chagas, sífilis ou malária faziam parte da rotina dos estabelecimentos de saúde. Embora todas essas doenças, a longo prazo pudessem provocar a morte dos que eram contaminados nas transfusões, somente com o surgimento da AIDS se teve a exata dimensão das consequências que esse descontrole poderia trazer.

A AIDS, uma doença infecto-contagiosa, incurável e que provoca a morte de todos os doentes, pode ser transmitida pelo sangue, portanto, desta vez, era urgente que alguma medida fosse tomada. Caso isso não fosse feito, o Brasil teria um problema de saúde pública muito mais difícil de controlar e que, logo, mostrou suas proporções. Vítimas do descontrole, se estima hoje que até 80% dos hemofílicos (pessoas portadoras de uma doença que é controlada com o Fator VIII, um produto elaborado com o sangue de um pool de doadores) estejam contaminados com o vírus da AIDS. Alguns até já morreram, como o cartunista Henfil e o presidente do Centro dos Hemofílicos do Estado, Geraldo Burmeister.

Se o Brasil adotava algumas medidas para evitar que a doença se alastrasse por esse meio, ou a situação se tornaria insustentável. Assim, começou o combate às doações remuneradas, prática comum no País, e a outros procedimentos completamente irregulares. Foi cada vez mais divulgada a necessidade de que a população exija sangue de boa qualidade. Sangue devidamente submetido aos exames que detectam doenças contagiosas. Paralelamente, o governo começou a investir nos hemocentros dos Estados, uma forma de estimular os lucros que cercavam as transfusões sanguíneas e impediam o controle, pois ele onerava os procedimentos, e os hemoterapeutas dos serviços públicos se debatem cada vez mais para que o sangue seja sinônimo de cura e não de doença.

Jovem morre por falta de um simples teste

O casal de agricultores, Oraci e Angelina Pinheiro, sabem com exatidão o que significa uma transfusão de sangue sem controle e sem os cuidados necessários. Um dos seis filhos do casal, Wilson, 16 anos de idade, morreu por causa de uma transfusão. O assunto chegou à Justiça, mas Oraci conta que desistiu de levar o processo adiante, por uma razão bem simples: "Sou uma pessoa sem fortuna, um agricultor. Não tenho recursos para brigar com os grandes. Eles são doutores, sempre vão ganhar de mim", explica, enquanto sua mulher enxuga as lágrimas no avental.

Wilson sofreu um acidente de moto na estrada e quebrou uma perna. Foi levado ao Hospital de Caridade de Palmeira das Missões, onde os médicos informaram que precisava fazer uma cirurgia. "O rapaz estava bem. Daí veio aquele arrumador de osso e disse que para a cirurgia, o menino precisava de um moto litro de sangue", recorda Oraci. De acordo com seu relato, foi feita a cirurgia e providenciado o sangue pelo hospital. "O médico nos disse que logo ele ficava bem", diz.

No entanto, depois da cirurgia, Wilson, em vez de melhorar, piorou. "Fizeram o sangue e disseram que tudo estava bem. O médico nem queria falar com a gente muito. Apenas informava que logo o rapaz melhorava", conta Oraci. A melhora não aconteceu e Oraci, que estava junto com o filho no hospital, começou a ficar preocupado. "Eu já tinha até vendido um pedaço de terra para pagar o hospital. Perguntei se precisava mais alguma coisa, mas eles sempre diziam que não".

O sangue transfundido em Wilson não era do mesmo tipo que o seu - situação que pode ser determinada por um simples teste. Wilson acabou entrando em choque, porque acontece uma reação de incompatibilidade entre o seu sangue e o transfundido. Embora nem sempre uma transfusão de sangue incompatível entre doador e receptor resulte em morte - isso depende de uma série de fatores como por exemplo, a quantidade de sangue transfundido - Wilson não resistiu. Quando os médicos consultaram a extrema gravidade do seu estado e resolveram removê-lo para outro hospital já era tarde. "Ele morreu na ambulância", recorda, inconsolável, sua mãe.

Logo após a morte do rapaz, a família tentou por todos os meios, que o hospital reconhecesse o erro. Que fosse feita alguma coisa contra os responsáveis. Já passaram três anos desde que Wilson morreu. O hospital continua trabalhando nas mesmas condições. "Eles botaram uma pedra por cima e acabou. Mas acabou para eles que não perderam um filho. Não acabou para nós e nem para a população da cidade que, sempre que precisa, corre os mesmos riscos", diz Oraci.



Angelina e Oraci, um filho de 16 anos perdido por um erro

Há 178 anos a RAINHA vem expandindo FRONTEIRAS através do trabalho de sua gente.



CICADE

Apoio total
à produção



Bagé "Rainha da Fronteira"

Informativo Publicitário



PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
GABINETE DO PREFEITO

BAGÉ 178 ANOS

No momento em que transcorre o 178º da fundação de Bagé, a comunidade bageense, pelo Poder Público Municipal, deseja tornar pública sua gratidão a tantos quantos se integraram em seu esforço para amenizar as imensas dificuldades que enfrentou e continua atravessando em virtude da prolongada estiagem que assola o município.

Ao Governo do Estado, ao Governo Federal, aos órgãos de imprensa, às entidades públicas e

privadas que nos emprestaram seu apoio e solidariedade, e que foram decisivos para que a população de Bagé, perfeitamente integrada com a Prefeitura Municipal, reduzisse as dramáticas consequências da falta de abastecimento de água.

Esta união solidária e efetiva redobra nossas forças e reafirma a nossa fé de que por maior que sejam as adversidades poderemos superá-las com trabalho, dedicação e competência.

LUIS SIMÃO KALIL - PREFEITO
DEPUTADO CARLOS SÁ AZAMBUJA - VICE-PREFEITO
Bagé, julho de 1989

INTER INICIA A COPA SEM SEIS TITULARES

ZERO HORA

Copa do Brasil tem 16 jogos esta noite. O Inter estreia contra o CSA, às 21h30min, no Beira-Rio. O Grêmio pega o Ibraçu, no Espírito Santo. PÁGINAS 48 e 49



Edmundo (à esquerda) reforça o ataque do Inter contra o CSA, no Beira-Rio



Mazzeropi, ídolo do Grêmio, é atração esta noite no Espírito Santo

Maguila afirma que continuará lutando

PÁGINA 51

Edivaldo é a novidade na Seleção das Eliminatórias

PÁGINA 50

Grêmio completo contra adversário desconhecido

PÁGINA 49

LEIA HOJE
 TEMPO
 Céu claro a parcialmente nublado, nevoeiros na Depressão Central e formação de geadas fracas no Planalto. Temperatura entre 4 e 26 graus. Página 42

ECONOMIA
 Expointer 89 será mais diversificada



Guazzelli elogia coragem dos pecuaristas gaúchos. Página central

SAÚDE
 Aids ainda fora de controle em alguns bancos de sangue
 Páginas 30 e 31

SECA
 Prefeito de Pelotas decreta a calamidade
 Página 42

UNISINOS
 Gabarito do vestibular de Comunicação e Expressão
 Página 33

POLÍCIA
 Identificados assaltantes de casa de promotor em Esteio
 Página 45

CARRAS MOTORES & MOTORES
 Stress, sinal verde para os acidentes



No trânsito lento, muito gesto já provocou briga e até tiroteio

ZERO HORA

PORTO ALEGRE, 5ª FEIRA - 27.07.89
ANO XXVI — Nº 8724 — NCz\$ 0,80

Lançada a cédula de NCz\$ 200

Nota que circula até o final do ano terá no anverso as figuras de Silva Jardim, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca e Quintino Bocaiuva ao lado da efigie simbólica da República. No reverso, a reprodução do óleo *Pátria*, de Anibal Brusó. Também serão lançadas 30 mil moedas de prata com o valor unitário de NCz\$ 200. PÁGINA 30



CANDIDATO A VICE DE COVAS RENUNCIA

Roberto Magalhães não resistiu às críticas. PSDB procura outro nome



Falta de sinalização e existência de "degraus" na BR-116-Sul provocaram a colisão de quatro veículos, com um morto e dois feridos

A péssimo situação dos estradas federais no Estado

Pelo menos 80% dos 96,6 quilômetros da free-way, na BR-290, precisam de reformas urgentes. Na BR-101, também em mau estado, quatro ocupantes de uma camionete perderam a vida. E na BR-116-Sul, carambola de quatro veículos resultou em um morto e dois feridos graves. PÁGINAS 48,49 e 57

Ex-governador de Pernambuco desistiu de concorrer depois que suas condições para permanecer na chapa não foram aceitas. Os mais cotados para substituí-lo são os senadores José Richa, do Paraná, e Teotônio Vilela Filho, de Alagoas. PÁGINA 10

CASO NAHAS

Até o presidente da CVM está indiciado

Com a denúncia contra Martin Wimmer, chega a 12 o número de envolvidos identificados pela Polícia Federal no escândalo das bolsas de valores. PÁGINA 22

HOJE É DIA
9.800 OFERTAS
EM ZH

Empresários gaúchos dizem hoje a Mailson que não querem choque

Jantar com o ministro da Fazenda vai ser na residência do presidente da Fieggs. Amanhã ele visita a Fenac. PÁGINA 22

COMEÇA HOJE



LIQUIDAÇÃO

RAINHA MODAS

AZENHA ESQ. CALDWEL

GERAL

PÁGINA 42

CEEE negocia desapropriação

Atingidos pela barragem de Dona Francisca podem fazer acordo

A comissão de agricultores que serão atingidos pela construção da hidrelétrica de Dona Francisca continua negociando a desapropriação de suas terras com a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e autoridades do setor energético. Segundo o prefeito de Itarama, Mário de Bona (PDS), serão atingidos pela construção cerca de 300 pequenos proprietários que possuem em média de 10 a 40 hectares. As propriedades estão localizadas em Itarama e Nova Palma e possuem terras consideradas muito férteis.

O acordo prevê quase 20 cláusulas, dentro de um sistema de negociação já adotado também em outros estados onde houve desapropriação com a mesma finalidade. O prefeito enfatiza que a experiência tem demonstrado que nestes casos o mais acertado é promover a troca das terras por outras, na mesma região, para evitar o êxodo rural. "Traz os agricultores da terra e levá-los a engrasar os

cinturões de miséria já existentes em torno das cidades", diz.

Em princípio a comissão de agricultores está satisfeita com as cláusulas do contrato a ser firmado. Ainda não houve acordo, no entanto, com relação a três delas: a que estipula que a indenização deve ser realizada antes da obra, a que determina que ela seja de forma sucessiva, atingindo gradativamente as propriedades limítrofes, e a que diz respeito aos valores pagos àqueles que forem atingidos pelas obras e tiverem algum prejuízo.

O processo de desapropriação deverá ser iniciado logo após a assinatura do documento de acordo, e tem conclusão prevista para 1982. Ele assegura ao proprietário das terras o direito do seu uso um ano após o encerramento das negociações.

A usina de Dona Francisca tem capacidade prevista para 126 mil quilowatts e proporcionará



Camponeses estão acertando termos do acordo

um ganho de energia de 92 mil quilowatts ao sistema Interligado. A conclusão da obra, orçada em R\$ 650 milhões, e a entrada em operação das turbinas estão previstas para 1984. Ela deverá contar com financiamento da Jugoslávia, em troca de produtos gaúchos, como soja em grão e óleo. (Central de Interior/ZH)

Antecipação de aposentadorias assusta governo

A possibilidade de antecipar a aposentadoria (com uma remuneração proporcional), prevista pela nova Constituição é mais uma dor de cabeça para o governo do Estado, que tem 60% do seu quadro funcional com mais de 46 anos de idade. "Estamos caminhando para a extinção", se alarma o secretário de Recursos Humanos e Modernização Administrativa, José Fernando Eichenberg. Muito mais grave do que essas vazias nos mais diversos setores — o que pode ser resolvido através de concursos, afirma, é o comprometimento das finanças do Estado, dentro de cinco a dez anos, com o pagamento de inativos — hoje cerca de 60 mil, contra 200 mil servidores ativos. "Estamos estudando a repercussão financeira e pensando em alternativas, com a criação de um fundo", conta.

Com muitos funcionários jovens demitindo-se, em busca de colocações no Judiciário, que oferece salários bem mais atraentes, o governo do Estado, ao analisar a faixa de idade de seus funcionários, se depara com uma pirâmide invertida, quando deveria ser o contrário. "Pensamos na reposição, mas os concursos não puderam ser realizados ainda pela necessidade de adequação às normas constitucionais: regime único, isonomia e plano de carreira", explica Eichenberg, que deve enviar um projeto à Assembleia Legislativa pedindo o suprimento das vagas até 30 de abril do ano que vem.

"Aqui na própria Secretaria enfrentamos problemas pela aposentadoria e exoneração de servidores, mas não custa ter um pouco de paciência para que a reposição seja preparada", afirma o secretário. Uma de suas metas é revalorizar o quadro geral do Estado, esvaziado com a criação de 19 quadros específicos. "Assim, servidores de uma secretaria poderiam ser deslocados para outra em função das necessidades do Estado", propõe. O secretário, porém, insiste em que paralelamente deve haver uma reavaliação da burocracia, para que o Estado não precise de tantos servidores e o público seja atendido mais rapidamente. Ele ressalta porém, que 80% das aposentadorias são de professores.



CURSO INTENSIVO DE PRÁTICA DE JORNALISMO MODERNO

O jornalismo e as empresas de comunicação enfrentam o desafio profissional e tecnológico de corresponderem às novas exigências do seu tempo. A RBS, seguindo um processo de contínua modernização, lança o Curso Intensivo de Prática de Jornalismo Moderno, um projeto inédito entre os veículos de comunicação e diferenciado dos programas de treinamento e estágio. O curso, gratuito e aberto a jornalistas profissionais e estudantes de jornalismo do último semestre, colocará as novas tecnologias da empresa, uma das mais modernas redações informatizadas, a serviço da preparação de quadros para as crescentes exigências do jornalismo moderno. Os cursos de comunicação e jornalismo das universidades constituem a base indispensável e têm formado com seriedade os profissionais da área. Este programa visa acrescentar e complementar o ensino acadêmico, através da utilização dos modernos equipamentos da empresa e do aprendizado com professores e jornalistas profissionais do país e do exterior, especialmente trazidos para o curso. Os candidatos para um número de vagas limitadas serão admitidos através de um processo de seleção.

INSCRIÇÕES
ABERTAS

HORARIO: DAS 9 AS 19 HORAS

DOCUMENTOS: Carteira de Identidade, Diploma ou Registro Profissional (Xerox), Histórico Escolar e Curriculum Vitae.

Av. Érico Veríssimo, 400, 3º andar - Fones (0512) 234.400 e 231.100 - Porto Alegre - RS

COPIADORA FORMATO
COPIAS HELIOGRAFICAS

Xerox, reduções e encadernações. Pagamento mensal para empresas. Profissão Alves, 2864. F.: 34-5884

De olho no século

Intelectuais e pensadores gaúchos fazem a radiografia das gerações gaúchas deste século. Depoimentos década por década reunidos num livro. Leia mais detalhes amanhã em Zero Hora, no Segundo Caderno.

Palombini garante: invasões terminaram

AO REPRESENTAR, ontem, o governador Pedro Simon na abertura do 3º Congresso Estadual Pequena Propriedade, em Lajeado, o secretário da Agricultura, Marcos Palombini, disse que o Rio Grande do Sul, no momento, é o estado brasileiro em que não há mais invasões de terras. Citou como exemplo a região onde existem nada menos de 37 ocupações legais de propriedades.

Com estas dadas, Palombini quis provar que a política desenvolvida pelo governo Simon na área fundiária, através da compra de terras para assentamentos de colonos, "está dando

certo". O governador devia abrir os trabalhos do Congresso, mas o mau tempo não permitiu que se deslocasse, de helicóptero, até Lajeado, uma vez que não podia fazer o de carro, já que tinha um compromisso, no final da manhã, no Palácio Piratini, com o embaixador da Grã-Bretanha.

O Congresso assume uma importância especial, segundo o secretário da Agricultura, porque das 475 mil propriedades rurais existentes no Estado, 400 mil pertencem a pequenos agricultores que cultivam áreas inferiores a 50 hectares. Por esta razão, conforme a

mensagem encaminhada por Simon aos participantes do encontro de Lajeado, hoje a pequena propriedade "é a moça mestra do desenvolvimento do Rio Grande do Sul". Para torná-la mais produtiva, o governo sugere uma reformulação de seu perfil, partindo para a policultura. Lembrou-se o caso da cultura de cítricos em São Paulo, responsável pela exportação anual de suco de laranja em mais de 2 bilhões de dólares, superando, inclusive, todo o setor caipadista gaúcho, que obtém apenas 1,3 bilhão de dólares com suas vendas ao exterior.

I FÓRUM A QUESTÃO REGIONAL NO BRASIL



27 DE JULHO DE 1989
AUDITÓRIO DA
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
RUA DOS ANDRADAS, 1.000
PORTO ALEGRE - RS

A região Sul lança uma luz sobre as questões regionais do Brasil. Participe do "I Fórum - A Questão Regional no Brasil" e venha discutir o desenvolvimento e as realidades de cada uma delas após a nova Constituição, os desequilíbrios de região para região e as tendências para o futuro. Dia 27 de julho, o Norte e o Sul, o Nordeste, o Sudeste e o Centro-Oeste vão estar em discussão, em Porto Alegre.

Programa		
8-42 horas - Abertura Jair Carlos Mello Secretário-Geral do Ministério do Interior	12:00 horas - Encerramento	18-45 horas - Intervalo
8:50 horas - Papel da Questão Regional do Brasil "Tendências Futuras"	Expositores: Jesse Lewer Profeta de Curitiba Claudio Frencher Azevedo Professor	17:20 horas - Pausa "A Questão do Desenvolvimento Regional no Estado: Matéria de Ocupação Complementar"
8:55 horas - Palestra: Paulo Roberto Machado Francisco B. Magalhães Filho Secretário de Planejamento do Paraná Paulo Marcatini Secretário de Planejamento do Estado do Rio Grande do Sul Leonardo Galvães Diretor de Fundação do Instituto Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social	Debate: Paulo Paulo Coelho Secretário de Planejamento do Ministério do Interior Tiago Batista Siqueira Secretário Executivo do CNDU Antônio Brito Deputado Federal Maurício André de Rocha Procurador-Geral do Estado	Expositores: José Carlos Mello Secretário-Geral do Ministério do Interior Ray Naldi Deputado Federal Norma de Paula Arruda Filho Sudam José Martins de Oliveira Amado Sudam Roberto Pinheiro Rêgo Sudam Roberto Fellet Sudam Jair Carvalhosa de Magalhães Sudam Moderador: José Celso Bertoluzzi da Silveira
		19:00 horas - Encerramento Alvaro José Azevedo Superintendente da Sudesul

Realização



Informativo



PALESTRA DO MBM NO QG DA BM

No dia de ontem, às 19h, o MBM proferiu uma palestra sobre os objetivos da Entidade, bem como a mostra de comercialização dos melhores planos de previdência no mercado.

A palestra reuniu os Oficiais do Estado Maior da BM, alguns Oficiais Representantes das Unidades Brigadianas da Capital, na Sala de Instrução do Quartel do Comando Geral da Brigada Militar, com a presença do Chefe e Subchefe do EMBM, Cel PM Carlos Walter Stocker e Cel PM Edo Castro Cajá, respectivamente.

Os palestrantes Srs. Alceu Rodrigues Moreira, Diretor-Presidente do MBM, Julio Cesar Freije e Julio Leite Pinto, Diretores da BM, - Lenc e Repres. foram recebidos, naquela oportunidade, pelo Cmt Geral da BM, Cel PM Jerônimo Carlos Santos Braga.

Mais uma vez, os objetivos do MBM, expostos através de audiovisual e material distribuído, puderam comprovar a séria previdência e as vantagens asseguradas a todo quadro social da Entidade.

PENSÕES HABILITADAS NO MÊS DE JULHO/89

O MBM comunica que foram habilitadas neste mês de julho/89 os pensionistas dos planos subscritos, pelos exintos associados, a seguir relacionados: LEOPOLDO MANZKE, JOSÉ ASSIS MACHADO, JAIME PEREIRA DA LUZ, FRANCISCO GONCALVES FELJO, NELSON COSTA MARQUES, DILSON MARQUES DA SILVA, IBERICO MOLINA, ANTONIO GALVÃO BRAZ, LUISSES CARVALHO, ARY FURTADO, NABOR DOS SANTOS, FELICISSIMO SILVA, SANTO VERTEGILDO MENDES, RAUL MARTINS DE QUADROS, FRANQUELIN TAVARES ALMEIDA, BELMIRO MIRANDA DA SILVA, ARISTOTILES DE SOUZA GUTERRES FILHO, ANTONIO TADEU SILVA CAMPOMAR, GERALDO ROGE LOPES SOARES, FRANCELINO PALMA DE LACERDA, ARY RODRIGUES LISBOA, SETEMBRIÑO GLEDES DIAS DA FONSECA, CORALDINO SOARES MACHADO e IRINEU RODRIGUES BITENCOURT.

SÃO PEDRO

UM OBJETIVO BEM DEFINIDO

A Funerária São Pedro, subsidiária do MBM, adquiriu, com o objetivo de prestar um atendimento ainda mais completo, jazigos perpétuos no Cemitério Farouze Jardim de Paz.

A oportunidade para a aquisição dos jazigos, por qualquer pessoa, encontra-se, ainda, em disponibilidade na própria São Pedro, na Av. Bento Gonçalves, 561 - telefone: 23.3091.

Essa informação publicada, pela primeira vez, através deste informativo no dia 6 de julho passado, provocou uma surpreendente procura junto à Funerária São Pedro, para a aquisição dos jazigos, evidenciando um crescimento da consciência previdenciária nas pessoas, atribuída à imposição de inúmeros fatores, que o cotidiano lhes vem apresentando.

OS OBJETIVOS DA TURISMO MBM

A Turismo MBM é uma subsidiária do Grupo MBM. É uma agência de viagens e turismo que presta total assessoramento, sem nenhum ônus a mais do que o cliente teria, tratando diretamente com autocladoras, hotéis, companhias aéreas, despachantes e outras empresas.

A Turismo MBM reserva, emite, confirma e entrega, em sua casa ou escritório, bilhetes aéreos, rodoviários ou marítimos nacionais ou internacionais. Reserva hotel, em qualquer parte do Brasil ou exterior, sempre em local compatível com o propósito. Trata da locação de automóveis, ônibus ou até mesmo jato aéreo. Organiza excursões terrestres, áreas ou marítimas, bem como congressos e convenções. A Turismo MBM dá total assistência para confecção de documentos e encaminhamentos de visto de entrada em outros países, para uma viagem sem transtornos.

MABM

O Movimento Assistencial da Brigada Militar, mediante doação organizacional própria e doações obtidas através da Clínica Hipocôsmo, efetuou a entrega de materiais diversos ao Hospital da Brigada Militar de Santa Maria. Lençóis, toalhas de banho e rosto totalizaram 501 peças, além de 100 metros de algodão trançado e 100 metros de cretone hospitalar.

Estiveram presentes à solenidade, que foi realizada no dia 17 de julho, o Diretor do HBM/SM, Ten. Cel PM Med Israel Levy e demais Oficiais daquele hospital, bem como representantes do núcleo número dois do MABM, sob a coordenação de Carmem Rosacci.

A Polícia Odontológica da Brigada Militar também foi alvo das atenções do Movimento Assistencial da Brigada Militar. No último dia 18 de julho o MABM efetuou a doação de materiais diversos à PO/PA, num valor de NCIS 90,00 (noventa cruzados novos).

Estiveram presentes à solenidade o Chefe da Polícia Militar Maj PM Dent Vitor Hugo Favero, Cap PM Dent Eraldo Galdino, a Presidente do MABM Maria Terezinha Kilian Braga e a Coordenadora de Assistência Social Alcina Barboza.

Pensar o futuro.
Fazer a previdência.



Previdência Privada
Rua dos Andradas, 772 - Fone: 25-7233
CEP: 90020 - P. Alegre - RS

AUMENTO DO DIVIDENDO MENSAL

BAMERINDUS

1 Comunicamos aos Srs. Acionistas que os Conselhos de Administração das empresas a seguir relacionadas, reunidos nesta data, decidiram elevar o valor do dividendo mensal.

2 Os novos valores incidirão a partir do dividendo do mês de julho/89, a ser pago em 11.08.89, com base na posição acionária de 25.07.89.

EMPRESA	VALOR ATUAL NOS PILOTE DE 1.000 AÇÕES	NOVO VALOR NOS PILOTE DE 1.000 AÇÕES	% DE AUMENTO
BANCO BAMERINDUS DO BRASIL Sociedade Anônima	0,13900	0,20690	106,40
BAMERINDUS COMPANHIA DE SEGUROS	0,14700	0,32416	120,51
BAMERINDUS S.A. ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS	0,12775	0,28188	120,54

Curitiba, 21 de julho de 1989.

BAMERINDUS
Diretoria de Acionistas

Governo decide liberar importação de vacinas

Mas recomenda que elas não sejam comercializadas

O Conselho Nacional de Saúde resolveu liberar as importações de vacinas contra meningite tipo B, mas desaconselha a venda do produto. Essa decisão foi tomada ontem, em Brasília, após oito horas de reunião, e o desaconselhamento da venda das vacinas partiu do secretário da Saúde do Rio Grande do Sul, Antenor Ferrari, que participa do Conselho Nacional de Saúde representando os votos de todos os secretários de saúde do País.

A liberação da importação do produto foi ponto pacífico dentro da reunião do conselho, mas a venda gerou polêmica entre os 13 conselheiros, pois a metade deles queria a decretação da ilegalidade da venda de vacinas no País. O ministro da Saúde interino, Edimur Pastorello, declarou que o Ministério da Saúde aceitará a decisão do conselho. Isto significa que o secretário de Saúde de São Paulo, José Pinotti, poderá vender as 300 mil doses de vacina que a Secretaria do seu estado ainda tem, mas que ele entrará em desacordo com a União.

O Conselho decidiu ainda que a atual disponibilidade de vacinas obriga que a estratégia de vacinação atenda a critério exclusivamente epidemiológico na seleção dos grupos alvo. Foi sugerida ainda a adoção de medidas que possibilitem ao governo e à



Ferrari: voto pelos estados

iniciativa privada complementarem os recursos já mobilizados, não só para a aquisição de vacinas, mas para todas as medidas complementares, inclusive a produção local.

O secretário da Saúde, Antenor Ferrari, afirmou que no Rio Grande do Sul não há situação epidemiológica de meningite e que os casos registrados até o momento (65) se equiparam aos do ano passado. Por esse motivo, ele entende que o Rio Grande do Sul não seja alvo de uma mobilização especial para a vacinação contra a meningite. Quanto aos casos de uso de vacinas clandestinas, Ferrari afirmou que houve, no Estado, apenas três casos de apreensão de vacinas contra-bandeadas. (Brasília/ZH)

Drogas: curso na Cruz Vermelha

Hoje inicia um curso sobre drogas na sede da Cruz Vermelha em Porto Alegre (avenida Independência, 993), que deverá se estender até o dia 2 de agosto. O curso faz parte do programa desenvolvido a partir da campanha "Drogas - Tô Fora", lançada pelo Shopping Center Iguatemi com o apoio da Cruz Vermelha.

Outros cursos serão realizados em Porto Alegre, nas seguintes datas: de 25 de setembro a 4 de outubro, de 23 de outubro a 1º de novembro e de 27 de novembro a 4 de dezembro. Maiores informações pelo telefone 21.5140. Inscrições na sede da Cruz Vermelha.

Quem não tem
boa informação
não vive no mundo
dos negócios.

Vive no mundo da
Lua.

O mundo dos negócios gira em torno da informação. Quanto mais bem informado você estiver, maior a certeza de tomar decisões corretas, que vão garantir o crescimento e o sucesso do seu negócio.

Para sua informação, Unisys é a solução ideal, pois oferece o mais completo atendimento do mercado: Consultoria, Serviços, Software e Hardware.

Unisys sabe o valor e o poder de uma boa informação. Mais do que um simples dado, ela deve ser uma ferramenta precisa, útil e de excelente qualidade. Unisys tem ajudado no desenvolvimento de muitas empresas no país, nas mais variadas áreas, analisando o problema, detectando as possibilidades e recomendando a melhor solução.

Se o seu problema é informação incompleta, fale com Unisys.

UNISYS

UNISYS E VOCÊ. O PODER EM DOBRO.

Centrais sindicais lutam para garantir mais espaço

Nesta briga, a CUT está levando vantagem. Mas a CGT promete reagir

O tabuleiro sindical gaúcho teve muitas peças alteradas, nos últimos meses. Os dois principais ex-candidatos desse jogo político, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), proclamam vitória. A CUT talvez esteja ganhando — tem 83 sindicatos filiados e outros 75 em processo de filiação, contra os 22 filiados ou simpatizantes da CGT. Já conquistou boa parte dos "peões", entre os 500 sindicatos gaúchos, mas ainda está longe de aplicar o cheque-mate na CGT.

O presidente estadual da CUT, Gilmar Pedruzi, diz que os 188 sindicatos filiados ou alinhados representam 1,5 milhão de trabalhadores. No Estado, haverá 2,8 milhões com carteira profissional. Pedruzi ressalta que a CUT, neste ano, ganhou a presidência de inúmeros sindicatos. No Vale do Sinos, os sindicatos dos calçadistas de Ivoti, Estância Velha e Dois Irmãos, que estavam em poder, segundo Pedruzi, de diretorias "acomodadas". Em Novo Hamburgo, foi o sindicato dos curtidores de couro. Em Triunfo, o Sindicato dos Maús da CGT. A maior vitória aconteceu em Porto Alegre, quando Jairo Carneiro (CUT) derrotou Glênio Costa (CGT) do Sindicato dos Metalúrgicos — o maior do Estado.

Pedruzi afirma que, "realmente, está havendo uma renovação sindical", embora a metade dos mais de 500 sindicatos (há um de trabalhadores rurais em cada município) permaneça "independente". E garante que a CUT "está levando vantagem" sobre a CGT, porque tem o apoio dos sindicatos ou federações mais



Quadros: vitória com apoio inédito representativos — metalúrgicos, rodoviários e da indústria da alimentação.

Alterância

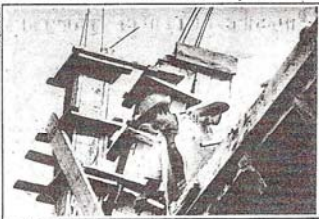
A direção da CGT dividida do suposto domínio da CUT. A tesoureira da entidade, Esther Machado, do Sindicato dos Comerciários de Porto Alegre, lembra que a CGT influiu decisivamente na eleição das novas diretorias dos sindicatos dos rodoviários de Porto Alegre, tecelões de Guaíba (antes simpatizante da CUT), calçadistas de Campo Bom, zeladores e municipais porto-alegrenses. Esther admite que a CGT perdeu uma peça valiosa, uma "torre" do seu feudo — o Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre. Mas assegura que a posição da CGT, de detosa dos

trabalhadores sem alinhamento político-partidário, está prevalecendo.

A CUT e a CGT raramente se entendem. No entanto, nas eleições para o Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre, elas apoiaram o candidato da chapa 4, João Luis de Quadros, porque desejavam derrotar Oswaldo Rodrigues, o polêmico Glau Pedruzi diz que o objetivo era derrotar Rodrigues, porque, nas duas gestões, fechou acordos salariais duvidosos e praticou o "gangsterismo" no sindicato. Esther acha que João Quadros, 40 anos, vai se alinhar à CGT. Mas ele já avisou que somente os 500 associados, em assembleia, vão decidir se querem se filiar ou não a uma das centrais. E que vai renovar, neste o que costar.

A CGT também acredita que conquistará o recém-criado Sindicato dos Municipais de Porto Alegre (Simupas). Dizendo-se "independente", Darwin Ribas, 36 anos, derrotou duas chapas, tidas como simpatizantes da CUT. Ribas antecipa que o Simupas não se filiará a nenhuma central. Mas a CUT conta a sua adesão como certa.

As categorias vão demonstrando a sua insatisfação, optando pela CUT, CGT ou chapas apartidárias. As posições se alteram. Mas duas peças de vulto parecem não ser irremovíveis. A CUT atacou com ímpeto, mas Ricardo Baldino (filhado do PDT e secretário nacional da CGT) e Luís Barbosa (vice-presidente regional da CGT) seguem dominando os sindicatos dos trabalhadores na indústria da construção civil e dos comerciários.



Construção civil: pouco cuidado com a segurança

Construção civil, campeã de problemas

O Rio Grande do Sul tem menos de um fiscal do trabalho por município. Mesmo assim, a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) realizou 986 inspeções no setor da construção civil, somando o ano passado e o atual. Somente em 1988, até agora, foram computadas 605 inspeções, trabalho baseado em denúncias por telefone (verbais) ou por escrito, sem contar as fiscalizações de rotina da DRT. Apesar de ter apenas 240 fiscais e 30 médicos e engenheiros, número considerado aquém do necessário, o Rio Grande do Sul ainda é considerado um dos Estados mais bem equipados nesse sentido.

De todas as denúncias feitas na DRT durante esse período, apenas nove foram feitas pelo Sindicato dos Trabalhadores em Construção Civil de Porto Alegre, de acordo com o delegado regional da DRT, Vinícius Pitágoras Gomes. A maioria partiu de pessoas que passam pelas obras e que denunciam as graves irregularidades existentes. Tudo isso porque a construção civil continua a ser a campeã do hábito de burlar a lei.

Adotando uma posição pioneira no Brasil, o delegado regional permitiu que os fiscais interditem obras quando o risco é iminente, atribuição exclusiva aos engenheiros até há pouco tempo. Essa simples mudança ampliou a ação da DRT no Estado.

Operários pendurados em frágeis andaimes e despencando deles aumentam a cada dia a lista de irregularidades graves na construção civil. Poucas construtoras obedecem à lei, oferecendo equipamento necessário aos seus operários e recíproca também acontece muitas vezes: os funcionários não utilizam seus protetores. Os andaimes, para estarem de acordo com as normas de segurança, devem estar suspensos apenas por cabos de aço e protegidos por um anteparo. Além disso, segundo o delegado, o trabalhador deve estar preso por um cinto de segurança acoplado à estrutura do prédio.

O operário também deve ter botas, luvas, capacete e, dependendo da atividade, óculos e máscara. Com todos esses problemas, porém, aliado ao baixo número de fiscais, a construção civil ainda provoca outras dificuldades, na opinião de Vinícius Pitágoras Gomes. A rotatividade da mão-de-obra é muito grande, o que dificulta a organização de CIPAs e de trabalhos de conscientização regulares.

Cintea recusa nova oferta do governo

Os funcionários da Companhia Intermunicipal de Estradas Alimentadoras (Cintea) decidiram ontem à tarde continuar em greve, após rejeitarem nova proposta do governo do Estado. Já a Procuradoria Geral do Estado ingressou com representação no Tribunal Regional do Trabalho, indagando se a greve é legal e se a vinculação dos salários dos funcionários ao salário mínimo é constitucional, conforme informou o secretário de Transportes, Adão Faraco.

A proposta apresentada ontem no início da tarde pelo Governo era de uma reposição salarial de 27% a partir de 1º de junho; 15% de adiantamento em setembro e mais 5% de adiantamento em dezembro. Segundo o secretário, esta proposta condizia com a contraproposta dos funcionários da empresa, de um aumento de 59%. Os funcionários, de acordo com Pedro Moretti Fogaça, a aceitariam desde que seus salários não fossem desvinculados do salário mínimo, como deseja o Governo.

Adão Faraco disse que a nova Constituição Federal não permite esta vinculação. Mas os funcionários acreditam que é um direito adquirido, já que ela vem desde 1970. Com a controvérsia, o Governo decidiu questionar o fato junto ao Judiciário, encaminhando representação ao TRT.

Outra questão que está sendo discutida na Justiça é a legalidade da greve. Os funcionários acreditam a paralisação é legal, pois não se trata de serviço essencial. Hoje, a decisão da assembleia será levada ao Governo, e deverá ser recebida pelo secretário da Administração, José Fernando Eichenberg, pois o secretário dos Transportes viajou para Brasília.

DR. WILSON LAPA
Reumatismos
Doenças de Coluna Vertebral
Pé doloroso
Rua 24 de Outubro, 1312/301
Fone: 24.4325

Ibama parado, ainda à espera de proposta

Os 500 funcionários do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama) continuam em greve, aguardando uma posição do governo federal a respeito das suas reivindicações referentes ao regime interno e plano de carreira. A expectativa, segundo Cláudio Liberman, o comandante de greve, é de que seja hoje uma decisão definitiva do governo, o que será levado à assembleia geral da categoria para aprovação.

espera de notícias de Brasília para reunir-se em assembleia geral, mas foram comunicados que a situação continuava a mesma, com o governo muito moroso em tomar uma posição.

Existe uma dúvida entre os servidores. Eles não sabem se o governo federal irá determinar o atendimento das reivindicações através de uma medida provisória ou um decreto-lei. A paralisação já dura 33 dias.

Que você está fazendo pelo futuro de seu filho?
INFORMÁTICA: O futuro hoje!!

Prólogos Escola de Informática
Especializada em jovens e crianças
MATRÍCULAS ABERTAS
Rua Félix de Cunha, 346/106 FONE: (51) 23-5823

Para ver em agosto

Um submarino nuclear naufraga no fundo do mar e seu comandante enlouquece. A vida de Elvis Presley contada por sua ex-mulher. Italianos tentam implantar uma colônia anarquista no Brasil. A história da Guerra Civil Espanhola. São as próximas minisséries que vêm por aí. Leia mais detalhes amanhã em Zero Hora.

ZERO HORA **RBS**
Porto Alegre - Rio Grande do Sul

Escritórios
RIONANOPOLIS: Rua Allan Kardec, 12, fone (51) 232-1818, ramais 225 e 227, caixa 51418.
CURITIBA: Av. Cláudio de Abreu, 427, tel. 1481, fone (51) 254-3962.
SÃO PAULO: Rua Heitor de Lencastre, 1220, 11º andar, fone (51) 252-3111.
RIO DE JANEIRO: Praia do Flamengo, 200, 27º andar, fones (21) 265-1485 e 265-5168.

Preços de Venda

Cidade	Semanal	Dominical
RS e SC	NC\$ 1,50	NC\$ 1,50
Cuiabá/PR	NC\$ 1,30	NC\$ 2,40
Itororó/PR	NC\$ 1,30	NC\$ 2,40
São Rudo/SP	NC\$ 1,50	NC\$ 2,50
Campinas/SP	NC\$ 1,50	NC\$ 2,50
R. Janeiro/RJ	NC\$ 1,50	NC\$ 2,50
Brasília/DF	NC\$ 1,50	NC\$ 2,50
S. Horizonte/MG	NC\$ 1,70	NC\$ 2,50
Colônia/GO	NC\$ 1,70	NC\$ 2,50
Camp. Grande/MS	NC\$ 1,70	NC\$ 2,50
Salvador/BA	NC\$ 2,10	NC\$ 3,80
Castanhete	NC\$ 2,10	NC\$ 3,80
Itapetininga/MT	NC\$ 2,10	NC\$ 3,80
Expansão/CE	NC\$ 2,30	NC\$ 3,80
Maracá/PA	NC\$ 2,30	NC\$ 4,00

Revenda: (51) 23-2111. (51) 23-2111

URUGUAI TEM ÁGUA QUENTE

Piriópolis, Salto, Paysandú.
Centros terminais naturais com o melhor serviço.
Venha ao Uruguai, estamos esperando por você.
Consulte seu agente de viagens.

Es un comité do Ministerio de Turismo del Uruguay

Prefeitura pronta para vender vale-transporte

A Prefeitura de Porto Alegre já definiu o local em que serão vendidas a partir do mês que vem as fichas de vale-transporte das empresas sob intervenção e da Carris: será na antiga loja da Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre (Cepal), na Av. André da Rocha, 216. A venda deverá iniciar apenas dentro de dez dias porque ainda estão sendo acertados os termos do contrato entre as empresas e a Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre (Procempa), responsável pela comercialização.

A estrutura para a entrega das 6 milhões de fichas previstas por mês já está preparada, segundo garantiu ontem o presidente da Procempa, Cláudio Juarez Fonseca. A empresa vai

aproveitar 15 funcionários lotados no local e que já cuidam da venda da passagem escolar. No entanto, vai relocar meia dúzia de terminais de computador, ligados à Procempa, além de máquinas de autenticação e registro.

A venda das fichas da Carris, Trevo, VTC e Sopal pela Prefeitura só será possível graças a uma decisão da 4ª Vara da Fazenda Pública, que retirou da Associação das Empresas de Transporte de Passageiros (ATP) a exclusividade da intermediação. Agora, os 3% de comissão recebidos pela venda das fichas das quatro empresas irão para os cofres municipais. Fabricadas em plástico magnetizado, as fichas, que deverão

ser financiadas por um banco privado, serão produzidas em cores diferentes das fornecidas pela ATP, o que, de acordo com o presidente da Procempa, impedirá seu uso indevido.

Apesar da informatização da venda, Cláudio Juarez Fonseca não afasta a possibilidade da ocorrência de filas para compras, especialmente antes dos aumentos das tarifas. Mas lembra que a média de espera pela passagem escolar na antiga loja da Cepal é hoje de 52 segundos por pessoa, enquanto no Mercado Público chegava a dez minutos. Já a ATP confirmou ontem que vai esperar o início da comercialização para se decidir se recorre ou não à Justiça contra a nova atribuição da Prefeitura.

Maria Fumaça

A Rede Ferroviária Federal e a Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves renovaram até o final deste ano o convênio que permite a utilização da locomotiva Maria Fumaça para o roteiro turístico, denominado "Ferrovia do Vinho". Ontem, o secretário de Turismo de Bento Gonçalves, Jovino Nolaseo de Sousa, informou que para o ano de 1990 a prefeitura pretende continuar com este roteiro turístico, principalmente porque estarão sendo comemorados os 100 anos da fundação do município e haverá uma série de festividades ativas à data.

A procura pelo roteiro tem sido tal que muitos turistas não encontram vaga, por isso a recomendação de Jovino Sousa é que os interessados devem procurar sempre fazer reservas à própria Secretaria de Turismo daquele município, através do telefone (51) 252-1088, inclusive no horário do meio-dia. As reservas podem ser feitas também em agências de turismo. Em Porto Alegre, a Orgatur é uma das que aceita reservas. O roteiro ferroviário inclui a descida da Serra das Antas, um percurso sinuoso que vai da estação do centro de Bento Gonçalves até a estação de Labocaba. O preço, por pessoa, é de R\$15,00 para os vagões classe A e de R\$12,00 para os vagões de tipo B.

Ao longo da descida há uma parada na estação São Luís, onde um coral típico da região do Vinhedo, da localidade de São Valentim, interior do município, canta para os turistas. Ao final do roteiro, os passageiros regressam à estação de Bento Gonçalves de ônibus. A descida de trem leva três horas e 15 minutos, enquanto que a volta de ônibus é feita em apenas meia hora.

BNH

Assessoria em negócios, corte plásido em 1988 em andamento, ou transferência e orientação.

DR. BRITES

Bento de Godoy, 478-02
Fones: 25.776 e 28.1008
Atende de 12h às 12h30 horas

Le Club

Assessoria

HOJE às 23:30h

QUARTETO EM CY

com o show

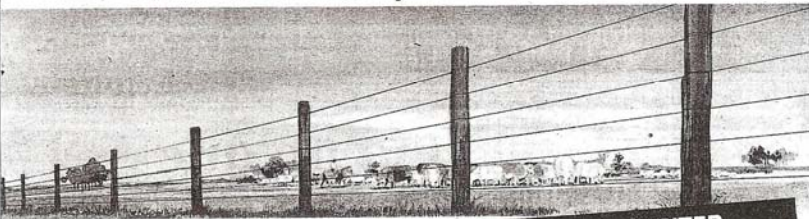
"AO REDOR DE CY"

Restaurante Le Club

BRANCO HATACHI

Informações:
Fone: 25.5222
Julio Tellez, 54

Garantimos que sua criação será premiada na Expointer.



ANUNCIANDO NOS CADERNOS ESPECIAIS EXPOINTER DE CAMPO & LAVOURA ZH, O RETORNO É CERTO. VAMOS LÁ, CRIE E PROGRAME O SEU ANÚNCIO.

Sua mensagem também poderá circular entre o público da Expointer, um dos maiores eventos rurais da América Latina. É só anunciar em Zero Hora.

I - Cobertura jornalística

Colocação: Editoria de Economia
Período: 26.8 a 04.9
Fechamento Comercial: Dia 24.8, às 17 horas

II - Cadernos Especiais Campo & Lavoura

A - Caderno Conjuntural
- Dia 25 de agosto
Apresentação de todos os dados da Exposição e uma avaliação da agropecuária gaúcha e nacional.
Fechamento Comercial: Dia 21.8, às 17 horas

B - Caderno Temático

- Dia 1º de setembro
Análise da agropecuária dentro da integração latino-americana, com entrevistas internacionais.
Fechamento Comercial: Dia 29.8, às 17 horas

C - Caderno dos Campeões

- Dia 8 de setembro
Apresentação dos destaques da Expointer e um balanço dos resultados da feira.
Fechamento Comercial: Dia 4.9, às 17 horas

Promoção Especial:

15% de desconto autorizando três suplementos.
7% de desconto, autorizando dois suplementos.

III - Oportunidade & Negócios em Campo & Lavoura

Em cada suplemento especial de Campo & Lavoura haverá uma seção para pequenos anúncios reunidos dentro de cada área de interesse rural. Fechamento Comercial: mesmo fechamento dos cadernos especiais, até às 12 horas.



Diretoria Comercial:

Fones: (0512) 234.400, ramais 445, 446, 447 e 449,
Tele-anúncio: (0512) 234.567,
Vendas Diretas: (0512) 234.700,
ou através de sua agência de publicidade.



Curso
A Psicologia do Adolescente
 P/Professores Dr. Clóvis Stenzel F. 25.9099.

BANCO FINANCIL
 FOMENTO COMERCIAL
 Av. João Pessoa, 931 - Fone: (0512) 28-7844

Golden Cross
 ASSISTÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE
PROMOÇÃO ESPECIAL:
 Consultas e Exames Imediatos
Ligue já: 25-2015 — 25-7098
 Rua Marechal Floriano, 270 con. 501 — POA.

Um ovino agita a Expointer
 Border Leicester, uma raça ovina que vai causar sensação na famosa feira em Esteio. Os resultados dos cruzamentos dessa nova raça com a merino Australiano e outras você vai ver amanhã em Zero Hora, no Caderno Campo & Lavoura.

Nova Santa
 MÁQUINAS E FERRAMENTAS LTDA.
 ESTAMOS SELECIONANDO
VENDEDOR
 Para atuar junto a Revendedores, no Vale do Taquari e Região Sul, inclusive fronteira.
Oferecemos:
 — Salário, despesas pagas, km rodado, comissões e assistência UNIMED.
Exigimos:
 — Cartão ano superior a 1985, experiência em vendas de máquinas e equipamentos agrícolas.
 Candidatos deverão enviar Curriculum Vitae para caixa postal 10.241, POA.

Um Sucesso Aprovado Pelo Público
1º Festival Estadual Do Peixe
 O 1º Festival Estadual do Peixe de Tramandaí já virou sucesso. Somente no primeiro fim-de-semana mais de 50 mil pessoas gostaram das inúmeras atrações que o festival reservou para toda a família. Se você já foi, volte. Se você ainda não foi, não deixe de participar da maior e mais saborosa festa do inverno gaúcho. 1º Festival Estadual do Peixe de Tramandaí. Você tem até domingo, 30 de julho, para fazer a sua boquinha. Não perca. Venha provar a melhor culinária do litoral.
Tramandaí Até 30 de julho.
 Promoção: **PREFEITURA DE TRAMANDAÍ administrando com você**
 Apoio: CODEC - GOVERNO DO ESTADO DO RS

GERAL

ZERO HORA — Quinta-feira, 27.07.89 — PÁGINA 48

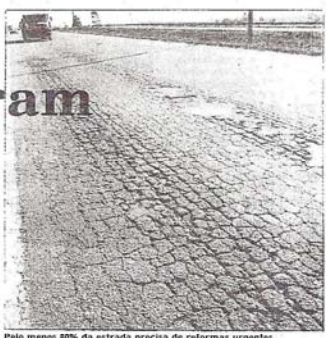


A free-way: um valioso patrimônio de NCs 200 milhões se estacando ao longo de 74,6 quilômetros

Veja no que transformaram a free-way

Por **MARCELO RECH**
 Editor Local/ZH

Um patrimônio de NCs 200 milhões está se esfalfando diante dos olhos dos gaúchos. Orgulho da malha rodoviária do Rio Grande do Sul, a free-way, conhecida nos meios oficiais como BR-290, vive dias inglórios, os mais negros desde a festa de sua inauguração, em 26 de setembro de 1973. Ao longo de pelo menos 80% de seus 96,8 quilômetros, a rodovia se transformou numa colcha de retalhos e os remendos isolados só servem para disfarçar o imobilismo na aplicação das verbas arrecadadas com o selo-pedágio.
 Mesmo com o pedágio cobrado no quilômetro 20, a free-way nunca se notabilizou por uma conservação ideal. Mas desde 1º de março deste ano, quando o posto de arrecadação virou uma obra inútil diante da nova política de taxaço do governo federal, a BR-290 foi incluída na categoria das estradas desertadas. Sem que até hoje a direção regional do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) tenha recebido um centavo do selo-pedágio, a free-way submete agora motoristas e passageiros a uma sucessão de solavancos e a incômoda constatação de que o dinheiro deste imposto, como se previa antes de sua aplicação, ainda não temou o rumo da conservação e restauração.
 "Pelo que nós estamos pagando, é uma vergonha para este governo", irritava-se há poucos dias Mário Riboldi, de 63 anos, há 42 dirigindo caminhões, depois de perder mais de uma hora de viagem à espera do conserto de um pneu em Osório. "Em dia de chuva esta estrada é um inferno. Tem muito motorista se perdendo por causa da falta de sinalização", relatava Riboldi, cuja indignação era reforçada pelo fato de seu caminhão estar vazio quando teve o pneu furado. Baseado em Canoas, este caminhoneiro já percorreu cada canto do Rio Grande do Sul e do País, mas não se lembra de tal estado de abandono das estradas.
 No quadro geral do caos rodoviário, a free-way tem lugar de destaque. Apesar de ser uma das mais movimentadas estradas gaúchas e de ter sido construída com uma tecnologia considerada de primeira linha — ela foi idealizada para uma velocidade constante de até 130 km/h —, a auto-estrada poderia dispensar as placas limitando sua velocidade a 80 km/h. Os buracos e armadilhas que ameaçam os motoristas são tantos que somente os tradicionais irresponsáveis se aventuram em levar o velocímetro aos 120 por hora. Hoje, a pista de obstáculos em que se travestiu a rodovia é a melhor controladora da velocidade: quem se arrisca corre o perigo de estourar um pneu ou danificar amortecedores. Na hipótese mais séria, é a própria vida que está em jogo.
 O governo e, principalmente, os parlamentares, que não voltam o plano de aplicação do selo-pedágio têm pelo menos uma categoria torcendo para que tudo fique como está. São os borracheiros e os donos de oficinas de recauchutagem de pneus.



Pelo menos 80% da estrada precisa de reformas urgentes

as vítimas mais frequentes da buraqueira. Uma oficina de recauchutagem de Osório tem em média hoje de 15 a 20 clientes por dia, pelo menos 20% a mais do que nos períodos áureos da free-way.
 Com pista dupla, curvas abertas, asfalto em condições satisfatórias e sinalização regular, a free-way era um oásis para os viajantes há até bem pouco tempo. Agora, como prosseguimento do cenário degenerado das rodovias federais que vão desembocar ali, a auto-estrada prega surpresas que vão desmascarar os motoristas. "As vezes, tem que se desviar de um buraco e se acaba entrando num pior. Aí, estraga o pneu ou quebra a mola", diz Jairo Mazetti, de 27 anos, há cinco transportando cereais e conservas de Pelotas para o centro do País.

Tapeação

Embora ainda seja uma via de pista dupla, esta condição pode desaparecer em pouco tempo: são cada vez mais raros os motoristas, mesmo os de caminhão, que trafegam pela faixa da direita, a que mais sofre com o trânsito pesado e a falta de conservação. Se seguirem à noite na pista dos veículos mais lentos, os caminhoneiros podem se tornar as próximas vítimas da deficiência na sinalização. Por medida de economia, grande parte da estrada só teve a faixa central — trapeçada — repintada, enquanto as laterais, que ajudam a manutenção do veículo numa mesma rota, estão esmaecidas pelo tempo. Ou então nem existem. "As faixas das bordas fazem falta, mas a central é mais importante", sustenta o chefe da equipe do Posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF) em Gravataí, Ovídio Almeida.
 Patrulheiros menos graduados têm ordens para não comentar o estado de conservação da auto-estrada, mas um deles, sem se identificar, revela: "Há uns tempos andaram dando uma remendada, mas foi só para tapear". Para tapear existem também três placas anunciando obras na auto-estrada, duas delas no quilômetro 62. "Máquinas na pista, reduza a velocidade", avisa uma das placas. "Trecho em obras — extensão 27 km", alerta outra. Pura ironia: Nos tempos de hoje, pode-se tapar com tudo na free-way; menos com homens trabalhando na sua restauração.

GERAL

ZERO HORA — Quinta-feira, 27.07.88 — PÁGINA 50

Travessa dos Venezianos

Um patrimônio ameaçado

Ninguém sabe onde foram aplicadas as verbas para recuperação da área



Poder municipal não toma providências para recuperar o patrimônio

Por ELIANE CRISTINA BRUM
Edição Local/291

O conjunto de 17 casinhas do início do século que formam a travessa dos Venezianos corre o risco de desabar ou ser consumido pelo fogo. O motivo é um só: ninguém sabe explicar onde foram parar as verbas destinadas a restaurar o conjunto, um dos poucos bens tombados pelo patrimônio histórico do município de Porto Alegre.

Telhados com buracos, instalação elétrica antiga e encharcada pelas gotteiras, paredes marcadas por infiltrações, reboco descascando, forros devorados por cupins, portas e janelas podres. Essa é a situação da única rua da Capital que guarda em cada detalhe arquitetônico a história da ocupação original dos moradores de baixa renda da primeira década do século XX.

Não dispostos a esperar que o telhado caia sob as suas cabeças ou que um curto-circuito na quase centenária rede elétrica ponha fogo em tudo, os moradores da travessa dos Venezianos exigem uma solução da Prefeitura. Até agora, apenas quatro casas receberam portas e janelas novas. O restante ficou pendente, sob a alegação de que as verbas acabaram.

A casinha de número 19, de propriedade de Celina de Oliveira há 45 anos, recebeu uma porta e uma janela novas. A outra janela da casa vai continuar apodrecida e crivada de buracos porque não há recursos para trocá-la. Assim, um dos componentes do patrimônio histórico de Porto Alegre transformou-se em um exemplo vivo do ridículo, com uma janela podre e a outra novinha em folha.

Nô

Os proprietários não podem mexer na fachada e na estrutura de suas casas porque são bens tombados. Em contrapartida, o poder público municipal não toma providências para a restauração. Enquanto este nó não se desfaz, os cupins fazem a festa e os moradores correm risco de vida.

"Se deixassem a gente fazer, eu ia reformando aos pouquinhos com os meus próprios recursos. O que não dá é para continuar do jeito que está. Onde é que foram parar as verbas que prometeram quando as casas foram tombadas?", desabafa Elisa de Oliveira, moradora do número 19, que recebe um salário mensal de NCz\$ 400,00 e há cerca de três meses teve a sua casa arrombada devido à precariedade da porta.



Proprietários não podem reformar as casas

A pergunta de Elisa, no entanto, não é fácil de responder. Pelos relatórios do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do município, em 87 foram destinadas Cz\$ 226,8 mil (o cruzado novo ainda não existia) para a revisão dos telhados e substituição de esquadrias, em 88 mais Cz\$ 90,3 mil serviriam para a troca de calhas e neste ano já foram investidos em colocação de esquadrias NCz\$ 4,26 mil e até o final de 89 serão consumidos mais NCz\$ 4,28 mil.

Segundo o coordenador da memória cultural de Porto Alegre, arquiteto Maturino da Luz, a informação que encontra disponível em documentos é de que as estruturas foram totalmente restauradas. Por outro lado, a informação que Luz recebeu do arquiteto Robert Levy, responsável pela Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal da Cultura, é de que as reformas estão em andamento na travessa dos Venezianos.

Tudo bem

Assim, pelo conhecimento do poder público municipal, tudo vai muito bem na travessa dos Venezianos, já que a estrutura foi restaurada, as esquadrias trocadas e o último passo está em andamento, com a renovação do reboco e, finalmente, a pintura. Entretanto, basta qualquer cidadão dotado de um razoável par de olhos dar uma rápida passada por lá para constatar que esta imagem não ultrapassou ainda os limites da utopia.

E foi exatamente isso que aconteceu com o coordenador da memória cultural. "Ao passar por lá há poucos dias, aproveitei para entrar em uma das casas e vi manchas de infiltrações. Não sei se as causas vêm de uma estrutura não renovada ou da falta de conservação das calhas. Mas já comuniquei ao Comphac", conta Maturino da Luz. Segundo ele, se ficar constatado que realmente as estruturas estão podres, todo o projeto terá de ser mudado, já que não adianta refazer o reboco e a pintura com o telhado desabando. "As gestões passadas vão ter que explicar onde foram parar estas verbas", afirma.

Publicação Legal


VARIG
 "VARIG" S.A. (VIAÇÃO AÉREA RIO-GRANDENSE)
 Companhia Aberta - CGC Nº 92.772.821/0001-64

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

"Ata nº 185/89
No dia 10 (dez) de julho de 1989, às 10 (dez) horas, no escritório localizado na Avenida Almirante Sílvio de Noronha, nº 365 — 4º andar, nesta cidade, reuniram-se os conselheiros de administração da "VARIG", S.A. (Viação Aérea Rio-Grandense), sob a presidência do Sr. Heilo Smidt, que conviuiu a mim, Celeste Irene Ferreira Marques, para secretariar os trabalhos. O presidente submeteu à aprovação do Conselho as seguintes deliberações em relação a estabelecimentos das Sucursais a seguir indicadas: a) RIO DE JANEIRO, Estado do RIO DE JANEIRO — ratificar a criação de estabelecimentos na Av. Presidente Wilson, nº 231 — 4º, 5º e 6º pavimentos, Centro, e na Estrada do Galvão, s/nº — Lote 1 — do P. A. 38.696, Ilha do Governador; b) MACAPÁ, Estado do AMAPÁ — ratificar a criação de estabelecimento na Av. Cândido Mendes, nº 1039, Centro; c) RIO LARGO, Estado de ALAGOAS — ratificar a criação de estabelecimentos no Aeroporto Campos dos Palmares e na Rua Maria Correa, nº 53; d) CAMPINA GRANDE, Estado da PARAÍBA — ratificar a criação de estabelecimento na Rua Agamenon Magalhães, nº 574, bairro Alto Branco; e) NATAL, Estado do RIO GRANDE DO NORTE — ratificar a criação de estabelecimento na Rua Vigiário Bartolomeu, nº 235 — salas 601/602, 801/802 e 804; f) PARANÁ, Estado do RIO GRANDE DO NORTE — ratificar a criação de estabelecimento no Aeroporto Internacional Augusto Severo; g) TERESINA, Estado do PIAUÍ — ratificar a criação de estabelecimento no Aeroporto de Teresina; h) GOIÂNIA, Estado de GOIÁS — ratificar a criação de estabelecimentos no Aeroporto Santa Genoveva — Praça Celso Frazão, s/nº, bairro Santa Genoveva; na Av. Calafó, Quadra 97 — Lote 46, bairro Santa Genoveva; ratificar a alteração do endereço do estabelecimento na Rua Goiás, nº 255, para Av. Goiás, nº 285, sociedade e conj., 803/804; e) VITÓRIA, Estado do ESPÍRITO SANTO — ratificar a criação de estabelecimento na Av. Jerônimo Monteiro, nº 1000 — conj. 1701/2/3/4/7; JOÃO PESSOA, Estado da PARAÍBA — ratificar o encerramento dos estabelecimentos na Praça João Pessoa, nº 11, 18º bloco, na Rua Almeida Barreto, nº 222, Centro; no Aeroporto Presidente Castro Pinto, bairro Santa Rita (Loja de Despacho). Debatido o assunto, resolveram os conselheiros de administração, por unanimidade: (1º) ratificar a criação, alteração de endereço e encerramento de estabelecimentos, assim indicados; (2º) autorizar a diretoria a tomar as medidas necessárias para regularização do assunto junto às repartições públicas competentes. Não havendo outro assunto a tratar, foi, antes de encerrar a reunião, lavrada esta ata, que lida e achada conforme, vai assinada pelos conselheiros de administração e por mim, Celeste Irene Ferreira Marques, secretária, que dela tirei as cópias necessárias para os fins legais. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1989. (Ass) Heilo Smidt — Presidente. Ruben Thomas, Glóez Georg Herzfeldt, João Adolpho Lorenz, Antonio José Schmitt Pinto, Eduardo Camargo Neves, Lauro Zerwas, Erri Silveira Peixoto, Celeste Irene Ferreira Marques, secretária".
Certifico que esta é cópia fiel da ata lavrada no livro de "Atas das Reuniões do Conselho de Administração" da "VARIG", S.A. (Viação Aérea Rio-Grandense).

Porto Alegre, 10 de julho de 1989.

Osvaldo Domingos Ribeiro
 Diretor Regional (Rio Grande do Sul)
 J.C. ARQUIVADO
 RS sob nº 978.150.25/Jul/1989
 SECRETARIA DA JUSTIÇA
 JUNTA COMERCIAL DO RIO GRANDE DO SUL
 CERTIFICADO: Certifico que este documento foi
 arquivado sob número e data estampados mecanicamente.
 JOSÉ FLÁVIO ROCHA SILVEIRA
 Secretário Geral



A casa 19 das casinhas com uma das janelas velha e apodrecida

Inglaterra pode ajudar a despoluir Rio Guaíba

Rio Grande do Sul poderá receber colaboração técnica científica inglesa para despoluir o Rio Guaíba e os demais rios que formam a sua bacia hidrográfica. Os contatos iniciais foram iniciados ontem, durante audiência entre o embaixador Pedro Simon e o embaixador britânico no Brasil, Nigel J. Newington, que está em visita oficial ao Estado. Segundo o embaixador, o governo inglês tem interesse em apoiar projetos ambientais, até mesmo com investimentos em longo prazo.

O secretário estadual do Planejamento, Telmo Magadan, disse que novos encontros serão mantidos entre os dois países, no sentido de viabilizar as formas de cooperação. O importante para o Estado é ter acesso à experiência e à tecnologia inglesa na depolição de recursos hídricos — do qual o maior exemplo foi a recuperação do Rio Tâmisa, que na Londres —, que poderiam ser aplicadas na limpeza do Guaíba e dos outros rios da Região Metropolitana. "A perspectiva de contarmos que esta colaboração é um fato muito



Polição de Guaíba: cooperação técnica oferecida a Simon

significativo", avalia o secretário.

Conforme Magadan, o governo estadual já vem trabalhando num grande projeto ambiental para a Região Metropolitana, onde participam órgãos como a Metroplan, a Secretaria de Obras, o Departamento de Meio Ambiente, a Corsan e, a partir da última semana, também a Prefeitura de Porto Alegre. Além do problema dos rios, o projeto ataca a questão dos lixões urbanos e busca novas fontes de captação de água. Ao lado da perspectiva de poder contar com recursos ingleses, o projeto será apresentado também ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, na próxima visita do presidente da instituição ao Estado.

Marquises: 229 notificações

Até ontem, foram notificados 229 proprietários de prédios com marquises que não entregaram o laudo estrutural na Secretaria Municipal de Obras e Viação até o término do prazo, no último dia 5 de julho. A notificação iniciou pelo Centro da cidade, onde a equipe espera encontrar ainda cerca de 600 prédios. Após a notificação, os proprietários têm um prazo de 15 dias para encaminhar o laudo estrutural das marquises à SMOV. Caso não o fizerem, a multa é automática e corresponde ao valor de 500 OTNs atualizado pelo IPC ou cerca de NCz\$ 700,00 a valores de hoje.

Conforme o diretor da Divisão de Controle da SMOV, arquiteto José Freitas, após o Centro, a equipe de notificação vai iniciar os trabalhos nas vias mais movimentadas, como Assis Brasil e Assis, entre outras. Os laudos estruturais continuam chegando e até ontem 1.609 haviam dado entrada na SMOV. Apesar do encerramento do prazo, os proprietários que enviarem os laudos não serão autuados. A estimativa é de que existem 4.500 prédios com marquises na Capital.

O antigo prédio da 8ª Delegacia de Polícia, localizada na rua Wenceslau Escobar, na Tristeza, está abandonado e abriga desocupados e bêbados que fazem arruaças à noite e praticam pequenos furtos no bairro, colocando em risco a vida dos moradores. A denúncia é do vereador Ervino Besozzi (PPR), que solicita providências urgentes à SMOV, já que os moradores do bairro afirmam que a proprietária do imóvel é a Prefeitura. Sem portas e janelas, o prédio de arquitetura antiga é um convite aos marginais, devido à sua localização junto ao supermercado, lojas e restaurantes.

Publicações Legais

MPAS
Ministério da Previdência e Assistência Social

INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

CONCORRÊNCIA Nº RSEP 01/89
AVISO
ALIAÇÃO DE IMÓVEL EM
GRAVATAÍ/RS

1 — A SECRETARIA REGIONAL DE ENGENHARIA E ADMINISTRAÇÃO DO PATRIMÔNIO DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL DO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL — IAPAS leva ao conhecimento dos interessados que até as 15:00h do dia 25 de agosto de 1989, em sua sede situada à Rua Jerônimo Coelho nº 127, 14º andar, sala 1401, Porto Alegre, a Comissão de Alienação receberá propostas para aquisição dos Lotes nºs 22, 23 e 24, na Quadra 19, situada à Rua Guimarães Rosa, Vila Barba — Gravataí — 1º Distrito/RS, registrado no RGI de Gravataí, Livro 2 - R 2/28239 em 27-10-82, com área de 550,00m2 cada um.

2 — A venda será efetivada à vista, tendo como valor mínimo por lote NCz\$ 2.154,63 (dois mil cento e cinquenta e quatro cruzados novos e sessenta e três centavos), referente a JULHO/89, sendo atualizado, nos termos da legislação vigente, com base na variação do IPC, até o mês do efetivo pagamento.

3 — O Edital de Concorrência, contendo as condições de habilitação e demais exigências, bem como outros esclarecimentos, será obtido no mesmo endereço no horário das 13:00 às 16:00 horas.

4 — Como garantia de manutenção da proposta, o licitante deverá recolher, até as 16:00h, do dia 22-08-89, à Tesouraria do Instituto a importância correspondente a 25% (vinte e cinco por cento) do valor básico estabelecido para cada lote, previsto no item 2 acima. A guia de recolhimento deverá ser solicitada até as 14:00h, do dia 21-08-89, na Rua Jerônimo Coelho nº 127, 14º andar, sala 1401 em Porto Alegre/RS.

Porto Alegre, 21 de julho de 1989.

(Primeira inserção no "Diário Oficial" do Estado do Rio Grande do Sul nos dias 21, 24 e 25-07-89).

MPAS
Ministério da Previdência e Assistência Social

INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

CONCORRÊNCIA Nº RSEP 02/89
AVISO
ALIAÇÃO DE IMÓVEL EM
PORTO ALEGRE/RS

1 — A SECRETARIA REGIONAL DE ENGENHARIA E ADMINISTRAÇÃO DO PATRIMÔNIO DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL DO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL — IAPAS leva ao conhecimento dos interessados que até as 15:00h, do dia 28 de agosto de 1989, em sua sede situada na Rua Jerônimo Coelho nº 127, 14º andar, sala 1401, em Porto Alegre, a Comissão de Alienação receberá propostas para aquisição do imóvel situado na Rua "E" esquina Rua "F", Bairro Alto Petrópolis, Vila Safira, em Porto Alegre, com 15.237,00m2, aproximadamente, registrado no RI da 4ª Zona, em Porto Alegre, Livro 2 do Registro Geral, fls. 1/1v. sob nº R.5.8917, em 16-12-82.

2 — A venda será efetivada à vista, tendo como valor mínimo NCz\$ 112.828,93 (cento e doze mil, oitocentos e vinte e oito cruzados novos e noventa e três centavos), referente a JULHO/89, sendo atualizado, nos termos da legislação vigente, com base na variação do IPC, até o mês do efetivo pagamento.

3 — O Edital de Concorrência, contendo as condições de habilitação e demais exigências, bem como outros esclarecimentos, será obtido no mesmo endereço, no horário das 13:00 às 16:00 horas.

4 — Como garantia de manutenção da proposta, o licitante deverá recolher, até as 16:00h, do dia 23-08-89, à Tesouraria do Instituto, a importância correspondente a 25% (vinte e cinco por cento) do valor básico estabelecido para o imóvel, previsto no item 2 acima. A guia de recolhimento deverá ser solicitada até as 14:00h, do dia 22-08-89, no mesmo endereço.

Porto Alegre, 21 de julho de 1989.

(Primeira inserção no "Diário Oficial" do Estado do Rio Grande do Sul nos dias 21, 24 e 25-07-89).

MPAS
Ministério da Previdência e Assistência Social

INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

CONCORRÊNCIA Nº RSEP 03/89
AVISO
ALIAÇÃO DE IMÓVEL EM
PORTO ALEGRE/RS

1 — A SECRETARIA REGIONAL DE ENGENHARIA E ADMINISTRAÇÃO DO PATRIMÔNIO DA SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL DO INSTITUTO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL — IAPAS leva ao conhecimento dos interessados que, até as 15:00h, do dia 31 de agosto de 1989, em sua sede situada à Rua Jerônimo Coelho nº 127, 14º andar, sala 1401, em Porto Alegre, a Comissão de Alienação receberá propostas para aquisição do terreno situado à Av. Farrapos nº 361, esquina com Rua Garibaldi e Rua Santo Antônio, em Porto Alegre, registrado no RI da 1ª Zona, em Porto Alegre, sob nº 25.125, Livro nº 3-AG, fls. 48, com área aproximada de 2.402,00m2.

2 — A venda será efetivada à vista, tendo como valor mínimo NCz\$ 742.952,18 (setecentos e quarenta e dois mil novecentos e cinquenta e dois cruzados novos e dezoito centavos), referente a JULHO/89, sendo atualizado, nos termos da legislação vigente, com base na variação do IPC, até o mês do efetivo pagamento.

3 — O Edital de Concorrência, contendo as condições de habilitação e demais exigências, bem como outros esclarecimentos, será obtido no mesmo endereço, no horário das 13:00 às 16:00 horas.

4 — Como garantia de manutenção da proposta, o licitante deverá recolher, até as 16:00h, do dia 28-08-89, à Tesouraria do Instituto, a importância correspondente a 25% (vinte e cinco por cento) do valor básico estabelecido para o imóvel, previsto no item 2 acima. A guia de recolhimento deverá ser solicitada até as 14:00h do dia 25-08-89, na Rua Jerônimo Coelho, 127, 14º andar, sala 1401, em Porto Alegre/RS.

Porto Alegre, 24 de julho de 1989.

(Primeira inserção no "Diário Oficial" do Estado do Rio Grande do Sul nos dias 24, 25 e 26-07-89).

Câmara busca mais recursos. Para concluir as obras

O presidente da Câmara Municipal, Valdir Fraga, encaminhou pedido, ontem, ao prefeito Olívio Dutra para que os próximos editais de venda de índices de construção incluam a Câmara para que possa, com mais recursos, concluir uma etapa de suas obras. Além dessa sugestão, Valdir Fraga está solicitando que o prefeito concorde com a criação de um fundo que permitirá que o Legislativo possa receber doações para continuar as obras do prédio.

Conforme Valdir Fraga, as alternativas são formas de suprir os escassos recursos que a Câmara conta hoje. O prefeito Olívio Dutra repassará, através da Secretaria Municipal de Obras e Viação R\$ 125 mil, mas há necessidade de mais recursos. Com doações e mesmo através de mutirões de funcionários já foi possível plantar parte do prédio e construir o futuro restaurante dos servidores, que deverá ser inaugurado no próximo dia primeiro de agosto. A Câmara deverá concluir ainda neste ano a cobertura do novo plenário, também com parte em doações de material. A parte restante da Câmara sofreu terraplanagem e está sendo refeita o estacionamento, com material e mão-de-obra cedida pela Prefeitura.



Viaduto Tiradentes: depósito e casa dos papeleiros

Papeleiros ocupam viaduto

Moradores da rua Silva 56 e proximidades se reúnem hoje com o secretário municipal de Obras e Viação, Newton Burmeister, para encaminhar um projeto de recuperação do viaduto Tiradentes, que virou ponto de moradia de papeleiros. Os moradores se dispõem a recuperar os equipamentos de lazer existentes no local, limpar e cuidar da manutenção do local.

A organização dos moradores está sendo feita pelo vereador Isaac Alinhos (PDT), que marcou a audiência com o secretário. Segundo ele, o grupo pretende ir em outras secretarias solicitar apoio para a limpeza do local, que virou um centro de triagem de papel. O viaduto da Marianele está localizado na confluência da Silva 56, Marianele e Profissão Alves e os moradores das proximidades se comprometem a conservar e manter o local iluminado adequadamente. Prova do abandono do local é o fato de que até mesmo a cancha de futebol de salão virou depósito de papéis e moradia de mendigos.

Publicações Legais

CTG TIARAYÚ
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA
 DIA 27 DE AGOSTO DE 1989
ORDÉM DO DIA
 1) Prestação de Contas da Patronagem e Relatório;
 2) Preenchimento de Cargos da Patronagem;
 3) Assuntos Gerais.
HORÁRIO: 1ª chamada às 9:30h.
 2ª chamada às 10:00h.
LOCAL: Rua Cel. Abílio Müller, 251, Jardim Itu.
WITERBO MENNA BARRETO
 Patrão

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SANTA CATARINA
EDITAL DE CONCURSO
PÚBLICO Nº: 001/89/PMSC

O COMANDANTE GERAL DA POLÍCIA MILITAR, de acordo com as disposições legais em vigor, torna público, para conhecimento dos interessados, que ficam abertas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO, para preenchimento no Quadro de Oficiais de Saúde da Polícia Militar.

1. DAS VAGAS E MÉDICOS

CIDADE	ESPECIALIDADE	QUANTIDADE
Florianópolis	Psiquiatra	01
	Cardiologista	01
	Oftalmologista	01
Araucária	Clinico Geral	04
	Clinico Geral	01
Canoas	Clinico Geral	01
	Clinico Geral	01
Lages	Clinico Geral	01
	Clinico Geral	01
Joinville	Clinico Geral	01
	Clinico Geral	01
São Miguel do Oeste	Clinico Geral	01
	Clinico Geral	01
TOTAL		14

2. IDENTIFICAÇÃO

CIDADE	ESPECIALIDADE	QUANTIDADE
Florianópolis	Clinico Geral	03
	Clinico Geral	01
Joinville	Clinico Geral	01
	Clinico Geral	01
Lages	Clinico Geral	01
	Clinico Geral	01
TOTAL		07

3. MÉDICO VETERINÁRIO
 01 vaga, no ESQUADRÃO DE POLÍCIA MONTADA, em Barreiros - São José.

4. DAS INSCRIÇÕES
 - As inscrições estarão abertas no período de 05 de julho a 03 de agosto de 1989, nos dias úteis, de segunda à sexta-feira no horário das 08:00h às 11:30h e das 14:00h às 17:30h, exceto às quartas-feiras, que funcionarão apenas no período matutino, nos seguintes locais:
 FLORIANÓPOLIS - Diretoria de Instrução e Ensino - Rua Fernando Machado, 26 - Centro.
 ARAUCÁRIA, CHAPECÓ, CRICIÚMA, CURITIBANOS, DIONÍSIO CERQUEIRA, HÉVAL, OESTE, ITAJAI, TUBARÃO e SÃO MIGUEL DO OESTE, nos quartéis de Policiantes das cidades acima relacionadas.

5. DOS REQUISITOS
 - Os requisitos, normas e obrigações estarão à disposição dos interessados nos locais de inscrição.
 Florianópolis, 04 de julho de 1989.
JOÃO LAZARO BRAGA FILHO
 Comandante Geral PMSC

A serviço da cidade

Água

Acabou o sofrimento dos moradores da rua Marfílio Dias e dos motoristas que eram obrigados a circular por lá. Na esquina com a Gonçalves Dias, o Departamento Municipal de Água e Esgotos construiu o poço de visita e substituiu a rede de tubo cerâmico para ferro fundido, logo abaixo da rede pluvial. Próximo ao número 945, consertou um coletor predial. Em frente ao 1.035, coletor público e predial. E, além disso, realizou limpeza da rede com caminhão-jato, entre Gonçalves Dias e Erico Veríssimo. Foi providenciada, também, a recolocação dos paralelepípedos.



Iluminação pública: 51 mil pontos na cidade

Iluminação

Um dos grandes objetivos da Secretaria Municipal de Obras e Viação é manter acesos os 51 mil pontos de luz de Porto Alegre, garantindo também a substituição de lâmpadas queimadas. Há pouco, atendendo solicitações de moradores, a Divisão de Iluminação Pública substituiu lâmpadas na rua Lucas de Oliveira, Demétrio Ribeiro, Olímpio San Martin, Desidério Severino, Lavras, João Dallegrove, Ceicy Cordeiro Thofern, Vila Ceter 2 e avenida Guaíba.

Que paciência!

Há mais de meio ano os moradores da rua Santos Dumont, bairro São Geraldo, estão tentando a substituição de lâmpadas queimadas bem em frente ao número 870. Agora, a paciência está chegando ao fim, segundo Maria Elaine Leite, que estuda à noite e precisa voltar depois das 23 horas para casa, sujeita a toda a insegurança que a escuridão ocasiona.

Vazamento Sujeira

Há mais de 48 horas sem abastecimento de água, e assistido ainda ao desperdício através de um vazamento na rede, os moradores da rua Coronel João Pinto, em Tereosópolis, estão sem saber o que fazer. Já avisaram a Prefeitura, conforme informa a moradora do prédio número 161, Janeete Soares, mas ninguém apareceu lá para o conserto.

Praça I

Os moradores da rua Lucas de Oliveira, proximidades da avenida Ipiranga, reclamam a inexistência de uma praça naquela área e para tanto estão solicitando à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações cedência, em regime de comodato, de uma área verde baldia de propriedade da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). O pedido foi inicialmente feito à CEEE, já em 1984. A empresa argumentou que construiria ali uma subestação de luz, o que de fato acabou acontecendo. Só que uma sobra do terreno nunca foi utilizada, permanecendo vazia.

Praça II

Houve então mais uma tentativa e outra vez, os moradores não foram atendidos, pois a companhia decidiu ceder o espaço lateral da subestação para a construção da sede de sua associação de funcionários. "Muitas crianças brincam na rua ali, por não terem espaço próprio. Até a Prefeitura já defende a existência de uma praça no local", argumenta Janaína Miranda da Rosa, que reside na vizinhança. Ela conseguiu a Secretaria, pelo menos, garantia de análise da situação.

Os servidores celetistas da prefeitura de Porto Alegre estão cobertos pela aplicação de seguros de acidentes pessoais coletivos do Citibank. No valor de R\$ 1 mil, o benefício tem validade para os casos de morte acidental ou invalidez e abrange todos aqueles trabalhadores que constam da relação de optantes pelo FGTS. Segundo o secretário da Fazenda, João Verle, o seguro é o resultado da troca de agente financeiro no recolhimento do FGTS, quando o município, através de levantamento junto aos bancos, optou pelo Citibank, que oferece maior retorno da aplicação dos depósitos.

Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários no Estado do RS

EDITAL DE DIVULGAÇÃO DO RESULTADO DO PLEITO ELEIÇÕES SINDICAIS

Em atendimento ao que dispõe o Art. 14 dos Estatutos do Sindicato tornamos público que nos dias 3, 4, 5, 6 e 7/07/89 em primeiro turno e nos dias 17, 18, 19, 20 e 21/07/89 em segundo turno foram realizadas as Eleições neste órgão de classe, tendo sido eleitos os seguintes associados para comporem os seus órgãos de administração e representação.

Nominata conforme publicada na Zero Hora do dia 31 de maio de 1989.

NOMINATA DOS INTEGRANTES DA CHAPA: 04

- JOÃO LUIZ DE QUADROS
- HELIO DE OLIVEIRA DIPP
- SERGIO VICENTE DOS SANTOS
- SETEMBRINO LUIZ MOURA DOS SANTOS
- JOSE JOAQUIM GOMES DE CAMARGO
- CARLOS ROBERTO SILVEIRA DE AGUIAR
- JOÃO CARLOS DA SILVA
- URBANO LOPES DOS SANTOS
- VERA BEATRIZ LUCENA BRITO
- MANOEL VIGNEAUX
- CESAR VALDOR DOS SANTOS
- FERNANDO DIOGO DOS SANTOS
- LEIDEMAR ELISEU KUNTZ
- JOÃO CARLOS PEREIRA
- JOSE MENDES
- LUIZ FERNANDO CORREA DE LEMOS
- LEOMAR TONIOLLO
- JULIO CEZAR DE FREITAS
- JOÃO FRANCISCO ESPÍNDOLA FAGUNDES
- PEDRO PAULO DE BITENCOURT
- RENATO CONCEIÇÃO OLIVEIRA COSTA
- JOSE DE SOUZA FRANCO
- LUIZ CARLOS ALMEIDA DA SILVA
- JOSE ALVORINDO VIEIRA

Os componentes desta nominata serão empossados no dia 25 de agosto/89
 Porto Alegre, 27 de julho de 1989.
OSVALDO GOMES RODRIGUES
 Presidente

GERAL

Novo Hamburgo faz mutirão habitacional

Dentro do Programa Nacional de Mutirões Habitacionais, estão sendo construídas 21 casas em Novo Hamburgo para famílias de baixa renda. O mutirão foi inaugurado na Roselândia, com a participação do diretor da Metroplan, Sérgio Giacomazzi, do prefeito de Novo Hamburgo, Paulo Rietzel, e do presidente da Sociedade Comunitária Local, Manuel Tadeu Martins.

Cada unidade habitacional tem dois quartos, sala e cozinha conjugados e um banheiro em anexo. O terreno é da Prefeitura, a infra-estrutura do governo do Estado e os recursos para construção provenientes da Secretaria Especial de Habitação e Ação Comunitária. Cada família pagará uma prestação equivalente a 10% do salário mínimo, durante cinco anos, à Sociedade Comunitária de Habitação Popular. Esses recursos serão repagados no próprio núcleo.

Prefeitos fazem apelo ao governo do Estado

Eles exigem menor prazo no retorno das cotas do ICMS e IPVA

Os prefeitos dos municípios da Serra do Nordeste estão reivindicando um menor prazo no retorno do pagamento pelo governo do Estado das cotas do ICMS e IPVA a que têm direito. Ontem, eles reuniram-se com os técnicos da Secretaria da Fazenda, em Porto Alegre, para debater o assunto. O encontro aconteceu durante a reunião da Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste, que reúne 39 cidades, responsáveis por 12% da arrecadação total do ICMS gaúcho. Nesta região fica um dos mais importantes pólos industriais do Brasil.

Este assunto é polêmico, admitiu Vandemir Miotti, vice-presidente da Associação. A maior receita dos municípios é o retorno do ICMS, que é pago em duas parcelas mensais aos municípios pelo governo do Estado. O valor destas parcelas é feito em cima de uma estimativa de arrecadação do Estado. Acontece que a diferença entre esta estimativa e a arrecadação real sempre representa uma boa quantia de dinheiro, lembrou Miotti. Cita como exemplo, o mês de junho, onde o Estado estimou uma arrecadação de NCaf 48

milhões, e ela foi de NCaf 63 milhões, ficando uma diferença de NCaf 14 milhões, que só será distribuída aos municípios no próximo mês. Em média, o repasse desta diferença aos municípios pelo Estado tem levado 45 dias. Esta quantia de dias é muito grande, dentro de um quadro inflacionário como este, de mais de 1% ao dia.

O retorno do IPVA também é lento. Não demora menos que 40 dias, segundo Miotti. "Dificilmente, o governo irá mudar a sua mecânica de devolver estes impostos aos municípios", anunciou Ilmo José Wilger, superintendente administrativo de finanças da Secretaria da Fazenda. Disse que os mecanismos de devolução destes impostos não chegam a prejudicar os municípios. Explica que se por um lado a diferença do ICMS leva até 60 dias, por outro lado as parcelas chegam antes de ser recolhidas aos municípios, porque são calculadas em cima de uma estimativa de arrecadação. Não saíram decisões deste encontro. Segundo Miotti, ele serviu para mostrar ao governo a preocupação dos municípios com o problema.

Tempo

As informações sobre a previsão do tempo são fornecidas pelo Ótavo Distrito de Meteorologia do Ministério da Agricultura

FRONTES

A frente fria foi para o mar, nos diz a foto do satélite Coes-7, e não há mais perigo de mudanças no tempo súbitas e fortes para as regiões Sul e Sudeste, sujeitas somente a chuvas esparsas e nebulosidade variável. O céu ficou claro na região Central e o tempo melhorou no Nordeste, após chuvas fortes no litoral, principalmente entre Salvador e Macaé. As baixas pressões tropicais recuaram para a América Central e o tempo também está bom na região Norte. Do outro lado do continente, a massa de ar tropical do Oceano Pacífico mantém o bom tempo do Chile até a Colômbia.

Previsões para hoje

Porto Alegre
Tempo encoberto com períodos de neblado sujeito a chuvas. Ventos de sul a leste de fracos a moderados. Temperatura entre 08 e 17 graus.

Interior do Estado
Tempo nebulado a nebulado instabilizando-se com chuvas no Sul e Sudoeste; Encoberto com períodos de nebulado sujeito a chuvas nas demais regiões. Ventos de sul a leste de fracos a moderados. Temperatura entre 4 e 22 graus.

Santa Catarina
Tempo encoberto com chuvas e períodos de melhoria. Ventos de sul a leste de fracos a moderados. Temperatura entre 07 e 19 graus.

Temperaturas

Extremas

Porto Alegre
Mínima: 06°; Máxima: 14°.

Rio Grande do Sul
Mínima: 04°, em Alegrete; Máxima: 22°, em Iraí

As mínimas e máximas registradas ontem nos postos do Inmet no interior do Estado: Bagé: 06° e 13°; Livramento: 06° e 14°; Encruzilhada: 07° e 09°; Torres: 11° e máxima não fornecida; Santa Vitória do Palmar: 10° e 15°; Santa Maria: 09° e 13°; Alegrete: 04° e 16°; Uruguaiana: 06° e 15°; Iraí: 15° e 22°; São Luiz Gonzaga: 09° e 17°; Cruz Alta: 07° e 15°; Passo Fundo: 08° e 19°; Lagoa Vermelha: 08° e 17°; Bom Jesus: 05° e 15°; Cachua: 07° e 15°; Novo Hamburgo: 07° e 13°; Bento Gonçalves: 09° e 16°; Campo Bom: 09° e 13°; Canela: 04° e 15°; Santa Rosa: 09° e 19°.

Santa Catarina
Mínima: 06°, em São Joaquim. Máxima: 19°, em Chapecó



Anuncie em ZH Zona Norte. Aqui sua mensagem tem rumo certo.

ZH Zona Norte é o primeiro jornal de bairro da Zero Hora, que montou uma estrutura própria nesta zona com equipe composta de jornalista, fotógrafo e terminal de computador. Ele vem encarnando toda 4ª feira em Zero Hora e é dedicado aos moradores da Zona Norte. O ZH Zona Norte atende a uma antiga expectativa dos moradores e empresários da Zona Norte. Em pesquisa realizada, constatou-se que 83,4% dos moradores gostariam de ter um jornal específico de seu bairro. Enquanto que 78,3% dos empresários sentem necessidade de um jornal



como este e 94,3% consideram muito importante a utilização de anúncio no meio jornal. Com assuntos específicos desta zona e programas semanais de cultura e lazer, o ZH Zona Norte contará com alto índice de leitura e vida útil bastante prolongada. Além disso, você pode dirigir sua mensagem unicamente para o público que lhe interessa, com baixos custos de veiculação. Consulte agora mesmo sua agência de publicidade ou a Diretoria Comercial de Zero Hora. Anunciando em ZH Zona Norte, sua empresa estará sempre no rumo certo.

ZH ZONA NORTE
O jornal que informa o norte.

ZERO HORA

Av. Assis Brasil, 4038 no Centro Comercial Zona Norte - Alagoinhas
APR - Fones (51) 251-5555/251-4000 Ramais 445, 446, 447 e 448
CNPJ 09.541.111/0001-00 e 251-5555 site anuncio

Ontem no mundo

Cidade	Cond	Min	Max
Amsterdã	bom	15	23
Buenos Aires	nebulado	06	10
Havana	nebulado	25	30
Frankfurt	nebulado	17	26
Lisboa	bom	21	25
Londres	nebulado	19	26
Madril	bom	18	26
Manila	bom	23	30
Miami	nebulado	26	31
Montevideo	nebulado	03	11
Nova Iorque	nebulado	23	32
Roma	bom	17	26
Santiago	chuvas	06	11
Seul	nebulado	25	30
Tóquio	nebulado	25	31

Nova 4 a 10 agosto	Crescente 11 a 18 agosto
Chelva 19 a 26 agosto	Minguito 26 a 3 agosto

GRÊMIO VENCE OUTRA E INTER EMPATA EM CASA



Heider recebe o combate de Formiga, antes de enfrentar Jorge Batata, no Beira-Rio

Com uma grande atuação em Culabá, ontem, o Grêmio ganhou do Mixto por 5 a 0 e praticamente assegurou sua classificação. O Inter empatou em 0 a 0 com o Goiás e terá que vencer em Goiânia, sábado, sem Norberto, expulso ontem.

ZERO HORA

Trasante diz que técnico do Uruguai o enganou

PÁGINA 61

Lazaroni mantém três no ataque da Seleção

PÁGINA 61

LEIA HOJE

TEMPO

Nublado instabilizando-se com chuvas no sul e sudeste; encoberto, sujeito a chuvas nas demais regiões. Temperatura entre 4 e 22 graus. Página 53

ECONOMIA

Fenac: BTN é a moeda que comanda os negócios



Os negócios estão sendo feitos a curto prazo. Páginas 26 e 27

ARGENTINA

Programa econômico de Menem tem apoio de 67%

Página 18

CONSTITUINTE

Bombeiros continuam na Brigada Militar

Página 15

RIO

Bomba caseira explode em colo de sargento

Página 58

POLÍCIA

Três homicidas presos esclarecem quatro crimes

Página 58

SEGUNDO CADERNO

Descobertas 14 peças de Simões Lopes Neto



As obras encontradas em Pelotas são verdadeiras relíquias.

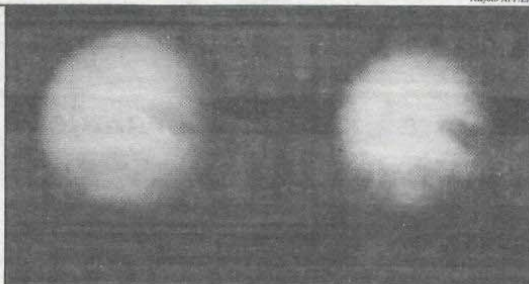
RONDINHA

Homem invade delegacia, tiroteia e foge baleado

Página 59

Voyager descobre três luas em Netuno

Sonda lançada há 12 anos
cumprirá no próximo dia
24 a etapa mais
importante da missão:
navegar a somente 4.828
km acima das nuvens do
planeta. PÁGINA 22



Tafoto AFPZHI

ZERO HORA

PORTO ALEGRE, 6ª FEIRA — 04.08.89
ANO XXVI — Nº 8732 — NCz\$ 0,80

Netuno: agora já chegam a seis os satélites desse planeta. Mas o número ainda pode aumentar

CONGRESSO ENTREGA PLANO DE EMERGÊNCIA A SARNEY

Entre as medidas: apoio à moratória e extinção de cargos e mordomias

Documento, que tem o apoio das lideranças de 13 partidos, sugere a privatização das estatais, reajuste de tarifas públicas, abertura das importações, suspensão de benefícios fiscais e a manutenção do poder de compra dos salários. PÁGINA 24

Paulo Frascini/ZH

Tafoto AFPZHI



Simon
promete
proteger
Itapuã
PÁGINA 46



Vídeo: xiitas divulgaram o apelo do refém
**Alívio nos EUA:
xiitas suspendem
execução de refém**

Sequestradores adiaram novamente a execução do norte-americano Joseph Cicippio, mas pediram a libertação do xeque Abdul Karim Obeid, capturado por Israel. O próprio refém transmitiu a exigência em tape divulgado pelos xiitas. PÁGINAS 20 e 21

Itapuã: emocionado com a beleza natural do Parque, Simon chegou a beber dois goles de água da Praia de Fora, na Lagoa dos Patos

Estado ganha só 1,74% da verba para casa própria

Dos NCz\$ 458 milhões liberados pela Caixa para todo o País, apenas NCz\$ 8 milhões foram destinados ao Rio Grande do Sul. PÁGINA 29

A nova esperança para os tratamentos contra o câncer

Hospital de Clínicas já está utilizando anticorpos feitos em laboratório

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre está realizando pesquisas na área de câncer que podem modificar o tratamento da doença no futuro. Os estudos ainda são limitados e estão sendo feitos apenas em São Paulo e no Rio Grande do Sul, com poucos pacientes. Quando houver certeza do resultado, a nova técnica pode mudar o quadro dos tumores de pele, área específica em que os trabalhos estão sendo feitos.

Trata-se da geração de anticorpos monoclonais, pelo qual é possível produzir anticorpos (proteínas) capazes de reconhecer, especificamente, características presentes apenas nas células tumorais e não nas normais, de acordo com o oncoologista Gilberto Schwartsmann, professor do Curso de Pós-Graduação

de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, o tratamento do câncer avançado é feito pela utilização de substâncias químicas que não são específicas para o tumor, causando sérios efeitos colaterais.

COBAIAS — A técnica é bastante interessante, na opinião de Schwartsmann. Os especialistas fazem uma preparação com células tumorais humanas, que são injetadas em animais de laboratório, em geral camundongos. Os animais desenvolvem anticorpos contra essas proteínas, o que é chamado de reação antígeno-anticorpo.

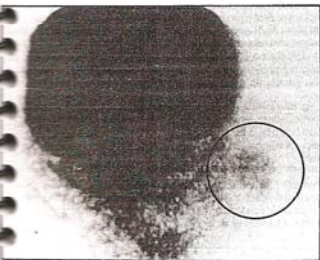
Após alguns dias, o animal é sacrificado e os anticorpos isolados. A partir daí, os médicos tentam ver se os anticorpos gera-

dos são realmente capazes reconhecer as células tumorais e não outras. A maneira para ter certeza disso é marcar o anticorpo com uma substância que tenha luz ou cintilância, chamados radioisótopos. Esse conjugado - anticorpo mais a luz - é injetado no paciente e aí se vê onde é possível captar a cintilância da substância marcada.

Através de aparelhos sofisticados, o médico pode observar o conjugado mostrando exatamente a localização e tamanho dos tumores, o que aparece de forma luminosa na tela do computador. O próximo passo, quando se tiver certeza do funcionamento eficaz da técnica, é colocar junto ao anticorpo uma substância, uma quimioterapia ou uma toxina, que destrua, especificamente o tumor.



Imagem: o tumor, logo abaixo da axila (à direita) é...



...tratado através dos anticorpos, que se agrupam nele

Medicina nuclear completa as pesquisas

O Serviço de Medicina Nuclear do Hospital de Clínicas é fundamental para as pesquisas que estão sendo feitas. Nesse setor, os pacientes são examinados através de modernas técnicas, entre elas as mais seletivas, que incluem a técnica de células monoclonais, ainda em seu início. A medicina nuclear é um método que utiliza radioisótopos (substância que tenha luz ou cintilância) com duas finalidades: para diagnóstico e para terapêutica.

O diagnóstico é o mais utilizado, com 90 a 95% de sua atividade, e apenas 5% da medicina nuclear é utilizada para terapêutica, de acordo com os médicos nucleares Belmonte Marroni e Eduardo

Ludwig. Doenças de coração, de rins e ossos, entre outras, podem ser detectadas através desse método.

Os radioisótopos podem ser ministrados nos pacientes de várias maneiras: por via oral, ou endovenosa, por exemplo. O material radioativo vai para as áreas específicas e possibilita informação devido à emissão e captação de radiação gama. O aparelho que detecta essas informações chama-se Gama Câmera e a imagem passa dele para o computador, onde o médico pode codificar as mensagens em cores.

meningite

estratégia para a vacinação contra a meningite Bó será definida na próxima semana, quando serão realizadas as reuniões entre o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CNS) e o Conselho Nacional de Saúde (CNS). Essa foi a principal definição do relatório do Conselho Nacional de Medicina, definido ainda que os estudos sobre a vacina e os testes de campo, serão realizados em algumas cidades, serão acertados os procedimentos de saúde de cada cidade.

O Ministério da Saúde foi autorizado a aprovar os estudos que terão prioridade no desenvolvimento da vacina, supervisionando ainda todos os critérios estabelecidos pelas secretarias de saúde nas cidades. O relatório do Conselho Nacional de Saúde colocou como principais pontos para a vacinação: o momento de cada apresentação de casos de meningite apreendida no serogrupo, a incidência e distribuição por idade, sexo, geografia e tempo de duração em cada município, e a possibilidade de doses e o momento em que estarão disponíveis as vacinas. Com base nessas informações, o Ministério da Saúde vai elaborar uma estratégia de vacinação. (Brasil 2/87)

o torço do Lourinho de Salvador, o time do Bahia, com todos os jogadores magra, tenta um resultado contra o Corinthians. Poderá ser uma derrota do futebol gaúcho contra os jogadores do Campeonato Brasileiro contra o Internacional. Uma vez que os detalhes do jogo são apresentados de uma rodada da Copa do Brasil amanhã em São Paulo. (Brasil 2/87)

IBOPE ATESTA: SOCIEDADE E FUNCIONALISMO A FAVOR DO RIO GRANDE.

DADOS DA PESQUISA:

Pesquisa efetuada através de **672** entrevistas domiciliares, sendo **100** delas junto a funcionários públicos, buscando obter uma opinião da sociedade quanto à Emenda Popular iniciada pela FIERGS/CIERGS, e que limita em 65% da receita tributária do Estado os gastos com pessoal.

CONSIDERAÇÕES:

O objetivo da Emenda Popular visa a definir a destinação de recursos para investimentos em setores básicos e no desenvolvimento do Estado, encontrando, segundo a pesquisa realizada pelo Ibope, respaldo da sociedade e de mais de metade do funcionalismo. Isto assegura que a Emenda representa o desejo da sociedade gaúcha.

PESQUISA IBOPE / EMENDA POPULAR:

672 entrevistas

59% a favor
20% indecisos
21% contra

100%

Com opinião

73% a favor
27% contra

100%

100 funcionários públicos

53% a favor
9% indecisos
38% contra

100%

O RIO GRANDE É DE TODOS NÓS.

FIERGS / CIERGS



A caminhada: Olívio constatou o que precisa mudar

Prefeito foi conhecer de perto os problemas do Centro

O prefeito Olívio Dutra percorreu por duas horas o Centro da cidade, ontem pela manhã, junto com integrantes de diversas secretarias municipais, avaliando as pequenas mazelas com que convive diariamente o porto-alegrense. Percorrendo a rua Sete de Setembro, Praça da Alfândega, rua dos Andradas, Borges de Medeiros, viaduto Otávio Rocha, as ruas Vigário José Inácio e Voluntários da Pátria, e as praças Parobé e XV de Novembro, ele se deteve a cada dano no calçamento, poste sem lâmpada, banca de camelô ou de jornais mal posicionada e canteiro em mau estado. Ao final, disse que a recuperação da área central da cidade já começou, mas que não há recursos e nem mesmo pessoal para que tudo possa ser solucionado a curto prazo.

Durante o caminho, o prefeito foi reconhecido e saudado por muitas pessoas — inclusive engraxates que chamavam pelo "tio Olívio" —, devolvendo o cumprimento. Três delas reclamaram dos preços das passagens de ônibus e outras duas pediram a

conservação do viaduto Otávio Rocha e a conclusão do Ginásio Municipal de Esportes. O coordenador da Comissão da Área Central, José Carlos Rosa, que organizou a caminhada, ouviu as reclamações de Olívio, que se queixava, entre outras coisas, dos "locais de postes" que permanecem à beira das calçadas sem serem retirados, mesmo não existindo mais peças de reposição para estes antigos modelos.

CORREDORES — Outro ponto criticado pelo prefeito foi a localização de diversos camelôs, vendedores de frutas e verduras, bancas e vendedores de jornais, que acabam colocando o pedestre em verdadeiros "corredores poloneses", como na avenida Borges de Medeiros, entre a rua Andrade Neves e o viaduto Otávio Rocha. O viaduto também foi bastante observado por Olívio, ouvindo de seus assessores o projeto de restauração, que inclui a instalação de um posto da Brigada Militar e um Banco 24 Horas nos locais onde antigamente eram escadas em caracol para a rua Duque de Caxias. Os defeitos no calçamento, como na Praça da Alfândega e na própria rua dos Andradas, por sua vez, quase sempre mereceram uma parada do prefeito.

A caminhada serviu, ainda, para que fosse levantada a necessidade de ampliar a calçada da rua Sete de Setembro, entre as ruas Uruguai e General Câmara, impedir o estacionamento de veículos oficiais dos governos do Estado e federal na rua Otávio Rocha, não permitir que os lojistas da Voluntários da Pátria ocupem o espaço de onde foram retirados os camelôs, seja recuperado o telhado das lancherias da Praça Parobé e definir como prioridade a iluminação da General Câmara. "Apesar da necessidade de atender 380 mil pessoas na periferia, não podemos deixar o Centro se deteriorar", finalizou Olívio.



O homenageado: Lasier mostra o diploma recebido ontem

Uma homenagem a Lasier Martins

A Câmara Municipal realizou sessão solene, ontem, para entrega do título de Cidadão de Porto Alegre ao jornalista e radialista Lasier Martins. A homenagem foi proposta no ano passado pelo então vereador Hermes Dutra e votada neste ano. O vereador Vilton Araújo, do PDT, falou em seu nome e representando o PFL e PL, destacando que falar em Lasier Martins "é falar em um jornalismo investigativo, na busca da verdadeira informação, e na reportagem que mostra corajosamente todos os lados de uma questão".

Também falaram em nome das lideranças partidárias os vereadores Flávio Koutzli (PT), João Dib (PDS), Luiz Braz (PTB), Omar Ferri (PSB) e Lauro Hagemann (PCB).

O prefeito Olívio Dutra disse se sentir honrado por entregar o diploma de Cidadão de Porto Alegre a Lasier Martins e elogiou sua coerência e trabalho realizado sempre com honestidade e paixão. Em seu discurso de agradecimento, Lasier Martins, emocionado, disse que via a comunicação como um meio de servir, e como uma forma de aperfeiçoamento humano. Disse ter a convicção de que, como muitos, havia contribuído para a verdadeira democracia e que, como muitos, sonhava, também por uma sociedade mais justa.

Muitos amigos, colegas e admiradores de Lasier Martins assistiram a sessão solene de ontem. Entre os presentes estavam o vice-presidente da RBS, Nelson Pacheco Sirotsky, a presidente da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, Ione Pacheco Sirotsky, o diretor da Divisão de Rádio da RBS, Ricardo Gentilini, o diretor executivo da Rádio Gaúcha, Arminio Antonio Ranzolin e colegas de trabalho.

A Assistência Médica ao Trabalhador vai mostrar a língua.

2º Fórum de Medicina de Grupo do Rio Grande do Sul
A Livre Iniciativa Debate a Assistência Médica ao Trabalhador

Hoje
Hotel Everest
9h 30min

SALUX
Serviço de Assistência Médica Ltda.
Há 15 anos prestando atendimento personalizado dentro da Medicina de Grupo.
Av. Alberto Bins, 807 - Loja - PORTO ALEGRE
Fone: 21-2698

XR3 1.8 O INVESTIMENTO COM MAIOR ÍNDICE DE RENDIMENTO DO MERCADO.



Ribeiro Jung

Antes de escolher o carro, escolha a revenda
Farrapos, 746 - Fone 21-8855 • Brasiliano de Moraes, 772 - Fone 41-1799

GERAL

ZERO HORA — Sexta-feira, 04.08.89 — PÁGINA 42

Câmara não aprova projeto. E prefeito atrasa os salários

Briga em Cachoeirinha começou na semana passada

O prefeito de Cachoeirinha, Gilson Nunes (PMDB), não está conseguindo se entender com os integrantes da Câmara de Vereadores e, desde a semana passada, começaram as retaliações entre os dois lados. Os vereadores não aprovaram o projeto do Executivo, que criaria 57 cargos de confiança — sem necessidade de concurso público. O prefeito atrasou o pagamento da folha dos funcionários por três dias e o duelo terminou na aprovação, numa sessão extraordinária da Câmara, na criação de uma Comissão de Inquérito (CI) para apurar o número total de funcionários do Executivo e gastos com pagamento de pessoal.

"Não me preocupo com CI. Vai ser até benéfico para provar que não existem irregularidades", disse o prefeito. Segundo

ele, os 57 cargos de confiança eram para admissão de atendentes de creche, auxiliares de enfermagem e administrativas para as duas creches da prefeitura e 11 da Legião Brasileira de Assistência (LBA) instaladas no município.

Para Gilson Nunes, os vereadores não aprovaram a criação dos cargos porque o Executivo condicionou o aluguel de outro prédio para a Câmara a uma consulta popular. Ele alega que a Câmara já consumiu 90% de seu orçamento em sete meses e que a verba para o aluguel de outro prédio teria que sair dos projetos de saúde ou educação. E não deixa por menos: "Eles criaram tantos cargos, que agora não cabem no prédio antigo."

A mesa da Câmara é pluripartidária —

um vereador do PDT, PSDB, PT e PDS. Além disso, num total de 21 vereadores, o PMDB tem somente seis. Apesar disso, o presidente do legislativo municipal, Valdeci Santos, diz que os vereadores estão sendo desrespeitados. "Só não aprovamos um projeto do Executivo, e ele nos desrespeitou atrasando o pagamento", reclamou. O prefeito diz que repassou NCz\$ 28 mil dos NCz\$ 38 mil solicitados porque não estava justificado o uso.

A implicância chegou a tanto que o prefeito entregou um cheque e solicitou que o presidente da Câmara colocasse em cobrança na Caixa Econômica Estadual. "Eles colocaram no Banco do Brasil e não tinha fundo porque estava aplicado no over. Afinal, não vou deixar o dinheiro do povo desvalorizando", justificou.

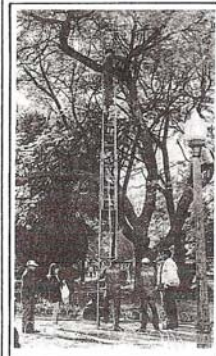


Nunes: "Benéfico"

A serviço da cidade

Vetos estranhos

Os projetos de implantação de um serviço de ambulância e socorros de urgência nas vilas populares e o que estabelece a educação para o trânsito nas escolas municipais foram vetados pelo prefeito Olívio Dutra, para surpresa do autor, o vereador Cyro Martini. Os projetos contaram com apoio até da bancada do PT, diante do alcance social deles. Agora, resta à Câmara tentar derrubar os vetos.



Orquideas

As praças da Matriz e Alfândega, e o Parque Farrroupilha, já estão recebendo as primeiras das 100 mudas de orquídeas que serão plantadas pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente em várias áreas verdes de Porto Alegre.

Escolas

Muitas reclamações (e cartas para os jornais) depois os pais de alunos das cinco escolas estaduais da avenida Baltazar de Oliveira Garcia começaram a receber um pouco de atenção das secretarias municipais. Dias atrás, a Escola Luiza Teixeira Lauffer foi visitada pelo secretário de Obras e Viação, Newton Burmeister, que constatou todos os problemas próximos (faltas de calçadas, de acostamento, de sinalizações), e prometeu estudar as soluções.

Aplicações

Aquele dinheiro que falta para consertar a rede de água na sua rua, ou o vazamento do esgoto, pode estar em alguma conta bancária, rendendo juros no mercado financeiro. A suspeita é do vereador do PDS, João Dib, que pede esclarecimentos à administração do Município. Ele até aceita que o dinheiro, dentro do próprio mês, fique aplicado para não perder seu valor, mas estranha que os recursos continuassem no banco no dia primeiro deste mês. Para um órgão que reclama com frequência de falta de recursos, é realmente estranho ter especulações no mercado.

Árvores

Dois árvores floridas foram cortadas ontem pela manhã na calçada da rua Tamóio, no bairro Niterói, ao lado do número 1577. Os moradores das imediações não conhecem os depredadores, mas pedem providências da prefeitura e dos ecologistas.

Esgoto

Desde o dia 10 de julho os moradores da travessa Marrocos, no Jardim Itati, estão sofrendo com o rompimento da rede de esgoto, bem no meio da rua, próximo ao número 105. Segundo uma das moradores, Glécia Machado Berne, sua vizinhança já fez de tudo para tentar solucionar o problema. Procuraram o Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE) e outros órgãos públicos mas, até agora, nada foi feito.

Roletas

Voce sabia que o espaço entre o arco da roleta e o piso do ônibus deve ser de, no mínimo, 60 centímetros? Pois, apesar de existir até uma lei municipal regulando o assunto, como forma de permitir a passagem das crianças, a Secretaria Municipal dos Transportes diz que a notificação implicaria em gastos extras para os permissionários. Assim, apesar da lei, as crianças continuam passando dificuldades para vencer o espaço atual, arrastando-se no chão. O protesto é da vereadora Letícia Arruda (PDT), que ficou mais indignada ainda com a resposta enviada pela SMT para seu pedido de esclarecimento.

Doações

A Prefeitura de Porto Alegre vai se integrar à campanha de doação de órgãos, através de um termo de mútua cooperação com a Comissão Especial dos Três Poderes. Com esse ato, a administração municipal se compromete a divulgar entre a comunidade essa campanha e instalar postos de cadastramento de doadores de órgãos transplantados.

Gastar pouco e ganhar muito? Linha Econômica.

É fácil!



* Anúncio "Linha Econômica" de 01 a 07 CIDADES: 12, 13, 14 e 15. Domingos, segundas e quintas.

INDICE DE PREÇOS

Artes e Decorações 5 a 16

Arquitetura 16

Indústrias e Negócios 16

OPORTUNIDADES E NEGÓCIOS

NEBULIZADO

Bar todos os dias

FABRICA DE Móveis em alumínio

PORTAS de correr e abrir em Pólo ou Madeira Nobre

CONJUNTOS de Estalados a partir de Cr\$ 18.000

BAIXARIA todo tipo estalado

Uma nova opção em ZH Classificados: Anúncio "Linha Econômica". O que é? É, simplesmente, um anúncio com nova apresentação gráfica que, além de reduzir o custo, vai lhe dar um grande retorno. Para que serve? Serve para anunciar o seu abaixo, o seu aspirador, o seu videogame, o seu estofado, etc, por um preço compensador, estando aí, portanto, a sua grande e inquestionável importância. Use sempre o anúncio "Linha Econômica".

VASCO VEM BUSCAR WINCK E INTER PODE TER VIVINHO

ZERO HORA

O presidente do Vasco, Antônio Soares Calçada, chegou ontem a Porto Alegre para contratar o lateral Luis Carlos Winck. Acertou com o jogador e hoje deve concluir o negócio com a direção do Inter. O ponta-direita Vivinho, de 28 anos, pode vir para o Beira-Rio na transação. PÁGINA 61



Negócio: Calçada acerta com Mello a contratação de Winck para o Vasco



Valde Fábri/ArquivoZM

Vivinho: reserva no Vasco e disposto a vir para o Inter

Grêmio chega a Salvador com esquema pronto

PÁGINA 60

Seleção
Romário promete silenciar Aravena

PÁGINA 62

LEIA HOJE

TEMPO

Claro a parcialmente nublado, tornando-se nublado com chuvas no decorrer do período. Temperatura entre 7 e 30 graus. Página 53

SEGUNDO CADERNO

Sugestões para adoçar o fim de semana

Licor na sobremesa, uma das boas dicas de Célia Ribeiro para esse inverno



ENSINO

Caixa suspende o crédito educativo em todo o País

Página 44

BOLÍVIA

Corrida aos bancos após a eleição de Paz Zamora

Página 22

CAMPOL & FAVOURA

Empresa gaúcha é a maior produtora de nozes do País

LOTO/CONCURSO 635

Quina sai para cearense

20 31 40 74 91

Apostador ganhou sozinho NCz\$ 930.983,53. Página 18

POLÍCIA

Luiz Armando Vas/2M



Delegado empresta outra arma para mulher assaltada

Irene Siefert, 78 anos, mostra como matou o assaltante. Página 59

PASSO FUNDO

PM morto ao buscar sua irmã em colégio

Página 57

GUIA

A voz e o violão de Alceu Valença

O cantor e compositor pernambucano volta a Porto Alegre num show intimista e antecipa música de seu próximo LP. As 21 horas no Salão de Atos da UFRGS



Belchior e O Elogio da Loucura

No show, que também é o nome de seu último LP, o cantor e compositor cearense resume a sua carreira de 13 anos, ao lado da Banda Radar. As 21 horas no Teatro da OSPA

HOJE É DIA DE ZH CULTURA

Gallup/ZH

COLLOR NA FRENTE MAS A DIFERENÇA DIMINUI

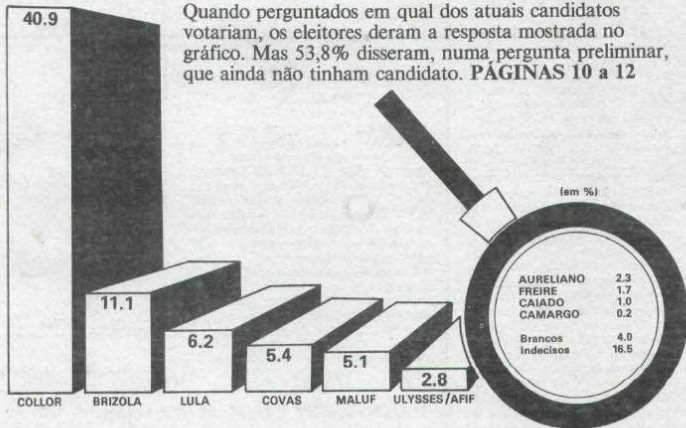
O número de indecisos cresce. Agora são 53% do eleitorado



PORTO ALEGRE, SÁBADO — 12.08.89
ANO XXVI — N° 8741 — NCz\$ 0,80

Lista da Sunab faz preço baixar

PÁGINA CENTRAL



Quando perguntados em qual dos atuais candidatos votariam, os eleitores deram a resposta mostrada no gráfico. Mas 53,8% disseram, numa pergunta preliminar, que ainda não tinham candidato. PÁGINAS 10 a 12

Pindura acaba em pancadaria no centro

O tradicional *Dia do Pindura*, que não é bem aceito pelos proprietários de restaurantes, provocou confusões e até a agressão de garçom aos estudantes de Direito. PÁGINA 35



Violência: garçom não aceita diploma do Dia do Pindura como pagamento e agride estudante

Estado quer vacinar hoje 1 milhão de crianças contra pólio

PÁGINA 37

Hoje as lojas do Iguatemi estarão abertas até as 22 horas.

É dia de vacinar as crianças

Secretaria da Saúde pretende atingir 100% da população gaúcha de zero a cinco anos

Hoje é dia de vacinar as crianças de zero a cinco anos com a segunda dose da vacina contra a paralisia infantil. Serão 12.216 postos fixos e volantes em todo o Estado e 32.845 pessoas mobilizadas para vacinar 1 milhão e 759 crianças, ou 100% da população de zero a cinco anos no Rio Grande do Sul, conforme dados do IBGE. Serão utilizados para a vacinação 2.532 veículos.

Nesta segunda etapa da campanha, a Secretaria da Saúde e Meio Ambiente vai distribuir 1 milhão e 800 mil doses da vacina Sabim, repassadas às 16 delegacias regionais de Saúde e às prefeituras municipais. Todos os postos vão funcionar das 8h às 18h, independentemente da ocorrência ou não de chuvas. Em Porto Alegre vão trabalhar na campanha 4 mil pessoas e 709 postos, sendo 385 fixos e 324 volantes. Só na Capital deverão ser vacinadas 146.094 crianças

menores de cinco anos.

Na primeira etapa da campanha de vacinação contra a paralisia infantil, realizada no dia 10 de junho, foram vacinadas 938.317 crianças de até cinco anos, ou 99,8% da meta. Esse resultado foi considerado excelente pelo secretário Antenor Ferrari. No ano passado a SSMA conseguiu vacinar 98,9% das crianças gaúchas com menos de cinco anos, na primeira etapa da campanha.

Já na segunda etapa o índice subiu para 99,5%.

MÉDIA CAIU — Os dias nacionais de vacinação contra a paralisia infantil foram instituídos pelo Ministério da Saúde em 1980. Naquele ano foram registrados no Rio Grande do Sul 23 casos da doença. Mas de 81 até o ano passado a média anual de casos de pólio no Estado caiu

para dois. No ano passado apenas um caso da doença foi detectado. Neste ano não há registros de casos confirmados.

O secretário Antenor Ferrari explica que o objetivo da vacinação é interromper a cadeia de transmissão da doença, através da eliminação do vírus selvagem (o que causa a paralisia) do meio ambiente. Ele enfatizou que todas as crianças de zero a cinco anos devem receber a vacina — que é em gotas, indolor e sem contra-indicação — independente do número de doses tomadas anteriormente. Ferrari alerta, também, que mesmo as crianças gripadas ou com diarreia e vômitos podem ser vacinadas. Em casos de dúvidas aconselha os pais a procurar um posto de saúde, onde um profissional poderá avaliar melhor as condições de saúde da criança.

Investigação

O titular da Delegacia de Polícia em Lagoa Vermelha, delegado Paulo Girelli, informou ontem que prossegue as investigações para apurar a responsabilidade do arrombamento do posto de Saúde daquela cidade, ocorrido na madrugada de quinta-feira. Girelli apontou, no entanto, a hipótese dos assaltantes estarem a procura de medicamentos (drogas), uma vez que receituários de medicamentos controlados desapareceram e também de aparelhos de precisão, como o microscópio. Em sua opinião, é possível que o fato de deixarem fora da geladeira uma parte das vacinas tenha sido por falta de informação, já que algumas caixas permaneceram dentro do refrigerador, só que a porta ficou aberta.

As doses enviadas pelo pessoal da Secretaria da Saúde, para repor os frascos de vacinas inutilizados e que serão incinerados, chegam no final da tarde de quinta-feira em Lagoa Vermelha. Dessa forma, como já havia dito anteriormente a coordenadora do Dia Nacional de Vacinação contra a paralisia infantil, Sara Guindani, não vai faltar nenhuma dose de vacina. (Central do Interior/ZH)



Artaldo Chaves/ZH

A festa: Zé Gotinha esteve no Centro participando da divulgação da Dia Nacional da Vacinação

Festa começa com animação no Centro

A campanha da vacinação contra a paralisia infantil já começou a ser animada ontem no final da tarde, com um show na Esquina Democrática, no Centro de Porto Alegre. A Ala Mirim da Escola de Samba Bambas da Orgia e as "Xuxetes" se apresentaram junto com o Zé Gotinha. Hoje estão programados vários eventos para animar a campanha de vacinação.

Às 9h30min, no Ginásio da Brigada Militar, na rua Silva Só em Porto Alegre, apresentam-se bandas dos colégios São João, Vicente Palotti e Liberato Salzano Vieira da Cunha, além da Banda Municipal, da Brigada Militar e da Aeronáutica. O palhaço Bozo se apresenta no mesmo local a partir das 9 horas, e às 9h40min o governador do Estado, Pedro Simon e o secretário da Saúde, Antenor Ferrari, dão início à vacinação infantil. O boneco Zé Gotinha estará também no local. A partir das 10h10min inicia o espetáculo com Mara Maravilha, apresentadora de shows infantis.

À tarde haverá apresentação de pára-quedismo no Parque Marinha do Brasil, também em Porto Alegre, a partir das 14h30min. Na Unidade Sanitária São José do Muraldo, no Partenon, haverá um show com as "Xuxetes" às 15h30min, e o secretário da Saúde vacinará as crianças neste local às 16 horas.

CONFUSÃO — Algumas pessoas não entenderam o que estava acontecendo ontem na Esquina Democrática. Enquanto os

Bambas da Orgia se apresentavam com o objetivo de chamar a atenção para a campanha da vacina contra a paralisia infantil, uma ala da Juventude Socialista do PDT gritava animadamente palavras de ordem pró-candidatura Leonel Brizola, e muita gente achou que a escola de samba estava lá para uma manifestação política.

"Essa manifestação aí é pro Brizola", dizia convicta Marisa Fortunato Pereira, dona de casa, com seu filho Marcelo, de cinco anos, nos braços. Ela disse que hoje vai vacinar o menino, e nem descobriu que estava assistindo a um show juntamente para conscientizar a população para a vacina contra a paralisia.

Foram distribuídos alguns panfletos sobre a vacinação, mas havia mais militantes de Brizola distribuindo santinhos do candidato. Mais de uma hora depois de ter começado o show chegou o boneco Zé Gotinha, e então o multido presente se deu conta do objetivo do show: promover a campanha pela vacinação contra a paralisia infantil, que acontece hoje.

Em seguida, porém, mais um episódio desviou a atenção dos espectadores: O Hotel Lido, na Rua Andrade Neves, e uma quadra da Esquina Democrática, sofreu um incêndio. Quatro caminhões de bombeiros e duas ambulâncias atenderam o sinistro, causando muita curiosidade no povo, e roubando a audiência do show pela vacina.

Meningite

Uma passeata pelas principais ruas da cidade marcou ontem o protesto de estudantes, pais e comunidade de São Leopoldo contra a inércia do governo em adotar a vacinação em massa da população contra a meningite do tipo "B", depois de vários casos acontecidos na região. A manifestação saiu da Igreja Vila Duque, passou pelo bairro Feitoria e foi até a frente da Prefeitura Municipal.

O presidente do Conselho de Pais e Mestres do Colégio Cristo Rei, de São Leopoldo, João Francisco Matuzzi, disse que o objetivo é pressionar o governo e exigir a vacinação contra a meningite. Ele acha que é preciso chamar a atenção das autoridades sobre a questão. Na escola há pouco tempo morreu um menino de 10 anos com a doença, o que desencadeou a campanha. O presidente do CPM denunciou que as autoridades estão escondendo o grande número de casos, que já identifica uma pré-epidemia, como médicos locais confirmam.

Sangue

A venda de sangue no Brasil está proibida desde ontem. Esta decisão foi publicada no Diário Oficial da União e faz parte da portaria ministerial número 721, que regulamenta as normas técnicas de hemoterapia no País. Com esta portaria, a doação de sangue passa a ser voluntária e não remunerada, como já previa a atual Constituição.

Todos os procedimentos relativos à coleta, preservação, transfusão de sangue, seus componentes e derivados, devem ficar sob a responsabilidade de um médico hematologista ou hematologista. Nos locais onde não existam tais especialistas, outro médico deverá substituí-los, como responsável pelo serviço médico, técnico e auxiliares. Quem quiser doar sangue, agora, será submetido a uma triagem clínica, no dia da doação.

Doadores que apresentarem um histórico de doença renal, cardíaca, hematológica, pulmonar, hepática, auto-imune, diabete, hipertireoidismo, Hansenise, tuberculose e câncer podem ser excluídos da doação. O intervalo mínimo para doação passa a ser de 90 dias para as mulheres e 60 dias para os homens, e no máximo durante quatro vezes ao ano. Também os candidatos a doadores que receberam sangue nos últimos dez anos estão excluídos. (Brasília/ZH)

UNIMED. O MELHOR PLANO DE SAÚDE DO PAÍS.

unimed
PORTO ALEGRE

GERAL

TERO HORA — Sábado, 12.08.89 — PÁGINA 38

Prefeitura inicia debate para definir o orçamento de 1990

Primeira reunião foi na Câmara. Semana que vem, a população será ouvida

O prefeito Olívio Dutra (PT) convidou os vereadores de Porto Alegre, ontem, na sessão plenária, a participarem da discussão pública do orçamento de 1990. A Administração Popular montou um esquema de reuniões e debates, para que todos os porto-alegrenses possam influir na elaboração do orçamento, estabelecendo prioridades, obras, investimentos e as despesas essenciais. O projeto de orçamento deve ser remetido à Câmara de Vereadores até 30 de setembro.

Com o atual orçamento, herdado da administração Alceu Collares (PDT), a Prefeitura está gastando mais do que arrecada. O secretário-substituto da Fazenda, Guilherme Cassel, disse que a receita deste ano deve chegar a NC\$ 300 milhões. No entanto, apenas a folha de pagamento dos 21 mil funcionários consome de 98% a 110% da receita. Para cobrir as despesas gerais (incluindo as de custeio — luz, água, telefone, empreiteiras, máquinas e fornecedores), a Prefeitura já precisou pedir empréstimos de NC\$ 10 milhões e 500 mil.

Nas discussões com a população, a Prefeitura vai propor formas de aumentar a arrecadação. O Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), por exemplo, deve sair maior para os grandes proprietários e especuladores. No atual orçamento, o IPTU representa 4,8% da receita. No próximo orçamento, o IPTU contribuirá com 8% ou 10%, porque haverá alíquotas progressivas. "Quem tem mais, pagará mais", adiantou Cassel. "Para alguns (os mais pobres), vai até baixar". Na década de 70, o IPTU chegou a perfazer 20% da receita. Também podem ser criados outros impostos e taxas, como de iluminação, sobre espaço publicitário e de esgoto.

DEBATE — Olívio Dutra disse aos vereadores que a discussão pública do orçamento é essencial para o "exercício pleno da cidadania". Nos debates, que começam na segunda-feira, às 19h30min, no auditório da Secretaria Municipal da Educação (com os representantes do Centro, Navegantes e Ibsai), a Administração Popular quer mostrar a situação da Prefeitura. E "amarrar" as sugestões de obras e investimentos ao orçamento.



Orçamento: planos apresentados por Olívio aos vereadores

para que a comunidade possa cobrá-las, no próximo ano.

As discussões em torno do projeto de orçamento serão coordenadas pela Secretaria Municipal do Planejamento (SPM), que dividirá a cidade em cinco grandes regiões. O segundo debate, na terça-feira, será com os moradores das zonas Norte e Leste, às 19h30min, no Sindicato dos Metalúrgicos. O terceiro, dia 16, às 19h30min, na Igreja Medianeira, com a Grande Cruzzeiro, Glória e Cristal. O quarto, com o Partenon e Lomba do Pinheiro, no dia 17, às 19h30min, na Igreja São Carlos. O último será no dia 18, às 19h30min, no Centro Comunitário Madepinho, com a Zona Sul, Restinga e Belém Novo. No dia 15, uma grande assembleia geral, para votação.

O líder da bancada do PDT na Câmara, Carlos Eduardo Vieira da Cunha, saudou a "maneira democrática" de elaboração do orçamento. Mas assinalou que as comunidades devem, de fato, decidir as suas prioridades. E lembrou que o ex-prefeito Alceu Collares já havia feito o mesmo, através dos conselhos populares.

Tribunal abre para atender os candidatos

Mesmo sendo feriado na Justiça pelo Dia do Advogado, ontem houve expediente no Tribunal Regional do Trabalho (TRT), especialmente para atender às centenas de candidatos no concurso que o órgão realiza amanhã e que ainda não tinham recebido pelo correio o cartão com local e horário de prova. Durante todo o dia houve grandes filas na frente do Tribunal, de pessoas ansiosas pelo que pode ser o passaporte para um cargo de ótimo salário e mordomias adicionais. Contudo, a concorrência é grande, pois há 39.120 candidatos para apenas 235 vagas em 15 diferentes cargos. Maior até que no último vestibular da Ufrgs, por exemplo.

Hoje de manhã e durante a tarde, enquanto tiver gente na fila, o TRT continuará informando aos candidatos os procedimentos para a prova, garante o juiz presidente da Comissão de Concurso do Tribunal, André Avelino Neto. No momento da inscrição, explicou, os candidatos receberam um carnê com a explicação de que, caso não recebessem, até o dia 10 (quinta-feira), comu-



Concurso: candidatas foram ao TRT em busca de informações

nicação pelo correio sobre horário e local das provas, deveriam procurar estas informações pessoalmente no TRT.

Como houve um atraso no correio, muitas pessoas tiveram de enfrentar, insatisfeitas, as filas na frente do tribunal. Para as cidades do Interior onde também se verificou o problema, Pelotas, Santa Maria e Lajeado, as listas foram enviadas e estão sendo divulgadas por emissoras de rádio, disse o juiz. Muitos foram tirados da fila por parentes que foram avisar que o cartão recém havia sido entregue em casa. Outros chegaram depois das 18h, quando já havia encerrado o atendimento, reclamaram, mas se conformaram em saber que ainda terão a chance de concorrer voltando lá hoje pela manhã.

Ferrovários ganham reajuste

O Conselho Interministerial das Estatais e a Rede Ferroviária Federal aprovaram um aumento salarial para os ferroviários. Além de um reajuste base de 76,71% para toda a categoria, foi concedido mais 37,23% para os níveis 51 a 62, e 215,47% para os níveis 62 a 104. A proposta atende a reivindicação da categoria, que amanhã fará assembleias de avaliação em todos os seus núcleos regionais. Os ferroviários estão em estado de greve e podem decretar uma paralisação nacional a partir do dia 14.

Outras reivindicações, como as 40 horas semanais para o pessoal de oficina e vias permanentes e o adiantamento de 35% do salário até o décimo dia útil do mês, serão analisadas em nova rodada de negociações marcada para a terça-feira, no Rio de Janeiro. O turno de seis horas para as equipes das estações do Interior, só será discutido nos dias 21 e 22. Até lá a RFFSA espera o parecer jurídico que encaminhou sobre o assunto.

Liminar da ATP será contestada

O mandato de segurança impetrado pela Associação dos Transportadores de Passageiros (ATP), que obteve medida liminar e proibiu a Prefeitura de vender as fichas de vale-transporte das empresas sob intervenção, deverá ser contestado na próxima semana. O anúncio foi feito pelo procurador-geral do Município, Eno Dias de Castro.

No dia 1º, a Prefeitura de Porto Alegre começou a vender o vale-transporte da Carris e das empresas sob intervenção — Sopal, VTC e Trevo. No dia 4, porém, o advogado da ATP, Hermann Homem de Carvalho Rönick, entrou com um mandado de segurança, pedindo a proibição da venda das fichinhas. Na segunda-feira, o juiz substituído da 4ª Vara da Fazenda Pública, Antônio Carlos Antunes do Nascimento e Silva, concedeu medida liminar. A Procuradoria Geral do Município recebeu prazo de dez dias para prestar suas informações. Depois, o juiz julgará o mérito do mandado.

Enquanto a questão não for decidida, os usuários poderão usar as fichas vendidas pela Prefeitura — de cor verde apenas na Carris. As outras empresas, mesmo as sob intervenção, receberão somente as fichas da ATP, de cor azul.

Alimentos: programa pronto

Com dois meses de atraso, motivado por problemas burocráticos na demora do reconhecimento pelo governo federal da atualização da saúde, inicia na próxima segunda-feira o Programa "Alimento para o Povo". O ato será realizado no Armazém C-2, do casil do porto, contando com a presença dos secretários de Agricultura e Abastecimento, Marcos Palombini, e do Trabalho e Ação Social, Mercedes Rodrigues.

Na oportunidade, serão apresentados à imprensa e às autoridades convidadas os cinco ônibus adaptados para a comercialização de 12 produtos básicos, quatro de higiene e hortigranjeiros, com tabelas de preços até 30 e 40% mais baratos do que os praticados nos supermercados. Os produtos serão fornecidos pela Ceasa às famílias cadastradas pela Fundasul, órgão vinculado à Secretaria do Trabalho. Até agora, foram cadastradas 5.250 famílias, abrangendo um universo de 26 mil pessoas, em 17 vilas de Porto Alegre.

Fim da paralisação no Ibama

Os funcionários do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) do Rio Grande do Sul retornam ao trabalho na próxima segunda-feira. A decisão foi tomada em assembleia geral realizada na manhã de ontem. Segundo o presidente da Associação dos Funcionários do Ibama, José Mário Amaral, a categoria resolveu voltar ao serviço em nível nacional na última quinta-feira, a partir do momento em que os servidores receberam a informação de que até o início da semana que vem, o projeto de lei que cria o regimento interno e orçamento para o órgão, será encaminhado pela Secretaria do Planejamento (Seplan) ao Congresso Nacional.

De acordo com José Mário Amaral, a categoria já possui um substitutivo pronto, que deverá ser apresentado tão logo o projeto chegue ao Congresso, onde está prevista a

tabela de cargos e salários dos servidores, que foi vetada inicialmente pela Seplan e substituída por uma gratificação de interinização. O Ibama possui 236 funcionários no Estado atualmente.

A greve, que durou 48 dias, causou sérios prejuízos ao meio ambiente, na avaliação dos servidores. José Mário Amaral lembrou que a caça e o desmatamento irregular foram uma constante neste período de greve, devido à falta de fiscalização. "A repercussão neste sentido só não foi maior, porque houve uma atuação grande da Polícia Florestal da Brigada Militar neste setor", observou. A arrecadação do órgão neste período caiu em 50% garantem os funcionários e também ocorreu um acúmulo muito grande do serviço. Por isso, a situação no Ibama somente será normalizada dentro de um mês.

Impasse segue firme em Canoas

Apesar de os rodoviários de Canoas terem retornado ao serviço no dia de ontem e normalizado a situação dos transportes coletivos no município, continua o impasse entre trabalhadores e as duas empresas que servem a cidade. O diretor da Vicasa, Osório Biazus, esclareceu ontem que a sua empresa, por ser subordinada ao DAER, já que é intermunicipal, não irá participar das negociações que o prefeito Hugo Lagranha deverá desenvolver com as direções do Sindicato dos Trabalhadores e da empresa Sogal, no início da próxima semana.

Ele entende que os índices da lei salarial que os rodoviários estão reivindicando já foram pagos antecipadamente pela empresa na última convenção coletiva firmada entre os sindicatos de empregados e empregadores. Por isso, o Sindicato das Empresas já ajuizou o pedido de ilegalidade do movimento dos rodoviários que deverá ser julgado pelo Tribunal Regional do Trabalho, na próxima segunda-feira à tarde.

O empresário ainda frisou que os motoristas e cobradores terão, a partir de 1º de agosto, um reajuste de 28,76% referente à inflação do mês anterior, que elevará os

salários dos motoristas para NC\$ 723,29 e o de cobradores para NC\$ 424,65. Osório Biazus ainda deixou claro que a Vicasa não pretende pagar, o que, no seu entender já foi pago aos trabalhadores.

DEBATE — O prefeito Hugo Lagranha começa a discutir a questão do pagamento do índice de 29,63%, que prevê a lei salarial do Governo aos rodoviários, na próxima segunda-feira, com dirigentes do sindicato dos trabalhadores e a direção da empresa Sogal. Apesar de achar muito difícil que esses índices sejam alcançados junto à empresa urbana do município, pois se isso fosse repassado para a tarifa iria aumentá-la para NC\$ 0,54, pretende debater a fundo o problema da lei salarial e sua interpretação com as duas partes.

Quanto à ameaça de retorno à greve a partir de quarta-feira, por parte dos rodoviários, caso não tenham suas reivindicações atendidas, Lagranha diz que passa a encerrar a questão como anarquia e tomará as providências que forem necessárias para garantir o transporte para a população.